PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA:

PSICOLOGIA CLÍNICA

Tania Cociuffo

CRÔNICAS DA PANDEMIA:
Ecos do isolamento

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA:

PSICOLOGIA CLÍNICA

Tania Cociuffo

CRÔNICAS DA PANDEMIA:
Ecos do isolamento

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, e desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: ___/___/_____

E-mail: _____

Tania Cociuffo

CRÔNICAS DA PANDEMIA:
Ecos do isolamento

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Renato Mezan (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

_____

_____

_____

_____

Aos meus filhos, Felipe e Bárbara,
amores indizíveis pela eternidade.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Fundação São Paulo — FUNDASP, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC-SP, pela concessão da bolsa dissídio para a realização desta Tese de Doutorado.

I want to thank the São Paulo Foundation — FUNDASP, sponsor of the Pontifical Catholic University of São Paulo — PUC-SP, for granting the collective bargaining grant to carry out this Doctoral Thesis.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Mezan, por acompanhar atento o canto dos pássaros até a migração para outras terras. Seu senso de humor contribui para que a vida acadêmica se torne mais leve.

Aos meus alunos, pela cumplicidade, confiança e pela permissão para que eu faça parte de suas histórias.

À PUC-SP e a todos os seus funcionários, por um cotidiano compartilhado e de ajuda mútua.

À Profª Drª Patrícia Jundi Penha, por sua liderança firme e acolhedora na direção da FACHS, bem como por seu comprometimento em oferecer suas importantes contribuições como membro da banca de defesa.

À Profª Drª Marília Pereira Millan, a madrinha, meu “amor de mãe” compartilhado com um ser verdadeiramente especial. Por todas as contribuições no exame de qualificação e por aceitar o convite para fazer parte da banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Alexandre Saadeh, meu amigo há tantos anos, compartilhamos a superação de desafios, nos reconstruímos e fortalecemos. Por estar presente em minha trajetória e por suas contribuições na banca de defesa. Gratidão por tanto. E por tudo.

À Profª Drª Marcia Almeida Batista, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, as quais foram essenciais para direcionar esta pesquisa. Você faz falta.

À Profª Drª Ana Cristina Marzolla, amiga sempre atenta e sensível. Minha profunda gratidão por seu papel fundamental na realização deste projeto e por aceitar fazer parte da banca de defesa.

À Profª Drª Marlise Aparecida Bassani, por trazer cores às nossas aulas no difícil período da pandemia.

À Profª Drª Ida Kublikowski, por ampliar meu conhecimento em pesquisa e por me apresentar novas possibilidades que, inclusive, pude incorporar a esta tese.

Ao Prof. Dr. Jorge Broide, por trazer as crônicas para o universo dos Estágios Básicos.

Ao Walter, meu amor, amigo e companheiro, pela ajuda constante e disponibilidade em oferecer os recursos necessários para o meu trabalho. Foi incansável na preservação do nosso amor, mesmo quando me fiz tão ausente.

Aos meus filhos, Felipe e Bárbara, cada um à sua maneira, participaram da realização deste trabalho. Felipe com seu carinho, apoio diário, sempre me motivando com a certeza de que tudo vai dar certo, e Bárbara, com seu humor cativante, que de maneira única expressa seu cuidado ao usá-lo para trazer leveza e alegria a nossas vidas em diversos momentos.

Aos meus pais, Constantino e Therezinha Cociuffo (*in memorian*), por toda a vida.

À minha irmã, Sônia Regina Cociuffo, essencial na minha vida, por todos os ensinamentos que moldaram minha formação. Misto de mãe e filha, presente tanto nos momentos felizes quanto nos difíceis de nossa trajetória.

À Laura Cociuffo de Paula Ferreira, minha linda sobrinha, personifica o riso sincero, mantendo viva a criança interior na descoberta do mundo.

A Ricardo de Paula Ferreira, meu cunhado, pelos encontros que nos levam ao compartilhamento da infância e do mundo atual. Sempre com muito humor, característica da família.

À minha querida avó, Aida Roque (*in memorian*), sinto muita a falta das tardes de leitura, dos biscoitos italianos, do bordado e dos barquinhos na chuva.

À Ligia Ananias Cardoso, amiga do cotidiano, há 37 anos escrevemos juntas crônicas de nossa história, compartilhando nossas alegrias e nossas tristezas, com respeito e amor.

A Marcos Aurélio de Oliveira, com sua presença os desafios burocráticos se tornaram mais palatáveis. Com afeto e paciência me acompanhou em todo o percurso do Doutorado.

À Angélica Pedroso, que em terras longínquas acompanha meu percurso.

À Silvia Panchacon (*in memorian*), sempre presente no meu coração.

À Marina Goldman (*in memorian*), por todas as nossas viagens fantásticas.

À Tata (Mercedes de Paula Ferreira). Gratidão por estarmos juntas há tantos anos, compartilhando nossa história com eventos que nos envolveram igualmente em momentos dolorosos e muitas alegrias. Sua presença é fundamental na minha vida.

À Marcele Flores. Reconhecimento por seu brilhantismo ao revisar este trabalho. Não apenas encontrei uma revisora, mas também alguém com profundo interesse, conhecimento e compromisso com a busca da perfeição em sua tarefa.

À Maria Andréa Nogueira, pela valiosa contribuição que se reflete nas páginas deste trabalho.

“Nos tempos difíceis de minha vida, rabiscar frases — ainda que nunca venham a ser lidas por ninguém — me traz o mesmo reconforto que a reza para quem tem fé: através da linguagem ultrapasso meu caso particular, comungo com toda a humanidade.

Toda dor dilacera; mas o que a torna intolerável é que quem a sente tem a impressão de estar separado do resto do mundo; partilhada, ela ao menos deixa de ser um exílio. Não é por deleite, por exibicionismo, por provocação que muitas vezes os escritores relatam experiências terríveis ou desoladoras: por intermédio das palavras, eles as universalizam e permitem que os leitores conheçam, em seus sofrimentos individuais, os consolos da fraternidade.”

Simone de Beauvoir, 1982

RESUMO

COCIUFFO, Tania. **Crônicas da pandemia:** Ecos do isolamento. 2023. 288f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) — Programa Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

O início do século XXI está marcado por uma das maiores pandemias já enfrentadas: a do Novo Coronavírus. Os efeitos do isolamento social compulsório e do temor ao vírus, com sua natureza invisível, fizeram-se presentes desde que a Organização Mundial de Saúde decretou "estado de pandemia". O objetivo desta tese é descrever e interpretar depoimentos — aqui narrados em forma de crônica — sobre os principais impactos e experiências emocionais vividos durante a pandemia de Coronavírus. Tais depoimentos foram elaborados por um grupo de estudantes do curso de psicologia de uma universidade de São Paulo, na modalidade de ensino — repentinamente — à distância. Para dar continuidade ao estágio básico obrigatório, no terceiro ano da graduação, partiu-se da seguinte hipótese: a utilização das narrativas em crônicas e a partilha em grupo, como estratégia de ensino no âmbito da supervisão, permitiria não apenas a observação do cotidiano — finalidade intrínseca a uma disciplina de observação —, mas também a construção de significados e a elaboração das repercussões emocionais do isolamento social. Tal abordagem se justifica pela natureza da crônica, que, enquanto gênero literário, explora situações cotidianas e experiências pessoais. Utilizamos os métodos psicanalítico e quantitativo, preservadas as ressalvas do método freudiano. Três eixos nortearam a construção deste estudo: a pandemia, reconhecidamente uma circunstância de extrema relevância; as crônicas desenvolvidas, empregadas como um recurso didático; e a psicanálise extramuros, que também desempenhou um papel fundamental. Em uma etapa subsequente, procedeu-se a comparação entre crônicas pesquisadas em jornais da imprensa brasileira sobre a Gripe Espanhola (1918) e as crônicas descritas nesta tese, com especial atenção a temas selecionados — alguns deles, a saber: o cotidiano, o sofrimento psíquico e subjetividade, e os aspectos sociopolíticos. Essa análise teve o objetivo de verificar qual foi a ênfase encontrada nos registros de ambos os eventos históricos. Posteriormente repetiu-se o procedimento com os registros de crônicas na imprensa brasileira sobre a COVID-19, categorizando-as dentro dos temas levantados neste trabalho, mais uma vez com a finalidade de documentar as ênfases nos conteúdos pesquisados identificadas em registros históricos. Ainda, a comparação entre as crônicas do período da Gripe Espanhola e da COVID-19, escritas pela imprensa, corroboram historicamente a dificuldade de nossos representantes governamentais em aprender com as experiências passadas. Já a escrita e a subsequente análise das crônicas dos estudantes de psicologia demonstraram que a estratégia de ensino adotada trouxe novas significações e possibilidades de enfrentamento da pandemia, do isolamento social e do grande desamparo de todos nós. Esta pesquisa resulta em uma forma de atribuir sentido à experiência, utilizando o método psicanalítico pautado na escuta — leitura — e interpretação das crônicas, buscando uma acepção inconsciente através do conteúdo consciente. Esta tese permite uma nova conexão de significados por meio da atenção flutuante, da contratransferência e da livre associação da pesquisadora.

Palavras-chave: Pandemia. Psicanálise. Isolamento social. Crônica. Educação.

ABSTRACT

COCIUFFO, Tania. Chronicles of the Pandemic: Echoes of Isolation. 2023. Thesis (Doctorate in Clinical Psychology) — Postgraduate Program in Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The beginning of the 21st century is marked by one of the most significant pandemics ever: the New Coronavirus. The effects of compulsory social isolation and fear of the virus, with its invisible nature, have been present since the World Health Organization declared a “state of pandemic”. This thesis aims to describe and interpret testimonies — narrated here in chronicle form — about the main impacts and emotional experiences experienced during the Coronavirus pandemic. These statements were prepared by a group of psychology students at a university in São Paulo, in the form of distance learning. To continue the mandatory basic internship, in the third year of graduation, we started with the following hypothesis: the use of narratives in chronicles and group sharing, as a teaching strategy within the scope of supervision, would allow not only the observation of everyday life — intrinsic purpose of an observation discipline —, but also the construction of meanings and the elaboration of the emotional repercussions of social isolation. This approach is justified by the nature of the chronicle, which, as a literary genre, explores everyday situations and personal experiences. We used psychoanalytic and quantitative methods, preserving the reservations of the Freudian method. Three axes guided the construction of this study: the pandemic, recognized as a highly relevant circumstance; the chronicles developed, used as a teaching resource; and extramural psychoanalysis, which also played a fundamental role. In a subsequent stage, a comparison was made between chronicles researched in Brazilian press newspapers about the Spanish Flu (1918) and the chronicles described in this thesis, with special attention to selected themes — some of them, namely: everyday life, suffering psychic and subjectivity, and sociopolitical aspects. This analysis aimed to verify the emphasis found in the records of both historical events. Subsequently, the procedure was repeated with records of chronicles in the Brazilian press about COVID-19, categorizing them within the themes raised in this work to document the emphases in the researched contents identified in historical records. Furthermore, the comparison between the chronicles of the Spanish Flu and COVID-19 periods, written by the press, historically corroborates the difficulty of our government representatives in learning from past experiences. The writing and subsequent analysis of the chronicles of psychology students demonstrated that the teaching strategy adopted brought new meanings and possibilities for confronting the pandemic, social isolation and the great helplessness of all of us. This research results in attributing meaning to experience, using the psychoanalytic method based on listening — reading — and interpreting the chronicles, seeking an unconscious meaning through the conscious content. This thesis allows for a new connection of meanings through the researcher's floating attention, countertransference and free association.

Keywords: Pandemic. Psychoanalysis. Social Isolation. Chronicle. Education.

LISTA DE SIGLAS

Anvisa	**Agência Nacional de Vigilância Sanitária**
CAAE	**Certificado de Apresentação para Apresentação Ética**
CEP	**Comitê de Ética em Pesquisa**
CEPP	**Código de Ética Profissional do Psicólogo**
CFM	**Conselho Federal de Medicina**
CFP	**Conselho Federal de Psicologia**
CNE	**Conselho Nacional de Educação**
CNS	**Conselho Nacional de Saúde**
CP	**Conselho Pleno**
CRAVI	**Centro de Referência e Apoio à Vítima**
EB	**Estágio Básico**
EUA	**Estados Unidos da América**
FA	**Forças Armadas**
FACHS	**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**
FASC	**Fundação de Assistência Social e Cidadania**
FSP	**Folha de S. Paulo**
ME	**Ministério da Educação**
MEC	**Ministério da Educação e Cultura**
MCTI	**Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações**
MPB	**Música Popular Brasileira**
MSF	**Médicos Sem Fronteiras**
MTPS	**Ministério do Trabalho e Previdência Social**
O ESP	**O Estado de S. Paulo**
OMS	**Organização Mundial de Saúde**

ONG	**Organização Não Governamental**
ONU	**Organização das Nações Unidas**
PGR	**Procuradoria-Geral da República**
PIB	**Produto Interno Bruto**
RP	**Reforma Psiquiátrica**
SBI	**Sociedade Brasileira de Infectologia**
STF	**Supremo Tribunal Federal**
SUS	**Sistema Único de Saúde**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 — ANÁLISE PRELIMINAR EM NUVEM DE PALAVRAS DAS CRÔNICAS..... 91

FIGURA 2 — OS TRÊS TEMAS EMERGENTES DAS CRÔNICAS..... 93

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....20
INTRODUÇÃO.....23
METODOLOGIA.....25
PROBLEMA DE PESQUISA.....26
HIPÓTESE.....26
OBJETIVO GERAL.....27
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....27
CORPUS.....28
INSTRUMENTO.....28
OS ESTUDANTES.....28
PROCEDIMENTO.....29

I. A CONSTRUÇÃO DE UM PADRÃO DE RESPOSTA ÀS EPIDEMIAS: 2.500 ANOS EM BUSCA DO CULPADO.....31
1.1 Epidemias e pandemias no Ocidente: Um breve panorama histórico.....31
1.2 A Peste de Atenas devasta o berço do Ocidente.....32
1.3 Todos os caminhos levam a Roma.....35
1.4 O grande castigo divino: A Peste Negra.....38
1.5 A invasão microbiana no Novo Mundo.....42
1.6 Uma descoberta revolucionária: A vacina.....45
1.7 Trens, barcos a vapor e epidemias.....46
1.8 Epidemias no Império dos Trópicos.....49
1.9 A quem os louros do progresso?.....53
1.10 Guerras e pandemias: Catátrofes do século XX.....55
1.11 Uma epidemia à espreita.....57
1.12 AIDS: A pandemia mais longeva.....59

II. PONTO DE INTERSECÇÃO: O ENCONTRO DE TRÊS LINHAS.....61
2.1 COVID-19: A humanidade paralisada no século XXI.....62
2.2 A crônica.....66
2.2.1 A história do gênero.....66
2.2.2 Características do gênero literário.....69
2.2.3 Estudos científicos: Crônica como recurso didático.....72
2.3 Psicanálise extramuros.....80

III. EM BUSCA DE SENTIDO: O ESTÁGIO BÁSICO.....84
3.1 O Estágio Básico: Campo de pesquisa.....84
3.2 Estágio: Significado e legislação.....85
3.3 Grupos de supervisão.....86

IV. ANÁLISE DO MATERIAL E ELABORAÇÃO DE SENTIDOS.....90
4.1 Os temas pesquisados nas crônicas dos estudantes.....95
4.1.1 Tema: Cotidiano.....96
4.1.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade.....109
4.1.3 Tema: Aspectos sociopolíticos.....122

V. A GRIPE ESPANHOLA E AS CRÔNICAS NA IMPRENSA BRASILEIRA.....134
5.1 Introdução — Uma pandemia mais letal que a Grande Guerra.....134
5.2 A pandemia chega ao Brasil.....137
5.3 A imprensa brasileira na cobertura da pandemia.....142
5.4 A crônica nos periódicos da época.....148
5.5 Os temas de pesquisa na cobertura da imprensa.....148
5.5.1 Tema: Cotidiano.....150
5.5.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade.....155
5.5.3 Tema: Aspectos sociopolíticos e negacionismo.....159

VI A COBERTURA DA IMPRENSA BRASILEIRA SOBRE A COVID-19.....168
6.1 Os temas desta pesquisa na cobertura da imprensa.....169
6.1.1 Tema: Cotidiano.....170
6.1.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade.....174
6.1.3 Tema: Aspectos sociopolíticos e negacionismo.....179

VII ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....187

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 195
REFERÊNCIAS..... 198
ANEXO 1 — Comitê de Ética em Pesquisa..... 218
ANEXO 2 — Íntegra das crônicas dos estudantes..... 219
ANEXO 3 — Sinopses dos filmes exibidos em classe..... 288

APRESENTAÇÃO

> “Quanto mais alta a sensibilidade, e mais sutil a capacidade de sentir, tanto mais absurdamente vibra e estremece com as pequenas coisas. É preciso uma prodigiosa inteligência para ter angústia ante um dia escuro.”
>
> Fernando Pessoa[1], 1984

No Hemisfério Sul, o ano letivo começa no verão. Na Universidade onde esta tese foi desenvolvida, no Brasil, o início do semestre é marcado por confraternizações. Os calouros são recepcionados por veteranos e docentes através da apresentação dos espaços e do curso. Essa recepção mobiliza todos os setores acadêmicos. Na sala dos professores há abraços e conversas com os colegas. Nos corredores, o reencontro com nossos discentes é repleto de afeto e re-conhecimento entre todos e cada um. É o retorno depois das férias, um novo início, tudo leve. Em dois meses estaremos exaustos, mostra a experiência, mas o início é singular.

Em fevereiro de 2020 vivíamos esse clima festivo. Entretanto, pouco depois, ainda na primeira semana de aula, fomos surpreendidos pela notícia do falecimento trágico de duas estudantes do quarto ano. Ambas haviam sido minhas alunas no semestre anterior. Senti grande pesar e fiquei perplexa diante do sem aviso da morte. No devido período, a Universidade realizou uma cerimônia religiosa em memória do sétimo dia. Juntos participamos do primeiro ritual de despedida de nossas alunas. No Pátio da Cruz, ao som forte da bateria que acelerou nossos corações, choramos em silêncio. Muita tristeza.

Todas as instâncias da Universidade logo perceberam a necessidade de acolher os estudantes. A morte repentina deixa a marca de uma pausa interrogativa. Assim percebi nos olhares e abraços dos alunos e dos colegas professores. Fizemos reuniões para planejar rodas de conversa sobre o luto. Nesses encontros falaríamos sobre a dor da perda e a saúde mental dos estudantes, demanda captada pelo corpo docente desde anos anteriores.

[1] Sob o heterônimo Bernardo Soares.

Em 2020 o carnaval aconteceu em março. Para nós da Faculdade de Psicologia a atmosfera festiva já havia se perdido. Hoje, ao revisar os fatos em ordem cronológica, sobrevém a estranha sensação de um passado muito remoto.

No mundo, desde 8 de dezembro de 2019, apareciam rumores dos primeiros casos de pneumonia num hospital da cidade chinesa de Wuhan. Desavisados, pensávamos ser mais um acontecimento entre tantos. Em 29 de dezembro do mesmo ano o código genético do Coronavírus foi identificado e divulgado na China. No dia seguinte, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi notificada acerca de um grupo de casos de “pneumonia de causa desconhecida”. No Brasil, em 3 de janeiro de 2020, o Ministério da Saúde (MS) detectou casos semelhantes aos da China e solicitou esclarecimentos à OMS.

Em 5 de janeiro de 2020 a OMS emitiu um primeiro comunicado relatando 44 casos de pneumonia de causa desconhecida oriundos do mercado de frutos do mar de Wuhan. E em 30 de janeiro de 2020 o diretor geral da Organização, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou a situação como “emergência de saúde pública de abrangência internacional”. Era o início da primeira pandemia do século XXI.

A maior parte da população brasileira, na lida difícil do cotidiano, não atentou para esses fatos. O país vivia um clima de férias e preparativos para o carnaval. Todavia, os eventos identificados na China começavam a nos afetar. Em 26 de fevereiro de 2020 foi notificado em São Paulo o primeiro caso de Coronavírus, no Hospital Albert Einstein, em um homem de 61 anos com histórico de viagem para a região da Lombardia, na Itália.

Um giro no mundo. Mas voltemos ao nosso cenário: início do ano letivo na Universidade. Luto. Todos os membros da comunidade acadêmica ainda estavam tentando digerir os acontecimentos quando a pandemia nos confrontou. Em 16 de março entramos em quarentena, cumprindo uma das determinações da OMS com o objetivo de conter os avanços da COVID-19. Foram implementadas medidas de restrições tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. A tragédia foi observada em diferentes regiões do globo, ainda que de forma distante e não tangível. Em um primeiro momento, a Itália foi severamente atingida e meu coração com ascendência italiana se apequenou.

No momento do nosso afastamento da Universidade, iniciamos um treinamento para ministrar as aulas *online.* Reuniões intermináveis onde todos nós, professores, vimos expostas nossas debilidades em relação ao mundo da informática. A linguagem entre nós foi se tornando cada vez mais simplificada. “Vai na roldana, depois vai nos três pontinhos.” Analfabetos na informática, apoiamos uns aos outros. Desde o fechamento do campus, em 16 de março, até 30 de março, mergulhamos juntos nesse novo universo. Reação rápida. Enfrentamos desafios e obstáculos, com horas de sono reduzidas pelas atividades de treinamento e com a adoção de uma nova abordagem de ensino. O cotidiano na Universidade se transformou.

Passemos do plural para o singular. Eu ministro duas disciplinas na graduação de psicologia. Uma delas é o Estágio Básico I (EB), onde desenvolvi esta pesquisa. Com a chegada da pandemia, a primeira questão colocada foi como conduzir um estágio por meio do ensino à distância. Outra inquietação foi como assegurar a validação dessa prática pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Coordeno uma equipe composta por professores de diversas abordagens teóricas. Baseada em minha formação psicanalítica, sugeri a observação do cotidiano como a primeira experiência de estágio, utilizando o formato de crônicas para que os estagiários pudessem registrar suas observações. Para analisar o conteúdo das crônicas, utilizei o método psicanalítico, guiada pelas indicações de Freud. Como já nos disse o pai da psicanálise (1923/2001),

> a psicanálise é: um procedimento de investigação de processos mentais quase inacessíveis por qualquer outro modo; um método baseado nessa investigação para o tratamento de distúrbios neuróticos; uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo do processo, gradualmente consolidadas como nova disciplina científica. (Freud, 1923/2010, p. 274).

INTRODUÇÃO

"Somos apenas uns homens
E a natureza traiu-nos.
Há as árvores, as fábricas,
Doenças galopantes, fomes."

Carlos Drummond de Andrade, 1945

O percurso desta tese se inicia com a descrição e a interpretação dos depoimentos, narrados em formato de crônica, a respeito dos principais impactos e experiências emocionais vividos durante a pandemia de Coronavírus por um grupo de estudantes de psicologia de uma universidade de São Paulo, que passou a utilizar a modalidade de ensino à distância. Os efeitos do isolamento social compulsório e do temor ao vírus, justamente por sua natureza invisível, fizeram-se presentes desde que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou oficialmente o estado de pandemia.

Para viabilizar a continuidade do estágio básico obrigatório, que integra o terceiro ano do curso de psicologia, partimos da seguinte hipótese: a utilização das narrativas em forma de crônicas e a partilha em grupo, como estratégia de ensino no âmbito da supervisão, permitiria não apenas a observação do cotidiano — objetivo principal de uma disciplina intrinsecamente de observação — mas também a construção de significados e a elaboração das repercussões emocionais do isolamento social. Tal abordagem se justifica pela natureza da crônica que, enquanto gênero literário, explora situações cotidianas e experiências pessoais.

Três eixos nortearam a construção deste estudo: a pandemia em si, considerada uma circunstância de extrema relevância; as crônicas desenvolvidas, empregadas como um recurso didático; e a psicanálise extramuros, que também desempenhou um papel fundamental.

Após *Apresentação* e *Introdução*, temos *Metodologia* e descrevemos os objetivos gerais e específicos, a hipótese, o *corpus*, os participantes da pesquisa, instrumento e procedimento adotado. E no primeiro capítulo, intitulado *A construção de um padrão de resposta a epidemia: 2500 anos em busca do culpado*, trazemos um breve histórico das pandemias.

No Capítulo II, *Ponto de intersecção: O encontro de três linhas*, é apresentada uma concisa descrição sobre o início da pandemia de Coronavírus no mundo. O mesmo é feito com a crônica enquanto gênero literário, e com a psicanálise extramuros, todos pilares deste trabalho. Em seguida, no Capítulo III, são enfatizadas a importância e as características principais da disciplina Estágio Básico I, oferecida no terceiro ano do curso de psicologia, e fundamental para o escopo de desenvolvimento desta pesquisa.

No quarto capítulo, introduzimos a análise do material e a elaboração de sentidos. Nessa seção, exploramos através do método psicanalítico a construção de significados a partir das crônicas elaboradas pelos alunos. As crônicas foram classificadas em três grupos temáticos: cotidiano; sofrimento psíquico e subjetividade; e aspectos sociopolíticos. Esse processo foi realizado com o auxílio do IRAMUTEQ, *software* de análise textual, combinado com a leitura das crônicas.

No Capítulo V apresentamos as crônicas relacionadas à Gripe Espanhola encontradas na imprensa brasileira daquele período. Os temas de pesquisa citados no parágrafo acima foram analisados nessa cobertura de imprensa. Em seguida, no Capítulo VI, realizamos uma pesquisa semelhante, desta vez focada nas crônicas relacionadas à COVID-19 na imprensa de São Paulo, com o objetivo de estabelecer comparações em diferentes tempos históricos. No Capítulo VII apresentamos as apreciações sobre os resultados, seguidas pelas considerações finais.

Então encerramos — por ora — este percurso, do qual voltaremos a falar.

METODOLOGIA

Para analisar crônicas, empregamos dois métodos simultaneamente: o método quantitativo, usando o *software* IRAMUTEQ, e o método psicanalítico. A primeira leitura realizada visa à compreensão da narrativa como um todo. Leituras posteriores envolvem uma análise mais profunda, que por sua vez desperta questionamentos mais complexos e articulações que enriquecem a interpretação, possibilitando que a pesquisadora desvele novos significados à medida que as interpreta através do método psicanalítico.

As crônicas foram redigitadas e então inseridas no IRAMUTEQ com o objetivo de que seu conteúdo fosse dividido em classes, categorizando-o dessa forma em grupos temáticos. Depois dessa etapa foram realizadas as múltiplas leituras das crônicas. Como previsto, inicialmente a leitura fluiu para a compreensão da narrativa em sua totalidade, abrangendo seu início, desenvolvimento e evolução. Uma releitura trouxe questionamentos e articulações mais fecundas para a interpretação. Então, nos significados foram surgindo padrões mais ou menos detalhados e individualizados. Nesse momento, as crônicas foram lidas, relidas e interpretadas pela subjetividade da pesquisadora.

PROBLEMA DE PESQUISA

As principais experiências e impactos emocionais narradas em supervisão, no ensino à distância, por um grupo de estagiários do curso de psicologia que se encontravam em isolamento social devido à pandemia de Coronavírus.

HIPÓTESE

A utilização das crônicas compartilhadas como procedimento permite, no espaço de supervisão, dar sentido à experiência emocional. A partilha em grupo possibilita o reconhecimento da narrativa como um processo de elaboração das experiências e impactos emocionais vividos no período de isolamento social na pandemia.

OBJETIVO GERAL

Descrever e interpretar os depoimentos, narrados em forma de crônica, sobre os principais impactos e experiências emocionais vividos na pandemia Coronavírus. Tais depoimentos foram elaborados por um grupo de estudantes do curso de psicologia de uma universidade de São Paulo, na modalidade de ensino à distância.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar um breve histórico das pandemias;
- conhecer o conceito, a caracterização e o histórico das crônicas como gênero literário;
- sintetizar, para efeito comparativo, os registros sobre a pandemia e os impactos do isolamento social em dois momentos históricos, através das crônicas de imprensa de 1918 e de 2020;
- definir a relevância da disciplina Estágio Básico I no âmbito do programa pedagógico do curso de psicologia de uma universidade de São Paulo.
- destacar a função social e terapêutica da produção e compartilhamento de crônicas.

CORPUS

O *corpus* do presente trabalho são as crônicas escritas pelos alunos. Eles registraram e interpretaram diferentes aspectos do sofrimento psíquico no contexto aqui apontado. O compartilhamento grupal das crônicas, no espaço de supervisão, daria sentido a uma experiência emocional muito peculiar.

INSTRUMENTO

As crônicas também devem servir como instrumento utilizado para a realização do primeiro estágio de observação dos estudantes, através das quais eles observariam e registrariam vivências durante a pandemia. No total, foram entregues 153 crônicas. Através da escrita a experiência seria organizada e investigada para, assim, a situação seja compreendida. A narrativa permite reconhecer a história singular inserida na cultura, bem como ressignificar a experiência e produzir uma interlocução subjetiva.

OS ESTUDANTES

Um total de 42 estagiários do terceiro ano do curso de psicologia foi selecionado para participar desta pesquisa. A faixa etária desses alunos variava entre 20 e 31 anos. Do total, 35 eram do sexo feminino e 7 do masculino.

Para preservar suas identidades, conforme o Código de Ética de Pesquisa, as crônicas foram numeradas, e não identificadas por nomes.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade em questão. O parecer consubstanciado do CEP está registrado no Certificado de Apresentação para Apresentação Ética (CAAE): 51155621.4.0000.5482. Número do parecer: 4.934.376 em 26/08/2021.

PROCEDIMENTO

O enquadre da supervisão foi definido a partir das diretrizes da universidade, que consistem em 2 horas semanais de aula, mantendo-se o dia e horário. A frequência mínima era de 75% e as atividades ocorriam na sala da equipe designada na plataforma Teams.

Os estagiários foram orientados a registrar as observações do cotidiano, por um período de 6 semanas consecutivas, apresentando-as em formato de crônica. A produção deveria ser enviada por e-mail, com um mínimo de três textos. No total foram entregues 153 crônicas.

Em todos os encontros consultamos o grupo para identificar quem desejava compartilhar sua narrativa, um procedimento realizado em todas as supervisões.

A seleção dos aspectos relevantes ficou a critério de cada aluno, desde que não incluíssem relatos sobre familiares ou pessoas que coabitassem com eles.

Destacamos dois momentos em que direcionamos o conteúdo das crônicas:

- No mês de março, apresentamos o clássico *Doze homens e uma sentença* (1957), cuja sinopse está anexada à esta tese, que faz parte do nosso material didático anual para explorar o tema da observação. Esse filme tem sido uma referência relevante para nossos alunos ao longo dos anos e a abordagem que ele apresenta sobre o sistema judicial e a importância da análise crítica tem contribuído para suas formações.
- Em maio de 2020 selecionamos o filme *Negação* (2016, sinopse em anexo). Esse filme mostrou uma relevância particular para a circunstância que vivíamos então, e por essa razão o incluímos nos nossos registros de observação. O intuito seria ampliar o debate sobre acontecimentos essenciais ligados ao âmbito político e histórico.

Em uma etapa subsequente, procedemos à comparação de crônicas pesquisadas em jornais da impressa brasileira sobre a pandemia da Gripe Espanhola, com os temas equivalentes às crônicas descritas nesta pesquisa. Essa análise teve o objetivo de verificar o destaque dado nos registros de ambos os eventos históricos.

Fizemos o mesmo procedimento com o registro das crônicas na imprensa brasileira sobre a COVID-19, categorizando-as dentro dos temas desta pesquisa e, mais uma vez, com o objetivo de salientar os conteúdos selecionados nesta tese.

I

A CONSTRUÇÃO DE UM PADRÃO DE RESPOSTA ÀS EPIDEMIAS: 2.500 ANOS EM BUSCA DO CULPADO

1.1 Epidemias e pandemias no Ocidente: Um breve panorama histórico

A história da humanidade é também acompanhada por microrganismos, que muitas vezes roubam a cena e tornam-se protagonistas, dando origem a momentos de caos, medos, angústias e incertezas. Este tópico tem como objetivo realizar um breve resgate histórico de algumas epidemias e pandemias que assolaram o Ocidente desde a Antiguidade até os dias atuais. É importante ressaltar que, dado o caráter panorâmico do estudo, foi necessário realizar recortes que levaram em conta alguns critérios, tais como impactos sociais, econômicos, políticos e culturais provocados pelas moléstias, o que explica de antemão algumas exclusões ou apenas citações pontuais de certos eventos.

A designação “epidemia” tem origem na Grécia, “*epidemos*” era o termo utilizado para referir-se aos visitantes. Já os residentes eram chamados de “*endemos*”. (Ujvari, 2020b). Tendo em vista as definições colocadas, o médico grego Hipócrates, em seus estudos, categorizou e comparou doenças. Em uma de suas divisões, separou em “*epidemos*” aquelas que apareceram de maneira inesperada, ou seja, não eram originárias da região em que se manifestavam — os casos estouravam e depois desapareciam. Igualmente, a nomeação “pandemia” tem a sua origem no grego. O prefixo “*pan*” significa "tudo” ou “todos” e logo foi associado às epidemias que se espalhavam de uma maneira descontrolada por muitas regiões em um espaço curto de tempo, podendo atingir vários países e continentes.

Seguindo a postulação da Antiguidade, o biólogo Jared Diamond (1997) acrescenta que as doenças categorizadas como epidêmicas assolam uma determinada região, atingindo um grande número de indivíduos e permanecendo durante um certo período de tempo, mas logo desaparecendo. Podem seguir-se novas ondas, até que sejam controladas e desapareçam, pontual ou definitivamente. Além

disso, os sobreviventes costumam produzir anticorpos, que os protegem de novas contaminações. São classificadas como “doenças de multidões” (Diamond, 1997, p. 194) por isso acometem grandes populações que vivem aglomeradas. Alguns exemplos são: sarampo, varíola, gripe, caxumba e rubéola.

Outra característica é a sua procedência: acredita-se que essas moléstias infecciosas têm origem animal, ou seja, doenças que antes só acometiam animais, principalmente domésticos como suínos e bovinos. Tais moléstias acabaram sofrendo alterações genéticas ao longo do tempo, tornando-se capazes de se manifestar em humanos. Então, as doenças epidêmicas estão associadas ao processo de sedentarização humana por meio do domínio da agricultura e da domesticação de animais, levando ao surgimento das aglomerações humanas e, posteriormente, à formação de núcleos urbanos, locais altamente suscetíveis à manifestação de “doenças de multidões”.

Durante muitos séculos as doenças que atingiam uma região alastravam-se rapidamente, e logo as epidemias foram denominadas genericamente de “peste”. Ao longo do tempo, por meio do desenvolvimento científico e da análise de fontes, foi possível identificar e classificar inúmeras epidemias, e assim perceber que diversas doenças existentes atualmente acompanham a humanidade desde os seus primórdios.

1.2 A Peste de Atenas devasta o berço do Ocidente

Na Antiguidade, as guerras foram um dos fatores que promoveram a disseminação de doenças. Durante o século V A.E.C., elas foram as grandes responsáveis por uma epidemia que tomou conta da cidade grega de Atenas. A península estava dividida politicamente em cidades-estados[2], sendo Atenas e Esparta as mais proeminentes e que disputavam a hegemonia da região. Ademais, historiadores defendem que o nascimento do chamado “Ocidente” se deu na Antiguidade grega.[3] Desde o final das Guerras Médicas, diante do perigo da invasão

[2] Sobre a formação das cidades-estados na Grécia Antiga, as particularidades, as disputas pela hegemonia, as guerras e a desintegração do mundo grego, consultar Guarinello, 2016.
[3] Para mais sobre isso, ver Eyler, 2014.

de um inimigo externo em um período de trégua do Império Persa — o adversário —, as cidades gregas se uniram formando uma aliança militar denominada “Liga do Peloponeso”. Os atenienses concentravam os tributos pagos pelas cidades participantes para manter e expandir a Liga, mas também os utilizavam para benefício próprio, não à toa que esse é o período de apogeu de Atenas. Porém, os espartanos não aceitaram as arbitrariedades atenienses, o que levou a uma crescente hostilidade que culminou na Guerra do Peloponeso (431-404 A.E.C.).

Foi ao longo da segunda Guerra do Peloponeso que a peste tomou a cidade. Naquele momento Atenas vivia sob ataque inimigo. Diante disso, Péricles[4] (que acabou morto pela doença que estava por vir), importante estadista grego tido como um dos fundadores da democracia ocidental[5], tentou proteger os atenienses reunindo-os no interior dos muros da cidade e afugentando os refugiados que estavam na região da Ática. Logo houve um demasiado aumento da população citadina, que passou a viver concentrada nas limitações impostas pelos muros. Nesse sentido, aglomerações humanas aliadas a condições de higiene precárias foram o terreno prolífico para a disseminação de uma doença proveniente do Oriente.

Além da guerra, os atenienses tiveram que enfrentar uma moléstia desconhecida que viria a ser denominada como “Peste de Atenas”. Um importante relato sobre a peste foi registrado pelo historiador ateniense Tucídides (que também foi acometido pela moléstia, mas sobreviveu) em seu livro *A história da Guerra do Peloponeso* (1987). A seguir, algumas de suas palavras sobre a chegada da doença:

> Poucos dias após a entrada deles na Ática manifestou-se a peste pela primeira vez entre os atenienses. Dizem que ela apareceu anteriormente em vários lugares (em Lemnos e outras cidades), mas em parte alguma se tinha lembrança de nada comparável como calamidade ou em termos de destruição de vidas. Nem os médicos eram capazes de enfrentar a doença, já que de início tinham de tratá-la sem lhe conhecer a natureza e que a mortalidade entre eles era maior, por estarem mais expostos a ela, nem qualquer outro recurso humano era da menor valia. As preces feitas nos santuários, ou os apelos aos oráculos e atitudes semelhantes foram todas inúteis, e afinal a população desistiu delas, vencida pelo flagelo (Tucídides, 1987, p. 115).

A partir disso, verificamos que os gregos enfrentaram uma doença altamente destrutiva e que não conheciam, a qual o historiador denominou de “peste”. Esta

[4] Sobre Péricles, consultar Mossé, 2008.
[5] O surgimento da democracia é associado aos gregos, tendo Péricles como um dos seus fundadores. Entretanto, há historiadores que o contestam enquanto um legado ocidental e defendem a sua origem sendo, na verdade, oriental. Para se aprofundar um pouco mais nesse debate, ver Goody, 2015.

encontrou um terreno fértil para a sua rápida proliferação diante das condições de vida debilitadas pela guerra. Tucídides afirma não saber ao certo a origem da doença. Acredita que surgiu na Etiópia, passando depois para o Egito e a Líbia, e chegando, assim, ao porto do Pireu, local estratégico de importante fluxo comercial. Depreendemos, então, que se tratou de uma doença altamente contagiosa, já que todos podiam ser contaminados, sendo que os médicos, por estarem mais expostos à moléstia, possuíam as maiores taxas de óbito. Por fim, ressalta-se que nenhum recurso era capaz de conter o avanço. Diante da incapacidade do apelo das preces e da religião, da racionalidade e da medicina, a população se via dominada pelo medo e entregue aos germes.

No livro do historiador, os sintomas da doença são descritos com grande riqueza de detalhes: iniciava-se com uma forte dor de cabeça; olhos vermelhos e inflamados; passava-se à inflamação da boca e da língua; posteriormente, os indivíduos eram acometidos por espirros, rouquidão e tosse. À medida que a doença rapidamente avançava, o doente experenciava vômitos, diarreias e uma sede excessiva, alguns ainda eram tomados por úlceras e necroses, indo a óbito entre o sétimo e o nono dia. (Tucídides, 1987).

O relato segue pontuando que a calamidade potencializou a quebra do cotidiano — característica comum aos povos que são afligidos por epidemias —, que já estava em suspenso devido à guerra. Diante do caos, os próprios rituais fúnebres deixaram de existir. A excepcionalidade foi chave para o desvendamento da doença *a posteriori*: “Os costumes até então observados em relação aos funerais passaram a ser ignorados na confusão reinante, e cada um enterrava os seus mortos como podia.” (Tucídides, 1987, p. 118). Sem saber a causa da doença, o autor ressalta a questão do contágio que, em muitas epidemias, foi um fator ignorado pelos indivíduos que a vivenciavam: “Havia também o problema do contágio, que ocorria através dos cuidados de uns doentes para com os outros, e os matava como a um rebanho; esta foi a causa da maior mortandade [...]” (Tucídides, 1987, p.117).

Dessa forma, muitas pessoas passaram a evitar se aproximar dos doentes, com medo de adquirirem a doença, o que gerou muitas mortes solitárias, sem o auxílio dos entes queridos.

Durante muitos anos a Peste de Atenas foi objeto de diversas hipóteses a respeito de sua causa e classificação, somente com a evolução da Ciência[6] no século XX foi possível chegar à resolução desse mistério. Em 1994 foi descoberto um cemitério em Atenas e a partir da disposição dos corpos — diante da ausência do padrão fúnebre que era empregado pelos atenienses na Antiguidade —, descobriu-se que se tratava na verdade de uma vala coletiva, que continha 150 corpos datados da época da epidemia. Destarte, com a possibilidade da descoberta de doenças por meio da análise laboratorial de materiais genéticos, os cientistas recolheram material das polpas dos dentes dos esqueletos. No trecho abaixo, o médico infectologista Stefan C. Ujvari (2020a) aborda o desnudamento do mistério em torno da moléstia ateniense:

> A salmonela justifica vários sintomas descritos na peste de Atenas e estaria envolvida em aglomerado humano, em tempo de guerra e ingestão de água e alimentos contaminados pela ausência temporária de condições higiênicas. Permanece a dúvida se houve algum outro agente infeccioso na epidemia. [...] A ciência do século XXI comprovou a existência da salmonela, resta sabermos se mais algum agente infeccioso acometeu os atenienses [...](Ujvari, 2020a, p. 123-124).

A partir do trecho de Ujvari visto acima podemos perceber como o ambiente resultante de guerra foi um fator determinante para a ocorrência da enfermidade. Ademais, torna-se claro o quanto os avanços científicos podem possibilitar a resolução de questões longínquas. A despeito da descoberta, os estudiosos não descartam a possibilidade de outra doença ter se associado à Febre Tifoide, por isso, a Ciência pode ainda trazer novas constatações em relação à Peste de Atenas.

1.3 Todos os caminhos levam a Roma

A região da Península Itálica foi habitada inicialmente pelos etruscos, que tinham hábitos ligados à saúde pública, como consumo de água limpa e potável, e a drenagem de pântanos — locais de proliferação das chamadas "febres". Eles acreditavam que o terrível odor da região era responsável pela moléstia, por isso evitavam construir habitações próximas às áreas pantanosas, uma vez que promoviam sua drenagem e aterramento. (Ujvari, 2020b). A teoria que associava a

[6] A respeito da aplicação do conhecimento genético contemporâneo sobre doenças do passado, ler Ujvari, 2020a.

ocorrência de doenças aos gases infecciosos — os miasmas — foi criada pelo grego Hipócrates[7] e amplamente utilizada até o século XIX.

Hoje acredita-se que as "febres" eram, na verdade, a malária. Esta atinge os humanos por meio da picada do mosquito contaminado, o qual se reproduz em áreas com água parada — daí o nome da doença: "mala aria" (mal ar) dando origem ao termo "malária". Durante a Antiguidade, a moléstia foi muito presente nos entornos do Mar Mediterrâneo, porém, diante dos hábitos dos etruscos (hábitos tais que acabaram sendo incorporados pelos romanos), acabou tendo sua incidência reduzida na península por um tempo.

Contudo, o cenário mudou a partir do período republicano romano, seguido pelo processo de expansão, pois diante da enorme extensão e do intenso fluxo de pessoas Roma passou a vivenciar uma série de epidemias. Com isso, Ujvari escreve: "As epidemias acompanharam a história de Roma" (Ujvari, 2020b, p.25) e, ainda sobre o período de expansão da hegemonia romana na Antiguidade, Ujvari afirma:

> Muitas epidemias dessa fase histórica, chamadas apenas de peste, não chegaram a ser suficientemente descritas em termos de sintomas para que se saiba que tipo de infecção lhes deu origem. Outras, referidas com mais detalhes, podem ser presumidas (Ujvari, 2020b, p. 26).

Após a vitória sobre a sua principal inimiga, Cartago, Roma conquistou a hegemonia do Mar Mediterrâneo e iniciou um processo de expansão[8]. Diante do tamanho do Império, as epidemias tiveram uma enorme abrangência territorial, novidade no mundo ocidental, promovendo, assim, as primeiras pandemias que assolaram o Ocidente. Um microrganismo aparecia em uma região de jurisdição romana e, pelas vias terrestres ou marítimas, atingia outras áreas de dominação. Além disso, dada a importância da capital imperial, Roma acabou tornando-se foco das moléstias, que encontravam ali condições favoráveis diante da progressiva aglomeração humana que se formava na cidade. Ujvari (2020b) apontou onze epidemias que foram, por essa razão, descritas e denominadas "Pestes Romanas".

A cidade de Roma viveu um processo de grande expansão urbana[9] atrelada a um crescente número de escravizados que passaram a viver naquela área, já que eram a principal fonte de mão de obra, "obtidos" por meio das guerras empreendidas

---

[7] Sobre a teoria dos miasmas, ver Martins e Martins, disponível em: http://www.ghtc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am.PDF. Acesso em: 17 set. 2023.
[8] Para se aprofundar no assunto, ler Gibbon, 2014.
[9] Sobre a expansão do mundo romano, ler Guarinello, 2016.

pelos romanos. Ademais, esse foi um período de grande êxodo rural, causando o inchaço das cidades. Diante da aglomeração urbana cada vez maior, a capital passou a enfrentar problemas decorrentes da sua ampliação demográfica, junto à chegada de estrangeiros. Com tudo isso vieram também os germes, que encontraram ótimas condições para a sua proliferação.

No ano 79 E.C. o Império Romano viveu uma dupla calamidade: a erupção do vulcão Vesúvio e a chegada de uma epidemia, a qual atingiu a região central da Península Itálica. Atualmente acredita-se que tenha sido malária ou antrax. Já no ano 125 E.C., Roma foi atingida por uma nova epidemia, cujos sintomas sugerem o sarampo. Posteriormente, uma campanha militar na Mesopotâmia enfrentou, além da resistência dos partos, outra epidemia. Os soldados que sobreviveram levaram consigo os microrganismos ao regressar.

A moléstia alastrou-se pela Ásia Menor, Grécia, Egito e Roma, onde ficou durante 15 anos, passando a ser denominada “Peste dos Antoninos”[10]. Estima-se que tenha matado entre um terço e um quarto da população da cidade, que chegou, segundo relatos da época, a ter cerca de dois mil mortos em um dia, vitimando inclusive Marco Aurélio, um dos imperadores. A partir dos relatos de um famoso médico da época, Cláudio Galeno, acredita-se que tenha sido uma epidemia de varíola. Já no século seguinte, no ano 250 E.C., uma peste ainda mais mortífera alastrou-se do Egito até a região que hoje corresponde à Escócia: a Peste de Cipriano[11]. Ocorriam cerca de 5 mil mortes em um dia, sendo os sintomas os mesmos de epidemias anteriores.

As descrições das pestes que foram enfrentadas pelos romanos identificam a entrada do sarampo e da varíola, provenientes da Ásia no Ocidente. Mas foi durante a Idade Média que a Europa enfrentou — originária também do continente asiático —, como veremos a seguir, uma peste de assustadoras proporções.

[10] Recebeu tal denominação pois, durante a ocorrência da epidemia, Roma era governada por imperadores da dinastia dos Antoninos, sendo eles: Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo, entre os anos 138 e 192 E.C.

[11] Sua denominação relaciona-se ao bispo Cipriano de Cartago, responsável pelo registro da sua incidência.

1.4 O grande castigo divino: A Peste Negra

Uma das piores epidemias enfrentadas no Ocidente foi a peste negra, que teve seu auge entre os anos de 1348 e 1352. O historiador Jean Delumeau (2020) afirma que a doença chegou no continente séculos antes. A partir de registros de fontes datadas da Alta Idade Média, é possível comprovar a sua presença com uma certa periodicidade — a cada 9 até 12 anos — entre os séculos VI e VIII, assim como o seu desaparecimento, a partir do século XI. O retorno altamente destrutivo se deu no século XIV, permanecendo esporadicamente em regiões do continente até 1720, quando desapareceu novamente, sem que se soubesse o porquê. Por consequência, o continente teve como acompanhante, ao longo de séculos, o medo do retorno iminente da peste.

Nosso foco será nos anos em que seu impacto mortífero foi maior, ou seja, o século XIV. Dessa forma, é necessário realizar uma rápida contextualização histórica da Europa até meados desse século. A crise do Império Romano e a posterior queda da sua parte Ocidental, no século V, são as balizas históricas que marcam o início da Idade Média[12] na Europa (V-XV). Os séculos V a IX são caracterizados pela descentralização do poder político e pelo predomínio de uma economia agrícola que tendia a uma produção autossuficiente nas aldeias, e são marcados por um maior isolamento e a retração das cidades. Esse período é assinalado por uma diminuição da ocorrência de epidemias devido à queda das aglomerações urbanas e dos deslocamentos humanos, ainda que a Peste Negra já estivesse presente no continente.

Contudo, entre séculos IX e X o isolamento progressivamente diminuiu, pois as cidades voltaram a crescer devido à retomada das atividades comerciais no interior do continente e no mar Mediterrâneo, onde o elo comercial entre Ocidente e Oriente foi restabelecido.[13] Esse processo também foi acompanhado de um aumento populacional. As trocas comerciais foram o fator fundamental da disseminação da peste, pois as mercadorias circulavam pelas rotas marítimas que ligavam leste e oeste, tendo como porta de entrada as cidades italianas de Gênova, Veneza e Pisa,

[12] Para ler sobre a transição da Antiguidade para a Idade Média, buscar Anderson, 2013.
[13] Para se aprofundar no tema, ler Pirenne, 1965.

principais centros comerciais. Junto com os artigos veio uma moléstia que destruiu cerca de um terço da população europeia.

Acredita-se que a bactéria causadora do grande mal chegou à Europa nas embarcações que aportaram na cidade de Veneza, provenientes da região da Crimeia, no Mar Negro. Esta região foi atacada em 1347 pelos tártaros[14], os quais não sabiam que transportavam consigo o microrganismo causador de uma mortífera enfermidade. Nessas cercanias foram acometidos pela doença e, diante do grande número de mortos, acabaram cedendo e recuando. Os mercadores venezianos saíram vitoriosos, mas não sabiam que, ao retornar, traziam além de suas mercadorias uma doença letal: os ratos, que já eram seus velhos companheiros de viagens, agora também eram portadores de pulgas contaminadas pela bactéria causadora da mazela.

A enfermidade é denominada “Peste Bubônica” pois a bactéria percorre o sistema linfático humano e atinge os gânglios, formando ínguas. Além disso, os indivíduos são acometidos por inchaços dolorosos na área, chamados de bubões — daí a denominação —, elevadas febres, vermelhidões, dores no corpo, mal-estar. Porém, seu nome mais popular decorre da manifestação mais violenta da doença, quando a bactéria atinge a corrente sanguínea, promovendo a acidez do sangue e a queda da pressão arterial. Dessa forma, há a falta oxigênio nos tecidos, provocando o enegrecimento do enfermo, por isso, “Peste Negra”. Finalmente, através do sangue poderia atingir os pulmões, fazendo-os cessar sua função, mas, antes disso, o indivíduo é acometido por tosses, as quais espalhavam a doença para as pessoas no entorno. Diante disso, as principais formas de contágio eram por meio de ratos e pelo contato com pessoas contaminadas.

Nas cidades medievais, o germe encontrou seu ambiente ideal para propagação, pois, diferente das cidades romanas herdadas dos etruscos, essas eram locais com uma higiene precária e sem medidas de saneamento: a maioria das ruas eram estreitas, sem pavimentação, enlameadas nas épocas de chuva, as pessoas viviam aglomeradas dividindo cômodos em casas com pouca iluminação, muito úmidas, cheias de ratos, ainda mais se fossem famílias pobres. Tem-se com isso a

[14] Durante os anos em que a Peste Negra fez seus maiores estragos a Europa vivia um século de crise generalizada, que ficou conhecido como “Crise do Século XIV”. A peste foi mais um elemento de potencialização da situação de vida degradada. Também sobre tal crise, ler Pirenne, 1965.

combinação ideal para a disseminação de inúmeras doenças, entre elas a peste negra.

O caminho percorrido pela enfermidade foi do sul da Europa, na região do Mediterrâneo, para a Península Ibérica, passando pela França, Inglaterra, chegando ao norte do continente e depois ao leste, até a Rússia. Esse caminho equivalia a rotas comerciais e a disseminação foi veloz, causando um medo generalizado por onde passava e naqueles que viviam à sua espera. As pessoas ainda não suspeitavam que ratos eram vetores, nem que juntar-se a um ente querido no seu leito de morte também o era.

Inicialmente, houve a negação da doença. Foram criados falsos diagnósticos, os estragos causados por ela e os números oficiais de mortos foram minimizados, promovendo um maior descontrole e uma maior disseminação da enfermidade. Diante da ausência de controle da situação, negar o que estava diante dos olhos era constante, não nomear a moléstia era uma maneira de não lidar com o medo. Ademais, havia o fator econômico, pois admitir a situação provocava a queda ou até paralisação do comércio devido à quarentena que seria então declarada.[15] As ruas ficavam desertas, o medo do outro se instalava e levava ao caos econômico, que era evitado pelas autoridades políticas e pelos agentes comerciais. Negar os fatos é um denominador comum na epidemia do Cólera, no século XIX, e na Gripe Espanhola, no século XX — que veremos mais adiante. Delumeau (2020) afirma:

> Quando aparece o perigo do contágio, de início, procura-se não vê-lo. [...] As crônicas relativas às pestes ressaltam a frequente negligência das autoridades em tomar medidas que a iminência do perigo impunha [...] Por certo, encontram-se em tal atitude justificativas razoáveis: pretendia-se não assustar a população — daí as múltiplas interdições de luto no começo das epidemias — e sobretudo não interromper as relações econômicas com o exterior [...] existiam certamente razões menos conscientes: o medo legítimo da peste levava a retardar pelo maior tempo possível o momento em que seria encarada de frente (Delumeau, 2020, p. 170).

A Igreja Católica justificava a causa da doença como um castigo divino diante da humanidade pecadora, assim explicava sua origem e disseminava “as maneiras” de se evitar o mal.[16] Por isso, penitências, cultos, sermões e devoções a santos foram

[15] Segundo Ujvari (2020b), a prática da quarentena surgiu na cidade de Veneza. As embarcações que chegavam em seu porto deveriam ficar isoladas durante quarenta dias para só depois haver o desembarque. A escolha da quantidade de dias se deve à influência da religião cristã, pois há diversas passagens na Bíblia que possuem essa duração em dias ou anos. (Ujvari, 2020b).

[16] Para se aprofundar a respeito da formação da Cristandade e da hegemonia da Igreja Católica em todas as esferas que remontam ao mundo medieval, ler Le Goff, 2016.

algumas formas encontradas para tentar acabar com a peste. Nas universidades[17], os estudiosos defendiam, ancorados pela teoria de Hipócrates a respeito dos miasmas, que estes seriam os responsáveis pela transmissão e se encontravam no ar, sendo provenientes de conjunções celestes. (Ujvari, 2020b; Delumeau, 2020). Outras maneiras de tentar conter o mal eram a utilização de máscaras, fogueiras que barrariam o ar fétido, enterros rápidos, uso de substâncias aromatizantes, isolamento dos indivíduos doentes e limpeza de casas, estabelecimentos comerciais, oficinas e ruas.

Uma prática comum em momentos de crise e medo generalizado é buscar os culpados. Em tais momentos, preconceitos são aflorados, e diante do caos provocado pela Peste Bubônica não foi diferente. Os "eleitos" foram os judeus, que já eram perseguidos e viviam segregados, e com a potencialização dessas práticas, muitos foram julgados e queimados. Cristãos justificaram a "punição divina" por terem aceitado a existência das comunidades judaicas nos lugares em que viviam. O Papa chegou a condenar as perseguições, mas isso não foi suficiente. Delumeau (2020) escreve que a peste trouxe:

> [...] interrupção das atividades familiares, silêncio da cidade, solidão na doença, anonimato na morte, abolição dos ritos coletivos de alegria e de tristeza: todas essas rupturas brutais com os usos cotidianos eram acompanhadas de uma impossibilidade radical de conceber projetos de futuro [...] (Delumeau, 2020, p. 180).

Portanto, criou-se um trauma coletivo nos sobreviventes. As pessoas conviveram em um clima de medo geral durante anos diante do possível retorno da enfermidade. A suspensão do cotidiano provocou tanto a solidão quanto a busca por vivenciar situações extremas, sem as amarras morais: gozar o máximo possível, pois a época da peste acompanhou a ausência de perspectivas de futuro, e só se enxergava o medo iminente da morte.

[17] O surgimento das universidades durante a Idade Média é objeto de análise de Jacques Verger. (Verger, 2001).

1.5 A invasão microbiana no Novo Mundo

Enquanto a população europeia vivia com o medo da peste, a partir do século XV as fronteiras mundiais começaram a ser expandidas por meio das navegações organizadas pelos Estados Europeus. Eram encabeçadas por Portugal e Espanha, que buscavam novas rotas comerciais rumo às Índias, a fim de obter as tão caras especiarias. Desse processo, uma extensão de terra continental entrou na rota europeia e foi foco de empreendimentos colonizadores no final do século XV: a América.[18]

A chegada de Cristóvão Colombo à Ilha de Hispaniola, em 1492, colocou um continente, que até então estava isolado, em contato com os europeus, que iniciaram um processo de conquista e posterior colonização, marcando um dos maiores espólios da história da humanidade.

A conquista do chamado "Novo Mundo"[19] se iniciou com os espanhóis e não foi fruto apenas de armas: microrganismos foram responsáveis pela propagação de epidemias que dizimaram populações nativas e contribuíram intensamente para o domínio europeu. A mortalidade dos povos americanos foi maior em decorrência dos germes trazidos do que das armas, pois eles não possuíam anticorpos para os novos agentes microbianos. Sobre isso, Diamond (1997) escreve:

> Os principais assassinos foram os germes do Velho Mundo, aos quais os índios jamais haviam sido expostos e contra os quais não tinham resistência imunológica nem genética. Varíola, sarampo, gripe e tifo disputavam o primeiro lugar entre os maiores assassinos. Como se esses não bastassem, difteria, malária, caxumba, coqueluche, peste, tuberculose e febre amarela vinham logo atrás (Diamond, 1997, p. 204).

Alguns exemplos adiante nos ajudarão a exemplificar a citação acima. Não há certeza da quantidade de pessoas que viviam na América antes da chegada dos conquistadores, devido à falta de fontes — muitas delas foram destruídas pelos europeus. Acredita-se que o continente americano possuía uma população elevada, com números parecidos com a europeia. Abrigava diferentes povos que viviam de maneiras distintas, possuiam cosmogonias próprias, organizações políticas, econômicas e sociais diversas. Havia desde povos que centralizavam sua

[18] Sobre o tema, ler Todorov (2016).
[19] Para se aprofundar na conquista e colonização da América é indicada Bethell, 2012.

administração, como astecas, maias e incas[20], até populações que viviam de maneira descentralizada, como os tupinambás.

A parcela do continente que ficou sob domínio espanhol abrigava os impérios citados anteriormente: à exceção dos maias, que viviam um período de declínio anterior à chegada dos europeus, astecas e incas viviam momentos áureos. A conquista dos astecas, localizados na região do México, foi liderada por Hernán Cortés. Além da conquista bélica, o espanhol foi auxiliado pela disseminação da varíola, a qual chegou na região por meio de um escravizado proveniente da ilha de Cuba. O vírus matou quase metade da população, incluindo seu imperador. Um processo de conquista semelhante se deu no império Inca, no território andino, onde Francisco Pizarro, líder do violento projeto, teve o auxílio do sarampo que dizimou grande parte da população e, igualmente, seu imperador.

Já a região dominada pelos portugueses, o Brasil, também passou por uma série de epidemias que matou grande parte da população nativa, assim como na América do Norte. Outro fator de destaque é que muitas vezes os germes trazidos pelos europeus adentraram o interior do continente antes deles, facilitando a sua posterior inserção e conquista. A exemplo da área sudeste dos Estados Unidos, quando Hernan Soto, líder da empreitada, chegou à região encontrando-a destruída pelas moléstias que acometeram os indígenas habitantes do litoral que tiveram contato com europeus. Tal processo provocou o sumiço de aldeias inteiras.

Cerca de 95% dos indígenas foram mortos durante os primeiros séculos de colonização. As trocas de germes foram unilaterais, pois não existiu nada parecido do lado do colonizador. Diamond (1997) levanta um conjunto de fatores para explicar tal desigualdade: a possibilidade das aglomerações no velho continente terem surgido antes; os maiores centros populacionais na América (Mississipi, Mesoamérica e Andes) não estarem interligados por rotas que possibilitassem um trânsito de pessoas, como na Europa; as doenças que assolam multidões serem provenientes de animais eurasianos, muitas vezes, domésticos, sendo que na América quase não havia animais domesticados e material de animal selvagem primordial era escasso. (Diamond, 1997).

[20] Para se aprofundar no assunto, ler: Bethell, 2012.

Outras regiões no globo foram acometidas e tiveram suas populações dizimadas pelos projetos colonizadores dos habitantes do Velho Mundo. Isso não foi um processo exclusivo da América: as Ilhas do Pacífico, a Austrália e a África Meridional também foram locais tomados pelas enfermidades exógenas, que desestruturaram os modos de viver das populações locais e facilitaram a dominação europeia. Porém, a Ásia tropical, parte do continente africano, a Indonésia e a Nova Guiné foram regiões que, diferentemente do Novo Mundo, já eram tomadas por epidemias. Nesses locais, a invasão dos europeus provocou nos intrusos outras doenças, com as quais nunca haviam entrado em contato, como malária, cólera e febre amarela. Isso dificultou a execução dos seus planos, e também aumentou o leque de enfermidades disseminadas pelos colonizadores em outras regiões, como o continente americano.

Temos, talvez, uma exceção, a sífilis, ainda objeto de controvérsias. Há relatos históricos sobre a difusão da enfermidade do Novo Mundo para a Europa a partir do retorno das primeiras embarcações da expedição de Colombo. O comandante de uma das naus manifestou durante a viagem sintomas de uma doença que possui as características da sífilis, que teria sido contraída após relações sexuais com uma indígena em Hispaniola. A doença acabou se espalhando de Barcelona para outras cidades portuárias da Espanha e da Itália. Já nas viagens seguintes dos espanhóis, relatos dizem que a moléstia já estava amplamente disseminada na ilha americana. Nesse caso os colonizadores foram acometidos por uma nova doença, ou seja, não foram os disseminadores de novos germes. (Ujvari, 2020b).

Diante da maneira como é transmitida, a sífilis foi associada à promiscuidade, criando uma série de preconceitos e estigmas àqueles que a contraíam. Cabe ressaltar, inclusive, que um dos locais de disseminação eram os prostíbulos, aceitos nas cidades ainda que as mulheres que vivessem ali sofressem uma grande marginalização social. A entrada da sífilis no interior do continente se deu por meio de guerras no final do século XV, travadas entre França e Espanha. Muitas vezes, a doença foi associada a um castigo enviado por Deus, devido à imoralidade presente no mundo. Ademais, nesse período a Europa vivia a Reforma Protestante e a Contrarreforma que aumentaram o caráter moralizador e desencadearam a perseguição às prostitutas.

Outros indícios que demonstram a possibilidade de a sífilis ter se espalhado pela Europa em decorrência do contato com a América são originários da arqueologia. Deformações ósseas que são características da enfermidade podem ser observadas em esqueletos de indígenas nativos de antes da entrada do europeu no Novo Mundo. Além disso, ainda não se encontrou ossos de europeus com tais deformações que datem de período anterior ao seu contato com a América.

1.6 Uma descoberta revolucionária: A vacina

Para contarmos a história da primeira vacina precisamos abordar uma doença que se manifesta desde a Antiguidade: a varíola. Originária do Oriente, chegou à Europa pelas rotas criadas durante o Império Romano e ali ganhou seu nome. A sua denominação é proveniente do latim "*vari*" que significa "erupção de botões", já "*varius*" expressa "indivíduos com o rosto recoberto de manchas", ressaltando uma das marcas deixadas pela moléstia nos sobreviventes. Durante muito tempo, foi a principal causa da mortalidade de crianças e carregava uma taxa geral que ficava entre 20 e 40% de letalidade. Alguns dos sintomas são febre e o surgimento das bolhas purulentas. Nesse sentido, os curados eram marcados por toda a vida pelas cicatrizes na pele e até poderiam ficar cegos, pois as lesões poderiam ocorrer nos olhos. Ademais, a enfermidade foi altamente disseminada na América a partir da colonização diante da ausência de anticorpos nos nativos.

No século XVIII, médicos e cientistas ingleses entraram em contato com um método de prevenção da varíola utilizado pelos chineses por volta do ano 1000 E.C., no qual: "[...] retiravam as crostas das lesões cutâneas dos pacientes em convalescença, reduziam-nas a pó por maceração, que então era assoprado através de bambus nas narinas das crianças, fazendo com que estas ficassem protegidas." (Ujvari, 2020b, p. 106).

Os turcos empregavam um método parecido, ambos são a base do funcionamento das vacinas atuais. Na época, foi chamado de "variolização"[21], mas não era amplamente utilizado, pois suscitava diversos questionamentos e

[21] Para se aprofundar a respeito do método, ler Ujvari, 2020b.

desconfianças. A Igreja Católica condenava o uso, pois via a manifestação da doença como um castigo divino, logo, o homem estaria interferindo em uma decisão tomada por Deus. Porém, em meados do século XVIII a Inglaterra ainda enfrentava uma epidemia catastrófica. Diante do caos vivido, houve a tentativa de conter a proliferação da doença por meio da variolização, que por fim foi bem-sucedida.

A primeira vacina surgiu no interior da Inglaterra, em uma área de criação de bois. Uma das doenças que os animais poderiam sofrer era a varíola bovina, porém, o contágio em humanos ocorria apenas nas mulheres que ordenhavam as vacas doentes. Essas mulheres adquiriam pequenas lesões nas mãos, que rapidamente cicatrizavam. Os ingleses observaram que aquelas que entravam em contato com a varíola dos bois posteriormente não eram acometidas pela varíola humana, ou seja, elas criavam uma imunidade devido ao contato anterior com a varíola bovina. Após várias discussões e estudos no meio científico, o médico Edward Jenner (1749-1823) realizou experimentos em seu filho e em duas empregadas que trabalhavam na sua região, inoculando o pus que havia nas lesões das mãos da babá do seu filho, que estava com a varíola animal. Nenhum deles contraiu a varíola. Diante disso, o médico realizou o teste em mais pessoas, obtendo uma prova prática.

Seus resultados foram inicialmente rejeitados, mas ele analisou e relatou a experiência em um livro, onde, ao referir-se à vaca, utilizou o termo de origem latina "*vaccina*", surgindo daí o nome utilizado até os dias atuais. Posteriormente, a vacina passou a ganhar mais adeptos, sendo amplamente utilizada no mundo, ainda que encontre resistência de alguns grupos até a atualidade. A vacinação em massa promoveu a erradicação da varíola a partir da década de 1970.

1.7 Trens, barcos a vapor e epidemias

A partir da segunda metade do século XIX, países europeus e os Estados Unidos passaram por um intenso processo de industrialização e urbanização, quando as cidades modificaram suas configurações.[22] O período foi marcado por um intenso êxodo rural, provocando o crescimento desenfreado e caótico dos centros urbanos[23].

[22] Sobre as transformações vividas na Europa e nos Estados Unidos, ler Hobsbawm, 2012; 2016.
[23] Sobre a formação das metrópoles no século XIX, ver Bresciani, 1985.

Junto a isso, problemas antigos adquiriram uma nova dimensão, como falta de habitações adequadas, ausência de rede de esgoto e remoção de lixo.

Dessa forma, formou-se um cenário fecundo para a ocorrência de epidemias. Uma série de doenças eram frequentes e acometiam principalmente a população mais pobre devido à precariedade material em que se encontravam. As moléstias adquiriram um impacto maior em razão do número crescente de habitantes dos centros urbanos. Além disso, as mudanças nos meios de transporte — como a introdução das ferrovias e dos barcos a vapor — trouxeram uma propagação dos microrganismos de maneira mais veloz, fato inédito na história do Ocidente.

Perante as grandes mudanças vividas, uma epidemia antes restrita à Índia atingiu diversas regiões do mundo: a cólera. Essa é uma doença bacteriana caracterizada por uma forte diarreia que leva à desidratação, à queda da pressão, e por fim, à paralisação dos rins, podendo chegar ao óbito. A transmissão ocorre por meio do contato com as fezes de pessoas contaminadas. É uma enfermidade de rápida manifestação: o enfermo recupera-se ou falece rapidamente. Consequentemente, os longos trajetos do Oriente para o Ocidente, seja via terrestre, seja via marítima, impediam a chegada da moléstia às regiões mais distantes do rio Ganges.

O cenário mudou a partir do século XIX, pois as viagens passaram a ser mais rápidas, assim, uma pessoa doente poderia levar os germes a lugares mais remotos. Por conseguinte, a Europa, o Oriente Médio, o norte da África e a América passaram a conviver com um novo microrganismo altamente devastador. Outro catalisador foi a chegada da bactéria às cidades industriais, sobretudo aos precários bairros operários, locais em que a cólera causou um enorme pânico e deixou um grande rastro de destruição.

Segundo o infectologista Ujvari (2020b), acredita-se que durante uma das epidemias ocorridas no Reino Unido durante a década de 1830, cerca de trinta mil pessoas morreram, sendo a maior parte delas pobres. Naquele período não se sabia como a moléstia era transmitida e diversos tratamentos foram criados sem nenhum tipo de comprovação científica. Com os avanços na Ciência em andamento na época, os cientistas descobriram que os microrganismos eram responsáveis por inúmeras doenças. (Ujvari, 2020b).

A teoria dos miasmas ainda era predominante nos meios científicos, com isso em vista, a imundície das cidades seria a provocadora da doença devido à emanação de seus venenos. Destarte, na Inglaterra o foco estava no combate aos gases fétidos por meio da limpeza das vias públicas, drenagem de alagamentos, criação de um sistema de esgotos e coleta de lixo. Ainda não se sabia que a origem estava na água contaminada que a população ingeria. O médico John Snow (1813-1858) realizou a descoberta: ele interrompeu a fonte de água contaminada, o que promoveu o fim da disseminação. Mesmo assim, Snow enfrentou uma grande resistência em razão da popularidade da teoria dos miasmas. A maior parte da comunidade científica não aderiu aos seus estudos, mas foi um importante passo para a queda da teoria miasmática.

Os passos paradigmáticos foram dados por dois cientistas: o alemão Robert Koch (1843-1910) e o francês Louis Pasteur (1822-1895). O primeiro foi responsável pela descoberta de que as epidemias vividas ao longo do século XIX eram causadas por microrganismos. Isso se deu a partir da visualização, inédita, da bactéria causadora da tuberculose. O segundo, por sua vez, chegou à conclusão de que a transmissão de doenças ocorria entre os seres vivos, o que alterou definitivamente a maneira de lidar com o assunto. Nessa perspectiva, o médico Ujvari (2020b) salienta:

> Os trabalhos de Pasteur e Koch foram somatórios, esclarecendo pela primeira vez, por meio do anthrax bovino, o agente causador, o mecanismo de transmissão da doença e as medidas profiláticas. Estavam abertas as portas para a aceitação definitiva dos agentes infecciosos como causadores das doenças. Os miasmas, com o tempo, seriam esquecidos pelo meio científico (UJVARI, 2020b, p. 152).

Outra importante descoberta dos cientistas foi a transmissão da tuberculose pela tosse, uma moléstia que acompanha a história do continente europeu há tempos.[24] Ante os ambientes insalubres característicos das cidades industriais do período, a doença teve seu ápice de mortalidade no século XIX, contexto que possibilitou aos estudiosos concentrar parte de seus estudos na busca por respostas a essa questão.

[24] Sobre a tuberculose: Ujvari, 2020b, p. 124-125.

1.8 Epidemias no Império dos Trópicos

Ao longo do século XIX, o Brasil passou por uma série de mudanças[32] políticas, econômicas, sociais e culturais atreladas à transferência da Corte Portuguesa, em 1808, e culminando no processo de independência e na instauração de um império, comandado pela dinastia Bragança. Nesse cenário, houve um aumento populacional e o crescimento de diversas províncias, mas, principalmente, da cidade do Rio de Janeiro, que passou a ser a capital imperial, tornando-se o centro das transformações observadas.[25] O porto da cidade era a principal área de desembarque de mercadorias, de pessoas e, consequentemente, de microrganismos.

Ainda nesse século, o número de escravizados aumentou com a chegada de negras e negros africanos trazidos para as Américas, principalmente para o Brasil. Esses indivíduos vieram em condições desumanas, muitos morrendo durante a viagem, daí a designação dos navios como “tumbeiros”. Africanos chegavam ao continente americano aglomerados em porões, passando fome, sede, dividindo espaço com ratos. Portanto, eram ambientes de proliferação de doenças como o sarampo e a varíola, mas as enfermidades diarreicas eram preponderantes devido à sua transmissão por meio da ingestão de alimentos e água contaminados.

Uma das moléstias observadas durante o tráfico de escravizados foi a febre amarela, que chegou às Américas no século XVII, e disseminou-se em terras brasileiras no XIX. A primeira epidemia que assolou o país foi trazida por um navio proveniente de Nova Orleans, desembarcando na Bahia e no Rio de Janeiro. No verão do ano de 1850, a capital foi assombrada pela doença, que encontrou as condições necessárias para se instalar e espalhar: aglomerações humanas, ausência de sistema de esgotos e de tratamento de água, calor e uma grande quantidade do vetor transmissor, o mosquito *Aedes Aegypti*.

Outro fator de disseminação de epidemias foi a instalação das ferrovias a partir de meados do século XIX, pois passaram a transportar rapidamente os enfermos do litoral para o interior do território. Estima-se que a febre amarela matou entre dez e quinze mil pessoas, ainda que os números oficiais tenham sido muito menores, pouco mais de quatro mil casos. A primeira atitude governamental foi negar a catástrofe que

[25] A respeito das transformações mencionadas, ver Costa, 2010a.

se desenhava, subnotificando a quantidade de casos, o que contribuiu ainda mais com a disseminação da enfermidade.

A doença instalou-se no país e tornou-se endêmica. Diante disso, as camadas mais ricas da população da capital deixavam a cidade durante o verão — período de maior transmissão da moléstia — para se abrigarem na região serrana de Petrópolis, protegendo-se assim e deixando as camadas populares à mercê da doença. Na tentativa de a controlar, a Corte Imperial criou um órgão para executar medidas de contenção da febre amarela e de outras moléstias — a "Junta Central de Hygiene Publica" —, adepto da principal teoria em vigor na época: a dos miasmas. Assim, a Corte passou a desenvolver um plano para destruir as fontes causadoras dos miasmas, trazendo consigo uma série de preconceitos, já que as associou às populações mais pobres.

Concomitantemente, parte da população via a doença como um castigo divino, associando-a a uma penalidade dada aos defensores do tráfico de escravizados, já que os brancos eram os que mais morriam. Atualmente, sabemos que a doença é originária do continente africano, por isso, muitos africanos já haviam entrado em contato com os germes causadores, tendo imunidade, enquanto os brancos não.

Com o processo de abolição da escravatura[26] houve uma substituição de mão de obra, principalmente nas lavouras de café. O país vivia o crescimento e, em seguida, o auge da economia cafeeira, demandando braços para trabalhar nas lavouras. Com o objetivo eugenista de "embranquecer" a população brasileira[27], a elite cafeeira "optou" pelo imigrante europeu, que chegava ao país acreditando na melhoria de vida, mas encontrava seu pior pesadelo: a grande exploração do seu trabalho e também a febre amarela. Então, medidas sanitárias passaram a ser amplamente pensadas e concretizadas a partir do final do século XIX.

Ao contagiar grande parte dos imigrantes, a moléstia tornou-se uma questão política, pois passou a afetar economicamente a elite do país. Logo um plano de combate foi traçado e rapidamente se associou aos preconceitos presentes na sociedade em relação à população mais pobre.

[26] Ver Costa, 2008.
[27] Sobre o assunto, ler Schwarcz, 2017.

O historiador Sidney Chalhoub (2020) analisa de maneira muito perspicaz o período e comenta:

> [...] o que estava ocorrendo na década de 1870 era que a febre amarela, com os infalíveis estragos que provocava entre os imigrantes recentes, passou a ser percebida com um empecilho à ideia dos cafeicultores de “suavizar” — por assim dizer — a transição do trabalho escravo para o trabalho “livre” por meio da imigração europeia. A destruição dos cortiços fizera-se então indispensável, [...] porque na imaginação de políticos e higienistas do período essas habitações estavam irremediavelmente associadas a imigrantes morrendo de febre amarela. [...] os cortiços supostamente auferiram à capital do Império — e seu principal porto de entrada — a reputação de cidade pestífera, desencorajando assim que os europeus imigrantes em potencial decidissem “fazer a América” no Brasil (Chalhoub, 2020, p. 104).

A partir do trecho citado, podemos salientar alguns pontos importantes. A febre amarela tornou-se a principal pauta das políticas de saúde pública por afetar economicamente os cafeicultores e também por colocar em risco o projeto racista de embranquecimento da população, já que os europeus tinham medo de imigrar para o Brasil e morrer da moléstia. Diante disso, uma das diretrizes para conter a doença foi a derrubada dos cortiços, habitações coletivas que existiam na região central da capital e que abrigavam a população marginalizada, esta que não possuia condições de viver em uma habitação salubre. Tal política teve seu auge na República, no início do século XX.

Naquele momento, a teoria dos miasmas foi utilizada como justificativa para retirar a população mais pobre do centro da capital por meio da derrubada dos cortiços e alargamento de avenidas. O encarecimento das moradias centrais relegou os pobres a viver nos morros, retirando as epidemias do centro da cidade e levando-as para as margens. A demolição do maior cortiço da cidade, o Cabeça de Porco, onde cerca de quatro mil pessoas viviam no período, foi o marco inicial e simbólico do novo momento experienciado na capital. Ainda segundo Chalhoub (2020):

> A destruição do Cabeça de Porco marcou o fim de uma era, pois dramatizou, como nenhum outro evento, o processo em andamento de erradicação dos cortiços cariocas. [...] Com efeito, trata-se de algo inesquecível: nem bem se anunciava o fim da era dos cortiços e a cidade do Rio já entrava nos séculos das favelas (Chalhoub, 2020, p. 20).

A derrubada das habitações populares do centro da capital fez parte de um projeto caracterizado na época como “civilizador”, pois, imbuídas pelo positivismo, as elites dirigentes acreditavam que o Brasil deveria abandonar suas práticas arcaicas e enveredar pelo caminho do progresso, pautado no modelo europeu de civilização. O próprio Império foi visto como sinônimo de atraso, e a República como o caminho

inevitável dos trilhos do progresso. Por isso, a implantação da República, a partir de 1889, trouxe um projeto civilizacional racista que seria colocado em prática no início do século XX.

Ao mesmo tempo, outra epidemia amedrontou o país alguns anos após o primeiro surto de febre amarela: a cólera, que já assombrava a Europa e fincou então seus germes no Brasil, espalhando-se pelo litoral em 1855. Manifestou-se primeiramente na província do Pará e a partir de lá percorreu os caminhos terrestres por meio das pessoas infectadas que contaminavam a água e os alimentos, mas, também pela via marítima, agora transportada velozmente pelos navios a vapor, chegando ao Rio de Janeiro e a Salvador.

Ademais, assim como diversas epidemias, encontrou um cenário potencializador perante as condições precárias em que vivia a maior parte da população. As medidas sanitárias tomadas pelas autoridades também estavam, como as medidas referentes à febre amarela, ligadas à contenção dos miasmas e não ao contágio entre as pessoas, fazendo com que a parcela mais vulnerável dos indivíduos fosse a mais afetada. Sobre isso, o infectologista Ujvari (2020b) destaca:

> Se a febre amarela poupava os negros e acometia principalmente os brancos e imigrantes europeus, com a cólera ocorria o contrário: a população que vivia em condições insalubres, negros e pardos era mais atingida, apresentando taxa de mortalidade maior (Ujvari, 2020b, p.185).

Dessa forma, a atuação das autoridades em relação à cólera foi diferente, pois era uma doença que acometia principalmente os pobres, em sua maioria negros e pardos. O racismo mostrou-se na negligência dos meios sanitários, que deixaram a contenção da cólera em segundo plano, focalizando na erradicação da febre amarela para que, assim, o imigrante europeu viesse para o país, tornasse-o mais branco e a economia do café não fosse prejudicada.

1.9 A quem os louros do progresso?

A queda do Império e a implantação da República[35] ocorreram no final do século XIX, em 1889. O regime republicano não alterou o cotidiano de uma parcela da população, pois essa continuou marginalizada social, econômica e politicamente.[28] Enquanto que, para as classes mais ricas, tais mudanças foram recebidas como um sinal de que o país entrava no caminho do progresso, pois estava "se civilizando". A partir dessa visão, o Brasil deveria abandonar sua herança agrária. As cidades tornavam-se símbolos do avanço, logo, a configuração da capital — a cidade do Rio de Janeiro — não era condizente.

O país adentrou o início do século sendo foco de diversas doenças epidêmicas — febre amarela, varíola, difteria, sarampo, tuberculose, cólera... — que atingiam todo o território, mas, principalmente, os centros urbanos que estavam em expansão. Por conseguinte, a capital do país se configurava como símbolo das moléstias, sendo apelidada pelos viajantes internacionais de "túmulo dos estrangeiros". Dessa forma, o presidente eleito em 1902, Rodrigues Alves, assumiu o cargo tendo como objetivo a modernização do porto do Rio de Janeiro, já que sua estrutura não era adequada aos grandes fluxos de mercadorias e de pessoas que recebia. Mais que isso: a própria configuração da capital seria foco da sua administração. A respeito disso o historiador Nicolau Sevcenko (2010) afirma:

> [....] a cidade, com o desenho e proporções coloniais, não era mais compatível com a função de grande metrópole que a atividade febril do porto lhe impingira. E de nada adiantaria reformar, ampliar e modernizar o porto, se a cidade continuasse tolhendo a possibilidade de movimentação das mercadorias com rapidez, desembaraço e em grande volume. Ou seja, o projeto de melhoramento do porto era indissociável de um outro, muito mais ambicioso, mais drástico e de terríveis consequências sociais: o de remodelação urbana do Rio de Janeiro (Sevcenko, 2010, p. 62-63).

Porém, para empreender o projeto modernizador era necessário combater as doenças que o centro da capital abrigava. Por isso, uma política sanitarista constituiu a outra base da empreitada presidencial, que escolheu o prefeito Pereira Passos para realizar a reforma da cidade. Este último chamou o famoso médico sanitarista Oswaldo Cruz para conter as enfermidades e sanear a capital. O audacioso

[28] A respeito do fim do Império, implantação da República, e positivismo, ler Carvalho, 2017. Já sobre a questão da cidadania na Primeira República, ler Carvalho, 2015.

plano remodelador deu origem a uma das principais revoltas da Primeira República: a Revolta da Vacina[29].

A lógica de circulação das mercadorias foi o fio condutor da reforma, assim, foi empreendida uma série de demolições no entorno do porto, ignorando as populações que viviam ali. Ademais, no meio do caminho, havia uma série de habitações populares, os famosos e indesejados cortiços, os quais foram demolidos para dar lugar a uma nova capital que teve como modelo a cidade de Paris. A destruição dos cortiços fazia parte da erradicação, já que os ambientes insalubres favoreciam a proliferação das enfermidades. As pessoas foram despejadas de maneira brusca, violenta e sem qualquer amparo social. Por isso, o plano do prefeito ficou popularmente conhecido como o “bota-abaixo de Pereira Passos”. Todavia, isso não foi aceito passivamente e teve como resposta uma revolta social contra a truculência do andamento do projeto, revolta esta potencializada pelas medidas de controle sanitário empregadas pelo governo.

Uma das incumbências de Oswaldo Cruz foi a erradicação da febre amarela e a contenção da varíola — as moléstias que mais dizimavam vidas na época. Além disso, no ano de 1904, a cidade vivia um surto de varíola, doença para a qual já havia vacina. Logo, uma das estratégias de Cruz foi vacinar a população. Porém, as mudanças ocorridas na cidade, somadas às medidas sanitaristas, tendo como auge a vacinação, foram responsáveis pela eclosão de uma insurreição realizada pelas camadas mais pobres, que se negavam a tomar a vacina. A cidade foi palco de uma guerra civil[30] que durou alguns dias e foi marcada por uma grande resistência do povo, que não sucumbiu mesmo diante da violência empregada pelas forças do governo.

Setores de oposição ao governo utilizaram a falta de informações — bem como a disseminação de informações falsas — para acirrar ainda mais o tumulto que já estava formado. As principais questões relacionadas à negativa quanto à vacina foram: ausência de uma campanha governamental de explicação a respeito da mesma — o que é, como funciona, e sua importância; descaso com as condições de aplicação e materiais adequados para tal; falta de funcionários confiáveis e competentes. A vacinação se deu à revelia dessas questões, sendo isso o estopim

[29] Sobre a Revolta da Vacina, ler Sevcenko, 2010.
[30] O historiador Nicolau Sevcenko, em seu livro *Revolta da Vacina* (2010), citado na nota anterior, aborda com detalhes os dias de guerra civil por meio de notícias de jornal.

para a revolta. Após dias de resistência por parte dos revoltosos, as forças do governo conseguiram dar cabo da insurreição e o projeto de reformulação da capital foi finalizado.

Ademais, Sevcenko (2010) afirma que o plano de reforma da capital sob seu véu modernizador escondia seu interesse político, o qual consistia em retirar do centro da capital as camadas populares, alargar as avenidas, asfaltar as ruas e ocupá-las com a burguesia, produzindo a ideia de uma capital organizada, limpa e sadia. O encarecimento da vida no centro gerado pela remodelação expulsou os indesejados para a periferia da cidade e, com eles, as enfermidades, como já dito. Esses continuaram a viver em condições precárias, em habitações impróprias. Conclui o historiador: “Para essa espécie de periferia insalubre é que iriam se transferir as doenças e endemias expulsas, junto com os humildes, do Centro da cidade destinado a tornar-se sadio, ordeiro, asseado e exclusivamente burguês” (Sevcenko, 2010, p. 88).

Portanto, os planos modernizadores não eram democráticos. O progresso encabeçado pelos dirigentes da Nação eram destinados a uma pequena parcela mais rica, enquanto grande parte continuou vivendo de maneira marginal e morrendo das epidemias que existiam. Contanto que não aos olhos daqueles que frequentavam as regiões centrais.

1.10 Guerras e pandemias: Catátrofes do século XX

O início do século XX se abriu com as disputas coloniais entre os países do continente europeu, Estados Unidos e Japão. A corrida armamentista prenunciou que uma guerra seria inevitável, as alternativas foram buscar conter ou postergar o que parecia impossível. A Primeira Guerra Mundial, para o historiador Eric Hobsbawm (2014), inaugurou o século XX e seu impacto foi gigantesco.[31] Nessa perspectiva, o final da guerra foi marcado por uma destruição ainda maior devido a um vírus, que encontrou nos *fronts* um local perfeito para a sua disseminação. (Hobsbawn, 2014).

[31] Para se aprofundar no contexto abordado, ler Hobsbawm, 2014.

A Gripe Espanhola assolou o mundo todo, tornou-se uma pandemia que solapou muitas vidas. Segundo John M. Barry, em seu importante estudo sobre a enfermidade denominado *A Grande Gripe* (2020), as estimativas mais baixas afirmam que a pandemia gerou cerca de 21 milhões de mortes. Contudo, estudos mais recentes defendem que a gripe matou ao menos 50 milhões de pessoas, levando mais vidas do que a Grande Guerra. A Espanhola marcou o primeiro grande limite para a Ciência moderna, que cada vez mais ganhava força ao longo do século XIX e levou muitos a pensar que a humanidade vivia o seu ápice de desenvolvimento, sendo capaz de controlar a natureza. Porém, o ano de 1918 deu a primeira grande rasteira a partir de um vírus impossível de ser visualizado sem um microscópio. (Barry, 2020).

Acredita-se que a Gripe Espanhola chegou ao Brasil em setembro de 1918. Trazida pelo navio Demerara, o qual aportou em Recife, na Bahia e no Rio de Janeiro. A moléstia não encontrou nenhuma dificuldade em se instalar no país, pois mesmo as autoridades brasileiras estando cientes de que o navio carregava enfermos, não tomaram nenhuma medida de contenção. O inspetor sanitário do porto do Rio de Janeiro, Jaime Silvado, afirmava que não acreditava na existência de micróbios. Além do mais, ainda não havia um órgão nacional responsável pelas políticas de saúde, que ficavam a cargo dos Estados. Por fim, buscavam evitar a quarentena — como a de embarcações — para não prejudicar a economia e, assim, o apoio político.

Schwarz e Starling (2020) afirmam: “Fingir que uma epidemia não existe significa empurrar a economia à custa da população em risco” (Schwarz; Starling, 2020, p. 95). Foi o que aconteceu no país. Há relatos de que mesmo os políticos evitando medidas sanitárias impopulares, em Recife, por exemplo, a cidade precisou parar pois os trabalhadores estavam doentes. Logo, não havia mão de obra para rodar as engrenagens da economia cotidiana. Torna-se evidente, pois, o quanto a doença é mais nociva para as parcelas mais vulneráveis da população, uma vez que, como nos trazem as historiadoras:

> A maioria das vítimas provinha das camadas populares e daqueles grupos chamados de “indigentes” pelas autoridades. A pandemia escancarou, uma vez mais, a perversa desigualdade social brasileira. Mocambos, casebres, palafitas, favelas permaneciam invisíveis para os governantes. Condições insalubres, ausência de serviços básicos — água, esgoto, luz — e a falta de acesso à assistência hospitalar explicam o número maior de vítimas em meio à população carente (Schwarz; Starling, 2020, p. 66-67).

Embora as epidemias e pandemias sejam democráticas, no sentido de atingir todas as classes sociais, elas escancaram e potencializam a desigualdade social. A “bailarina da morte”, no Brasil, deixou seu rastro de destruição principalmente em relação aos mais vulneráveis.

A Espanhola legou ao Brasil e ao mundo uma trilha de morte, famílias em luto, um medo do desconhecido, de um possível retorno ou, indo além, do surgimento de uma enfermidade ainda pior. Apenas recentemente, a partir da coleta de material genético de cadáveres que morreram da moléstia, é que cientistas conseguiram identificar a linhagem do vírus: H1N1.[32] Outras epidemias de gripe de menor gravidade ocorreram ao longo do século, mas a linhagem causadora da pandemia mais mortífera da história da humanidade ainda circula, mesmo que não possua a virulência de outrora. A pandemia da Gripe Espanhola, no Brasil, será abordada em mais detalhes no Capítulo V.

1.11 Uma epidemia à espreita

No Zaire, em uma área próxima ao rio Ebola, em 1976, uma comunidade foi acometida por uma epidemia que causava febre, calafrios, dores de cabeça e nos músculos, diarreia, até chegar a sangramentos generalizados e os órgãos pararem de funcionar. A taxa de mortalidade chegou a 90%, porcentagem nunca vista até então. O país atingiu o número de 200 mortos em 2 meses. O mal avançou as fronteiras e chegou ao Sudão. E assim um novo vírus passou a assolar o continente africano. Foi denominado “Ebola” devido ao local onde se manifestou pela primeira vez e os cientistas não conseguiram descobrir a sua origem na época. A epidemia assombrou os dois países e desapareceu, deixando as pessoas de sobreaviso, já que um novo vírus estaria à espreita.

Após duas décadas, em 1995, o Ebola reapareceu no Zaire e continuou retornando esporadicamente, mas, segundo o infectologista Ujvari (2020b), atingia somente vilarejos e vilas em Uganda, Congo, Gabão e Sudão. Entretanto, em 2014, a epidemia assolou três países simultaneamente e causou um grande alarde

[32] Sobre as diferentes linhagens do vírus *Influenza*, ver Ujvari, 2020b.

internacional, diante da possibilidade de ela espalhar-se pelo mundo e tornar-se uma pandemia.

Pesquisadores acreditam que o vírus residia em morcegos e sofreu mutações, tornando-se capaz de infectar humanos. Atingiu, então, uma criança no interior da Guiné. Os cuidados com a criança, por parte dos parentes, possibilitou a transmissão da moléstia, que espalhou-se em seu vilarejo. A situação tornou-se mais alarmante com a ampliação do raio de disseminação, pois um enfermo viajou para uma cidade maior, levando consigo o vírus e transmitindo-o por meio de secreções e sangramentos. Na cidade, a epidemia explodiu ao encontrar um cenário de pobreza e uma região densamente povoada em decorrência da Guerra Civil, espalhando-se por todo o país.

Outro fator que contribui com a disseminação foi o hábito cultural de preparação do corpo para o ritual fúnebre. Segundo o médico:

> Cada cadáver infectava outros durante a cultura do preparo do corpo para o enterro. Amigos próximos e familiares do mesmo sexo se reuniam para preparos do funeral. Limpavam restos de vômitos, fezes, urina e sangue. Lavavam o corpo com as próprias mãos: se contaminavam. Ainda removiam os fetos das gestantes mortas para manter o círculo natural da morte. Vestiam o corpo que ainda permanecia horas reunido com familiares e amigos (Ujvari, 2020b, p. 293).

Rapidamente o vírus ultrapassou a fronteira da Guiné. Atingiu a Libéria e a Serra Leoa, encontrando populações miseráveis que quase não tinham acesso a hospitais. Uma grande parcela dos doentes não conseguia ir até os hospitais, morrendo em suas casas e transmitindo o vírus aos familiares e aos amigos. Ademais, os funerais continuavam sendo um dos principais meios de contaminação, pois ocorriam normalmente mesmo diante da proibição dos governos. Acredita-se que foram responsáveis por 60% dos casos na Guiné e 80% na Serra Leoa.

Diante da ausência de recursos materiais para conter a epidemia, os países contaram com ajuda internacional por meio da atuação dos Médicos Sem Fronteiras (MSF), Organizações Não Governamentais (ONG's) e uma missão enviada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Voos internacionais foram proibidos. O grande medo mundial era de que a epidemia ultrapassasse o continente africano. Até então, segundo Ujvari (2020b), existia de 1,5 a 3,7 profissionais de saúde para cada dez mil habitantes.

Os governos instituíram a quarentena e o *lockdown* na tentativa de conter o avanço do vírus, enfrentando uma grande resistência da população, que vivia de maneira informal, extremamente miserável e sem qualquer tipo de assistência financeira por parte do governo para poder sobreviver e realizar as medidas restritivas. A epidemia só chegou ao fim em 2015, atingiu os três países de maneira catastrófica, ceifando milhares de vidas e causando uma série de destruições e traumas à população.

1.12 AIDS: A pandemia mais longeva

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, mais conhecida pela sigla “AIDS”, é causada por um vírus originário do continente africano no século XX.[33] Decorreu de uma mutação viral oriunda de primatas que habitavam, inicialmente, as florestas de parte do Gabão e do Camarões. Ao longo do século XIX, a região foi explorada por meio da colonização europeia, desencadeando o desmatamento e o empobrecimento da população nativa. Em meados do século XX ocorreram as guerras pela independência das regiões, potencializando ainda mais a miserabilidade vivida por grande parte da sociedade. Uma das práticas que já existiam, mas foi ampliada devido à situação vivida, foi o consumo de carne de chimpanzés.

Caçadores entravam no interior da mata em busca dos animais, matavam-nos e entravam em contato com o seu sangue. Posteriormente, a carne era vendida em mercados locais, assim, comerciantes e consumidores entravam em contato com o sangue do animal morto. Portanto, poderiam se infectar com um vírus até então desconhecido por meio de ferimentos na pele. Acredita-se que o vírus alcançou a corrente sanguínea humana por volta da década de 1930 e adquiriu a capacidade de estar presente nas secreções sexuais. Por isso, uma maneira de ser transmitido entre humanos é por meio das relações sexuais.

A doença alastrou-se ao longo dos anos na região oeste do continente africano sem fazer alarde. Diversas mortes ocasionadas pelo vírus foram identificadas como outras mortandades muito presentes no local. Pobreza, guerras, prostituição,

[33] Para um aprofundamento no assunto, ler Falola; Heaton, 2007.

ausência de instrumentos e condições médicas adequadas contribuíram com a disseminação.

O vírus também atingiu outra região do continente, a da Guiné-Bissau — sendo posteriormente classificado como outro tipo de vírus —, e encontrou condições semelhantes às do oeste para a sua proliferação. Dali, espalhou-se para outros continentes, dando continuidade à sua transmissão silenciosa. Mas aí já era sabido que havia uma nova doença que provocava emagrecimento, diarreia e morte aos enfermos.

Foi somente na década de 1980 que o vírus foi decodificado, nomeado “HIV” — Vírus da Imunodeficiência Humana —, e adquiriu notoriedade mundial, pois, nos Estados Unidos, pacientes estavam morrendo. A causa era, supostamente, pneumonia, mas perceberam que as defesas imunológicas estavam enfraquecidas por algum agente infeccioso e era a partir dessa fragilidade que o paciente se adoentava de algo que a princípio não causaria a letalidade — por exemplo, pneumonia —, porém, com a imunidade já debilitada, acabava não resistindo.

A doença atingia principalmente homens homossexuais a partir de relações sexuais sem a utilização de preservativos. Dessa maneira, foi associada a uma série de preconceitos enraizados na sociedade que passaram a relacionar a AIDS aos comportamentos julgados moralmente como promíscuos e também escancarando o preconceito em relação à homossexualidade. Foi somente quando se alastrou pelos Estados Unidos e pela Europa que houve empenho e subsídios financeiros para buscar conhecer a nova doença e descobrir meios para a combater. Atualmente, é uma pandemia global que atinge cerca de quarenta milhões de pessoas. Embora ainda não haja uma cura, hoje alcançamos avanços significativos em prevenção, diagnóstico precoce e acesso universal a tratamentos.

Por fim, lembramos que a pandemia de Coronavírus, cujas repercussões ainda são vividas, e a da Gripe Espanhola, serão vistas com maior aprofundamento à frente neste trabalho, em capítulos específicos.

II

PONTO DE INTERSECÇÃO: ONDE TRÊS LINHAS SE ENCONTRAM

A pandemia de Coronavírus assolou o mundo e nos trouxe uma infinidade de desafios e reflexões que reverberaram em nossa sociedade de maneiras profundas e multifacetadas. Nesse cenário, surgiram as “crônicas da pandemia”, uma forma de documentar e compartilhar as experiências pessoais e coletivas desse período sem precedentes. Nessas narrativas encontramos não apenas relatos do cotidiano, mas também reflexões profundas, observações perspicazes e análises sociais que lançam luz sobre os muitos aspectos da vida durante a pandemia.

É nesse contexto que a psicanálise aplicada encontra terreno fértil para explorar a complexidade dos sentimentos humanos diante de um evento tão impactante. A psicanálise, como método de investigação do psiquismo, oferece uma lente importante para a compreensão de sentimentos como medo, ansiedade, solidão e resiliência, que surgiram durante a pandemia. Ela nos permite analisar como as pessoas lidaram com o trauma coletivo, como as relações interpessoais foram afetadas e como a busca por significado e conexão se desdobrou em um contexto desafiador.

Assim, a pandemia, as crônicas desenvolvidas a partir dessa conjuntura e a psicanálise aplicada se entrelaçam, proporcionando uma maneira única de se compreender os sentidos das experiências vividas durante tal período histórico.

2.1 COVID-19: A humanidade paralisada no século XXI

> “O mundo está zaranza, ao Deus dará
> O povo não se entrega é cabra-cega
> É lá e cá sem lei, sem mais aviso
> Só sei que é preciso acreditar
>
> Fazemos todos parte desta história
> Mesmo que os tontos blefem com a morte
> Num jogo de verdades e mentiras
> Um jogo duplo de azar e sorte.”
>
> Gilberto Gil e Ruy Guerra, 2020

O início do século XXI está marcado por uma das maiores pandemias enfrentadas pelo mundo, a do Coronavírus. Originária da China, da província de Wuhan, ainda é estudado como o vírus atingiu os seres humanos. Atualmente a hipótese mais aceita é a de que o SARS-CoV-2, um tipo de Coronavírus causador da doença COVID-19, tenha sofrido uma mutação no organismo de um animal selvagem, o qual o transmitiu aos humanos. Rastreou-se que a primeira contaminação pela moléstia provavelmente ocorreu em um mercado de frutos do mar na cidade chinesa. O estabelecimento, assim como muitos dos que existem na China, são locais extremamente propícios à circulação de microrganismos. Segundo o infectologista Ujvari (2020b):

> Em seus corredores, ofereciam-se gansos, pombos, pavões, galos, galinhas, perus, faisões, cisnes, ouriços, sapos, serpentes, coelhos, morcegos, diversos tipos de moluscos e centopeias para compradores. E não é só isso: nos espaços externos, ofertavam-se camelos, gatos selvagens, cabras e veados. Um mundo de secreções, excrementos carregados de microrganismos confraternizando-se pelo chão e, sabe-se lá, quantos vírus mutantes (Ujvari, 2020b, p. 298).

Por conta disso, práticas que ocorriam ali também suscitaram uma série de reações xenofóbicas em relação aos chineses. É importante ressaltar que uma das características relacionadas a epidemias e pandemias é a busca por um culpado. Nesse caso não foi diferente: os chineses foram elencados e julgados pelos seus hábitos culturais, situação piorada pela divulgação de notícias falsas, como a possibilidade de a disseminação viral ter se iniciado a partir de um laboratório chinês, por exemplo. Tal hipótese foi amplamente divulgada pelo ex-presidente dos Estados Unidos à época, Donald Trump, tornando-se uma questão geopolítica.

As autoridades chinesas notificaram à Organização Mundial da Saúde (OMS) no último dia de 2019, porém não é sabido se a comunicação ocorreu tardiamente, já que uma característica comum nesses momentos é a negação inicial, com a tentativa de contenção da doença sem a admissão da situação vivida. Contudo, já era tarde, o vírus havia se espalhado pela China e, por meio da rápida circulação de pessoas, encontrava-se em outras regiões do globo.

O ano de 2020 se iniciou com a notícia de um novo vírus na China, o qual possuía sintomas como febre, tosse, indisposição e a possibilidade de causar falta de ar. Primeiramente, acometia sobretudo idosos e pessoas adultas com comorbidades. Entretanto, na Itália, a moléstia mostrou que adultos também poderiam ser infectados e apresentar sintomas graves. Não era apenas uma gripe, como a que estávamos acostumados. Além disso, o contágio é muito elevado, pois se dá por meio de tosse, espirros e gotículas de saliva. Outros fatores que potencializam a transmissão é que uma parte dos doentes não apresenta sintomas, podendo contagiar sem saber um grande número de pessoas. Um indivíduo contaminado pelo vírus pode transmiti-lo antes dos primeiros sintomas da doença se manifestarem.

Dessa maneira, a fim de evitar a disseminação da enfermidade, as medidas mais efetivas defendidas pelos especialistas são distanciamento social, utilização de máscaras, quarentena e *lockdown*. Somente a vacina poderia conter efetivamente a circulação viral, logo, até a sua elaboração, disponibilização e posterior controle da doença, as medidas citadas anteriormente deveriam ser realizadas com muita seriedade. Por isso o mundo parou em 2020. Diversos países fecharam suas fronteiras e buscaram implementar as medidas sanitárias necessárias. Paralelamente, cientistas davam início a uma corrida sem precedentes para descobrir como o vírus atua, suas novidades e, assim, criar uma vacina.

A pandemia atinge os países e o interior de suas fronteiras de maneiras diferentes e desiguais: a maior taxa de mortalidade encontra-se na população mais pobre. Muitas destas populações vivem em habitações inadequadas, que impossibilitam o distanciamento social, sem recursos materiais para utilizar álcool em gel e máscaras apropriadas. As historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2020) comparam as pandemias de gripe espanhola e de COVID-19, observando um aspecto em comum entre ambas:

> A epidemia escancarou, igualmente, há um século e nos tempos de agora, a perversa desigualdade social brasileira. Como indicam os dados da saúde, o maior número de mortes está concentrado na população de baixa renda. [...] Também hoje, a COVID-19 revelou as fraturas sociais, e acometeu aqueles que menos condições têm de recorrer a uma medicina preventiva — o vírus continua tendo classe social, cor, endereço e investindo, com especial dureza, sobre a população negra (Schwarcz; Starling, 2020, p. 333).

Uma prática que já existia, mas foi amplamente potencializada durante a pandemia é o trabalho remoto. Muitos escritórios, escolas, repartições fecharam suas portas físicas, levando o trabalho aos lares de milhões de pessoas ao redor do mundo. Porém, grande parcela da população, principalmente de países subdesenvolvidos, possui atividades que não podem ser exercidas de suas próprias casas, tendo que se deslocar e, na maioria das vezes, enfrentando transportes públicos lotados. Outra grande porção perdeu seu emprego, já que vivia de trabalhos informais ou do setor de serviços, a área mais afetada pela pandemia. Ademais, diante da piora da situação econômica, muitas pessoas resistiram às medidas sanitárias de contenção da pandemia, encontrando inclusive respaldo em autoridades governamentais, como no caso do Brasil. Assim, a economia colocou-se acima da vida. Todavia, as atividades econômicas somente se efetivarão com uma população saudável. Não à toa países que adotaram medidas de quarentena e *lockdown* mostram uma recuperação mais rápida em todos os âmbitos.

Em epidemias ao longo da história, diante do medo, as pessoas recorreram a inúmeras tentativas de cura, e durante a COVID-19 não foi diferente. No ano de 2020, os chineses apontaram que um medicamento, a cloroquina, poderia ser eficaz na redução do vírus no organismo humano. A partir de então, o medicamento tornou-se popular, sendo precocemente adotado em muitos países. Porém, os estudos que haviam sido realizados em células de cultura e pesquisas posteriores mostraram o resultado oposto. Atualmente não há nenhuma comprovação científica de que a cloroquina seja eficaz no combate ao Coronavírus[34] — ao contrário, dependendo do caso e da quantidade administrada, o resultado pode ser catastrófico.

Ademais, sem as medidas adequadas de isolamento social a circulação do vírus não diminui, ocasionando uma elevada reprodução e podendo gerar mutações e produzir novas variantes, como de fato aconteceu ao longo do tempo. A Índia, no ano de 2021, enfrentou uma crise séria dado seu elevado índice populacional, de

[34] A respeito de um balanço sobre o uso da cloroquina, ler: Barroso; Corrêa; Vilarinho, 2020.

pobreza e as péssimas condições na área da saúde, sendo um foco de preocupação mundial. Assim como no Brasil — que possui um dos maiores números de mortos pela enfermidade no mundo, mesmo sem contabilizar as subnotificações —, na Índia há uma enorme circulação de pessoas, hospitais lotados e aumento crescente da taxa de desemprego e de miseráveis. Ao mesmo tempo, não há, desde o início da pandemia, políticas de enfrentamento baseadas em estudos científicos, que busquem auxiliar a população mais vulnerável e uma rápida e massificada campanha de vacinação da população, que atualmente já seria viável.

O Brasil é um dos países onde as principais autoridades governamentais negam ou minimizam a situação, aspecto recorrente ao longo da história das epidemias. Dessa forma, a população, principalmente os mais pobres, é afetada em grande escala. Diante da ausência de uma política nacional séria em relação ao combate da pandemia, as pessoas ficam mais expostas à possibilidade de novas variantes e ao colapso de hospitais, como ocorreu em Manaus no início de 2020[35], quando pessoas morreram em decorrência de falta de oxigênio nos hospitais.

Uma vez que vivemos em um mundo globalizado, a situação do país preocupa também outras nações, pois somente a partir de um esforço global é possível conter realmente uma pandemia. No final do ano de 2020, cientistas já haviam criado vacinas que imunizam contra o Novo Coronavírus. A realização foi feita em tempo recorde, viabilizada pelos avanços científicos na área.

Por não se saber por quanto tempo os indivíduos ficam imunizados, uma nova etapa então se iniciou: a corrida dos países para comprar os imunizantes. A desigualdade entre as nações também se manifestou nesse momento: enquanto potências mais ricas, como no continente europeu, já têm grande parte da população vacinada e estão retomando as atividades interrompidas pela pandemia, outros países, como os localizados no continente africano, nem começaram a vacinação ou uma parcela ínfima foi vacinada.

É necessária a diminuição drástica da circulação do vírus para que a pandemia cesse e não gere novas variantes, podendo estas ser resistentes às vacinas produzidas. Por isso as medidas de isolamento e de cuidados sanitários são

[35] Sobre Manaus, nesse contexto, ler o artigo científico de Naveca *et al*., 2021.

recomendadas mesmo após a vacinação. Sabemos que apenas a partir da vacinação global faz-se possível o término do estado de pandemia.

2.2 A crônica

De acordo com a definição de Massaud Moisés (2003), o vocábulo “crônica” deriva do grego “*chronikós*”, relativo ao tempo (chrónos), pelo latim “*chronica*”. No início da Era Cristã, crônica se refere a uma lista ou registro de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. (Moisés, 2003).

> Antigamente, o termo “crônica” estava ligado a narrativas cronológicas que descreviam eventos em locais específicos. No entanto, nos tempos modernos, adquiriu um novo significado, referindo-se a “pequenas composições em prosa” de caráter breve. Essas composições apresentam uma liberdade criativa, um estilo coloquial e uma fugacidade intrínseca, capturando momentos passageiros. Emergem da observação de elementos do cotidiano ou da semana, os quais são moldados por uma sensibilidade artística única (Moisés, 2003, p. 101).

2.2.1 A história do gênero

De forma ao mesmo tempo divertida e sagaz, Machado de Assis apresenta uma perspectiva sobre o surgimento da crônica, retratando-a como uma expressão intrínseca à natureza humana: a de se envolver em conversas cotidianas e fofocas. Ele enfatiza a simplicidade e espontaneidade desse gênero literário:

> Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas.
>
> Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia.
>
> Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Um dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica (Assis, 1994, p. 13).

Inicialmente, a crônica surgiu através de relatos de caráter informativo. “Como um gênero histórico [...], na Europa — e no auge da Idade Média europeia, ou seja, após o século XII” (Moisés, 2003, p. 110) —, ela cumpria a função de registrar os fatos

e eventos — sem aprofundar-lhes — relacionados à monarquia e às viagens marítimas com objetivos expansionistas.

> Tal era a reflexão que eu fazia comigo, quando me trouxeram os jornais. Que me diriam eles que não fosse velho? A guerra é velha, quase tão velha como a paz. Os próprios diários são decrépitos. A primeira crônica do mundo é justamente a que conta a primeira semana dele, dia por dia até o sétimo em que o Senhor descansou. O cronista bíblico omite a causa do descanso divino; podemos supor que não foi outra senão o sentimento da caducidade da obra (Assis, 1893, p. 3).

No Brasil, de acordo com muitos estudiosos da literatura, a carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao El Rei D. Manuel, é classificada como crônica, sendo, inclusive, reconhecida como a primeira escrita no Brasil:

> [...] A terra em si é muito boa de ares frescos, e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque, neste tempo d'agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar, parece-me que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar (A Carta de Pero Vaz de Caminha[36]).

A crônica ascendeu no Brasil no início do século XIX, derivada dos populares folhetins. Fortalecida com a fundação dos primeiros periódicos de ampla circulação na Capital Federal, o Rio de Janeiro, e outras cidades como Recife, Salvador e São Paulo. Mais do que a coincidência temporal, a crônica surgiu dentro das próprias redações. Publicadas diariamente, tratavam-se neste início de comentários pessoais, polêmicos ou jocosos de temáticas cotidianas. (Cândido, 1992).

Segundo Fahl (2009), em sua origem, a crônica era um tipo de texto cujo objetivo era enfileirar, de forma cronológica, acontecimentos que merecessem ser lembrados na posteridade (Fahl, 2009). Assim, de acordo com Antônio Cândido, "[…] ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos" (Cândido, 1992, p. 2).

Entre reportagem e literatura, a crônica oscila "entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia" (Moisés, 2003, p. 247). A crônica como uma tentativa de literatura aparece,

[36] A Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel. Domínio público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=105. Acesso em: 25 out. 2023.

então, no século XIX no espaço dos jornais. Naquele século os símbolos do gênero foram Machado de Assis e João do Rio.

Desde então são muitos os nomes de literatos brasileiros que publicaram crônicas em periódicos: Luís Fernando Verissimo, Olavo Bilac, Graciliano Ramos, Coelho Netto, Rui Barbosa, Gilberto Amado, João Saldanha, Ferreira Gullar, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Monteiro Lobato, Fernando Sabino, Mário Rodrigues Filho, José Lins do Rego, Paulo Mendes Campos, Alcântara Machado, Millôr Fernandes, Armando Nogueira, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade. Estes são apenas alguns nomes, e os que aparecem sublinhados tiveram a crônica como seu gênero exclusivo ou principal.

Retomando a história do gênero, em conformidade com Antônio Cândido em *A vida ao rés-do-chão* (1992), a crônica no Brasil possui uma história de desenvolvimento e transformação singular, mostrando-se "abrasileirada" em suas características e forma:

> No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita, foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia — políticas, sociais, artísticas, literárias. […] Gradualmente o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. […] Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com seus rotineiros e os seus mestres (Cândido, 1992, p. 2).

Ou seja, o gênero assume "feição própria", vinculada ao jornalismo com origem no folhetim e como espaço de entretenimento. Com o passar do tempo se consolidou no país, tornando-se um meio de propaganda ideológica, tanto para a Esquerda quanto para a Direita. Os jornalistas passaram a ser os porta-vozes da linha editorial dos respectivos jornais para os quais trabalhavam.

No artigo Literatura de jornal (O que é a crônica) (2001), Artur da Távola assim a define:

> É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. […] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura (Távola, 2001, n.p.).

As seções e colunas de crônicas em periódicos só começarão a aparecer na imprensa, com destaque e regularidade, a partir dos anos 1920 e 1930. Atualmente, a crônica — esse gênero híbrido entre jornalismo e literatura, e misto de escrita e oralidade — segue por excelência como relato e análise dos acontecimentos ordinários do dia a dia, mas com seu espaço de publicação expandido, após o evento da internet, para *sites* e *blogs*.

2.2.2 Características do gênero literário

Como dito, somente a partir do século XVIII a crônica passou a ter um espaço fixo e diferenciado nos meios de comunicação, como jornais e revistas. Essa mudança permitiu que ela se difundisse amplamente, tornando-se uma forma literária acessível a um público mais amplo. Hoje a crônica se classifica como uma subdivisão dos gêneros literários, em que o autor estabelece um discurso imediato e direto com o leitor ou ouvinte.

Antigamente, o termo “crônica” estava ligado a narrativas cronológicas que descreviam eventos em locais específicos. No entanto, nos tempos modernos, adquiriu um novo significado, referindo-se a pequenas composições em prosa, de caráter breve. Essas composições apresentam uma liberdade criativa, um estilo coloquial e uma fugacidade intrínseca, capturando momentos passageiros. Emergem da observação de elementos do cotidiano ou da semana, os quais são moldados por uma sensibilidade artística única.

Marta Scherer (2008) nos traz:

> Desde sempre, a crônica resultou no formato ideal para o registro do calor da hora, dos fatos corriqueiros, driblando seu caráter efêmero e breve. Tornou-se a forma mais adequada para que se anotassem as impressões cotidianas da cidade, por inúmeras razões: liga o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); não exige homogeneidade temática dos seus autores, justo pelo contrário; conecta a literatura e a reportagem; fixa-se na fronteira entre a “mercadoria” e a “arte”, entre o jornal e o livro. Mais do que um gênero híbrido, como se costuma afirmar, a crônica, misto da literatura com o jornalismo, constitui-se mesmo como uma passagem entre ambos os territórios. Criou-se um novo estilo, de conteúdo literário e formato jornalístico, que indubitavelmente funde-se, transporta-se (Scherer, 2008, p. 1).

Vem de sua nova concepção a simplicidade, que não busca erudição e se expõe em um veículo de informação acessível e transitório como o jornal. “É direta e

clara, solta, insinuante, cheia de graça, sem a intrincada ‘superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical (típica da literatura clássica brasileira)’” (Cândido *et al*., 1992, p. 16).

Dessa forma, a crônica se destaca por sua simplicidade acessível e sua adaptabilidade ao ritmo efêmero da Era Moderna, em contraste com as obras literárias clássicas que se destinam à imortalidade.

> [...] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (Cândido *et al*., 1992, p. 14).

A fim de conferir uma expressão poética ao gênero, Cândido escolheu o título *A vida ao rés-do-chão* para o seu artigo na coletânea *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (1992).

> Por se abrigar nesse veículo transitório (o jornal), o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, em permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passado do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Cândido, 1992, p. 14-15).

A definição do autor — “uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (Cândido, 1992, p. 14) — parece estar especificamente ligada ao caráter eclético em termos de tema e conteúdo. Isso é evidenciado pelo fato de ter atraído diversos representantes de diferentes escolas literárias, da prosa à poesia, do teatro ao rádio, das páginas impressas do jornal aos meios digitais.

A crônica desempenha também um papel fundamental como documento que captura a essência de um período histórico e cultural. Reflete o tempo social em que foi escrita, contribui para a preservação da memória coletiva e oferece uma visão sobre as preocupações e debates de uma sociedade em constante evolução. Neves (1992) coloca:

> [...] é possível uma leitura que as considere “documento” na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos conterrâneos no momento da publicação. “Documentos”, portanto, porque se apresentam com um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documento”, nesse sentido, porque imagens da nova ordem (Neves *apud* Cândido *et al*., 1992, p. 76).

Neves continua: “[...] a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores” (Neves *apud* Cândido *et al*., 1992, p. 82). E quando a ênfase dada pelo cronista é a memória, mesmo como parte de um meio de comunicação, ela ressalta o aspecto do cotidiano, de uma forma ou de outra.

> [...] Aí vou escorrendo para o passado, cousa que não interessa no presente. O passado que o jovem leitor há de saborear é o presente, lá para 1920, quando os relógios e os almanaques criarem asas. Então, se ele escrever nesta coluna, aos domingos, será igualmente insípido com as suas recordações (Assis, 1994b, p. 157).

Outro aspecto relevante que desejamos destacar sobre as crônicas é a sua estreita relação com a vida, conforme apresentado por Cândido: “Tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação.” (Cândido, 1992, p. 20).

Devido à sua busca por uma ligação íntima com o leitor, a crônica pode ser identificada como o gênero literário que mais se aproxima da vida real. Originando-se diretamente do cerne da sociedade por meio das reflexões publicamente expressas pelo cronista quando os eventos estão ocorrendo, ela permite que todos nós sejamos testemunhas dessas ocorrências.

O fato de fazer uso de uma linguagem normalmente próxima da oralidade é outro facilitador de sua popularização, que favorece também o envolvimento, pois “sendo ligada à vida cotidiana, a crônica tem que se valer da língua falada, coloquial, adquirindo inclusive certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária” (Coutinho, 1988, p. 306).

> Narrativa curta, fixação do flagrante, emoções “daquele” momento, passagens da vida do autor, o cotidiano ou, até recordações de um ontem que se tenta recuperar. Enfim, temática variadíssima, estruturando-se mais próxima do conto [...] embora liberta de enredos e personagens [...] ou antagonismos e involuções [...] (Proença, 1981, p. 28).

2.2.3 Estudos científicos: Crônicas como recurso didático

Destacamos a seguir alguns trabalhos — e seus resumos — que utilizam o potencial da crônica como recurso didático nos contextos da psicanálise e da educação:

- *Testemunhos durante a pandemia: Reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte* (2020).

  SOUZA JUNIOR, Luiz Alberto de A.; HENDERSON, Guilherme F. Testemunhos durante a pandemia: Reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade**. v. 30, n. 3, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200435.

  Este trabalho propõe-se a refletir sobre a experiência do sujeito perante a pandemia de COVID-19 por meio de uma perspectiva psicanalítica. O material analisado discursivamente foi constituído por testemunhos de estudantes de graduação em psicologia publicados em um espaço virtual durante o período de distanciamento social. Os processos de subjetivação destacados em nossa análise foram discutidos em quatro núcleos temáticos: enfrentar o potencial traumático: poder testemunhar a queda do Outro; o (des)amparo dos sujeitos por parte do Estado: a potencialização do sofrimento psíquico; o imperativo superegoico da produção capitalista e os vestígios produtivos da improdutividade; (im)possibilidades do luto: transformações da nossa atitude diante da morte. Ao fim, buscamos evidenciar criticamente o aspecto destrutivo e autoritário da gestão estatal dos afetos sobre os sujeitos e a potência transformativa (analítica e política) das experiências da improdutividade, da indeterminação e do desamparo.

- *A crônica enquanto via de transmissão: A psicanálise perto de nós* (2016).

  CARRO, Barbara M. **A crônica enquanto via de transmissão:** A psicanálise perto de nós. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/28198.

  O trabalho de conclusão de curso em questão surge do diálogo possível entre a literatura e a psicanálise. Ele consiste em uma reflexão e problematização aprofundada e implicada acerca do papel da crônica e do cronista enquanto dispositivos de escuta e intervenção clínico-institucional dentro de processos grupais psicanalíticos na contemporaneidade. Além disso, o trabalho propõe pensar a crônica enquanto uma via de transmissão possível da psicanálise. Entende-se que tal pesquisa se mostra relevante, tendo em vista que propõe inovar o encontro entre psicanálise e literatura, encontro este que aparece desde o início da criação da psicanálise por Sigmund Freud. Fundamentando-se na teoria e prática da psicanálise, a pesquisa em questão toma como referencial teórico obras freudianas, textos de Enrique Pichon Rivière e Gregório Baremblitt para pensar a psicanálise em grupos, bem como escritos contemporâneos de psicanalistas. Não obstante, na medida em que esta pesquisa se propõe a pensar a crônica dentro da

psicanálise, recorre-se a textos de Antonio Candido e outros teóricos da literatura de modo a compreender o gênero crônica na sua história e peculiaridade constitutivas. O trabalho pauta suas reflexões e estudos a partir da experiência da autora deste enquanto cronista em uma Pesquisa Social Participativa junto da População em Situação de Rua dentro da cidade de São Paulo que teve como base e fundamentação a teoria e prática psicanalíticas. Os resultados apontam para as trocas fecundas e criativas entre a psicanálise e a literatura. Ao propor uma crônica psicanalítica, o trabalho compreende que a literatura é uma via possível de trabalho analítico da psicanálise, estando a primeira mais sensível e muito além da última no que se refere ao conhecimento dos fenômenos humanos.

- *O agir e o representar por meio de linguagem: Gênero memórias literárias* (2018).

  SOUZA, Angela Maria B. **O agir e o representar por meio de linguagem:** gênero memórias literárias. 2018. 358 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21020.

  O texto apresentado discute os resultados do estudo realizado, a partir de produções textuais do gênero Memórias Literárias de alunos/autores e finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro – 2014. Objetivou-se analisar a linguagem expressa em uma situação de comunicação real, identificar como esses autores descrevem e estão sendo orientados a discutir o lugar em que vivem, incluindo também a sua própria experiência. No presente estudo, buscando uma articulação entre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), elegeu-se um material didático, construído com o suporte teórico do ISD para compreender as possibilidades e os limites dessas duas teorias. Escolheu-se o gênero Memórias Literárias (produção escrita) dos alunos, buscando compreender as imagens, os discursos e as representações linguísticas do processo de produção textual. [...] O emprego do *software* Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d' um Ensemble de Segments de Texte*), um programa de análise de dados textuais cuja finalidade é quantificar e extrair as estruturas mais significativas, apoiou a análise dos textos e possibilitou aprofundar os estudos quantitativos e qualitativos. Na abordagem qualitativa, também, realizou-se a análise psicolinguística das produções. [...] O estudo oferece ao professor a reflexão sobre como discutir a realização de uma produção textual, sobre o lugar em que vive o aluno, contando com recursos de entrevista de antigos moradores, sem desconsiderar a experiência e vivência do próprio aluno. Discutindo o passado do outro, inter-relacionando e valorizando o seu próprio presente, integrando-o na sua construção de futuro.

- *Por escrito: O Carandiru para além do Carandiru* (2018).

  TAETS, Adriana R. F. **Por escrito:** O Carandiru para além do Carandiru. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: https://doi.org/10.11606/T.8.2018.tde-31102018-151013.

  O Massacre do Carandiru foi um evento crítico que dizimou mais de uma centena de presidiários na Casa de Detenção de São Paulo, em 2 de outubro de 1992. Ao expor a vida carcerária de forma dramática, o Massacre inaugura uma nova relação entre o dentro e o fora do cárcere, fazendo com que a sociedade extramuros volte

a sua atenção para a vida prisional. Essa nova relação pode ser percebida e analisada a partir de um tipo de produção literária que ganhou espaço após a virada do século, momento em que alguns presos tiveram seus livros publicados, convertendo-se em autores e despertando um interesse do maior do público pelo universo prisional. Esta pesquisa toma como base para a compreensão sobre as novas relações que se estabelecem, a partir do evento trágico, entre o interior e o exterior da prisão, seis volumes publicados na década de 2000 [...] A análise de tais volumes permitiu lançar uma reflexão sobre as maneiras pelas quais os autores presos interpretam a prisão; a sua relação com o que se encontra fora das grades; as maneiras pelas quais constroem a memória. Permitiu, também, uma compreensão sobre a prática da escrita prisional, revelando as maneiras pelas quais as narrativas circulam dentro e fora do cárcere e como fazem circular afetos, memórias, pedidos de ajuda e ideias. Tais textos revelam, ainda, as disputas simbólicas voltadas para a prática da escrita no cárcere, nas quais sentidos pré-determinados sobre a prática são apropriados pelos presos e por eles reelaborados, oferecendo novos sentidos para a narrativa e para a própria experiência prisional. Essa literatura, portanto, evidencia um tipo de relação específica entre o dentro e o fora do cárcere, relação pautada na circulação de um tipo específico de texto, que movimenta sentidos e interpretações, tanto sobre a sociedade quanto sobre o próprio cárcere.

- *O mundo como catástrofe e representação: Testemunho, trauma e violência na literatura do sobrevivente* (2006).

  SILVA, Pablo Augusto. **O mundo como catástrofe e representação:** Testemunho, trauma e violência na literatura do sobrevivente. 2006. 145p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2006. DOI: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2006.374363.

  Este trabalho é uma análise de obras autobiográficas de indivíduos que tiveram uma experiência traumática com a realidade, vivenciada nas instituições carcerárias do Brasil contemporâneo (1970-2000). Há nestas narrativas, enquanto exercícios de rememoração, uma grande riqueza que nos permite compreender a trajetória social de indivíduos que sofreram a experiência - única - do trauma. O encarceramento como o centro de suas vidas, o evento que no bem e no mal marcou toda a sua existência. Esse novo modo de fazer literatura - que pode ser chamado de literatura carcerária e/ou das prisões - emerge nos anos 1980, ganhando visibilidade principalmente no início dos anos 1990. Atualmente, vem tendo êxito no mercado editorial, despertando e dividindo o interesse da crítica cultural pelo tema. Portadoras de um teor testemunhal - como as obras de escritores que tratam da experiência judaica nos campos de concentração (Lagers) durante a 1ª Guerra Mundial, e de escritores latino-americanos que narram a violência sofrida durante as ditaduras nos anos 1950/60/70, tais autobiografias são, antes de tudo, o testemunho do Sobrevivente da Era da Catástrofe, como pode ser resumido o breve século XX.

- *Interdiscurso e intertextualidade na imprensa escrita: Análise de crônicas jornalísticas do caderno Ilustrada do jornal Folha de São Paulo* (2014).

  PRADO, Losana H. de O. **Interdiscurso e intertextualidade na imprensa escrita:** Análise de crônicas jornalísticas do caderno Ilustrada do jornal Folha de S. Paulo. 2014. 164 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14315.

  Esta pesquisa tem por objetivo refletir acerca do interdiscurso e da intertextualidade na constituição das crônicas jornalísticas. Tendo como base a relação entre os diferentes planos do discurso, entre eles a intertextualidade, procura-se verificar como se constitui o espaço de trocas (interdiscurso) que antecede a gênese dos discursos presentes nas crônicas. Para tanto, o estudo da semântica global, feito com base na análise de diferentes pistas textuais, é visto como um indício que ajuda a compreender o funcionamento do interdiscurso. [...] Partindo do princípio da Semântica Global, segundo a qual o discurso deve ser tomado na multiplicidade de suas dimensões, as hipóteses iniciais desta tese são as seguintes: 1) há um conjunto de restrições próprias do gênero analisado; 2) o interdiscurso e a intertextualidade constituem-se em princípios que regem a textualização verbo-visual das crônicas jornalísticas e; 3) não é possível separar o funcionamento do interdiscurso de sua materialização na ordem da língua. O corpus de referência da pesquisa é constituído por sete crônicas jornalísticas, do caderno Ilustrada, do jornal Folha de S. Paulo, compreendendo os meses de junho e julho de 2010, período em que ocorreu a Copa do Mundo na África do Sul. Esta investigação perpassou também um *corpus* de natureza intersemiótica, no entanto, verificou-se que não é possível privilegiar um plano em detrimento de outro, mas enlaçá-los em um mesmo movimento, o que implica afirmar que o significado ou os sentidos não se encontram em uma parte específica do texto, mas nos sentidos que emanam do conjunto e organizados de acordo com um mesmo conjunto de regra, a semântica global.

- *Tempus fugit... carpe diem – Poiesis, velhice e psicanálise* (2013).

  LIMA, Priscila M. R. de. ***Tempus fugit... Carpe diem*** — *Poiesis*, velhice e psicanálise. 2013. 164f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Link identificador: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/14334/1/2013_PriscillaMeloRibeirodeLima.pdf.

  O presente trabalho tem como objetivo investigar, sob a lente da psicanálise, a (re)construção do eu na velhice através da escrita de textos autobiográficos de dois escritores brasileiros: Carlos Heitor Cony e Rubem Alves. Buscou-se compreender como o sujeito idoso vivencia as mudanças corporais e o enfrentamento da própria finitude decorrentes do processo de envelhecimento. [...] Escritos autobiográficos apontam a uma poiesis do eu, enquanto capacidade de construção de si, e possibilitam que o sujeito busque em sua própria história ferramentas para reinscrever-se no presente. Estudos e teorizações da psicanálise freudiana e lacaniana, e de psicanalistas contemporâneos trouxeram aportes para o estudo da subjetividade a partir do corpo e do tempo. Investigou-se como a imagem do corpo envelhecido refletido nos espelhos desperta, muitas vezes, angústia e pode fazer emergir um Eu-feiura em contraposição ao Eu-ideal. [...] A percepção da finitude da

vida ressalta a sensação de desamparo e angústia. A rememoração pode surgir como uma forma de lidar com essa angústia. Conclui-se que a capacidade poietica do sujeito possibilitada pela escrita de si pode auxiliá-lo a lidar com a imagem que tem de si e a projetar-se no futuro. Isso pode (re)abrir caminhos para uma reconstrução do lugar do velho no contexto sociocultural em que estiver inserido.

- *Processos criativos no espaço terapêutico da escrita: um diálogo com D. W. Winnicott, Clare Winnicott e Marion Milner* (2014).

  PERROTTA, Claudia M. **Processos criativos no espaço terapêutico da escrita:** Um diálogo com D.W. Winnicott, Clare Winnicott e Marion Milner. 2014. 198f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15355.

  [...] o objetivo deste estudo foi apresentar um desdobramento da clínica fonoaudiológica voltada a autores em potencial que pretendem publicar na esfera acadêmica de comunicação, de modo a contribuir para dar sustentação e ajudar a superar inseguranças que podem inibir o processo criativo no campo da escrita. O trabalho se constitui na interface com a psicanálise de D.W. Winnicott, tendo ainda como referência ideias desenvolvidas por Clare Winnicott e Marion Milners três autores se dedicaram a aprofundar facetas do criar, dando pistas de como estamos em um campo complexo, delicado e que gera sofrimentos e ansiedades. [...] A interlocução com os autores de referência bem como o repertório clínico aqui compartilhado permitiu afirmar a necessidade de o terapeuta exercer funções de cuidado nesse contexto, tais como: acolher o sofrimento trazido pelos autores em potencial, o que implica escuta atenta de suas inquietações e da forma como são enunciadas, a partir de seus idiomas pessoais; desmistificar supostas dificuldades ou sintomas indicativos de doenças e, principalmente, reapresentar o objeto cultural escrita acadêmica, de modo a possibilitar novas experiências no campo da comunicação e potencializar dizeres investidos de pessoalidade.

- *A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector*, 1952-1973 (2020).

  JOSIOWICZ, Alejandra. A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952-1973. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 27, n. 1, p.53-69, jan./mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000100004.

  O artigo estuda o papel da psicologia na transformação dos modos de conceber a infância nas décadas de 1950 a 1970, tendo como foco as colunas e crônicas publicadas em revistas e jornais de ampla circulação por Clarice Lispector entre 1952 e 1973. Delas emerge um novo paradigma que considera os filhos mistérios psicológicos no interior do âmbito doméstico, objeto de investigação por parte da mãe, e que entende a infância como núcleo do psiquismo adulto. Trata-se de um modelo biopsicológico, que combina a preocupação higiênica pela saúde física com uma atenção psicológica à subjetividade infantil, no qual a criança das classes médias emerge como índice do questionamento dos papéis de autoridade familiar e da nova centralidade do indivíduo.

- *Clarice Lispector cronista: No Jornal do Brasil (1967-1973)* (1985).

  RANZOLIN, Célia Regina. **Clarice Lispector cronista:** No Jornal do Brasil (1967-1973). 1985. 426f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, Santa Catarina, 1985. Link identificador: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75244.

  Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que objetivou o resgate da produção integral de crônicas que Clarice Lispector realizou para o Jornal do Brasil, no período entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. [...] Os rumos tomados pela pesquisa após a publicação do livro *A descoberta do mundo* [...], coletânea aparentemente integral das crônicas de Clarice Lispector, permitiram constatações capazes de colocar em discussão os critérios de edição desta antologia. Daí, que este trabalho contêm [...] alguns dados que brotaram do confronto entre *A descoberta do mundo* e o *Jornal do Brasil*, e outros que surgiram da leitura atenta das crônicas da escritora que buscamos, originariamente, nas páginas do jornal. De um lado, estes dados dizem respeito ao significado crítico-literário dos textos excluídos da antologia, e de outro, apontam para o trabalho de elaboração da linguagem que Clarice Lispector desenvolveu no Jornal do Brasil, através do reaproveitamento intertextual de seu próprio discurso. Mesmo assim, nossa pesquisa se propõe, basicamente, a recuperar uma produção que, pelas implicações literárias inerentes, não deve ficar dispersa na precariedade das folhas de jornal.

- *O gênero crônica e a prática escolar* (2004).

  ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O. O gênero crônica e a prática escolar. **Filosofia e Linguística Portuguesa**. n. 6, p. 267-279, 2004. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i6p267-279.

  Com este artigo pretende-se contribuir não só para o estudo do gênero discursivo crônica como também para o melhor aproveitamento deste gênero nas práticas escolares do ensino médio. A crônica é um gênero que apresenta dupla filiação, já que o tempo e o espaço curtos permitem o tratamento literário a temas jornalísticos. Tem do jornal a concisão e a pressa e da literatura, a magia e a poeticidade que recriam o cotidiano. Por essas características e por sua brevidade, a crónica torna-se um gênero peculiar para que o professor possa incentivar e promover estratégias adequadas para o trabalho de produção textual.

- *Escrita poietica e a tragicidade humana: A construção de si pela palavra* (2019).

  LIMA, Priscilla M. R. de.; VIEIRA, Letícia L. Escrita poietica e a tragicidade humana: A construção de si pela palavra. **Via Litterae - Revista de Linguística e Teoria Literária**. v. 11, n. 1, p. 94-118. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.4118914.

  O presente artigo tem como objetivo tecer algumas reflexões acerca da condição ontológica do ser humano a partir da psicanálise. O sujeito está constantemente às voltas com três fontes de sofrimento: seu próprio corpo, com suas dores e finitude; o mundo exterior, com suas constantes ameaças; e as relações sociais. Diante disso, o sujeito lança mão de gratificações substitutivas tendo em vista preservar-se contra essas ameaças, ou, ao menos, amenizar o sofrimento. Essas formas substitutivas moldam o estilo psíquico do sujeito de lidar consigo e com o mundo à sua volta. A escrita de si, dentro e fora do processo analítico, é uma alternativa para

a construção de si e de vias salutares de contorno da tragicidade. Entretanto, diante de condições como a melancolia, a sublimação apresenta suas limitações. A poiesis do eu propiciada pela escrita, apesar de (re)criar realidades e propiciar elaborações internas, não consegue eliminar todo o sofrimento.

- *Cronista: Um lugar em construção – A escuta inscrita e escrita em uma função* (2006).

  MIRANDA, Anamaria B. de *et al*. Cronista: Um lugar em construção — A escuta escrita e escrita em uma função. **Miolo Correio APPOA**. p. 39, out. 2011. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/miolo_correio_appoa_206.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

  A proposição neste artigo é tanto situar a crônica como elemento e ferramenta do psicanalista no trabalho clínico nas instituições, quanto elaborar a função do cronista ao transformar sua escuta em escrita. Nesse sentido, as questões aqui expostas partem de um trabalho de consultoria realizado junto à Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de Porto Alegre. A tarefa da consultoria é formular e implementar um plano de ação para a população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre. O trabalho se desenvolve em três momentos principais: reunião com o comitê gestor, capacitação das equipes técnicas e educadores da FASC, e um grupo com a população de rua.

- *Crônicas do sinal fechado: Mergulhos na dor e no amor* (2018).

  LAGUE, Caroline M. **Crônicas do sinal fechado:** Mergulhos na dor e no amor. 2018. 82f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de psicologia, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196937. Acesso em: 27 out. 2023.

  Esta é uma história que tem seu começo em abril de 2010 quando nasci como trabalhadora ao ingressar como psicóloga na Fundação de Assistência Social e Cidadania, órgão gestor e executor da política de Assistência Social da prefeitura de Porto Alegre. Mas ainda foi preciso nascer pesquisadora para resolver contar um pouco desta história. A escrita de crônicas iniciaram essa jornada que contou com a companhia de dois grupos de leitoras e que, por fim, me fez leitora de mim mesma. Pude me (re)encontrar com a pobreza e conhecer novos nuances nessa discussão, como o vislumbre das vidas precárias e a responsabilidade das elites e da classe média nessa espiral de marginalização e violência. Também pude me encontrar, finalmente, com o racismo. Discutir os seus traços brasileiros e repensar o lugar da psicanálise frente a este tema tão fundamental na constituição deste país. Por fim, entre mergulhos e caminhadas, novos horizontes se abrem.

- *A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas* (2019).

  BROIDE, Emilia E.; BROIDE, Jorge. A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. **Revista brasileira de psicanálise**. São Paulo, v. 53, n. 3, p. 201-215, set. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.

  Este artigo aborda a pesquisa psicanalítica dirigida à criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. Relata a pesquisa realizada nos anos de 2015 e 2016 na cidade de São Paulo com o objetivo de subsidiar o Comitê Intersetorial da Política Municipal para a População em Situação de Rua (Comitê PopRua) para a construção do plano municipal para a população de rua. Essa pesquisa, contratada pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, contou com a participação de 10 adultos que viviam ou viveram em situação de rua e que foram formados como pesquisadores sociais ao longo da pesquisa, a fim de que eles próprios realizassem as entrevistas em profundidade com outros moradores em situação de rua e com trabalhadores de diferentes equipamentos responsáveis pelo atendimento a essas pessoas. O referencial psicanalítico foi o eixo orientador da pesquisa.

- *A escuta territorial na construção de dispositivos clínicos em situações sociais críticas* (2021).

  LAPA, Bianca S. *et al*. A escuta territorial na construção de dispositivos clínicos em situações sociais críticas. **Psicologia para América Latina**. México, n. 36, p. 171-182, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.

  Este trabalho narra a experiência de um coletivo de psicologia na construção de um dispositivo clínico público em um centro assistencial, com o objetivo de cuidar das demandas psicológicas dos seus atendidos e funcionários. As noções de transferência e escuta territorial foram usadas como metodologia. A construção de uma psicologia nas situações sociais críticas, não-hegemônica e comprometida socialmente, perpassa a construção de uma nova práxis, condizente com a realidade social apresentada no território, ao buscar resgatar a condição de sujeitos de direitos e trabalhar com a redução da desigualdade. Conflitos e contradições foram ferramentas para a construção de um dispositivo clínico que procura dar voz às potências subjetivas, garantindo um lugar de fala aos sujeitos silenciados por suas condições de vida precarizadas. Através da escuta das vidas em situações sociais críticas, presenciou-se a recuperação da dignidade dos sujeitos de desejos e direitos.

2.3 Psicanálise extramuros

> “A psicanálise sustenta que tudo o que é humano traz a marca do inconsciente e é, portanto, da sua alçada.”
>
> Mezan, 1988

Vamos introduzir a psicanálise extramuros pela definição de Renato Mezan (2000):

> O que é, então, a psicanálise? Antes de mais nada, um método para sondar o inconsciente; disso decorrem uma prática terapêutica e um conjunto de conhecimentos, uma teoria da psique. Como método, ela consiste na escuta do detalhe dissonante, num discurso ou numa produção humana qualquer, na reconstituição do contexto a que pertence esse detalhe e no estabelecimento da natureza e dos motivos da dissonância, em termos dos desejos, fantasias, impulsos e defesas que a determinam. Já as “variantes” consistem na psicanálise aplicada a obras da cultura ou a fenômenos sociais, mas também à análise de crianças, de famílias, de casais, de situações conflitivas em instituições como escolas, hospitais ou empresas, à “terapia breve” (Mezan, 2000, n.p.).

A psicanálise aplicada — também nomeada como “clínica extensa” por Fabio Herrmann (2004), e "psicanálise extramuros” por Laplanche (1987) — baseia-se na utilização do método psicanalítico em contextos que transcendem a prática clínica convencional. Neste trabalho utilizaremos a nomenclatura “psicanálise extramuros” cunhada por Laplanche (1987). As questões e controvérsias relacionadas à aplicação da psicanálise não serão abordadas, uma vez que tais considerações estão além do âmbito deste estudo.

> [...] a psicanálise extramuros ou em extensão diz respeito a uma “abordagem — por via da ética e das concepções da psicanálise — de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico” (Rosa, 2004, p. 331).

Freud — considerado o pai da psicanálise — demonstrou, desde sempre, grande interesse pela produção artística. Esta foi uma das áreas do conhecimento humano com grande impacto sobre seus estudos e teorizações. Em carta a Wilhein Fliess, em 1897 e antes mesmo da fundação da psicanálise, o psicanalista austríaco escreve ao amigo alemão:

> O mecanismo da criação literária é o mesmo que o das fantasias histéricas. Goethe, em seu "Werther", combinou algo que havia experimentado (seu amor por Lotte Kastner) com algo que havia ouvido (o destino do jovem Jerusalém, que havia se suicidado). Provavelmente brincou com a ideia de tirar a própria vida e encontrou nela um ponto de identificação com Jerusalém, ao qual atribuiu seus próprios motivos decorrentes de seu amor não correspondido. Através dessa fantasia, ele se protegeu das consequências de sua experiência. Assim, Shakespeare estava certo quando comparou a poesia à loucura (o sublime frenesi) (Freud, 1973, p. 3574, tradução nossa[37]).

Ainda em sua correspondência com Fliess, na Carta 71 de 15 de outubro de 1897, Freud utilizou um texto teatral de Sófocles como base para a formulação do complexo de Édipo.

> A lenda grega apreende uma compulsão que toda pessoa reconhece porque percebemos sua existência em nós mesmos. Cada um dos espectadores foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo; e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transportada para a realidade, com toda a carga de repressão que separa seu estado infantil do seu estado atual. (Freud, 1973, p. 3584, tradução nossa[38]).

Através de seu livro *A interpretação dos sonhos* (1900), marco inicial da psicanálise como Ciência, Freud construiu as fundações para a compreensão do inconsciente como elemento central em sua teoria psicanalítica. Na mesma obra, refere-se a passagens de *Hamlet* (Shakespeare, 1599-1602) e à narrativa mitológica de Édipo como exemplos representativos da importância desses conceitos para a teoria psicanalítica, notadamente o "complexo de Édipo". O projeto de Freud também introduz a utilização do método clínico baseado na escuta atenta, a análise dos mecanismos de defesa da mente, a interpretação dos símbolos presentes nos sonhos e a aplicação do método da livre associação.

---

[37] No original: "*El mecanismo de la creación literaria es el mismo que el de las fantasías histéricas. Goethe, en su 'Werther', combinó algo que había experimentado (su amor por Lotte Kastner) con algo que había oído (el destino del joven Jerusalén, que se había suicidado). Probablemente haya jugado con la idea de matarse y encontró en ella un punto de contacto para su identificación con Jerusalén, al que dota de sus propios motivos derivados de su amor enamoramiento. Por medio de esta fantasía, se protege a si mismo contra las consecuencias de su vivencia. Así, Shakespeare tuvo razón cuando equiparó la poesía e la locura (el í sublime frenesi)*" (Freud, 1973, p. 3574).

[38] No original: "*El mito griego retoma una compulsión del destino que todos respetamos porque percibimos su existencia en nosotros mismos. Cada uno de los espectadores fue una vez, em germen y en su fantasía, un Edipo semejante, y ante a realizació onírica trasladada aqui a la realidad todos retrocedemos horrorizados, dominados pelo pleno impacto de toda la de la represión que separa nuestro estado infantil de nuestro estado actual*" (Freud, 1973, p. 3584).

Nessa abordagem inicial, denominada “primeira tópica”, o aparelho psíquico é compreendido como:

> Em primeiro lugar, indissoluvelmente uma noção tópica e dinâmica, que brotou da experiência do tratamento. Este mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos “conteúdos” só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências; revelou que a vida psíquica era “...cheia de pensamentos eficientes embora inconscientes, e que era destes que emanavam os sintomas”; levou a supor a existência de “grupos psíquicos separados” e, de modo mais geral, a admitir o inconsciente como um “lugar psíquico” particular que deve ser concebido não como uma segunda consciência, mas como um sistema que possui conteúdos, mecanismos e, talvez, uma “energia” específica. [...] Sabe-se que o sonho foi para Freud o caminho por excelência da descoberta do inconsciente. Os mecanismos (deslocamento, condensação, simbolismo) evidenciados no sonho em *A interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*, 1900) e constitutivos do processo primário são reencontrados em outras formações do inconsciente (atos falhos, lapsos etc.), equivalentes aos sintomas pela sua estrutura de compromisso e pela sua função de “realização de desejo” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 237).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998):

> Essencial para o desenvolvimento da psicanálise e para aquisição de seu estatuto de disciplina científica completa, a aventura da psicanálise aplicada seria vivida por Freud como uma conquista militar e colonial. [...] foi assim que se criou, em 1907, com a publicação do ensaio de Freud intitulado *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, a coleção Monografias de psicologia aplicada (Roudinesco; Plon, 1998, p. 607).

Gay (1989) esclarece que essas investidas intelectuais de Freud não eram digressões, nem desvios de seu trabalho teórico fundamental. “Uma preocupação alimentava a outra. Os casos clínicos levaram-no a questões da cultura; e as reflexões sobre a criação literária reconduziram-no ao complexo de Édipo” (Gay, 1989, p. 311).

Na análise das obras de arte e de literatura, Freud sustentou uma multiplicidade de perspectivas, como o ato criativo e o artista e sua produção, buscando indicações valiosas para o entendimento dos processos psíquicos. Em *O Moisés de Michelangelo* (1914/1996), Freud assinalou:

> Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta. Isto me levou a reconhecer o fato — um paradoxo evidente — de que precisamente algumas das maiores e mais poderosas criações da arte constituem enigmas ainda não resolvidos pela nossa compreensão. Sentimo-nos cheios de admiração reverente por elas e as admiramos, mas somos incapazes de dizer o que representam para nós. Não tenho leitura suficiente do assunto para saber se esse fato já foi constatado (Freud, 1914/1996, p. 253).

Nos anos seguintes à análise da Gradiva de Jensen (1907) Freud escreveu as principais publicações sobre a psicanálise extramuros. Em ordem cronológica,

seguem os textos relacionados (alguns anteriores a 1907, onde os conceitos já começavam a surgir):

- Trecho do Manuscrito N (1897)
- Carta a Fliess (31 de maio de 1897)
- Personagens psicopáticos no palco (1942 [1905-06])
- Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907)
- Escritores criativos e devaneio (1908)
- O poeta e o fantasiar: Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci (1910)
- Totem e tabu (1913)
- O motivo da escolha dos cofrinhos (1913)
- O Moisés de Michelangelo (1914)
- Transitoriedade (1916)
- Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico (1916)
- Uma lembrança da infância em poesia e verdade (1917)
- O humor (1927)
- Dostoiévski e o parricídio (1928)
- Prêmio Goethe (1930)

Através da aplicação do método psicanalítico, buscamos interpretar, através das narrativas dos alunos, alguns dos sentidos das suas experiências emocionais durante um período tão exigente como o da pandemia.

III

EM BUSCA DE SENTIDO: O ESTÁGIO BÁSICO

3.1 O Estágio Básico: Campo de pesquisa

> “Minha emoção ao encontrar um antigo professor do colégio me induz a fazer uma primeira confissão. Não sei o que mais nos absorveu e se tornou mais importante para nós: as ciências que nos eram apresentadas ou as personalidades de nossos professores. De todo modo, esses eram objeto de um contínuo interesse paralelo, e para muitos de nós o caminho do saber passava inevitavelmente pelas pessoas dos professores.”
>
> Freud, 1914

As disciplinas Estágio Básico I e II, ministradas no terceiro ano do curso de psicologia da universidade, são de extrema relevância na formação dos futuros profissionais. Elas propiciam ocasião para a largada rumo às atividades em campo. É um momento exigente, de muita angústia e descobertas.

O projeto pedagógico define ao seguintes objetivos do Estágio Básico I: identificar fenômenos psicológicos em diversas situações da realidade; assimilar conhecimentos em psicologia para a compreensão e a delimitação de estratégias de atuação. Além disso, propõe-se a desenvolver as habilidades necessárias ao futuro exercício profissional em várias áreas de atuação, incluindo observação, reflexão sobre o próprio comportamento e seus efeitos sobre o campo, bem como a redação de documentos.

Antes mesmo do surgimento da pandemia, o Prof. Dr. Jorge Broide aventou o uso de crônicas na disciplina. Desde que se juntou ao curso, trouxe consigo tal oportunidade e os documentos escritos puderam assumir a forma de relatórios padronizados ou crônicas. A inovação em nossa proposta consistiu em adotá-las como instrumento de observação do cotidiano, tornando-se o elemento central do Estagio Básico I durante o período de isolamento social.

3.2 Estágio: Significado e legislação

Citado pela primeira vez na literatura jurídica no ano de 1080, o termo “estágio”, em latim “*stagium*”, significava residência ou local de moradia ou, ainda, “estar em um lugar”. (Colombo; Ballão, 2014). Já no idioma francês, “*stage*” foi inicialmente registrado na literatura em 1630 em referência ao período de treinamento de um futuro sacerdote para o exercício de seu ofício.

A palavra “estágio” sempre esteve ligada a um aprendizado prático, vinculando a teoria a um campo adequado, sob supervisão. De preferência, tal experiência deve ser ligada a contextos econômicos e/ou sociais. Dialeticamente, a prática motiva o estagiário a comparar teorias, seja para as confirmar ou refutar.

No Brasil, o estágio escolar foi instituído em faculdades e escolas técnicas em 1967, quando o Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) sancionou a Portaria n.º 1.002/67.

As orientações para o estágio em psicologia são pautadas pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP) n.º 010/2005; pelas resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) n.º 003/2007 e pela Lei dos Estágios n.º 11.788/2008.

A legislação vigente estabelece os fundamentos legais para conectar o estágio com o processo educacional. A aplicação correta das leis, o entendimento de suas consequências e uma gestão adequada por parte das instituições de ensino são essenciais para evitar a precarização das relações de trabalho.

Com o início da pandemia, a legislação sofreu alterações considerando o caráter emergencial de tomada de decisões provisórias para atender àquele momento. Enquanto docentes, o maior desafio foi buscar alternativas que autorizassem as instituições educacionais, os professores e os alunos a continuar trabalhando durante tal período. Como podemos ensinar sem comprometer a qualidade científica, a ética e a técnica da formação? Quais aspectos do trabalho de um profissional da psicologia podem ser realizados remotamente?

Em março de 2020 as diretrizes para a realização dos estágios ainda não haviam sido formalizadas e as supervisões já estavam em curso. Nesse contexto, o Parecer do Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno (CNE/CP) n.º 5, de maio

de 2020, foi reexaminado pelo Parecer CNE/CP n.º 9, de 8 de julho de 2020, referente à reorganização do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. A recomendação do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 48, de julho de 2020, tratou de estágios e práticas na área da saúde durante a pandemia, quando foram emitidos diversos relatórios regionais no seminário nacional *Formação em psicologia no contexto da pandemia da COVID-19*.

3.3 Os grupos de supervisão

> “No meio do caminho tinha uma pedra.
> Tinha uma pedra no meio do caminho.
> Tinha uma pedra.
> No meio do caminho tinha uma pedra.
> Nunca me esquecerei desse acontecimento.
> Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
> Nunca me esquecerei que no meio do caminho.
> Tinha uma pedra.
> Tinha uma pedra no meio do caminho.
> No meio do caminho tinha uma pedra.”
>
> Carlos Drummond de Andrade, 1928

Os grupos de Estágio Básico I (EBI) são compostos por dez estagiários. A disciplina se desenvolve a partir da distribuição dos alunos em campos de estágio para observação e a subsequente supervisão.

A proposta de observação do cotidiano registrado em crônicas, na pandemia, foi recebida com ceticismo na primeira supervisão realizada à distância. A experiência sugerida foi rejeitada, pois havia a ilusão de que, em algum momento ao longo do semestre, seria possível vivenciar a tão esperada experiência do estágio *in loco*. Em resposta a essa situação, surgiram emoções de tristeza, impotência e frustração em relação à realidade, à universidade, bem como uma negação da impossibilidade de realizar essa etapa da formação presencialmente.

Estávamos imersos em um período incomum, no qual fomos compelidos a adotar o isolamento social, a reduzir nossas interações e a modificar nossa rotina. No contexto acadêmico, experimentamos a privação do convívio universitário e, de forma particular, a ausência do ansiado estágio inicial. Staal e Levine (2021) enfatizam:

> A pandemia tornou a morte muito visível, muito óbvia, ao mesmo tempo que enterrou tudo o que sempre nos ajudou a “viver” com a morte — nossos laços familiares e sociais, nossas celebrações, nossos ritos fúnebres, nossas artes e produções culturais, nossos parques e nossas viagens; ela nos deixou estupefatos perante a luz azulada das telas, evidenciando a nossa necessidade de sentido, de sublimação, de um mundo interno habitado e de um mundo externo aberto a ligações e futuros possíveis. (Staal; Levine, 2021, p. 23).

A supervisão do relato das crônicas sobre as experiências do cotidiano visava a apropriação do momento vivido e a elaboração dos impactos emocionais causados em todos nós pela pandemia. Através da escuta nossa função foi questionar, problematizar, fazer observações pertinentes em momentos apropriados e possibilitar oportunidades para compartilharem experiências e elaborarem seus próprios questionamentos.

A dinâmica de trabalho em grupo implica supervisora e estagiários em um processo de construção conjunta onde uma abordagem crítica e reflexiva da realidade é cultivada. Essa abordagem se caracteriza por uma postura investigativa e receptiva a dúvidas e às inquietações emergentes. É um trabalho de desenvolvimento de outras perspectivas e compreensão em relação a experiência. Dadas as circunstâncias, embora a intenção não tenha sido esta, o grupo foi além de seu objetivo inicial para adquirir um caráter terapêutico de troca de apoio.

Os grupos são, como mencionado anteriormente, espaços de escuta dedicados à reflexão. No primeiro momento, voltamos nosso foco ao processo de luto, trabalho inicial que foi estendido ao longo do semestre. Freud (1917[1915]/2010) define o luto como:

> Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc. […] Também é digno de nota que jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele, embora ocasione um sério afastamento da conduta normal da vida. Confiamos em que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial. (Freud, 1917[1915]/2010, p. 128).

Os trechos a seguir denotam esse luto, o impacto inicial da perda:

“Começamos o semestre, nós estudantes, com a convicção e certeza da ineficiência que seria cursar Estágio Básico em meio a um confinamento mundial. Assistindo as aulas de dentro de casa, por uma tela pequena e quadrada.” Crônica 91

“Do dia para a noite perdemos as nossas referências. O mundo de possibilidades que a nós foi apresentado em 2020, foi arrancado nos deixando apenas com um vazio.” Crônica 112

“A pandemia do COVID-19 é um marco histórico que mudou muito o mundo e como não poderia ser diferente mudou como seria o semestre de psicologia em 2020, fazendo com que estágio básico não pudesse ter a parte mais prática do curso.” Crônica 136

“A disciplina Estágio Básico I, oferece uma ampla quantidade de conteúdo teórico e prático. São realizadas visitas em locais extremamente interessantes e distantes da minha realidade, com direito a supervisão do que foi observado em cada uma dessas visitas. Além disso, aprende-se a fazer um relatório de observação e fichamentos de textos que agregam bastante na nossa futura profissão. Entretanto, esse semestre foi atípico para todos. Por conta da pandemia causada pelo coronavírus nós, alunos, não tivemos a oportunidade de realizar tais visitas e lidar com essas experiências.” Crônica 148

“[...] tenho me perguntado como a [Universidade] vai se posicionar acerca dos estágios que não estamos podendo fazer. Se vamos repor em algum outro semestre, se vamos completar a carga horária com outras atividades, não sei. Eu estava muito empolgada para começar a estagiar e, infelizmente, o estágio não aconteceu (e imagino que não vá acontecer), mas me preocupa muito pensar em começar o 4º ano e elaborar um TCC com um semestre a menos de experiência prática. Isso tem me deixado bastante aflita e não sei se é sequer possível ter essas respostas agora, mas espero que a [Universidade] esclareça essas questões em algum momento.” Crônica 7

Insistimos na experiência das crônicas com os alunos, pois vemos a supervisão como um espaço que permite a reflexão e troca de experiências, ainda que nas cisrcuntâncias que vivíamos. Realizamos uma tarefa de significação das angústias, do medo e do desamparo ocasionados pela catástrofe da pandemia. Vivíamos e registrávamos as experiências inéditas para todos.

> […] o ser humano está integralmente incluído em tudo que intervém, de tal maneira que quando existe uma tarefa sem resolver há, ao mesmo tempo, uma tensão ou um conflito psicológico, e quando é encontrada uma solução para um problema ou tarefa simultaneamente fica superada uma tensão ou um conflito psicológico […] (Bleger, 1989, p. 69).

Em março de 2022, o filósofo italiano Franco Berardi[40] afirmou:

> O que aprendi com a experiência do Grupo Internacional de Pesquisa sobre a Pandemia? Uma coisa fundamental: contra o pânico só existe uma vacina e essa vacina é pensar juntos. Pensar e ainda mais pensar juntos tem um enorme potencial terapêutico e político. A única coisa que podemos fazer neste mundo onde o Mundo se confunde com a Terra, em que não entendemos onde estamos ou como sobreviver, a única coisa que podemos fazer para escapar do pânico e da depressão é pensar juntos (Berardi, 2022, n.p.).

No terceiro encontro de supervisão começamos a compartilhar as crônicas. Foi, inicialmente, um momento de constrangimento e silêncios. Um aluno então se

[40] Franco Berardi, mais conhecido por Bifo, é um filósofo, escritor e agitador cultural italiano. Oriundo do movimento operaísta, foi professor secundário em Bolonha e sempre se interessou sobre a relação entre o movimento social anticapitalista e a comunicação independente. Nascimento: 2 de novembro de 1949 (idade 73 anos), Bolonha, Itália. [Wikipedia] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Franco_Berardi. Acesso em: 9 nov. 2023.

prontificou a fazer a primeira leitura. Narrava o silêncio das ruas, a insônia, a tristeza, entre outros temas. Imediatamente, o grupo expressou identificação com o material apresentado: “nossa sinto o mesmo, custo a dormir, estamos todos no mesmo barco”. A dinâmica da supervisão teve continuidade ao longo do semestre, com reflexões, contribuições dos alunos, perguntas direcionadas e a criação de um espaço de acolhimento e confiança mútua.

Em cada supervisão, alinhavávamos a experiência com o impacto do isolamento, o medo diante da pandemia e as fantasias de desamparo. Dessa forma, a cada encontro, visávamos criar possibilidades para nos apoiarmos uns aos outros diante dos complexos eventos políticos e do alarmante e diário aumento do número de vítimas fatais. Encontramos resistências, momentos de ausência e silêncios prolongados, mas também construímos uma rede de apoio para avançarmos juntos e nos reunirmos novamente na semana seguinte.

Os temas das crônicas emergiram da singularidade do olhar de cada aluno. Alguns narravam eventos políticos, enquanto outros abordavam questões pessoais ou acadêmicas. O presente, o passado, os sonhos perdidos e um futuro nebuloso eram frequentemente explorados: “Quando a brutalidade da vida se intensifica, precisamos ainda mais desse outro para elaborar a dureza da experiência, buscamos apoio nos grupos, ainda que aconteçam de forma virtual.” (Pereira; Coelho Jr., 2021, p. 86).

E assim, ao longo da nossa jornada semanal de elaboração, juntamos peças diversas, com diferentes formas, núcleos e padrões. À medida que costurávamos, uma colcha de retalhos tomava forma, repleta de tonalidades vibrantes que expressavam nossa indignação diante da realidade, assim como matizes mais sóbrias que simbolizavam nosso luto e nossa dor. Sentimentos de sofrimento e perdas, tanto simbólicos quanto concretos, entrelaçaram-se nesse tecido artesanal.

No decorrer das supervisões, atribuímos nomes às nossas emoções, refletimos e compartilhamos. Percebemos a força daquele espaço acadêmico para lidar com uma experiência nunca vivida em 35 anos da pesquisadora enquanto educadora. A atenção também estava voltada tanto para a resiliência quanto para o registro histórico — um testemunho coletivo de uma catástrofe sanitária e política — de nossa experiência singular. Um breve fragmento de um período global devastador. Uma época que revelou amplamente a natureza humana, e o humano em cada um de nós.

IV

ANÁLISE DO MATERIAL E ELABORAÇÃO DE SENTIDOS

> “O verdadeiro início da atividade científica está na descrição de fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si.”
>
> Freud, 1915

Para a análise das crônicas, utilizamos dois métodos simultâneos: o método quantitativo, através do software IRAMUTEQ, e o método psicanalítico. Segundo Herrmann (2004), embora existam resistências entre os psicanalistas, a pesquisa com o método psicanalítico pode ser realizada junto a outro método, por exemplo, o quantitativo, preservadas as ressalvas do método freudiano. (Herrmann, 2004).

Ainda pouco usado em trabalhos psicanalíticos, o IRAMUTEQ é um software especialmente projetado para análise de dados textuais que utiliza a linguagem de programação R, uma linguagem multifacetada e orientada a objetos, e que é usada para manipulação, análise e visualização de dados.

O uso do *software* em uma pesquisa científica pode ser útil para explorar e identificar padrões nos dados textuais coletados. Permite ao pesquisador visualizar a distribuição de palavras, frases e temas nos textos, identificar relações entre as palavras, agrupar textos em categorias semelhantes, entre outras possibilidades. Pode, inclusive, ajudar o pesquisador a obter *insights* sobre os dados textuais coletados e a criar visualizações úteis para apresentar e interpretar os resultados da pesquisa.

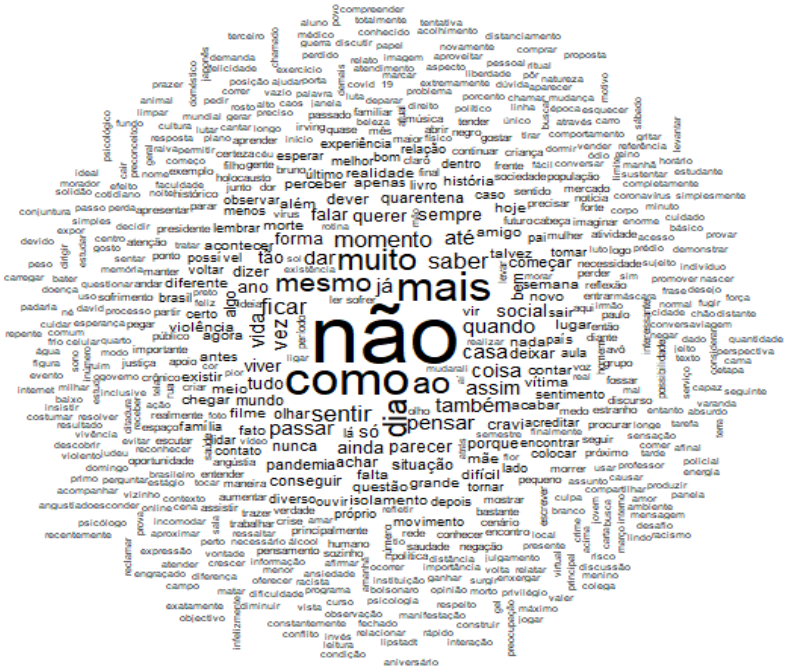
O funcionamento do IRAMUTEQ começa com a importação dos dados textuais pré-processados, para posterior remoção de pontuação e, então, a análise. Em seguida, o *software* cria uma tabela de frequências de palavras, mostrando quantas vezes cada uma delas aparece nos textos.

A partir da tabela de frequências, o IRAMUTEQ pode realizar diferentes tipos de análise, como por exemplo a análise de correspondência, buscando encontrar associações entre palavras e categorias; a análise de similitude, mostrando-nos

grupos de textos com padrões semelhantes de uso de palavras; e a análise de classificação hierárquica, agrupando os textos em diferentes níveis de similaridade.

As crônicas foram redigitadas e inseridas no IRAMUTEQ com o objetivo de dividir o seu conteúdo em classes, criando dessa forma grupos de temas. Em primeiro lugar foi realizada uma análise simples de contagem de palavras com o propósito de entender qual a frequência das palavras e identificar as mais utilizadas, como mostra a Figura 1.

Figura 1 — Análise preliminar em nuvem de palavras das crônicas



Fonte: Elaboração própria com IRAMUTEQ.

Através desse processo simples de contagem de palavras, destacada em tamanho maior na “nuvem” de palavras, identificamos “NÃO” como a mais frequente nas crônicas. Vejamos a definição do dicionário Houaiss acerca da palavra mais citada:

> **NÃO.** Advérbio. 1.Modo de negar; negação, recusa: Em contextos específicos, palavras como “negativo”, “nenhum”, “nunca”, “jamais”, entre outras, podem ser classificadas como **advérbio** de negação. **A palavra “não” deriva do latim “non”, significa negação, partícula negativa, por oposição ao sim**. Manifesta ou explicita negação ou rejeição; do mesmo significado da expressão: de modo nenhum Designação de jamais, negativo ou nunca; o não variou muito pouco do original “non”, também gerou “no” (italiano e espanhol), “nò” (corso), “non” (galego), “nu” (romano), “nein” (iídiche) e outras negações em línguas românicas (DICIO, s.d, grifos nossos).

Mas por qual motivo temos tal resultado? Uma de nossas hipóteses sobre a recorrência da negativa como forma/palavra mais expressa indica a dificuldade em suportar a realidade imposta pela pandemia, além de demonstrar críticas legítimas à política atual. “Não ao genocídio.” “Não.” Incrédulos, dizíamos não a tudo. À ausência de políticas públicas, ao “desgoverno”, à perda de um imensurável número de vidas. Não às mudanças impostas e não desejadas. A seguir, alguns trechos das crônicas em que a palavra aparece:

“[...] **não** sei a diferença entre ontem e hoje e eu desconfio que **não** seja por conta da quarentena [...]” Crônica 52

“[...] muito embora, a vida tenha demonstrado da urgência de **não** deixarmos os encontros para o amanhã [...].” Crônica 11

“Quem sabe assim **não** fica mais fácil? Vamos, mente! Me prega aquela peça. Eu bem que tentei, mas jogo tudo para o alto. Frustração. **Não** deu certo [...].” Crônica 50

“Chega a ser assustador pensar que eu **não** sei cuidar da minha própria casa; que por 22 anos alguém sabe dos detalhes mais íntimos do lugar onde eu durmo e eu sou completamente alienado a esses cantos.” Crônica 22

“**Não** minto, tem sido difícil, **não** estamos de férias, **não** é um sabático.” Crônica 11

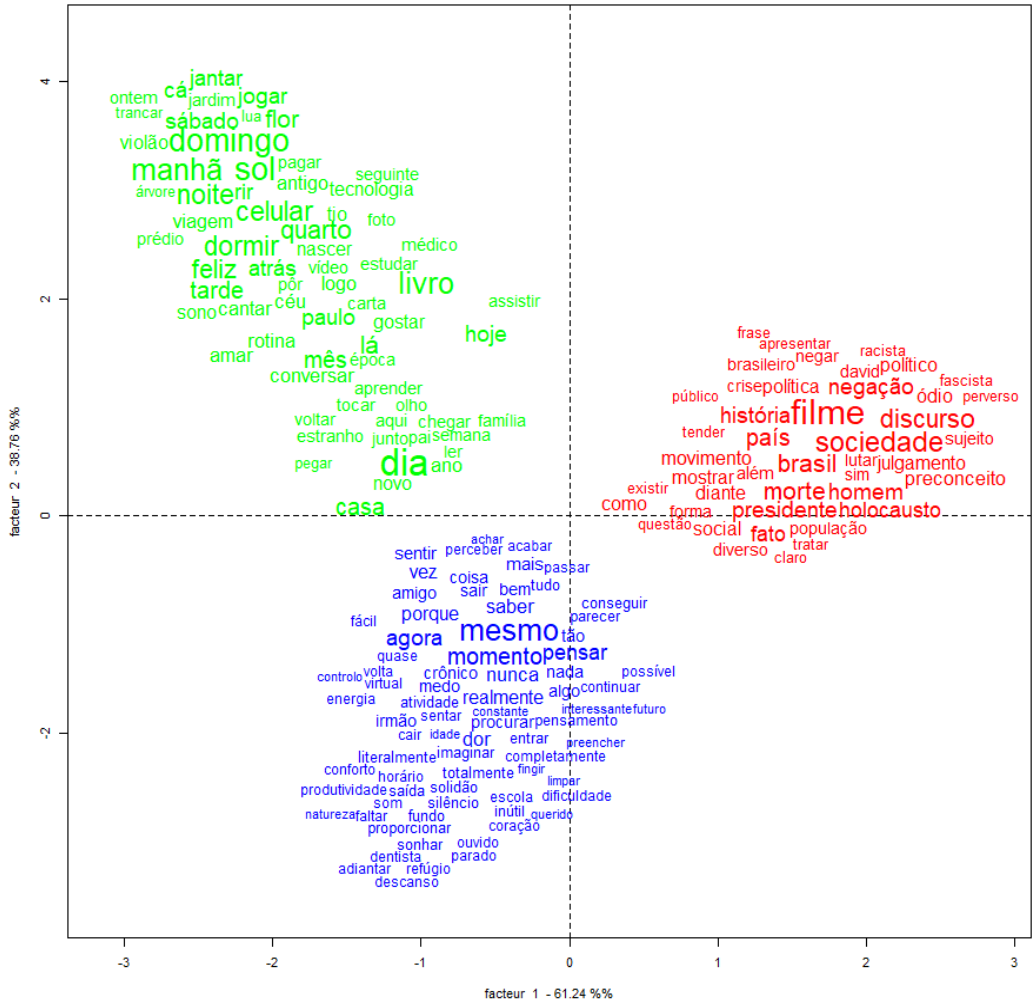
“Existe um documentário chamado *A terra é plana* que acompanha a vida de algumas pessoas que acreditam nessa teoria. [...] Porém, para elas alguém afirmar que elas são loucas **não** muda a opinião delas.” Crônica 25

“Irving [personagem negacionista do filme *Negação*], Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho, assim como Regina Duarte sustentam discursos cínicos, isso é, **não** tem nenhuma culpa, remorso, vergonha em ultrapassar os limites postos pela Cultura.” Crônica 14

“As pessoas têm sim o direito de falar o que elas pensam, isso **não** quer dizer que mentiras serão toleradas ou, ainda que, as pessoas falarão o que quiserem sem serem responsabilizadas por isso.” Crônica 29

Com o uso do *software*, três principais categorias foram extraídas dos dados brutos. Esta análise temática resultou nos três grandes temas — bem distintos — emergentes das crônicas, como vemos na Figura 2. O primeiro tema foi nomeado “Cotidiano” (em verde), o segundo foi nomeado “Sofrimento psíquico e Subjetividade” (azul) e o terceiro tema diz respeito às crônicas que trazem aspectos sociopolíticos (vermelho), levando também este nome.

Figura 2 — Os três temas emergentes das crônicas



Fonte: Elaboração própria com IRAMUTEQ.

Foram realizadas múltiplas leituras das crônicas. Inicialmente, a leitura fluiu para a compreensão da narrativa em sua totalidade, abrangendo seu início, desenvolvimento e evolução. A releitura trouxe questionamentos e articulações mais fecundas para a interpretação. Novos significados são desvelados a cada leitura, através da transferência e da atenção flutuante, quando é lida, relida e interpretada pela subjetividade da pesquisadora.

Segundo Mezan (1985), parte-se de uma perspectiva investigativa intrínseca ao método psicanalítico, na qual o analista, mantendo a atenção flutuante, empenha-se na busca de um significado latente que permeia a obra em análise. Esse significado compreende conteúdos reprimidos que ecoam de forma inconsciente tanto no autor quanto no destinatário, pressupondo que tais conteúdos compartilhem semelhanças emocionais entre ambos os indivíduos. Dentro desse contexto, concebe-se a

presença de uma comunicação cifrada de natureza “inconsciente a inconsciente”, possibilitando, desse modo, a reconstrução do processo criativo a partir das emoções vivenciadas pelo espectador.

Nessa conjuntura, mesmo na ausência das associações conscientes fornecidas pelo autor, torna-se viável a elaboração de uma interpretação dos conteúdos inconscientes presentes na obra por meio da habilidade do analista em estabelecer conexões evocadas pelo material artístico, bem como pelas pistas inconscientes emergentes e pela maneira como esses elementos afetam emocionalmente o analista. Esse processo de interpretação acaba por confirmar o sentido subjacente da obra, com base em outros indícios presentes na mesma.

No processo de tratamento dos resultados obtidos, é possível identificar os três eixos mais frequentes na crônica e analisar suas interconexões. Ao explorar o material, é essencial examinar minuciosamente as crônicas e relacioná-las às categorias de análise previamente encontradas. Tais categorias sugeridas englobam, nesta tese, a realidade sociopolítica, o cotidiano e o sofrimento psíquico.

Ainda com Mezan (1993): “O fato é que, nas disciplinas humanísticas, o sentido de um fenômeno ou de um processo jamais é unívoco, comportando por natureza diferentes apreciações. O que decide quais delas são válidas [...] é a coerência dos argumentos entre si.” (Mezan, 1993, p. 21).

Segundo Rezende (1993) a pesquisa psicanalítica possibilita ao pesquisador ir em direção ao objeto de investigação, “interpretar a polissemia das situações observadas” e mostrar em que direções há sentidos. (Rezende, 1993, p. 105-106).

A pesquisa em psicanálise não tem a intenção de abordar todas as possíveis interpretações. Os símbolos possuem uma riqueza de significados diversificados, o que lhes confere uma capacidade de criar significados quase ilimitada. A intenção é ampliar a perspectiva e fomentar a receptividade a novas interpretações dos fenômenos.

4.1 Os temas pesquisados nas crônicas dos estudantes

Apresentaremos a produção final dos estudantes — aqui agrupada e comentada pelos temas: cotidiano; sofrimento psíquico e subjetividade; e aspecto sociopolítico. Esse material foi produzido pelas quatro turmas de estudantes de psicologia de uma universidade de São Paulo para a disciplina Estágio Básico I, de março a junho de 2020, período que coincidiu com o início da pandemia de Coronavírus e do isolamento social no país.

Em razão do isolamento, todas as atividades letivas do semestre aconteceram de forma remota, sendo a produção de crônicas a atividade substituta ao trabalho de campo de observação.

Os relatos escritos descrevem a experiência pessoal dos estudantes durante a pandemia e foram filtrados por suas visões de mundo, pela história de vida de cada um. Tais relatos incluíram a vivência da doença, a adaptação a novas formas de trabalho e socialização, além do impacto emocional e socioeconômico. O resultado é um material bastante pessoal e íntimo.

Consideramos as crônicas sobre a pandemia um registro valioso da história, que podem ajudar a entender como foi o processo de enfrentamento e adaptação a um evento global sem precedentes. No decorrer dos 4 meses, as crônicas percorreram três momentos:

1º momento — as narrativas relatam o impacto do novo, do desconhecido, tanto da pandemia quanto do confinamento.

- Momento de medo, sensação de estar perdido:

✓ Entender e começar a lidar com o novo cenário/nova situação.

2º momento — falam da vida sob a nova realidade, a adaptação e a criatividade (romantização da situação).

- Momento de descobertas e de hiperatividade:

✓ Oportunidade de aprendizados práticos, novidades (aptidões e interesses);
✓ Recuperar o tempo perdido, desperdiçado;
✓ Busca por se ocupar e produzir;
✓ Ansiedade, a falta de contato pessoal escancara a necessidade do outro.

3º momento — falam dos problemas sóciopolíticos (polarização, negacionismo, omissão) e do inevitável olhar para dentro de si.

- Momento do “entender tardiamente” — impotência, insatisfações, sensação de esgotamento, agudizam-se a sensação de encarceramento e a desesperança (rotina repetitiva e limitada, sem perspectiva de fim da pandemia):

✓ Consciência, racionalidade — reconhecimento das próprias dificuldades e limitações, das dores psíquicas.

4.1.1 Tema: Cotidiano

> Perdoem a cara amarrada.
> Perdoem a falta de abraço.
> Perdoem a falta de espaço.
> Os dias eram assim.
> Perdoem por tantos perigos.
> Perdoem a falta de abrigo.
> Perdoem a falta de amigos.
> Os dias eram assim.
>
> Ivan Lins, 1978

Nas crônicas, encontramos diversas questões e experiências do cotidiano de foro íntimo e fortemente vinculadas à situação de confinamento. Os relatos sobre o dia a dia testemunharam o esforço para a adaptação e a necessidade de se reinventar, bem como de aprender, de rever hábitos e atitudes. Nesse processo, novas nuances de humor e sentimentos surgem e refletem o estado emocional dos estagiários.

As vinculações e espelhamentos da nova realidade sobre as emoções serão tratadas com mais vagar no capítulo voltado ao sofrimento psíquico. Aqui, veremos as crônicas sobre o cotidiano dos estagiários durante a pandemia, que abordam principalmente o esforço de construir e viver uma nova rotina diante das restrições do isolamento. Cada indivíduo enfrenta essa situação com seus próprios recursos internos, criativos e de resiliência, buscando encontrar respostas possíveis dentro desses limites.

Sobre o cotidiano, os relatos aparecem misturados às sensações, emoções e humores de quem os apresenta. Muitos dos textos são atravessados por lembranças, comparações e reflexões entre a rotina e a vida anterior, e a nova rotina em isolamento. O cotidiano expõe a própria imagem e traz ganho de consciência.

Os fatores “tempo” e “espaço” são os determinantes da nova rotina e são desafiadores: como lidar com esse tempo novo, esse tempo livre, esse tempo estendido? Como lidar com esse tempo num espaço demarcado e restrito ao privado e doméstico? Como passar, preencher esse tempo, nesse local, no decorrer dos dias?

Quando Santo Agostinho se interroga sobre o que seria “tempo” — “*Quid est ergo* t*empus*”, discorre sobre a questão da seguinte forma:

> O que é afinal o tempo? Quem o explicaria fácil e brevemente? Quem o captaria, ainda que apenas no pensamento, para proferir uma palavra sobre ele? Mas, ao falar, o que mencionamos ser mais familiar e conhecido do que o tempo? De algum modo, entendemos quando falamos do tempo, e entendemos quando ouvimos outra pessoa falar dele. O que é, portanto, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei; se eu quiser explicar a quem pergunta, não sei (Agostinho, 2008, p. 111).

Para a psicanálise, o presente não é simplesmente uma consequência direta do passado, mas sim uma construção psíquica. O sentido do passado é construído a partir do presente. Freud (1915/1987) subverte a noção tradicional de tempo linear ou circular. Em vez disso, apresenta outros tempos psíquicos, como o tempo de repetição, o tempo de posteridade, o tempo de elaboração, entre outros. Esses “outros tempos” representam processos psíquicos específicos, nos quais eventos passados são reinterpretados no presente, para construção da subjetividade. Marília Millan (2002), em um estudo aprofundado sobre o tempo e a subjetividade, ressalta uma citação de Tannis (1995):

> A psicanálise considera duas tendências inerentes à temporalidade do sujeito: no id há um tempo eterno, que obedece ao processo primárioe a obstinação onipotente do desejo; no corpo e na existência humana há um tempo finito relativo à castração, às perdas, à morte. É justamente na intersecção desses dois tempos que o indíviduo se insere na vida. O processo psicanalítico vai trabalhar no sentido de constituir, como mémória,o modo de funcionar pertencente ao passado. Re-significar a história do sujeito é permitir a circulação entre tempos outrora estanques,por meio da instauração do princípio da realidade (Tannis, 1995 *apud* Millan, 2002, p. 82).

Em 1915, no artigo *O inconsciente*, Freud afirma:

> Os processos do sistema inconsciente são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se ao trabalho do sistema consciente. (Freud, 1914-1916[1915]/2010, p. 214).

Além da atemporalidade, Freud destaca a ausência de contradição e o caráter de realidade psíquica. Em 1933, nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, o psicanalista reafirma:

> Nada existe no Id que possamos equiparar à negação, e também constatamos, surpresos, uma exceção à tese filosófica de que tempo e espaço são formas necessárias de nossos atos psíquicos. Nada se acha que corresponda à ideia de tempo, não há reconhecimento de um transcurso temporal e, o que é muito notável e aguarda consideração no pensamento filosófico, não há alteração do evento psíquico pelo transcurso do tempo. Desejos que nunca foram além do Id, mas também impressões que pela repressão afundaram no Id, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se tivessem acabado de surgir. Podem ser reconhecidos como passado, desvalorizados e privados de seu investimento de energia somente quando se tornam conscientes mediante o trabalho analítico, e é nisso que se baseia, em medida nada pequena, o efeito terapêutico do tratamento analítico (Freud, 1933/2010, p. 153-154).

Os estudantes trouxeram também o seguinte questionamento: o quê, nas nossas vidas, define e distingue os dias? Historicamente, os princípios cósmicos do tempo são retratados em diversas formas ao longo dos séculos: dos *Hinos Órficos* (séc. VI A.E.C.) aos escritores Edna Millay (1892-1950) e Aldous Huxley (1894-1963); da filosofia de Zenão (490-430 A.E.C.) à física de Albert Einstein (1879-1955) e à matemática de Hermann Weyl (1885-1955); na arte, de pinturas e esculturas da Antiguidade Clássica às obras de Salvador Dalí.

> “O tempo, que a tradição mitológica nos pinta com alvas barbas, é pelo contrário um eterno rapagão, rosado, gamenho, pueril; só parece velho àqueles que já o estão; em si mesmo traz a perpétua e versátil juventude.” (Assis, 1994b, p. 97).

Na Grécia Antiga, o tempo era compreendido e categorizado de diferentes maneiras. Destacamos três padrões: Kronos, Kairós e Aion.

Kronos está associado a um tempo cruel e inexorável, representando uma estrutura inflexível que ordena passado, presente e futuro com velocidade, pressão e linearidade. Ao considerarmos essa visão do tempo de Kronos, podemos estabelecer um paralelo com a contemporaneidade.

Nos encontramos imersos em uma sociedade cada vez mais acelerada e conduzida para a produtividade, na qual o tempo muitas vezes é tido como um recurso reduzido. Com frequência, estamos tão concentrados em cumprir tarefas e alcançar metas que negligenciamos o presente e a ligação com nossas experiências internas. Além disso, o avanço das tecnologias digitais e a crescente conectividade também desempenham um papel importante na experiência atual do tempo. Na era digital, o acesso imediato e constante à informação resulta em uma percepção fragmentada do tempo. A velocidade da comunicação e de obtenção de conhecimentos promove uma cultura da instantaneidade, na qual tudo parece acessível em segundos.

Nesse cenário é pertinente ponderar sobre os conceitos temporais, como o Kairós — momento oportuno — e Aion — tempo eterno ou atemporal —, permitindo-nos considerar uma perspectiva sobre a redefinição de nossa interação com o tempo na era da cultura do imediato. Vejamos um trecho da Crônica 52:

"Faz tempo que segunda para mim é também domingo — com exceção das lembranças distantes dos alegres almoços de família que aconteciam aos domingos, não nas segundas. […] não sei a diferença entre ontem e hoje e eu desconfio que não seja por conta da quarentena. […] se o sábado só é sábado porque eu fui ao parque e a segunda é segunda por eu ter visto aula *online*, o que faz os dias serem dias senão o nascer do sol e o brilho da lua? Será a utilidade que eles têm em nos fazer produzir? Ou será o uso que damos a eles? Será que é o pedacinho de criatividade que deixamos ir com eles? Ou será que são as obrigações?" Crônica 52

O isolamento provoca uma ruptura das coordenadas do tempo, representantes do mundo conhecido, pré-pandêmico. Sua realidade psíquica é habitada por lembranças de um período definido e idealizado. A perda da noção dos dias leva ao questionamento do sentido da existência. Vive-se no presente um estado de suspensão. A pandemia ameaça tanto a integridade psicológica quanto a física, gerando uma sensação de impotência e perda de controle. Nesse tempo estagnado e indeterminado, as obrigações e atividades consideradas "úteis" consomem vorazmente a criatividade.

Aqui encontramos a expressão da angústia da repetição e indiferenciação dos dias. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1924/2010), Freud afirma:

> A angústia tem uma inconfundível relação com a expectativa. É sempre angústia diante de algo. Nela há uma característica de indeterminação e ausência de objeto. […] O perigo real é um perigo que conhecemos, e angústia realista é a angústia ante tal perigo. [...] o significado da situação de perigo é claramente a avaliação da nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação ao perigo real (Freud, 1924/2010, p. 115-116).

Como também observa Joel Birman (2014), em entrevista que pode ser encontrada no YouTube: "percebemos, então, a presença da angústia do real e sua consequência — o efeito traumático"[41].

[41] PERCY Reflexão. Café Filosófico: Caos e trauma no mundo contemporâneo - Joel Birman. **YouTube**. 4 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MvES4LYTP-8. Acesso em: 7 abr. 2021.

Outro fator interveniente na construção da nova rotina, sob o jugo da pandemia, foi a decretação súbita de confinamento, não dando tempo a qualquer planejamento, sua natureza coercitiva e sem previsão de duração.

Nesse contexto, os relatos revelam um certo caos na rotina, desde o início e depois. As últimas crônicas revelam um certo tédio pela “falta de” ou pela repetição das atividades — “os dias eram iguais” — sem margem à variação, e o consequente esgotamento da criatividade. Rapidamente, contam os relatos, a rotina instalada se mostrava desconfortável e inquietante, acompanhada de ansiedade, solidão e, quanto mais se aproximava o fim do estágio, estresse e tristeza.

Nos 4 meses cobertos pelos relatos, pode-se distinguir três momentos da nova rotina. Muitos moravam só ou com amigos, e buscaram, temporariamente, na casa dos pais acolhimento e companhia protetora. Mas, em curto espaço de tempo, voltaram “para casa”, por saudade, necessidade de privacidade ou por compromissos inadiáveis. Num primeiro momento, de rápida duração, parte dos estudantes se mostraram atônitos e assustados com a ameaça de um vírus totalmente desconhecido em sua ação e propagação, enquanto uma parte maior manifestou contentamento com a perspectiva de “férias fora de hora” — de “um tempo sabático”, que serviria para colocar em dia as tarefas letivas, as leituras atrasadas e, ao mesmo tempo, desenvolver alguma habilidade ou lazer adiados — como veremos a seguir.

“Moro em São Paulo, mas minha família é do interior, como minhas colegas de apartamento voltaram para a casa de seus familiares resolvi fazer o mesmo nesse período a fim de não ficar sozinha. Apesar de sentir saudades da casa que chamo de minha, acredito que estar no interior durante esse delicado momento de isolamento esteja sendo o melhor a ser feito. [...] sensação de proximidade distante do mundo lá fora.” Crônica 86

Como podemos ver acima num trecho da crônica, abandonar um projeto de emancipação na capital é uma escolha consciente diante da ameaça do vírus e da solidão. Regressar ao interior remete a várias possibilidades de interpretação: dar um passo atrás, retroceder, buscar o interior de si mesma e de sua história, reatar conexões com seu lugar de origem e reviver uma sensação de proteção da infância. Aqui parecem estar internalizadas vivências de um objeto bom, continente das angústias primitivas, para onde se pode recorrer em um momento de tal intensidade e de ameaça real.

> O bebê inicialmente relaciona-se com o mundo, e o coloca para dentro, através da sua experiência com sua mãe. [...] Quando um bebê está com raiva, ele fica totalmente com raiva. Com todo seu ser, ele percebe sua mãe

> como a fonte da sua dor e raiva. Ele se sente mau. Quer se livrar desse sentimento. Ele o empurra de volta à sua suposta fonte, ou seja, a mãe. Aos seus olhos, sua própria mãe se torna má. Ele tem uma mãe má dentro dele. Quando ela o conforta e alimenta, e ele tem um sentimento bom, sua mãe volta a ser boa. Ele "projeta" seu sentimento bom e os identifica com ela. Ele "introjeta" sua experiência com ela como sendo calma, satisfatória e boa; ele próprio adquire um sentimento bom dentro dele. Ele sente que ele é "bom" (Waddell, 2017, p. 362).

Rapidamente o cotidiano em isolamento entrou numa segunda etapa — estabelecer uma nova rotina e vivê-la: os estudantes, por pressão de seus pares, foram instados a programar uma agenda e um rol de atividades para um tempo estendido. Uma quase competitividade se estabeleceu nas redes sociais, em que muitos embarcaram e confessam nos relatos. Até o ócio, em isolamento e por conta disso mesmo, deveria ser produtivo, deveria ser utilitário.

Entre as atividades era preciso dar conta das "obrigações" já conhecidas (estudantis, domésticas, de lazer) e de outras novas atividades, utilitárias ou não (cuidados com plantas, tocar um instrumento, criar uma horta etc.). Nas redes sociais, era necessário se mostrar produtivo, criativo, animado, demonstrando estar bem e no controle do dia a dia. Evitar o ócio era imperativo, não só por ser censurável, mas também para passar o tempo, este transbordante, e não dar brechas a um "olhar para dentro de si".

"Entre uma procrastinação e outra — afinal, estamos vivendo uma pandemia, tá tudo bem se deixar levar um pouco pela improdutividade, eu acho, a ideia brilhante me acomete. Gosto de acreditar que ela partiu de mim, mas no fundo sei que é só a colheita de horas rolando o *feed* do Instagram, consumindo conteúdo de quem adora fingir — e mostrar, ter a vida perfeita. Pois é, se já era ruim antes, nesses tempos as redes sociais estão mais para concurso virtual de superprodutividade. E há quem caia nesse mito. É, eu caí nesse mito. [...] penso que pode ser possível me desligar um pouco, lembrar da vida pré-quarentena, fingir normalidade." Crônica 51

A ideia de descansar em alguns momentos da pandemia poderia ser uma boa razão para postergar as tarefas diárias. Contudo, a decisão é não executar nenhuma atividade, dedicando seu tempo a rolar o *feed*: "Só a colheita de horas rolando o *feed* do Instagram, consumindo conteúdo de quem adora fingir – e mostrar ter a vida perfeita." (Crônica 51). *Feed*, do inglês, significa "alimentar".[42] A colheita é de frutos indigestos. O que deveria alimentar suas horas de lazer, intoxica. Imagens e textos

[42] *Feed* é uma palavra em inglês que significa "alimentar" ou "alimentação". Na era digital, é uma lista de conteúdos atualizados que aparecem em diversas mídias sociais, *blogs* e plataformas de compartilhamento de informações. No Instagram, é a página principal da rede social, onde as pessoas compartilham suas fotos e vídeos com seus seguidores. Disponível em: https://apublicacao.com.br/o-que-e-feed/. Acesso em: 13 set. 2023.

aos quais dedicou seu tempo expressam uma vida superprodutiva desejada. Mesmo sabendo da falta de veracidade do conteúdo apresentado nas redes (“caiu no mito”, no sentido popular), permanece identificada com esse universo e se condena por procrastinar.

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1920-1923[1921]/2010), Freud observa no Ideal do Eu uma formação nitidamente diferenciada do ego, permitindo nomeadamente explicar a fascinação amorosa, a dependência para com o hipnotizador e a submissão ao líder (ou às redes sociais), casos estes onde uma pessoa estranha é colocada pelo indivíduo no lugar de seu Ideal de Ego.

> Temos então que os grupos se caracterizam por colocarem um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, consequentemente, identificarem-se uns com os outros em seu Eu. [...] observações atentas parecem provar que o indivíduo, mergulhado há algum tempo no seio de uma massa ativa, logo cai — em consequência de eflúvios que dela emanam, ou por outra causa ainda ignorada — num estado particular, aproximando-se muito do estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador […]. A personalidade consciente se foi, a vontade e o discernimento sumiram. Sentimentos e pensamentos são então orientados no sentido determinado pelo hipnotizador. [...] o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder (Freud1920-1923[1921]/2010, p. 59).

Esse processo está na base da constituição do grupo humano. O ideal coletivo retira sua eficácia de uma convergência dos “ideais do ego” individuais. “Certos indivíduos puseram um só e mesmo objeto no lugar do seu ideal do ego, e em consequência disso identificaram-se uns com os outros no seu ego” (Freud, 1914/2010, p. 147).

A forma mais clara para entender essa estrutura pode ser encontrada em grupos em que a figura do líder encarna o ideal em questão. Esse caso extremo possui todas as características examinadas por Freud no que se refere a grupos humanos coesos, remetendo-nos por sua vez às características encontradas no sintoma por contágio, na hipnose e no estado amoroso, ou seja: certo grau de influência recíproca, especial condição de sugestionabilidade, inibição do funcionamento intelectual, elevação da afetividade. (Freud, 1921/2010).

A instância responsável por exercer a consciência moral é chamada de Ideal do Eu (*Ichideal*). Ela se separa do Eu e entra em conflito com este, sendo responsável pela autovigilância, pela censura nos sonhos e, parcialmente, também pelo recalcamento, sobre o qual tem grande influência. O Ideal do Eu é a herança do

narcisismo originário, no qual o Eu Infantil bastava a si mesmo. À medida que a criança cresce, o Ideal do Eu vai tomando para si as exigências do ambiente que o Eu não pode satisfazer, de modo que este possa permanecer satisfeito consigo mesmo. A distância entre o Ideal do Eu para o próprio Eu varia de indivíduo para indivíduo.

Cada sujeito é membro de várias massas. Ele identifica seu Ideal do Eu de acordo com cada uma delas, para no final restar apenas uma pequena quantidade de originalidade e independência. Nesse contexto, as redes sociais podem funcionar como um espaço no qual as pessoas buscam validar seu ideal, exibindo uma imagem de si correspondente ao visto como uma vida perfeita e produtiva.

Excepcionalmente, alguns poucos tentaram manter a rotina anterior, como uma forma de resistência e demonstração de domínio da situação. Mas aparentemente não obtiveram sucesso e acabaram cedendo à nova realidade. A maioria buscou prontamente se adequar à nova situação, mesmo tentando manter um certo controle da rotina, fazendo escolhas e introduzindo certa sistemática na agenda, até então, distinta da anterior.

Nessa segunda etapa da nova rotina, fatos corriqueiros mas antes despercebidos adquiriram outro valor e geraram alegria, conforto, sendo resgatados e ressignificados.

“Domingo, o abraço apertado e saudoso em meu irmão, que há tanto não via; segunda, uma troca de sentires entre mim e uma grande amiga; quarta, uma conversa demorada com minha mãe; hoje, a descoberta de um livro que eu amo numa estante de casa. Tenho descoberto também lugares que fazem sombras bonitas no meu quarto conforme o sol bate na janela. Nos últimos dias, fiz sorvete pela primeira vez, descobri por que meu arroz ficava, segundo minha mãe, ‘romântico’ e agora ele além de gostoso está soltinho. Tenho cozinhado legumes, olhado para minha sanfona e deixando sempre para o amanhã o retorno a esse encontro; muito embora, a vida tenha demonstrado da urgência de não deixarmos os encontros para o amanhã. Tenho também comido doce, pelo menos um todos os dias.” Crônica 11

Aqui vemos o resgate, no presente, de sabores antigos de afeto, lugares na estante (estrutura) e na culinária (nutrição). Lembranças de um tempo passado onde as imperfeições eram recebidas com continência — “arroz romântico” — e agora evoluem para a realidade do saboroso “soltinho”. Novas aquisições no tempo desafiador da quarentena. A beleza oculta e nunca observada do quarto, agora percebida, possível de ser apreciada. Adia o som da sanfona com angústia e incerteza da existência de um amanhã, ameaçado pela urgência trazida pela pandemia.

> Na família suficientemente boa, experienciamos o amor e a lei. Amamos e somos amados pela mãe, pelo pai e por outros, mas não porque conquistamos isso; somos simplesmente amados, como se este fosse o predicado fundamental da existência. (Bollas, 2021, p. 29).

Outras distrações e fontes de alegria foram as descobertas a partir da contemplação, pela janela, do entorno e do outro. Verbalizações registraram momentos sensíveis e enternecedores frente à dureza e ao caos da situação de isolamento:

“A interação fica muito fechada às pessoas da casa, e não que não sejam relações de qualidade, mas existem sempre uma falta existencial na gente que faz querer os outros pertos também. Então dentro das possibilidades eu me pego olhando para a janela, olhando o que as pessoas no prédio da frente estão fazendo, eu sinto como se elas estivessem compartilhando comigo aquela rotina. Até porque sinto nisso uma reciprocidade, sempre tem alguém olhando para cá também. O olhar da janela se torna uma nova interação do momento, às vezes damos ‘tchauzinho’ um para outro, gritamos juntos ‘Fora Bolsonaro’, ‘compartilhamos’ jantares e almoços.” Crônica 38

No recolhimento surge a necessidade de expansão, um pouco além do permitido e suportável. O isolamento, entre outros efeitos, fez-se sentir pela perda de pertencimento. Em *Considerações sobre a guerra e a morte* (1915/2010), Freud afirma:

> A transformação dos maus instintos é obra de dois fatores que agem na mesma direção, um interno e outro externo. O fator interno é a influência exercida sobre os maus instintos — egoístas pelo erotismo; isto é, pela necessidade humana de amor em seu sentido mais amplo. A união de componentes eróticos transforma instintos egoístas em instintos sociais. O sujeito aprende a estimar e sentir-se amado como uma vantagem pela qual pode renunciar a outras. O fator exterior é a coerção da educação, que representa as exigências da civilização circundante, e é logo continuada pela ação direta do meio civilizado (Freud, 1915/2010, p. 220).

O já citado filósofo Franco Berardi em entrevista de março de 2022, lembra-nos que:

> [...] no início da pandemia, as pessoas iam para suas janelas e, de lá, cantavam. Batiam palmas e panelas, como quem estivesse à deriva, mas com ânimo suficiente para lançar cordas ao mar, apostando na hipótese de conexão, na tentativa de reconstruir as malhas afetivas e ecológicas por onde podem circular cuidados mútuos. Cada um dos textos de *Ferenczi: pensador da catástrofe* pode ser lido como um desses brados a partir das janelas abertas diante da catástrofe a nos inserir na conversa, convidando-nos a experimentar a sobrevivência a partir do pensar (e do sentir) junto com seus autores (Berardi, 2022, n.p.).

Muitos estudantes criaram uma espécie de canal à distância, pelo qual podiam se integrar ao exterior — com a natureza, com as pessoas, com o dia, com os vizinhos. Olhar pela janela, em contemplação, era uma forma de entretenimento e de "proximidade" segura e prazerosa.

"[...] mas tenho pensado em como não vinha me fazendo bem-estar assim. Nesse sentido, tenho percebido um movimento, quase de resistência (interna), de reparar nas pequenas coisas sutis que tem me feito feliz nos últimos dias. [...] tenho descoberto também lugares que fazem sombras bonitas no meu quarto conforme o sol bate na janela. [...] tenho olhado pouco o céu, muito o celular. Percebido a partir disso a ansiedade que esse aparelhinho me causa." Crônica 11

A forma de resistir à restrição imposta pelo isolamento encontra um novo espaço interior e possibilidades momentâneas de satisfação. Descobre-se formas singulares nas sombras e se identifica a ansiedade do muito perdido pelo uso constante do celular.

Somos gregários por natureza e dependemos do meio social para nos constituirmos, isto é, o ser humano existe em função dos seus interrelacionamentos grupais. (Bion, 1975).

"Pelo menos esse olhar na janela, principalmente no pôr do sol, traz uma lembrança do que é estar junto com outros, aquele calorzinho gostoso de que estar junto de quem a gente gosta." Crônica 38

> O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna (Freud, 1916[1915]/2010, p. 249).

Num terceiro momento, coberto pelas últimas crônicas, os estudantes, cada um a seu tempo, viram cair por terra qualquer ilusão em relação a um período de confinamento definido. A monotonia dos dias e a falta de perspectiva de término a curto prazo do isolamento arrefeceram os ânimos. Com a perda da noção do tempo — indistinção dos dias e das horas — veio a sensação de tempo contínuo, de dias iguais, acompanhado por certo desânimo, melancolia e esgotamento.

"Dia 63. É sábado à noite. Dia 60 do isolamento social. Ou seria 63? 42? Perdi as contas. Por vezes, o sábado parece ser quarta-feira e as quintas-feiras parecem domingo. Mais um dia, vamos lá." Crônica 51

“Hoje dei conta sobre estar me sentindo no eterno dia da marmota. Digo isso não apenas no que concerne a repetição dos dias, aparentemente, todos iguais, mas também à minha reação diante deles. Não minto, tem sido difícil, não estamos de férias, não é um sabático.” Crônica 11

Nestes trechos, os estudantes mostram-se sem condições internas para a vivência da continuidade do isolamento social. A angústia manifesta-se pela desorganização interior, e a repetição leva à apatia e à impossibilidade de repouso.

> A possibilidade de uma elaboração do que é experienciado no contemporâneo ainda nos é fugidio. Estaríamos vivendo atualmente o confuso paradoxo de um tempo sem finitude, sem borda, sem futuro e, concomitantemente, um tempo em que a finitude, cravada no Real, nos convoca a todo momento através de mortes e perdas (Hernandez, 2020, p. 15).

Assim e com o passar dos dias, a realidade se mostrou outra, sendo reveladora da insuficiência de tempo livre. A rotina sem rotina se mostrava caótica e tediosa (no limite de quatro paredes). Com a acumulação de atividades novas, nem sempre agradáveis, e com o afã de superprodução, o dia a dia passou a ser um fardo inquietante e frustrante, com seus benefícios superados pelas perdas, estas somadas ainda às restrições à livre escolha e ao direito de ir e vir.

“Mais um dia, vamos lá. Inicio as atividades rumo a minha vida de sucesso, a vida que eu sempre sonhei. Serei alguém produtivo e desenvolverei novos dotes. Tento me convencer que fazer bolos e tortas, assistir *lives* de cantores sertanejos, aprender a pintar um autorretrato, ler um livro por semana e meditar 20 minutos por dia, tudo isso enquanto faço hidratação no cabelo e compro um curso *online* sobre como começar a investir em renda fixa e ganhar dinheiro em meio à crise sempre fez parte da minha rotina. Quem sabe assim não fica mais fácil? Vamos, mente! Me prega aquela peça. Eu bem que tentei, mas jogo tudo para o alto. Frustração. Não deu certo.” Crônica 51

As projeções para o futuro desmoronam. Cuidar de si é uma tarefa difícil e a estudante está emocionalmente desidratada. O investimento no mundo exterior está debilitado, o desejo de estabilidade (renda fixa) longínquo. Ela é tomada por uma tristeza por não alcançar seus objetivos. Talvez fosse mais fácil o enfrentamento da pandemia. Ela desiste. Revela as marcas de dor e impotência impressas pelo isolamento social.

Estabelecer e seguir uma rotina mostrou-se quase impossível e, na “prática possível”, a privacidade revelou sua face de aprisionamento: pelas muitas “faltas de” — da própria casa, dos amigos, dos afetos — e pelo surgimento de conflitos — íntimos e/ou de convivência, atuais e passados. O dia a dia solitário ou compartilhado com as mesmas pessoas também começou a pesar.

“A família em casa também se mostra um excelente obstáculo: agora que as coisas parecem ter se acomodado — dentro do possível, é claro — nesta dinâmica caseira; o respeito às *calls* de trabalho de meu pai e às minhas aulas da faculdade parece que foi ao mesmo lugar que as idas ao shopping ou a restaurantes: para o espaço.” Crônica 96

Esta aluna, impossibilitada de ter um espaço de privacidade, é afetada pela perda de contorno individual. Reflete conflitos e emoções ambivalentes, ligados a uma dinâmica familiar delicada, desafiadora, especialmente pelo imperativo da falta de espaço psíquico e físico.

Nas crônicas do cotidiano aparecem, também, reflexões sobre as novas relações com o espaço exterior e com o outro, tendo em vista um vírus propagado pelo ar e altamente contagioso. Assim, o sair de casa e o contato próximo com pessoas em situações corriqueiras, como uma ida ao supermercado ou à farmácia para o reabastecimento doméstico inevitável, tornou-se uma exposição de risco (de contágio acidental ou por irresponsabilidade do outro), amplificando a ansiedade e gerando pânico.

> [...] o impacto mais geral da pandemia sobre o psiquismo de todas as pessoas é a experiência de suscetibilidade à invasão de um elemento externo atacante e enigmático. O caráter inesperado, o pouco conhecimento sobre sua natureza e a gravidade potencial dessa violência vinda de fora favorecem os sentimentos de passivação e impotência, conectando assim a experiência pandêmica com situações traumáticas inerentes à própria constituição psíquica (Carvalho Ribeiro; Melo Carvalho, 2021, p.101-102).

As saídas de casa, quase exclusivamente para as compras, são relatadas como momentos de alta tensão, de pico de ansiedade, desde o planejamento (lista de compras) até a higienização das embalagens (de volta à casa). As idas à farmácia ou ao supermercado eram experiências que, se não fossem imperiosas, certamente seriam canceladas. Era a parte angustiante da rotina: estar entre outras pessoas em ambiente fechado era um grande risco de contágio, o que exigia estar sempre alerta, manter distância, verificar se todos portavam máscara e fazer as compras açodadamente (sob o risco de esquecer ou trocar itens).

“[...] com o mundo de cabeça para baixo, talvez visitar aquela exposição, andar no parque, ir ao bar com os amigos, tornem-se atividades presentes apenas nas reminiscências de tempos menos assustadores, visto que até uma ida necessária ao mercado ou a farmácia podem se revelar uma tarefa difícil.” Crônica 101

“A ida ao mercado nesses tempos de Coronavírus sempre é uma questão para todos aqui em casa, a ansiedade já começa a crescer com a lista do que está faltando sendo feita. Arroz, feijão, cogumelos, queijo… À medida que a lista aumenta fica mais próximo o momento que deixa todos nervosos: a saída em meio em quarentena para ir em local fechado com outras pessoas dentro. É estranho pensar como uma situação tão comum e às vezes prazerosa para

alguns, como eu, se tornou uma situação de quase pânico. […] É louco ver como as situações mais comuns e corriqueiras do nosso dia a dia podem virar um dos principais e mais difíceis eventos do cotidiano a depender da conjuntura. E em uma conjuntura como essa, até uma ida ao mercado nos lembra nossa própria fragilidade e impotência.” Crônica 36

As crônicas acima apontam como eventos usuais são reconfigurados e adquirem significados inéditos em meio à crise ao evidenciar os riscos à saúde e suscitar questionamentos sobre a vulnerabilidade humana. A ida ao mercado assume um lugar simbólico do enfrentamento desses novos desafios emocionais e sociais. Ansiedade, medo e quase pânico desabastecem emocionalmente à medida que a ameaça e o perigo de infecção pelo vírus se destacam.

> A perda de um solo existencial de segurança (que é uma segurança psíquica, quase independente de um perigo inevitável que o fato de estarmos vivos nos impõe) modificou decisivamente a nossa sensação de estabilidade e continuidade das coisas conhecidas à nossa volta. [...] Estão abaladas também, as funções psíquicas da confiança e da esperança no mundo e em nós mesmos (Coelho Jr.; Getlinger, 2021, p. 101-102).

Como já citado, o único contato seguro e possível era o que se dava à distância — de dentro de casa, pela janela ou pelas telas do celular e do computador. Porém, o isolamento, embora difícil, teve um lado positivo e revelador, como podemos ver no trecho a seguir:

“Eu tenho 22 anos de idade e acabei de procurar no Google: ‘como limpar uma privada’. São nesses momentos que, mesmo estando completamente sozinho em casa, se sente vergonha alheia de você mesmo e percebe o tamanho do privilégio que teve durante toda a vida. Chega a ser assustador pensar que eu não sei cuidar da minha própria casa; que por 22 anos alguém sabe dos detalhes mais íntimos do lugar onde eu durmo e eu sou completamente alienado a esses cantos. O que mais dói é que eu só percebi tudo isso por conta de uma pandemia que me forçou a entrar nessa intimidade com a minha própria casa. [...] E ter consciência disso é o primeiro passo para mudar minha relação com a minha própria casa.” Crônica 22

Acima, o aluno compartilha uma reflexão sobre a intimidade com a própria casa (mundo psíquico) e a relação com o espaço habitado (consciente). O evento traumático da pandemia o forçou a enfrentar os espaços desconhecidos e sua inabilidade em cuidar da sua casa/mundo psíquico. A percepção de tal desconhecimento causa estupefação. A tomada de consciência gera, além da vergonha inicial, a possibilidade de alargamento de continência ao não saber e aprender com a experiência vivida. Bion (1999) nos traz: “O saber sobre alguma coisa constitui, pois, uma interpretação pessoal sobre a coisa, supõe uma transformação equivalente à do artista quando pinta” (Silva, 1999, p.125).

Para a manutenção da saúde mental, alguns mecanismos foram utilizados no dia a dia:

- Atividades e afazeres da rotina da faculdade tiveram continuidade durante os meses cobertos pelos relatos, e parecem ter contribuído positivamente.
- Voltar a morar com a família ou intercalar os dias entre uma casa e outra.

4.1.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade

O isolamento foi experimentado como uma enfermidade de desenvolvimento gradual, e provocou de maneira insidiosa e sutil a deterioração da saúde mental.

"Essa crônica é uma reflexão sobre como o isolamento social vai nos minando de forma 'perversa e silenciosa'. Ele afeta alterando o humor, a forma de agir e pensar. Na falta de outro ser humano eu me peguei entrando em mim mesmo refletindo sobre preocupações e medos que antes eram inofensivos. Foi encontrar o meu amigo para me trazer de volta para a realidade. É preciso ter o isolamento social para conseguir passar por esse momento do mundo, mas não tem como negar que ele faz mal." Crônica 18

Aqui, o isolamento é experimentado como uma enfermidade de desenvolvimento gradual, provoca de maneira insidiosa e sutil a deterioração da saúde mental. A solidão e a perda de contato com o mundo exterior levam ao mergulho no poço sem fundo de suas angústias primitivas e perturbadoras de desamparo. O amigo surge como um antídoto, uma defesa, para não ser arrastado pelas correntes da angústia. O isolamento social é um remédio amargo, necessário para prevenir a contaminação pelo vírus, mas seus efeitos colaterais deixam sequelas.

> Diante dessa exigência intensa de simbolização, um aspecto importante é o papel de continência do grupo familiar ou social, que se torna um coautor na elaboração psíquica individual das angústias. […] A produção e elaboração de ideias e textos, as nossas ficções teóricos-clínicas […] revelam, acima de tudo, um esforço coletivo necessário para o enfrentamento da agonia, do vazio, da negatividade presentes em uma experiência traumática (Coelho Jr.; Getlinger, 2021, p. 95).

No total dos relatos (153 crônicas), encontramos estudantes bastante impactados e assombrados com a chegada da pandemia e com a experiência do isolamento social. O desconhecimento de como o vírus agia e seu grau de ameaça gerou medo e insegurança.

O mundo conhecido, familiar e social, iria ser transformado pela força do imponderável, do incontrolável, representando o mal pandêmico: interrompeu planos, desestruturou rotinas, impôs uma série de limitações e implicações — negativas — futuras.

“Do dia para a noite perdemos as nossas referências. O mundo de possibilidades que a nós foi apresentado em 2020, foi arrancado nos deixando apenas com um vazio. Em um momento que é de crise é necessário se reinventar pensar novas estratégias para se adaptar a uma situação muito nova. O que nos permite pensar na ideia de um ‘vazio fértil’.” Crônica 112

“Há mais ou menos um ano atrás comecei a me planejar. Horas gastas em pesquisas, imaginado e idealizando como seria os próximos meses da minha vida. [...] Sabia que era uma oportunidade única e queria que fosse o mais próximo do perfeito possível. [...] Estava preparada para as coisas saírem um pouco fora do roteiro, mas nunca imaginei que poderia ser nessa proporção. O vírus que virou o mundo de cabeça para baixo, chegou aonde eu estava.” Crônica 21

Um vírus ameaçador “chegou aonde se estava” em velocidade de relâmpago. Um planejamento considera algum desvio de rota, mas não uma paralisação imposta pelo invisível. Como prever um evento de tal magnitude mundial? O trecho da crônica 21 destaca a incredulidade do acontecimento. No meio do caminho, é-se alcançado pelo impensável: sem tempo de elaboração psíquica, o evento traumático da pandemia assume um caráter de irrealidade.

“[...] mas me preocupa muito pensar em começar o 4º ano e elaborar um TCC com um semestre a menos de experiência prática. Isso tem me deixado bastante aflita e não sei se é sequer possível ter essas respostas agora...” Crônica 7

“E dessa vez, parecia que estava tudo certo, amizades promissoras, iniciação científica, relacionamento saudável, terapia, tudo em dia, tudo ótimo, e então de repente, Puff, tudo desaba. Parece até que é um teste, tudo comigo tem que dar errado em algum momento... Me sinto sem rumo, como se tivesse perdido a estrada que eu havia construído. Espero e imagino nos meus sonhos mais loucos que isso é um daqueles momentos de ruína que aparece a criatividade, como quando os autores mais ilustres saem de momentos históricos tenebrosos como guerras e crises financeiras. Por enquanto, me resta esperar, pois cansei de tanto lutar, não vou ficar me definhando por coisas que não posso controlar, mas eu tô sempre nessa dicotomia, ou me queimo indo muito intensamente nas coisas, ou me afasto demais até sangrar por dentro.” Crônica 84

Em nenhum momento desses relatos há manifestação de resistência ou de negação da pandemia, mas sim um grande esforço de adaptação. Manter-se ativo e resistir à inércia e ao desânimo, como visto em seus pares, eram as palavras de ordem, ao menos inicialmente.

“[...] algo que se viu bastante nessa quarentena, as pessoas super ‘*good vibes*’ [...] vendendo essa imagem da importância de se manter superativo na quarentena. [...] mas é preciso parar para analisar o momento enfrentar e tentar digerir essa angústia existencial [...] e entender

que essa angústia na verdade existe em decorrência de um contexto e de uma sociedade que instiga esse excesso de trabalho.” Crônica 112

O quadro de isolamento, para cada qual a seu modo, deu oportunidade a reflexões sobre si (forças e fragilidades, culpas, questões não resolvidas) e sobre o outro (visibilidade, relações, vínculos). A partir daí, era inevitável que surgissem os (auto)questionamentos e descobertas. Para alguns a circunstância foi percebida como um ganho de consciência, pois no dia a dia “normal”, adiava-se a reflexão sob a alegação de “falta de tempo para pensar”. E agora sobrava tempo.

“A quarentena me força a conviver comigo mesma. Acordo comigo, passo a tarde toda comigo e vou dormir comigo. É estranho falar assim, visto que obviamente eu sempre convivi comigo mesma já que eu sou eu, mas não é algo que eu havia parado para pensar... pelo menos não até agora. Durante minha vida busquei inúmeras maneiras de me desvincular de mim mesma, mas neste isolamento vejo como isso e impossível, e muito sofredor também. Acredito que todo mundo está inevitavelmente fazendo o exercício de olhar para si mesmo, e acredito que possa ser muito benéfico, mas para mim é muito difícil..., mas é que olhar para mim é a minha maneira de tentar fugir de mim, como se eu estivesse correndo de mim só que indo para a direção de um espelho. Sou uma pessoa egóica, eu sei, e meu primeiro texto dessa atividade ser sobre mim mesma comprova isso. Porém, toda vez que reflito sobre mim não é como se eu estivesse falando sobre mim, mas sobre outra pessoa, uma pessoa que eu persigo e sou totalmente obcecada, que analiso cada passo e vigio toda hora, uma pessoa que nunca terá paz.” Crônica 10

Eis a angústia decorrente do encontro com seu mundo interior. Como suportar a presença de conteúdos internos, antes invisíveis, porém agora ameaçadores como o vírus?

A sensação de desconforto na própria pele persiste, desprovida de defesas contra perigos internos e externos. “Já era difícil antes da quarentena”. Como enfrentar as angústias persecutórias amplificadas pelo isolamento social? No reflexo do espelho, manifesta-se o medo de se deparar com a própria imagem. O desejo de se libertar do vírus, e de quem se é.

> De que forma o que acomete a pele, o corpo (o vírus?) também acomete a alma? Se sou primeiro a minha pele, como recusar ou me libertar, ou incorporar as marcas, as cicatrizes ou o espelho? [...] Somos por meio do corpo aquele que vê e é visto. Aquele que se vê, que se mostra, e que ao mesmo tempo busca se esconder de si mesmo e dos outros. Somos sujeitos e objetos, somos atores, mas também indivíduos assujeitados. Construímos e somos construídos nas marcas, nas transformações, no visível e no invisível (Coelho Jr.; Getlinger, 2021, p. 97).

Houve um processo de reflexões deflagrado pelo isolamento social nos 4 meses iniciais da pandemia, tendo como resultado o desnortear e o aclarar, o aterrorizar e o encantar, o machucar e o pacificar, ao mesmo tempo, mexendo com o

estado emocional desse grupo de jovens adultos. Tudo isso, “junto e misturado” ao tempo remanescente, ao silêncio interno ensurdecedor, acabou por aproximar passado e presente, e por provocar a alternância de sentimentos (ansiedade, angústia, aflição, tristeza e medo). Era mesmo inevitável olhar para dentro de si.

“Ócio e confusão. Eu acordo de manhã e me sinto cansada. Não estou dormindo muito bem, logo eu, que durmo feito uma pedra, às vezes nem o despertador é suficiente para me acordar. Mas esses dias estão estranhos, me sinto cansada o dia todo, porém não durmo direito... deve ser a ansiedade, que eu nem sabia que estava sentindo de tão rotineira que se tornou. Esses dias estão muito confusos mesmo. Talvez o maior problema seja a ansiedade, que me impede de relaxar.” Crônica 133

“Nessa quarta reflexão, trago uma questão que venho percebendo muito em mim, nas pessoas ao meu redor e, acredito que, em todos nós: o aumento de ansiedade e depressão em tempos de quarentena. O isolamento social e as incertezas provocam diferentes sentimentos nas pessoas. As incertezas de como o mundo será, de quando voltaremos ao ‘normal’, se voltaremos a normal e o que será considerado como normal pós-pandemia permeiam o dia a dia de todos nós.” Crônica 111

Como verbalizou um dos estudantes, “o isolamento social e as incertezas provocam diferentes sentimentos nas pessoas”, e cada um respondeu a essa situação de acordo com seus recursos. A grande maioria dos relatos leva à constatação do sofrimento psíquico provocado pelo isolamento social, embora os estudantes tenham a percepção clara da intensificação de angústias anteriores à ameaça pandêmica.

“[...] no que diz respeito mais à minha esfera pessoal (até onde é possível definir individualmente, pois na minha opinião não existe uma separação por completo), muito progresso vem se dando, muitos giros de posição, muitas descobertas vivificantes, reflexivas, tranquilizantes. Porém, de uma semana para cá as descobertas não foram tão legais assim; a faculdade não está mais tão tranquila, o final do semestre se aproxima, e ‘deu’ de coincidir junto da minha crise existencial, junto de angústias descobertas, junto da dificuldade de ser-no-mundo, junto de desvelamentos que nos tomam e a única saída é uma reinvenção, que está de certa, no mínimo, limitada, por questões de um estado de calamidade pública. [...] Estou passando a quarentena na minha casa de praia com minhas amigas, mas não estou; estou imersa em minhas angústias, em minhas incertezas, confusões, irritações, impotências, assujeitamentos, inexperiência, abismo, caos e vazio escuro no qual a queda nunca cessa, estou imersa na minha falta, ao mesmo tempo que o real da vida segue e me acomete sem cansar.” Crônica 137

“Este foi o dia em que senti as adversidades provenientes do isolamento social permeando a minha saúde mental. [...] Desde pequena aprendi que sempre teria que dar conta de tudo, não havendo outra alternativa: ou eu dava um jeito ou eu dava um jeito. [...] Hoje acabei cometendo um erro em meu trabalho..., para mim não existe essa possibilidade. [...] O que dessa questão me pegou foi a minha reação inicial: taquicardia, desespero e um choro que durou 1 hora, ininterruptamente. Na minha cabeça apenas passava um monólogo falando: ‘é por isso que você não deve ser tão segura de si’ e ‘viu?’ [...]. Tenho planos futuros de não exceder minha carga horária de trabalho e reservar um tempo diário para mim mesma.” Crônica 40

“Pensamentos da quarentena 1. Existem diferentes modos de lidar com a quarentena. Tem aqueles que estão gostando, como meu irmão de 12 anos de idade, que sem saber muito de todos os problemas que a pandemia está causando, aproveita o tempo livre para fazer coisas que gosta. Tem aqueles que ficam obcecados por limpeza, como minha mãe, que passa o dia arrumando a casa e procurando o próximo lugar para limpar. Há também os que prezam a produtividade, como a minha irmã, que [...] acha que os compromissos dela são sempre mais importantes que os do resto das pessoas. E tem aqueles que ainda não sabem como lidar. Eu sou esse último tipo.” Crônica 53

“Eu diria que, para uma época em que não se pode sair de casa e se manter são se tornou uma tarefa relativamente complexa.” Crônica 7

“[...] a sensação de pânico está se distanciando. Logo no começo optamos por apenas nos chafurdarmos em notícias após o jantar, e não por muito tempo, o que se mostrou efetivo em controlar nossa ansiedade. Acompanhar os números, os mortos e a imprevisibilidade de tudo se revelou um verdadeiro estressor e esvaziador de qualquer senso de perspectiva no começo. Agora, parece que apenas estamos imersos em um tanque de nada. E neste nada, as coisas aos poucos vão também se desfazendo... Por aqui, estamos todos insones e consequentemente arrastando um ao outro para esse buraco sem fim do ciclo de sono estragado.” Crônica 95

“Nada. Eu quero escrever sobre nada. Eu quero sonhar sobre nada. Eu quero fazer nada, comer nada, beber nada. Eu não tenho sobre o que falar, eu não quero mais ter sobre o que pensar, com o que me preocupar. Nada, não quero ter motivo para chorar, para sorrir, para ter raiva, para ansiar. Eu não quero assistir, eu não quero jogar, eu não quero sentir. Eu não aguento mais sentir. Por favor, alguém, me faz parar de sentir... Eu quero ansiar pelo final da quarentena, que todo mundo fique bem, que todo esse sofrimento acabe. Eu quero gritar que sinto saudade, que quero ver quem eu amo, que quero me sentir viva novamente. Mas eu sou vazia. Eu só sei mentir sobre saudade. Me sinto triste, é verdade, mas nem sei o porquê. Eu quero lembrar porque eu devo sentir saudade, porque eu devo gostar de sair de casa, porque eu devo gostar de ter uma rotina, de estudar, de viver. Mas eu só sinto nada.” Crônica 73
“Por enquanto, me resta esperar, pois cansei de tanto lutar, não vou ficar me definhando por coisas que não posso controlar, mas eu tô sempre nessa dicotomia, ou me queimo indo muito intensamente nas coisas, ou me afasto demais até sangrar por dentro.” Crônica 79

“Momentos de quietude, de ponderação, momentos a dar e ao mesmo tempo (qual tempo?) não dar voz ao abismo escuro e devorador que há entre nós. Momentos nos quais ser não toda é fundamental, essencial, principal; não toda perdida, não toda assujeitada, não toda sabida, não toda chata, quieta e sofrida, não toda forte, não toda completa.” Crônica 137

“No início da quarentena transpirava frio ao pensar como seria viver um período indeterminado de isolamento social. Sempre busquei estar rodeada de pessoas, talvez como um mecanismo de preencher o meu próprio vazio ou de apenas seguir uma necessidade como ser social imerso na linguagem. Ironicamente, nunca estive tão próxima do contato social. Frente ao medo e as angústias que permeiam todos os continentes, busco consolo na palavra e na solidariedade. Percebo que distanciamento social difere de privação social.” Crônica 67

“A quarentena está sendo difícil porque está me obrigando a lidar com coisas que não queria.” Crônica 53

“Nessa suspensão involuntária dos nossos planos futuros, a gente acaba por recorrer àquilo que viveu no passado. Existe no ar esse sentimento de saudades que transita no tempo passado futuro. Marcado por um penoso ‘Eu era feliz e não sabia’ e as boas lembranças daquilo que já foi vivido, das tardes na praia, do poder se reunir, das grandes celebrações e do carnaval, que também se confunde e mistura com um horizonte virtual de possibilidades

que foram abandonadas, onde deve haver um duplo Eu vivendo a vida que foi planejada para este ano.” Crônica 24

No cotidiano em confinamento foi desafiador para todos estabelecer e sustentar uma rotina e, aparentemente, muitos se encontraram desorientados e incapazes de manejar a nova realidade.

Perante a dificuldade de adaptação e, depois, perante uma rotina caótica, os dias resultaram em flutuações de humor, de sentimentos e de respostas: passou-se do pânico inicial à ansiedade, da hiperatividade à prostração, muitas vezes acompanhada por insônia e certo esgotamento mental.

Enquanto alguns pareciam entregar os pontos, deixando-se abater, outros alternavam momento de hiperatividade com momentos de apatia, e outros, ainda, lutavam mais e mais para manter a sanidade e o ânimo, numa clara manifestação de resiliência — para este último grupo, as aulas, palestras, discussões *online* e o exercício das crônicas foram indispensáveis.

> […] É um vazio escuro onde não se distingue nada. Espaço de queda, vertigem e confusão, sem fim, sem fundo. Somos apanhados por esse Abismo como por uma boca imensa e aberta que tudo tragasse numa mesma noite indistinta. […] *Kháos*, abismo cego, noturno, ilimitado (Vernant, 2000, p. 17).

Temos o registro de um momento de extrema fragilidade, anestesia e desamparo. Descreve um transbordamento, um excesso de angústia. Essa profusão nos remete à noção de *pathos*. Segundo Pierre Fèdida (1988), além de “sofrimento”, de “*pathos*” deriva-se também, as palavras “paixão” e “passividade”, e quer dizer, no sentido clássico, “tudo o que se faz ou que acontece de novo”, do ponto de vista daquele ao qual acontece. Nesse sentido, quando *pathos* acontece, algo da ordem do inusitado, do excesso, da desmesura, põe-se em marcha sem que o sujeito possa se assenhorear desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator.

Mia Couto (1983) expressa na poesia *Identidade* (1983) uma vivência semelhante:

> “Preciso ser um outro
> Para ser eu mesmo [...]
> Existo onde me desconheço
> Aguardando pelo meu passado
> Ansiando a esperança do futuro.”

A sensação de estagnação na rotina e o impacto da interrupção abrupta dos projetos futuros refletem a impossibilidade emocional de encontrar sentido no presente. Sem condições internas de conter a dor, cria-se a fantasia de “um duplo Eu vivendo a vida que foi planejada para este ano”, em uma clara idealização para atribuir significado a um presente não realizado, a um futuro incerto e a uma tentativa de elaboração das experiências emocionais.

Melanie Klein (1996) dirá que o anseio de compreender a si próprio também está ligado à necessidade de ser compreendido pelo bom objeto internalizado:

> Uma expressão desse anseio é a fantasia universal de se ter um gêmeo — uma fantasia para a qual Bion chamou a atenção, num artigo não publicado. Essa figura gêmea, como ele sugeriu, representa aquelas partes não compreendidas e escindidas que o indivíduo anseia por recuperar, na esperança de alcançar a inteireza e completa compreensão; essas partes são, algumas vezes, sentidas como sendo as partes ideais (Klein, 1996, p. 343).

“Faz um tempo que não escrevo. O que começou com um bloqueio criativo, agora já beira a teimosia. Não quero escrever porque há tanta coisa a ser dita e sentida que parece que se eu abrir a torneira agora, a casa vai inundar em um piscar de olhos. Também penso que com tantas coisas para dizer, ao escolher uma, estaria abandonando todas as outras e assim seria injusta comigo mesma e com as minhas angústias. Angústia. Palavra forte né? [...] Também penso que com tantas coisas para dizer, ao escolher uma, estaria abandonando todas as outras e assim seria injusta comigo mesma e com as minhas angústias. Angústia... No dicionário tem diversas definições e eu fico pensando se alguma delas de fato descreve esse aperto aqui dentro. Esses pensamentos embaralhados, esse tormento. Até porque esses sentimentos são só meus. O jeito que a dor me dói é único e particular e por isso é tão difícil entender a dor do outro. A gente finge que entende... [...] No momento eu estou angustiada, angustiada com as mortes, com a fala da nossa secretária da cultura, com os trabalhos que eu ainda não fiz, com a postura do nosso presidente, com os exercícios que abandonei, com o fogão engordurado, com as pessoas na rua, com os médicos, com os pacientes, com as perdas, com a crônica que eu escrevi, mas não terminei, porque um final aqui não faria nenhum sentido.” Crônica 13

“Na falta do outro ser humano eu me peguei entrando em mim mesmo refletindo sobre preocupações e medos que antes eram inofensivos. Foi encontrar o meu amigo para me trazer de volta para a realidade. É preciso ter o isolamento social para conseguir passar por esse momento do mundo, mas não tem como negar que ele faz mal.” Crônica 18

Se por um lado é desafiador e doloroso, por outro muitos reconhecem que a vivência em isolamento social é uma oportunidade de repensar histórias não elaboradas, de visitar os próprios porões e armadilhas mentais, na esperança de poder lidar melhor com as relações e com os próprios sentimentos no futuro.

“[...] esse período também me fez confrontar uma realidade completamente nova e nunca vivida dessa forma para grande parte das pessoas. A quarentena está sendo um período que gerou muitas reflexões acerca de mim mesma, talvez de uma maneira até compulsória, dada a incapacidade de escape do encontro entre eu e eu. Pude me ver afastada, não só fisicamente das pessoas, mas de certas pressões externas e hábitos corriqueiros das relações

interpessoais, o que foi muito interessante, apesar dos pesares. Pela primeira vez na vida, provavelmente, tive a oportunidade de enxergar, ponderar sobre perceber e transformar alguém ninguém menos que essa pessoa, a única que habitei durante 20 anos. Isso é algo que eu espero conseguir levar para além desse momento, e que espero que tenha um impacto em todas as experiências que estão por vir...” Crônica 65

Para os alunos dispostos a empreender essa viagem — entre eles estudantes com apoio familiar e/ou psicológico, terapêutico —, ousando olhar para dentro de si e aproveitando esse espaço de escrita para expressar o que ia no íntimo, as respostas à nova realidade cotidiana aparentemente foram melhores.

“Confesso que não está sendo fácil e nem simples. Minha mãe continuou tendo que sair de casa para trabalhar todos os dias (o que já é uma situação angustiante em si porque sabemos que os riscos são maiores) e eu fico cuidando da casa, estudando e cuidando de minha vó. Mas, o que refleti essa semana é que, mesmo não sendo fácil, tenho a sorte de ter alguém com quem eu possa contar, que está caminhando junto comigo nesse momento e me dando forças. Coisas que a minha mãe sempre fez por mim, mas que agora estão tomando um papel realmente essencial para eu conseguir descarregar minhas energias e tomar novas forças para seguir em frente.” Crônica 116

“No entanto, me vejo cada vez mais na necessidade de focar no que acabamos ganhando de experiências positivas. Algo que eu, pessoalmente, acabei ganhando muito nesse período foi, para o bem ou para o mal, muito tempo de reflexão comigo mesma. Assim, se isso foi, por um lado, algo que aumentou cada vez mais certas angústias que antes passavam um pouco mais despercebidas diante de um imenso caos do meu dia a dia, que pouco me permitia momentos de processamento de angústias relacionadas ao futuro e à morte, por exemplo, por outro, foi uma grande oportunidade de entrar em contato com esses conteúdos e, não só me conhecer melhor, como poder lidar com questões que há tanto tempo batiam na minha porta e eu buscava ignorar.” Crônica 101

“Quarentena. Momento de recuo e de introspecção. Ao observar o dia a dia das pessoas ao meu redor, pude perceber como a pandemia muda e influencia o comportamento. Estou em casa com meus pais, irmão e namorado desde o início da quarentena. O convívio constante com todos acaba gerando desconforto e conflitos, porque, apesar de sermos seres sociais, não estamos acostumados a ficar tanto tempo vendo sempre as mesmas pessoas. Mas, apesar das dificuldades, foi muito interessante ver como este momento foi, também, terapêutico.” Crônica 71

“Desde 2018, desenvolvi um hábito de, periodicamente, fazer apenas uma refeição por dia. Nunca achei que havia relação com o conflito entre auto_imagem e a estética idealizada socialmente e, então, esse mecanismo acabou se tornando mais frequente, chegando a ocorrer algumas vezes em uma semana. Quis usar, brevemente, esse espaço para compartilhar onde conseguimos chegar nessa semana: parece que, desde pequena, aprendi que, para que eu consiga fazer algo e para que este algo seja perfeito, eu preciso que esse processo seja sofrido para mim mesma. Inconscientemente, percebi que, fazer um relatório se torna muito mais dolorido quando se está com fome… Não uso apenas da fome como também da falta de sono e sobrecarga de trabalho (geralmente faço muito mais do que me pedem e acabo transgredindo meu limite). Queria deixar registrado que, de certa forma, esse diário está sendo terapêutico para mim, me colocando em um espaço que nunca havia ocupado antes.” Crônica 43

A pandemia, com sua gravidade e consequências trágicas para o coletivo, trouxe outros desafios e descobertas com repercussão na vida psíquica: a vivência do luto — além da sombra da morte lançada pelo vírus e do luto coletivo, houve quem aludisse a outros lutos já vividos, à falta de sentido das perdas e à dificuldade de elaborar e superar.

“Para mim, a quarentena tem sido difícil. Talvez não pelos motivos convencionais, de não poder sair de casa, ver o número de mortes aumentar a cada dia, ver o sistema de saúde colapsar. Para mim, está sendo difícil porque todo o esforço que tenho feito por 2 anos, está indo por água abaixo. Meu pai morreu 2 anos atrás e meu mecanismo para lidar com isso foi a negação. Talvez negação não seja de fato um mecanismo para lidar com algo, mas foi o jeito que eu achei [...] Diferentemente do processo de luto da quarentena, eu não sou capaz de enxergar um processo de luto dessa maneira quando o luto é individual, pelo menos não no meu. Isso porque não há aceitação, pelo menos não por completo. Durante 2 anos eu me ocupei de todas as formas possíveis. No primeiro ano, aulas de faculdade de manhã e integral de psicologia de tarde e noite. No segundo ano, substitui uma das faculdades por aulas de alemão. Nos finais de semana, treinos de vôlei. E assim foram 2 anos sem precisar pensar sobre a morte. Qualquer pensamento que viesse, era fácil de desligar, afinal, manter um relacionamento com a família, amigos, namorado, tirar notas boas em duas faculdades e aprender alemão demandava tempo. Foi agora que esse meu sistema começou a falhar.” Crônica 53

Um relato íntimo que descreve os sentimentos de tristeza, confusão e desamparo vivenciados em meio a uma elaboração do luto em andamento, após a perda do pai. A transformação do processo se torna evidente à medida que a negação começa a demonstrar sinais de fragilidade, atribuídos ao isolamento imposto pela quarentena. Mostra a complexidade envolvida na aceitação da perda e da capacidade de conter as emoções de maneira tolerável.

A experiência com o negacionismo e a indiferença do Estado brasileiro para com a Ciência e os fatos da tragédia anunciada pela pandemia foi geradora de sofrimento psíquico — tristeza, revolta e sentimento de impotência. O filme *Negação* (2016), assistido e discutido em sala de aula, foi um dos gatilhos ao se tratar desses temas nas crônicas e entrar em contato com o desconforto desses sentimentos:

“O filme *Negação* foi um filme difícil de assistir, primeiro por um sentimento de indignação ao descobrir que existam pessoas duvidando de um fato catastrófico como holocausto [...] por se assemelhar tanto com nossa atual conjuntura. Essa conjuntura que lembra uma distopia de filmes e livros, com várias distorções da verdade para favorecer um governo cada vez mais intolerante, fechado a verdade que apenas os beneficiam e com presidente na frente pior que uma criança mimada. [...]. Atualmente, não existe folga nas notícias diárias absurdas que lembram discursos do negacionista como de David que pensam na supremacia de alguns e se usam disso para se beneficiar e discriminar cada vez mais minorias. [...] E me fez concluir que cada dia que passa fica mais difícil ser brasileiro.” Crônica 123

“Enquanto assistia ao filme *Negação* senti diversos sentimentos. Revolta, tristeza, raiva, irritação, desconfiança, felicidade e mais um tanto de raiva no final. [...] Mostra o quanto nossa sociedade não quer e não sabe ouvir. Vivemos na ilusão da imparcialidade e da objetividade. A ideia de que falei anteriormente, sobre distanciamento, é uma ilusão. [...] Me parece que a recusa em escutar, é na verdade uma recusa em ser afetado. A busca de um distanciamento, não é para averiguar os fatos com mais precisão, mas sim para não sentir tudo o que o contato com o outro é capaz de afetar em nós.” Crônica 122

“Esse filme mexe com certezas e emoções. Durante todo filme fiquei tensa. Uma situação absurda e infelizmente, real que demonstra a fragilidade da verdade e a força impiedosa de uma desconstrução, negação, mesmo que infundada, podendo ter um efeito negativo e perverso sobre a memória.” Crônica 82

“Estamos frente a uma crise política e social. Já se podia ver de longe a tempestade se aproximando, mas os líderes insistiram que não havia o que temer. Já se foram pelo menos trinta e cinco mortos. Entre eles uma mãe negra que perdeu seu filho de cinco anos. Aparentemente, a vida negra vale 20 mil. Realmente, a carne preta é muito barata aqui no Brasil. Queremos ir às ruas gritar por justiça. Espalhar nossos corpos pela rua e deixar que a voz dos negros ecoe por todo o Brasil. Se deitar no chão e gritar: ‘eu só queria minha mãe’. Mas somos incapazes, pois um vírus corrói o mundo. Nos encontramos num profundo estado de melancolia. Não sabemos mais o que fazer. A internet nos ajuda a disseminar informação, mas também espalha o discurso de ódio... Este é o panorama do Brasil. O Brasil grita socorro, os Estados Unidos escutam e nos colonizam.” Crônica 69

O reconhecimento dos privilégios — a pandemia descortinou um cenário de desigualdade social, com sérias implicações para os mais pobres. Nas crônicas, relatos nos contam sobre a tomada de consciência das diferentes realidades, dos contrastes entre as condições para enfrentamento do vírus.

“Eu tento ter o máximo de consciência possível de reconhecer a bolha em que vivo e já tive algumas oportunidades de sair um pouco dela, experiências que, não só me marcaram muito, como também expandiram minha vivência no mundo e minhas percepções, mas elas não chegaram perto de ser suficiente.” Crônica 65

“O cenário atual me assusta. Na verdade, demorou para ‘cair minha ficha’ de certa maneira, pois sempre ouvi amigas dizendo que temos de ir à luta, sair às ruas, dialogar para que o lado progressista e não opressor seja exposto, explicado, disseminado, para que os jovens universitários se afiliem ao movimento estudantil... Mas eu permanecia um pouco em cima do muro na questão da minha participação em qualquer tipo de movimento, sobre minha participação social e responsabilidade política... Achava que talvez eu não fizesse tanta diferença..., pois supostamente não estávamos em uma situação de ditadura declarada, ao mesmo tempo que não deixava de enxergar o horror autoritário no qual vivemos. Mas hoje mudei de opinião.” Crônica 138

Não raro há relatos de culpa pela indiferença, como o acima citado, pelo comportamento alienado (a invisibilidade do outro).

“Enquanto prevalece a distância entre os corpos, aumenta o abismo que separa as classes sociais. Sou invadida por um sentimento de culpa. [...] Olho cada pequeno telhado e me pergunto: ‘como será que estão os sujeitos que vivem por debaixo dele?’. A angústia se espalha como fogo no álcool. Não posso fazer nada. Ou ao menos, não sei o que fazer. Sofro

de melancolia e me escapa qualquer ideia de tornar esse mundo um pouco melhor.” Crônica 73

“Um dos meus maiores mecanismos para lidar com essa situação foi tentar ao máximo viver um dia de cada vez, sem olhar demais ao passado, ou me preocupar demais com o futuro, tentando sobreviver a cada novo dia. Porém, me vi precisando ter certa esperança no dia de amanhã e não só nele, mas em toda a população que, com meu foco na excessividade de atrocidades acontecendo, acabei deixando de valorizar da maneira que merecem: os profissionais de saúde, os trabalhadores de serviços essenciais, todos que se mobilizam para diminuir as catástrofes trazidas pela enorme desigualdade do país, quem resiste e quem não desiste na esperança do amanhã.” Crônica 132

“Na fila do mercado me vem à cabeça a coragem de todos ali que estão trabalhando, e depois me passa que em sua maioria talvez eles não tenham essa opção, de qualquer forma, eu me sinto muito agradecida. Nunca estivermos tão próximos e tão longe dos trabalhadores do mercado.” Crônica 36

“Me dei conta que o mundo estava prestes a entrar em colapso e reclamar pelo fim de um intercâmbio não me parecia justo. Culpa, injustiça, angústia, tristeza, felicidade e muita gratidão pelo que vivi. Isso foi apenas um pouco da confusão de sentimentos que vivi no dia 19 de março. Naquele dia, me prometi que não iria mais reclamar.” Crônica 21

A pandemia, com sua exigência de isolamento, denunciou um processo, em curso, de substituição do contato físico pelo digital. Alguns estudantes se assombraram ao perceber o quanto já viviam a aniquilação tecnológica e digital da presença do outro. Essa consciência os fez pensar em reverter tal quadro, estreitando os laços afetivos a partir de então.

“Minha observação nesse relatório gira em torno da sociedade de imagens. Observei, durante essa quarentena, pessoas próximas a mim sentirem muita exaustão ao usarem o celular, no sentido do acesso às redes sociais, como Instagram, Facebook, WhatsApp etc. O uso extremo das redes sociais é, atualmente, já muito observado e pesquisado, com resultados de pesquisa que já mostram uma alteração na subjetividade dos sujeitos, no discurso dos sujeitos: nós somos muito pautados pela imagem, mais do que nunca... Esse período de quarentena parece estar denunciando essa problemática subjetivação: a falta do simbólico da linguagem nas interrelações, laços mantidos ou pelo encantamento ao igual ou pelo rechaço ao diferente... Essa forma de constituir laços sociais a identificações é uma forma que não se sustenta, uma forma a qual não internaliza afetos, e suas ruínas estão próximas: dados os efeitos nos jovens atuais, como as crescentes crises de ansiedade, pânico, depressão etc., vê-se que por detrás desses efeitos psicossomáticos, há muita imagem e uma falta de saber sobre si mesmo (que vale lembrar que nunca é completo, mas também não deve ser nulo)... Durante a quarentena, [...], esses efeitos de exaustão se mostram mais visíveis; claro que todo sujeito é atravessado por diversas questões para chegar em graus elevados de exaustão psíquica, mas ao meu ver, nossa alienação a um outro que tem o poder de saber por meio de um certa imagem e identidade que cria virtualmente, é uma grande contribuição para adoecimentos contemporâneos.” Crônica 135

“Ontem me peguei pensando na importância do outro. Pensei na falta que me faz a convivência com o diferente, a conversa despreocupada na fila do supermercado, o abraço caloroso em alguém que acabamos de conhecer, o beijinho de oi quando encontramos um vizinho ao caminhar pelo bairro, esse jeito brasileiro que gosta de estar junto, colado. Como faz falta. [...] É estranho ver a falta que o outro faz, saber que eu não aproveitei aquele abraço

por achar que na semana seguinte eu o teria de novo, não tive. Será que agora você viu o tanto que as pessoas são mais bonitas no mundo real do que no virtual? Será que agora você entende a importância de aproveitar a companhia, o momento e se desligar de um aparelho? Tomara que sim, porque assim, [...] esse sofrimento terá valido para alguma coisa" Crônica 2

Assim como precisamos de nutrientes para manter nosso corpo saudável, também precisamos de interações humanas para manter nossa saúde emocional. A estudante interroga a si mesma, acima, se agora aprendeu, com a experiência da falta, a valorizar as relações no mundo real. A pandemia revela a importância do contato humano e da conexão interpessoal, negligenciados em nossa sociedade cada vez mais individualista e digital.

Os ganhos de consciência — outra aproximação que a pandemia trouxe foi com a experiência da partida: do seu antes e depois, da ruptura, da perda e da retomada, da libertação. Com o repensar, o ressignificar vivências e sentimentos, da solidão por exemplo, e nesse processo passar por mudanças significativas. Os estudantes se autoanalisaram.

"A quarentena está sendo, ainda, um processo de autoconhecimento, em que temos mais tempo para fazer as coisas, sem pressa e sem pressão. Temos mais tempo para perceber como estávamos usando mal o tempo. Sempre atrasados, com muitas tarefas e trânsito, os dias iam passando sem que percebêssemos o outro do nosso lado e, pior ainda, sem que percebêssemos a nós mesmos. Acredito que estamos vivendo por um momento muito triste, porém transformador. Espero que as pessoas tenham a oportunidade de experenciar isso e refletir sobre isso, assim como ando fazendo." Crônica 71

"Ao enfrentar uma pandemia e encarar o isolamento proposto pela quarentena, o buraco que antes estava coberto perdeu sua tampa e o vazio que sempre esteve lá, escondido em minhas entranhas, cresceu. Acredito que ao sermos privados da cotidianidade, temos de lidar com a solitude/solidão e com a falta, a qual vem acompanhada de questionamentos a respeito de nossas vivências. Escrevo no plural porque, embora este seja um sentimento meu, ao conversar com familiares e amigos percebo que não estou sozinha nesta jornada." Crônica 68

"É tempo de ressignificar a solidão, de tornar-se um mundo para si. É momento de parar de fugir do que mais se tem medo. Aprender a esperar o tempo da colheita, dar voz e lugar para a paciência. Não mais contemplá-la como vazio que ecoa na eternidade, falta de sentido que devora ou como suspensão involuntária dos insaciáveis prazeres... No instante em que a fuga deixar de ser o familiar, a alma poderá ser escutada e o estar só não mais será escravidão, mas uma forma de libertação. É momento de cair da teia, de deixar morrer e esperar por seja lá o que vier. É desejar o colorido, entendendo que o preto e branco tem seu lugar. É não mais sentir a falta como ausência, um buraco sem fim perdido no tempo e espaço, mas como possibilidade de criação... A comunhão só pode ser vivida ao transmutar as dependências e a integridade só contornará o si mesmo ao soltar o remendo das partes já há tempo perdidas. Curativos de nada irão adiantar. A luz há de vir. É tempo de ressignificar a solidão." Crônica 146

"Assim, tenho repensado sobre meu modo de viver, de lidar com as perdas e com frustrações. Penso que é normal (e bastante consolador perceber que coletivo) se sentir um tanto

bagunçada, perdida e angustiada frente há tudo que estamos vivendo, mas tenho pensado em como não vinha me fazendo bem-estar assim. Acho que esse turbilhão de coisas me fez perceber que há tempos faltava coragem de olhar para mim. De olhar para o que eu gostava, o que não gostava, o que eu tinha vontade de ler, escutar, fazer, inventar e criar na ausência do outro.” Crônica 11

“Acredito que estamos vivendo um momento muito triste, porém transformador.” Crônica 71

Assim como houve momentos muito difíceis, houve também outros de reparação. Quando a beleza foi constatada, a empatia se deu e o afeto foi acolhedor. Alguns descobriram na contemplação da natureza e do outro, pela janela de casa, uma forma de alívio ou mesmo como mecanismo de fuga da dura realidade. Outros encontraram isso na arte ou, ainda, nas pequenas coisas, nos pequenos gestos. Despertaram, através dos sentidos, para a percepção e o valor do sempre presente, do que sempre “esteve lá”, sempre se deu, mas não era mais percebido e fruído na antiga rotina. Com os trechos a seguir encerramos este tema.

“Por isso quero exaltar todas as vezes que nesses últimos 40 e poucos dias eu pintei de aquarela, preparei um jantar em família, ri até a barriga doer, revi fotos antigas, cochilei na rede, hidratei os cabelos. Um viva especial a todos os livros que li e filmes que vi e um ainda mais especial àqueles que não li nem vi. Por conta deles tenho fuga da realidade e do tédio garantida até morrer. Fica aqui registrada a relevância de todas essas coisas que promovem um pequeno descanso da loucura que é estar neste mundo agora.” Crônica 33

“Sempre foi uma necessidade abrir a janela para respirar, mas naquela tarde foi diferente. Eu me sentia sufocada, limitada dentro de casa — tenho sentido dificuldades de caber em mim. Eu queria gritar, queria ver gente, queria florescer. Fechei os olhos e respirei fundo. Quando abri, minhas retinas capturaram cor. Da janela do quarto, vi um arco-íris. Levantei apressada, corri e abri a porta de madeira que dá para o quintal. Olhei para o céu. Floresci” Crônica 119

“Acredito que das poucas coisas boas, talvez a única, desse isolamento social seja essa possibilidade de estreitar ainda mais os laços com as pessoas queridas. Já faz 5 anos que eu saí da casa dos meus pais e reviver o dia a dia como participante ativo não como visita rápida tem sido bem precioso.” Crônica 86

“Outra descoberta, no entanto, foi reveladora: a música clássica. [...], mas devo admitir que nunca tive uma real paciência para a coisa. Assim, tive a oportunidade de ter novos olhos, ou melhor, novos ouvidos, a essa produção que tem algo que eu busco em todas as coisas: uma contação de história, permeada pela subjetividade de quem a vive. [...] Acabei descobrindo uma nova possibilidade de me perder por alguns instantes frente a um mundo que estava, antes, drenando todas as minhas energias.” Crônica 101

4.1.3 Tema: Aspectos sociopolíticos

A temática sociopolítica surge nas crônicas em razão da pandemia (agravamento e exposição dos problemas sociais) e das propostas de atividades da disciplina Estágio Básico I (palestras sobre o Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), textos e livros lidos, discussão sobre os filmes *Doze homens e uma sentença* e *Negação*). Sobre esta temática, ciquenta crônicas (um terço do total) foram escritas pelos estudantes. Basicamente tais relatos giram em torno de dois assuntos:

- Violência social — desigualdade, vulnerabilidade e racismo estrutural.
- Estado e sociedade — banalização das mortes e da violência, intolerância, negacionismo.

Treze Crônicas abordaram o Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), programa da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo apresentado às três turmas através de palestras/aulas *online*. Impedidos de estagiar naquele semestre, por conta da pandemia, os estudantes puderam conhecer o programa — seu histórico, sua missão e método de trabalho.

Além das palestras da equipe do CRAVI sensibilizarem para essa realidade social problemática, de dimensões pouco conhecidas, saber sobre o programa provocou sentimentos díspares: por um lado aprofundou o sentimento de frustração, de perda pessoal e profissional pela não realização do Estágio naquele semestre letivo; por outro, despertou ou acentuou o interesse de participação futura.

“[...] uma aula completamente diferente do que já havíamos visto neste semestre.” Crônica 65

Todas as manifestações ao trabalho do CRAVI foram elogiosas, tendo em vista sua cobertura, seu método de encaminhamento e atuação multidisciplinar em um quadro de desigualdade social, de racismo estrutural e de políticas públicas incipientes de apoio e defesa à população mais vulnerável.

“A experiência do estágio de observação era algo que eu estava contando com para me ajudar a lidar com certas inquietações que havia tendo nos últimos semestres: como será sair de um lugar que era apenas teoria e lidar com essas situações que tanto comentamos, cara a cara? Como será lidar com a realidade de pessoas que vivem de formas tão diferentes da minha? Eu esperava um confronto cara a cara com um estranho que, de alguma forma, chegava a me assustar e me atrair ao mesmo tempo. [...] Várias emoções foram suscitadas. Primeiramente, veio uma admiração pelo trabalho, um fascínio pela proposta. Veio também uma sensação de tristeza ao pensar nas contingências do país que levam um serviço como esse a ser necessário. Isso é, talvez, a parte em mim idealiza uma sociedade sem desigualdade e violência... Também veio uma certa melancolia ao pensar sobre as

experiências que teríamos nesse semestre que não chegaram e nem chegarão a acontecer da maneira em que estava planejado.” Crônica 65

“[...] importante o papel do CRAVI na atenção às vítimas, e estagiar nesse ambiente parece ser uma experiência bastante agregadora, e, muitas vezes, intensa.” Crônica 3

“[...] acho que vale ressaltar que apesar de estarmos vivendo esse período de negligência, descaso e falta de cuidado para com a população é importante saber que existe um lugar como o CRAVI, que está à disposição da população, que busca superar os obstáculos impostos e proporciona conforto, acolhimento, escuta e instrução de forma didática e gratuita àqueles que se encontram vulneráveis e fragilizados de alguma forma.” Crônica 28

Sobre o CRAVI, as crônicas dão destaque à aula intitulada *Uma experiência de atendimento psicanalítico de grupo para familiares de vítimas de homicídio*, proferida pelo psicólogo Bruno Fedri, coordenador do Centro de Referência, assim como às aulas das psicólogas Priscila Santos e Luanda Godois sobre o histórico do programa.

“[...] um enorme avanço na maneira de lidar com o sofrimento de vítimas de violência.” Crônica 3

“Denuncia diversos problemas graves e relevantes na dinâmica do país, tratando de aspectos muito mais amplos que o da violência em si, considerando recortes e procurando diminuir essas desigualdades gradualmente na atuação com o usuário” Crônica 62

“[...] cidadãos bem como uma forma de cuidado, que proporciona acolhimento, escuta e apoio às vítimas e/ou familiares de vítimas de violências.” Crônica 28

“[...] dê voz a quem sempre foi reprimido e eliminado, ou seja, para que se ressoe a voz das vítimas e é a isso que o CRAVI se propõe.” Crônica 30

O trabalho do CRAVI levantou outros temas como a Reforma Psiquiátrica (RP) com sua luta antimanicomial, e o racismo estrutural no país — trazendo casos que muito repercutiram à época, como o de George Floyd, nos Estados Unidos, e o do menino Miguel, em Recife, Brasil. Outro relato trouxe a história de um familiar cuja falta de apoio do Estado levou a um quadro de depressão, que por sua vez levou ao alcoolismo e, por fim, à morte. Casos que só fazem reafirmar a importância vital de Programas de Estado como esse, bem como de Movimentos Sociais.

“Após ler o artigo de Bruno, comecei a pensar em tantas vítimas de violência que, na ausência de uma política pública que as acolhesse e as tornasse cidadãos, adoeceram e, por que não, enlouqueceram. [...] não só Lacrídio (meu avô), mas milhões de brasileiros outros por não terem acesso à saúde e assistência social e, portanto, à garantia da vida, essas pessoas tinham um status extremamente frágil de cidadãos. E é justamente nisso que habita a beleza e justiça da Reforma Psiquiátrica e de políticas como o CRAVI: garantir a todas e todos os que estiverem dentro do nosso território o acesso a alguma forma de auxílio em momentos cruciais de suas vidas.” Crônica 50

“Na esteira dos protestos que apoiam o movimento ‘Black lives matter’, atos simultâneos e globais realçaram a crescente insatisfação com o tratamento dado pela polícia às minorias, cujo estopim foi o assassinato de George Floyd, em Mineápolis, em 25 de maio. Num caldeirão onde já borbulhavam insatisfações com o confinamento obrigatório, suas dramáticas consequências no sustento familiar e o desamparo das políticas governamentais, o evento foi catalizador para mobilizar uma catarse comunitária.” Crônica 143

“Em nome de uma ínfima ‘passabilidade branca’ (veja que, eu mesma, sou registrada como branca e, só recentemente, passei a me declarar como amarela), que permitiu o acesso a postos negados para outras pessoas racializadas, acabamos por, coletivamente, reproduzir um discurso racista. Apesar disso, o artigo também ressalta que, na situação de resistência à violência policial contra negros e a outras pessoas racializadas, os movimentos de liderança asiática acabaram tendo uma repercussão considerável. Sendo assim, nos cabe somar à luta (e não tomar uma posição protagonista) antirracista, assim como questionar ativamente e lutar contra um discurso intolerante que serve à branquitude.” Crônica 45

“O mundo dá as mãos e luta contra o fascismo. Os brancos escutam e aprendem e os negros lutam e nos conscientizam.” Crônica 67

Um dos fatos bastante comentados nessas crônicas — que impactou e comoveu os estudantes — foram as estatísticas e o perfil de vulnerabilidade atendido pelo CRAVI: mulheres/mães de vítimas jovens, em sua maioria negros e periféricos, com índices crescentes de violência doméstica em razão do isolamento social sem prazo para terminar. Outro fato são os desafios para o Programa no atendimento à distância (eficácia, adesão, pouco acesso do público à internet).

“Segundo informações do relatório do Ministério Público do estado de São Paulo, Em São Paulo, os pedidos de medida protetiva e de prisões em flagrantes em março subiram em 29% e em 51%, respectivamente, em relação a 2019. (‘Qual o impacto da pandemia nos índices de criminalidade’) (‘Qual o impacto da pandemia nos índices de criminalidade — Estadão MT’) Já no Rio de Janeiro, os casos de violência doméstica aumentaram em 50% no final de março, segundo informações da Justiça estadual. [...] Fiquei bastante angustiada com o que encontrei, pois apesar de já imaginar, não tinha percebido a proporção desse problema. E o pior, não sei se existe uma solução rápida e com certeza ainda temos um bom tempo de isolamento pela frente, em que, muitas crianças e mulheres ficarão presas com seus agressores e sem possibilidade de se expressar em uma terapia.” Crônica 152

Muitas das crônicas estudantis trouxeram para a discussão alguns temas sócio-políticos naquele momento de tensão e debate no país: comunicação violenta x não violenta, negacionismo, polarização em relação à Ciência, limites da liberdade de expressão, a banalização do mal, preconceitos etc. E no centro de tudo há a questão da relativização dos fatos e a fragilização da “verdade”.

“Irving [personagem negacionista do filme *Negação*], Bolsonaro, [Olavo de] Carvalho, assim como [Regina] Duarte sustentam discursos cínicos, isso é, não tem nenhuma culpa, remorso, vergonha em ultrapassar os limites postos pela Cultura, nomeada por Sigmund Freud. Limites que são garantia de existência de uma civilização, mesmo que a custo de um mal-estar. Para essas figuras políticas, não há problema em negar o Holocausto e as Ditaduras postas na

América Latina, em afirmar a Terra Plana ou negar e esconder os dados das mortes por SARS_CoV_3. Diante do cinismo, assim como Lipstadt, não queremos dar respostas alguma. Se trata de um discurso que usa vestes da ciência, mas não é. Que parece fraco por sua falta de lógica e veracidade, mas forte por haver ecos e popularidades e persistir mesmo quando descredibilizado." Crônica 14

"A verdade não tem mais tanto peso hoje em dia." Crônica 25

"Uma situação absurda e infelizmente, real que demonstra a fragilidade da verdade e a força impiedosa de uma desconstrução, negação, mesmo que infundada, podendo ter um efeito negativo e perverso sobre a memória." Crônica 82

"Estamos vivendo um dos maiores períodos de negligência, descaso e falta de cuidado com a população brasileira já visto, eu mesma, ao longo desses 24 anos tenho certeza de que não vivi nenhuma realidade tão violenta para com o povo brasileiro que nem essa. O estado, que em tese possui a função de manutenção e conservação de um bem-estar social, se apresenta completamente aquém de suas obrigações." Crônica 28

Muitos relatos (37) abordaram tais temas por estímulo dos filmes *Doze homens e uma sentença* (1957) e *Negação* (2016), assistidos e discutidos pelas três classes.

"Um deles [personagem do filme *Doze Homens e uma Sentença*], o único que declara o réu como inocente após a primeira votação, manifesta o desejo de discutir o caso com os demais pois alega que a vida de uma pessoa não pode ser discutida às pressas e votada em cinco minutos. Essa fala para mim é muito simbólica e me remete a obra de Hannah Arendt: Eichmann em Jerusalém, onde a banalidade do mal é discutida." Crônica 16

Os filmes se prestaram, também, a um exercício de observação e análise das relações humanas, seus conflitos e dificuldades de entendimento e comunicação. Os estudantes, num exercício analítico, escreveram sobre os personagens enquanto representação de tipos humanos identificáveis na sociedade contemporânea — visão de mundo, conceitos, condutas, individualismo, falta de empatia, intolerância etc.

"Não estamos todos no mesmo barco. O individualismo está veemente, diariamente disseminando preconceitos e criando inimigos. O homem simplesmente não é capaz de sentir culpa. A tendência é não querer ver os seus defeitos, nem admitir os seus problemas e, portanto, de uma forma projetiva, culpabiliza o outro para evitar olhar para si mesmo. Entende-se, portanto, que culpar o outro pode estar associado ao medo de ser julgado ou de projetar no outro aquilo que o indivíduo não aceita nele mesmo, ou seja, é como um suporte externo para aquilo que se tornar insuportável. E, com certeza, esse momento tão instável que estamos vivendo já se tornou insuportável." Crônica 149

"Mas a falta de empatia parece vir em muitas formas. [...] Talvez sejam certezas incertas de pertencerem a uma classe social privilegiada e terem acesso a hospitais como o Sírio e o Einstein ou até mesmo à cloroquina. [...] De qualquer forma, é um tanto surpreendente se deparar com a realidade de que pessoas tão literalmente próximas encaram a vida de formas tão diferentes. [...] Nesse medo que os outros suscitam pela chance de contágio se soma o medo da falta de compreensão e afinidade pelo próximo que gestos como estes revelam. E é terrível. Com o avanço dos movimentos negacionistas recentes, com direito a manifestações também dominicais no Palácio do Planalto, este muro que nos divide não estaria sendo causa de tais comportamentos passivo-agressivos [francamente, abertamente agressivos)? E me questiono como reatar o diálogo com pessoas com as quais talvez nunca tinha consegui atar

para começo de conversa. E o desafio agora é vencer essa barreira: do barulho, da certeza cega, de desejos regredidos por violência, de rompantes autoritários, do temor e desgosto pelo outro para então podermos conversar e aí sim combater esta outra pandemia.” Crônica 94

“Mostra o quanto nossa sociedade não quer e não sabe ouvir. Vivemos na ilusão da imparcialidade e da objetividade. A ideia de que falei anteriormente, sobre distanciamento, é uma ilusão. [...] Me parece que a recusa em escutar, é na verdade uma recusa em ser afetado. A busca de um distanciamento, não é para averiguar os fatos com mais precisão, mas sim para não sentir tudo o que o contato com o outro é capaz de afetar em nós.” Crônica 122

Na visão desses estudantes, ambos os filmes trabalham com a questão de poder existir dois pontos de vista sobre algumas verdades que são incontestáveis, ou seja:

“[...] tensionar questões históricas a ponto de elas caírem no exercício da dúvida, e que, assim, encobre a real gravidade dos fatos.” Crônica 29

“[...] além disso mostra com clareza como a relação humana pode ser conflituosa a partir de interesses e convicções distintas. [...] ficam ‘cegos’ a partir de suas convicções e, a maioria deles, são resistentes e até intolerantes. [...] Uma frase que também me chamou bastante atenção foi... ‘O preconceito obscurece a realidade.’” Crônica 59

“Nos últimos tempos a relativização da história tem acompanhado o debate político na sombra da argumentação da liberdade de expressão. O filme termina dando uma aula a respeito desse embate. A liberdade de expressão é fundamental e precisa assim, ser preservada de alguns abusos. As pessoas têm sim o direito de falar o que elas pensam, isso não quer dizer que mentiras serão toleradas ou, ainda que, as pessoas falarão o que quiserem sem serem responsabilizadas por isso. [...] Isso se aplicaria a existência de câmaras de gás ou não nos campos de concentração, na discussão de nazismo ser de esquerda ou de direita, na proporção da crueldade do racismo no Brasil, entre vários outros exemplos de fatos que tem tido sua veracidade questionada. Crônica 29

“[...] uma outra cena [do filme] bastante marcante é o momento em que um dos personagens é extremamente racista e os outros homens, diante de um discurso violento e estigmatizados começam a levantar da mesa. Para mim, essa atitude de levantar da mesa dos outros homens parece estabelecer um limite, [...] talvez seja uma representação de não compactuar com aquilo, não se sentar ao lado, na mesma mesa dessa pessoa tornaria os outros homens diferentes dele, uma forma não violenta de discordância. [...] acredito que o filme seja uma preciosa aula a respeito de comunicação não violenta. [...] O debate acerca da comunicação não violenta é muito pertinente nos dias de hoje e talvez o filme, apesar de antigo, seja capaz de mostrar como tal forma de comunicação seja uma poderosa ferramenta de debate, faz com que o comunicador se faça ouvir, e ser ouvido é o principal meio na hora de convencer alguém ou debater ideias opostas, só assim é possível convidar o outro a reflexões.” Crônica 16

“O que me deixou mais angustiado nesse filme (*Negação*) é o grande distanciamento que existe entre os negadores do Holocausto e os historiadores. Infelizmente essa polarização existe e cada dia se tem menos perspectiva que ela vai diminuir. [...] Existe um documentário chamado ‘A terra é plana’ que acompanha a vida de algumas pessoas que acreditam nessa teoria. [...] Porém, para elas alguém afirmar que elas são loucas não muda a opinião delas. [...] A grande questão fica que mostrar a verdade perde o sentido, enquanto o convívio e a identificação com o grupo se tornam algo muito mais relevante.” Crônica 25

As questões tratadas nas duas películas levam os estudantes a fazer aproximações com os discursos negacionistas, perversos e indiferentes do representante máximo do país e de membros de sua equipe. Vindos de estudantes informados pelo noticiário e pelas redes sociais, os relatos são bastante críticos à condução política do país nas mais diferentes áreas. Eles também expõem o desconforto pela própria impotência e omissão. Entretanto, pensam em saídas possíveis, a partir da história e das ferramentas disponibilizadas através da psicologia.

"O estado, que em tese possui a função de manutenção e conservação de um bem-estar social, se apresenta completamente aquém de suas obrigações." Crônica 28

"A questão negacionista [no filme *Negação*], além disso, dialoga muito com o cenário atual. Em meio a uma crise de saúde mundial, nos encontramos na encruzilhada de uma crise política, que, em seu cerne, tem um governo que promove instabilidade, disputas com governos estaduais, ignora recomendações de órgãos de saúde mundiais, promove aglomerações, diminuindo a importância do vírus e evitando se responsabilizar por danos a qualquer custo e, a partir de suas ações, criando um efeito ainda mais devastador em um cenário já tenebroso." Crônica 128

"Outro fator que tenho observado, e que, apesar de menos incomum, talvez me incomode tanto quanto todos os outros, é o cenário de polarização política que foi revivido no Brasil durante a quarentena. Questões de saúde estão sendo tratadas como problemas políticos e, não bastando o caos que uma pandemia consegue causar por conta própria, o brasileiro ainda é obrigado a passar pelo estresse de ver a instabilidade política do país e o desacato a recomendações de órgãos de saúde sem poder fazer nada a respeito." Crônica 6

"O terror que vivemos é ditatorial, é fascista, nosso direito de ir e vir está sim ameaçado por conta de um presidente que reforça discursos que promovem mortes a diversos setores oprimidos da sociedade, como ao pertencentes à classe LGBTI, negros, pobres, mulheres... Um presidente que direciona seu ódio para todas as direções, e em uma pandemia, sua posição é também mortífera; Bolsonaro facilita um Estado suicida. O Brasil é o único país (talvez junto dos Estados Unidos, com Trump?) que trata o vírus como uma certa "alucinação coletiva", que desdenha das mortes de parentes queridos, defendendo um quase um delírio de estabilidade da economia acima do bem-estar social (estabilidade de economia para quem?)" Crônica 138

"A negação insistente do Holocausto, feita por Irving (personagem do filme *Negação*) a qual se fundamenta na distorção de dados históricos em defesa de Adolph Hitler, é um movimento que muito se assemelha à conjuntura mundial mergulhada em fake News e pós-verdade, fenômenos que se corporificam em figuras como o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (Sem Partido). Bolsonaro anda acompanhado por Olavo de Carvalho, suposto autoproclamado filósofo, o qual insistente em afirmar que a terra é plana, bem como por Regina Duarte, ex-ministra da Cultura, que afirma as mortes por SARS_CoV_2 e os milhares de enterrados em valas comuns como algo sem relevância: 'Na humanidade não para de morrer, se você falar vida do lado tem morte [...] Se a gente for trazendo as mortes, arrastando um cemitério de mortes [...] sou leve, estou viva.'" Crônica 14

"[...] por se assemelhar tanto com nossa atual conjuntura. Essa conjuntura que lembra uma distopia de filmes e livros, com várias distorções da verdade para favorecer um governo cada vez mais intolerante, fechado a verdade que apenas os beneficiam e com presidente na frente pior que uma criança mimada. [...] ferir tão friamente os direitos humanos daqueles que

precisam ser lembrados, principalmente para evitar que coisas parecidas voltem a acontecer de novo, foi bastante desconfortável e difícil. [...] Atualmente, não existe folga nas notícias diárias absurdas que lembram discursos do negacionista (do filme) que pensam na supremacia de alguns e se usam disso para se beneficiar e discriminar cada vez mais minorias." Crônica 123

"Apesar de você. O sentimento, posso dizer, era de desespero. Esse é um que não há de faltar durante esse período. Mas era um tanto diferente, esvaziado, sem esperança de um porvir melhor. Um discurso que ouvi muito durante a minha vida sempre foi: 'Esse país não tem jeito, as coisas nunca vão melhorar, o governo não presta, o jeito é ir embora'. Eu nunca acreditei nisso, sempre achei uma hipocrisia. Ora, se o país está ruim, o jeito nunca será ir embora, a mudança só acontece estando aqui. Como pode-se esperar que algo melhore ao ser abandonado? No entanto, pela primeira vez, me vi em uma posição de desespero e um descontentamento tão grande. [...] No mesmo dia, ou um pouco depois, recebi uma recomendação do YouTube: *Pela Luz dos Teus Olhos*, cantada por Tom Jobim e Miúcha. Algo me fez clicar no vídeo e, nesse momento, me relembrei do meu amor por Bossa Nova, Samba e MPB. Ouvi uma grande *playlist*, gerada pelo próprio YouTube, com uma compilação de músicas que foram, pouquinho a pouquinho, me lembrando do que eu mais amo no Brasil e da razão pela qual eu nunca considerei sair dele de maneira permanente, até que chegou um momento em que eu tive certeza: a canção *Apesar de você*, do Chico Buarque, começou a tocar. Foi um momento que realmente me fez pensar: primeiro, como a música tem um poder de indagação, de protesto e de resistência, mas também como traz a esperança do novo dia. Era justamente o que eu precisava ouvir. Se a promessa do amanhã era recitada em um momento tão sombrio como durante a ditadura militar, percebi a necessidade ter um posicionamento parecido agora." Crônica 132

Quando lançada, a canção *Apesar de Você* (1970), de Chico Buarque, retratava o protesto, a esperança de um novo dia em meio à sombra da Ditadura Militar. Em um momento de tristeza e descrédito em relação ao Brasil, a aluna começa a ouvir uma lista de reprodução de música popular brasileira (MPB) e, tocada pela expressão da beleza de nossas raízes musicais, faz despertar a força da resistência. A música, como expressão cultural de um povo, a conecta com as emoções e as experiências coletivas vividas na atualidade e no passado. Referência de um tempo obscuro, essa música, resgata a potência de uma nova perspectiva de futuro, e a identidade cultural e emocional do país, tão ameaçada pela crise política e social. Nasce da escuta musical o acolhimento e a esperança onde só havia desamparo.

Vemos a violência do Estado, as políticas públicas insuficientes, a falta de investimentos em áreas essenciais afetando diretamente a vida da população, e isso se faz presente nas crônicas. Bem como a sensação de desproteção.

"Estamos vivendo tempos turbulentos e difíceis. Um vírus tomou conta do mundo, matou milhares e nos prendeu em casa assustados, com medo, inseguros, sem muitas certezas e perspectivas. O nosso país vive uma das maiores crises políticas da história, temos como presidente um homem com ideais fascistas, racistas e misóginos." Crônica 32

A imagem formada é a de uma sociedade ameaçada, fragilizada e insegura frente a eventos além do controle individual. A pandemia e a crise política representam ameaças à integridade e à estabilidade emocional de toda a população brasileira. Sentimentos de revolta e raiva são despertados pela postura de um "desgoverno" que impôs sua visão de mundo de forma primitiva e brutal.

O discurso de Bolsonaro buscou minimizar a gravidade do contágio, criando uma narrativa fictícia de normalidade a fim de estimular o retorno às atividades, além de motivar e consolidar uma governança neoliberal. Desde o início da pandemia Bolsonaro defendeu a continuidade das atividades econômicas, alegando que a miséria é tão preocupante quanto a COVID-19. Pleiteou a reabertura do comércio, o retorno ao trabalho e criticou governadores, acusando-os de "exterminar empregos". Enfatizou que a questão não se restringe apenas à vida, mas também abrange a economia, visto que, aparentemente, em sua visão o desemprego pode levar à morte.

"Ilusão ou privilégio? Tenho sentido falta de me sentir livre. Tem sido difícil continuar em casa, quando a alma jovem quer sair por aí, para se encontrar com o mundo — e com o que ele tem para mostrar. Ao mesmo tempo, me sinto segura em casa e isso é um enorme privilégio num país desgovernado e desigual como o Brasil. Num país em que no dia em que a doença atinge 11.000 mortes, o presidente passeia de *jet ski*. O país em que as classes média e rica 'sofrem' com o tédio, enquanto a classe pobre passa fome. Talvez a liberdade seja uma ilusão e só mais um privilégio." Crônica 35

"Diante do momento atual, jamais experienciado pela maioria de nós, observo as ruas e as minhas atividades e só consigo pensar que parece que estamos sobrevivendo a um apocalipse. Um apocalipse porque quanto mais escuto as notícias, quanto mais escuto o presidente do Brasil comentando a pandemia, mais ansiosa fico." Crônica 44.

Aqui, a aluna desenha um cenário de assombro pelas notícias ouvidas e pela postura do presidente em relação à pandemia. Aponta para a complexidade da ansiedade produzida pelo conflito entre realidade e negação. Na acepção moderna, "apocalipse" é sinônimo de catástrofe e devastação, provocadas quando figuras de liderança política desempenham um papel significativo na formação das percepções e emoções da população e assumem a postura negacionista**.**

"Perversidade. Uma estrutura psíquica pouco comentada em nossos cursos. [...] Mas basta ligar as televisões ou abrir uma página aleatória do jornal que veremos um exemplo de perversão. [...] Exemplifico isso com um lema que todo brasileiro conhece: 'Brasil acima de tudo. Deus acima de todos'. O presidente da república age com base no pressuposto que seus atos são diretamente ordenados pela vontade divina. Mata e tortura em nome de Deus. Deforma as mensagens bíblicas com seu preconceito e racismo repugnante. 'Brasil acima de tudo. Deus acima de todos' pode ser traduzida para 'Economia acima da vida. Crenças brancas acima de crenças negras'. [...] A constituição é queimada e junto, morre o estado laico." Crônica 66

“Esperança equilibrista. Parece que tem sido cada vez mais difícil ter esperança. Às vezes me pego pensando que é ingenuidade esperar por um mundo melhor, quando somos bombardeados por tantas notícias ruins. Na última semana, diante do caos que nos assola fomos acometidos também pela banalização do mal, nas palavras de pessoas que deveriam ser nossos líderes me refiro ao presidente e à secretária de Cultura, cujos nomes me recuso a citar. Vivemos tempos difíceis que nos exigem muito. Muito silêncio interno pra suportar o barulho ensurdecedor de fora e vice-versa. Muita resiliência e esperança. Que continuemos a nos chocar com as falas absurdas daqueles que por ora estão no poder. No dia em que pararmos de nos chocar, aí sim será mais preocupante. É hora de reforçar a esperança equilibrista que mora no nosso interior.” Crônica 34

Os trechos vistos nos trazem um cenário angustiante suscitado pelas posições políticas de nosso então chefe de Estado (Jair Bolsonaro) e da secretária de cultura (Regina Duarte), entre outros. A linguagem bélica é utilizada como expressão do vivido — somos bombardeados, caos que nos assola, banalização do mal, tempos difíceis, barulho ensurdecedor... É necessário resistir a duas frentes de batalha: o vírus e os ataques do governo. Isso desencadeia ansiedade e a percepção consciente do quanto os dias estão difíceis.

Assim, encontra-se no mundo interno a possibilidade de acionar recursos psíquicos: esperança e resiliência. “Mas sei que uma dor assim pungente não há de ser inutilmente. A esperança dança na corda bamba, de sombrinha, e em cada passo dessa linha pode se machucar.” (Bosco; Blanc, 1978, n.p.). Vale-se dessa esperança em tempos de uma guerra ameaçadora contra a democracia brasileira. Estas não são ingênuas nem utópicas, mas, sim, fundamentais para a transformação da realidade e a busca por alternativas coletivas e solidárias para se manter a oposição ao governo atual. Na corda bamba, de sombrinha, a esperança equilibrista resiste.

A pandemia só nos demonstrou o que Hannah Arendt falara:

> [...] **o** mal banal é realizado por indivíduos que pensam sem as devidas reflexões, sem apreciações ou análises, indivíduos que não pensam em direção ao ambiente público e a coletividade. Eles seguem seus interesses particulares, não se preocupam em entender aquilo o que os cerca, não se preocupam em pensar coletivamente. A banalidade do mal pode ser levada adiante por qualquer cidadão.[43]

“São Paulo, 07 de junho de 2020, 79º dia de quarentena. Está difícil escrever. Está difícil ler os jornais. Está difícil ver o país sendo desgovernado. Difícil ver o quanto, no Brasil, a letalidade do vírus atinge corpos e classes específicas: as pessoas pretas e periféricas. [...] Parece impensável questionar a existência do vírus e sua letalidade com um número tão expressivo de morte, mas não para o presidente e seus seguidores. Hoje, opiniões substituem o lugar de fatos e fatos o de opiniões. Estou exausta, indignada. Como combater o

[43] Sobre a citação de Hannah Arendt, está disponível em: https://www.politize.com.br/hannah-arendt-banalidade-do-mal/. Acesso em: 09 nov. 2023.

Coronavírus quando todas as ações que poderiam contribuir com seu enfrentamento são negadas e ignoradas?” Crônica 9

Mais especificamente sobre o negacionismo, as crônicas dizem:

“O filme se passa no final da década de 90 e início dos anos 2000, mas esse tema é extremamente atual. Acabamos de ter uma eleição presidencial decidida por uma ampla rede de *fake news* que também enviesou a eleição nos Estados Unidos e o Brexit no Reino Unido. Além disso as teorias das conspirações vêm ganhando muita força nos últimos tempos. O exemplo mais forte disso é a teoria que a Terra é plana. O que me deixou mais angustiado nesse filme é o grande distanciamento que existe entre os negadores do Holocausto e os historiadores. Infelizmente essa polarização existe e cada dia se tem menos perspectiva que ela vai diminuir.” Crônica 25

“O filme *Negação* foi um filme difícil de assistir [...] por se assemelhar tanto com nossa atual conjuntura. Essa conjuntura que lembra uma distopia de filmes e livros, com várias distorções da verdade para favorecer um governo cada vez mais intolerante, fechado à verdade que apenas os beneficiam e com presidente na frente pior que uma criança mimada. [...] ferir tão friamente os direitos humanos daqueles que precisam ser lembrados, principalmente para evitar que coisas parecidas voltem a acontecer de novo, foi bastante desconfortável e difícil. [...] Atualmente, não existe folga nas notícias diárias absurdas que lembram discursos do negacionista (do filme) que pensam na supremacia de alguns e se usam disso para se beneficiar e discriminar cada vez mais minorias.” Crônica 123

“[...] O presidente e seus seguidores, negando a existência ou importância e perigo do vírus, tentam deslegitimar as notícias, a ciência, os profissionais de saúde e passam por cima de todo sofrimento das pessoas que ficam doentes ou perdem familiares e amigos. Assim como negam os crimes desumanos da ditadura militar, apoiando seu retorno em manifestações e homenageando torturador e assim como tentam desconstruir o jornalismo, a educação, a arte, os próprios artistas, bem como qualquer questão humanitária, que para eles é sempre algo declaradamente da oposição. E o pior, o discurso funciona para muitas pessoas e quando não, planta a semente da dúvida em outras, gerando apenas incoerência e confusão.” Crônica 82

Na psicanálise, a negação é um mecanismo inconsciente de defesa do ego, que consiste na recusa em reconhecer ou aceitar a realidade de pensamentos, sentimentos ou situações que seriam perturbadores, angustiantes ou ameaçadores para o indivíduo. Esse mecanismo permite que a pessoa “fuja” das questões com as quais sua psique não deseja entrar em contato ou das quais ela deseja se afastar, com o objetivo de evitar o sofrimento emocional. O negacionismo refere-se à prática de negar, desconsiderar ou distorcer informações e/ou evidências que contradizem crenças preestabelecidas, teorias ou ideologias. Assim como a negação na psicanálise, o negacionismo implica uma recusa em aceitar a realidade que pode ser perturbadora para as crenças e ideologias de um indivíduo ou grupo.

Conforme Edgar Morin (2015) argumenta, nosso sistema de ideias, que inclui teorias, doutrinas e ideologias, não está imune a erros ou contradições. No entanto, para proteger essas ideias, pode-se recorrer ao mecanismo de negação que impede

o reconhecimento de falhas ou a confrontação com informações que desafiam a coerência do sistema de crenças estabelecido. Para o autor, “está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias resistir à informação que não lhe convém ou que não pode assimilar. As teorias resistem à agressão das teorias inimigas ou dos argumentos contrários” (Morin, 2015, p. 22).

“Eles não ligam para nós. O presidente do Brasil, o governador do Estado de São Paulo e o prefeito decidiram que iram começar a reabrir algumas coisas, como comércios e shoppings e eu só consigo ficar aflita com toda essa situação. Querem que as coisas voltem ao normal se baseando em outros países que estavam muito ruins, mas que agora já começaram a voltar ao normal e isso não faz o menor sentido. Desde o princípio o presidente demonstrou não ligar para o povo brasileiro e não ter maturidade o suficiente para governar um país e isso só se intensifica na medida em que no auge da doença, no auge dos casos, toma decisões que é praticamente mandar o povo brasileiro para morte.” Crônica 99

Passemos agora para a importância da Ciência para o esclarecimento histórico e defesa da vida, que levam a reflexões sobre a prática profissional do psicólogo a partir dessas questões:

“O filme me mostrou de forma indireta como é complexo e minucioso o trabalho acadêmico e como demorou vários dias para conseguir desmentir a pessoa em frente de um tribunal. Toda essa burocracia é necessária para se compreender a complexidade do evento histórico, mas ela também pode criar uma elitização do conhecimento. Se é tão difícil fazer isso em frente de um Juiz, que não acredita em teorias megalomaníacas, como podemos dialogar com as pessoas que estão do outro lado desse espectro?” Crônica 25

“Oito mil vidas acabaram. Eram vidas de pessoas, amadas por outras pessoas. Pais, irmãos, filhos, amigos, conhecidos. Aí o luto dessas tantas famílias vai ficando só pra elas, porque as outras pessoas já não têm nem como refletir sobre a gravidade dessas mortes todas, que vão se acumulando todo dia. Em meio a tantos números, as pessoas vão sendo apagadas. E então de repente, os nomes vão deixando de existir, as histórias, tudo. Isso é um golpe violento sem a menor dúvida, mas entrar em contato com essa realidade também é. Ao simplesmente pensarmos nesses indivíduos, entramos em contato com nossa própria finitude, que convenhamos, não é nada fácil. Pensar que um dia um ente querido ou nós mesmos venhamos a fazer parte das estatísticas, é duro. Ver as incontáveis reportagens noticiando as curvas ascendentes, os diversos profissionais da linha de frente se contaminando, a classe operária morrendo e um presidente em meio a tudo isso dizendo ‘E daí? Lamento. Quer que eu faça o que?’ é doloroso e angustiante demais. Bem, é mais fácil pensar em números mesmo.” Crônica 124

“Pensando nesta frase como estudante de psicologia, me deparo com o fato de que, seguindo essa profissão, não podemos escutar o paciente com julgamentos (ou melhor, os evitar ao máximo) e nem se baseando em nossos preconceitos.” Crônica 59

“A política e a mito de Hidra Para a mitologia da Grécia Antiga, Hidra (filha de Tiphon e Equidna) era conhecida como sendo um monstro metade mulher e metade serpente, da cintura para cima, e que vivia no pântano de Lema. Mas não tinha apenas uma cabeça de serpente. Eram várias. As histórias mais humildes falam em sete, enquanto as mais épicas, em mais de mil! E para piorar a situação do caboclo, quando cortados, esses membros podiam se regenerar e, quiçá, até se duplicar; sendo que até seu cheiro era extremamente fatal. Pois bem, o galã daquela época, o tal do Hércules teve como a segunda de suas doze missões

matar de uma vez por todas essas bestas. Então lá foi ele com seu primo Lolao. Contudo, logo descobriu que não era tão fácil matar esse ser, dada suas capacidades regenerativas. A solução foi queimar cada ferida onde Hércules decepava uma cabeça, a cicatrizando; impedindo, assim, uma nova cabeça de nascer. Somente dessa forma foi possível vencer o monstro. E é assim que anda a democracia brasileira hoje em dia: um ser monstruoso, cheio de cabeças. E, por mais que nunca tenha visto com bons olhos – maravilhados Mandetta e Moro, me assusta os ver saindo. E isso compartilho com diversos amigos. Essa humilhação política parece que nos assusta muito. Mas por quê? Acredito que sentimos tudo isso pois, tal como no mito de Hidra, sabemos que no lugar de uma cabeça assustadora podem nascer duas, três, piores ainda. E prova disso está na própria ditadura civil militar pela qual passamos anos atrás. De Jânio Quadros fomos para um Jango proibido de presidir e disso, para a ditadura. E, por fim, é aqui que acho que habita nossa solução para acabarmos de uma vez com nosso mostro autoritário: é preciso cicatrizar as feridas causadas pela ditadura. Mas como? Talvez o primeiro passo venha da própria Psicologia. O Brasil precisa se deitar no divã e rever seu passado.” Crônica 46

Estamos cotidianamente ameaçados pela morte. A indestrutibilidade do monstro que renasce das próprias entranhas é um perigo que leva à impotência, à intimidação e ao enfraquecimento. A possibilidade de vencer exige perspicácia e astúcia. Depende de um pacto social — o Herói — pela democracia. O ar fétido expirado pela Hidra leva a todos que o inalam à morte por asfixia, retratando a atmosfera tóxica do regime autoritário. É necessário revisitar a história, cicatrizar feridas causadas pelos danos concretos e pelos não visíveis, da ditadura e do vírus, para tentar elaborar e não repetir os erros.

> [...] Neste ponto farei algumas observações que todo analista vê confirmadas em sua experiência. O esquecimento de impressões, cenas, vivências reduz-se em geral a um “bloqueio” delas. Quando o paciente fala desse “esquecimento”, raramente deixa de acrescentar: “Na verdade, eu sempre soube, apenas não pensava nisso”. [...] e não esquecendo que na verdade apenas a experiência e o prejuízo tornam alguém sábio. (Freud, 1914/2010, p. 148.)

V

A GRIPE ESPANHOLA E AS CRÔNICAS NA IMPRENSA BRASILEIRA

5.1 Introdução — Uma pandemia mais letal que a Grande Guerra

Como visto no subcapítulo 1.10, a Gripe Espanhola tornou-se uma das mais agressivas pandemias e marcou o primeiro grande limite para a Ciência moderna. Quando o mundo foi amedrontado pela nova doença, a despeito dos grandes avanços no meio científico, os conhecimentos sobre a atuação e estrutura de um vírus eram ínfimos. A pandemia foi causada pelo vírus *Influenza*, sua designação remete ao período em que a teoria dos miasmas era vigente. (Ujvari, 2020b).

Os italianos eram acometidos pela moléstia durante o inverno e acreditavam que os ventos da estação traziam os miasmas causadores, daí "*influenza*". Por outro lado, a sua denominação mais popular, "gripe", foi batizada pelos franceses, pois uma característica do enfermo é passar alguns dias de cama e recuperar-se rapidamente: "*gripper*", que significa "agarrar", sendo a pessoa "agarrada" pela doença por alguns dias, permanecendo em repouso. Há diversos tipos de vírus causadores da gripe, mas o que atingiu a população mundial entre os anos de 1918 e 1920 trazia uma novidade: a letalidade, principalmente de jovens na faixa entre 20 e 30 anos de idade.

Ainda não se sabe ao certo o local de origem dessa mazela. (Barry, 2020). Atualmente, a possibilidade mais aceita é a de que tenha surgido em uma área rural dos Estados Unidos, no interior do Kansas, atingindo um acampamento militar que posteriormente enviou soldados para o *front* europeu, levando consigo a enfermidade. Schwarcz e Starling (2020) colocam:

> [...] não se sabia ao certo onde a espanhola havia começado. [...] Mas uma coisa todo mundo descobriu depressa: a doença atacava rápido, contaminara as tropas em terra antes que precauções fossem tomadas, e se disseminou pelas populações civis em três grandes ondas. Uma delas, a segunda, altamente contagiosa, ocorreu entre agosto e dezembro daquele ano, e era mortífera. [...] Atingia inicialmente as zonas litorâneas, depois embarcava nos navios e descia para terra com os marinheiros — foi desse modo que alcançou a Índia, o Sudeste da Ásia, a China, a África, o Japão, a América do Sul (Schwarcz; Starling, 2020, p. 15-16).

Além da rápida contaminação, um fator que contribuiu para a piora da situação foi a demora dos países em reconhecer sua gravidade. As pesquisadoras ressaltam a importância de uma nomeação, pois mostra a existência do reconhecimento, por parte da sociedade, da enfermidade e também do medo que trazia consigo. Em seguida, as autoras salientam a importância de tal evento, pois uma característica comum em relação às epidemias e às pandemias enfrentadas pela humanidade é a sua negação. Observam também que:

> É apenas quando as consequências de uma epidemia são inegáveis que ela vira um evento de saúde pública, da cultura de seu tempo e igualmente da política e da economia. É somente quando uma enfermidade devasta vizinhos, parentes, conhecidos e amigos que notamos a sua gravidade (Schwarcz; Starling, 2020, p. 26).

Essa atitude inicial tem consequências desastrosas, pois posterga medidas que devem ser tomadas para diminuir ou impedir o contágio, promovendo uma disseminação ainda maior da enfermidade. No caso da Gripe Espanhola, a guerra foi o principal fator de silenciamento das autoridades políticas.

A moléstia passou a receber diversos nomes enquanto se espalhava nos campos de guerra, entre eles: “o mal de Flandres”, empregado pelos alemães; “o mal alemão”, dado pelos franceses; “o mal das trincheiras”, em decorrência da guerra; “bailarina”, pois é como se ela dançasse no ar dado seu rápido espalhamento, também porque deslizava com facilidade uma vez no organismo humano.[44] Mas a denominação amplamente conhecida é “Espanhola”, pois os países participantes da Primeira Guerra estavam em silêncio em relação à doença. Nesse sentido, afirmar a sua existência demonstraria fraqueza diante do inimigo. Dessa forma, as notícias sobre a moléstia que tomava a Europa e toda sua gravidade veio de um país neutro na guerra, a Espanha, que por conta dessa neutralidade não censurava seus meios de comunicação. A situação no país foi vista politicamente como mais alarmante somente após o monarca espanhol ser acometido pela doença.

Ainda no ano da eclosão da Espanhola, cidades dos Estados Unidos promoveram medidas de distanciamento social, por meio do fechamento de escolas, teatros e proibições de reuniões coletivas, uso de máscara, desinfecção de ambientes públicos. Mas não foi um plano nacional e diversas outras cidades foram resistentes mediante interesses políticos — que evitavam a perda de apoio da

[44] A respeito dos diversos nomes que a moléstia recebeu, ler Schwarcz; Starling, 2020.

população — e econômicos — como de comerciantes que temiam fechar seus estabelecimentos. Dessa maneira, questões políticas e econômicas colocaram-se acima da vida, gerando ainda mais destruição. Já no ano de 1918, países começaram a elaborar e colocar em prática planos que visavam recuperar suas economias, maltratadas pela guerra e pelo vírus. Foi notório que regiões em que se adotaram medidas de quarentena, como o uso de máscara em ambientes públicos, recuperaram-se mais rapidamente.

Diante do desconhecido, as pessoas passaram a recorrer às mais diversas saídas para tentar evitar ou curar o mal aterrador, como unguentos, pílulas milagrosas, quinino, aspirina, inalação com óleo de eucalipto, higiene bucal com permanganato de potássio, ingestão de álcool e de água quente com sal, homeopatia, passes espirituais, banhos quentes, xaropes, rezas... Tudo era válido para conter a peste que se instalava no mundo com velocidade.

A primeira onda[45] se deu no início de 1918, partindo dos Estados Unidos e tomando o continente europeu, e foi o momento menos letal da doença. No mês de março, a moléstia parecia ter desaparecido. Porém, o vírus ainda circulava, sofria mutações entre a população e se intensificava. Em agosto, a segunda onda se instalou, sendo a mais violenta. Essa alcançou o mundo inteiro e a sua qualidade destrutiva, caótica, assemelha-se aos estragos causados pela guerra que estava chegando ao fim.

Segundo Schwarz e Starling (2020), a primeira onda foi espalhada em decorrência da guerra, já as demais teriam sido por meio do deslocamento de indivíduos e do transporte de mercadorias em escala global. (Schwarz; Starling, 2020). Somente regiões do norte da Islândia, ilhas do Pacífico e partes do Alasca não foram acometidas pelo vírus ao longo da segunda onda. Os sintomas foram os piores: sangramentos na região dos olhos, ouvidos e nariz; delírios; dor de cabeça; diarreia; e perda de olfato.

A guerra chegou ao fim em novembro de 1918, mas quase não ocorreram comemorações. Além do trauma causado pelo conflito, havia também o silêncio pelas vidas ceifadas pela “bailarina”, aliado ao grande medo de um possível retorno. Este ocorreu no início de 1919, contudo, a doença foi mais moderada então. Ao longo do

[45] Uma leitura aprofundada sobre as ondas da Espanhola pode ser obtida em Barry, 2020.

ano foi diminuindo, até os casos desaparecerem em dezembro de 1920, quando não se teve mais notícias de casos da Espanhola. Até hoje é um mistério o término dessa pandemia, mas Ujvari (2020b) ressalta que a Gripe Espanhola não deve ser relegada ao passado — pois ela pode auxiliar a entender e enfrentar desafios posteriores —, alegando: “Uma nova epidemia de gripe, tão mortal quanto a vivida no ano de 1918, é uma ameaça constante até hoje” (Ujvari, 2020b, p. 266).

Segundo relato de uma Revista da época:

> Deve-se afirmar, antes de mais nada, que a ciência não tem ao seu dispor meios de impedir o alastramento e o contágio da influenza.
>
> A história das invasões da pandemia na Europa é elucidativa. Assinalada já em 1510 e 1557, galga em 1580 com ímpeto e força toda a Europa, de Leste a Oeste, abatendo-se enfim, sobre a Espanha e Portugal. Outros assaltos ruidosos e 1729-33 e 1781-82, sempre provinda do mesmo rumo.
>
> Na de 1830-33 com fúria intensiva e extensiva abarca quase todas as partidas do mundo, pandemia por excelência. Irradiada da Ásia, toca Rússia em 30 e a Espanha um ano depois. Regressa em 1836-37 e em 1847-48.
>
> Repousa enfim, destes grandes ataques amiudados, até que enfim 40 anos volvidos (1889-91), um tanto olvidado já na memória dos médicos, rastilha explosivamente por todas as regiões do globo, como se não quisesse deixar nem recanto, nem pessoa, intactos: uma pandemia universal, em toda a força do termo.
>
> A sua translação opera-se com a velocidade do pensamento. Sempre do berço oriental, solta-se com um tufão a varrer a Europa e atravessa os mares a bordo dos navios.
>
> Esta difusibilidade, a rapidez com que ataca a massa populacional e corre contaminando, de povoado em povoado, é apanágio da influenza. Nenhum contágio conhecido possue em tal grau essa voracidade do tempo e do espaço (Revista da Semana, 1918, p.1).

5.2 A pandemia chega ao Brasil

“O país não estava preparado para o enfrentamento de uma pandemia”
Goulart, 2005

A “*Hespanholla*”, como ficou conhecida a mutação do vírus Influenza (H1N1) no país, aportou na costa brasileira em 14 de setembro de 1918. O comércio portuário e o transporte ferroviário foram os grandes propagadores do vírus H1N1. Os relatos mais dramáticos e os problemas sanitários e sociais vieram do Rio de Janeiro, como

registram o conjunto das fontes pesquisadas: jornais e revistas da época (Rio, São Paulo, Bahia e Minas Gerais), bem como crônicas, teses e ensaios posteriores.

> Nós tínhamos, fora do Brasil, dois grupos auxiliares dos Aliados: a Esquadra de Patrulha, comandada pelo Almirante Pedro Max de Frontin, e a Missão Médica, chefiada por Nabuco de Gouveia. Ambos foram atingidos pela pestilência que grassava na Europa, Ásia e África quando entraram em portos do primeiro e terceiro continentes. No princípio pouco se soube do que se passava nos nossos vasos de guerra, o segredo sendo guardado com mais cuidado que no La Plata, saído daqui a 18 de agosto, conduzindo nossos médicos e que deve ter se infectado a 29 do mesmo mês, quando tocou em Freetown, Serra Leoa, onde grassava a moléstia reinante. Mais um pouco e a viagem começou a ser o inferno que nos descrevem Álvaro Cumplido de Santanna e Mário Kroef nas suas reminiscências. A 9 de setembro os primeiros corpos são jogados ao mar. A 22 chegam telegramas contando as desgraças da Missão Médica, o que é confirmado, oficialmente, a 27, quando Nabuco dá notícia de Influenza entre seus comandados (Nava, 2012, p.97).

Segundo Câmara Filho (2019), após o afundamento de embarcações de carga brasileiras por torpedos alemães, o presidente do Brasil à época, Wenceslau Braz, tomou a determinação de declarar guerra ao Reino de Guilherme II, em torno de 1918. Nesse cenário, o Brasil mobilizou um grupo composto por 28 jovens oficiais sob a liderança de um general, com a finalidade de atuar no *front* francês. Adicionalmente uma equipe médica foi enviada com o intuito de estabelecer um “hospital brasileiro” nas proximidades de Paris. Todavia, durante essa mobilização uma tragédia ocorreu no navio de bandeira britânica conhecido como “Demerara”, que ancorou em Dakar, no Senegal. Nesse momento, a tripulação do navio foi exposta a um adversário desconhecido e invisível: o vírus da gripe.

Dos cerca de 1200 homens presentes nos seis navios envolvidos na operação, mil deles contraíram a doença e 156 faleceram em decorrência dela. O vírus foi introduzido em Lisboa, com paradas em Dakar, Recife e Salvador. Uma vez que não havia acesso a medicamentos eficazes para combatê-lo naquela época, a propagação do vírus da gripe — cuja manifestação e grau de letalidade eram extremamente elevados e o período de incubação, breve — ocorreu de maneira especialmente veloz e impactou predominantemente as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo.

No entanto é crucial destacar que o contágio se estendeu por todo o território nacional, abrangendo até mesmo regiões remotas como a Amazônia, com especial incidência em Manaus. Calcula-se que aproximadamente dois terços da população paulista, com foco em Santos, tenha contraído o vírus, resultando em um registro de mais de 5 mil mortes. O Rio de Janeiro também enfrentou consequências severas,

com cerca de 15 mil óbitos, representando um terço do total de mortes decorrentes da pandemia de gripe no país.

> Foi uma coisa pavorosa! Nunca, em toda minha vida, vi algo que chegasse perto daquela sassânida infernal! Não tinha na cidade, rua em que pelo menos em uma casa, a família inteira fenecera. Em muitas, todos da família estavam acamados, e cabia a quem pela rua passasse alimentar e dar remédios. Geralmente eram os coveiros, lixeiros e policiais que acudiam, dando remédio e alimentando, às vezes a família inteira que tinha caído doente. As pessoas colocavam panos negros nas janelas e portas das casas, para que eles soubessem que ali tinha gente doente e viessem socorrer. O pior de tudo é que estava morrendo gente aos borbotões, e o governo dizia nas ruas e nas folhas, que a gripe era benigna. Certo dia, as folhas noticiaram mais de quinhentos óbitos, e mesmo assim a gripe era benigna, benigna, benigna. [...] As mortes eram tantas que não se dava conta do sepultamento dos corpos. Na minha rua, da janela, se via um oceano de cadáveres. As pessoas escoravam os pés dos defuntos nas janelas das casas, para que a assistência pública viesse recolher. [...] Mas o serviço era lento, e aí tinha hora que o ar começava a empestear; os corpos começavam a inchar e apodrecer. Muitos começaram a jogar os cadáveres em via pública. Quando a assistência pública vinha recolher os cadáveres, havia trocas dos podres por mais frescos, era um cenário mefistofélico [...] — Nelson Antônio Freire, carioca, em entrevista de 11 set 1990 (Goulart, 2005, n.p.).

A ocorrência de óbitos entre todos os grupos sociais acabou fazendo com que se alimentasse uma “ilusão democrática” (Bertolli Filho, 1986/2009, p. 93) sobre a Espanhola, uma vez que, ao contrário de certas moléstias frequentes no país, ela não incidiu apenas sobre um grupo social específico. A gripe teria acompanhado o padrão de mortalidade de cada grupo, segundo Bertolli Filho (1986/2009), sendo especialmente contagiosa e mortífera em locais com estrutura sanitária precária (periferia e cortiços da cidade) e entre pessoas com saúde previamente debilitada e deficiência nutricional.

> É notável o contraste que se verifica entre as populações dos grandes centros adiantados e as do interior do país quanto ao conforto material que intelectual quanto aos meios de subsistência e quanto aos deveres individuais em face da coletividade, enquanto as populações dos centros adiantados gozam dos benefícios da civilização como sejam meios rápidos de comunicação pelas estradas de ferro Correios e Telégrafos vida mais intensa trabalho melhor remunerado hospitais médicos farmácias associações beneficentes e caritativas ciência oficial que para logo se traduz por socorro prontos em quaisquer emergências como as de epidemia e outras [...] Afirmou sempre a imprensa diária do Rio que, quanto a nossa defesa militar e sanitária, o país está completamente desprovido, visto que os nossos governos, sempre preocupados com questões políticas, se têm descurados inteiramente do assunto (A Notícia, MG, 01 dez. 1918, p. 1).

> O comunicado de ontem, do Serviço Sanitário confirma a nossa observação de sexta-feira, relativa à grande porcentagem dos óbitos ocorridos nos bairros pobres, que citamos. Diz ele: “a moléstia tem produzido maiores pregações nos distritos do Brás, Mooca, Belenzinho, Bom Retiro e Bela Vista que somente hoje concorreram com 101 mortes. E isto num total de 141!

> Que prova isso? Que a falta de higiene das habitações proletárias, o acúmulo de pessoas no mesmo aposento e a falta de prontos recursos terapêuticos e alimentares, tem concorrido para agravar a letalidade da pandemia.
>
> Os socorros médicos tardam sempre, nunca chegando senão 8, 10, 12 horas após a chamada, quando a moléstia já está em plena evolução. E essas ainda são as melhores hipóteses. Em muitos casos, a demora é superior a 24 horas. Tem acontecido, também, que nunca aparecem os facultativos. cuja presença é reclamada pela família em desespero.
>
> Este é o fato. Agora tire, quem quiser, as conclusões naturais (O Combate, SP, 04 nov. 1918, p.1).

Embora atingisse a todos, ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e adultos, urbanos e campesinos, sem exceção, não foi democrático e horizontalizado o tratamento dispensado pelos governos.

> Uns e outros — e com que impressionante frequência os vemos assinalar as ruas, com a sua triste presença, no lúgubre rumor dos passos das bestas estropiadas, nas mil improvisações de transporte, na mesma simplicidade de ornatos, na ausência igualadora de qualquer pompa, e distinguindo-se apenas pelo aspecto externo do caixão, pois o que é de uns é completamente nu, e o de outros coberto de um tecido que esconde a madeira — são os míseros despojos humanos que se despedem do mundo com honras iguais e iguais direitos (O Estado de S. Paulo, SP, 04 nov. 1918, p.3).

Sendo doença de contaminação massiva, especialmente o Rio de Janeiro careceria de gente para trabalhar nas cadeias produtivas: o transporte de produtos, a venda de alimentos, a administração de injeções, telefones mudos pela falta de telefonistas. Com a baixa produção, faltaram produtos nos pontos de venda e houve a alta da inflação: a oferta caiu substancialmente e os preços foram à estratosfera. Com o desabastecimento começaram os saques no comércio por desespero da população. Foi assim que a cidade do Rio se viu à beira do colapso, com a paralisia de sua rotina, a falta de ações emergenciais e de comando por parte das autoridades públicas.

> Num momento em que os recursos e o conhecimento científico sobre os vírus ainda eram escassos, o governo brasileiro demorou para tomar as primeiras medidas e patinou até conseguir coordenar as ações e criar políticas efetivas contra a “espanhola” [...].
>
> E sem um plano nacional de combate à pandemia, com estados e municípios definindo suas próprias políticas públicas em busca da uniformização das ações e condutas recomendadas para municípios e Estado. A resistência ao fechamento de portas de entrada da doença (vírus ou bactéria) — cidades portuárias abrem a entrada e o espraiamento da doença para o interior. Governo federal e as esferas estaduais/municipais tiveram condutas e tomaram medidas díspares no período da pandemia. (Goulart, 2005, n.p.).

> A pandemia evidenciou os problemas sociais: a desigualdade, que era mais grave nas periferias e pelo interior dos estados), a carência de estrutura na área da saúde pública e das ciências médicas e da falta de políticas públicas. O país não estava preparado para o enfrentamento de uma pandemia. Também as elites assustadas com a "democracia" da moléstia e inconformadas com a subversão da hierarquia social face a medidas consideradas inconcebíveis engrossaram o coro de críticas a Carlos Seidl. [...] O amontoamento de pacientes, por falta de leito, no chão de enfermarias e corredores. Muitos morriam antes de ser atendidos. Os hospitais não permitiam visitas e, nos enterros, só eram permitidos os mais próximos. As casas funerárias não davam conta da quantidade de falecidos — faltavam caixões, por falta de madeira e de pessoal para sua fabricação. As pessoas morriam e seus corpos ficavam nas portas das casas esperando que carroças ou caminhões os recolhessem (Goulart, 2005, n.p.).

De repente, em meados de novembro de 1918, a Espanhola começou a amainar no Brasil, que registrava uma franca desaceleração de contaminação e de mortes (provavelmente por imunidade de rebanho[46] e não pela via de vacinação).

> Os infectados se recuperavam, os doentes pararam de morrer e, aos poucos, a vida voltava ao normal. Com a Espanhola, foi-se também a guerra. No dia 11 de novembro, à margem do rio Oise, afluente do Rio Sena, na França, os aliados e a Alemanha assinaram o Armistício — o Brasil estava entre os países vitoriosos (Goulart, 2005, n.p.).

> É quase normal o estado sanitário da cidade, já restabelecida em seu grande movimento. O domingo de ontem, foi alegre como os que mais têm sido. Houve muita gente nas ruas, dessa que faz seu passeio domingueiro; e os teatros, à tarde como à noite, tiveram regular concorrência e, como atestado à volta de tudo quanto existia, antes da invasão da epidemia, as ocorrências policiais, até há dois dias tão raras, ressurgiram também (O Paiz, Rio de Janeiro, 11 nov. 1918, p. 6)

Mas qual era a natureza da "Gripe Espanhola"? O que se sabia a seu respeito? Quais as eram as formas de prevenção e de tratamento possíveis? Em carta à época ao *British Medical Journal*, um médico norte-americano descreve assim a evolução do mal:

> A doença começa como o tipo comum de gripe, mas os doentes desenvolvem rapidamente o tipo mais viscoso de pneumonia jamais visto. Duas horas após darem entrada no hospital, têm manchas castanho-avermelhadas nas maçãs do rosto e estendendo-se por toda a face a partir das orelhas, até que se torna difícil distinguir o homem negro do branco. A morte chega em poucas horas e acontece simplesmente como uma falta de ar, até que morrem sufocados. É horrível. Pode-se ficar olhando um, dois ou 20 homens

[46] A chamada "imunidade de rebanho", ou "coletiva", é o processo a partir do qual a cadeia de transmissão de uma doença é bloqueada ao atingir uma proporção considerável de pessoas. A população passa, então, a estar mais protegida, seja porque teve a doença (por exposição ao vírus) ou porque foi vacinada. Com poucas pessoas vulneráveis, a circulação do agente que causa a doença cai, protegendo de modo indireto aqueles que não estão imunizados. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/imunidade-de-rebanho. Acesso em: 07 nov. 2023. Também em: https://sbim.org.br/covid-19/75-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/vacinas-covid-19-eficacia-seguranca-e-duracao-de-protecao/1503-para-que-aconteca-a-tal-imunidade-de-rebanho-quanto-da-populacao-brasileira-precisara-ser-vacinada. Acesso em: 07 nov. 2023.

> morrerem, mas ver esses pobres-diabos sendo abatidos como moscas deixa qualquer um exasperado (Carta da época[47]).

Isolamento social/quarentena, uso de máscaras em locais públicos fechados e fechamento de escolas, repartições públicas, comércio, locais culturais e sociais: essas eram medidas eficientes na prevenção ao contágio, mas que encontrariam enorme resistência dos populares.

A população resistia em aderir às medidas protetivas ao contágio acima citadas. As recomendações, que em alguns lugares do país chegaram a ganhar a dimensão de exigências, determinavam que se lavasse as mãos com frequência, não se aglomerasse, ou seja, evitasse o contato próximo, assim como tossir, espirrar e assoar o nariz em público, e o uso de coletivos, solicitando-se que sempre que possível andassem a pé.

5.3 A imprensa brasileira na cobertura da pandemia

Cabe observar que, à época, os jornais não tinham alcance nacional. As pequenas localidades dos Estados brasileiros se informavam, quando muito, pelos jornais locais, muitos deles meros porta-vozes do poder político-econômico da região ou reprodutores de notícias de periódicos dos Estados e da Capital Federal.

Poucos periódicos de então tinham espaço fixo, seções ou cadernos dedicados a assuntos e noticiários específicos. A diagramação era confusa e os tipos de notícias — policial, econômica, política, prestação de serviços, artigos opinativos — editoriais ou assinadas, misturavam-se pelas páginas.

> Toda a imprensa brasileira sofria o impacto da crise econômica gerada pela guerra e agravada pela pandemia: perde quadros, enfrenta a crise do papel e a perda de verba publicitária. [...] A crise do papel e a escassez de mão de obra levou os jornais a diminuírem o número de páginas, o tamanho das edições, que não diminuíram ainda mais pela manutenção e incremento de páginas com matérias pagas e propagandas de remédios indicados para o enfrentamento da pandemia (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

É importante ressaltar que a cobertura da Gripe Espanhola só passou a ter destaque nos jornais a partir do adoecimento, um a um, dos membros da Missão

[47] Carta da época, só publicada 60 anos depois. Disponível em: http://www.invivo.fiocruz.br/historia/pandemia-de-gripe-de-1918/. Acesso em: 17 set. 2023.

Médica Brasileira, a bordo do navio La Plata, a caminho de Dakar. É preciso igualmente registrar que não só o mundo, o governo brasileiro, mas também os jornalistas, demoraram a reconhecer a pandemia, o que custou muitas vidas e um sofrimento social que poderia ter sido, se não evitado, minorado.

> A imprensa brasileira ocupada com o noticiário da guerra deu pouca importância, a princípio, aos rumores da doença que chegavam de fora. Mas poucas semanas depois dos primeiros relatos estrangeiros, os jornalistas deixaram a incredulidade de lado e trataram de informar aos leitores que os casos estavam avançando depressa demais no país e que se tratava de uma pandemia, vale dizer, um tipo de epidemia sem controle e com expansão mundial (Starling, 2021, n.p.).

De setembro até meados de outubro de 1918, os órgãos de imprensa cediam espaço privilegiado ao noticiário sobre a Primeira Grande Guerra e ao tabuleiro de xadrez dos países europeus no evento — cobrindo inteiramente as primeiras páginas e metade das demais. E mesmo depois do cessar fogo, a pandemia dividia espaço com as notícias do pós-guerra.

> A cobertura da pandemia à época aparecia em desequilíbrio e na maior parte das vezes se prestava à divulgação de informes de serviço público e das estatísticas oficiais da doença. Alguns jornais, ainda que timidamente, noticiavam sobre a pandemia nas páginas internas, mas sempre dividindo o espaço com o noticiário da Guerra (Goulart, 2005, n.p.).

Sobre a pandemia, mais cobriam as páginas da imprensa notícias e registros estatísticos de mortes e obituários, campanhas e homenagens a ações beneficentes, doações, serviços voluntários, anúncios de remédios e profissionais voltados ao tratamento da doença e "*fait divers*" (registros de mortes indiretamente pela pandemia, como enlouquecimento pelo temor e suicídios, acidentes, crimes e brigas de rua).

Muito comuns eram, também, as notas e cartas de leitores reclamando da exploração econômica pelas farmácias, comércio e funerárias, da falta de profissionais da saúde, materiais e insumos médicos, vagas em hospitais, bem como da falta de auxílio financeiro, especialmente para a população pobre e do interior dos Estados.

No decurso do mal pelo Brasil, a ironia, a indignação e a crítica são a tônica da cobertura da Gripe Espanhola. Paradoxalmente, o recurso da ironia é utilizado tanto pelos periódicos alinhados (em algum momento) com o governo federal quanto por seus oposicionistas. E é o Diretor da Saúde Pública, Carlos Seidl, seu alvo principal.

> O alastramento espantoso que a epidemia da gripe está tomando, nesta capital, foi previsto por toda gente, menos pelo Sr. Diretor Geral da Saúde Pública, que deu desse feitio, a prova mais cabal, de sua incompetência e de sua desídia. [...] Que fez, porém, o Sr. Carlos Seidl? (Gazeta de Notícias, RJ, 15 out. 1918, p. 1).

Em uma conferência, o Sr. Carlos Maximiliano [Seidl] fez esta extraordinária declaração:

> A Diretoria de Saúde Pública continuará vigilante contra a invasão do mal de Dakar, não tomando, porém, medidas excepcionais em casos de gripe ocorridos nesta capital, por se tratar de um mal que nos visita periodicamente de forma benigna, sem caráter grave, mas agindo permanentemente contra os casos importados de Dakar, cujo mal veio, ao que parece, em forma mais grave.
>
> [...] e o Sr. Carlos Seidl vai, ao Ministério da Justiça, dizer que não toma medidas excepcionais por se tratar de um mal, que nos visita periodicamente de forma benigna, sem caráter grave!
>
> E se bem o disse, melhor o cumpriu. De fato, a Diretoria de Saúde Pública não tomou uma só, uma única medida sanitária contra a gripe. Ela nos visitava periodicamente... ela era benigna... Para que o Sr. Carlos Seidl havia de se incomodar?
>
> [...] Já não é mais um caso a que se possa alheiar. O senhor Presidente da República, sua excelência, está na obrigação moral, como uma satisfação ao povo, de demitir o Diretor de Saúde Pública que, por isso ou por aquilo, por incompetência ou por desídia, deixou que este flagelo se abatesse sobre nós. Não importa que faltam 30, 20, 10 dias, para terminar este momento: o Sr. Carlos Seidl é um criminoso, não pode permanecer por mais 48 horas no posto que ocupa. É preciso demiti-lo! (Gazeta de Notícias, RJ, 15 out. 1918, p. 1).

Ao longo da cobertura, percebe-se a polarização dos jornais: muitos manifestam alinhamento com o governo das três esferas, como *O Paiz,* do Rio, *O Diário de Minas* e *O Estado de S. Paulo*, estes mantêm a mesma postura cautelosa, com a justificativa de não assustar “desnecessariamente” a população. Cohen, Guimarães e César (2020) contam, em sua análise da imprensa à época, que nas capas e nas primeiras páginas dos jornais *O Paiz* e *Estadão* (como também é conhecido o *O Estado de S. Paulo*) a cobertura era exclusivamente sobre a Guerra. Para o assunto epidemia eram reservadas as páginas (internas) 3 e 4 do primeiro caderno e mesmo assim com discrição — em tipo menor de letra, sem grifo, espaços mais ao pé das páginas — quanto às estatísticas de contaminação, mortes e caos nas cidades.

Já nos jornais *Gazeta de Notícias* e *Gazeta da Manhã*, ambos do Rio, *A Notícia*, de Minas Gerais, *O Diário de Notícias* e *A Tarde*, da Bahia, e *O Combate*, de São Paulo (este de filiação anarquista), a cobertura, mais popular, foi bastante crítica ao

governo, valendo-se das armas da ironia, da denúncia e da cobrança direta. Em setembro de 1918, alguns desses, já noticiavam e acompanhavam o desenvolvimento da doença pelo mundo, bem como sua chegada ao país, enquanto os demais eram só silêncio.

> A influenza espanhola é agora preocupação de toda a cidade. A notícia da morte de alguns marujos e oficiais de nossa esquadra, em operações de guerra, causou enorme sensação e toda a gente receia a irrupção de tão terrível mal entre nós. Esse receio é, aliás, justíssimo. A repartição que superintende os serviços de higiene nesta capital tem dado provas de uma desídia tão absoluta, de um desinteresse e indiferença pela saúde de nossa população, que as suas medidas ou promessas de ação contra qualquer epidemia não inspiram a menor confiança (Gazeta de Notícias, RJ, 23 set. 1918, p. 1).

> A imprensa zelosa da saúde pública deu o alarme enérgico até que nossas autoridades sanitárias tomassem as providências requeridas pelo caso estabelecendo postos de defesa nos pontos adequados. Ao ser o país invadido pela “gripe” ou “influenza espanhola” o morbus encontrou as nossas autoridades sanitárias quase inteiramente desaparelhadas de defesa, segundo opinião unânime dos jornais cariocas (A Notícia, MG, 01 dez. 1918, p. 1)

O Correio da Manhã, do Rio, tentou fazer uma cobertura mais equilibrada ideologicamente, pendendo para a objetividade dos fatos: evitava o sensacionalismo de uns (*Gazeta de Notícias*, por exemplo) e a omissão de outros (*O Paiz*), ainda que tendesse em alguns momentos a apoiar o governo, como na manchete do dia 24 de outubro: “O presidente da República tranquiliza a população” (O Paiz, RJ, 24 out. 1918).

Importante registrar que *O Estado de S. Paulo* foié um dos últimos a ceder espaço privilegiado às notícias sobre a pandemia, sob a justificativa de não querer provocar pânico na população nem fazer sensacionalismo como alguns de seus concorrentes. E mesmo quando, após o cessar fogo da guerra, *O Estado de S. Paulo* passa a dar maior destaque à pandemia — e até lhe cede a primeira página —, sua cobertura é restrita à publicação de dados e relatos oficiais do governo.

O fantasma da censura, para além da autocensura de alguns títulos, ronda também o trabalho da imprensa, como atesta a grande manchete irônica “*Um mar de rosas..., a opinião do governo diante do Mal de Seidl*”, nota esclarecedora da edição do carioca *Gazeta de Notícias*, em 18 de outubro:

> Um mar de rosas..., a opinião do governo diante do Mal de Seidl
>
> Por determinação do Sr. Presidente da República, a Censura nos intimou ontem, a não atacar mais o Sr. Carlos Seidl e o governo, nem publicar o número de casos fatais ou não causados pela epidemia de gripe.
>
> Os jornais não farão mais nenhuma vítima, nem produzirão pânico à população indefesa. Se não for possível, os mortos ressuscitem, os agonizantes se levantarão dos leitos e curados. Que beleza! (Gazeta de Notícias, RJ, 18 out. 1918, p. 1).

Sobre a tentativa governamental de ocultar os fatos e censurar sua publicação, *O Combate*, jornal paulista, vem a público esclarecer os rumores, mas não sem aproveitar a oportunidade para mandar um recado às autoridades:

> Ora, o povo sabe que o Combate não lhe faltaria a verdade em tal emergência. Se a censura nos tolhesse a liberdade de dizer francamente o que pensamos e o que sabemos, preferiríamos silenciar a inserir mentiras para servir o governo (O Combate, SP, 30 out. 1918, p; 1).
>
> [...] O fato é que não temos sofrido nenhuma limitação quanto à epidemia reinante e o mesmo se dá com os demais colegas.
>
> [...] Esta observação serve para demonstrar que teria efeitos contraproducentes adoção de censura para as notícias da gripe, como se deu no Rio, onde teve de ser imediatamente suspensa porque os espaços em branco produziam pânico e criavam uma atmosfera de terror, mais do que os fatos ocultados ao público (O Combate, SP, 30 out. 1918, p. 1).

A crítica dos jornais de oposição ao governo se ampliou e se generalizou pelos periódicos, a princípio contra a lentidão da administração federal e de parte da classe médica em reconhecer a gravidade do quadro e a tragédia que se anunciava, depois quando o governo começou a agir, só que, então, o fazendo de forma desorganizada.

> [...] Primeiro Carlos Seidl, que hoje equivaleria ao de ministro da Saúde foi das lideranças a mais perseguida e contestada, depois substituído após campanha da imprensa e da classe política, pelo cientista Carlos Chagas, escolhido para comandar o combate à pandemia, conseguiu instalar cinco hospitais emergenciais e 27 postos de atendimento. Apesar das medidas preventivas e dos novos hospitais e postos, ocorreram mortes em massa, que trouxeram sérias consequências.
>
> O amontoamento de pacientes, por falta de leito, no chão de enfermarias e corredores. Muitos morriam antes de ser atendidos. Os hospitais não permitiam visitas e, nos enterros, só eram permitidos os mais próximos. As casas funerárias não davam conta da quantidade de falecidos — faltavam caixões, por falta de madeira e de pessoal para sua fabricação. As pessoas morriam e seus corpos ficavam nas portas das casas esperando que carroças ou caminhões os recolhessem (Goulart, 2005, n.p.).

Mas as contendas dos jornais não se limitam à arena governo X imprensa, mas também aos próprios órgãos de imprensa entre si. Havia uma certa guerra ideológica intraimprensa, com alguma troca de farpas, censurando o tratamento dispensado

pelos concorrentes à pandemia. Como atestam os dois artigos, parcialmente reproduzidos a seguir, ocorria na imprensa um fogo cruzado de lado a lado, bastante desabonador à linha editorial adotada pelos contendedores:

> Comentamos ontem, ligeiramente, a atitude de um dos jornais matutinos, que, com manifesta injustiça havia descarregado sobre a Câmara Municipal, em linguagem acrimoniosa, diversas acusações infundadas, que os propores fatos se incumbiram de repelir. Somos hoje ainda obrigados a observar que a mesma folha prossegue na sua deplorável campanha, visando desta vez o Governo do Estado, ao qual pretende atribuir a responsabilidade da erupção, e da propagação, nesta capital, da epidemia de gripe espanhola.
>
> [...] Temos, pois, os motivos para contestar a sinceridade das intenções desses defensores da saúde pública, que preferem, ao trabalho de ir observar pessoalmente o insano labor dos que combatem nos postos avançados os efeitos devastadores da epidemia, a delícia de acompanhar a marcha dos acontecimentos, pelo noticiário incompleto dos jornais, instalados no interior da redação, onde traçam negligentemente os seus planos de combate e de onde distribuem ordens prussiânicas de comando e fazem baixar inapeláveis sentenças de incapacidade, sobre os que não foram consultados antes de se entregarem à sagrada missão de curar os enfermos e de socorrer os pobres. [...] O povo compreenderá facilmente a razão da nossa conduta. O momento não é de polêmica, mas de atos; não é de fanfarronadas, mas de dedicação e sacrifícios.
>
> Entre os que procuram erigir sobre as dores e misérias, da hora presente, à custa de tiradas enfáticas e de ataques injustos contra o governo, e os que desveladamente se multiplicam na generosa cruzada de minorar a calamidade que nos fere, pela prodigalização de todos os meios e de todos os recursos possíveis, a opinião pública a distingue, segura e claramente, os que bem souberam cumprir o seu dever. [...] Repetimos, portanto, que o momento não comporta polêmicas nem lutas estéreis, condenáveis e vergonhosas (Correio Paulistano, 01 nov. 1918, p. 1).
>
> [...] E que diz, em suma, a imprensa? Diz que não há razão para pânico; que a pandemia, apesar do seu pan-domínio, é de caráter benigno, que o governo já tomou as providências mais urgentes etc.
>
> E enquanto assim acalma os seus assustados eleitores, o jornal reduz as suas páginas a 3 e 4 partes do habitual, porque os seus redatores, revisores, linotipistas, homens das máquinas estão espanholados.
>
> Não vê a imprensa que desse jeito só concorre ela para aumentar o medo da população, tornando assim o ambiente moral mais propenso ao desenvolvimento crescente da pandemia? (D. Quixote, RJ, 23 out. 1918, p. 5).

Com o passar do tempo, as manchetes de capa foram se tornando mais tranquilizadoras, ainda que as páginas internas continuassem a trazer reportagens contraditórias aos discursos oficiais. Talvez fosse essa uma estratégia para driblar a censura... (Cohen; Guimarães; César, 2020).

5.4 A crônica nos periódicos da época

Com exceção das revistas pesquisadas, nota-se pouco espaço dedicado a crônicas na imprensa da época, e o pouco publicado tendia a fugir do tema e da realidade da pandemia — publicava-se textos de cunho religioso, ficções sobre amores e crimes de vinganças. Como já mencionado, as seções e colunas de crônicas só começarão a aparecer na imprensa com destaque e regularidade a partir dos anos 1920 e 1930.

Nos jornais que publicam relatos em forma de crônicas, os temas centrais eram — e continuam a ser — a política, a economia e a vida social. Os dois primeiros temas aparecem em artigos opinativos e assinados, exceção feita ao *Correio da Manhã* (RJ), que trazia também relatos de cunho subjetivo sobre a pandemia. O espaço dessas crônicas tem localização variável nas páginas internas, sem um título de coluna ou autor identificado, o que quase sempre configurava seu caráter editorial.

Já a crônica da vida social, presente em todos os jornais, era coluna fixa, dedicada aos fatos cotidianos assim como às notícias de esporte e policiais. Esse tipo de crônica não passava de um mero registro de aniversários, casamentos, viagens, festas sociais, homenagens a autoridades e a cidadãos eméritos.

A arte também aparece como tema das crônicas: são resenhas de livros e análises históricas, à feição de ensaios. Importante registrar que os escritores e os cronistas mais importantes da época negaram-se a escrever sobre a Pandemia.

> João do Rio e Lima Barreto, grandes cronistas que foram, não escreveram sobre um vírus que infectou e matou tantas pessoas. Entretanto, se jamais saberemos o que os levou a não escrever, ao menos conseguimos que os jornalistas da Gazeta de Notícias denunciassem os desmandos do governo federal e o caos na cidade, através da informação, que é ainda a única vacina contra a ignorância (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

5.5 Os temas de pesquisa na cobertura da imprensa

Abordaremos a cobertura da Gripe Espanhola na mídia brasileira a partir das temáticas: cotidiano; sofrimento psíquico; aspectos sociopolíticos e negacionismo. Nos periódicos do período-alvo desta tese (outubro-dezembro de 1918 e janeiro de 1919), é comum ler-se notícias e “crônicas” sobre a pandemia versando sobre o

evento sob mais de um prisma. Ou seja, num mesmo artigo os temas política, economia e saúde estão imbricados com as temáticas do cotidiano, da subjetividade, do negacionismo e dos sofrimentos psíquicos.

Assim e para atender aos critérios amostrais preestabelecidos para a pesquisa — um total de cinquenta artigos: cobertura geográfica de quatro Estados (jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia) com cota de dez artigos por tema, em face da escassez de material digitalizado disponível (título e procedência), acessados nos acervos das hemerotecas públicas —, decidiu-se por flexibilizar os critérios amostrais de cota, adequando-os à oferta de documentos.

Até mesmo pela imbricação de temas, aceitou-se que em alguns casos um mesmo artigo contasse — para compilação e análise — para cumprir a cota de mais de um tema, ainda que um deles preponderasse sobre os demais. Outra observação importante antes de adentrarmos à análise do material selecionado diz respeito à rara presença das temáticas cotidiano, subjetividade e sofrimento psíquico nos artigos da época. Artigos sob esses enfoques eram poucos usuais nas páginas dos jornais, possivelmente devido à necessidade de tempo e de uma certa distância para que fosse viável escrever e expor o impacto e a devastação causados por essa doença.

Podemos dizer que também eram raras as publicações de crônicas que não tivessem a política ou a economia por temática. A crônica, enquanto gênero literário, não encontrava espaço na grande maioria dos jornais. Mesmo a crônica social, presente e regular na grande maioria dos jornais e revistas, era, como já dito, um mero registro de datas e eventos.

Já nas revistas literárias e de entretenimento, de generalidades, a crônica, assim como a poesia, era presença majoritária, com direito a lugar fixo e seção exclusivos, embora nem sempre fosse assinada, como que a cumprir uma função editorial — posicionamento político-ideológico institucional.

Somente décadas após aquele que foi considerado “o mal do século”, teremos registro de crônicas memoriais, escritas por literatos que à época da pandemia tudo assistiam na qualidade de criança ou jovem — Nelson Rodrigues e Pedro Nava, respectivamente.

A crônica em jornal viria a se popularizar apenas no final dos anos 1920, seguindo pelas décadas posteriores como gênero, com direito a espaço fixo,

periodicidade regular (diária ou semanal) e *status* literário (assinada por jornalista ou literato reconhecido).

5.5.1 Tema: Cotidiano

> “Bate um cálix de iodo que transborda
> Deita-se, reza, até que o sono o alquebre
> Vinte vezes por noite ele se acorda
> Para cuspir... e ver se está com febre.”
>
> A Cigarra, 1918

Com a pandemia, o cotidiano brasileiro mudaria drasticamente. O isolamento mudaria a cartografia das cidades, tingindo de dor e de caos os seus cenários.

> A doença irrompeu aqui em setembro, pois em fins desse mês e princípios de outubro, as providências das autoridades abriram os olhos do povo e este se explicou certas anomalias que vinham sendo observadas na vida urbana; tráfego rareado, cidade vazia e meio morta, casas de diversão pouco cheias, conduções sempre fáceis, as regatas, as partidas de *water-polo* e futebol quase sem assistentes, as corridas do Derby e do Jockey com os aficionados reduzidos ao terço. É que no meio da população, como naquela festa do Príncipe Próspero, insinuara-se — não a Morte Vermelha de Poe, mas a Morte Cinzenta da pandemia que ia vexar a capital e soltar como cães a Fome e o Pânico que trabalhariam tão bem quanto a pestilência. *It is not deaths that make a plague, it is fear and hopelessness in people* — diz Powell. E o que ia ser visto no Rio de Janeiro daria toda razão ao médico americano (Nava, 2012, p.98).

O noticiário dos jornais pesquisados traz o retrato que o cotidiano assume frente à pandemia e ao quadro de mudanças de hábitos e comportamentos em função do medo da população perante o desconhecido e a letalidade. E nas charges, bem como nas notícias fantásticas e sensacionalistas veiculadas, vê-se a descrição desse quadro de pânico geral instaurados nas cidades. Ruas vazias, portas residenciais e comerciais fechadas, corpos de mortos pelas ruas e dependurados nas janelas das casas, cidades de gente triste e enlutada. Era o caos que se instalava.

As pessoas se fechavam em casa, quase não saíam, a não ser para o extremamente necessário (compras de mercado, de farmácia, ida a médicos/postos de saúde). Lares inteiros adoeciam, famílias eram dizimadas pela doença, sem o conhecimento dos parentes, que somente dias depois teriam ciência do fato. O cotidiano pessoal e coletivo, tal qual retrata a imprensa em relatos dramáticos, expõe a crise econômica gerada pela pandemia e pela desastrosa política de governo: crises

de setores produtivos, de abastecimento de gêneros básicos, de saneamento, de serviços — a escassez de mão de obra e a inflação.

> Com lojas, cafés e restaurantes fechados, a cidade (RJ) estava triste à noite. No dia 15 de outubro, a capa que ficou famosa “O Rio é um vasto hospital” trouxe relatos alarmantes: escolas e teatros fechados, médicos e quase quatrocentos enfermeiros infectados. [...] A gripe se espalhava numa velocidade assustadora. Já havia casos nas forças armadas, na polícia, no Corpo de Bombeiros, nos Correios, no subúrbio e até na longínqua Rio das Pedras. Como se não bastasse o caos que já havia, os coveiros, reclamando dos baixos salários, entraram em greve, acabando o serviço sob responsabilidade dos funcionários da Limpeza Pública e sobrando, até mesmo, para os presidiários que foram convocados para esse fim (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Nos jornais examinados para esta tese, vê-se colunas diárias dedicadas a diferentes cidades do Estado. Elas trazem dados de contaminação e óbitos, notas e manifestações civis e políticas, dando conta dos problemas e das ações dos poderes locais e da comunidade. É constante, também, a divulgação de campanhas beneficentes, ocupações de prédios públicos para atender aos doentes, com instalações adaptadas.

> A doença contagiosa é um evento social, e, no caso da gripe espanhola, desencadeou uma mobilização social, ato que não foi exclusivo do Brasil, uma vez que cada sociedade tentou construir sua própria resposta. A opinião pública, numa tentativa de salvar-se da ameaçadora moléstia, começa a exigir a revitalização de medidas como quarentenas e isolamentos. Alguns médicos, sem saber que tipo de estratégia de combate estabelecer para a moléstia reinante, passaram a defender que o isolamento dos doentes “se impõe como a primeira medida de higiene” (Azevedo, 1919, p. 15 *apud* Goulart, 2005, n.p.).

O cenário de Belo Horizonte, na descrição da historiadora Heloísa Starling (2021), é o retrato do que acontecia, também, nas outras capitais e no interior do país:

> As ruas ficaram vazias, cafés e bares, cinemas, clubes e casas de diversão, às moscas, a circulação dos bondes foi reduzida. O Colégio São José, na Rua dos Tamoios, foi o primeiro a interromper as aulas. [...] Tudo estava deserto, menos as farmácias onde multidões se aglomeravam em busca dos medicamentos que começavam a faltar. Fechadas em casa com os provimentos que se podiam acumular, as pessoas se esforçavam em resistir. [...] Na cidade sitiada pela doença e posta em quarentena, a morte é anônima, as pessoas são separadas umas das outras; confrontada com a situação de isolamento, muita gente se afoga em tristeza. Portas e janelas fechadas, o silêncio opressivo da rua, a distância imposta diante da presença dos outros — tudo isso aumenta o medo. (Starling, 2021, n.p.).

Em São Paulo, o cotidiano não diferia muito:

> Não obstante, a feição benigna da gripe, a cidade, impressionada com o desenvolvimento da epidemia, apresentou hoje um aspecto absolutamente diverso dos dias normais, sendo menor o movimento de transeuntes e diminuta a concorrência nos cinemas e casas de chá.

> Os casos de gripe se sucedem a toda hora, não só nos quartéis, nos estabelecimentos escolares, industriais e comerciais, como nas habitações particulares, alastrando-se a epidemia desde o centro até os mais afastados subúrbios.
> As estradas de ferro, tanto a central como a Leopoldina, vão já se ressentindo da falta do pessoal. A Light, por sua vez, está sendo grandemente afetada no seu movimento de bondes, o mesmo acontecendo no tráfico de trens, bondes e, até mesmo de automóveis (O Estado de S. Paulo, SP, 15 dez. 1918, p.4)

Em Salvador, assim como em outras cidades do Brasil, os primeiros rumores sobre uma epidemia de gripe circulando, não levaram as autoridades a tomar providências, em parte pela dificuldade em se estabelecer o agente etiológico. Ali, a Gripe Espanhola encontrou um solo fértil para se alastrar: a cidade sofria, historicamente, uma crise sanitária com o ataque de males endêmicos, por falta de investimentos:

> [...] o estado se via sem recursos financeiros para executar ou consolidar políticas públicas. Enquanto as ações em prol da saúde coletiva sofriam os efeitos de uma economia dependente do capital estrangeiro e da ingerência do erário público, por sua vez a economia era afetada pelo precário estado sanitário da capital (A Tarde, BA, 24 mai. 1918, p. 1).

Quando a “Espanhola” chegou a Salvador, constatou-se que a imagem da cidade não correspondia à realidade. Ao invés de uma cidade moderna, fluida, higiênica, civilizada, imagem que a política municipal de ordenação do espaço urbano promovia, as condições da capital baiana se mostravam, na verdade, bastante precárias em saneamento, nos serviços de água, esgoto, transporte, além da cidade conviver com altas taxas de mortalidade provocadas por males epidêmicos e endêmicos.

> De acordo com um artigo publicado no Diário da Bahia (6.10.1918), não havia higiene em Salvador. Para o grupo que dirigia este jornal de oposição, o asfalto que revestia algumas das propaladas avenidas abertas por J. J. Seabra escondiam e mal disfarçavam “aos olhos ingênuos, a miséria, a imundície reinante”. Essa opinião era endossada por artigos publicados em outros periódicos que circulavam na cidade em 1918; um dentre eles relatava também que, em Salvador, “cidade de becos e cortiços”, não havia uma preocupação com a higiene nem das ruas nem das casas, “em muitas das quais os seus proprietários não [faziam] a menor pintura ou o mais ligeiro reparo” (Diário de Notícias, BA, 18 out. 1918, p. 1).

Um artigo do jornal *A Tarde* traduziria a perplexidade da população, ao afirmar que “ninguém” sabia por que a direção interina da S.P.B. não cogita do caso, não providenciando [...] o saneamento” e a “aplicação de medidas profiláticas”. De acordo com a matéria, a postura do governador era de indiferença “diante da percentagem assombrosa de enfermos na capital” (A Tarde, BA, 25 set. 1918, p. 1). As autoridades pareciam preferir negar o fato.

> [...] o desconhecimento do agente etiológico e a lentidão talvez provocada pelos trâmites burocráticos do serviço público fizeram com que as medidas profiláticas preconizadas pela comissão de médicos não fossem de pronto executadas. Portanto, a “espanhola” transitava livremente pelos becos e cortiços de Salvador.
>
> Para a imprensa, a moléstia se espalhava com uma rapidez surpreendente, e, assim como a gripe, as críticas ao imobilismo das autoridades em face da epidemia reinante vinham “a galope”. As matérias sobre o assunto continham um misto de indignação e ironia diante da paralisia que dominava a Diretoria de Saúde Pública da Bahia (Souza, 2007, n.p.).

No Rio de Janeiro, então capital federal do país e foco da doença, o cenário era ainda pior:

> No Rio, a vida na cidade já havia sido transformada pela epidemia; os cinemas funcionavam com pouco público, a parte do comércio que ainda funcionava o fazia em horário reduzido e o carioca ia para casa antes do habitual. Segundo *O Paiz*, a urbe à noite era deserta, “a mais desoladora novidade”. Escolas fechadas foram transformadas em hospitais improvisados.
>
> Não havia comida para os vivos, nem caixões suficientes para os mortos, que se acumulavam nas ruas e dentro das casas. As farmácias, que estavam fechadas devido ao feriado forçado, foram obrigadas pelo governo a abrir (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Com o decorrer dos acontecimentos e o agravamento da pandemia por todos os rincões do país, os jornais conservadores passaram, também, a divulgar a grave situação socioeconômica, que atingiu os lares e o cotidiano da população.

> Não obstante, a feição benigna da gripe, a cidade, impressionada com o desenvolvimento da epidemia, apresentou hoje um aspecto absolutamente diverso dos dias normais, sendo menor o movimento de transeuntes e diminuta a concorrência nos cinemas e casas de chá (O Estado de S. Paulo, SP, 15 dez. 1918, p.4)

A população, pouco esclarecida e temerosa da contaminação, seguia as inúmeras e contraditórias orientações. Assustada, respondia com ainda mais temor. Mudou hábitos, o que nem sempre se fez acompanhar por medidas eficientes. Um soneto de 1918 assinado por Joinville Barcelos e publicado na revista paulista *A Cigarra* (A Cigarra, SP, 19 nov. 1918, p. 31), ilustra, com melancólica ironia poética, essa ordem de fatos no cotidiano:

> “Laurindo o loiro e cauteloso bardo
> Como é um poeta romântico e franzino
> Quando salta do leito com resguardo
> Ingere vinte gramas de quinino

Dizendo uma poesia suave e meiga
Toma do colarinho e do calção
Em vez de leite, pão de ló, manteiga
Bebe uma laranjinha com limão...

Evitado os cadáveres com medo,
De grupos de indivíduos... mordedores
Sai, mas não faz visitas.... Em segredo
Ele não faz visitas aos credores

De repente ensacando na calçada
Dizendo versos sob a luz do sol
Toma da vaselina mentolado
E enche as largas narinas de mentol

E assim calafetado a vaselina
Segue... cedendo a indômito desejo,
Para sobre as janelas da menina
E ali fica fazendo gargarejo...

Almoça lautamente (é bom que o diga)
Folhas de goiabeira.... Este rapaz
Para evitar o excesso de fadiga
Por dia apenas um soneto faz...

Prezando ilustre e carunchoso adagio,
Chega aos extremos este moço poeta,
Pois temendo os perigos do contágio,
Depois do almoço a casa desinfeta...

E se topa na rua um conhecido
Qual seria topasse um mísero alemão
Ele, ao saudá-lo com prazer fingido,
Aperta o passo e não aperta a mão

É noivo, a todo mundo faz notório
Sufocando os mais puros sentimentos
Vai protelar o seu fatal casório
Que a Polícia proíbe ajuntamentos

Com qualquer pé de vento ele se espanta
Como é orador simpático e feroz
Seu talento reside na garganta
E era um desastre se perdesse a voz!

Bate um cálix de iodo que transborda
Deita-se, reza, até que o sono o alquebre
Vinte vezes por noite ele se acorda
Para cuspir... e ver se está com febre

Há dois dias alguém deu-me a notícia
Que o poeta das estrelas e do luar
Com a caderneta e um passo da Polícia
Vai partir dessa terra. Que pesar!”

5.5.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade

Através de artigos da imprensa da época e, depois, pelas narrativas de estudiosos do período, obtivemos conhecimento do estado psíquico que tomaria conta da população brasileira durante a Gripe Espanhola, ficando à mercê da angústia, incerteza e enlutamento.

> Era em 1918, a morte estava no ar. E repito: difusa, volatizada, atmosférica; todos a respiravam. Na minha janela, na Rua Alegre, eu olhava à rua. As casas tristes, inconsoláveis, mais adiante, em Pereira Nunes, morava Adolfo Block, teria seus 10 anos talvez. Andava perdido pelas esquinas da Aldeia Campista, como um órfão total. Hoje, Adolfo mora num palácio, seu chão é de mármore. Vizinho do "Copa". Suas varandas pendem por um lado para piscina, e de outro para o grande mar. Mas, em 1918, Adolfo era um menino miserável, e tão humilhado, e tão ofendido.
>
> Não, não, estou fazendo confusão de datas. Em 1918, Adolfo ainda não estava em Pereira Nunes, nem no Brasil. Viria para cá em 1922. Só em 1922. Mas como eu ia dizendo — durante toda Espanhola a cidade viveu à sombra dos mortos sem caixão (Correio da Manhã, RJ, 08 mar. 1967, p. 1).

Nada mais emblemático do que esse artigo de Bello para o Correio da Manhã em outubro de 1918, para entender os sentimentos aflorados:

> Nesses dias aziagos, de tristeza, de desoneração, de miséria, em que a cidade abandonada é uma visão de cemitério, aproveito as horas de forçado descanso para distrair o meu espírito, os pensamentos que me acabrunham, em longas e meditada leitura.
>
> Que hei de ler, quem entre essa multidão de autores, que tenho ao meu alcance, poderá fazer-me esquecer as angústias da semana que passa?
>
> Percorro devagar as minhas pobres estantes, de livro em livro. Há uma sensação estranha de fartura, de displicência, de enervamento, sem saber bem onde pousar. Tudo me cansa. Esses "amigos mudos", eu suponho, ingenuamente, que os conheço todos, como se cada livro não fosse um mundo complexo e insondável qual a alma de quem o escreveu.
> Não me tenta essa civilização morta, esse universo extinto. Buckle, Taine, Carlyle... Quão pequena, quão insignificante, nos parece a Revolução Francesa, a nós atores ou espectadores da formidável tragédia de hoje.
>
> Fico a desejar alguma coisa de mais disciplinado, mais harmonioso, mais suave — Racine, Corneille ou Goethe, para dizer tudo. O equilíbrio perfeito, a inteligência e a cultura universais... É quase um repouso para o meu espírito reler este suave idílio de Hermann e Dorothea, reviver as tristezas de Wether ou meditar o Fausto e o segundo Fausto.
>
> Tomo a coragem derradeira da minha blasfêmia literária deixando em meio à premeditada excursão através de Shakespeare e Goethe. Termino, encantado e comovido, nessas horas de tristeza e calamidade a história simples e dolorosa de Jean Servien [...] (Bello, Correio da Manhã, RJ, 24 out. 1918, p.2).

Goulart (2005) também fala, décadas depois do ocorrido, sobre os mecanismos de defesa e a alienação ao sofrimento que tomaria a todos durante aquela pandemia:

> Era necessário emoldurar a doença para torná-la compreensível e emocionalmente mais tolerável. Entretanto, nem a população, nem os serviços sanitários foram capazes de lidar com a violência imposta pela espanhola, que acabou instaurando um quadro de desordem pública. Isso porque não se tinha uma resposta positiva para dar à nova peste que recaía sobre a cidade. Tal fato possibilitou o surgimento de um quadro de tensões sociais, criando uma atmosfera de medo, incompreensão e colapso social que se instaurou na capital federal (Goulart, 2005, n.p.).

Com a queda da renda pelo desemprego, da oferta de bens e produtos e com o isolamento, ocorreu o agravamento da fome, da violência, e do comprometimento da saúde física e mental — inclusive com a reincidência de endemias e o desenvolvimento de quadros de transtorno mental: pânico, depressão e ansiedade manifestos em comportamentos agressivos e autodestrutivos como brigas e suicídios.

> Um ou outro passante andando como se estivesse fugindo e trazendo no rosto a expressão das figuras do quadro de Edvard Munch: *Angst*. Isso mesmo, angústia: faces de terror, crispações de pânico, vultos de luto correndo, pirando, dando o fora e, no fundo, um céu vangogue sangue ocre. Só que para quem viveu aqueles tempos — sua lembrança não vem com nenhuma cor viva como as daquela tela. Nenhuma tinta matinal, diazul, púrpura crepúsculo, prata luar — tudo é dum cinza pulverulento, dum roxo podre, poente de chuva, saimento, marcha fúnebre, viscosidade e catarro. Alma que teve quem dela se recordasse. Na ignóbil terra infiel onde tudo se esquece: *Requiescat in pace* (Alphonsus de Guimaraens, Responsorium *apud* Nava, 2012, p. 100-101).

Dentro do tema, não é raro encontrar nos jornais mais populares e de oposição ao Governo notas sobre o comportamento de muitos: ações violentas de uns contra outros, transtornos de humor e suicídios incitados por desespero famélico ou por receio de contrair o mal:

> Nem o mantra, nem a tranquilidade de Seidl pareceram surtir um efeito tranquilizador sobre a população, que entrou em pânico. Era a gripe, que ia afirmando o seu domínio sobre corpos e mentes. No bairro de São Cristóvão, um jovem de 21 anos deu um tiro na cabeça, logo depois de ser diagnosticado com a doença (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Se, naqueles dias, os artigos de jornal dificilmente tematizavam e davam vazão ao espaço íntimo do sujeito-autor, como um cronista da época, ainda assim alguns textos se colorem de subjetividade. Esta se expressa nos artigos em que o olhar do autor repousa sobre os acontecimentos, paisagens e sentimentos coletivos, deles se valendo como filtro para expressar suas próprias emoções e opiniões. Raramente o autor do artigo de jornal se expunha, e quando sói acontecer é uma subjetividade velada, que se projeta sobre o outro, sobre a coletividade.

Essa subjetividade chega a transparecer até mesmo em certos artigos políticos, de veemente crítica ao negacionismo ou ao “sensacionalismo” capaz de confundir as mentalidades e instalar o pânico nas populações.

> Apesar da inconsciência de quantos se puseram ao serviço do pânico, ajudando a ateá-lo, pretendendo fazer acreditar as turbas ignorantes que de uma outra epidemia se tratava. A onda assoladora da influenza pode considerar-se em declínio sem ter perdido a sua benignidade inicial.
>
> Os Estados, porém, estão sendo ou vão ser as vítimas da mesma enfermidade deambulatória e é dever contribuir, por todos os modos, para que não atinja proporções de pânico, o natural receio e a prudente cautela com que deve ser recebida a epidemia (Revista da Semana, RJ, 19 out. 1918, p. 1).

As crônicas da época — relatos mais pessoais sobre o cotidiano — encontraram seu espaço por excelência nas revistas: é nesse tipo de periódico que, entre artigos dedicados à cultura e aos costumes, os articulistas — poetas e jornalistas — eram convocados e se sentiam à vontade para expressar os próprios sentimentos e traduzir aqueles que observavam na sociedade. Na maioria das vezes, são textos cheios de lirismo, em linguagem poética, que traduzem, também em tom irônico/jocoso ou melancólico muito da dor e da indignação com o momento vivido:

> “Guerra, fome, e, por fim, epidemia!
> Meu Deus! Que horror assola a terra inteira!
> Quem poderá viver com alegria
> A não ser em contínua bebedeira!
> Por toda a parte o pânico irradia,
> Por toda a parte a mesma choradeira,
> Qual morre, qual de febre desvaria;
> Qual evitando a multidão se esgueira.
> E eu vejo a epidemia ir se alastrando
> Com a mesma calma, fria e indefferente.
> De quem a vida já lhe vae custando.
> É que não teme febres e infecções
> Quem bebe todo o dia, pontualmente,
> Um garrafão de pinga e dois limões...”
>
> (A Cigarra, SP, 29 nov. 1918, p. 19).

Tempos depois, passadas décadas, certos textos literários de memórias e crônicas dariam vazão à subjetividade do autor, em relatos de quem presenciou e viveu a época da Gripe Espanhola. Nos anos 1960, Nelson Rodrigues (1967) escreverá crônicas para jornal, sobre aquele período, rememorando sua infância e o sofrimento daqueles dias de 1918-1919:

> Por que a peste? Eu ouvia dizer que os culpados eram os mortos insepultos da Guerra. O nome “Espanhola” realmente era um mistério. Lá em casa, todos caíram de cama, menos eu; meu irmão Augusto, recém-nascido, era um pequenino esqueleto, com um leve diáfano, ressentimento de pele. Mas,

> não chorava, nem gemia. Tão quieto que mais parecia um martírio consentido. Houve uma noite, uma tarde não sei, em que parecia agonizar. Mas, de repente, abriu os olhos e sorriu, numa euforia de anjo. E sobreviveu.
>
> [...] E foi nesse Rio absurdo que a gripe desabou… Mas a espanhola não fazia nenhuma concessão à vaidade dos mortos. E, o apavorante eram a solidão, o abandono e, sobretudo, a humilhação do cadáver (Rodrigues, 1967, p. 15).

E prossegue o escritor carioca, num lamentar as mortes, a tragédia de então, de uma forma muito pessoal e dura, mas sempre poética:

> Ora, a gripe foi, justamente, a morte sem velório. Morria-se assim em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer, os primeiros ainda foram chorados, velados e floridos. Mas, quando a cidade sentiu que era mesmo a peste ninguém chorou mais, nem falou, nem floriu. O velório seria um luxo insuportável para os outros defuntos (Rodrigues, 1967, p. 15).

Também Pedro Nava (2012), escritor gaúcho, descreve em suas memórias, como testemunha ocular da escalada da Gripe Espanhola, seu estado de espírito e sentimentos, e suas observações sobre os populares:

> Quando a febre passou e começamos a curar, percebi que aquilo não era mais ilusão dos ouvidos e interpelei a Eponina. Ela respondeu com a verdade. Era a Nair que caíra e estava piorando sempre. Mais um dia, o Paulo levantou-se. Mais dois e subi me arrastando.
>
> Estava bom: só que muito fraco, tão fraco que no primeiro dia tive uma espécie de desmaio. Fui para a janela da frente, sentei, em uma hora vi descerem três enterros malacompanhados por Barão de Mesquita e entrei para fugir da vista triste da rua vazia, só animada de vez em quando pela passagem dum funeral. Vim devagar pelo corredor, a porta da Nair estava aberta, parei, olhei e fiquei aterrado.
>
> Não era a moça radiosa que eu conhecia... tudo mudara e era como se eu a visse outra, como se outro ente, outra coisa, uma espécie de demônio estivesse entaipado dentro dela. Envultada pelo sínoco, tomada da influência, seus cabelos tinham perdido o brilho e o suor colava-os às têmporas escavadas... Emitia um gemido gutural e entrecortado, ardia em febre, sufocava, parecia sofrer terrivelmente (Nava, 2012, p. 101-102).

Um dia, do idos de dezembro de 1918, a gripe se despediria do país, não sem deixar suas marcas:

> [...] De repente, passou a sua gripe, ninguém pensava nos mortos atirados nas valas, uns por cima dos outros. Lá estavam, humilhados e ofendidos, numa promiscuidade, abjeta. A peste deixara nos sobreviventes, não o medo, não o espanto, não o ressentimento, mas o puro tédio da morte. Eu me lembro de um vizinho perguntando: "— Quem não morreu na Espanhola?" E ninguém percebera que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia nascer. Logo depois explodiu o carnaval, e foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores (Correio da Manhã, RJ, 09 mar. 1967, p.15).

5.5.3 Tema: Aspectos sociopolíticos e negacionismo

O pano de fundo político da Gripe Espanhola no país, seria definido assim por Goulart (2005):

> O país atravessou uma crise política e de lideranças: entre 1918 e 1920, tempo em que a pandemia se manteve ativa no país e no mundo, o Brasil teve três presidentes: Wenceslau Braz (de 15 de novembro de 1914 a 15 de novembro de 1918), Delfim Moreira (de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919) e Epitácio Pessoa (de 28 de julho de 1919 a 15 de novembro de 1922). Alves concorreu novamente à Presidência em 1918 e ganhou a eleição para suceder a Wenceslau Braz a partir do dia 15 de novembro daquele mesmo ano, fruto da pressão das oligarquias mineira e paulista. Porém, aos 70 anos e com uma saúde muito frágil, o político paulista não conseguiu assumir o cargo pela segunda vez. Ele morreu, mas não da gripe como insistem alguns, no dia 16 de janeiro de 1919 sem tomar posse (Goulart, 2005, n.p.).

Determinada por uma atitude negacionista, a política de saúde aplicada durante a pandemia foi negligente, contando com a indiferença também de parte importante da imprensa:

> As autoridades não tomaram as medidas preventivas para o controle da gripe, tampouco para o atendimento satisfatório da população doente. Segundo Teixeira, tanto a imprensa quanto os responsáveis pelos serviços de saúde pública mantinham sob dúvida a existência da espanhola no Brasil. (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Porém, na cobertura geral a imprensa mostrou-se coesa, ainda que alguns títulos alinhados ao governo preservassem a imagem do Executivo. Mas mesmos estes últimos batiam forte nos responsáveis pela saúde pública federal e seus higienistas, tanto pela lentidão na implantação de medidas — agravada pelo quadro de desigualdade social histórica e de baixos investimentos no setor — quanto pela desorganização da máquina pública e o alinhamento ideológico de seus quadros, especialmente no período Seidl.

> A Gazeta de Notícias do Rio iniciou uma campanha contra o então diretor Carlos Seidl, atribuindo a ele toda a responsabilidade pelas mortes e pelo caos na cidade. A gripe espanhola se transforma em “mal de Seidl”. [...] O presidente da República também foi alvo das críticas do periódico (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

> Essa repartição, que se denomina por uma atroz ironia — Saúde Pública — tinha o dever, senão de impedir por completo a irrupção de uma epidemia nefasta, de minorar-lhe os efeitos, de empregar todos os meios para impedir essa irradiação tremenda enquanto tinha pessoal em saúde o bastante para o trabalho (Correio da Manhã, RJ, 24 out. 1918, p. 1).

> Em vez disso, cruza [...] os braços, declara-se impotente para qualquer medida e confessa, criminosamente, a completa falência de suas medidas higiênicas. Em vez das providências que deveriam ser postas, imediatamente, em prática enquanto era tempo de cercear os efeitos que deveriam ocasionar a irradiação da epidemia; ao menos como um consolo feito de bobos a pilharcar com a morte, na sua ignorância confessa do mal que ia principiar. Eis a hecatombe tremenda, cujo único responsável foi o governo pelas mentiras afirmativas da benignidade, pela falência completa, absoluta e confessa de uma administração de saúde pública, criada para um fim que não cumpriu de forma alguma (Correio da Manhã, RJ, 24 out. 1918, p. 1).

O temor do governo federal de que as notícias do número de mortos do navio Demerara criasse um quadro de pânico social acabaria por gerar pressão sobre a imprensa. Tal temor de caos social foi também a justificativa para que nenhuma estratégia fosse montada pelas autoridades locais.

> De acordo com o inspetor sanitário da Diretoria Geral de Saúde Pública, José Paranhos, a censura imposta pelos meios militares acabou acarretando contratempos ao combate do mal e à incompreensão da população diante dos acontecimentos (Goulart, 2005, n.p.).

Assim, a questão acabou por revelar a ausência de um plano nacional para enfrentar a chegada da doença, e como essa falta de coordenação estava impactando nos demais entes da federação. E a imprensa denunciava.

> A surpresa com que surgiu essa epidemia não desculpa a atitude indiferente das autoridades, a quem cabe a responsabilidade do flagelo.
> Tudo na cidade sofreu e sofre sem limite as consequências da calamidade. Percebe-se no espírito público a desolação e a incerteza com que se ajuíza da situação. O menor incidente das ruas motiva sobressaltos.
> [...] Felizmente os jornais vespertinos anunciam que o governo vai requisitar médicos e medicamentos para ocorrer as necessidades. Esta notícia é de molde a acalmar um pouco o espírito público, mas não basta. A imprensa vespertina faz censuras severas contra alguns dos nossos higienistas a quem a população confiou seu bem-estar, a sua tranquilidade e a sua profilaxia (O Estado de S. Paulo, SP, 17 out. 1918, p.4).

> Se a resistência ao fechamento de portas de entrada da doença (vírus ou bactéria) — cidades portuárias — abre a entrada e o espraiamento da doença para o interior, é a desorganização por falta de um plano nacional de combate à pandemia o que agrava e aprofunda a crise e a letalidade do mal. A ausência do governo central no controle e condução das políticas públicas deixa às esferas estaduais/municipais tomarem condutas e medidas díspares, no período da pandemia. A imprensa apontava a inexistência de estratégia de combate à moléstia para socorrer a população, somada às deficiências e à falência das estruturas sanitárias e de saúde, reveladas durante o período pandêmico. A Saúde Pública e seus dirigentes serviram de bode expiatório da falência anunciada. Entretanto, essa situação já era há muito de conhecimento público. A falta de condições das instituições de saúde para socorrer a população foi o primeiro dos muitos problemas explicitados durante a epidemia (Goulart, 2005, n.p.).

O setor da imprensa “de oposição” ao governo, nas três esferas, cobrava providências mais enérgicas e efetivas, no combate e enfrentamento do surto: isolamento social, uso de máscaras, publicidade junto à população, estruturação da rede de atendimento: hospitais, equipes médicas, e atendimento domiciliar, compra de insumos, atendimento à populaçã, abastecimento — em especial de alimentos, mas também de água —, melhora da limitada rede de saneamento público, de serviços funerários, um programa de distribuição de renda emergencial etc. Também fez denúncias quanto às notas oficiais, estas geralmente contraditórias.

Mas mesmo essas críticas e a cobrança da imprensa quanto à coordenação da saúde pública, com apoio da sociedade, eram dúbias e polarizadas em seu foco: ora contra as atitudes negacionistas, ora contra as medidas “drásticas” científicas que feriam os direitos dos cidadãos, a exemplo do isolamento social e do fechamento do comércio (*lockdown*).

> A população pouco informada e confusa com as narrativas contraditórias, com os muitos palpites e aconselhamento medicamentosos de efetividade não comprovada, resistia a seguir as orientações, tardias, das medidas de segurança, demora a procurar atendimento médico e faz uso de fórmulas mirabolantes e diversas sem comprovação em busca da cura. Fome, falta de água e de medidas de higiene, toda sorte de necessidades básicas não atendidas, colocam o país no limite do caos social (Goulart, 2005, n.p.).

Enquanto parte da imprensa denunciava o caos em que o país mergulhava, outra parte silenciava, colocando panos quentes nas omissões e “desmedidas” dos governos federal e estadual.

A falta de recursos públicos e de um programa federativo organizado e capilarizado acabou por impor à sociedade civil uma união de esforços e ações (por parte de religiosos, associações de classe, clubes) para tentar — através de campanhas de arrecadação de fundos, distribuição de alimentos e mutirões de saúde — minimizar o sofrimento e a expansão da doença nas regiões interioranas. A imprensa fez sua parte incentivando e difundindo, ampla e diuturnamente, essas iniciativas.

> A doença contagiosa é um evento social, e, no caso da gripe espanhola, desencadeou uma mobilização social, ato que não foi exclusivo do Brasil, uma vez que cada sociedade tentou construir sua própria resposta. A opinião pública, numa tentativa de salvar-se da ameaçadora moléstia, começa a exigir a revitalização de medidas como quarentenas e isolamentos. Alguns médicos, sem saber que tipo de estratégia de combate estabelecer para a moléstia reinante, passaram a defender que o isolamento dos doentes “se impõe como a primeira medida de higiene” (Azevedo, 1919, p. 15 *apud* Goulart, 2005, n.p.).

> O telegrama de Augusto Camargo, Presidente da Câmara da Vila de Contagem, publicado pelo jornal mineiro *O Movimento*, detalha como a pandemia atingiu e devastou o povoado e a frente social criada para o enfrentamento da doença e a minoração do sofrimento das populações vizinhas, já que o Estado não concedeu auxílio financeiro nem serviços de médicos (O Movimento, MG, jan. 1919, p.1).

No que diz respeito especialmente ao negacionismo que corria à época, podemos ler nos periódicos:

> É falso que a moléstia tenha zombado, em todos os países, dos recursos da ciência. Isto só se deu onde a higiene nunca existiu e onde os serviços de profilaxia urbana foram completamente desorganizados pela guerra [...] Os países da América, porém, não temos o direito de apresentarmos essa escusa à nossa inércia e imprevidência. Estamos na obrigação de aproveitar a experiência dos povos do velho continente e, por outro lado, as conquistas da civilização não devem encontrar em nossas plagas os obstáculos dos preconceitos e rotinas (O Combate, SP, 04 nov. 1918, p.1).

> As consequências da gripe na sociedade (brasileira) da época poderiam ter sido minimizadas se os governantes tivessem elaborado um planejamento para enfrentá-las, o que não fizeram. Tanto quanto podiam, eles negavam a existência da doença, crendo que a aceitação de que a epidemia havia atingido o país evidenciasse a ausência de uma política pública de saúde.
>
> O negacionismo em torno da pandemia deu-se de lado a lado: desde o Poder Executivo das esferas federal, estadual, municipal (com manipulação de dados, minoração da gravidade, lentidão das respostas), até da parte dos órgãos da imprensa — jornais e revistas — (subestimando a gravidade, acobertando a inação dos governos ou criticando-os por ações coercitivas), mas, também, por parte da população, esta insatisfeita ora com as omissões públicas, ora com as medidas restritivas baixadas (Goulart, 2005, n.p.).

Em sua maioria, o grito da imprensa era de denúncia e crítica ao negacionismo, e cobrava ações.

> Pelas informações oficiais, isto é, pelas notificações dos inspetores sanitários, em colégios, quartéis etc., verifica-se o decrescimento sensível da gripe.
> Esses funcionários, porém, não deram conta do número de doentes, que não procuram médicos nem farmacêuticos, e que se curam por meio de folhas e receitas caseiras, número este que, parece-nos, não havia decrescido até o dia em que escrevemos a afirmativa contestada.
>
> Demais, grande parte do povo julga d'outro modo a epidemia reinante e, no caso, descrê da palavra oficial; e, assim, a existência de grande número de enfermos infensos à visita médica que se lhe tornará pesada atualmente, pela carestia dos medicamentos (Diário de Notícias, SP, 23 out. 1918, p. 1).
>
> Ainda não se havia chegado à descoberta de algum medicamento que pudesse prevenir o contágio ou tratar os doentes, o que fazia surgirem, na imprensa, diversas receitas que prometiam a cura, como o uso de produtos como galinha, limão e ovos. O governo passou a distribuir quinino, sem saber ao certo o real valor terapêutico dessa substância no combate à gripe ou o perigo da sua ingestão sem controle (...). Para aqueles ainda em início de infecção, havia a orientação de tomar um purgativo, mistureba à base de água destilada e sulfato de sódio, com um pouco de açúcar para melhorar o gosto; tudo muito rudimentar e sem nenhuma comprovação cientifica (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Assim como reconhecemos, hoje, os limites do conhecimento científico daquela época, Cohen, Guimarães e César (2020) registram:

> Naquela época não se conheciam os aparelhos respiradores nem os antibióticos e os vírus não eram vistos pelos microscópios existentes. Não existia um tratamento eficaz: os médicos receitavam quinino, medicamento usado para malária, e a população utilizava preparados à base de alfazema, limão, coco, cebola, vinho do Porto, sal de azedas, cachaça e fumo de rolo. O laboratório Bayer divulgava a "Fenacetina — tiro e queda contra a influenza, bem-estar com a rapidez de um raio" (Cohen; Guimarães; César, 2020, n.p.).

Por omissão ou desconhecimento, o que ocorria era uma larga difusão de falsas e desencontradas informações, tanto pelas autoridades quanto pelo noticiário e boatos sociais.

> Numa espécie de loucura todos os boatos eram acreditados; transmitidos de um a um; multiplicados pela imprensa, de um para cem, para mil, para dez mil. No dia 17 de outubro Seidl pedia em vão a censura dos jornais e no dia 18 assistia-se ao crime de sua demissão. Foi substituído por Chagas que fez as únicas coisas possíveis na emergência: dotar a cidade do maior número de leitos para os desamparados. Distribuir socorro, remédio, leite, gêneros. (Nava, 2012, p. 99).

Sobre o negacionismo presente na direção da saúde pública, sua marca era a inação, denunciava o Jornal O Estado de São Paulo em 11 de novembro de 1918:

> Tentar impedir a invasão pela gripe ou influenza de uma região ou uma cidade, é procurar resolver atualmente um problema insolúvel, é um sonho, uma utopia científica.
>
> Em sua marcha caprichosa e vagabunda, a influenza, ou gripe, tem até agora, em todos os países menosprezado todos os regulamentos, todas as medidas administrativas e todas as quarentenas. O mais a que pode o higienista aspirar é preservar limitado agrupamento humano, como enfermarias, prisões, colégios etc. O isolamento eficaz, em geral, em todas as doenças contagiosas, é irrealizável na gripe epidêmica, a menos que se interrompam por tempo longo, todas as relações sociais e todos os contatos daí oriundos.
>
> A benignidade geralmente reconhecida na gripe, não justifica o terror que, por vezes, se apodera de algumas pessoas, diminuindo-lhes a resistência orgânica e abrindo as portas para infecção (O Estado de S. Paulo, SP, 11 nov. 1918, p.4).

O Governo Federal, em particular o setor de Saúde Pública, demonstrou uma demora significativa em compreender a seriedade da doença e em implementar medidas enérgicas e eficazes para combater e enfrentar o surto. Além disso, a ausência de um plano nacional unificado de combate à pandemia resultou na autonomia de Estados e municípios em definir suas próprias políticas públicas.

A relutância em fechar as portas de entrada da doença — como cidades portuárias que permitiam a disseminação do vírus ou da bactéria para o interior —

acentuou ainda mais a sua propagação. Durante o período da pandemia, o Governo Federal e as esferas estaduais e municipais adotaram abordagens e medidas diversas, o que contribuiu para a falta de coesão e coordenação na resposta à crise.

Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Pública, era a voz mais radical: negava certas informações publicadas e divulgava falsos dados, como a queda do número de mortes na Europa, tudo para dar a falsa impressão de que as coisas estavam sob controle e não havia motivo para preocupações.

> Até agora nenhum caso suspeito de influenza espanhola nos chegou. Quando aportou no Rio, há dois dias, o Demerara, tive a ocasião de não ter confirmadas suspeitas que surgiram. Fui pessoalmente a bordo, examinei os livros de registro, conferenciei com o médico do navio, indaguei o quanto pode e fiquei convencido que não havia motivos de intranquilidade... [...]...dentre os 562 passageiros de 3ª classe enfermaram poucos e só faleceram cinco, entre crianças e adultos. Desses cinco, um apenas teve o diagnóstico de influenza (Correio da Manhã, RJ, 23 set. 1918, p.1).

Em crítica feroz a Seidl, que insistia em negar os fatos e não assumir a gravidade da doença, a *Gazeta de Notícias* estampa na capa do jornal de 09 de outubro a manchete "*A falência da higiene*":

> A primeira coisa que nos surpreendeu foi a incrível ignorância da nossa Higiene a respeito desta moléstia que grassava com caráter francamente epidêmico na Europa. O Sr. Carlos Seidl não sabia de nada! Os jornais vinham, diariamente, repletos de informações telegráficas sobre a evolução do mal, sobre sua difusão no velho continente, mas nossa Higiene continuava alheia a tudo e permitia que os navios saídos dos portos suspeitos chegassem ao Brasil sem nenhuma medida de prevenção sanitária. Há, porventura alguma explicação para esta falência da Higiene Oficial que deixa uma epidemia invadir o nosso território, e ainda por cima se nega a agir sob o pretexto de que ela ainda não matou muitos brasileiros? (Gazeta de Notícias, RJ, 09 out. 1918, p. 1).

Dois dias depois, em outro jornal carioca, Carlos Seidl defenderia ideia contrária à política do isolamento social:

> O isolamento tão eficaz, em geral, nas doenças contagiosas, é irrealizável na gripe epidêmica, a menos que se interrompam por longo prazo, todas as relações sociais e todos os contatos daí oriundos (Correio da Manhã, RJ, 11 out. 1918, p.3).

Em 11 de novembro de 1918, um jornal do Rio de Janeiro escreveu em um artigo sobre Seidl chamado *Desprezo criminoso e abuso da paciência da população*. Os jornais já não se referiam mais à pandemia como "Gripe Espanhola", mas sim como passou a ser conhecida: "mal de Seidl".

Apenas com Teóphilo Torres, substituto interino de Carlos Seidl, à frente da direção da Saúde Pública o governo reconheceria a ineficiência do quinino na cura da

doença e deixaria a imprensa publicar a informação, porém reafirmaria ver na aspirina e na canela auxiliares para a recuperação dos contaminados.

A condução da política sanitária continuaria, ainda, presa às convicções de Seidl: o sanitarista Carlos Chagas, seu substituto, partilhava das mesmas quanto à gravidade da doença e às orientações profiláticas.

> Não se trate, pois, o mal com o desprezo subcolor da inocência; tenham todo o cuidado no resguardo e na assistência aos epidemiados [...]. Nem o sequestro dos doentes, nem a claustração dos sãos são medidas portadoras de confiança. Para muitos doentes que se aferrolhassem nos hospitais, muitos mais seriam os que livremente haviam de ficar nos domicílios e até a circular nas ruas; sem falar nos próprios que estejam com saúde, mas trazem consigo os germes violentos aos sãos que quisessem se enclausurar. Para se tomarem à ambiência epidêmica, bem difícil lhes seria arranjar torre de marfim que os livrasse da aproximação perigosa de outros homens (Carlos Chagas *in*: Revista da Semana, 26 out. 1918, p. 16)

Segundo a mesma Revista,

> Carlos Chagas considerava que a doença não era de “absoluta gravidade”, contudo reconhecia que havia poucas informações sobre ela. Com a perspectiva de sua chegada, alguns médicos recomendavam que se limpasse as frutas com vinagre, enquanto Carlos Seidl apresentava como preventivo a vacina contra a varíola, seguindo o conselho de cientistas franceses, ainda que tais recomendações não tivessem nenhum valor real. As cidades de Recife e Salvador tiveram as primeiras baixas, com casos que foram logo informados a Carlos Seidl, mas o Diretor de Saúde Pública continuava a repetir o seu mantra de que tudo estava sob controle (Revista da Semana, 26 out. 1918).

Para ilustrar, como uma testemunha dos fatos, Nelson Antônio Freire, de própria voz, deixaria atestado o negacionismo do Estado:

> O pior de tudo é que estava morrendo gente aos borbotões, e o governo dizia nas ruas e nas folhas, que a gripe era benigna. Certo dia, as folhas noticiaram mais de quinhentos óbitos, e mesmo assim a gripe era benigna, benigna, benigna.
>
> Além disso, discursos imprecisos, e muitas vezes contraditórios, apresentavam a moléstia ora como simples “‘gripe nostra” — o simples e corriqueiro resfriado —, ora como uma entidade patológica completamente nova ou confundida com diversas doenças, principalmente o tifo, a cólera e o impaludismo. Tal fato refletia uma fragmentação da comunidade médica, levando à apresentação de uma heterogeneidade de diagnósticos e, em alguns casos, à definição da ‘influenza espanhola’ como uma doença nova, pelo pouco conhecimento sobre sua fisiopatologia (Goulart, 2005, n.p.).

Na capital da República as notícias sobre a disseminação da doença na Europa eram ignoradas ou tratadas com descaso — até mesmo como pseudocientificidade — pela sociedade. Em parte, a responsabilidade foi de uma parcela da imprensa que, segundo uma corrente, nem sempre cumpria sua missão de informar a população, e desta, que teimava em burlar as medidas sanitárias por considerá-las coercitivas.

> Um matutino, entretanto, caiu em exagero oposto e pintou hoje um róseo quadro perguntando: “Quando foi que em São Paulo se fechou o comércio, deixaram de trafegar os bondes, cessaram os trabalhos, em geral, como no Rio? E, como no Rio, quando foi que aqui faltaram assistência médica e farmacêutica? Qual teria sido a habitação, por mais modesta, onde houvesse um doente, que não tenha entrado um médico? A que habitante de São Paulo, por mais empobrecido que seja, teria faltado socorro quando atacado pela gripe?” (O Combate, SP, 11 nov. 1918, p.3).
>
> [...] “é pura e simplesmente a gripe ou influenza; cumpre não confundi-la com a gripe pneumônica, de Dakar, que esta sim é gravíssima, de prognósticos muito sérios” [...] “não há, pois, razão para nos enchermos de terror, como vai acontecendo por aí, confundindo uma coisa com outra, pondo em sobressalto toda gente”, tranquilizava o jornal *Diário de Minas* (Goulart, 2005, n.p.).
>
> O erro maior que se cometeu no Rio foi permitir a discussão sobre o diagnóstico clínico da influenza. Os profanos puseram em dúvida a opinião dos competentes. Correram a cidade os lados mais terroristas. O Rio estava infestado pela peste e pela cólera! A verdade, porém, é que só a influenza grassava na capital (Revista da Semana, RJ, 19 out. 1918, p.1).
>
> Em casa de Ennes de Souza os jornais eram lidos em voz alta, à noite em uma roda em volta da mesa, e por eles tínhamos notícias dos horrores por que passava o Rio de Janeiro naquele período terrível. Verdadeiros ou falsos, os boatos eram como realidade pelo impacto emocional que causavam.
>
> Descrevia-se a fome. Os ataques às padarias, armazéns e bodegas por aglomerados de esfaimados e convalescentes esquálidos, roubando e tossindo. Dizia-se de famílias inteiras desamparadas — uns com febre, outros com fome; da criança varada, sugando o seio da mãe morta e podre; dos jacás de galinha reservados para os privilegiados, para a gente da alta e do Governo, passando sob a guarda de praças embaladas aos olhos de uma população que aguava. Seria verdade? Era (Nava, 2012, p. 99).

Outro artigo, em tom anedótico, dessa vez da revista paulista *A Careta*, denunciava o fato de a imprensa insistir em trazer informações equivocadas:

> A influenza espanhola e os perigos do contágio — esta moléstia é uma criação dos alemães que a espalham pelo mundo inteiro, por intermédio de seus submarinos, [...] nossos oficiais, marinheiros e médicos de nossa esquadra, que partiram há um mês, passam pelos hospitais do *front*, apanhando no meio do caminho e sendo vitimados pela traiçoeira criação bacteriológica dos alemães, porque em nossa opinião a misteriosa moléstia foi fabricada na Alemanha, carregada de virulência pelos sabichões teutônicos, engarrafada e depois distribuída pelos submarinos que se encarregam de espalhar as garrafas, perto das costas dos países aliados, de maneira que, levadas pelas ondas para as praias, as garrafas apanhadas por gente inocente espalhem o terrível morbus por todo o universo, desta maneira obrigando os neutros a permanecerem neutros (A Careta, set. 1918, n.p.).
>
> [...]. Em outro artigo de *A Careta*, tal posição ficava explícita quando se afirmava que a ameaça da gripe espanhola trazia um perigo bem maior, “a ameaça da medicina oficial, da ditadura científica”, pois a Diretoria Geral de Saúde Pública, “tomando providências ditatoriais, ameaçava ferir os direitos dos cidadãos com uma série de medidas coercitivas, [...] preparando todas as armas da tirania científica contra as liberdades dos povos civis” (A Careta, 12 out. 1918, p. 28).

> [...] Para muitos jornalistas, assim como para uma grande parcela da população e dos grupos políticos de oposição ao governo Wenceslau Braz, o combate à moléstia era tomado inicialmente como pretexto para a intervenção na vida da população. As doenças epidêmicas, no decorrer da história, foram influenciadas por fatores políticos e sociais, afetando diferentes grupos de pessoas e desfraldando uma gama de respostas (Goulart, 2005, n.p.).

Ah, a imprensa! Poderia arrematar o autor Leão Coroado, ao escrever crônica de ironia fina para a revista paulista *D. Quixote*:

> Nada mais interessante do que a tal lei sancionada, pelo Sr. Manoel Antônio de Moraes Rego. Havia no final, um “etc.” e foi esta toda a maldição da lei de fechamento. Nunca se viu uma lei com um etc. no fim e vai d’ahi, a Justiça, que embora cega gosta de ver tudo claro, mandou que não se executasse a lei por causa única do etc. [...]
>
> Temos agora os banhos de mar. Olinda tem sido cantada em prosa e verso, e vice-versa. Os sonhadores já não têm mais com que encher as três colunas estreitas do Jornal do Recife [...]
>
> Nesta questão de epidemia, todos têm a sua opinião. A Imprensa é sempre quem mais alto dita as leis e convence o público. A que, por exemplo, os jornais em oposição criminam o governo de descuidado, de insidioso mau e o *Jornal do Recife*, mais ousado, classificou de “Governo da Peste”.
> Ao contrário: os jornais governistas, afirmam o contrário; dizem que nada há de novo a não ser a grita da oposição e, classificam a influenza de “Epidemia da infâmia e da mentira”.
> Seja lá como for, em respeito estas opiniões, embora opostas e, ainda mais esta outra que é do sisudo e circunspecto órgão mais velho da América Latina, o bequedella *Diário de Pernambuco*.
>
> Diz...o velhaco (velhaco aí está em lugar de velhaço):
> “Continua a grassar nesta cidade e seus subúrbios, a epidemia reinante sob o nome de influenza espanhola, não tendo deixado de contribuir para recrudescimento da moléstia nos últimos dias, o excessivo alarma de imprensa que se vem fazendo a propósito dela”.
> Agora, diante do que está acima escrito e publicado, respondam os sábios da escritura, se a Imprensa não é a principal causadora do “recrudescimento da moléstia”. É o caso da sugestão, e os médicos deviam de hora avante atestarem:
>
> “— Causa *Mortis*: sugestão pela leitura de um jornal que se ocupava da epidemia etc., etc.” (Dom Quixote, RJ, 13 nov. 1918, p.23).

VI

A COBERTURA DA IMPRENSA BRASILEIRA SOBRE A COVID-19

Tendo em vista algumas restrições de acesso para consulta pública, à época, a acervos de outros Estados, o presente estudo optou por centrar sua base de pesquisa nos acervos dos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP), *O Estado de S. Paulo* (O ESP) e da revista *Veja*, para fins de análise do noticiário sobre a COVID-19. Nesses órgãos de imprensa de São Paulo, impressionou o espaço dedicado à pandemia do Coronavírus já nos seus primeiros dias e ao longo dos meses.

Novos "cadernos especiais" foram abertos para tratar do vírus e suas consequências na saúde da sociedade, e o assunto também marcava presença em seções dentro dos cadernos tradicionais (Política, Economia/Mercado, Internacional, Cultura, Esportes, Saúde etc.). Publicou-se e reproduziu-se artigos na forma de editoriais, colunas/blogs, crônicas e artigos com entrevistas, depoimentos e diários.

Sobretudo, nos jornais pesquisados, abriu-se espaço a artigos que retratavam e analisavam a esfera do privado (cotidiano, relacional e vida psíquica), tanto de populares quanto dos próprios profissionais da imprensa. Novos escritores foram chamados para fazer a crônica de costumes, do cotidiano. Bem como especialistas (jornalistas setoriais, economistas, empreendedores, médicos, psicólogos, psiquiatras, filósofos etc.) foram ouvidos e/ou deram aconselhamentos e orientações.

Houve também uma ampla divulgação de dados de pesquisas em curso ou iniciadas à época para acompanhar a pandemia, especialmente sobre a saúde mental da população. O espaço de publicação dessas matérias conquistou, como já mencionado, lugar fixo e exclusivo nas páginas dos jornais ("*Vidas em Quarentena*", "*Especial Coronavírus*", "*Coronavírus*"). Nunca os populares, os anônimos, foram tão ouvidos, em entrevistas e depoimentos sobre cotidiano, família e trabalho.

6.1 Os temas desta pesquisa na cobertura da imprensa

Úrsula Passos (2020) nos conta sobre o projeto virtual da bióloga Keila Zaché (2020), Cartografia das Memórias, onde é feito um cruzamento das sensações e emoções quando relacionadas ao meio no contexto da pandemia. Nesse projeto, Zaché (2020) cruza palavras-chave de diversos relatos recolhidos e encontra os temas mais abordados: família, futuro, medo e política. (Passos, 2020).

Optou-se aqui, a exemplo do estudo sobre as crônicas dos estudantes da disciplina Estágio Básico I do curso de psicologia, por selecionar e agrupar o material dos órgãos de imprensa acessível do mesmo período (março a junho 2020), especialmente noticiários, para, assim, estabelecer um parâmetro de comparação dos resultados obtidos em ambas as pesquisas — a relacionada à COVID-19 e a relacionada à Gripe Espanhola. O objetivo central deste capítulo é analisar a cobertura da COVID-19 pela imprensa brasileira com enfoque nas temáticas cotidiano, sofrimento psíquico e subjetividade, aspectos sociopolíticos e negacionismo.

Nos jornais desse período é comum ler-se notícias, crônicas e relatos sobre a pandemia abordando o evento sob mais de um prisma. Ou seja, não raro, num mesmo artigo selecionado nos acervos da FSP e do O ESP, dois ou até os três temas estudados apareçam (cor)relacionados. Por isso há casos em que um mesmo artigo é mencionado na análise de mais de um tema, sem comprometer o critério amostral preestabelecidos de 50 artigos no total.

Na análise por temas, a seguir, é possível detectar os paralelos entre os relatos/crônicas dos estudantes e os artigos da imprensa, no tocante ao cotidiano, à situação sociopolítica e à saúde mental no contexto da COVID-19.

6.1.1 Tema: Cotidiano

Com a pandemia de Coronavírus, o cotidiano das populações, dos negócios e das instituições públicas ou privadas mudaria drasticamente no país — embora os veículos de imprensa pesquisados tenham base estadual (SP), pode-se extrapolar suas informações para o país, em razão de que fazem uma cobertura de alcance nacional.

> Meus dias duram 5 minutos, me escreveu outro dia uma amiga por e-mail. Achei (a frase) perfeita para expressar um efeito do confinamento que não foi devidamente antecipado. Três meses atrás, quando muitos de nós estávamos no começo do túnel de “isolamento social”, uma grande preocupação era o que fazer com o tempo que, óbvio, passaremos a ter de sobra. Houve quem ficasse contente com um freio de arrumação! Hora de ler os clássicos adiados há décadas, maratonar séries maneiras, aprender Mandarim, filosofia, cozinha tailandesa, crochê. É claro, mas não custa reforçar, que falo da parcela privilegiada que pode se dar ao luxo de ficar em casa. Num país que, politicamente doente, nunca adotou o confinamento de forma efetiva e coordenada. Logo, o isolamento se revelou um consumidor voraz do recurso tempo [...]. Foi o que se viu: a lavanderia insana das compras; as horas passadas junto a fogão, pia e vassoura; os cuidados com os filhos sem escola; o jeito que se deu ao tempo do trabalho (para quem, privilegiado em dobro, conseguiu mantê-lo) de se infiltrar no tempo do repouso. Por tudo isso, é natural que os dias parecem durar 5 minutos e que três meses encolheram num estalar de dedos, deixando uma sensação de 3 semanas. O tempo do isolamento pandêmico é ambíguo, porque marca um tempo fora do tempo, um hiato com compasso de espera, ao mesmo tempo deprimente e desejável, insuportável e acolhedor (Rodrigues, 2020, n.p.).

Já em isolamento, os modos de vida, os comportamentos de consumo, a comunicação e a informação quase que só seriam viáveis através do mundo virtual, enquanto alternativa possível e segura. Nada seria mais como antes da pandemia e as ferramentas tecnológicas de comunicação se impunham como saída, refúgio, para o enfrentamento do “novo normal”. Os hábitos de acesso e uso da internet e das plataformas digitais se intensificaram exponencialmente. Porém, o velho problema da desigualdade social representaria um entrave à democratização do meio:

> A pandemia evidenciou a necessidade de nos reinventarmos. As mudanças instituídas em ritmo acelerado estabeleceram novo normal, no qual quase tudo que era feito de forma presencial foi inviabilizado. Repentinamente nos vimos obrigados a adotar o modo virtual como alternativa para conter o susto do vírus e preservar a saúde. Neste cenário as plataformas digitais são essenciais para viabilizar as novas formas de trabalho, estudo e relacionamentos. Mas precisamos atentar para ao menos dois fatores fundamentais: a democratização do acesso à internet e a segurança digital. Definitivamente não estávamos preparados para esta mudança repentina do presencial para o virtual (Rosa, 2020, n.p.).

A necessidade de isolamento e o desconhecimento sobre o vírus (sua progressão e gravidade da contaminação) gerou um estado de caos inicial, privado e social, com a desestruturação da rotina e as transformações dos humores. A pesquisa no noticiário dos periódicos permitiu conhecer o cotidiano da pandemia, desde os primeiros dias e nos meses subsequentes à sua chegada ao país.

Na esfera do privado, os novos desafios e consequentes mudanças de humor afetariam o cenário e as relações doméstico-familiares: o trabalho transferido para o espaço doméstico (*home office*), a interrupção das rotinas escolares ou a troca do presencial para o espaço virtual, a restrição de circulação extracasa impuseram um cotidiano de adequações nunca vivenciado e, não sem tensões, exigindo de cada indivíduo flexibilidade, empatia, paciência e resiliência.

> Eu queria ser psicóloga, mas acabei exercendo a profissão informalmente transportando as pessoas de um lado a outro de São Paulo. [...] Tem passageiro que pergunta: você não tem receio de ficar em contato com tanta gente? Eu respondo só tenho medo de barata. Mas sou precavida. [...] As pessoas se assustam vendo shoppings fechados, a cidade vazia, a Marginal Tietê transitável o tempo todo. Minha mãe mora na mesma rua que eu não posso ir à casa dela, mas nos falamos por telefone ficamos no “tchauzinho” à distância (Venâncio, 2020, n.p.).

> Anne bloqueou sua agenda para reuniões *online* entre 11 e 14 horas e colocou um azul cuidando da minha filha. Anne dividia os horários do dia com o marido para ficar com a filha, que passava o dia todo na escola. “Agora fechada é bem desafiador ter ela do meu lado quando tenho que trabalhar. Ela não brinca sozinha e temos que ficar sempre a entretendo. Camila fez uma planilha em que estabelece quando é a vez dela ou do marido trocar a fralda, dar comida ou fazer o bebê dormir. Giovana se esforça para trabalhar no último mês de gestação e precisa dividir disposição e computador com os dois filhos maiores, cujas atividades escolares remotas não param de chegar. “Mas (os avós) não poderem conhecer a neta me dói demais. Não ter minha mãe por perto para ajudar, que mora a 15 minutos de casa, é muito triste”. O chá de bebê foi organizado *online* e as amigas mandaram entregar os presentes. São mães e pais sobrevivendo ao isolamento determinado pela pandemia de coronavírus no Brasil e no mundo. A professora Universitária Fabíola Faria, de 43 anos, precisa das aulas *online* com um dos filhos ao lado. O outro ela deixa na frente da televisão. Ela disse que o trabalho triplicou, depois do fechamento da faculdade, porque teve de aprender a preparar aulas *online* e ainda ficar disponível aos alunos no WhatsApp. “Não consigo fazer nenhuma caminhada. Ou estou em aula ou estou com os meninos e à noite quero dormir. Rodrigo Flores, de 33 anos, tinha ajuda de uma diarista e dos sogros, que agora também estão isolados. Sua mulher trabalha na área da saúde. “Sai de casa cedo e volta apenas às 15 horas, quando então ele começa a se dedicar exclusivamente ao trabalho, como gerente de Engenharia. O Brasil tem ainda um número crescente de famílias monoparentais, apenas com a mãe, cuja situação é mais complicada. E mesmo com casais é comum a mulher ficar com a maioria da carga de cuidado dos filhos (Cafardo, 2020, n.p.).

Nos jornais, os depoimentos pessoais ilustram os esforços de rearranjo da rotina pessoal e familiar, nem sempre bem-sucedidos, e os cuidados para a proteção da saúde e a manutenção doméstica, do estudo e do trabalho.

> Eu preciso dizer que a ficha demorou para cair. Quando a gente ainda estava em janeiro, o coronavírus parecia algo tão distante, uma notícia que fazia parte do noticiário internacional, lá de longe, da China. Então eu e a Ingrid, minha mulher, não pensávamos na questão. Mas tudo andou rápido demais. Há três semanas nos demos conta de que teríamos um filho no meio de uma pandemia mundial. Minha mulher conseguiu adiantar o parto que seria no dia 25 de março para o dia 21. Achamos que era melhor adiantar já que a cada dia que passa o número de infectados dobra.
>
> Sair de casa para ir até o hospital foi uma aventura, foi como atravessar uma cidade em que o vírus estava no ar. (de volta da Maternidade) passamos na casa do meu sogro de carro e de dentro do carro mostramos o bebê. A sensação é de que tivemos um filho em período de guerra, você quase não pode sair para comprar coisas, minha mulher acaba de sair de uma cesariana e estamos vivendo todas as dificuldades que já estariam presentes mesmo sem a pandemia. Agora em casa estamos com o cabelo em pé, temos também uma filhinha de 2 anos a Sofia ela é agitada e claro quer atenção o tempo todo. Minha mulher ainda está com algumas dores. Tem sido difícil lidar com tudo isso. Felizmente eu emendei licença-paternidade com férias, mas, ainda assim, resolvo muita coisa do trabalho à distância. Só saio para coisas pontuais. Fui à farmácia e saí de máscara com álcool em gel, todo um esquema de guerra. Falei com minha mulher o que estamos vivendo hoje é histórico. É um momento histórico que vai marcar a história do meu filho e de todos nós (Serafim, 2020, n.p.).
>
> Logo quando começou a quarentena na semana passada eu me “planilhei” toda. Fui para o computador e montei uma escala com horários de atividades de cada um dos meus três filhos. Eu queria me organizar. Cheguei a apresentar a planilha para eles, mas o que percebi é que eles estavam com preguiça de seguir as regras. Às vezes também ficavam tristes porque queriam ver os amigos, sentiam saudade da escola. Daí achei melhor cuidar do emocional das crianças do que criar uma rotina. Rasguei a planilha. Estou deixando rolar porque, assim, o clima fica mais leve. Meus filhos têm idades diferentes e é difícil coordenar. Tem de tudo nesta casa, até uma cadela, a Bagunça. Depois dessa tentativa frustrada de estabelecer uma rotina, a ser seguida à risca, estou controlando apenas os horários de dormir, de fazer as refeições e as atividades da escola sempre pela manhã. Meu marido é diretor financeiro de uma escola, está em casa, mas em Home Office. Trabalhando enlouquecidamente. Estou sem a faxineira e a moça que me ajudava com o (meu filho menor) João para eu poder trabalhar (as aulas que dava agora são virtuais). Arrumação da minha casa varia, tem dia que está limpa, tem dia que não está. Tem dia que a gente arruma a cama, tem dia que não. Vai de acordo com que a prioridade, se está todo mundo bem, feliz, sem estresse. Não sei se a pandemia vai se estender por muitos meses e se terei de adotar uma rotina mais rígida. O importante é ter consciência de que sou privilegiada, o resto é tentar manter a calma (Hissa, 2020, n.p.).

Em razão do temor de desabastecimento, foram registradas corridas aos mercados em busca de produtos habituais e de autoproteção ao vírus — o álcool em gel e as máscaras — trazendo um momentâneo desabastecimento desses gêneros, em especial. O varejo e os fabricantes não estavam preparados para uma demanda por vezes considerada desmedida. O volume de compras por saída aumentou,

evitando-se assim idas mais frequentes e a exposição ao contato com o outro, estocar itens regulares virou rotina.

A casa como epicentro aglutinador das relações familiares, todo o tempo, todos os dias, passou a demandar um esforço de manutenção ainda mais trabalhoso, fosse de sua dispensa, fosse de sua limpeza já que em muitos casos as famílias não puderam mais contar com o serviço de faxinas. Percebendo esses nichos de oportunidade, proliferam na imprensa artigos de aconselhamento e dicas de fontes especializadas para tempos de incertezas e de imprevisibilidade: programação da rotina e novos serviços — terapia *online*, cinema “em casa” (*streaming*), *e-commerce* — passaram a ser anunciados como conteúdo editorial. Os jornais também noticiaram todos os movimentos da população citados acima.

> A situação de confinamento em tempos de coronavírus exige adaptações, sugiro que se crie uma tabela de horários em uma cartolina afixada numa parede onde todos possam ver que é importante estabelecer os horários das refeições com pelo menos uma delas em família. Não é indicado cada um comer em um momento [...] é preciso que os pais larguem seus celulares para interagir com os filhos. [...] a atitude exemplar do adulto fundamental (Trindade, 2020, n.p.).

A imprensa igualmente noticiava os profissionais, as instituições e os negócios enfrentando, à época, uma sobrecarga de afazeres voltados ao planejamento estratégico, ao desenvolvimento de novos produtos e a novas formas de serviços, sem falar na requalificação necessária às novas tecnologias e ao meio digital. Alguns meios já em operação tiveram que ser incrementados e agilizados (comércio e serviços híbridos).

> O Coronavírus mudou completamente a rotina do ensino nas faculdades brasileiras. A convivência com o professor e com os outros estudantes teve de ser interrompida e transportada para o ambiente virtual. Ao impor o isolamento social, o vírus suprimiu das universidades, talvez, o seu maior bem — a convivência presencial. Esse elemento por si só já alterou significativamente a vida de todos os integrantes das comunidades universitárias… As aulas presenciais foram suspensas em 16 de março (seguindo as determinações das autoridades). Depois de 15 dias passaram a ser realizadas remotamente. Houve uma suspensão repentina de todas as atividades. Isso nos obrigou a fazer uma reformulação muito rápida nas formas de ensinar. O dia a dia para alunos e professores sofreu uma mudança brusca. Estamos testemunhando uma quebra de paradigma no modelo educacional, a divisão entre ensino presencial e à distância será definitivamente borrada. Entre outras características o ensino remoto requer disciplina autonomia dimensionamento adequado da quantidade de tempo a ser destinada a cada atividade etc. Há um lado nessa crise, ela nos obrigou a desenvolver criativamente novas formas de ensinar e de avaliar alunos. De certa maneira o ensino ficou mais atual (Geraldine; Lopez, 2020, n.p.).

6.1.2 Tema: Sofrimento psíquico e subjetividade

> Não está fácil para nós, adultos, lidar com nossas questões e com as deles. Vamos com coragem e firmeza, minha gente. E sem culpas por favor. É a primeira vez de todo mundo, afinal.
>
> Talvez ajudemos o futuro a entender que existia um mundo antes dessa pandemia e como esse mundo desapareceu. Tudo que estamos vivendo é tão relevante para humanidade que já nasce com valor histórico. Se a nossa sociedade e as autoridades que nos governam conhecerem melhor a história de outras epidemias certamente estaríamos mais preparados para enfrentar o coronavírus diz Trindade, historiador e pesquisador de museu (Passos, 2020, n.p.).

Nos primeiros dias da pandemia alguns articulistas ponderavam sobre o assunto com certa cautela, na tentativa de, em esclarecendo mesmo o pouco que se sabia sobre o vírus, evitar o pânico e desorganização social.

> Se o leitor é como eu deve estar se sentindo um pouco perdido. Bem, não estamos sozinhos. Os cientistas e as autoridades também estão. Trata-se de uma doença nova, afinal de contas, que vamos conhecendo à medida em que ela se espalha pelo mundo. E ela faz isso numa velocidade sem precedentes, nos pondo o tempo todo a correr atrás de informações para tentar tomar a dianteira, nessa disputa contra o coronavírus. Bem, temos boas e más notícias. E esse é um dos maiores desafios na transmissão de informações relacionadas a essa crise atual, pois parece que as mensagens que estamos recebendo são contraditórias. Não precisa de pânico repetem para nós. Mas, cada vez mais cidades, regiões e, até mesmo, países inteiros entram em quarentena. Não se desespere, mas se cuidem. Não estoquem comida. Mas parem de dar a mão para se cumprimentar. [...] Nossa tendência ao raciocínio binário dificulta a compreensão de que as duas coisas podem coexistir. É possível que algo nos ameace, mas que mesmo assim precisamos mudar hábitos para ficarmos seguros. Aparentemente, sem a percepção de algum tipo de risco é difícil convencer as pessoas a mudar o comportamento. Que tal começar já? (Barros, 2020, n.p.).

Mas esses artigos cautelosos foram rapidamente dando espaço a outros que começavam a estampar as páginas dos jornais tratando de saúde mental. Termos como “ansiedade”, “angústia”, “medo”, eram utilizados com o propósito de orientação preventiva e esclarecimento para, ao tranquilizar os leitores, estimular a mudança de comportamentos e a adesão às medidas sanitárias.

> O aumento dos casos da COVID-19 tem forçado países a implementar medidas que aumentam a distância física e diminuem o contato entre pessoas. Separando as pessoas fica mais difícil de espalhar e aumentar o número de casos por dia, o que retarda a pandemia e, mais importante, diminui a sobrecarga no sistema de saúde. O surto dura mais, mas é menos intenso e as pessoas têm mais chances de serem tratadas adequadamente. Temos de nos preparar para a possibilidade de termos nossa liberdade de ir e vir restrita nas próximas semanas ou meses. O problema é que somos animais sociais. Por esse motivo ficar trancado em casa durante semanas deixa qualquer um louco. Graças à ciência, existem muitos estudos sobre o custo psicológico de uma quarentena (Reinach, 2020, p. 69).

> Vários impactos foram detectados durante o isolamento: depressão, estresse e mau humor, irritabilidade, insônia, estresse pós-traumático, raiva e exaustão emocional. Esses são os sintomas com maior prevalência. Foram também identificadas as razões para esses distúrbios: medo de ser infectado, frustração, falta de suprimentos e de informação. Os estudos recomendam o que pode ser feito para aliviar os efeitos: manter a quarentena o quanto possível, garantir informação e o suprimento de comida, reduzir o tédio com ajuda de meio digitais e a comunicação. Como muito provavelmente a maioria de nós vai passar por um período de isolamento, total ou parcial, é bom saber que os sentimentos fazem parte da resposta normal dos seres humanos a esse acontecimento. Talvez isso nos ajude a enfrentar com mais coragem esse transtorno. Cabe ao governo levar em conta esses achados ao organizar o distanciamento social ou as quarentenas (Reinach, 2020, p. 68).

O tema “saúde mental”, no contexto do Coronavírus (isolamento social), seguiria rendendo matérias ao longo dos 4 meses pesquisados nos acervos da imprensa paulista.

> O isolamento é muito agressivo: primeiro ele priva do contato com outras pessoas. Segundo exige a administração da nova rotina, para acomodar trabalho e família no mesmo ambiente. Isso gera ansiedade, estresse... As pessoas que estavam saudáveis podem adoecer com o isolamento se não houver ação, mas tem, também, as que estavam doentes e não sabiam e, agora isso veio à tona. Os transtornos mentais não sangram, mas estão lá... (Romani, 2020, p.15).

> Os últimos meses, passados por boa parte da humanidade dentro de casa, parecem um filme de terror ou de ficção científica repleto de pessoas de máscara com medo do contágio invisível temerosos de aproximações. Os relatos vão permitir às pessoas do futuro saber quem éramos nós, como vivemos e o que estamos sentindo e o que vai ser diferente, diz Beatriz Kushnir, diretora do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro (Passos, 2020, n.p.).

> Crianças e adolescentes estão confinados há duas semanas. Agora, mais do que confinados, estão isolados de seus relacionamentos regulares. No início, com o fechamento das escolas, parte das crianças e adolescentes comemorou. Difícil para eles não identificar esse período com férias. Nos primeiros dias muitas famílias entraram quase que em estado de hiperatividade com as crianças.
>
> Foi um tal de inventar brincadeiras, procurar dicas na internet e trocar experiências com outras famílias. Mas os dias foram passando, trancados em casa, e o que parecia estar funcionando, até então, deixou de ter tanta eficiência. Hoje, é mais frequente ver crianças cansadas, irritadas e entediadas com tantas brincadeiras, e pais sem criatividade para buscar estratégias diferentes e já sem paciência. Foi só então que se tornaram evidentes as emoções que crianças e adultos estão experimentando, medo, ansiedade, angústia e, principalmente, insegurança e tensão. Talvez esse tenha sido motivo principal de tentar ocupar corpo e mente de todos: evitar o enfrentamento de nossos sentimentos. E os adolescentes, como estão nesse período de isolamento? Precisamos entender que essa situação os colocou de volta ao passado, o que significa estar sob a responsabilidade dos pais 24 horas. Não é à toa que os comportamentos deles reflitam o descontentamento de serem obrigados a viver nessa situação. Alguns se isolaram no quarto, na internet, para se afastar da família, outros entristeceram fortemente, outros insistem que irão sair de qualquer maneira

> e outros ainda buscam aqueles idiotas desafios na internet (Sayão, 2020, p. 15).

Em artigos e mais artigos, jornalistas e especialistas escreveram sobre o aumento significativo ou agravamento de transtornos mentais — pessoais e da população.

> Solidão, angústia, medo. O processo do distanciamento social usado para combater o avanço do coronavírus teve um efeito claro sobre a saúde mental de muitas pessoas. O reflexo disso pode ser verificado no aumento da procura de serviço de *startups* de terapia *online* e ferramentas digitais de saúde mental. *Startups* [...] tiveram uma alta de pelo menos dois dígitos na procura por serviços e no número de novos clientes, nas últimas semanas (Romani, 2020, p.15).

> Os relatos recolhidos são variados, conta a bióloga Keila Zaché [...] Há, porém, um cruzamento das sensações e emoções quando relacionadas ao meio, mas também em relação à expectativa e à esperança de um futuro diferente. As palavras-chave usadas pelo grupo para arquivar os relatos mostram que os assuntos mais abordados giram em torno da família, futuro, medo e política (Passos, 2020, n.p.).

Pesquisas e estudos sobre a saúde mental do brasileiro, que já acompanhavam ou se iniciaram nesse período, tiveram destaque na imprensa. E os resultados desses estudos se mostravam preocupantes.

> Os problemas de saúde mental estão aumentando durante a pandemia de COVID-19 e o isolamento social forçado, segundo estudo da Universidade do Estado do Rio (UERJ). O levantamento revelou que casos de ansiedade e *stress* mais do que dobraram, enquanto de depressão tiveram aumento de 90%; a pesquisa revela que as mulheres são mais propensas a sofrer com ansiedade e depressão durante a epidemia, em especial as que continuam trabalhando, porque se sentem ainda mais sobrecarregadas, acumulando tarefas domésticas e cuidando dos filhos em casa. Outros fatores de riscos são alimentação desregrada, doenças preexistentes e a necessidade de sair de casa para trabalhar. [...] Trabalhadores que precisam sair de casa durante a quarentena, entregadores, pessoas que trabalham no transporte público ou em supermercados, profissionais de Saúde, todos apresentam indicadores mais elevados comparados aos que estão em casa. Eles se sentem mais vulneráveis à contaminação e, por isso, mais ansiosos e estressados. A presença de um idoso em casa, que são as pessoas mais vulneráveis e que tem maior percentual de letalidade, cria um nível de estresse aumentado pelo temor de passar o vírus. [...] os resultados sugerem um agravamento preocupante da situação desde o início da pandemia (Jansen, 2020, n.p.).

> Incerteza. As companhias afirmam que muitos usuários apontam a incerteza pelo futuro, em termos sociais e econômicos, como motivo para buscar apoio. Outro motivo para o atendimento são as situações de luto antecipado, quando as pessoas temem perder familiares. Tivemos aumento de 70% no quesito ansiedade, 75% em conflitos amorosos e 23% em Pânico. Houve alta de 20% de indivíduos que se identificaram como “tristes”. Tenho clientes que dizem estar em prisão *Office* por não terem nem estrutura para trabalhar (Romani, 2020, p.15).

A imprensa também tratou do tema “consumo de drogas”, noticiando o aumento da ingestão de bebidas alcoólicas por conta do isolamento e seu impacto na saúde mental.

> Os bares estão fechados então as vendas nesses locais diminuíram, mas as pessoas estão bebendo mais em casa, diz o psiquiatra André Malbergier, professor do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. “Elas acham que estão vivendo uma coisa anômala e que podem compensar o mal-estar com coisas que dão prazer, principalmente comida, bebidas e drogas. Numa tragédia enorme é como se fosse justificável lidar com as emoções com o consumo de bebidas e drogas. Outro fato comum, segundo ele, são os dependentes abandonarem tratamentos. Nesse momento são pessoas com uma motivação flutuante. No momento que acontece alguma coisa diferente elas dizem “Não, agora eu vou deixar para quando tudo isso passar”. É o caso de Fernando, 47. Sóbrio havia um ano ele recaiu na bebida durante uma *live* com amigos. Estava sozinho em casa e viu os amigos na tela bebendo. E ele não resistiu. “Não bastasse os movimentos internos de cada um, no Brasil tem sido frequente os descontos em aplicativos de vendas de bebida e artistas fazendo lives patrocinadas por fabricantes de cerveja.” Para o psiquiatra Arthur Guerra de Andrade, da Medicina da USP, o isolamento social pode ser um impacto psicológico negativo a curto e a longo prazo, afetando não apenas quem sofre com as dependências. Pessoas com histórico de transtorno mentais ou em tratamento, por exemplo, estão mais vulneráveis.
>
> É importante lembrar que a dependência de uma doença crônica tem momentos de melhora e piora dos sintomas. É essencial perceber a recaída como um momento de aprender sobre as dificuldades do indivíduo, para avaliar a presença de fatores estressores e reavaliar as estratégias terapêuticas (Collucci; França, 2020, p. B9).

Além de tratar do tema “sofrimento psíquico” pela voz de especialistas, os jornais ouviram e divulgaram relatos de cunho pessoal. Eram de populares, jornalistas e pessoas públicas, dando conta das próprias tensões e temores não só pela vivência presente, mas, também, pelas incertezas do futuro. Esses relatos se parecem em muito com o teor da crônicas escritas pelos estudantes de psicologia presentes nesta pesquisa, escritas em igual período de 2020.

> Como meu amigo e colega Gregório Duvivier, eu também entrei na quarentena achando que iria ler *Em busca do tempo perdido*, escreveria um romance de 800 páginas, o roteiro de um longa e uma peça de teatro. Três semanas mais tarde, porém, devo admitir que minha inspiração tem desaguado principalmente no Twitter e em mensagens para grupos de WhatsApp. Nem a leitura tem sido muito produtiva.
>
> A pergunta que nos fazemos é o que terá o mundo pós-COVID? Como seremos nós, os sobreviventes da COVID? Quereremos livros, filmes, séries e peça sobre a doença, o isolamento, ou comédias leves que nos façam esquecer o passado recente? Não sabemos. Não saber, aliás, é uma das angústias dessa peste. Não sabemos quantas pessoas morrerão, se teremos parentes e amigos que morreram, se contraímos a doença. A única certeza é que a tragédia atual deixará marca profunda em todos nós. O jornalismo tomou o lugar da ficção. É com notícias que choramos sentimos medo e esperança, raiva, empatia. Não vejo a hora dessa loucura acabar, de

> voltarmos para nossas vidas e termos que buscar na Arte alguma beleza e sentido para nossa saudosa banalidade (Prata, 2020, n.p.).

> Aos 24 anos, o *rapper* baiano encara depressão e ansiedade durante a quarentena e diz ter vontade de encerrar a carreira. Lidar com a própria cabeça tem sido a tarefa mais espinhosa dessa quarentena para o *rapper*. Na corda bamba em que já vivia por ter que conviver entre a depressão e ansiedade, o músico baiano tenta buscar todas as distrações que lhe são possíveis. Apesar dos louros, o *rapper*, hoje, pensa em interromper a carreira (Vieira, 2020, p. B10).

> Minha filha, que mora com os avós no Rio de Janeiro, me liga angustiada pedindo ajuda. Eu posso, por favor, explicar mais uma vez aos meus pais que eles não podem sair de casa? De fato, não precisa, mas dadas as circunstâncias é preciso chegar a um acordo sobre quem sai de casa, como e quando e isso requer pesar todos os riscos de um lado de outro — e vantagens também. Expliquei a ela, então, a importância de se sentir no controle da própria vida, para manter as respostas de estresse do cérebro em xeque. [...] Talvez por isso assistir ações se desenrolando, à revelia, seja tão estressante para o cérebro. Tudo vai bem enquanto estamos no controle dos acontecimentos, a começar por nossas próprias ações. Controle é poder e perder o controle só traz consequências nefastas: sensação de impotência, ansiedade angústia, agitação ou inação apreendida, prima da depressão. Por sorte, temos todos bastante neurônios pré-frontais que nos permitem avaliar a situação e mudar nossa narrativa (Herculano-Houzel, 2020, p. B14).

> Nada como a exaustão de dois meses em uma quarentena [...] para mudar hábitos. Como escrevi em um *post* na semana passada, passei a eleger tarefas para pular, no dia a dia, minha "*not-to-do*" (a lista do que não fazer). Fiquei me perguntando como tinha chegado a esse ponto. Rememorei a última semana, as jornadas muito mais cheias combinadas com a exaustão têm empurrado meus banhos para o fim do dia. [...] O custo emocional e físico é altíssimo. Tento desempenhar minhas funções de repórter, entre uma coisinha e outra, mas meu trabalho exige ler, escrever, falar ao telefone. É muito difícil conciliar essas atividades com crianças e o alarme te interrompendo o tempo todo. [...] Enfim, a vida não está fácil para ninguém e a minha certamente está entre as mais privilegiadas. Sei disso, mas continuo ficando nervosa, tendo palpitações. [...] Ontem por volta das 15 horas, já tendo lidado com toda sorte de problemas, tive um ataque de choro sozinha com meu marido, no quarto onde tentamos trabalhar. [...] Mas, também, já me dei conta de que para sobreviver com sanidade mental não dou conta de tudo o que a nova realidade me impõe como obrigação. Para me adaptar resolvi, então, fazer a "*to-do-list*" ao revés (Fraga, 2020, n.p.).

No "novo normal", um colunista filósofo escreveu com ironia sobre o contrato social vigente, permeado pela "pulsão de morte" como gozo social.

> O novo normal (essa expressão idiota) é seguramente um mundo em que os paranoicos e hoje hipocondríacos venceram. Agora existe uma coleção de justificativas científicas para o seu gozo com a morte. A ciência provou que a paranoia diante do mundo é das ações mais sustentáveis epidemiologicamente. O contrato social atual, como sempre ocorrem nas crises humanitárias graves da história, privilegia os vícios, a covardia, o abuso e os impulsos mórbidos. O contrato agora é permeado pela pulsão de morte como gozo social: Tânatos é a substância e não Eros. De agora em diante, toda a pessoa perto de você é sua inimiga. A fronteira entre a paranoia e o cuidado é o excesso de cuidado da paranoia. Freud já nos dizia que o superego, órgão psíquico da moral, se alimenta de pulsão de morte. A moral tortura. Os tempos em que vivemos provam isso de forma evidente, com o

> casamento das normas sanitárias vigilantes com o medo. Talvez Freud, que atravessou a primeira guerra e a gripe espanhola [...] tenha percebido esse detalhe — e o gozo está no detalhe: as pessoas gozam com a morte. Elas ficam especialmente excitadas quando autorizadas a odiar, a temer, a desconfiar, trair, a proibir. Fosse o vírus um exército de ocupação, o colaboracionismo seria total. Você duvida? A pulsão de morte reina sozinha. [...] Irônico que apesar de tanto se falar em salvar vidas, seja justamente a morte que goza mais do que tudo nesse novo normal (Pondé, 2020, p. B15).

Para a imprensa, a condução política da saúde e a posição negacionista do próprio presidente colaborava para aumentar a sensação de insegurança, o estresse e a angústia na população. O presidente menosprezava os riscos e também incitava a desobediência civil aos preceitos da Ciência.

> O contexto político conturbado, vivenciado em plena pandemia, tem potencializado ainda mais as ameaças à saúde mental das pessoas. [...] aumento de cerca de 60% na procura dos usuários após o pronunciamento do Presidente da República. No comunicado ele chocou muita gente por contrariar recomendações de organizações da Saúde. Com a polarização o grande ponto que surge é “eu não sei a quem devo ouvir, em quem devo acreditar em tempos de *fake news*?”. Quando esse tipo de debate é travado entre familiares, o nível de estresse e angústia tendem a aumentar (Romani, 2020, p. 15).

Efetivamente, à época, os jornais abraçaram a pauta de orientação e aconselhamento ao leitor, abrindo espaço a artigos de especialistas em cadernos especiais e específicos e também nos editoriais já tradicionais — aqueles das áreas de saúde, educação, trabalho, economia e negócios.

6.1.3 Tema: Aspectos sociopolíticos e negacionismo

Desde o início da pandemia, a Ciência seria pauta e palco de discussões e embates entre o Estado e seus aliados, de um lado, e os cientistas e a imprensa, de outro.

> O tempo do isolamento pandêmico é ambíguo, porque marca um tempo fora do tempo, um hiato com compasso de espera, ao mesmo tempo deprimente e desejável, insuportável e acolhedor. [...] No entanto deve-se reconhecer que todo esse drama está chegando ao fim, não porque o vírus tenha perdido fôlego no país, mas por que nossos governantes — e grande parte da população, com bons motivos ou não — decretaram que acabou o isolamento (Rodrigues, 2020, n.p.).

Registre-se que, no período do noticiário analisado, os órgãos de imprensa tiveram uma conduta jornalística cuidadosa e ampla na cobertura da pandemia, procurando ouvir as diversas correntes de pensamento e opinião, oficiais ou não (mas sempre qualificadas). E não raro tomaram o partido da Ciência em seus editoriais. “Os dias, semanas e meses à frente serão... um teste para nossa determinação, para a nossa confiança na Ciência e para nossa solidariedade” (O Estado de S. Paulo, 29 abr. 2020, p. 3). Assim, ao longo dos 4 primeiros meses da pandemia, o O ESP, a FSP e a Veja se esforçaram em dar igual espaço às vozes oficiais do governo e à da oposição (nesse caso, setores progressistas e pró-ciência da sociedade):

> Crítico das medidas de isolamento social como forma de mitigar os danos da pandemia de coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) tem se agarrado na hidroxicloroquina como solução para a COVID-19. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer antes de declarar que o remédio, usado por pacientes com malária, lúpus e artrite, possa ser indicado para a doença.
>
> A hidroxicloroquina entrou no debate da pandemia de coronavírus desde que o presidente americano Donald Trump levantou a possibilidade de o remédio ser eficaz para a COVID-19, no dia 19 de março. A fala provocou corrida às farmácias, deixou pacientes sem o medicamento e levou a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) a proibir a exportação e a venda sem receita no Brasil) (Watanabe, 2020, n.p.).

Já ao final do primeiro mês da pandemia, em editorial acima do tom crítico habitual, o jornal O ESP denunciaria o desmonte da Ciência promovido pelo governo Bolsonaro, tendo em vista sua importância para a formulação de políticas públicas e enfrentamento da crise:

> Em 2020, essas entidades científicas lamentavam na imprensa o desvio de verbas federais, já escassas, para pesquisas e produção de cloroquina pelos laboratórios do Exército ainda sem comprovação médica. Raras vezes se viu entre nós como a simbiose entre amadorismo, desinformação, inépcia e arrogância pode desorganizar o sistema de pós-graduação e ciência, levando a uma situação de terra arrasada nos setores mais estratégicos da administração pública (O Estado de S. Paulo, 29 abr. 2020, p. 3).

Ao longo dos dias, como a querela “presidência do Brasil e seus aliados *versus* comunidade científica” fosse ganhando vulto e dominando a pauta noticiosa, os jornais se empenharam em publicar os dados e as recomendações das mais conceituadas e séria instituições, nacionais e mundiais, da área da saúde (OMS, universidades, cientistas). Estas, com a aparente concordância dos jornais, aconselhavam a espera de testes e estudos mais robustos que dessem aval a drogas (Remdesivir, Cloroquina/Hidroxicloroquina, combinação de Lopinavir e Ritonavir, e destes dois com Interferon-beta) no combate seguro do vírus para sua prescrição de uso.

> “Para deixar claro: não há tratamento efetivo, drogas comprovadas contra a COVID-19. [...] Há alguns dados preliminares de estudos não randomizados, observacionais, que indicam que algumas drogas e alguns coquetéis de drogas podem ter um impacto”, diz Mike Ryan, diretor-executivo do programa de emergências sanitárias da OMS. Ryan afirmou que alguns países estão com medidas de uso compassivo de certas drogas. Ele diz, contudo, que a OMS não encoraja tal ação caso ela leve a um uso mais amplo do medicamento, porque isso o tiraria do público que depende do remédio (Watanabe, 2020, n.p.).

No mesmo artigo, a imprensa noticiava o posicionamento do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que pedia cautela e não automedicação, em contradição ao discurso assumido pelo presidente.

> Continuamos com indícios [de eficácia contra o novo coronavírus]. Foram poucos pacientes, não sabemos se o medicamento foi decisivo ou não. [...] Esse medicamento tem efeitos colaterais intensos e não devem ficar na casa para serem tomados sem orientação médica. Vão fazer uma série de lesões [se automedicando] (Mandetta apud Watanabe, 2020, n.p.).

Acompanhando o quadro de crise pandêmica que se agravava, a imprensa passou a destacar a inação ou letargia de ações federais na área da saúde pública. E, tão ou ainda mais grave, a insistência em preconizar métodos sem qualquer comprovação de eficácia (imunidade de rebanho, prescrição de certas medicações) e a resistência em adotar as medidas profiláticas preconizadas pela Ciência.

Em defesa da Ciência, os jornais trouxeram artigos de sociedades científicas, de especialistas de diferentes áreas do saber, como também se manifestaram em editoriais. Desde 2019 as sociedades científicas brasileiras vinham acusando o governo Bolsonaro de desmontar os sistemas científicos de ensino e pesquisa, de provocar a asfixia financeira dos cursos de humanas, de pós-graduação e bolsas para pesquisa, por parte dos Ministérios da Educação (ME) e da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Em 2020, as mesmas entidades científicas voltariam lamentar o desvio das já escassas verbas federais, que ocorreu para a produção de Cloroquina nos laboratórios do Exército, produto cuja eficácia carecia de comprovação médica. “Tornou-se um lugar-comum afirmar que Bolsonaro age contra a Ciência e que suas atitudes diante da pandemia de COVID-19 são absurdas. Concordo que são absurdas...” (Schwartsman, 2020, n.p.).

A exemplo do que aconteceu durante a pandemia da Gripe Espanhola com o Quinino, houve, nos primeiros meses da COVID-19 no país, a promoção de métodos medicamentosos nada ortodoxos para enfrentar o mal (entre eles a prescrição de Cloroquina).

Mas, diferentemente da primeira pandemia, foi o próprio mandatário do Governo Federal quem, no período de 2020 a 2021, fomentou essas práticas de prescrição e uso, por parte da comunidade médica e de seu Conselho Federal de Medicina (CFM), e com o respaldo de seus aliados políticos e das Forças Armadas (FA).

Nos 4 meses que se seguiram à chegada do Coronavírus ao país a imprensa noticiaria o caos que se instalara não só no cotidiano das pessoas, mas também nas esferas da saúde pública, da economia, caos este gerado em grande parte pela postura anticiência adotada pelo governo desde 2019.

> Raras vezes se viu entre nós como a simbiose entre amadorismo, desinformação, inépcia e arrogância pode desorganizar o sistema de pós-graduação e ciência, levando a uma situação de terra arrasada nos setores mais estratégicos da administração pública (O Estado de S. Paulo, SP, 29 abr. 2020, p. 3).

> Não falta quem acredite nas lorotas de Redes Sociais (vulgo *fake news*) absurdas como as que creditam às vacinas doenças que evitam como se, ao contrário, levassem à morte. Pessoas cultas e respeitáveis adotam superstições [...] com a naturalidade de quem toma água. [...] O capitão reformado do exército Jair Bolsonaro representa, no posto mais alto da República, esse pelotão de inimigos figadais […] da ciência. A ala de seu governo que se diz ideológica segue de fato crendices pré-históricas do tempo do mito da caverna de Platão. Hoje não dão a mínima para Fiocruz. [...] Jair Bolsonaro é um Messias fiel nessa luta contra ciência. O episódio se repete na batalha ideológica entre Bolsonaro e oponentes. Além do absurdo de transformar uma terapia não testada como a cura do câncer e a cloroquina numa arma mortal de palanque eleitoral sobrevive a evidência preocupante. Eleito por uma grande maioria de brasileiros aptos a votar, terá Jair Bolsonaro permissão para exercer a medicina sem a formação acadêmica exigida em lei? (Nêumanne, 2020, p. 2).

Não faltou humor e ironia para denunciar discursos negacionistas e recheados de *fake news*, que visavam minimizar a gravidade da pandemia, desacreditar as fontes científicas e levar incautos a desobedecer às necessárias e boas práticas sanitárias.

> Acabei de fazer um *call* com doutor Tutu Abdala, responsável pelo meu implante capilar, que afirmou que a doença não passa de uma gripezinha.
> Recebi de um dos meus grupos de WhatsApp de pessoas influentes (não confundam com influenza, kkkk, vou mandar essa piada no grupo) um estudo da Massachusetts University. Quem morre de COVID-19 são velhinhos e gente que, mais cedo ou mais tarde, iria morrer. É como quem tem alergia a amendoim. Se morrer, morreu (Boggio, 2020, n.p.).

> Tem idoso morrendo na Itália? Tem. Mas o país não está com excesso de velho? O coronavírus já resolve esse problema.

> Também falam do desespero nas favelas. Pessoal, essa gente lida com dengue, enchente e chicungunha. Não vai ser um vírus chinês que vai abalá-los. O que não pode é deixar todo mundo em casa, vagabundeando. O que

> são alguns milhares de mortos perto da economia? Se continuar essa histeria, vamos ter que demitir.
>
> Meus negócios continuam abertos a todo vapor. Para resolver essa epidemia, nada melhor do que a mão invisível do mercado. Com muito álcool em gel, é claro (mais uma, kkkk).
>
> Abraçaço, S.A. (Boggio, 2020, n.p.).

Em artigo na FSP, o jornalista Jânio de Freitas apontava a demagogia das atitudes do presidente da República que contrariavam as medidas protetivas preconizadas pelas autoridades sanitárias — promoção de aglomerações, volta ao trabalho presencial, auxílio social tardio e insuficiente — e só aumentavam a penúria entre os segmentos mais pobres da população. O autor fechou o texto com uma chamada à consciência social, apelando por doações aos necessitados.

> As estimativas de aumento veloz das manifestações do Coronavírus, a partir deste meado de abril, coincidem com o agravamento de penúria já constatado entre os que se viravam como “trabalhadores informais”, agora sem clientela e o sem trabalho algum. Pessoas desses segmentos estão fora do contingente que, diz o governo, receberá R$ 600 daqui a três dias. Primeira observação a respeito: em dinheiro ou em produtos — o primeiro é mais versátil, produtos nem sempre coincidem com o mais necessário ao recebedor — doações são a única possibilidade de atenuar os atrasos governamentais e complementar a ajuda oficial de óbvia insuficiência. Observação complementar: os que necessitam não tem como tomar a iniciativa no socorro. A iniciativa é dos doadores. Nossa. Sua (Freitas, 2020, p. A4).

Mas a crítica também atingiria uma parte da elite civil por sua insensibilidade e oportunismo em plena crise social gerada pela pandemia:

> Nunca a elite nacional ofereceu um triste episódio como o que os três poderes da república e boa parte do andar de cima vêm oferecendo diante da epidemia de coronavírus. Sendo velho o atraso poderia ter aprendido. Já morreram mais de mil pessoas e O oportunismo epidêmico do andar de cima agravou-se. O Presidente da República disse que a COVID-19 é uma ‘gripezinha’ afrontando a ciência e a opinião pública. O ministro da saúde é hostilizado pela charanga do Planalto porque defende o isolamento. Os inimigos de Bolsonaro passaram a ser seu Ministro e os governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro. Já à Covid, que está matando gente, ele deu compreensão. Do outro lado do balcão a Câmara aprovou um pacote de ajuda aos Estados que é visto como uma bomba fiscal e o Ministro da Economia avisa que o Executivo deverá vetar. Empresários beneficiados pelos programas federais provisórios defendem sua transformação em mimos permanentes, fazem tudo isso sabendo que depois da epidemia virá a recessão. Os Barões da Medicina privada querem falar de tudo menos do colapso de hospitais do SUS (que está carregando o piano). Todos os lados acham que têm razão, mas não conseguem conversar.
>
> Há hospitais públicos recusando-se a admitir pacientes porque chegam mortos (Gaspari, 2020, n.p.).

O jornalista Mário Sérgio Conti escreveria, em sua coluna na FSP, sobre o egoísmo dessa elite dominante que silenciava os pobres e lhes negava uma ajuda emergencial solidária.

> A peste pegou em cheio a linguagem pública e particular. A pública porque ela é manipulada pelo poder para perverter a realidade. A particular porque, apinhados e amontoados entre quatro paredes, os pobres foram silenciados. A verborreia dos dominantes mantem a mudez dos dominados. Sem referências rombudas, por meio de uma linguagem estupenda, se percebe que, fora do quarto, rondam os lobos acinzentados, os nazistas, os colaboracionistas da ocupação. No fim se revela que sem demônios de tridente, enxofre e labaredas dramáticas o quarto é na verdade o inferno. A última fala da peça (Entre quatro paredes, de Sartre) marcou época: "o inferno são os outros". Ao contrário do clichê que se tornou, ela mostrou o primado da vida social, a interdependência entre o ser e os outros e não sua solidão infinita. [...] Enquanto a sociedade estiver dividida em classes, a liberdade será motivo de engajamento, um devir. O inferno são os outros. Alguns outros. [...] A existência da peste vivida entre quatro paredes em cima o que está na essência de Bolsonaro e sua gangue, a vontade de destruir e dominar. (Conti, 2020, p. B13).

O jornalista e escritor Ruy Castro endossaria tal crítica, já percebendo os interesses político-ideológicos e eleitoreiros do então presidente Bolsonaro:

> Velho político, Bolsonaro deveria perceber uma oportunidade quando ela se apresentasse. Com a dissolução da economia, do meio ambiente, das relações exteriores, da educação e da cultura em seu governo, a COVID-19 seria um inimigo ideal a enfrentar — numa luta em que ele teria o país a seu favor e que, caso vitoriosa, apagaria as brutalidades que já cometeu. [...] Bolsonaro, ao contrário, prefere lutar a favor de sua miserável campanha pela reeleição em 2022. O preço disso já se faz sentir... O país se torna um enorme jazigo ao ar livre. São os mortos da COVID — e de Bolsonaro. (Castro, 2022, n.p.).

A ala progressista da elite, formada por representantes de organizações sociais, manifestaria-se para conclamar a sociedade civil a participar da "reconstrução de um tecido social mais forte e solidário" (Setúbal, 2020, p. A3):

> O esforço fiscal para combater os efeitos do novo coronavírus é tímido em relação aos países do mundo desenvolvido. As medidas já aprovadas pelo congresso brasileiro, até o momento, representam 2.7 do PIB, com potencial de alcançar 4.7%. A crise escancarou o enorme contingente de trabalhadores à margem do sistema de Seguridade Social. Descortinou também a realidade das periferias trazendo à tona as desigualdades na oferta de serviços de saúde, educação assistência social, saneamento básico e moradia.
>
> O bem-estar não pode ser pensado como circunscrito aos indivíduos, mas deve ser construído de forma coletiva, alcançando setores diversos da sociedade. É fundamental fortalecer organizações da sociedade civil que estão desenvolvendo trabalhos de comunicação, cultura, meio ambiente e defesa de direitos… São ações para além do básico [...] importantes na reconstrução de um tecido social mais forte e solidário (Setúbal, 2020, p. A3).

Trabalhadores também foram ouvidos pelos jornais, em recém-criadas colunas específicas (*Série Essenciais*, da FSP, por exemplo). Eles falaram sobre a crise econômica, o desemprego/subemprego/informalidade e os riscos de saírem às ruas para trabalhar. Em depoimentos, trataram de suas experiências para sobreviver no novo cotidiano, deram sua opinião sobre a conduta da sociedade e dos governantes.

> Sou motorista de aplicativo há 2 anos. [...] Agora, com o coronavírus, vai demorar muito para deixar o fundo do poço. Já transportei muita gente que perdeu o emprego por causa dessa pandemia e não sabe, ainda, o que vai fazer da vida. Nessa quarentena meu faturamento caiu muito. Antes da pandemia, trabalhava 12 horas por dia e ao final da semana ganhava cerca de R$1300. Agora não estou tirando nem 300. [...] Minha filha é administradora de empresas, mas no momento está desempregada e depende de mim. [...] Na greve dos caminhoneiros tinha gente vendendo combustível adulterado. Hoje o álcool em gel está superfaturado. Já o governo, não. É muito triste ver a irresponsabilidade dos nossos líderes. Eles ignoraram todos os sinais e só acordaram agora para a gravidade. [...] Dessa vez sei que vou precisar ter um plano B porque essa crise vai longe. Seguirei tentando (Venâncio, 2020, p. B8).

Todavia, entre os artigos da imprensa houve também quem criticasse a adoção de medidas extremas, por parte de Estados e prefeituras — o *lockdown* —, vistas como um certo “fanatismo científico e fundamentalismo epidemiológico”, em sacrifício das liberdades civis. Eram uma minoria de vozes, mas tiveram seu espaço de expressão garantido nos periódicos.

> A reação das pessoas esclarecidas foi agarrar-se ao mastro da razão para vencer, antes que seja tarde, a batalha contra a estupidez.
>
> No passo seguinte, ainda em curso, o apego à voz da ciência transmuta-se em fanatismo científico e fundamentalismo epidemiológico. Hoje, esses perigos superam o da já desmoralizada negligência. Vamos — nós mesmos esclarecidos — partir para o elogio da China? Festejaremos o grande irmão em nome da Saúde Pública? Ouve-se dos esclarecidos um clamor crescente por medidas extremas. A Itália paga o preço da displicência com a moeda do *Lockdown*. Um compulsório Macron pescou, no lago do senso comum, a palavra “guerra” para descrever uma emergência sanitária. Sacrificaremos as liberdades civis no altar de uma guerra fabricada por artifício retórico? Concederemos, os esclarecidos, um AI-5 sanitário a Bolsonaro? A praxe normalizada pela guerra sanitária ressurgirá em outras guerras econômicas e culturais. Quando emudecem, sobre isso, os esclarecidos dissolvem os anticorpos que nos protegem do vírus da xenofobia. O Brasil não é a Itália. Nós, esclarecidos, vivemos na bolha da alta classe média, mas precisamos conseguir pensar fora dela. Que ninguém saia de casa: distanciamento social.
>
> Com que direito moral? O Brasil não é os EUA. Aqui o governo não irá postar cheques periódicos de US$1000 para cada família durante o intervalo imensurável da Guerra. Os esclarecidos fazem bem em decorar os mandamentos da epidemiologia, mas incorrem em erro de classe ao jogar fora os manuais básicos da sociologia. Não declaremos uma guerra cujas vítimas serão os outros: os sem patrimônio, cartão de crédito e investimentos financeiros (Magnoli, 2020, n.p.).

Frente à condução firmada pelo Estado no enfrentamento da pandemia, entre outras acusações contra seu mandatário (discriminação social, corrupção, crimes de responsabilidade, genocídio), artigos pedindo o *impeachment* de Bolsonaro começaram a se repetir na imprensa. Parte da sociedade e da oposição política se manifestava a favor de seu desligamento, promovendo “panelaços”, passeatas nas ruas e ações junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) e à Procuradoria-Geral da República (PGR).

> [...] Além de vítimas atuais e futuras da pandemia, quantas mortes Bolsonaro provocou e virá a provocar? Quantos morreram nas estradas pelo afrouxamento de regras do trânsito? Quantos bebês vitimará flexibilizando o uso das cadeirinhas? [...] Já foram encaminhados ao presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (DEM-RJ) muitos pedidos de *impeachment*. Ele foi instado pelo STF a manifestar-se sobre a abertura do processo. Pelo bem de sua biografia e cumprimento da vontade do povo brasileiro, expressa nessa época de isolamento através de panelaços em todas as capitais do país, faço votos de que ele atenda prontamente a essa vontade. Fora, Bolsonaro. *Impeachment* já! (Nussenzveig, 2020, p. A3).

Passados 4 meses de pandemia, eis o balanço feito pelo O ESP, em editorial, da atuação geral — “irracional” — e da política — “irresponsável” — de enfrentamento da pandemia do governo Bolsonaro:

> Essa irracionalidade militante do bolsonarismo se reflete também na área de saúde. Temos um presidente que afronta a ciência estimulando comportamento irresponsável dos seus concidadãos em meio a uma pandemia e recomendando o consumo de remédios sem eficácia comprovada, mas com graves efeitos colaterais. Temos um chefe de governo que demitiu dois ministros da Saúde justamente porque esses se recusaram a cumprir suas ordens irresponsáveis — o atual, um general, aceitou até mesmo manipular números da pandemia para que seu comandante pudesse dizer por aí que o total de mortos é muito menor do que os governos estaduais informam e que o país já deveria ter voltado ao normal. Bolsonaro em resumo baseia-se nas *fake news* que circulam furiosamente nas redes bolsonaristas para nortear a política oficial de saúde. Enquanto isso o número de casos confirmados de COVID-19 no Brasil passou de um milhão (O Estado de S. Paulo, SP, 20 jun. 2020, p. 3).

VII

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção realizaremos a discussão das conclusões alcançadas. A análise dos resultados obtidos a partir do uso do *software* IRAMUTEQ nos proporcionou uma visão inicial marcante, destacando a prevalência da palavra “NÃO” na representação visual exibida no gráfico de nuvem de palavras (Figura 2), localizada na página 93 desta tese.

A observação da predominância de palavras é um resultado quantitativo adicional que merece atenção, mas não representa o foco principal deste estudo. Nesta discussão, nos deteremos exclusivamente à palavra “não” e nas possíveis interpretações psicanalíticas que podem complementar essa singular preponderância.

No entanto, é importante salientar que o objetivo principal de nossa pesquisa consistiu na análise das crônicas por meio do método psicanalítico. Nas crônicas, a prevalência da palavra “não” denota uma significativa ênfase na negação, rejeição, oposição e crítica em relação aos eventos em questão e às circunstâncias políticas, pontos presentes na maioria dos relatos analisados. Frequentemente, as narrativas foram caracterizadas por uma postura de resistência e discordância.

Os resultados refletem um profundo repúdio em resposta a uma série de fatores que impactaram intensamente a sociedade durante a pandemia. Esses incluem o isolamento social, a ruptura das rotinas, a postura adotada pelo presidente de recusa quanto à Ciência, as lamentáveis perdas de vidas que poderiam ter sido evitadas através da aquisição de vacinas e o sentimento de impotência diante das atitudes negacionistas. Tais resultados são relevantes quando associados ao conteúdo das narrativas dos estudantes.

Como descrito na parte sobre metodologia, conduzimos a pesquisa combinando dois métodos distintos de análise: o método quantitativo através do *software* IRAMUTEQ, e o método psicanalítico. Inicialmente, as crônicas foram inseridas no *software* para ser agrupadas por temas. Em seguida, realizamos

múltiplas leituras das narrativas, o que nos permitiu investigar novos significados ao interpretá-las sob a perspectiva do método psicanalítico.

Quanto às análises realizadas no tocante a pandemias, conduzimos uma breve mostra de recortes de crônicas na imprensa brasileira durante o ano de 1918, período da presença da Gripe Espanhola no país, e aqueles referentes ao ano de 2020, durante a pandemia de Coronavírus.

Os temas de pesquisa na imprensa ao longo dos dois períodos foram estabelecidos, para este estudo, com base nas categorias identificadas durante a análise do material dos estudantes. O objetivo era conhecer como as crônicas retrataram as mesmas temáticas em épocas diferentes, o que permitiu uma visão ampla e contextualizada das questões, preocupações e temas que são pertinentes para a literatura produzida pelos estudantes e igualmente relevantes na cobertura jornalística.

Um primeiro paralelo entre as narrativas da COVID-19 e da Gripe Espanhola lança luz sobre a atemporalidade das angústias, reflexões e críticas relacionadas à saúde pública e à dinâmica social.

Em ambas as pandemias, um aspecto que se tornou evidente foi o predomínio de um estado de desamparo coletivo, resultante da ausência de uma atuação governamental eficaz na promoção de ações públicas que fornecessem clareza sobre a situação e adotassem medidas necessárias para garantir a segurança da população. A falta de uma liderança que pudesse coordenar esforços, comunicar informações precisas e tomar ações decisivas foi um fator determinante na perpetuação do sentimento de incerteza e desamparo.

Embora tenham ocorrido em períodos históricos distintos e sido desencadeadas por agentes etiológicos (vírus) diferentes, a pandemia de Influenza Espanhola de 1918 e a de Coronavírus de 2020 apresentam características comuns que exerceram influência sobre a trajetória de ambas as crises sanitárias, como demonstram os registros “de época” e os desta pesquisa. Assim, é possível afirmar que as pandemias de 1918 e 2020 guardam mais, e muitas, semelhanças. Vejamos algumas a seguir.

A modalidade de introdução e os vetores de propagação das duas doenças no território nacional foram semelhantes. Ambas ingressaram no país por meio de

indivíduos de maior poder aquisitivo, que realizaram viagens internacionais e retornaram ao Brasil por via marítima ou aérea, detendo recursos para buscar tratamento adequado. (Schwarcz, 2020).

Tal qual no quadro do Coronavírus, no caso da Gripe Espanhola a relação entre a distribuição dos óbitos por doenças infectocontagiosas estava intimamente ligada às disparidades socioeconômicas existentes entre os diversos grupos sociais, bem como à infraestrutura específica de cada região ocupada por esses estratos sociais dentro do município.

Os meios de transmissão e os sintomas também eram parecidos. A velocidade de contágio era extraordinariamente alta, o período de incubação era breve e a incidência da doença muito elevada, com uma alta taxa de mortalidade. Os sintomas abrangiam uma ampla gama de manifestações, indo de sintomas leves, como zumbido nos ouvidos, surdez, dores de cabeça e febres simples, até uma progressão da doença que incluía calafrios, hemorragias, urina e vômito com sangue e óbito. Em ambas as pandemias, a gravidade da situação demandou a construção ágil de hospitais temporários e espaços de isolamento para pacientes infectados pelo vírus.

A troca de lideranças na área da saúde, com a sucessiva queda e nomeação de diretores da Saúde Pública (em 1918) e de Ministros da Saúde (2020) no decurso da pandemia, motivadas por pressão da sociedade e dos meios de comunicação: Carlos Seidl substituído interinamente por Theóphilo Torres, e, por fim, por Carlos Chagas no decorrer da Gripe Espanhola; e, na COVID-19, de Nelson Teich, passando por Eduardo Pazuello, a Marcelo Queiroga, até o momento de escrita desta tese.

A conduta em relação a práticas profiláticas preventivas foi similar. Medidas eficazes na prevenção do contágio incluíram a utilização de máscaras, a implementação de quarentenas, o isolamento social com o fechamento de escolas, órgãos públicos, teatros, cinemas, clubes, estabelecimentos comerciais e igrejas. Foi recomendado à população que evitasse aglomerações, mantivesse uma boa higiene das mãos, evitasse contatos próximos e que não tossisse, espirrasse ou assoasse o nariz em locais públicos. Além disso, foi solicitado às pessoas que evitassem o uso de trens, bondes e ônibus, optando por caminhar sempre que possível. E, assim como em 2020, houve em 1918 por parte do governo resistências, idas e vindas, e pouco encorajamento ao fechamento do comércio e de postos de trabalho não essenciais.

O incentivo à automedicação, à propagação de medicamentos de eficiência não comprovada e à procura desenfreada por tratamentos caseiros e milagrosos — fórmulas que, na prática, não possuem validação científica ou um protocolo médico oficial —, por sua vez, aconteceu em ambos as pandemias.

No contexto de 1918 uma das principais estratégias adotadas para enfrentar a Gripe Espanhola envolveu a utilização do quinino, um agente terapêutico previamente empregado no tratamento da malária e de afecções articulares. Paralelamente, na contemporaneidade, o debate em torno do uso da cloroquina como uma modalidade de “tratamento precoce” contra a COVID-19 foi promovido por certos grupos, apesar das contraindicações emitidas por entidades sanitárias de renome internacional, tais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI).

Contudo, um aspecto de notável relevância nesse contexto de comparação entre as duas pandemias é um agravante, presente no caso da COVID-19, que culminou em uma tragédia com um ainda mais elevado número de óbitos: a adesão aparentemente deliberada, por parte do Governo Federal e de seus seguidores nas comunidades médica e científica, ao negacionismo. Diferentemente dos eventos ocorridos nas primeiras décadas do século XX, em 2020 pareceu clara a intenção governamental de obstruir todas as iniciativas destinadas à prevenção e o combate à disseminação do Coronavírus.

É importante destacar que, durante o ano de 1918, não encontramos registros de respaldo de autoridades políticas ou científicas ao uso de sal de quinino, como foi visto com a promoção feita pelo presidente Bolsonaro em relação à cloroquina.

A análise comparativa entre as crônicas publicadas sobre a COVID-19 e aquelas que tratavam da Gripe Espanhola (objeto de estudo do Capítulo V) possibilita observar as particularidades da imprensa em momentos históricos distintos.

Diferentemente da cobertura da Gripe Espanhola, em 2020 a imprensa entrou “nas casas e nas mentes” da população (leia-se, das classes médias) para ouvir relatos pessoais e acompanhar de perto as mudanças e impactos sobre seu cotidiano, provocados pela pandemia do COVID-19. Os autores das “crônicas” em jornais dos dois períodos de maior circulação durante a pandemia divergem substancialmente, tanto no perfil profissional quanto no enfoque analítico.

Enquanto em 1918, os “cronistas” da pandemia eram os jornalistas e colunistas habituais do periódico, em 2020 vários escritores já tinham um espaço nos Órgãos de Imprensa — suas próprias colunas — e passam a também analisar e comentar fatos da pandemia. Além disso, outros escritores e articulistas juntaram-se a eles, que passaram a contar com muitos e variados colaboradores, em sua maioria especialistas da área da saúde (cientistas, médicos, psicólogos), bem como intelectuais, filósofos, teólogos, antropólogos etc.

Os artigos sobre a pandemia de 1918 eram, em sua maior parte, mais factuais e voltados a tratar do impacto sociopolítico e econômico, já em 2020 passam a ser artigos mais analíticos não só nessas áreas, mas também voltados a comentar o impacto social e psicológico sobre a sociedade como um todo (no cotidiano, no comportamento, na mentalidade e na psique). Distintamente de 1918, ao tratar da crise na saúde, os jornais abrem espaço e dão voz ao cidadão comum. E para isso são criados cadernos especiais, específicos para a cobertura do Coronavírus, ouvindo-se jornalistas, profissionais especializados e populares sobre tudo o que se relacionasse ao mal ou que por ele fosse impactado.

Já em relação às crônicas dos estudantes de psicologia examinadas nesta pesquisa e aos artigos de imprensa de mesmo período (março a junho de 2020), esses materiais apresentam muitos pontos de contato nos três cenários temáticos.

A prática de escrever crônicas regularmente proporcionou um espaço para a expressão emocional, para a autorreflexão e crescimento pessoal e profissional. Essa perspectiva sublinha a relevância da escrita como um recurso significativo durante o período de isolamento. A partir de agora focaremos em resultados que tal prática proporcionou a este estudo.

A certeza inicial da perda da realização do estágio em um contexto de confinamento manifesta a resistência diante da mudança e do desconhecido. A experiência posterior, no entanto, levou a um percurso de reflexão sobre suas próprias emoções e dúvidas. A participação nas discussões e a conexão com o grupo foram vistas como essenciais para o desenvolvimento emocional, contribuindo, inclusive, para a rememoração e contemplação da beleza da profissão e dos desafios que a envolvem, bem como de suas identidades como psicólogos em formação.

“Começamos o semestre, nós estudantes, com a convicção e certeza da ineficiência que seria cursar estágio básico em meio a um confinamento mundial. Assistindo as aulas de dentro de casa, por uma tela pequena e quadrada. Tânia, no entanto, com sua delicadeza e olhar aguçado, conseguiu, junto com a participação de meus colegas, que o semestre se fizesse muito aproveitável e interessante. As discussões foram vivas, na medida do cabível ao momento, as trocas reais [...] Lemos textos lindos, que foram um instrumento de desopilação e lembrança da beleza que é essa profissão e dos desafios e empecilhos e desejos e belezas que deixamos de encontrar [...] Lembretes do quanto ainda há para existir e viver como psicólogo e como ser no mundo se relacionando. Tudo muito rico. Sentia sempre, enquanto escrevia as crônicas um impulso narcisista de acabar por falar de mim, e eu eu eu [...] e sempre na dúvida de que a proposta fosse essa e que estivesse de fato intrincada e imersa na ideia de escrever uma crônica semanal. [...] Como no processo de escrita, trocamos ideias com nós mesmos, e com quem as leem. Foi muito gratificante ter registros dessa quarentena, relacionados com a vida acadêmica que vivemos, agora a distância [...] Consegui lembrar o que tanto amo na psicologia e o que tanto almejo viver a partir das leituras conjuntas e das escritas individuais propostas por essa disciplina. Agradeço muito a você, Tânia, por essa oportunidade muito bonita e possível para o hoje.” Crônica 91

Mensagem de e-mail
Enviada em: segunda-feira, 15 de junho de 2020 10:58
Para: taniacoc@terra.com.br

Como foi dito durante a última aula, a frustração em relação a não podermos ter ido a campo estagiar foi unânime. Entretanto, de modo nenhum o curso deixou a desejar, pois desenvolvemos juntos um espaço para troca, essencial no momento histórico em que estamos vivendo. Essa troca se materializou nas crônicas e no compartilhar delas durante as aulas, o que foi uma ótima maneira [...] de poder ter conhecido mais os meus colegas e suas perspectivas em relação ao mundo e ao que estamos vivendo.

[...] aprendi muito com os textos lidos e com os fichamentos, pois eles me ajudaram a organizar meu pensamento, assim como com as discussões durante as aulas. Também aprendi muito com a crônicas, pois pude expressar o que senti em relação ao momento que estamos atravessando. E, por fim, ter tido contato com o Bruno, do CRAVI, foi muito enriquecedor. [...]

Diversos estudantes destacaram a relevância de escrever e compartilhar experiências por meio das crônicas. Muito foi dito — no caso, escrito — sobre o sentimento de pertencimento ao coletivo e a identificação com os relatos, realçando a importância do acolhimento e da escuta atenta. Esse processo também foi apresentado como uma oportunidade terapêutica, que os ajudou a atravessar o momento de pandemia.

“Considero que a aula foi produtiva e interessante. acho importante compartilharmos nossas reflexões e crônicas com outros alunos quando nos sentimos confortáveis para tal [...] acho que, de alguma forma, esses relatos nos aproximam. Me identifico com alguns e sinto que não estou sozinha, por isso acho que devemos continuar com esse esquema. Saí da aula me sentindo ouvida e acolhida e gosto dessa sensação!” Crônica 93

“Escrever situações que observei durante esses últimos meses, compartilhar e conversar sobre foi incrível, além de ter sido quase um calmante para minha mente. As crônicas se tornaram um meio muito importante de me expressar e tirar para fora os meus pensamentos perturbadores. Assim como discuti-las e escutar a dos outros colegas. Muitas dessas

discussões se aprofundaram em aspectos psicológicos que talvez nunca teríamos oportunidades de estudá-los. [...] por fim, gostaria de reforçar que, apesar dessa disciplina não ter sido como imaginado e esperado, ela superou minhas expectativas e teve um saldo muito positivo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e, principalmente, me ajudou a sobreviver esta pandemia histórica e única." Crônica 148

"Queria deixar registrado que, de certa forma, esse diário está sendo terapêutico para mim, me colocando em um espaço que nunca havia ocupado antes." Crônica 43

A crônica oferece uma perspectiva de ponderação sobre como a pandemia afetou o ensino de psicologia em 2020, destacando o valor das reflexões, da literatura e das discussões políticas como parte integrante dessa experiência de aprendizado durante um período tão desafiador.

"A pandemia do COVID-19 é um marco histórico que mudou muito o mundo e como não poderia ser diferente mudou como seria o semestre de psicologia em 2020, fazendo com que estágio básico não pudesse ter a parte mais prática do curso. Entretanto o curso não deixou de ocorrer e a lacuna deixada pelo trabalho prático foi preenchida por reflexões do momento atual [...] Além disso as reflexões ajudam na questão do autoconhecimento e se conhecer é muito importante para o nosso trabalho. Outro ponto importante é a leitura do livro de Contardo Calligaris 'Cartas a um jovem terapeuta', que trouxeram para mim reflexões importantes sobre meu futuro trabalho e sobre o papel de um psicólogo [...] Outra questão que me marcou muito do semestre foram as inúmeras discussões políticas em sala, visto que são discussões essenciais para serem feitas no contexto que estamos visto o quanto a política influencia nossa vida especialmente nesse momento de pandemia, pois com um governo mais competente muitas vidas poderiam ter sido salvas." Crônica 136

Indo além, pudemos encontrar nas crônicas falas sobre a habilidade de adaptação — de estudantes e professores —, evidenciando a importância da escrita e do engajamento em discussões como estratégias para enfrentar desafios emocionais, e sublinhando o efeito favorável do curso — com as adaptações que se fizeram necessárias naquela semestre — no processo de formação. Então, a resiliência, a capacidade de adaptação e a importância da comunidade acadêmica durante esse processo, também merecem ênfase, pois reiteram o valor da troca de experiências e reflexões como parte integrante da educação.

"Apesar do prejuízo que os alunos tiveram por conta da pandemia do coronavírus, preciso reconhecer que, de uma forma peculiar, a maneira com que os Professores de Estágio Básico lidaram com a situação foi extremamente agregadora e enriquecedora." Crônica 148

A seguir, em nota de agradecimento e compartilhamento de experiência inspiradora após uma aula — curta, porém clara —, vemos reafirmados os efeitos emocionais positivos da experiência em grupo.

Mensagem de e-mail
Enviada em: sexta-feira, 08 de maio de 2020 17:09
Para: taniacoc@terra.com.br

oii tânia! me senti inspirada depois da aula de hj e consegui escrever a reflexão
brigada, beeijos

Por fim, consideramos relevante trazer aqui um outro efeito observado: os vínculos de cuidado mútuo formado entre os envolvidos nesse processo. Houve mensagens afetuosas, manifestando consideração não apenas por parte da pesquisadora/professora para com os alunos, mas em todos os sentidos dentro do grupo. Durante uma aula, um aluno percebeu certo desânimo na pesquisadora: não era apenas uma professora na tela, mas um ser humano ali, que em alguns momentos também está sujeito a demonstrar os efeitos do isolamento social.

Mensagem de e-mail
Enviada em: domingo, 21 de junho de 2020 20:12
Para: taniacoc@terra.com.br
Assunto: Reflexão final + todas as crônicas

Olá, prof.ª
Como você está? Espero que melhor. Notei hoje na aula [...] que parecia meio desanimada. Realmente as coisas estão muito complicadas né. Estamos todos meio perdidos. Mas não fique assim, nossa turma está participando pouco das aulas ead, mas estamos prestando atenção, com certeza!!
Aqui segue a minha terceira crônica. Novamente... sobre política !! rsrsrsrs
Forte abraço e bom fim de semana,

Ao término das supervisões, a maioria dos estudantes reconheceu a relevância da disciplina, da forma atípica como se deu, uma vez que, além de desempenhar um papel terapêutico, também proporcionou oportunidades para o autoconhecimento, o ganho de consciência social e o desenvolvimento profissional, ainda que por uma nova via.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão de catástrofe real durante pandemias acrescenta uma camada adicional à angústia inerente à espécie humana. Esses eventos trágicos são uma lembrança desmedida da vulnerabilidade humana diante de forças naturais e biológicas. A vivência de perda de entes queridos, o adoecimento, a sobrecarga dos sistemas de saúde, as restrições às atividades cotidianas, a incerteza em relação ao futuro, a luta pela sobrevivência e a percepção de que estamos à mercê de uma ameaça invisível — tudo isso representa desafios palpáveis que intensificam a angústia e a sensação de desamparo.

A vivência da pandemia de Coronavírus lançou ao mundo uma série de questões profundas e transformadoras. A vida como a conhecíamos passou por uma metamorfose, e, mais uma vez na história, deparamo-nos com os melhores e os piores aspectos do ser humano e de nossas instituições. Fomos compelidos, com certo assombro, a adotar o isolamento social, e nossa universidade rapidamente se adaptou para garantir a continuidade do curso. E em tempos de crise somos desafiados a criar estratégias de sobrevivência. A ideia de propor um estágio de observação em confinamento e validar essa experiência através das crônicas surgiu como uma resposta a esse desafio inicial.

Em um primeiro momento, ainda sem saber o tempo que duraria o isolamento social, encontramos resistências e frustrações por parte de professores e estagiários. O objetivo de compartilhar os principais impactos e experiências emocionais vividos na pandemia, no ensino à distância, levou-nos ao registro do nosso tempo. Sempre defendemos que a inclusão das experiências emocionais no ensino promove uma forma de aprendizagem não meramente informativa, mas transformadora. Vivemos a experiência, e a partilhamos.

Em um trabalho marcado por encontros intensos, com nossas dores expostas, enfrentamos fragilidades em nossa saúde, o temor do adoecimento, lidamos com o luto diário pelas perdas que evocavam nossos fantasmas e encarávamos a angustiante situação política e econômica instalada no Brasil.

Diante de todas essas dificuldades, criamos um espaço seguro para tentar dar sentido ao caos. Nesse processo, dando voz às nossas angústias, proporcionamos uma oportunidade de escuta através das crônicas. Nossa contribuição, assim como a de muitos outros profissionais, desempenhou o papel de dar significado ao que vivíamos. O ineditismo desse evento histórico, assim como de nosso trabalho, foi uma resposta à obscuridade que enfrentávamos.

A tecnologia teve um papel fundamental na nossa sobrevivência e mesmo quando não estávamos diante das telas, a comunicação por WhatsApp servia como um canal para compartilhar angústias, insônias, e para justificar a “ausência” da supervisão. Concluímos o semestre exaustos pela longa permanência diante do *notebook*, mas com a sensação de dever cumprido. Nos abastecemos de afeto, escuta, partilhas e reflexões.

Sintetizar o histórico de pandemias e examinar os impactos do isolamento social em diferentes momentos históricos possibilitou uma visão ampla das crises sociais e sanitárias, bem como a relevância desse conhecimento para os desafios contemporâneos. A comparação entre as crônicas sobre a Gripe Espanhola e sobre a COVID-19, escritas pela imprensa, corroboram historicamente a dificuldade de nossos representantes governamentais em aprender com as experiências do passado.

A equação entre saúde e economia parece sempre ter um resultado desigual, prejudicial para as classes mais pobres, privando-as do acesso aos cuidados amplamente disponíveis para as classes favorecidas. A realidade revelada pela desigualdade social assombrou os jovens estudantes, e conhecer essa realidade, tão distante da maioria deles, requereu acolhimento e expansão da consciência.

A história tem mostrado que, diante de crises dessa magnitude, a espécie humana também demonstra resiliência e solidariedade. A busca por soluções, a criação de estratégias de enfrentamento e a união em busca do bem comum são características, também, do humano. No entanto, a angústia e o desamparo, mesmo que temporariamente aliviada por essas ações, permanece como uma sombra que nos lembra de nossa condição frágil e da necessidade contínua de cooperação e apoio para superar as adversidades. O registro e a subsequente análise das crônicas demonstraram que a estratégia de compartilhamento, com todos os sentimentos aí

envolvidos, revelou novos significados em um espaço do enfrentamento da pandemia, do isolamento social e do grande desamparo de todos nós.

Este trabalho resulta em uma forma de atribuir sentido à experiência, utilizando o método psicanalítico pautado na leitura e interpretação das crônicas e buscando um novo sentido. Ele proporciona uma nova conexão de significados por meio da atenção flutuante, da contratransferência e da livre associação da pesquisadora. Uma possibilidade de pensar e e de partilhar.

Esta tese não traz uma conclusão única, ou definitiva, ela é a nossa produção diante de uma longa trajetória constituída de expressões emocionais diversas. Parafraseando Gabriel Garcia Marques: “Confesso que vivi” uma experiência de aprendizados e momentos marcantes. A finalização desse semestre do estágio nos levou à reflexão de uma vivência ímpar e agregadora de conhecimento. Foi um projeto gratificante — ainda que repleto de desafios —, construído a muitas mãos.

REFERÊNCIAS

A CARETA. Periódico **A Careta**. n. 535, ano 11, set. 1918.

A CARETA. Periódico **A Careta**. n. 538, ano 11, 12 out. 1918.

A CIGARRA. Chronica. **A Cigarra**. São Paulo, n. 102, p. 12, 29 nov. 1918. Mensal. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20191&pesq=%22O%20ar%20frio%20e%20triste%22&pagfis=1219. Acesso em: 2 dez. 2021.

AGOSTINHO. **Confissões** - Livro XI. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O. O gênero crônica e a prática escolar. **Filosofia e Linguística Portuguesa**. n. 6, p. 267-279, 2004. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i6p267-279.

A NOTÍCIA. Pela saúde pública. **A Notícia**. Manhuassu, n. 19, 1 dez. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=849057&pesq=pandemia&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=3. Acesso em: 19 nov. 2021.

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas de Machado de Assis**. Coleção Folha. São Paulo: Ática,1994. p. 13-15.

ASSIS, Machado de. *In*: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a. Publicado originalmente em O Cruzeiro, Rio de Janeiro, de 02/06/1878 a 01/09/1878.

ASSIS, Machado de. *In*: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b. Publicado originalmente em O Cruzeiro, Rio de Janeiro, de 02/06/1878 a 01/09/1878.

ASSIS, Machado de. **Salteadores da Tessália**. nov. 1893. Disponível em: https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Entre%201892%20e%201894,%201892.htm. Acesso em: 9 nov. 2023.

BAHIA ILLUSTRADA. Entre o sacrifício e a dor. **Bahia Illustrada**. Rio de Janeiro, n. 11, out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066940&pesq=pandemia&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=608. Acesso em: 19 nov. 2021.

BARCELLOS, Joinville. Fugindo da “Hespanhola”. **A Cigarra**. São Paulo, n. 102, p. 31, 29 nov. 1918. Mensal. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5595/a-cigarra-1918-0102.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 19 nov. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARROS, Daniel M. de. Boas e más notícias. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial Coronavírus - Impacto Psicológico, p. 74, 15 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200315-46170-nac-74-mrt-h9-not. Acesso em: 21 abr. 2022.

BARROSO, Wanise B. G.; CORRÊA, Marilena C. D. V.; VILARINHO, Luiz. Controvérsias em torno do uso experimental da Cloroquina/Hidroxicloroquina contra a COVID-19: "*No magic bullet*"**. Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/b7yZMQVvNT43kpB76hDcFrm/?lang=pt. Acesso em: 6 jul. 2020.

BARRY, John M. **A grande gripe:** A história da Gripe Espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **Balanço final**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BELLO, José Maria. Antigos e modernos (solilóquio). **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, n. 7180, p. 2. 24 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=37107. Acesso em: 19 nov. 2021.

BENVENUTTI, Maurício. Conduta para momentos de crise. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Economia, p. 10, 15 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200415-46201-nac-26-eco-b10-not. Acesso em: 16 abr. 2022.

BERARDI, Franco. Não precisamos de uma geopolítica, mas de uma psicopatologia ou de uma psicopolítica: Entrevista com Franco Berardi. **Instituto Humanitas Unisinos**. 14 abr. 2022. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617715-nao-precisamos-de-uma-geopolitica-mas-de-uma-psicopatologia-ou-de-uma-psicopolitica-entrevista-com-franco-berardi. Acesso em: 9 nov. 2023.

BERGAMO, Mônica. Tento me ocupar para não entrar em mim mesmo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Ilustrada, p. 10, 12 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49125&keyword=Covid&anchor=6410578&origem=busca&originURL=&pd=3a099d6f8aada3cb9c9e7cc88baf8d82. Acesso em: 12 abr. 2022.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. A Gripe Espanhola na Bahia: saúde política e medicina em tempos de epidemia. **Fiocruz/Salvador; EdUFBA**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 419-423, fev. 2009.

BETHELL, Leslie. (Org.) **História da América Latina:** América Latina Colonial. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 2012.

BIERNATH, André. Como os presidentes brasileiros lidaram com a Gripe Espanhola no início do século 20? **BBC News Brasil**. 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56031995. Acesso em: 9 dez. 2021.

BION, Wilfred R. ***Aprendiendo de la experiencia***. Buenos Aires: Paidós, 1980.

BION, Wilfred R. ***Attention and Interpretation***. Londres: Tavistock, 1995.

BION, Wilfred R. **Experiências com grupos:** Os fundamentos da psicoterapia de grupo. [1968] Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BION, Wilfred R. ***Seminarios de Psicoanalisis***. Buenos Aires: Paidós, 1978.

BLEGER, José. **Temas de psicologia:** Entrevista e grupos. Tradução de Rita Maria de Moraes. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOGGIO, Flávia. Carta aberta de um empresário nesses tempos de Coronavírus. **Folha da S. Paulo**. 26 mar. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-boggio/2020/03/carta-aberta-de-um-empresario-nesses-tempos-de-coronavirus.shtml. Acesso em: 7 nov. 2023.

BOLLAS, Christopher. *In*: STAAL, Ana de; LEVINE, Howard B. (Orgs.) **Vida covidiana:** Desamparo coletivo, experiência individual. São Paulo: Blucher, 2021.

BRESCIANI, Maria Stela M. Metrópoles: As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n. 8-9. p. 35-68, 1985. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/download/1242402259_ARQUIVO_mariastella.pdf. Acesso em: 2 jul. 2021.

BROIDE, Emilia E.; BROIDE, Jorge. A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. **Revista brasileira de psicanálise**. São Paulo, v. 53, n. 3, p. 201-215, set. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.

BRUNO, Cássio; CERQUEIRA, Sofia. Deboche, negligência ou fraude: É lamentável ver alguns cientistas ególatras defendendo o uso da Cloroquina. Seção: Saúde. **Veja**. São Paulo, n. 2680, p. 13-15, 1 abr. 2020. Semanal.

CAFARDO, Renata. O desafio de se isolar com os filhos. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 33, 15 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200415-46201-nac-33-999-h1-not. Acesso em: 2 maio 2022.

CAMARGO, Augusto T. A epidemia da grippe na Villa de Contagem. **O Movimento**. Belo Horizonte, n. 138, p. 4. 19 jan. 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=177121&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=458. Acesso em: 19 nov. 2021.

CÂMERA FILHO, Lauro A. Gripe Espanhola: A mãe das pandemias. **Portal Cultura SBC**. 2019. Disponível em: https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-biblioteca-publica-lugar-de-conhecimentos-uma-historia-das-pandemias-parte-5-a-gripe-espanhola. Acesso em: 2 nov. 2022.

CAMPOS, Astério de. Mephistopheles no Rio, e a estação dos mortos. **Bahia Illustrada**. Rio de Janeiro, nov. 1918. Crônica do Mês, p. 24-25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066940&Pesq=Pandemia&pagfis=65. Acesso em: 19 nov. 2021.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. *In*: CÂNDIDO, Antônio; MEYER, M. M.; LOPEZ, Therezinha A. P. A. **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.

CARRO, Barbara M. **A crônica enquanto via de transmissão:** A psicanálise perto de nós. 2016. 38f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/28198. Acesso em: 22 out. 2023.

CARVALHO, José M. **Os bestializados:** Rio de janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARVALHO, José M. **A formação das almas:** O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO RIBEIRO, Paulo de; MELO CARVALHO, Maria Teresa de. *In*: PEREIRA, Adriana B.; COELHO JR., Nelson E. (Orgs.) **Sonhar:** Figurar o terror, sustentar o desejo. Coleção Inquietações. Coordenação da coleção: Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2021.

CASTRO, Ruy. Noventa dias em casa: Enquanto isso, no Brasil paralelo, as pessoas são imunes ao contágio e às estatísticas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/06/noventa-dias-em-casa.shtml. Acesso em: 28 abr. 2022.

CASTRO, Ruy. Os mortos de Bolsonaro: O presidente luta pela sua reeleição e o país se torna um jazigo ao ar livre. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 19 abr. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/04/os-mortos-de-bolsonaro.shtml. Acesso em: 7 maio 2022.

CFP. Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da COVID-19: Recomendações. **Conselho Federal de Psicologia**. 2020. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CHATEAUBRIAND, Assis. Reflexões sobre o momento. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 2. 25 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=37113. Acesso em: 21 nov. 2021.

COELHO JR., Nelson E.; GETLINGER, Patrícia V. A memória gruda na pele: Sonhos da pandemia. *In*: PEREIRA, Adriana B.; COELHO JR., Nelson E. (Orgs.) **Sonhar:** Figurar o terror, sustentar o desejo. Coleção Inquietações. Coordenação da coleção: Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2021. p. 93-105.

COHEN, Leonardo; GUIMARÃES, Lohane Cristine de A.; CÉSAR, Thais da S. Os jornais cariocas e a “Hespanhola”. **LABELLE**. Rio de Janeiro, 12 jun. 2020. Disponível em: http://labelleuerj.com.br/downloads/os-jornais-cariocas-e-a-hespanhola.pdf . Acesso em: 13 out. 2023.

COIMBRA, Seraphim. Recreio. **A Notícia**. Manhuassu, n. 19, p. 2, 1 dez. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=849057&Pesq=pandemia&pagfis=4. Acesso em: 19 nov. 2021.

COLLUCCI, Cláudia; FRANÇA, Marcela. Abuso de álcool e drogas tem alta na pandemia: OMS recomenda que países limitem a venda de bebida; alcóolicos anônimos faz reuniões virtuais para não parar terapia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Saúde, p. 9, 25 mai. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49169&keyword=Covid&anchor=6413160&origem=busca&originURL=&pd=ff1a93efa3941760fcd0f5152dfae401. Acesso em: 4 mai. 2022.

COLOMBO, Irineu M.; BALLÃO, Carmen M. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. **Educar em Revista**. Editora UFPR. Curitiba, n. 53, p. 171-186, jul./set. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.36902.

CONTI, Mário Sérgio. Entre 4 paredes, o inferno são os outros, e os outros fazem carreata em defesa da peste. Folha de S. Paulo. Caderno Coronavírus Ilustrada, p. B13, 25 abr. 2020.

COROADO, Leão. Mauriçadas (Carta do Recife). **D. Quixote**. Rio de Janeiro, n. 79, p. 23. 13 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095648&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=1857. Acesso em: 19 nov. 2021.

CORREIO DA MANHÃ. A epidemia declina: É o que dizem os interessados na mentira [...]. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 1, 24 out. 1918.

CORREIO DA MANHÃ. A epidemia: O presidente da república attende ao commercio e aos bancos [...]. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, n. 7175, p. 1, 19 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=37074. Acesso em: 19 nov. 2021.

CORREIO DA MANHÃ. Nos arrabaldes e nos subúrbios. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, n. 7176, p. 3, 20 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=37082. Acesso em: 18 nov. 2021.

CORREIO PAULISTANO. Notas. **Correio Paulistano**. São Paulo, n. 19873, p. 1, 1 dez. 1918. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/CR19181101.pdf#page=2. Acesso em: 19 nov. 2021.

COSTA, Emília V. da. **Abolição**. São Paulo: UNESP, 2008.

COSTA, Emília V. da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: UNESP, 2010a.

COSTA, Emília V. da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: UNESP, 2010b.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. *In*: COUTINHO, Afrânio. (Org.) **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

COUTINHO, João P. Voltaremos a nos encontrar: Restrições são restrições, não formas de vida para todo o sempre. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Ilustrada, p. 14, 5 maio 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49149&keyword=Covid&anchor=6412004&origem=busca&originU. Acesso em: 20 abr. 2022.

COUTO, Mia. Identidade. *In*: COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. São Paulo: Outras Margens, 1983

DANTAS, Luiz. A Epidemia alastra-se pelas fazendas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 296, p. 4. 24 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&Pesq=Gripe%20Espanhola&pagfis=45381. Acesso em: 19 nov. 2021.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço:** Os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Negacionismo. **Diário de Notícias**. São Paulo, p. 1, 23 out. 1918.
DICIO. Significado de Não. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/nao/. Acesso em: 20 mai. 2023.

DOZE homens e uma sentença. Direção: Sidney Lumet. Produção de Henry Fonda. Estados Unidos: ***Orion-Nova Productions***, 1957.

EYLER, Flávia M. S. **História Antiga Grécia e Roma:** A formação do Ocidente. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FAGHURY, Thais. Depoimentos - Seis experiências no confinamento: fico mais cansada, brinco que não durmo, desmaio. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial, p. 6, 29 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200329-46184-nac-49-999-h6-not. Acesso em: 2 maio 2022.

FAHL, Alana de O. F. El. **Singularidades narrativas:** Uma leitura dos contos de Eça de Queiroz. 2009. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. **HIV/AIDS, Illness and African Well-Being**. Nova Iorque: University of Rochester Press, 2007.

FÈDIDA, Pierre. **Clínica psicanalítica:** Estudos. São Paulo: Escuta, 1988.

FOLHA DE S. PAULO. Pandemia muda a rotina de universidades. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Estúdio Folha Educação, p. 1, 28 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49142&keyword=Covid&anchor=6411604&origem=busca&originU. Acesso em: 20 mai. 2022.

FRAGA, Érika. Quarentena em família: Como sobreviver ao desafio de trabalhar, cuidar dos filhos e da casa, assobiar, chupar cana, ler um milhão de mensagens no WhatsApp e não enlouquecer... **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Equilíbrio e Saúde, 26 jun. 2020. Disponível em: https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/18/5891-quarentena-em-familia.shtml#post401201. Acesso em: 13 abr. 2022.

FREITAS, Elise A. R. de; SILVA, Luiz Carlos A. da. Escritas de si mesmo: Os adolescentes e seus blogs. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pc/a/TtKtKYG3BgYXmVVt4dp9nPF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 out. 2023.

FREITAS, Jânio de. Dias difíceis, pressentidos por Múcio, não são só até a posse. **Folha de S. Paulo**. Colunas e Blogs, 10 dez. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefreitas/. Acesso em: 7 nov. 2023.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. [1920] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. A negação. [1925] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. A transitoriedade. [1916[1915]] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Considerações sobre a guerra e a morte. [1915] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. [1937] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. [[1906]1907] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. [1923] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Vol 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Dostoievski e o parricídio. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 187-203.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. *In*: FREUD, Sigmund. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 77-84.

FREUD, Sigmund. Guerra e morte. [1915] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. [1924] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. [1914] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. [1899] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 3. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância / O Moisés de Michelangelo**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. [1917[1915]] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936] **Obras completas**. Vol. 22. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras completas** — Tomo III. 3.ed. Madri: Editorial Biblioteca Nueva. 1973.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia. [1906-1909] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 8. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. [1923] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. [1914-1916[1915]] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. [1927] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. [1930] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 21. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. [1914] *In*: Freud, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-278.

FREUD, Sigmund. Os Instintos e seus destinos. [1915] *In*: FREUD, Sigmund **Obras completas**. Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Por que a Guerra? [1933] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. [1921] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. [1914] *In*: FREUD, Sigmund **Obras completas**. Vol. 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicologia do colegial. [1912-1914] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. [1913] *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*. *In*: FREUD, Sigmund. ***Totem y tabú***. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, 1923. p. 333.

GAMA, Rinaldo. Guerra ao vírus. **Veja**. Sessão: Saúde. São Paulo, n. 2679, p. 25-26, 25 mar. 2020. Semanal.

GASPARI, Elio. Nunca a elite do Brasil ofereceu um triste episódio como agora na pandemia — Os barões da medicina privada querem falar de tudo, menos do colapso de hospitais do SUS. **Folha de S. Paulo**. 15 mar. 2020.

GAY, Peter. **Freud:** Uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GAZETA DE NOTÍCIAS. A carga sinistra - À margem do mal de Seidl. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 297, p. 1, 26 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&Pesq=Pandemia&pagfis=45382. Acesso em: 19 nov. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. A falência da saúde pública. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 286, p. 4, 15 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20191&pesq=Pandemia%201918&pag. Acesso em: 19 nov. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. É preciso demitti-lo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 286, p. 1, 15 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=correio+da+manha&hf=bndigital.bn.br&pagfis=45330. Acesso em: 19 nov. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. O quinino é perigoso? **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 297, p. 2, 26 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&Pesq=Pandemia&pagfis=45383. Acesso em: 19 nov. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Sem governo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. 297, p. 1, 26 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&Pesq=Pandemia&pagfis=45382. Acesso em: 19 nov. 2021.

GERALDINE, Alexandra; LOPEZ, Marília A. Pandemia muda rotina de universidades. **Estúdio Folha**. p. 1, 28 abr. 2020.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

GONTIJO, Joana. Coronavírus: É necessário observar algumas regras ao entrar no ambiente doméstico. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, Saúde e Bem Viver, p. 1, 24 mar. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/03/24/interna_bem_viver,1131894/coronavirus-e-neces. Acesso em: 7 abr. 2023.

GOODY, Jack. **O roubo da história:** Como os europeus se apropriaram das invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2015.

GOULART, Adriana da C. Revisitando a Espanhola: A gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan./abr. 2005. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702005000100006.

GUARINELLO, Norberto L. **História Antiga.** São Paulo: Contexto, 2016.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Sentir-se no controle. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Saúde Coronavírus, p. 14, 24 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49106&keyword=sera%2Ce&anchor=6409448&origem= busca&originURL=&pd=e7794a182f71f4c365212a52d15cbd4c. Acesso em: 30 abr. 2022.

HERRMANN, Fabio. **Introdução à teoria dos campos**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HERNANDEZ, Tábata R. O tempo na pandemia: A percepção temporal dentro e fora da clínica. **Lacuna: Uma Revista de Psicanálise**. São Paulo, n. 10, p. 15, 2020. Disponível em: https://revistalacuna.com/2020/12/15/n-10-15/. Acesso em: 15 set. 2023.

HISSA, Kika. Rasguei a planilha dos meus filhos e deixei rolar. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial Vidas em Quarentena, p. 7, 29 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200329-46184-nac-49-999-h6-not. Acesso em: 15 abr. 2022.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital:** 1848-1875. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios:** 1875-1914. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos:** O breve século XX - 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

IRAMUTEQ. ***Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. Un logiciel libre construit avec des logiciels libres***. Versão 0.7 alpha 2. França, 2008. Disponível em: http://www.iramuteq.org/. Acesso em: 16 out. 2023.

JANSEN, Roberta. COVID-19 faz dobrar casos de ansiedade. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Metrópole, p. 13, 7 maio 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200507-46223-nac-13-mrt-a13-not. Acesso em: 6 abr. 2022.

JOSIOWICZ, Alejandra. A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952-1973. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 27, n. 1, p.53-69, jan./mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000100004.

KLEIN, M. Sobre o sentimento de solidão. *In*: KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. [1946-1963] Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAGUE, Caroline M. **Crônicas do sinal fechado:** Mergulhos na dor e no amor. 2018. 82f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de psicologia, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196937. Acesso em: 27 out. 2023.

LAPA, Bianca S. et al. A A escuta territorial na construção de dispositivos clínicos em situações sociais críticas. **Psicologia para América Latina**. México, n. 36, p. 171-182, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2023.

LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário de psicanálise. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEAL, Andreia D. Desabafo de uma cidadã cansada com a doença. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, Espaço do Leitor, p. 1, 1 abr. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/espaco-do-leitor/2020/04/01/interna_espaco-do-leitor,1134421/desabafo-de-uma-cidada-cansada-com-a-doenca.shtml. Acesso em: 6 abr. 2023.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LI, Wanyi *et al*. *Construction of Eukaryotic Expression Vector with mBD1-mBD3 Fusion Genes and Exploring Its Activity against Influenza A Virus*. **Viruses**. V. 6, n. 3, p. 1237–1252, mar. 2014. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3970148/. Acesso em: 15 out. 2023.

LIMA, Luiz T. O. Encontro marcado. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, +Literatura, 23 abr. 2006. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2304200612.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

LIMA, Priscilla M. R. de.; VIEIRA, Letícia L. Escrita poietica e a tragicidade humana: A construção de si pela palavra. **Via Litterae - Revista de Linguística e Teoria Literária**. v. 11, n. 1, p. 94-118. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.4118914.

LIMA, Priscila M. R. de. **Tempus fugit... Carpe diem:** Poiesis, velhice e psicanálise. 2013. 253f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Link identificador: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/14334/1/2013_PriscillaMeloRibeirodeLima.pdf.

LOPES, André; BRITO, Sabrina. Minha casa, meu mundo. **Veja**. São Paulo, Seção Comportamento n. 2680, p. 74-77, 1 abr. 2020. Semanal.

MAGNOLI, Demétrio. Nós, esclarecidos, precisamos pensar fora da bolha da alta classe média — Não declaremos uma guerra ao coronavírus cujas vítimas serão os sem patrimônio, cartão de crédito e investimentos. **Folha de S. Paulo**. Colunas e Blogs, 21 mar. 2020.

MALTA, Deborah C. *et al*. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: Um estudo transversal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 29, n. 4, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400026.

MALTA, Deborah C. *et al*. Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Saúde em Debate**. v. 44, n. Esp. 4, p. 177-190, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042020E411.

WADDELL, Margot. **Vida interior:** Psicanálise e desenvolvimento da personalidade. São Paulo: Blucher, 2017.

MARQUES, Jairo. Coronavírus coloca em teste solidariedade do brasileiro. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 mar. 2020. Disponível em: https://assimcomovoce.blogfolha.uol.com.br/2020/03/18/coronavirus-coloca-em-teste-solidariedade-do-brasileiro/. Acesso em: 17 abr. 2022.

MARTINS, Lilian A. P.; MARTINS, Roberto de A. **Infecção e higiene antes da teoria microbiana:** A história dos miasmas - A teoria errada que salvou milhões. s.l., s.d. Disponível em: https://www.ghtc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am.PDF. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

MATTA, Roberto da. A nudez do Brasil. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial Coronavírus, p. 5, 1 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200401-46187-nac-31-999-h5-not. Acesso em: 9 abr. 2022.

MEIRELLES, Telles de. As duas pestes. **D. Quixote**. Rio de Janeiro, p. 20, 20 jan. 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095648&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=1882. Acesso em: 19 nov. 2021.

MELLO, Miguel de. O flagelo. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 1, 28 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=37133. Acesso em: 19 nov. 2021.

MELO, Rodrigo. Confecção de máscaras garante renda e afasta o desânimo. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, 17 abr. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/17/interna_gerais,1139721/confeccao-de-mascaras-gar. Acesso em: 6 abr. 2023.

MEZAN, Renato. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: Algumas reflexões. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2023.

MEZAN, Renato. Psicanálise. **Folha de S. Paulo**. +mais!, 31 dez. 2000. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3112200017.htm. Acesso em: 9 nov. 2023.

MILLAN, Marília P. B. **Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo:** Ressonâncias na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MIRANDA, Anamaria B. de *et al*. Cronista: Um lugar em construção — A escuta escrita e escrita em uma função. **Miolo Correio APPOA**. p. 39, out. 2011. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/miolo_correio_appoa_206.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** Prosa II. 18.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOSSÉ, Claude. **Péricles:** O inventor da democracia. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

MOURA, Isabella M. de. Seis medidas incomuns adotadas pela China para conter o Coronavírus. **Gazeta do Povo**. 17 fev. 2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/6-medidas-incomuns-adotadas-pela-china-para-conter-coronavirus/. Acesso em: 17 fev. 2020.

NASCIMENTO, Talita. Carrinho cheio, prateleira vazia. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Metrópole, p. 19, 15 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200315-46170-nac-19-mrt-a19-not. Acesso em: 5 abr. 2022.

NAVA, Pedro: **Chão de ferro**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAVECA, Felipe G. *et al*. COVID-19 in Amazonas, Brazil, was driven by the persistence of endemic lineages and P.1 emergence. **Nature Medicine**. Londres, p. 1-9, 25 mai. 2021. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41591-021-01378-7. Acesso em: 6 de jul. de 2020.

NEGAÇÃO. Direção: Mick Jackson. Produção de Foster Entertainment; Participant Media. Reino Unido/Estados Unidos: **BBC Films**; **Krasnoff**, 2016.

NÊUMANNE, José. Quando falam em ciência, Bolsonaro saca o revólver. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Espaço Aberto - Opinião, p. 2, 15 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200415-46201-nac-2-opi-a2-not. Acesso em: 5 maio 2022.

NORTE, João do. (Ed.) A Epidemia. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1, 1 nov. 1918. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/CR19181101.pdf#page=2. Acesso em: 19 nov. 2021.

NUSSENZVEIG, Herch M. *Impeachment* já para o presidente. **Folha de S. Paulo**. p. A3, 05 mai. 2020.

O COMBATE. A estatística demographo-sanitária. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1041, p. 3, 31 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1550. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. A marcha da pandemia. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1047, p. 1, 11 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1564. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. A verdade deve ser dita [...]. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1040, p. 1, 30 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1544. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. A verdade é que não temos Serviço Sanitário. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, p. 1, 8 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1556. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. Isso não! **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1047, p. 3. 11 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1566. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. Nada de declínio: [...]. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1043, p. 1, 4 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1552. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. Temos aqui um Foch ou um “phoca”? **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. n. 1047, p. 1, 11 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1564. Acesso em: 19 nov. 2021.

O COMBATE. O serviço de enterramento. **O Combate: Independência - Verdade - Justiça**. São Paulo, n. 1046, p. 5, 8 nov. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&Pesq=Pandemia&pagfis=1562. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE MINAS. Governadores trazem medidas restritivas para combater alastramento do Coronavírus. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, 16 mar. 2020. Nacional. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/16/interna_nacional,1129369/governadores-trazem-medidas-restritivas-para-combater-alastramento-do.shtml. Acesso em: 7 abr. 2020.

O ESTADO DE MINAS. Mandetta: Mantenham as recomendações dos Estados, é a atitude mais recomendável. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, Coronavírus no Brasil, 3 mar. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/30/interna_nacional,1133956/mandetta-mantenham-a-. Acesso em: 5 abr. 2023.

O ESTADO DE MINAS. Ministra da Agricultura contradiz Bolsonaro e nega desabastecimento de alimentos: Tereza Cristina garantiu que o abastecimento de produtos acontece normalmente em todas as capitais. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, 1 abr. 2020. Nacional. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/01/interna_nacional,1134708/ministra-da-agricultura-contradiz-bolsonaro-e-nega-desabastecimento.shtml. Acesso em: 7 abr. 2023.

O ESTADO DE MINAS. O desafio da notícia: Uma cobertura extensa, complexa e desgastante. **O Estado de Minas**. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/29/interna_gerais,1133511/o-desafio-da-noticia.shtm. Acesso em: 25 fev. 2022.

O ESTADO DE MINAS. “Remédio demasiado” contra vírus causará efeito mais desastroso, diz Bolsonaro. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, Política, 1 jan. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/30/interna_politica,1133750/remedio-demasiado-con. Acesso em: 5 abr. 2023.

O ESTADO DE S. PAULO. Entrevista do diretor “d’A Capital” com o Dr. Paula Peruche. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 7, 8 nov. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181108-14559-nac-0007-999-7-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. Grippe Hespanhola. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, **15 out**. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181015-14535-nac-0004-999-4-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. Grippe Hespanhola. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, **17 out**. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181016-14536-nac-0004-999-4-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. Grippe Hespanhola: Providências tomadas pelo governo. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 4. 18 out. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181018-14538-nac-0001-999-1-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. Grupos antivacina mudam foco para COVID. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Metrópole, p. 13, 1 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200401-46187-nac-13-mrt-a13-not. Acesso em: 23 maio 2022.

O ESTADO DE S. PAULO. Notas e informações. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 3, 8 nov. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181108-14559-nac-0003-999-3-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. O que há de novo: Aspecto da cidade - A política. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 3. 4 nov. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181104-14555-nac-0002-999-2-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

O PAIZ. Vida social. **O Paiz**. Rio de Janeiro, n. 12409, 1 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pagfis=40492. Acesso em: 7 nov. 2023.

PADUAN, Roberto. Um velho dilema... **Veja**. São Paulo, Seção Demografia, n. 2680, p. 40-43, 22 abr. 2020. Semanal.

PASSOS, Úrsula. Os diários da peste: Arquivos e museus estão em busca de relatos de experiências da atual pandemia, a fim de criar cápsulas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Ilustrada, p. 7, 10 jun. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49185&keyword=Covid&anchor=6413993&origem=busca&originU. Acesso em: 19 abr. 2022.

PERCY Reflexão. Café Filosófico: Caos e trauma no mundo contemporâneo — Joel Birman. **YouTube**. 4 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MvES4LYTP-8. Acesso em: 7 abr. 2021.

PEREIRA, Adriana B.; COELHO JR., Nelson E. (Orgs.) **Sonhar:** Figurar o terror, sustentar o desejo. Coleção Inquietações. Coordenação da coleção: Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2021.

PERÊRA, Bonifaço Gregoro da A. Cartas caipiras. **A Cigarra**. São Paulo, n. 103, p. 8-10, 24 dez. 1918. Mensal. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5596/a-cigarra-1918-0103.pdf?sequence=2&isAll. Acesso em: 19 nov. 2021.

PERROTTA, Claudia M. **Processos criativos no espaço terapêutico da escrita:** Um diálogo com D.W. Winnicott, Clare Winnicott e Marion Milner. 2014. 198f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15355.

PESSOA, F. Livro do Desassossego. Lisboa: Ática,1982.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. São Paulo: Mestre Jou, 1965.

PONDÉ, Luiz Felipe. Pulsão de morte: As pessoas ficam excitadas quando autorizadas a odiar, a temer e a desconfiar. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Ilustrada, p. 15, 25 mai. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49169&keyword=Covid&anchor=6413166&origem=busca&originURL=&pd=1a09b56d7f5074aea4dd93d41168ce25. Acesso em: 24 abr. 2022.

PORCHAT, Arnaldo. (Ed.) Rimo-nos porque: Última etapa. **A Cigarra**. São Paulo, n. 102, p. 19, 29 nov. 1918. Mensal. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/5595/a-cigarra-1918-0102.pdf?sequence=2&isAll. Acesso em: 19 nov. 2021.

PRADO, Losana Hada de Oliveira. **Interdiscurso e intertextualidade na imprensa escrita:** análise de crônicas jornalísticas do caderno ilustrada do jornal folha de s. paulo. 2014. 164f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14315. Acesso em: 25 jul. 2023.

PRATA, Antonio. Não sabemos? Hoje, obras literárias estão eclipsadas pela realidade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 12 mar. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/04/nao-sabemos.shtml. Acesso em: 18 abr. 2022.

PROENÇA, Ivan C. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

QUALQUER, João. “Ella...”. **D. Quixote**. Rio de Janeiro, n. 76, p. 5, 23 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095648&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=1767. Acesso em: 19 nov. 2021.

RANZOLIN, Célia Regina. **Clarice Lispector cronista:** No Jornal do Brasil (1967-1973). 1985. 426f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, Santa Catarina, 1985. Link identificador: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75244

REINACH, Fernando. Como reduzir o custo psicológico do isolamento. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial Coronavírus - Impacto Psicológico, p. 69, 15 mar. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200315-46170-nac-68-mrt-h2-not. Acesso em: 13 abr. 2022.

REVISTA DA SEMANA. A epidemia. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, n. 38, p. 11. 19 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_01&pasta=ano%20191&pesq=Pandemia%201918&pagfis=30690. Acesso em: 19 nov. 2021.

REZENDE, Antonio M. de. A investigação em psicanálise: Exegese, hermenêutica e interpretação. *In*: SILVA, Maria Emília L. da. (Coord.) **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993. p. 103-118.

RIBEIRO, Marina F. R.; CINTRA, Elisa Maria U.; PENNA, Carla. Ressonhando sonhos na pandemia: Em busca de um continente psíquico. *In*: PEREIRA, Adriana B.; COELHO JR., Nelson E. (Orgs.) **Sonhar:** Figurar o terror, sustentar o desejo. Coleção Inquietações. Coordenação da coleção: Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2021. p. 86.

RODRIGUES, Nelson. Memórias de Nelson Rodrigues: Capítulo Décimo Primeiro. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, Caderno 2, n. 22675, p. 15, 8 mar. 1967. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=80350. Acesso em: 19 nov. 2021.

RODRIGUES, Nelson. Memórias de Nelson Rodrigues: Capítulo XII. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, Caderno 2, n. 22676, p. 1, 9 mar. 1967. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=80374. Acesso em: 19 nov. 2021.

RODRIGUES, Sérgio. A pandemia e seus tempos: No confinamento o dia dura cinco minutos, mas meses podem parecer anos. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Colunas e Blogs, 24 jun. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2020/06/a-pandemia-e-seus-tempos.shtml. Acesso em: 3 mai. 2022.

ROMANI, Bruno. No divã. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Economia, p. 15, 1 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200415-46201-nac-26-eco-b10-not. Acesso em: 5 abr. 2022.

ROSA, Ana Cristina. Desafios do novo normal. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Opinião, p. 2, 10 jun. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49200&keyword=Covid&anchor=6414767&origem=busca&originURL=&pd=e490177fb7d730428bfe5074d6d641f9. Acesso em: 18 abr. 2022.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. O carnaval, a peste e a "Espanhola". **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 13, n. 1, p. 129-158, mar. 2006. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702006000100008.

SAYÃO, Rosely. Lidar com as emoções. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Metrópole, p. 15, 5 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200405-46191-nac-15-mrt-a15-not. Acesso em: 24 abr. 2022.

SCHERER, Marta. Poeira tênue da história: A crônica e seu lugar na imprensa. **XI Congresso Internacional da ABRALIC** – Tessituras, Interações, Convergências. USP, São Paulo, 13-17 jul. 2008.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **A bailarina da morte:** A Gripe Espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças:** Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1939. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARTSMAN, Hélio. Bolsonaro, a ciência e a ética: Nossas decisões são inapelavelmente determinadas pela ética ou pela falta dela. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Colunas e Blogs, 17 abr. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2020/04/bolsonaro-a-ciencia-e-a-etica.shtml. Acesso em: 10 mar. 2022.

SEIDL, Carlos. Comunicação de Dr. Seidl à Academia de Medicina. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 4, 11 out. 1918. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181011-14531-nac-0001-999-1-not. Acesso em: 19 nov. 2021.

SERAFIM, Fábio. Sensação é de que tivemos um filho no meio da guerra. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, Especial Vidas em Quarentena, p. 6, 29 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200329-46184-nac-49-999-h6-not. Acesso em: 25 abr. 2022.

SETÚBAL, Maria Alice. Os desafios de uma cidade para todos — Devemos repensar elaboração, planejamento e implementação de políticas. **Folha de S. Paulo**. p. A3, 05 mai. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Maria Emília L. da. Bion: O zero da experiência. **Psicologia USP**. v. 10, n. 1, 1999. DOI: https://doi.org/10.1590/psicousp.v10i1.107968.

SILVA, Pablo Augusto. **O mundo como catástrofe e representação:** Testemunho, trauma e violência na literatura do sobrevivente. 2006. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/374363. Acesso em: 4 ago. 2023.

SOMNAMBULO. Mysterio. **Ouro Preto**. Ouro Preto, p. 2, 25 dez. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=767123&hf=memoria.bn.br&pagfis=2. Acesso em: 19 nov. 2021.

SOUZA, Angela Maria B. **O agir e o representar por meio de linguagem:** gênero memórias literárias. 2018. 358 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Link identificador: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21020.

SOUZA, Angela Maria B.; SOUSA, Clarilza P. de. O agir por meio da linguagem: Gênero memórias literárias. **Debates em Educação**. v. 9, n. 18, p. 28, 2017. DOI: 10.28998/2175-6600.2017v9n18p28.

SOUZA, Christiane Maria C. de. A Gripe Espanhola em Salvador, 1918: Cidade de becos e cortiços. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan./abr. 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100005.

SOUZA, Christiane Maria C. de. As dimensões político-sociais de uma epidemia: A paulicéia desvairada pela Gripe Espanhola. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 567-573, 19 jun. 2007. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702005000200023.

SOUZA JUNIOR, Luiz Alberto de A.; HENDERSON, Guilherme F. Testemunhos durante a pandemia: Reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade**. v. 30, n. 3, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200435.

SOUZA, Thaís T. **As crônicas de Clarice Linspector**. 2008. 145f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-05082009-144657/publico/2008_ThaisTorresSouza.pdf. Acesso em: 25 nov. 2022.

STAAL, Ana de; LEVINE, Howard B. (Orgs.) **Vida covidiana:** Desamparo coletivo, experiência individual. São Paulo: Blucher, 2021.

STARLING, Heloísa M. O ano em que Belo Horizonte enfrentou a peste. **Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Notícias, 14 abr. 2021. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias. Acesso em: 27 nov. 2021.

TAETS, Adriana R. F. **Por escrito:** O Carandiru para além do Carandiru. 2018. 160f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: https://doi.org/10.11606/T.8.2018.tde-31102018-151013.

TÁVOLA, Artur da. Literatura de Jornal (O que é a Crônica). **Centro de Referência em Educação Mário Covas**. Jornal O Dia, 27 jun. 2001. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ntc_l.php?t=044. Acesso em:9 nov. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** A questão do outro. São Paulo: WMF, 2016.

TOLEDO JR., Antonio Carlos de C. História da varíola. **Revista Médica de Minas Gerais**. História da Medicina, v. 15, n. 1, fev. 2004. Disponível em: https://rmmg.org/artigo/detalhes/1461#. Acesso em: 14 de fev. de 2023.

TORRES, Antonio. Sonho de doente. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, n, 7175, p. 2, 19 out. 1918. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=37075. Acesso em: 19 nov. 2021.

TRINDADE, André. Sem empatia e compaixão, atravessar essa pandemia será mais dolorido: Invista em dicas para driblar a ansiedade nesses tempos de incerteza e isolamento social. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Tendências e Debates, p. 2, 24 abr. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49106&keyword=sera%2Ce&anchor=6409400&origem=busca&orig. Acesso em: 16 abr. 2022.

TUCÍDIDES. **A história da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

UJVARI, Stefan C. **A história da humanidade contada pelo tvírus**. São Paulo: Contexto, 2020a.

UJVARI, Stefan C. **História das epidemias**. São Paulo: Contexto, 2020b.

VEJA. (Ed.) A droga da ideologia. **Veja**. São Paulo, Sessão Saúde, n. 2682, p. 34-45, 15 abr. 2020. Semanal.

VEJA. (Ed.) Um apelo à razão. **Veja**. São Paulo, Sessão Editorial, n. 2680, p. 9, 1 abr. 2020. Semanal.

VENÂNCIO, Silmara. Busco um plano B para sobreviver à crise. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Saúde, p. 8, 5 mai. 2020. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49149&keyword=Covid&anchor=6411978&origem=busca&originURL=&pd=d80c25088eaa503503c5db99bf4a847f. Acesso em: 22 abr. 2022.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. **O Universo, os Deuses, os Homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Bianka. Paco Exu do Blues — Tento me ocupar para não entrar dentro de mim mesmo. **Folha de S. Paulo**. Caderno Ilustrada Coronavírus, p. B10, 12 abr. 2020.

WATANABE, Phillippe. O que Bolsonaro, Mandetta, a OMS e os hospitais de ponta dizem sobre a cloroquina: Presidente tem apostado no remédio, ainda em fase de testes, para tratar a COVID-19. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, Equilíbrio e Saúde, 26 mar. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/o-que-bolsonaro-mandetta-a-oms-e-os-hospitais-de-ponta-dizem-sobre-a-cloroquina.shtml. Acesso em: 10 abr. 2022.

ANEXO 1

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A presente tese foi submetida à apreciação e análise do Comitê de Ética em pesquisa da PUC/SP, obtendo aprovação em 26/08/2021.O parecer consubstanciado do CEP está registrado no CAAE: 51155621.4.0000.5482. Número do parecer: 4.934.376.

ANEXO 2

Íntegra das crônicas dos estudantes

****** *n_001**

Partir é direcionamento
Terra para o nascimento
Calor para o sentimento
Partir é originar, começar
É também ir embora
Partir é sustentar
Lugar que se deixou, lugar que se amou
Familiar que se esvazia
Lugar que se abre, lugar que desperta medo
Desconhecido que atravessa
Partir é dilacerar
Partes que se perdem
Partes que se libertam
Partes que, em uma nova forma, se unem novamente
Partes internas
Partes externas
Partes de todos os tipos
Partir é, portanto, escancarar
O que se escondeu
Partir é o que ninguém viu
O silêncio que ninguém ouviu
O som que sumiu
O sentido que se perdeu
A falta que preencheu
Partir é se encontrar consigo mesma

****** *n_002**

Ontem me peguei pensando na importância do outro. Pensei na falta que me faz a convivência com o diferente, a conversa despreocupada na fila do supermercado, o abraço caloroso em alguém que acabamos de conhecer, o beijinho de oi quando encontramos um vizinho ao caminhar pelo bairro, esse jeito brasileiro que gosta de estar junto, colado. Como faz falta. Que saudades das viagens com amigos, das festas com milhões de desconhecidos, dos queijos e vinhos no sofá de casa. É estranho né, só acenar. É estranho atravessar a rua quando vem vindo alguém em sua direção, ver os amigos apenas por uma tela, assim como os professores e familiares, desejar feliz aniversário sem um abraço apertado, sentir saudades e não poder matar. **É estranho ver a falta que o outro faz, saber que eu não aproveitei aquele abraço por achar que na semana seguinte eu o teria de novo, não tive. Hoje, você não aguenta mais olhar para a tela do celular, engraçado, no**

último encontro que a gente teve, ao invés de me olhar, você olhou para ela. Será que agora você viu o tanto que as pessoas são mais bonitas no mundo real do que no virtual? Será que agora você entende a importância de aproveitar a companhia, o momento e se desligar de um aparelho? Tomara que sim, porque assim, todo esse sofrimento terá valido para alguma coisa.

****** *n_003**

Na conversa com o Bruno, ficamos sabendo mais sobre a dinâmica do CRAVI e como funciona o atendimento lá. Apesar de não ter sido essa minha escolha de instituição para estágio (a minha era o Clube), achei extremamente importante o papel do CRAVI na atenção às vítimas, e estagiar nesse ambiente para ser uma experiência bastante agregadora, e, muitas vezes, intensa. Imagino que ficaria comovida com frequência se trabalhasse em um lugar como esse, devido ao constante contato com relatos de violência e a dor de quem sofre ou já sofreu com isso. Achei interessante o comentário do Bruno sobre como às vezes as vítimas desejam uma forma de justiça que a instituição não pode oferecer, podendo até ser algo parecido com vingança. Mas, de qualquer forma, procurar sempre fazer o máximo para fornecer acolhimento psicológico e legal para essas pessoas pareceu ser o maior foco da instituição, e achei lindo o trabalho feito lá, desde os encontros em grupo e conversas até a orientação, acompanhamento e amparo jurídico. Acredito que a função que o CRAVI vem exercendo é essencial para aqueles que o procuram, e espero que serviços como os que eles oferecem e a própria instituição consigam um alcance maior daqui para frente, visto que representam Denuncia diversos problemas graves e relevantes na dinâmica do país, tratando de aspectos muito mais amplos que o.

****** *n_004**

Não faço a menor ideia do que escrever na crônica essa semana. Esses últimos dias não tenho sentido nada além de chateação e aborrecimento, às vezes até raiva. É entristecedor ver tudo o que está acontecendo no mundo agora, principalmente em relação aos protestos dos Estados Unidos, que vêm mobilizando tantos países, mas também quanto ao Brasil. Acho que o que mais me chateia, além de toda a situação que motivou os protestos e as inúmeras violências cometidas contra negros todos os dias, e que agora estão (finalmente) recebendo um pouco mais de atenção da mídia e da população num geral, é ver como pessoas que eu conheço se mostram ignorantes em relação a tudo isso. A quantidade de comentários racistas que ouvi essa última semana de pessoas muito próximas a mim não caberia nesse texto, e honestamente não tenho a menor vontade de os reproduzir. Tentei explicar as coisas de forma didática e compreensiva para essas pessoas. Tentei uma, duas, três, quatro, cinco vezes talvez? Não sei, tentei tantas vezes que perdi a conta, para no fim da conversa perceber que nada do que eu falei foi ouvido, afinal, a pessoa não tinha o menor interesse em mudar de ideia sobre o que estava falando desde o começo. E, em todos os dias seguintes, ouvi os mesmos comentários racistas de novo. Como são pessoas que não posso simplesmente cortar fora da minha vida, até por questões de parentesco, tentei ser paciente o máximo que pude, mas não deu. No fim, acabei brigando e ficando extremamente estressada, e agora estou evitando contato, o que, de certa forma, é uma intensificação do isolamento social. Minha paciência está completamente esgotada. Enfim, a crônica dessa semana fica sendo esse desabafo, porque toda essa situação me entristece e saber que pessoas que convivem tão proximamente a mim têm pensamentos tão absurdos me deixa mal. E saber que tentei diversas vezes dialogar para desconstruir ideias tão antiquadas e preconceituosas sem o menor resultado me dá uma gigantesca sensação de impotência. Acho que é só isso que tenho a dizer mesmo.

****** *n_005**

Essas últimas semanas, senti que o isolamento em si se tornou mais suportável. Passar todos os dias em casa e criar uma rotina a partir disso se torna cada vez mais fácil, assim como procurar coisas para se entreter nesse meio tempo. Tenho me habituado ao confinamento, e não poder sair de casa já não é mais algo tão agoniante, o que tem sido bom para a minha saúde mental, que ficou um pouco fragilizada no começo da quarentena. As notícias do mundo, no entanto, apenas pioram. O número de casos de COVID-19 e mortes por todo o Brasil não para de aumentar, e é extremamente assustador saber que essas coisas estão acontecendo. Continuo muito preocupada com meus parentes mais velhos, principalmente meus avós, além de sentir muita saudade deles. Além disso, é muito difícil não saber o que vai acontecer ou até quando essa situação vai durar, se vai haver um *lockdown*, quando as aulas vão voltar, todas essas dúvidas que preenchem nossas cabeças todos os dias. A maioria das

pessoas com quem tenho conversado concorda que o ensino à distância tem sido uma questão bastante delicada para elas. As aulas presenciais fazem muita falta, tanto pela didática quanto pela convivência com as pessoas, e o rendimento de todos está limitado nas atuais circunstâncias. Apesar da manutenção de hábitos estar mais fácil para mim essas últimas semanas, a regulação do sono tem sido particularmente complicada. Eu passo a maior parte das noites acordada e muitos dos meus amigos também. Acordar cedo sem ter para onde ir durante o dia requer um esforço muito maior, e eu acabo tirando vários cochilos ao longo do dia ao invés de ter uma noite completa de sono.

****** *n_006**

Recentemente, nas vezes em que sai de casa, para ir ao supermercado ou à farmácia, percebi que o distanciamento social já é uma realidade, aplicada a todos os locais nos quais há possibilidade de contato humano. Nesses ambientes, quase todos usam máscara e se mantêm a cerca de 2 metros de distância das outras pessoas. Além disso, há olhares de medo, pois qualquer um pode ser um vetor da doença, e, de certo modo, tenho a impressão de que o receio de ser contaminado faz com que muitas pessoas esqueçam que atrás das máscaras existem seres humanos. Para os que não estão de máscara, os olhares não são apenas de medo, mas também de reprovação. Apesar do evidente receio das pessoas, nem toda interação é tão anormal assim. Nas ruas, apesar da distância física, sinto que não há tanta diferença de tratamento entre pessoas que já se conhecem. Quando passeio com minha cachorra, por exemplo, já não cruzo meus vizinhos e pessoas do meu bairro nas calçadas, pois sempre há um esforço em se manter a alguns metros de distância; no entanto, apesar disso, meus conhecidos não deixam de me cumprimentar e, às vezes, conversar um pouco. As relações entre familiares e amigos, a meu ver, foram as mais afetadas, pois todas as interações passaram a ser virtuais, uma vez que estar presente não é uma opção. Meus avós, que não têm nenhuma familiaridade com formas tecnológicas de comunicação, acabam por ficar completamente isolados dos meios em que convivem, pois não podem sair de casa para ver seus amigos e tampouco podem ver seus filhos e netos. Se é uma situação muito atípica para mim, que tenho vinte anos, mal posso imaginar para eles, que, aos noventa anos, nunca tinham vivido nada assim. Outro fator que tenho observado, e que, apesar de menos incomum, talvez me incomode tanto quanto todos os outros, é o cenário de polarização política que foi revivido no Brasil durante a quarentena. Questões de saúde estão sendo tratadas como problemas políticos e, não bastando o caos que uma pandemia consegue causar por conta própria, o brasileiro ainda é obrigado a passar pelo estresse de ver a instabilidade política do país e o desacato a recomendações de órgãos de saúde sem poder fazer nada a respeito. Então, em um cenário de isolamento social, no qual não se tem contato com amigos, não se tem contato com familiares e não se sabe o que vai acontecer no país devido à falta de posicionamentos e planos consistentes e coerentes por parte do governo, o que resta à população é tentar se manter ocupada dentro da própria casa, para não ser consumida pela ansiedade. As pessoas com as quais tenho mais contato estão estudando, lendo livros, fazendo atividades físicas, procurando se expressar de formas criativas, jogando vídeo games, assistindo séries, enfim, fazendo o possível, dentro da própria casa, para se distrair, escapar um pouco dessa estranha realidade e, de alguma forma, se manter são dentro dela e apesar dela.

****** *n_007**

Essa semana, me peguei pensando no que escrever para a crônica, sem sucesso. Sinto que já esgotei quaisquer observações que poderia ter feito sobre o momento atual, a pandemia ou o isolamento. Desta forma, decidi que hoje vou apenas contar sobre a minha semana, em linhas gerais. Há uns 5 ou 6 dias, joguei RPG (*Role Playing Game*) pela primeira vez com alguns amigos. Entramos todos em uma chamada de voz e, por algumas horas, vivemos uma aventura lovecraftiana na era Meiji japonesa, na qual encontramos monstros com feições de peixe e rituais obscuros feitos com páginas escritas em sangue. Também combatemos inimigos com poderes e artefatos mágicos, como cristais que permitiam teletransporte, mantos de invisibilidade e armas feitas com pedaços do arco-íris. Também andei ouvindo mais música e, como consequência disso, fui atrás de diversas bandas novas e acabei redescobrindo um gosto por gêneros musicais que eu não ouvia há muitos anos, incluindo diversos subgêneros de metal. Tenho pensado seriamente em formar uma banda de Power metal, como a que eu tinha há alguns anos, onde eu tocava bateria; no entanto, eu lembro de sempre pensar que não tinha tempo para isso antes do isolamento começar, então talvez seja melhor eu não me empolgar demais com a ideia. Toda quarta eu tenho aula de bateria pelo Skype, o que, apesar de ser uma experiência esquisita, tem sido uma das melhores coisas na minha rotina nesses últimos meses. Finalmente estou

aprendendo a tocar coisas que queria aprender há anos, além de muita teoria (o que não é exatamente o ponto forte da maioria das aulas presenciais de bateria). Imagino que meus vizinhos não fiquem supercontentes com isso, mesmo com o som da bateria ficando o mais baixo possível (é eletrônica, então dá para regular o volume), mas é quase sempre o ponto mais alto da minha semana. Também ando assistindo muito desenho animado e lendo alguns livros e contos de fantasia ou terror. Ontem fiz um bolo com a minha mãe, depois fui à academia do prédio, cujo uso ainda é permitido. Cada dia eu procuro uma coisa nova para fazer. Talvez amanhã eu comece um quebra cabeça ou algo assim; não sei ainda. Por enquanto, esse texto contém basicamente tudo que eu tenho feito no meu tempo livre. **Eu diria que, para uma época em que não se pode sair de casa e se manter são se tornou uma tarefa relativamente complexa,** tem sido um tempo muito bem aproveitado. Apesar de todas essas coisas que têm me feito muito bem, tenho me perguntado como a PUC vai se posicionar acerca dos estágios que não estamos podendo fazer. Se vamos repor em algum outro semestre, se vamos completar a carga horária com outras atividades, não sei. Eu estava muito empolgada para começar a estagiar e, infelizmente, o estágio não aconteceu (e imagino que não vá acontecer), **mas me preocupa muito pensar em começar o 4º ano e elaborar um TCC com um semestre a menos de experiência prática. Isso tem me deixado bastante aflita e não sei se é sequer possível ter essas respostas agora, mas espero que a PUC esclareça essas questões em algum momento.**

****** *n_008** — ENCONTRO A UM

Outro dia, recebi a ligação de uma grande amiga. Ela chorava muito no telefone. O intercâmbio que ela faria para Portugal, no segundo semestre, havia sido suspendido e, com isso, os planos de reencontrar um grande amor português também foram interrompidos. Dava para sentir a angústia da sua voz; era como se tudo que estava a mantendo em movimento, dando uma certa perspectiva e motivação a ir tocando os dias em isolamento, tivesse se desfeito. Antes da quarentena, eu também estava vivendo um amor. Como todos os amores que vivi, esse também chegou sem previsão, sem ser convidado, mas quando vi, já estávamos nos movimentando como podíamos para se encontrar, para ir tentando fazer mais parte da vida do outro. Amor esse que me tirava da zona de conforto, mas estava disposta a ir tateando, sentindo e percebendo onde é que nosso caminhar ia nos levando. Na última noite antes do anúncio da quarentena, nos encontramos e nos despedimos como se fosse questão de 15 dias para o reencontro. Já perdi as contas de quantos dias fazem, mas sei que já faz mais de 2 meses. Houve momentos do isolamento que me percebi bastante angustiada. Evidentemente, sobretudo com o número crescente de pessoas que perderam a vida — e que também tinham suas famílias, seus amores — e com o desgoverno que esse presidente presta, mas também com a imprevisibilidade do futuro, do país, mas também no que concerne a este afeto, a essa relação. Engraçado pensar que às vezes é preciso o mundo parar — literalmente — para que nós nos demos conta do quanto não temos controle, nem garantia, tampouco previsibilidade do que o futuro nos reserva. Tem um livro da Clarice Lispector que eu gosto muito em que ela diz que havia perdido sua terceira perna e que a ausência inútil daquela terceira perna a incomodava muito, por mais que ela soubesse que apenas com duas é que se pode andar. Ela continua relatando do como aquele terceiro elemento em sua vida a fazia se sentir encontrada, visto que com aquela presença era como se ela não percebesse o trabalho que é se perder, se encontrar, se perder de novo, caminhar. Desejar é um risco. E a verdade é, o desejo e o objeto desejado nunca nos reservaram garantias, mas esse momento evidenciou radicalmente essa percepção. É difícil sonhar e planejar desejos futuros quando o amanhã parece tão incerto, como o que a gente vem vivendo. O isolamento me convocou a algo que há muito tempo eu negligenciava: olhar para mim. Me perceber, sentir, acolher, flexibilizar, respeitar. A angústia quase insuportável que senti alguns dias ao se deparar comigo, reconhecendo as perdas, minhas faltas e minhas duas pernas, foi o que na verdade me convocou a um movimento – não apenas da varanda à sala e da sala ao quarto – mas um pedido de cuidar do que está ao alcance do corpo, das mãos, de me cuidar. Sinto muito que o sonho português da minha amiga tenha se desfeito, pelo menos temporariamente; sinto muito que a relação que eu estava construindo também tenha sido, ao menos interrompida. Mas, sinto que apenas reconhecendo essa perda e o meu não controle em relação ao externo que eu percebi, “opa, tem algo aqui que eu posso cuidar”. Tropecei em mim. Sigo sem saber como será reencontrar esse amor. Mas, ao invés de fazer da distância um sofrimento, decidi estar onde meus pés estão, decidi me dar a oportunidade de me encontrar e fazer de mim, do meu caminhar, meu próprio referencial, meu próprio eixo.

****** n_009**

São Paulo, 07 de junho de 2020, 79º dia de quarentena. Está difícil escrever. Está difícil ler os jornais. Está difícil ver o país sendo desgovernado. Difícil ver o quanto, no Brasil, a letalidade do vírus atinge corpos e classes específicas: as pessoas pretas e periféricas. Não é de hoje que a necropolítica se apresenta como um projeto não dito, não nomeado no país; mas é inadmissível que continuemos fechando os olhos para isso. 36.499 mortes confirmadas no país por coronavírus; três Ministros da Saúde desde o início da pandemia; Bolsonaro amplia o uso da cloroquina para o tratamento de COVID-19, enquanto infectologistas e pesquisadores alertam a ausência de evidências científicas em relação à eficácia do uso do medicamento para o enfrentamento do vírus; apesar do crescente da curva, prefeitos de várias capitais começam a tratar da retomada gradual de diversos comércios. Crise sanitária, econômica e política. **Parece impensável questionar a existência do vírus e sua letalidade com um número tão expressivos de morte, mas não para o presidente e seus seguidores. Assistimos atualmente, uma narrativa de realidade que não se apresenta em absoluto, à realidade comum e observável, mas sim uma que busca realizar o princípio de prazer. Hoje, opiniões substituem o lugar de fatos e fatos o de opiniões. Estou exausta, indignada.** E, ainda assim, me encontro em uma posição extremamente privilegiada nesse contexto todo. A negação é um mecanismo de defesa que pode ser importante para o sujeito que lhe apresenta, mas não podemos admitir que esse processo permita essa crescente na curva que estamos diariamente observando. Não é normal o que está acontecendo, não é aceitável. O enfrentamento do vírus não está se dando de forma razoável, pois a ciência, que devia sustentar os rumos do enfrentamento do vírus no país, deu lugar para os achismos e desejos de Bolsonaro. Não podemos deixar que 36.499 vidas sejam negadas. Não podemos deixar que nenhuma vida seja apagada. **Como combater o coronavírus quando todas as ações que poderiam contribuir com seu enfrentamento são negadas e ignoradas?**

****** *n_010**

A quarentena me força a conviver comigo mesma. Acordo comigo, passo a tarde toda comigo e vou dormir comigo. É estranho falar assim, visto que obviamente eu sempre convivi comigo mesma já que eu sou eu, mas não é algo que eu havia parado para pensar...pelo menos não até agora. Durante minha vida busquei inúmeras maneiras de me desvincular de mim mesma, mas neste isolamento vejo como isso e impossível, e muito sofredor também. Acredito que todo mundo está inevitavelmente fazendo o exercício de olhar para si mesmo, e acredito que possa ser muito benéfico, mas para mim é muito difícil. Acho que esta dificuldade ocorre por eu sempre ter olhado muito para mim mesma, e sei que parece contraditório falar isso, mas é que olhar para mim é à minha maneira de tentar fugir de mim, como se eu estivesse correndo de mim só que indo para a direção de um espelho. Agora estou me dando conta de como o “mim” apareceu inúmeras vezes ao longo desse...nem sei bem dizer o que é. Sou uma pessoa egóica, eu sei, e meu primeiro texto dessa atividade ser sobre mim mesma comprova isso. Porém, toda vez que reflito sobre mim não é como se eu estivesse falando sobre mim, mas sobre outra pessoa, uma pessoa que eu persigo e sou totalmente obcecada, que analiso cada passo e vigio toda hora, uma pessoa que nunca terá paz.

****** n_011**

Faz algum tempo que estou olhando para essa página em branco. Revisitei o dia de hoje, o de ontem ou seria anteontem? Não sei. Já não sei quando é domingo, quarta ou sexta-feira. Há momentos dos dias que me sinto assim, como agora, parada olhando para a folha cor de leite; mas, tal como essa crônica que precisa ser entregue até o dia de amanhã, quando me pego olhando para o teto, para a vida e para as perdas de forma melancólica tento me resgatar, trazer para o aqui, para o agora e me entender entre esses metros quadrados que me cercam**. Hoje dei conta sobre estar me sentindo no eterno dia da marmota. Digo isso não apenas no que concerne à repetição dos dias, aparentemente, todos iguais, mas também à minha reação diante deles. Não minto, tem sido difícil, não estamos de férias, não é um sabático.** Optei por me ausentar das notícias nos últimos dias; estava sentindo muito peso pelo descompasso entre o crescimento exponencial do número de mortes pelo COVID-19 que, lembremos, não se trata de estatística, mas sim de gente e das falas do presidente. No entanto, tal como o protagonista do filme, venho percebendo que minha resistência e mau humor diante do cenário político, econômico e pandêmico não tem evitado a repetição desses inúmeros dias atrás de telas e visões de cabeças e *lives*. **Assim, tenho repensado sobre meu modo de viver, de lidar com as perdas e com frustrações. Penso que é normal (e bastante consolador**

perceber que coletivo) se sentir um tanto bagunçada, perdida e angustiada frente há tudo que estamos vivendo, mas tenho pensado em como não vinha me fazendo bem-estar assim. Nesse sentido, tenho percebido um movimento, quase de resistência (interna), de reparar nas pequenas coisas sutis que tem me feito feliz nos últimos dias. Domingo, o abraço apertado e saudoso em meu irmão, que há tanto não via; segunda, uma troca de sentires entre mim e uma grande amiga; quarta, uma conversa demorada com minha mãe; hoje, a descoberta de um livro que eu amo numa estante de casa. Tenho descoberto também lugares que fazem sombras bonitas no meu quarto conforme o sol bate na janela. Nos últimos dias, fiz sorvete pela primeira vez, descobri por que meu arroz ficava, segundo minha mãe, "romântico" e agora ele além de gostoso está soltinho. Tenho cozinhado legumes, olhado para minha sanfona e deixando sempre para o amanhã o retorno a esse encontro; muito embora, a vida tenha demonstrado da urgência de não deixarmos os encontros para o amanhã. Tenho também comido doce, pelo menos um todos os dias. Tenho olhado pouco o céu, muito o celular. Percebido a partir disso a ansiedade que esse aparelhinho me causa. Acho que esse turbilhão de coisas me fez perceber que há tempos faltava coragem de olhar para mim. De olhar para o que eu gostava, o que não gostava, o que eu tinha vontade de ler, escutar, fazer, inventar e criar na ausência do outro. Ao mesmo tempo, num estranho paradoxo, a falta me fez notar os valores, às vezes banalizados, da minha vida cotidiana. Como eu sinto falta do toque, dos amores, afetos, encontros, danças, bares, forrós, aulas. Saudade até da busão. Seguimos.

****** *n_012**

O filme para mim aparece na disciplina pela questão de não se ter pré-julgamentos, afinal, um julgamento que parecia tão certo (inclusive devo dizer que vendo as provas parecia que o filme ia ser bem rápido pois o julgamento já parecia pronto), entretanto ao longo do filme eu achei muito interessante como todas as provas que aparentemente comprovam a culpabilidade do réu, eram postas a dúvidas. O que demonstra como é necessário não ter julgamentos definidos, pois inclusive muitas vezes esses julgamentos podem estar errados, e de qualquer forma é necessário entender a vivência da pessoa com quem estamos falando.

****** *n_013**

Faz um tempo que não escrevo. O que começou com um bloqueio criativo, agora já beira a teimosia. Não quero escrever porque há tanta coisa a ser dita e sentida que parece que se eu abrir a torneira agora, a casa vai inundar em um piscar de olhos. Também penso que com tantas coisas para dizer, ao escolher uma, estaria abandonando todas as outras e assim seria injusta comigo mesma e com as minhas angústias. Angústia. Palavra forte né? Não sei se você realmente entende o que eu estou falando, porque eu sei que a sua é diferente da minha**. No dicionário tem diversas definições e eu fico pensando se alguma delas de fato descreve esse aperto aqui dentro. Esses pensamentos embaralhados, esse tormento. Até porque esses sentimentos são só meus**. **O jeito que a dor me dói é único e particular e por isso é tão difícil entender a dor do outro. A gente finge que entende, mas na realidade mesmo, você nunca vai saber o que é angústia para mim e eu nunca vou saber para o que que você dá esse mesmo nome. No momento eu estou angustiada, angustiada com as mortes, com a fala da nossa secretária da cultura, com os trabalhos que eu ainda não fiz, com a postura do nosso presidente, com os exercícios que abandonei, com o fogão engordurado, com as pessoas na rua, com os médicos, com os pacientes, com as perdas, com a crônica que eu escrevi, mas não terminei, porque um final aqui não faria nenhum sentido.**

****** *n_014** — Crônica III

O Filme inglês *Negação* de 2016, dirigido por Mick Jackson narra a trajetória de Deborah Lipstadt na Corte Britânica diante da acusação de difamação feita por David Irving, neonazista inglês. Por se tratar de uma disputa discursiva no âmbito jurídico, um dos grandes desafios para a protagonista consistiu em defender a verdade histórica do Holocausto sem seus testemunhos enquanto historiadora, bem como a dos sobreviventes do Holocausto. Ao longo da trama, ela questiona seus advogados sobre a estratégia de não haver quaisquer depoimentos além do David Irving, afirmando que quem sofreu o genocídio seria importante seus testemunhos terem lugar. Ao que um dos advogados chega inclusive a responder que não seria a Corte Britânica o lugar adequado para a elaboração do trauma do

Holocausto. **A negação insistente do Holocausto, feita por Irving a qual se fundamenta na distorção de dados históricos em defesa de Adolph Hitler, é um movimento que muito se assemelha à conjuntura mundial mergulhada em fake News e pós verdade, fenômenos que se corporificam em figuras como o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (Sem Partido). Bolsonaro anda acompanhado por Olavo de Carvalho, suposto autoproclamado filósofo, o qual insistente em afirmar que a terra é plana, bem como por Regina Duarte, ex-ministra da Cultura, que afirma as mortes por SARS_CoV_2 e os milhares de enterrados em valas comuns como algo sem relevância: "Na humanidade não para de morrer, se você falar vida do lado tem morte [...] Se a gente for trazendo as mortes, arrastando um cemitério de mortes [...] sou leve, estou viva." Irving, Bolsonaro, Carvalho, assim como Duarte sustentam discursos cínicos, isso é, não tem nenhuma culpa, remorso, vergonha em ultrapassar os limites postos pela Cultura, nomeada por Sigmund Freud. Limites que são garantia de existência de uma civilização, mesmo que a custo de um mal-estar. Para essas figuras políticas, não há problema em negar o Holocausto e as Ditaduras postas na América Latina, em afirmar a Terra Plana ou negar e esconder os dados das mortes por SARS_CoV_3. Diante do cinismo, assim como Lipstadt, não queremos dar respostas alguma. Se trata de um discurso que usa vestes da ciência, mas não é. Que parece fraco por sua falta de lógica e veracidade, mas forte por haver ecos e popularidades e persistir mesmo quando descredibilizado.** Isso se demonstra na cena em que Irving mesmo condenado como racista, antissemita e negador do Holocausto, insiste na inexistência do Holocausto. Se em um primeiro momento não damos respostas, assim como Lipstadt, a pergunta o que fazer diante do cinismo não deixa de ecoar em uma conjuntura na qual as instituições estão em parte ocupadas por Irvings.

****** *n_015**

Marcos checa o relógio, são quase 13 horas, ele sua frio, odeia o ritual, depois volta sua atenção ao monitor, a planilha iluminada dispara com informações vindas de todo o mundo, os números vermelhos começam a preencher suas casas, ele tem a impressão de que toda vez as quedas começam mais cedo, ele nunca ousou dizer isso para ninguém, já que isso provavelmente intensificaria o efeito, mas olhando em volta, ele praticamente consegue sentir que seus "colegas" (mais realisticamente competidores) sentem a mesma coisa, não vai demorar muito para acelerar o calendário mais ainda, Alex olha a sua volta discretamente, ela não pode parecer nervosa, sabe que qualquer coisa que fizer será interpretada como um sinal de fraqueza, é a única mulher em toda sala e é exatamente por isso que todas suas ações são monitoradas como se fosse uma criança negra em loja de conveniências da periferia. 13 horas completas, todos os monitores pessoais da sala desligam, as luzes são substituídas por uma iluminação de neon vermelho, Roberto disse que isso é novo, pra deixar mais difícil de ver o sangue; ele saberia, é o que trabalha na bolsa a mais tempo, os grandes monitores coletivos que carregam informações diversas sobre a movimentação do valor de ações ao redor do mundo mudam, todos passam a espelhar uma única tela que parece vir de um MS DOS, linhas verdes de código são projetadas como se vindo de um monitor de enxofre. get INFO.RITUAL, Ricardo reflete sobre o fato de que ninguém sabe quem digita, ou se sabem fingem não saber, ele tem certeza de que é o prefeito, que sempre está presente nos rituais, mas raramente tem algo a dizer. Seu estômago, treinado, se revira só de ver aquelas palavras sendo digitadas. Após um momento eterno o computador cospe de volta a resposta: ID: 04015065 | Location: 23°28'04.2"S 46°41'26.2"W Beto inspira fundo, ele não reconhece nem o ID, nem a localização; em todos os anos que ocupou essa posição nunca reconheceu nenhum dos tributos, mas ainda assim toda vez prende sua respiração, agora já não falta muito. Minutos depois, entram na sala um grupo fardado carregando um menino negro, uma criança, totalmente inconsciente, ele não parece ter resistido, mas mesmo sob a iluminação vermelha da sala é claro que alguém o fez, sangue, na realidade é mais marrom do que vermelho e as manchas nas fardas não mentem. Gui tenta não pensar sobre as manchas, sobre como deve ter sido a mãe do menino, ele realmente não quer saber, quer realizar seu trabalho do jeito mais rápido e eficiente possível. Essa semana é a semana dele preparar as facas, então se certifica pela enésima vez que todas estão limpas e em seus devidos lugares. Antes correr para fora da sala, sentindo bile subir por sua garganta. Rodrigo sabe a importância de sua função, ele garante que as amarras estão bem presas no tributo desacordado, uma a uma ele checa e aperta quando necessário, ele nunca desaperta, nunca. Após isso, ele retira a maior a faca de seu lugar de honra no altar, a observando de perto, vê que ainda têm pequenas manchas do ritual de anteontem e faz uma nota mental para iniciar a moção de demissão da pessoa responsável por a limpar. Cleison observa Rodrigo nervosamente enquanto o zelote começa seu silencioso cântico que se espalha pela sala em ondas. Como a vida, me dê a vida. Como a morte, me dê a morte. Aqueles que como eu merecem viver, vivam. Aqueles que diferente de mim merecem morrer, morram. Rogério consegue sentir a força das linhas que sobem e descem a sua volta, ele se

sente conectado a ela, sua vida depende da linha, a vida de todos depende delas, é verdade que é trágico que os rituais sejam necessários, mas é impressionante como funcionam. Mesmo que os planos para o futuro próximo sejam de passar a o realizar uma vez por dia (o que provavelmente vai acontecer mais cedo ou mais tarde, ele reflete friamente), as linhas importam mais do que algumas vidas, quantos morreriam se não fossem por elas? Ainda assim, ele se sente mal pelo sacrifício, mas ele não pode pensar assim, sabe que essa dor é necessária e que se sentir mal faz parte do ritual. Adônis desperta ligeiramente de seu coma induzido por poderosas drogas soníferas, ele não consegue se mexer, ele não consegue enxergar, no lugar de sua visão está uma grande mancha negra, ele se pergunta se sofreu algum tipo de hemorragia cerebral, ouviu falar na escola que eles podem resultar em cegueira, foi o que aconteceu com pai da Laura, ele acha. A última coisa que se lembra é dos policiais especiais aparecendo em sua casa, e de sua mãe chorando… Antes que consiga pensar mais, sente uma dor lancinante em seu peito, sente um objeto cortante abrindo seu tórax com a facilidade que uma faca passa por manteiga, ele se sente brutalmente consciente de seu coração batendo com velocidade surpreendente, sente suas costelas até que para de as sentir, rapidamente não sente mais nada além de uma imensidão incompreensível de dor, ele não tem controle sobre e seu, por isso não consegue gritar, apesar disso consegue sentir sua garganta se contraindo em uma imitação inútil e insonora. Alan consegue ver o deleite na face ensanguentada de Rodrigo que ergue o coração do sacrifício para onde todos podem ver, então ele o abaixa até sua face e morde um pedaço enquanto diz uma prece em voz baixa. Artur recebe o coração e, respirando fundo, o morder, antes de o passar para o próximo. Ele sempre fica impressionado como mesmo com algumas centenas de pessoas na sala, todos conseguem comer seu pedaço. Às 14 horas, já as luzes voltaram ao normal, os monitores já foram religados e Basílio checa seu relógio querendo que o dia de trabalho acabe logo para voltar para casa e descansar.

****** *n_016** — 12 Homens e Uma Sentença

O filme *Doze homens e uma sentença* é bastante interessante, algumas cenas em especial me chamaram atenção. Acho que vale a pena olharmos com carinho para uma das primeiras cenas do filme em que há um diálogo entre dois personagens. **Um deles, o único que declara o réu como inocente após a primeira votação, manifesta o desejo de discutir o caso com os demais pois alega que a vida de uma pessoa não pode ser discutida às pressas e votada em cinco minutos. Essa fala para mim é muito simbólica e me remete a obra de Hannah Arendt: Eichmann em Jerusalém, onde a banalidade do mal é discutida**. Naquela situação, o julgamento é feito rapidamente, como uma burocracia, sem que os 11 outros homens refletirem sobre o bem e o mal que poderiam estar causando, sem sequer se sentirem responsáveis pelo possível destino do réu, uma vez que eles estavam apenas cumprindo uma ordem do regime penal instituído no país. **Além disso, uma outra cena bastante marcante é o momento em que um dos personagens é extremamente racista e os outros homens, diante de um discurso violento e estigmatizados começam a levantar da mesa. Para mim, essa atitude de levantar da mesa dos outros homens parece estabelecer um limite, o distanciar fisicamente de quem promove um discurso problemático talvez seja uma representação de não compactuar com aquilo, não se sentar ao lado, na mesma mesa dessa pessoa tornaria os outros homens diferentes dele, uma forma não violenta de discordância.** Sobre essa não violência, **acredito que o filme seja uma preciosa aula a respeito de comunicação não violenta.** O personagem principal consegue articular seus argumentos sem ofender, levantar a voz ou dar adjetivos aos demais homens ali presentes. Mesmo a princípio estando sozinho na defesa de uma causa ele o faz com respeito, serenidade e elegância. **O debate acerca da comunicação não violenta é muito pertinente nos dias de hoje e talvez o filme, apesar de antigo, seja capaz de mostrar como tal forma de comunicação seja uma poderosa ferramenta de debate, faz com que o comunicador se faça ouvir, e ser ouvido é o principal meio na hora de convencer alguém ou debater ideias opostas, só assim é possível convidar o outro a reflexões.** Por fim, pensando na psicologia, acredito que o filme seja capaz de nos mostrar que nenhum julgamento é feito de forma imparcial, isto é, na hora de tecermos julgamentos somos sempre influenciados pelas nossas histórias, nossas experiências, nossos preconceitos, o lugar de onde viemos, a educação que tivemos acesso. Isso fica muito claro pois os homens vão, um por um, percebendo que os motivos pelos quais eles querem declarar o réu culpado não tem necessariamente a ver com o julgamento, mas com as ideias e experiências que eles trazem em si. A última cena, na qual o último homem é convencido expressa isso muito bem, uma vez que o homem transfere para o caso vários afetos que ele tinha acerca de um conflito dele com o filho, não necessariamente com as evidências.

****** *n_017**

Queria começar enfatizando o tanto que é bom conversar com pessoas novas, descobrir projetos, entrar em contato com uma realidade diferente, ou com algumas realidades. Ao ouvir o Bruno contando de seu lindo trabalho comecei a pensar na bolha que vivemos, como não enxergamos, vivenciamos, coisas que acontecem do nosso lado. Na realidade, tenho que assumir que esse tipo de pensamento vem sendo bastante recorrente neste momento de pandemia e quando nos deparamos com histórias tão fortes como as que o Bruno nos contou, isso só aumenta. Quantos casos de crime contra a vida aconteceram no seu ciclo social? No meu, não me lembro de sequer um, mas sei que logo ali, atravessando a avenida, cada morador da favela tem uma história para contar. Trabalhar com essas diversas realidades, fortes, traumáticas e pesadas deve ser um misto de dureza e beleza. Dureza ao abrir os olhos para as atrocidades que acontecem na nossa cidade e beleza ao saber que você está fazendo a diferença. Pela fala do Bruno eu consegui perceber um orgulho que ele construiu a partir da construção da, parafraseando suas palavras, sala colorida no meio do cinza frio e assustador. Que bonito tudo isso. Conforta o meu coração saber que na grande cidade de São Paulo, onde as pessoas se esbarram, mas não se cumprimentam, não se olham, a gente têm algo tão digno acontecendo para ajudar o outro, aqueles que sofrem. Nós, estudantes de psicologia, e eu não falo no singular neste momento, porque faço parte de uma comunidade de pessoas que querem, pelo menos em algum grau, ajudar o próximo, fazer a diferença na vida de alguém, aliviar um sofrimento, ao conhecermos o trabalho do CRAVI nos enchemos de esperança, admiração e principalmente tomamos essa experiência como um exemplo lindíssimo. Eu estou pegando gosto por conhecer as coisas boas da nossa cidade e vou te dizer que são muitas, mas os olhares paulistanos costumam estar sempre voltados para a parte ruim, para o que deu errado. Que delícia que é conhecer algo que deu e dá certo.

****** *n_018**

O isolamento, principalmente no começo, me fez muito mal. Passei o mês de março e o começo de abril com meus pais em Minas Gerais. Ficamos lá por 3 semanas e, depois desse tempo, eu decidi voltar para São Paulo. Acreditava que se eu me aproximasse um pouco mais do meu cotidiano eu não iria sentir tanto a quarentena que estava me deixando extremamente frustrado e irritado. A viagem de lá para cá é o foco dessa crônica. Ela costuma demorar 8 horas de carro e geralmente fazemos ela em família, revezando no volante, mas como tinha batido o pé em ir pra São Paulo sozinho, eu estava decidido a dirigir todas essas horas. No sábado, dia da viagem, de manhã, eu fiquei receoso com relação a dirigir por tanto tempo: tenho a carteira de motorista a apenas alguns anos e é muito fácil perder o foco depois de dirigir algumas horas na estrada. Minha preocupação aumentou quando fiquei uma hora parado no trecho entre Santa Bárbara e Belo Horizonte, implicando em terminar a viagem ao anoitecer. Esse problema me fez ligar para um amigo que mora no meio do caminho da minha viagem. Perguntei se podia parar lá para tomar café da tarde e, de tabela, essa minha proposta implicava em furar a quarentena. Na conversa ele falou que era um absurdo eu seguir a viagem e me ofereceu a casa para dormir e no outro dia eu seguia a viagem. Não está certo furar a quarentena, muito menos alongar o contato com outras pessoas nesse momento de pandemia, mas foi uma das melhores decisões que eu tomei nesse período de isolamento. Chegando lá passamos 2 horas do lado de fora da casa conversando, o irmão estava fazendo um quebra cabeça junto com a mãe e nós decidimos ajudar, jantamos e segui a prosa com os pais dele que gostam de mim e já tenho uma intimidade com eles de longa data. No dia seguinte eles fizeram um churrasco por conta da mudança no cotidiano que a minha ilustre presença causou e retomamos o papo até o fim da tarde de domingo. Me despedi de toda a família, agradecendo o final de semana, e segui meu rumo. Eu só consegui chegar na conclusão feita no começo dessa crônica, que o isolamento me fez muito mal, porque eu passei por esse fim de semana completamente atípico para um cotidiano de pandemia. Enquanto eu dirigia os últimos quilómetros eu percebi que, durante esse tempo, só tinha olhado o celular para informar meus pais sobre o meu paradeiro, meu stress que tinha se acumulado nas 3 semanas em Minas Gerais desapareceu e, fundamentalmente, o tempo nesse fim de semana tinha passado de forma leve, sem aflições. Se antes de encontrar meu amigo eu estava diariamente vendo notícias sobre a COVID-19 mudar o foco das minhas preocupações para outros indivíduos. Se antes eu estava angustiado em ter que “aproveitar” o tempo da quarentena, fazendo trabalhos, lendo livro, vendo filmes etc. esse fim de semana me mostrou que é preciso também se distanciar um pouco dessa lógica de sempre estar fazendo algo útil. Não dá para ser produtivo todo o tempo, principalmente quando estamos no meio de uma pandemia. Não é minha intenção estimular as pessoas a furar a quarentena, os números no Brasil já são assustadores e tendem a piorar. **Essa crônica é uma reflexão sobre como o isolamento social vai nos minando de forma perversa e silenciosa. Ela afeta alterando o humor, a forma de**

agir e de pensar. Na falta do outro ser humano eu me peguei entrando em mim mesmo refletindo sobre preocupações e medos que antes eram inofensivos. Foi encontrar o meu amigo para me trazer de volta para a realidade. É preciso ter o isolamento social para conseguir passar por esse momento do mundo, mas não tem como negar que ele faz mal.

****** *n_019**

Morfeu você me paga. Fecho os olhos. Tenho que ler aquele capítulo ainda, mas no intervalo de duas horas eu leio. Nossa, se eu dormisse agora iria dormir oito horas. Passo a prestar atenção na minha respiração. E amanhã eu tenho que trocar a roupa de cama né, mas gosto mais dessa, porque esquenta mais. Eu até agora não olhei a previsão do tempo, nenhum dia, maior prova que eu fico em casa. Não vou usar meus casacos grandes esse ano, inclusive tem um que o tricô descosturou. Ih, nessas férias não vou aprender tricô com a minha avó, duvido que isso tenha acabado em julho. Meu aniversário vai ser muito ruim, não, a história do aniversário de novo não, dormir, dormir, dormir. Viro meu travesseiro ao contrário. Eu acho que esse travesseiro já está deformado, mas eu comprei no começo do ano! Olha, foi esse ano né, aquele dia o pôr do sol foi lindo, fiquei indo de loja em loja atrás do travesseiro. Mas será que eu já estou aqui a quanto tempo? Já deu uma hora, certeza, melhor não abrir os olhos ainda. Tenho que pensar em coisas bobas. Viro de lado. Flores, eu lembro quando comprei flores brancas e coloquei corante na água para testar se mudavam de cor e elas ficaram manchadas de azul. Flores azuis são estranhas né, rosas então. Por que as pessoas amam tanto rosas? Cem anos de perdão. Mentira ninguém nem sabe disso, e onde será que está a minha professora do nono ano? Imagina ter aula virtual com ela, cruzes. Está bem, chega, vou olhar o horário. Uma hora e quarenta nessa cama e de olhos fechados! Volto a fechar os olhos. Agora não vou dormir oito horas, Morfeu não me quer. Morfeu aparece no filme do Hércules? Acho que ele está de azul. Eu viajarei, vou vencer distâncias! Quem será que dubla o Zeus? Acho que ele eu nunca pesquisei, é uma voz conhecida. De novo isso, será que agora já passou mais meia hora? Morfeu você me paga.

****** *n_020**

Dormir, videoaula, jogar algum jogo no computador, fazer trabalhos da faculdade, dormir de novo. Segunda, terça, quarta quinta, sexta. Tudo se repete nesse ciclo, e a pior parte esse é um ciclo que parece interminável, sem saber quando esse isolamento social vai acabar não sei quando que esse ciclo vai acabar. E o pior tudo parece piorar quanto mais esse ciclo continua, parece que a quarentena está afrouxando graças as falas e atos do presidente, que as mortes só aumentam e que essa crise será uma das piores da história. E tudo isso cada vez mais me aponta para apenas um cenário: o mundo nunca mais será o mesmo. A minha esperança nesse momento se reduz ao fato de que tenho ao meu lado pessoas maravilhosas que são meus amigos e minha namorada, além do fato de que estou fazendo de tudo possível para que tudo fique bem para mim e para aqueles que eu amo, de resto só me falta torcer.

****** *n_021**

Há mais ou menos um ano atrás comecei a me planejar. Horas gastas em pesquisas, imaginado e idealizando como seria os próximos meses da minha vida. Realizei aproximadamente umas 5 redações, fui atrás de cartas de recomendação, fiz provas e mais provas. Implorei para o meus pais para me darem essa oportunidade, vendi roupas e fiz uns bicos para conseguir um dinheiro extra. Sabia que era uma oportunidade única e queria que fosse o mais próximo do perfeito possível. Pensei em literalmente todos os detalhes e planejei incontáveis programas, atividades e lugares para conhecer. Não tinha como e o que dar errado, seriam, com certeza, os melhores meses da minha vida e estava muito grata por tudo. Estava preparada para as coisas saírem um pouco fora do roteiro, mas nunca imaginei que poderia ser nessa proporção. O vírus que virou o mundo de cabeça para baixo, chegou aonde eu estava. Sabia que iria precisar voltar para São Paulo uma hora ou outra, mas não esperava receber essa notícia literalmente 12 horas antes do meu voo. 12 horas para me despedir de tudo e todos, 12 horas para fazer a mala, chorar, sentir raiva, tristeza e medo. Estava indo para o aeroporto. Indo para um local com milhares de internacionais, muitos sem máscaras e sem cuidados. Não sabia a proporção do problema. Entrei no trem para o aeroporto, com duas malas, uma mochila, meu passaporte na mão e lágrimas nos olhos. Entretanto, dessa vez, começaram a ser lágrimas de alegria. Sabia que tinha vivido dois meses incríveis. Conheci pessoas maravilhosas, estudei exatamente o que eu sempre quis, viajei, me tornei mais responsável e tive entre

outras oportunidades inesquecíveis. Junto a isso, veio uma culpa e um sentimento de egoísmo. Claro que estava emburrada com a minha situação, mas me dei conta que havia pessoas que iriam sofrer de verdade. Que iriam passar fome, que não teriam um sabão para lavar as mãos. **Me dei conta que o mundo estava prestes a entrar em colapso e reclamar pelo fim de um intercâmbio não me parecia justo. Culpa, injustiça, angústia, tristeza, felicidade e muita gratidão pelo que vivi. Isso foi apenas um pouco da confusão de sentimentos que vivi no dia 19 de março. Naquele dia, me prometi que não iria mais reclamar.**

****** *n_022**

Eu tenho 22 anos de idade e acabei de procurar no Google: "como limpar uma privada". São nesses momentos que, mesmo estando completamente sozinho em casa, se sente vergonha alheia de você mesmo e percebe o tamanho do privilégio que teve durante toda a vida. Chega a ser assustador pensar que eu não sei cuidar da minha própria casa; que por 22 anos alguém sabe dos detalhes mais íntimos do lugar onde eu durmo e eu sou completamente alienado a esses cantos. O que mais dói é que eu só percebi tudo isso por conta de uma pandemia que me forçou a entrar nessa intimidade com a minha própria casa. Porém, não vejo essa crônica como uma mera autoflagelação pelos privilégios que tive durante minha vida. Realmente perceber tudo isso incomoda e faz refletir sobre muita coisa sobre meu cotidiano pré-pandemia que antes eu banalizava e agora não consigo mais fingir que não estou vendo. Ninguém nasce sabendo como limpar uma privada, ninguém nasce sabendo como limpar uma panela engordurada. Lembro quando era pequeno eu fui fazer um macarrão para o meu primo mais velho, me gabando que sabia fazer macarrão alho e óleo, e acabei colocando um quilo de massa em uma panela minúscula, causando uma enorme confusão na cozinha e criando um macarrão horrível que ninguém comeu. Mas o tempo passou e hoje em dia sou eu que passa receita para minha família fazer. Todo processo precisa começar em algum lugar e eu comecei a entender o mundo da faxina só agora e, em vez de voltar para minha alienação de antes, vou tentar correr atrás do prejuízo. Só agora eu percebi o tempo que leva para passar um pano de chão na casa, só agora eu percebi todo o esforço físico que uma faxina exige, só agora eu percebi quanto lixo apenas eu produzo em uma semana. **E ter consciência disso é o primeiro passo para mudar minha relação com a minha própria casa.**

****** *n_023**

Invasão. Estou no carro do meu amigo Gustavo, todos meus amigos estão lá também, não sei como todos cabem no carro, mas estão lá. Olho para todos e penso "Estamos sem máscara já, que bom". Paramos em um bar para comprar bebida, estamos indo para a casa do Gustavo deixar o carro dele lá e de lá ir andando para o bar da esquina. Minha amiga Juliana me oferece bebida e eu penso "Se ela está me oferecendo do próprio copo, é porque realmente acabou né? Eu posso beber do mesmo copo que ela". Apesar de nunca gostar de dividir copos, tomo do dela, porque eu sei que posso. Todos estão rindo, conversando alto e bebendo. Então eu acordo, estou na minha cama, minha aula virtual começa em uma hora, não vejo meus amigos há meses, não vou ver eles, estou no meio de uma pandemia. Levanto e lavo o rosto, ainda estou pensando sobre esse sonho. Inacreditável como agora até mesmo nos meus sonhos a pandemia existe, não sei se meu superego é muito forte e invasivo, por isso decidiu que nem nos sonhos eu posso viver sem estar em constante alerta sobre as profilaxias e a atual situação mundial, não sei se é o excesso de informações que nunca me permite descansar, não sei se sonhei para ter acesso a reforçadores positivos que não tenho mais, não sei quais complexos foram representados pelos meus amigos, não sei se isso é só um efeito do sono R.E.M, mas eu sei que cansei de viver em um isolamento social por conta de um vírus maldito.

****** *n_024**

Quando nos foi solicitado que escrevêssemos crônicas para esta matéria, me dei conta que há muitos e muitos anos não o fazia, talvez mais de 10, sendo assim, fui beber da fonte. Sempre gostei de ler e livros de crônicas sempre me serviram como um ótimo passatempo. Usei de norteador para iniciar estas atividades o livro *18 Crônicas e mais algumas* da Maria Rita Kehl. Nesse livro contém uma crônica chamada *Antibiografia*, na qual ela discute que as experiências perdidas, aquilo que a gente não viveu, constituem uma rede de lembranças legítimas. Tão legítima a ponto da gente sentir saudades daquilo que viveu só através de relatos alheios, da literatura e da imaginação. Penso que assim como na crônica de Maria Rita Kehl talvez esse ano seja acompanhado também das lembranças daquilo que a

gente não viveu, desse negativo da história que ficou ali estacionado esperando a hora que não chegou de acontecer. A pandemia chegou em uma época em que a grande parte das pessoas, inclusive eu, ainda não tinham se entregado ao ano, a lista imensa de planos e metas de 2020 ainda parecia realizável. Não deu nem tempo de perceber que comer saudável, fazer exercício todos os dias, viajar o mundo, comprar um carro, trocar de emprego e ser pedido em casamento tudo ao mesmo tempo talvez fossem expectativas demais para 366 dias. **Nessa suspensão involuntária dos nossos planos futuros, a gente acaba por recorrer àquilo que viveu no passado. Existe no ar esse sentimento de saudades que transita no tempo passado futuro. Marcado por um penoso "Eu era feliz e não sabia" e as boas lembranças daquilo que já foi vivido, das tardes na praia, do poder se reunir, das grandes celebrações e do carnaval, que também se confunde e mistura com um horizonte virtual de possibilidades que foram abandonadas, onde deve haver um duplo Eu vivendo a vida que foi planejada para este ano.**

****** *n_025**

O filme trata sobre uma disputa judicial onde uma historiadora quer impedir um ultrarreacionário de contar mentiras sobre o Holocausto. Ele afirma que os números são exagerados e que as coisas não aconteceram como a história academicista afirma. O filme mostra todo o cenário do tribunal onde ocorreu os fatos e como os advogados conseguiram provar que David Irving estava espalhando falácias sobre o Holocausto e o Nazismo. **O filme se passa no final da década de 90 e início dos anos 2000, mas esse tema é extremamente atual. Acabamos de ter uma eleição presidencial decidida por uma ampla rede de *Fake News* que também enviesou a eleição nos Estados Unidos e o Brexit no Reino Unido. Além disso as teorias das conspirações vêm ganhando muita força nos últimos tempos. O exemplo mais forte disso é a teoria que a terra é plana. O que me deixou mais angustiado nesse filme é o grande distanciamento que existe entre os negadores do Holocausto e os historiadores. Infelizmente essa polarização existe e cada dia se tem menos perspectiva que ela vai diminuir. O filme me mostrou de forma indireta como é complexo e minucioso o trabalho acadêmico e como demorou vários dias para conseguir desmentir a pessoa em frente de um tribunal. Toda essa burocracia é necessária para se compreender a complexidade do evento histórico, mas ela também pode criar uma elitização do conhecimento. Se é tão difícil fazer isso em frente de um Juiz, que não acredita em teorias megalomaníacas, como podemos dialogar com as pessoas que estão do outro lado desse espectro?** No fim do filme mostra que David Irving acaba refutando o veredito e continua dizendo suas pós-verdades para sua plateia. Para mim o final do filme fica com um tom meio amargo. Teve a conquista que foi provar para um tribunal que o Holocausto definitivamente aconteceu, mas dificilmente isso fez com que as pessoas que seguem esse ultrarreacionário mudassem de opinião. **A verdade não tem mais tanto peso hoje em dia. Existe um documentário chamado "A terra é plana" que acompanha a vida de algumas pessoas que acreditam nessa teoria.** Enquanto eu estava assistindo esse documentário meu pai, que é formado em Geologia, se juntou no sofá e começou a falar sobre como essas pessoas eram estúpidas de acreditar em algo tão absurdo. **Porém, para elas alguém afirmar que elas são loucas não muda a opinião delas.** De fato, o documentário mostra que na realidade todas essas pessoas tinham algum tipo de frustração e eram consideradas "burras" e, por consequência, foram marginalizadas da sociedade. O movimento da terra plana simplesmente conectou elas e se criou uma identificação que nunca alguém permitiu elas terem. **A grande questão fica que mostrar a verdade perde o sentido, enquanto o convívio e a identificação com o grupo se tornam algo muito mais relevante.** Eu honestamente acho muito mais fácil e confortável utilizar da Comunicação Extremamente Violenta que meu pai manipulou tão enfaticamente, mas isso só vai aumentar o abismo com eles. É preciso um outro tipo de abordagem para conseguir sensibilizar as pessoas. Está faltando empatia dos dois lados do espectro e, em algum momento, alguém vai ter que dar o braço a torcer.

****** *n_026**

Depois de certo tempo vivendo a quarentena no interior de São Paulo, na casa dos meus pais, resolvi voltar a São Paulo. Por mais que casa de pai e mãe sempre tenha um lugar especial para nós, eu nunca morei na casa que hoje meus pais residem e bateu uma saudade enorme do lugar que eu chamo de casa. Voltar a São Paulo foi um Mix de emoções, apesar de estar feliz por retornar a minha casa, precisei ir até o mercado e o transitar a pé pelo meu bairro, depois de certo tempo distante, me causou muita angústia. O número de estabelecimentos que antes me eram familiares e agora estão fechados para a sempre, decorados tristemente com placas de "aluga se", é muito maior do que eu pude

mensurar. As ruas vazias e as poucas portas abertas dos estabelecimentos compõem um cenário um tanto melancólico contrastando com os dias muito bonitos e ensolarados que tem feito na cidade. Ainda nessa caminhada, pude perceber que alguns dos prédios de luxo do meu bairro mantiveram aquele funcionário que fica a porta do prédio, uma espécie de segurança/maitre do condomínio que fica ali, de terno e gravata, na porta de um suntuoso edifício, dando “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite” aos moradores e observando o movimento da rua. Me sensibiliza muito essa situação, pois todos aqueles que empregam esse funcionário com certeza seriam capazes de o manter afastado com seu salário garantido. Soa como um descaso à exposição do funcionário as condições adversas do momento e me remete muito a fala do Presidente da República. Quando na iminência de nos tornarmos o epicentro da pior pandemia que acometeu o século até agora o Presidente trata academias, salões de beleza e barbearias como “serviço essencial”, bem como o prédio trata o seu segurança/maitre do condomínio como um serviço essencial fica difícil saber o que exatamente não é. Eu costumo tentar enxergar o lado bom das coisas, não deslegitimar as nossas vivências para além de um problema, enxergar as dificuldades como um dos muitos fragmentos de nossa vida. Mas frente a nossa atual é realmente muito triste e talvez seja o momento de viver mesmo essa tristeza, de lamentar a ineficiência e o descaso político para com a vida da população, lamentar as condições de trabalho e o estresse dos profissionais da saúde e do ramo funerário, lamentar por todas as crianças, adultos e idosos vítimas fatais do COVID-19, lamentar as famílias que vivem e tentam dentro do possível elaborar o luto. Qualquer coisa diferente disso, talvez fosse uma extrema insensibilidade da minha parte, e é urgente que a gente não pare nunca de se inconformar e se deixar afetar diante do absurdo.

****** *n_027**

Sinto falta da antiga rotina. Há quase 3 meses não sirvo mais estranhos, não vejo mais a cidade e não frequento mais meu curso de psicologia presencialmente. Não cantarolo mais distraída pelas escadas do metrô, nem caminho lento, por mais que esteja atrasada. Já dizia Rosa, conhecida minha, “atrasado é quem não vai”. Às terças de manhã, já não passo mais sufoco no busão, esbarrando acidentalmente em estranhos com a nada prática malinha de sanfona nas costas, tentando chegar à catraca; nem volto trocando ideia com Seu dos Anjos, cobrador da linha 778J_10, que virou amigo nessa saga de carregar o instrumento. Sinto falta de dançar sem hesitar o contato com outros corpos; sinto falta de outros corpos. Falta do toque, do afeto, de carinho. Sinto falta de me sentir estudante, amiga, companheira, irmã, passageira e, para minha surpresa, até de ser garçonete. Não sei se é questão de energia, de santo ou orixá; não sei se são os astros, se é sorte, bem-me-quer ou azar no jogo: sei apenas que, por aí, me sinto bem acompanhada. Me sinto uma pessoa muito privilegiada no que concerne ao campo dos afetos. Contudo, nas últimas semanas tenho me sentido muito filha. Apenas, filha. Ao meu jeito desajeitado, tenta impor ordem; à lentidão, antes com trilha sonora, pressa e às terças feiras, érhh... que dia é hoje mesmo? Por muito tempo senti e, por vezes, sinto, que os limites entre mim e o outro, aqui em casa, são turvos. Como se eu sentisse minhas faltas percebidas como falhas e experimentações como excessos. A casa é espaçosa, mas ainda assim, às vezes sinto falta de espaço. Domingo, sentindo não estar cabendo mais em mim, cortei meus cabelos. Tem sido curioso reparar o quanto em momentos críticos, deixo cair uns fios. Saí do quarto e fui recebida com um tal de “o que você fez, por que fez isso?”, para cá, “por que não pediu ajuda?”, “cortou feio de propósito?”, para lá. Clarice começa a epígrafe de algum livro seu, que agora me foge a memória, falando sobre uma alegria difícil. Cortar o cabelo para mim diz sempre sobre uma alegria difícil. Mas ainda assim, alegria. Sinto falta da cidade grande, mas logo lembro: a casa é espaçosa. Há espaço para o encontro e para o desencontro; é possível colocar limite, mas também intersecção. A casa é espaçosa. Que privilégio poder sentir falta de quem e do que amo, podendo estar em casa; que privilégio poder me recolher nos momentos em que a convivência aperta e poder aproximar nos momentos em que preciso de carinho. Talvez eu sinta falta, mas nada me falte tanto assim.

****** *n_028**

Estamos vivendo um dos maiores períodos de negligência, descaso e falta de cuidado com a população brasileira já visto, eu mesma, ao longo desses 24 anos tenho certeza que não vivi nenhuma realidade tão violenta para com o povo brasileiro que nem essa. O estado, que em tese possui a função de manutenção e conservação de um bem-estar social, se apresenta completamente aquém de suas obrigações. Pensar a existência de uma política pública como o CRAVI me gera sentimentos contraditórios. O mundo que eu gostaria de viver não consta um ciclo de violências, o ideal seria que ninguém fosse vítima de um crime violento e, dessa forma, não precisaria

existir um serviço de acolhimento para essas pessoas. Mas é importante lembrar que o ideal não dialoga com a realidade e transformações só são possíveis quando a gente tem competência de reconhecer e vontade de melhorar o mundo tal como ele se apresenta. Sendo assim, uma política pública como o CRAVI se mostra como uma poderosa ferramenta na garantia e exercício dos direitos cidadãos bem como uma forma de cuidado, que proporciona acolhimento, escuta e apoio às vítimas e/ou familiares de vítimas de violências. Na aula ministrada pelo Bruno me marcou muito o quando ele reafirmou a necessidade de que seja de conhecimento popular os serviços do CRAVI, a divulgação de uma política pública como essa, instrui, reafirma os direitos dos cidadãos e em alguns casos, como ele apresentou em suas pesquisa “Uma experiência de atendimento psicanalítico de grupo para familiares de vítimas de homicídio”, também se mostra como um meio de elaboração do luto, além de promover reconhecimento e possíveis superações dos ciclo de violência. Por fim, acho que vale ressaltar que apesar de estarmos vivendo esse período de negligência, descaso e falta de cuidado para com a população é importante saber que existe um lugar como o CRAVI, que está à disposição da população, que busca superar os obstáculos impostos e proporciona conforto, acolhimento, escuta e instrução de forma didática e gratuita àqueles que se encontram vulneráveis e fragilizados de alguma forma. É de suma importância existirem lugares que nos lembrem que não estamos sozinhos.

****** *n_029**

O filme *Negação* trabalha a questão do Holocausto de forma muito sensível e respeitosa, mas acredito que o principal ponto do filme extrapola questões exclusivas do holocausto. Durante todo o enredo, a atriz principal problematiza o poder existir dois pontos de vista sobre algumas verdades que são incontestáveis. Isso se aplicaria a existência de câmaras de gás ou não nos campos de concentração, na discussão de nazismo ser de esquerda ou de direita, na proporção da crueldade do racismo no Brasil, entre vários outros exemplos de fatos que tem tido sua veracidade questionada. A grande problemática de relação humana pode ser conflituosa históricas a ponto de elas caírem no exercício da dúvida, a meu ver, é que isso encobre a real gravidade dos fatos, inviabiliza o reconhecimento das consequências históricas que episódios como o Holocausto, como as ditaduras latino-americanas, como a escravidão tiveram e libertam seus causadores da responsabilidade de seus feitos. Nos últimos tempos a relativização da história tem acompanhado o debate político na sombra da argumentação da liberdade de expressão. O filme termina dando uma aula a respeito desse embate. A liberdade de expressão é fundamental e precisa assim, ser preservada de alguns abusos. As pessoas têm sim o direito de falar o que elas pensam, isso não quer dizer que mentiras serão toleradas ou, ainda que, as pessoas falarão o que quiserem sem serem responsabilizadas por isso.

****** *n_030**

Foi muito interessante e enriquecedor o encontro *online* com o Bruno, coordenador do CRAVI, e o contato com o material disponibilizado por ele. Não só porque aprendi mais sobre esse programa, mas também porque entendi melhor o quanto se faz necessário um apoio efetivo às famílias vítimas da violência que acomete o Brasil e o quanto esse serviço ainda é escasso. Vivemos num país racista e extremamente violento, mas parece que somente agora conquistou a liberdade de se falar sobre isso abertamente e de chamar as coisas pelos nomes que elas têm. Pode ser uma impressão minha, mas antes parecia que a violência policial — em sua maioria, praticada contra negros — não era algo que ganhava a atenção pública ou que era efetivamente denunciada, entretanto, isso tem mudado — e ainda bem. Essa foi uma das questões que mais chamou a minha atenção a partir do que foi exposto e lido, e também, nos últimos dias, devido a onda de manifestações contra o racismo. Faço essa relação não só porque as vítimas atendidas no CRAVI são em sua maioria mulheres negras e periféricas cujo filho/ marido foi assassinado, mas também porque as manifestações servem para que se dê voz a quem sempre foi reprimido e eliminado, ou seja, para que se ressoe a voz das vítimas e é a isso que o CRAVI se propõe. Por fim, a partir da leitura do material que nos foi disponibilizado, me refiro principalmente ao artigo do Bruno, que expôs com mais detalhes os relatos das vítimas atendidas em grupo – e do contato que tenho tido com a repercussão das manifestações que ocorreram nos últimos dias acredito que seja minha obrigação como cidadã, estudante de Psicologia e mulher branca entender como posso atuar na sociedade de modo para que eu não corrobore com o que sustenta essa violência e para que essas famílias tenham seu sofrimento legitimado e elaborado.

****** *n_031**

A semana termina com o famoso dia das mães, dia esse que normalmente praticamente todos estariam reunidos com a mãe e aproveitando o dia, o que não é o caso desse ano, afinal estamos no meio de uma pandemia. Acordo sem me lembrar desse fato só penso em digitar um texto para mandar a mim e fazer os trabalhos necessários para faculdade. Antes de fazer minhas obrigações fui procrastinar um pouco entrando no Twitter para passar um tempo antes de acordar de fato, quando me deparo com o primeiro Twitter com os dizeres: “se você está passando esse Dia das Mães com sua mãe você é privilegiado sim”. A frase sendo praticamente um meme na internet com inúmeros formatos do padrão “se você alguma coisa, você é privilegiado”, me atingiu de forma que eu não esperava e me deixou refletindo sobre aquele dia. Para amenizar toda situação eu deveria fazer algo especial nem que fosse somente uma carta bem escrita e honesta que foi exatamente o que eu fiz, as circunstâncias do mundo não podiam ser piores, mas mesmo assim acredito que no final tudo está se encaminhando aos poucos para um fim.

****** *n_032**

Estamos vivendo tempos turbulentos e difíceis. Um vírus tomou conta do mundo, matou milhares e nos prendeu em casa assustados, com medo, inseguros, sem muitas certezas e perspectivas. O nosso país vive uma das maiores crises políticas da história, temos como presidente um homem com ideais fascistas, racistas e misóginas. Em Minneapolis, George Floyd foi violentamente assassinado por algo que, infelizmente, é visto e revisto na nossa sociedade, uma brutalidade contra pessoas pretas por parte de policiais autoritários, violentos e racistas. Da mesma ordem, porém mais perto de nós, tivemos a morte de João Pedro e sabemos que outros muitos perderam suas vidas da mesma maneira. Dentro deste contexto de atrocidades, assistir ao filme *Negação* foi ainda mais revoltante, agoniante e triste. Todos nós sabemos que existem pessoas neonazistas, antissemitas, fascistas e outros diversos grupos de ódio e intolerância, porém abrir os olhos para essa realidade, pelo menos para mim, não é, e nunca será, algo tranquilo. O filme me despertou diversos sentimentos como indignação, ódio e revolta. Estamos vivendo há algumas semanas uma luta intensa antirracista que tem como objetivo aumentar o volume de vozes pretas e conscientizar as pessoas de atitudes que devem ser tomadas de uma vez por todas e eu tenho esperança de que esse movimento faça alguma diferença. Movimentos dessa ordem tem que acontecer em outros âmbitos também, pessoas como David Irving, representado no longa metragem citado aqui, não podem passar desapercebidos e nem impunes. Negar o Holocausto é muito mais do que uma opinião pessoal, é uma agressão às milhões de pessoas assassinadas e àquelas que sobreviveram à essa marca sangrenta e dura da história do nosso planeta. É um ato de violência aos judeus, negros, homossexuais, comunistas, deficientes e outros vários grupos étnicos, políticos e sociais que foram violentados, assassinados, explorados. Ao contrário do movimento feito para dar voz às pessoas pretas, para os neonazistas, fascistas, misóginos, negadores do Holocausto e outros grupos de ódio e intolerância, o movimento deve ser o de mutar a voz, afinal de contas, a voz dessas pessoas fere e as ações assassinam e violentam. É triste e inaceitável que essa realidade ainda exista e de forma tão grandiosa quando vemos os números. A luta não para e a intolerância será sim combatida com intolerância, por mais que seja um paradoxo, é o único jeito possível de acabar com essa atrocidade que vemos em nossa sociedade e combater ideais que matam milhões.

****** *n_033**

Quando eu era pequena, uma das minhas tias, pela qual tenho muito carinho, sempre me falava que para ser feliz nessa vida era preciso ser mãe, plantar uma árvore e escrever um livro. Desde que me entendo por gente ela é mãe e sabendo que a minha família teve sítio por muitos anos me dei a liberdade de assumir que a árvore já foi plantada a muito tempo. Pois bem, chegou o momento do livro. Quando em 2012 minha tia teve um câncer de mama, se frustrou muito por não conseguir encontrar uma literatura que falava sobre essa experiência sob uma ótica não médica, não academicista, foi aí que ela decidiu escrever o tal do livro, para contar o que significava ter câncer na percepção do paciente. Todos os capítulos deste livro começam com trechos de música, um em especial se inicia com o primeiro trecho da música Felicidade do Marcelo Jeneci: “Haverá um dia em que você não haverá de ser feliz, sentirá o ar sem se mexer, sem desejar como antes sempre quis, você vai rir, sem perceber, Felicidade é só questão de ser, quando chover, deixar molhar, pra receber o sol quando voltar.” Esse capítulo especificamente relata todos os momentos divertidos do processo de cura e exalta que apesar de todo o peso e sofrimento da doença existiram momentos em que ela foi feliz. Tenho pensado muito

sobre esse capítulo do livro. Longe de mim querer propor enxergarmos o lado bom da pandemia, o lado bom da quarentena. Acredito que assim como em um câncer não existe lado bom nessa situação. Bom mesmo seria se nunca tivesse acontecido. A questão é que assim como a doença, o isolamento social configura uma parte de nossas vidas e apesar de causar muito sofrimento, aflições, medo, angústia e ansiedade, nós que não estamos contaminados e não estamos trabalhando ativamente no combate da pandemia temos a possibilidade de vivenciar algumas coisas que extrapolam essa temática, essa angústia, mesmo que por um período curto. Acredito que esses pequenos momentos de alegria e de prazer merecem ser registrados, contados, exaltados, para que seja possível pensar que existem instrumentos para lidar até com os piores cenários, que existem pessoas, atividades, lugares e humores que se colocam a nós como fontes de acolhimento e conforto e permitem, mesmo que em um intervalo curto de tempo, nos desconectarmos um pouco da realidade**. Por isso quero exaltar todas as vezes que nesses últimos 40 e poucos dias eu pintei de aquarela, preparei um jantar em família, ri até a barriga doer, revi fotos antigas, cochilei na rede, hidratei os cabelos. Um viva especial a todos os livros que li e filmes que vi e um ainda mais especial àqueles que não li nem vi. Por conta deles tenho fuga da realidade e do tédio garantida até morrer. Fica aqui registrada a relevância de todas essas coisas que promovem um pequeno descanso da loucura que é estar neste mundo agora.**

****** *n_034**

Esperança equilibrista. Parece que tem sido cada vez mais difícil ter esperança. Às vezes me pego pensando que é ingenuidade esperar por um mundo melhor, quando somos bombardeados por tantas notícias ruins. Na última semana, diante do caos que nos assola fomos acometidos também pela banalização do mal, nas palavras de pessoas que deveriam ser nossos líderes me refiro ao presidente e à secretária de Cultura, cujos nomes me recuso a citar. Vivemos tempos difíceis que nos exigem muito. Muito silêncio interno pra suportar o barulho ensurdecedor de fora e vice-versa. Muita resiliência e esperança. Que continuemos a nos chocar com as falas absurdas daqueles que por ora estão no poder. No dia em que pararmos de nos chocar, aí sim será mais preocupante. É hora de reforçar a esperança equilibrista que mora no nosso interior.

****** *n_035**

Ilusão ou privilégio? Tenho sentido falta de me sentir livre. Tem sido difícil continuar em casa, quando a alma jovem quer sair por aí, para se encontrar com o mundo – e com o que ele tem para mostrar. Ao mesmo tempo, me sinto segura em casa e isso é um enorme privilégio num país desgovernado e desigual como o Brasil. Num país em que no dia em que a doença atinge 11.000 mortes, o presidente passeia de *jet ski*. O país em que as classes média e rica "sofrem" com o tédio, enquanto a classe pobre passa fome. Talvez a liberdade seja uma ilusão e só mais um privilégio.

****** *n_036** — Crônica O mercado

A ida ao mercado nesses tempos de coronavírus sempre é uma questão para todos aqui em casa, a ansiedade já começa a crescer com a lista do que está faltando sendo feita. Arroz, feijão, cogumelos, queijo. À medida que a lista aumenta fica mais próximo o momento que deixa todos nervosos: a saída em meio em quarentena para ir em local fechado com outras pessoas dentro. É estranho pensar como uma situação tão comum e, às vezes, prazerosa para alguns, como eu, se tornou uma situação de quase pânico. Quando se chega ao mercado o medo de encontrar alguém no mesmo corredor é iminente, e se encontra outra pessoa se faz o máximo para manter uma distância mínima de um metro. Antes era depositado certa calma e tempo para a escolha dos itens de casa, observando o que tinha no mercado com uma lista apenas para guiar as compras. Agora a lista é o grande delimitador, não tendo mais tempo para ver os outros produtos fora dela, até porque o que mais se quer é sair o mais rápido possível daquele ambiente. E não é um sentimento individual, parece que me vejo nos outros ali comprando, os sentimentos de medo e vontade de sair dali são mútuos. Nunca estivermos tão perto e tão longe dos estranhos no mercado. **Na fila do mercado me vem à cabeça a coragem de todos ali que estão trabalhando, e depois me passa que em sua maioria talvez eles não tenham essa opção, de qualquer forma, eu me sinto muito agradecida. Nunca estivermos tão próximos e tão longe dos trabalhadores do mercado.** E, quando achamos que tudo isso acabou

que finalmente só daqui a duas três semanas para esse processo se repetir, o chegar em casa nos lembra todo o processo de higienização que vai ser preciso fazer, e, enquanto um banho não é tomado e tudo higienizado a paz não chega. Nem mesmo quando voltamos ao dia a dia, pois somos lembrados por alguns produtos comprados errados ou esquecidos pela pressa e temor que nos cega. **É louco ver como as situações mais comuns e corriqueiras do nosso dia a dia podem virar um dos principais e mais difíceis eventos do cotidiano a depender da conjuntura. E em uma conjuntura como essa, até uma ida ao mercado nos lembra nossa própria fragilidade e impotência.**

****** *n_037** — Crônica Viagens

Dentre muitas coisas que esse novo vírus nos tirou uma das principais foi o ir e vir livremente, a ida à casa dos amigos, à faculdade, ao restaurante, ao barzinho, e principalmente delimitou por muito tempo viagens. Mas recentemente eu redescobri o que é viajar sem sair do lugar. Eu digo redescobrir porque dentro do nosso dia a dia de correrias fazia tempo que eu não me deleitava sobre um livro, nunca tinha um espaço no meu tempo concreto para leituras por prazer, ficava sempre entre um texto da faculdade e outro, cozinhar, faculdade; coisas que sempre vinham em prioridade dentro de uma rotina muito corrida na cidade de São Paulo. E eu nunca fui dessas que ler dentro do metrô porque gosto de ler com calma e quando me empolgo para ler gosto de ficar até não conseguir mais, coisas que em situações de transporte público não permite. Mas recentemente, com mais tempo e menos correria no fazer das coisas, resultado da nossa conjuntura atual, uma abertura para um retorno profundo de leituras foi feita. Dentro disso, para mim foi quase um paradoxo porque essa pandemia me devolveu uma coisa que eu achava que tinha perdido: viajar por outros mundos, perspectivas, pontos de vista e realmente estar presente dentro disso, porque entre um texto ou outro da faculdade são poucos que nos tocam a fundo, que nos tiram da posição de aprendizagem acadêmica. Não sei se coincide muito com a vontade de não estar presente nessa realidade de coronavírus ou se isso foi apenas uma justificativa para que eu pudesse retornar a viajar. De qualquer forma, fico feliz com as voltas pelos mundos que dei. Tudo começando com a distopia sem livros e liberdade de *Fahrenheit 451* no qual várias reflexões foram propostas como trabalho matéria de psicopatologia. Logo depois, entrei em contanto com a Grécia antiga até as aulas de hoje de psicologia, no livro encontrado marcado com a loucura. Fui então parar em porão da Inglaterra junto com estranho Clegg que capturava seu principal troféu da coleção, Miranda. Esse colecionador trouxe duas narrativas opostas e intrigantes, dentro daquele convívio forçado por parte de Miranda e desejado por parte de Clegg. Não é à toa que colecionador inspirou tantos outros livros. De repente me vi na França, me questionando sobre minhas próprias insignificâncias, se tudo realmente precisava ser tão complicada, mas sem elas no dia a dia que sentido à vida teria também. Me senti na própria festa de insignificância, uma passagem rápida, mas marcante. Milan Kundera sempre consegue fazer isso comigo. Voltando à Inglaterra me deparei com uma releitura atual da peça *A tempestade* de Shakespeare, aprendi muito sobre teatro e sobre vingança, e que custas as vinganças podem ter, e no final foi uma experiência sobre começar de novo. Agora estou embarcando em uma viagem mais profunda que me fez retomar todas essas viagens: para o subjetivo da mãe de Kevin, menino que cometeu um massacre na escola. É difícil as vezes adentrar, mas quando acontece estou há horas lendo e vejo o quão longe eu fui. É interessante pensar o quão longe você pode ir sem sair do lugar. Fazia tempo que eu não me permitia a fazer isso, e é engraçado pensar como em momentos que não podemos literalmente ir e vir, nos abrem portas para outros lugares. Não sei ainda qual é a próxima parada, mas me anseio por ela.

****** *n_038** — Crônica O olhar da janela

Em contexto de coronavírus as interações sociais estão bem diferentes e eu sempre me questiono se isso é nova forma de interagir ou se existe uma volta para o que era. Se existe uma volta para o que já foi um dia, não acredito que vai ser da mesma forma, apesar de ser uma das coisas a qual eu me apego todos os dias, a vontade de interagir com todos. Acredito que ninguém vai ser mais o mesmo, e, como todo momento de mudança vai ser demorado para elaborar, para voltar entender o que é abraçar alguém sem ter que se higienizar ou mesmo está a menos de um metro perto sem máscara. Sonhamos com isso, todos os dias, mas em que futuro isso se encontra? Incerto. Por enquanto nos apegamos aos meios tecnológicos para tentar suprir as trocas sociais que tínhamos antes. No começo, principalmente, era uma febre se ligar todos os dias e falar sempre com os amigos, até porque todo mundo estava a flor da pele. Mas tecnologias cansam muito para mim. Aulas a distância, tarefas de casas para fazer tomaram todo o espaço tecnologia, então, que espaço teria para conversar com amigos? Não existe mais paciência para ficar na frente do computador ou celular. Além de que, a

relação é mais impessoal, eu não consigo ficar muito tempo de frente de um computador ou celular, não é a mesma sensação que estar junto, não tem aquele calor humano. Então tudo tem ficado mais frio, o uso do celular cada vez menor até porque não tem córneas que aguentem. A interação fica muito fechada as pessoas da casa, e não que não seja relações de qualidade, mas existem sempre uma falta existencial na gente que faz querer os outros pertos também. Então dentro das possibilidades eu me pego olhando para a janela, olhando o que as pessoas no prédio da frente estão fazendo, eu sinto como se elas estivessem compartilhando comigo aquela rotina. Até porque sinto nisso uma reciprocidade, sempre tem alguém olhando para cá também. O olhar da janela se torna uma nova interação do momento, as vezes damos “tchauzinho” um para outro, gritamos juntos “Fora Bolsonaro”, “compartilhamos” jantares e almoços. As vezes aparece alguém no topo do prédio fotografando a cidade. Esse olhar dá uma aquecida nesse frio de São Paulo e tecnologias. Não que todo dia eu não tente um pouco falar com todos que eu sinto falta, mas tem dias que é difícil, acho não existe tanta energia para conseguir fazer as coisas da casa, obrigações EAD e ter um tempo para si mesmo e para os outros da casa, e falar com outros pelo face time**. Pelo menos esse olhar na janela, principalmente no pôr do sol, traz uma lembrança do que é estar junto com outros, aquele calorzinho gostoso de que estar junto de quem a gente gosta.**

****** *n_039**

Eu tenho uma prima de 8 anos, a qual sou bastante próxima. B. estava ficando alguns dias aqui em casa pois seus pais estavam se adaptando à nova rotina de trabalho e, nesta quinta_feira, meu tio veio a pegar e aproveitamos para ter um jantar em família. Por insistência de meu irmão mais novo, acabamos vendo uma parte do noticiário, enquanto a comida estava esquentando, e foi bastante pesado: as notícias retratavam profissionais da saúde chorando por condições insalubres de trabalho, famílias desesperadas frente à perda de entes queridos e um posicionamento claramente desorganizado adotado pelo governo. Nos reunimos para comer e o assunto não foi diferente, ainda estávamos no tema sobre o coronavírus e as vivências atuais que estamos enfrentando. Em determinado momento, minha prima engasgou, entretanto, começou a demonstrar um claro desconforto e foi ao banheiro. No banheiro, ela acabou se forçando a vomitar e, quando saiu, alegou que estava “com medo de morrer” e, por isso, ficou sem saber como agir. Após este episódio, fiquei pensando em como essa questão de morte está nos permeando nesse momento e como crianças estão lidando com isso. Quando colocamos o noticiário e o debate sobre isso, nos esquecemos de como B. era pequena e que, ainda assim, entendia a dimensão da situação.

****** *n_040**

Este foi o dia em que senti as adversidades provenientes do isolamento social permeando a minha saúde mental. Eu trabalho de manhã, como auxiliar de sala em um colégio particular, e estudo integralmente no período vespertino. **Desde pequena aprendi que sempre teria que dar conta de tudo, não havendo outra alternativa: ou eu dava um jeito ou eu dava um jeito.** Desde o início do isolamento social, me dedico 100% para o meu trabalho, o qual eu gosto muito, e se há tempo ou energia, consigo estar minimamente presente nas aulas. **Hoje acabei cometendo um erro em meu trabalho. Erros acontecem e todos estão suscetíveis de cometer, entretanto, para mim não existe essa possibilidade.** Assim que percebi, fui o relatar para a professora que trabalha comigo, a qual admiro tanto, através de um áudio chorando descontroladamente. Ela pediu para que eu me acalmasse e me deu vários caminhos para a solução. Resolvi e mandei um e_mail para a coordenação, contando o que havia acontecido. **O que dessa questão me pegou foi a minha reação inicial: taquicardia, desespero e um choro que durou 1 hora, ininterruptamente. Na minha cabeça apenas passava um monólogo falando: “é por isso que você não deve ser tão segura de si” e “viu?** Não leva à sério os elogios que te fazem!” e minhas mãos suavam frio. Em vinte anos, eu nunca havia me visto daquele jeito apesar de já ter vivenciado momentos de maior tensão e consequências mais ríspidas. Ao retomar minha respiração, percebi a ironia: como vou cuidar do meu trabalho e oferecer o meu melhor se estou em meu pio? **Tenho planos futuros de não exceder minha carga horária de trabalho e reservar um tempo diário para mim mesma.**

****** *n_041**

É muito curioso o fato da pandemia nos impôr a necessidade de nos reinventarmos naquilo que sempre nos pareceu cotidiano, visão sustentada pela correria do dia a dia. O tempo em casa se estendeu e, com ele, houve transmutações até naquela garrafa de plástico que antes era lixo: agora pode vir a ser uma proposta de artes, como um boliche caseiro. Procurei investir meu olhar em aspectos que, anteriormente, passavam despercebidos. Desde que o isolamento começou, algumas boas horas por dia passaram a sobrar. Prometi a mim mesma que não ia esquecer as plantas da varanda. Passei a as regar cuidadosamente. A samambaia, que ameaçava a predominância de um tom amarronzado, hoje está em um verde_bandeira intenso, vivo. Até uma orquídea que eu nem sabia que era uma orquídea floriu. E ainda há uns botões para abrir. Fiz um curso *online*, durante o final de semana, sobre como cultivar uma horta em casa. Já coloquei a mão na massa e estou no processo de (re)plantagem de uma cebola: utilizei a cebolinha que nasceu para preparar o jantar de hoje à noite para a família.

****** *n_042**

Na quinta-feira, dessa semana, estava decidida em apresentar um trabalho da faculdade sozinha. Em diversos momentos prévios, tentei recorrer ao grupo para que, em conjunto, construíssemos uma apresentação sobre vivências de sofrimento e prazer no contexto de trabalho do docente, sem sucesso de resposta. Ao me aprofundar mais sobre o assunto, observei que os professores se utilizavam de estratégias de mobilização subjetiva/coletiva para ressignificar representações simbólicas que haviam construído sobre situações dentro do trabalho, com objetivo de transformar o sofrimento em prazer e bem-estar. Pesquisando mais sobre o tema, me lembrei do meu fazer presencial, principalmente, com os meus colegas na sala dos professores: era incrível como o assunto fluía em apenas 15 minutos de intervalo, com o café que ficava frio e deveria ser “engolido” antes de voltar para o pátio. Desde o começo da quarentena, sinto muita falta das crianças mas, esse momento de acolhimento e risada com os meus colegas de profissão, fez meu peito apertar nesses momentos em que a parceria se faz necessária. Quinta-feira, 13:30 da tarde, nosso trabalho começou. Após minha extensa fala, fiquei sem palavras ao ouvir uma articulação tão bem construída que o restante do grupo havia preparado na noite anterior. Eu não teria conseguido fazer um trabalho tão bem correlacionado como aquele… Em momentos como esse, enxerguei a real necessidade de compreensão acerca do tempo do outro e da maneira de ser no mundo, visto que precisamos ir juntos

****** *n_043**

Desde 2018, desenvolvi um hábito de, periodicamente, fazer apenas uma refeição por dia. Nunca achei que havia relação com o conflito entre auto_imagem e a estética idealizada socialmente e, então, esse mecanismo acabou se tornando mais frequente, chegando a ocorrer algumas vezes em uma semana. Durante a pandemia, continuei fazendo sessões de terapia com a minha psicóloga e este é o tema que mais temos trabalhado, juntas. Quis usar, brevemente, esse espaço para compartilhar onde conseguimos chegar nessa semana: parece que, desde pequena, aprendi que, para que eu consiga fazer algo e para que este algo seja perfeito, eu preciso que esse processo seja sofrido para mim mesma. Inconscientemente, percebi que, fazer um relatório se torna muito mais dolorido quando se está com fome… Não uso apenas da fome como também da falta de sono e sobrecarga de trabalho (geralmente faço muito mais do que me pedem e acabo transgredindo meu limite). Queria deixar registrado que, de certa forma, esse diário está sendo terapêutico para mim, me colocando em um espaço que nunca havia ocupado antes.

****** *n_044**

Diante do momento atual, jamais experienciado pela maioria de nós, observo as ruas e as minhas atividades e só consigo pensar que parece que estamos sobrevivendo a um apocalipse. Um apocalipse porque quanto mais escuto as notícias, quanto mais escuto o presidente do Brasil comentando a pandemia, mais ansiosa fico. Esta pandemia tem balançado com a saúde mental de todos, desde as minhas amigas que estão prestando vestibular quanto as que já trabalham e fazem faculdade. Me sinto ansiosa pois tenho acesso às informações dos outros países e sei o quão ruim podemos chegar. Tenho medo de sair na rua até para ir só no mercado, porque as pessoas não estão respeitando o espaço um dos outros, não estão tomando os devidos cuidados e enquanto os

números só crescem, nosso presidente está andando de jet-ski, querendo que se abram comércios, salões de beleza e academias. Me sinto em um apocalipse também porque observo que, por muitas vezes, as pessoas pararam de respeitar as leis de trânsito, pessoas estocando comidas e produtos, deixando faltar para outros. O quanto o egoísmo das pessoas e a ignorância estão mais fortes do que nunca nessas situações. Pessoas influentes na internet estão saindo, furando o isolamento e até dando festas! É um momento de recolhimento e quanto mais as pessoas saem mais acham que podem sair e isso só acaba adiando o dia em que poderemos sair de casa e voltar à normalidade. Quanto mais eficaz o isolamento for, mais desnecessário ele parecerá, mas não é inútil. Porém fica difícil com um presidente que não liga para o seu país e se disfarça de pessoa do bem.

****** *n_045**

Cor e luta é engraçado que o preconceito que já vivi por ser descendente de japoneses não foi sempre evidente. Algo que gosto de colocar é que não se trata de um racismo estrutural, de uma sociedade que oprimiu e desumanizou um povo por séculos, como aconteceu com a população negra, mas é uma questão que permeia uma sociedade em que tudo além do branco é visto com outro olhar, um olhar intolerante, que acaba configurando uma vivência diferente, baseada em estereótipos, preconceitos e micro agressões, gerando um impacto na formação subjetiva e interpessoal, na qual sou constantemente colocada como estrangeira no meu próprio país. Desde pequena, frequentei ambientes em que a quantidade de descendentes de asiáticos era muito pequena e, com isso, sempre fui tratada com um certo olhar com estranhamento, e com as milhares de perguntas: “você veio do Japão?”, “você come sushi todo dia?”, “você fala japonês?”, e etc., assim como apelidos de variadas formas, incluindo japa, japinha, Xing Líng, entre outros. Era algo que me incomodava, mas eu não percebia. Não percebia, inclusive, o porquê de eu querer sempre me embranquecer, de me incomodar quando falavam que era mais japonesa que a minha irmã, de não querer me encaixar no estereótipo que me colocavam constantemente, seja sobre falar japonês, seja sobre andar apenas com japoneses (“que andam grudadinhos que nem arroz”), seja de reconhecer esse lado que faz parte tão grande de mim. A questão é que eu não me enxergava como racializada, enquanto o resto do mundo nunca me viu como branca. Com isso, vem uma insistência no encaixe, no embranquecimento, na negligência em problematizar e rebater o discurso xenofóbico. Sendo mulher, o estereótipo sempre esteve entre a “nerd”, figura de inteligência, e a figura fetichizada. Estar em uma posição dessa, acaba por fazer com que se acredite que esse é o lugar em que você deve estar, que você merece estar na submissão, na fantasia alheia, na exoticidade e nunca no mesmo patamar de uma mulher branca. Foi só quando eu estava no Ensino Médio e fiz mais amizades com outros descendentes de japoneses, que percebi que vários incômodos que eu tinha, e nem sabia colocar em palavras de onde vinham, eram compartilhados por outras pessoas, e que se tratava de algo que extrapolava a minha vivência individual. Isso foi muito importante para que eu começasse a, não só reconhecer minha descendência, mas a valorizar também. Semana passada, um grupo da minha sala apresentou um trabalho sobre intolerância à imigração, se referindo principalmente a imigrantes japoneses e seus descendentes. Foi impressionante assistir às pessoas se dando conta de que essa experiência de intolerância sequer existia. Esse discurso é tão naturalizado, que nem mesmo meus amigos brancos, que vieram depois da aula admitir um certo embaraço quanto a sua insciência no assunto, jamais perceberam suas ações e palavras que ajudavam a propagar e o sustentar. A minha própria mãe, que é branca, tem dificuldades em entender as experiências dos seus três filhos e, meu pai, nissei, desenvolveu seus próprios mecanismos de defesa em relação a isso. O cenário da pandemia certamente está sendo um momento em que o preconceito fica ainda mais evidente. Seja pela insistência em culpar a China pela disseminação do vírus por presidentes como Trump e Bolsonaro, ou no aumento da violência contra descendentes de asiáticos ao redor do mundo. No, entanto, mais recentemente, outro acontecimento envolvendo relações raciais tomou conta do mundo: George Floyd, assassinado pela violência policial racista do Estados Unidos. Esse caso, devastador, assim como o caso de João Pedro no Brasil, são exemplos de uma violência cuja perpetuação, de nova e rara, não tem nada. Fazem parte de casos que acontecem cotidianamente, mas com menos repercussão. Um artigo, publicado no dia 5 de junho, na *Revista Subjetiva Médium*, chamou minha atenção. Seu título: *Reflexões asiáticas sobre o caso George Floyd*. O artigo aponta o simbolismo por trás da cena que brutalmente tirou a vida de Floyd: um policial branco asfixia um homem negro, enquanto um policial asiático observa, calado e passivo. É destacado que há um histórico de inação dos asiáticos frente à violência contra as outras pessoas racializadas, pois, com isso, nos foi concedido o privilégio de sermos “tolerados” pela branquitude. Em nome de uma ínfima “passabilidade branca” (veja que, eu mesma, sou registrada como branca e, só recentemente, passei a me declarar como amarela), que permitiu o acesso a postos negados para outras pessoas racializadas, acabamos por, coletivamente, reproduzir um discurso racista. Apesar disso, o artigo também ressalta que, na

situação de resistência à violência policial contra negros e a outras pessoas racializadas, os movimentos de liderança asiática acabaram tendo uma repercussão considerável. Sendo assim, nos cabe somar à luta (e não tomar uma posição protagonista) antirracista, assim como questionar ativamente e lutar contra um discurso intolerante que serve à branquitude.

****** *n_046** — A política e a mito de Hidra

Para a mitologia da Grécia Antiga, Hidra (filha de Tiphon e Equidna) era conhecida como sendo um monstro metade mulher e metade serpente, da cintura para cima, e que vivia no pântano de Lema. Mas não tinha apenas uma cabeça de serpente. Eram várias. As histórias mais humildes falam em sete, enquanto as mais épicas, em mais de mil! E para piorar a situação do caboclo, quando cortados, esses membros podiam se regenerar e, quiçá, até se duplicar; sendo que até seu cheiro era extremamente fatal. Pois bem, o galã daquela época, o tal do Hércules teve como a segunda de suas doze missões matar de uma vez por todas essas bestas. Então lá foi ele com seu primo Lolao. Contudo, logo descobriu que não era tão fácil matar esse ser, dada suas capacidades regenerativas. A solução foi queimar cada ferida onde Hércules decepava uma cabeça, a cicatrizando; impedindo, assim, uma nova cabeça de nascer. Somente dessa forma foi possível vencer o monstro. E é assim que anda a democracia brasileira hoje em dia: um ser monstruoso, cheio de cabeças. E, por mais que nunca tenha visto com bons olhos – maravilhados Mandetta e Moro, me assusta os ver saindo. E isso compartilho com diversos amigos. Essa humilhação política parece que nos assusta muito. Mas por quê? Acredito que sentimos tudo isso pois, tal como no mito de Hidra, sabemos que no lugar de uma cabeça assustadora podem nascer duas, três, piores ainda. E prova disso está na própria ditadura civil militar pela qual passamos anos atrás. De Jânio Quadros fomos para um Jango proibido de presidir e disso, para a ditadura. **E, por fim, é aqui que acho que habita nossa solução para acabarmos de uma vez com nosso mostro autoritário: é preciso cicatrizar as feridas causadas pela ditadura. Mas como? Talvez o primeiro passo venha da própria Psicologia. O Brasil precisa se deitar no divã e rever seu passado.**

****** *n_047**

Jurei a mim mesmo que não falaria mais de política em minhas crônicas para a matéria. Não queria e não quero ser monotemático. Tem muitas outras coisas igualmente relevantes para serem observadas nesse momento traumático. Assim, decidi me engajar mais nas artes. Minha vida desde o início do isolamento fora se tornando cada vez mais pesada: medo por mim, por meus amigos e familiares, pelo coletivo. Preciso ficar mais leve. Resolvi ouvir músicas de diferentes países e épocas. Troquei o livro acadêmico pelo compilado poético de Herman Hesse. Prometi aprender a tocar violão e ingressar nalgum curso breve de teatro quando tudo isso acabar. Mas, infelizmente não dá. Simplesmente é muito difícil de me desgrudar dos sucessivos fracassos políticos que estamos vivendo, ainda mais quando na quinta-feira (08/05/2020), o Brasil presenciou mais um capítulo dessa tragédia, inclusive tocando no assunto das artes. A secretária da Cultura, Regina Duarte, em entrevista ao canal CNN fez um show de horror. Cantou música ligada à ditadura civil militar de 1964, minimizou tortura, relembrou seu discurso de posse onde saldou “o pum do palhaço”... No clímax do seu monólogo, se recusou a ouvir crítica da colega de profissão Maitê Proença. Ficou furiosa ao se dar conta disso. Rompeu com a quarta parede e esbravejou: “Eu tinha tanta coisa bacana pra falar... Vocês estão desenterrando mortos. Vocês estão carregando um cemitério nas costas. Vocês devem estar cansados. Fiquem leves!”. Do ponto de vista psicológico — que inclusive é o objetivo dessa disciplina, acredito que presenciei um dos melhores exemplos de negação. Regina rejeitou ouvir uma crítica de uma pessoa próxima a ela e jogou nos jornalistas e telespectadores toda a tensão e preocupação da crise. Em suma, Regina se recusou a ser Secretária da Cultura nesse momento. Desistiu sem nem precisar dizer isso. Sei que prometi ser mais leve. E realmente preciso. Concordo com nossa Secretária, eu e muitas pessoas estamos carregando um peso mórbido em nossas costas. Mas entre a insustentável leveza de Regina (como escreveu a cartunista Laerte) e o peso da realidade, prefiro a última, na esperança que consiga transformar a mim mesmo e o coletivo para melhor depois disso tudo. Fica a linda frase de um verdadeiro grande artista: “Azar / A esperança equilibrista / Sabe que o show de todo artista / Tem que continuar”.

****** *n_048**

Sobre o retorno às bases seguras. Desde que comecei a me interessar por política, nas passeatas de junho de 2013, passei a notar um avanço gradual de muitas pessoas) e cada vez mais) em direção a uma maior crítica em relação à mídia e à ciência. Frases como “Globo lixo”, “Globo golpista [tanto de esquerda quanto de direita]” e “Nas Universidades só existem comunistas” foram largamente esbravejadas por diversos setores sociais não só em passeatas como também no dia dia. Em minha experiência pessoal cansei de, tarde da noite (retornando de minha segunda graduação na UFABC onde estudo Políticas Públicas), ir para casa acompanhado de motoristas que me perguntavam se em meu curso haviam “muitos esquerdistas, comunistas”... Leva certo tempo até eu conseguir os convencer por a + b de que, na realidade, a Universidade Pública é muito mais plural do que se pensa, e que aprendo muito mais que O manifesto comunista, kit gay, aborto, mamadeira de piroca... Se é que conseguia os convencer. Mas não só os motoristas de aplicativo aderiam a ideais mais ligados à pensamentos conservadores. Nosso Presidente da República, que se diga de passagem, parece acreditar exatamente nessas falsas teorias que buscam deslegitimar instituições como a mídia e a academia e enaltecer outras, como a religiosa. Se tornou hábito para mim, ouvir diversas vezes da porta do meu apartamento a empregada dos vizinhos ouvindo no último volume a rádios religiosas, onde se costuma tocar música gospel. Verdade seja dita. Isso não era algo frequente, mas vez ou outra me deparava com isso, ao passado que tentava a imaginar dançando e cantando junto do rádio. Pois bem, com a deflagração da Pandemia causada pelo novo Corona vírus, e o consequente isolamento social, fomos tomados por enorme desamparo. Não temos mais nenhum controle sobre nosso cotidiano. Esse isolamento pode muito bem durar mais alguns dias como também semanas! Em meio a tudo isso, nosso ainda Presidente da República segue na sua lógica anticientífica, espalhando fake News como bem o interessa. E muitos o seguem! Em diversas regiões do Brasil, as atividades presenciais parecem estar a todo vapor. Contudo, essa postura já não me parece estar tão hegemônica quanto antes. Hoje em dia o ministro mais bem avaliado do governo era o até então ministro da Saúde, o médico Luís Mandetta, que contava com uma aprovação pública na casa dos 75% (muito próxima à de Lula em seus tempos áureos!). E isso se dá justamente por seu caráter mais próximo da técnica e da ciência. Ademais, também li recentemente no jornal Folha de São Paulo que a Rede Globo parece estar batendo recordes em seus níveis de audiência. E isso não se deve somente ao sucesso do BBB — 20, mas também à divulgação constante de informações sobre a COVID-19. E, de fato, parece que as pessoas realmente estão tendo o comportamento nesse momento de se aproximarem mais de notícias veiculadas pela chamada grande mídia bem como das recomendações científicas. Em entrevista recente, e que me marcou muito, o biólogo influenciador digital Átila disse que voltou a assistir televisão após anos sem o fazer, justamente pela maior confiança do jornalismo televisivo em detrimento das notícias de Facebook e WhatsApp. Mas essa postura não vem somente de pós-doutorados em biologia. Segunda-feira (13/04), ao sair de casa para andar com o cachorro, pude novamente ouvir à empregada da vizinha ouvindo seu rádio. Entretanto, dessa vez não me parecia ser a tão rotineira rádio religiosa. Me aproximei da porta para ouvir melhor. Pude reconhecer a voz da jornalista Mirian Leitão (EX-COMUNISTA!!) tecendo fortes críticas ao governo Bolsonaro e sua capacidade de governança nesse momento de calamidade pública. Me surpreendi. Será que mídia e ciência se tornaram nossas novas bases de segurança e apoio? Será que não deixaram nunca de ser, mas apenas permaneciam descreditadas? Será que esse comportamento vai permanecer após a passagem da pandemia? Ansioso, aguardo pelas cenas dos próximos capítulos.

****** *n_049**

E não há melhor resposta que o espetáculo da vida. Hoje peguei no sono mais tarde que o comum. Estou dormindo na sala ao invés de meu quarto. Isolamento familiar dentro do isolamento social. Não tenho facilidade em dormir com o excesso de claridade que bate na sala. Nesse meio tempo, esperando ser levado nos braços de Morfeu para dentro de seu mundo, comecei a ver uma palestra de Contardo Calligaris na qual ele tocava num assunto muito inquietante e bem desafiador para o momento, a felicidade. Entretanto, ao contrário dos livros de autoajuda e dos coachings, o psicanalista não estava lá trazendo fórmulas mirabolantes para se atingir, finalmente, a felicidade. Muito menos que isso. Calligaris nem se deu ao luxo de a defender. Não à toa, o nome de sua palestra era “Felicidade: uma preocupação desnecessária”. E realmente, seus argumentos me convenceram, até porque iam ao encontro de certos pensamentos que já vinha matutando na minha cabeça a um tempo. Num dos casos nos disse que, quando morava e atendia em Nova York — no auge da fama do Prozac — recebeu um paciente que havia acabado de descobrir que seu pai teria apenas mais um ano de vida, devido a um câncer arrebatador. Assim, tendo essa notícia, ele procurara Calligaris para lhe pedir que lhe

recomendasse Prozac como forma de evitar o sofrimento que estava por vir. A partir disso, o psicanalista se questionava: “só temos uma vida e só um pai. Assim, esse momento é único. Ao invés de o viver, o sujeito preferia evitar disso”. Essa frase me fez muito sentido. Me lembrou inclusive a frade do livro *Cartas a um jovem terapeuta* do mesmo autor: “Com seus altos e baixos, imagine nossa vida como uma breve passagem por um circuito de montanhas-russas. Quem atravessasse a experiência anestesiado, sem gritos, pavor e risos, teria jogado fora o dinheiro do bilhete. Tenho ambição, ao contrário, de ajudar meus pacientes a viver de tal forma que, chegando o fim, eles possam se dizer que a corrida foi boa” (p. 211). Assim, acho que nesse momento tive um aprendizado muito revelador. Talvez realmente o sentido da vida não seja a procura da felicidade, uma instância um tanto quanto impossível de ser alcançada. Talvez, realmente, a coisa mais interessante para se fazer durante nossa vida, seja a de a contemplar. E nada mais. O pensamento foi longe... E o sono ficou para segundo plano.

****** *n_050** — CRAVI, Luta Antimanicomial e seu Lacrídio

Durante a semana que passou, celebramos o dia da Luta Antimanicomial (18 de maio). Além disso, nesse mesmo dia, na aula de Estágio Básico I, tivemos a palestra de Bruno Fedri, psicólogo que trabalha no Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), localizado no Fórum da Barra Funda (SP). Apesar do CRAVI não trabalhar especificamente com a questão antimanicomial, ambos os acontecimentos começaram a se entrecruzar na minha cabeça. Após ler o artigo de Bruno, comecei a pensar em tantas vítimas de violência que, na ausência de uma política pública que as acolhesse e as tornasse cidadãos, adoeceram e, por que não, enlouqueceram. Isso começou a me fazer pensar em todos os “loucos de bairro” que conheci e que hoje são personagens importantíssimos da minha mitologia infantil: a mulher que falava com postes, o homem que saia à janela para xingar os transeuntes... Quais violências ao longo da vida será que eles passaram? Entre um e outro, pensei em um que nunca havia colocado nesse lugar: meu avô, seu Lacrídio. Não que ele tenha sido “louco” no sentido psicótico da palavra, nem que tenha sido registrado na vida dele alguma violência policial, por exemplo, pois não o foram. Nunca cheguei a o conhecer, mas sua história de vida sempre me foi contada nos almoços e jantares de família. Nascido no interior, veio com a família (minha avó e meu pai) para cá “tentar a cidade grande”, uma vez que naquela época as indústrias no ABC estavam iniciando seu funcionamento. Assim, logo conseguiu um emprego. Entretanto, lá pelas tantas, numa dessas recessões econômicas do período ditatorial militar, foi demitido. E, pior ainda, nunca mais foi capaz de conseguir um novo emprego. Depois disso, pelo que parece, Lacrídio entrou em depressão, que o levou a um sério caso de alcoolismo, vindo a falecer vítima de um atropelamento numas de suas tantas desventuras pelos bares da região (apesar de que alguns familiares acreditam na hipótese de suicídio), muitos anos atrás, antes da redemocratização. Mas por que relatar sua história aqui? Por que a trazer? Isso se dá pois, com tudo o que vi durante a semana, sua história de vida ganhou novas cores para mim. O que mais me tocou a priori foi me dar conta que meu avô foi, por muito tempo, um desempregado antes do SUS. Em outras palavras, por não ser mais trabalhador com carteira assinada, ele não teve mais, até o fim de sua vida, direito a nenhuma forma de política pública social, assistencialista e até médica. Nem para si e, muito menos, para a família. Não pôde, com certeza, visitar nenhum médico psiquiatra quando de sua depressão, e muito menos pôde relatar a nenhuma pessoa seus sofrimentos, humilhações e violências vividos naquele momento. Isso me trouxe um enorme desconforto interno, pois me colocou de frente para com uma realidade que não só Lacrídio, mas milhões de brasileiros — viveu naquela época: ter as portas fechadas pelo Estado, aquela instituição que desde a República Romana diz respeito, por princípio fundante, a todos os participantes da coisa pública. Ou seja, por não terem acesso à saúde e assistência social e, portanto, à garantia da vida, essas pessoas tinham um *status* extremamente frágil de cidadãos. E é justamente nisso que habita a beleza e justiça da Reforma Psiquiátrica e de políticas como o CRAVI: garantir a todas e todos os que estiverem dentro do nosso território o acesso à alguma forma de auxílio em momentos cruciais de suas vidas. Por fim, mas não menos importante, por que a foto da greve dos sindicalistas do ABC de 1979? Contam as más línguas que uma das poucas coisas que faziam meu avô “sair da sua condição de desempregado” era a de conversar sobre o novo sindicalismo. Ver o e ouvir Lula era algo que o deixava irrequieto, feliz, esperançoso. Mas, novamente, não somente a ele como todos os habitantes do ABC. O sindicalismo nos tornou mais coletivamente fortes e autônomos. E aí habita outra das tantas justiças trazias por políticas públicas como as advindas da Reforma Psiquiátrica e o CRAVI: a garantia que nesse processo no qual passamos pelas instituições de promoção saúde mental teremos reforçadas — ou pelo menos haverá a tentativa de — nossa autonomia e territorialidade; pois, como prova a dialética, saúde, autonomia e território se inter-relacionam e não podem nem devem serem vistos separadamente. Sendo assim, que a luta de tantas psicólogas e psicólogos, como Bruno, se perpetue e que possa auxiliar muitos Lacrídios espalhados pelos rincões de nosso país.

****** *n_051**

Dia 63. É sábado à noite. Dia 60 do isolamento social. Ou seria 63? 42? Perdi as contas. Por vezes, o sábado parece ser quarta-feira e as quintas-feiras parecem domingo. Mais um dia, vamos lá. Entre os pensamentos que rondam a minha mente, o álcool gel está sempre presente, assim como a saudade do olhar no olho, a falta do toque. Tento manter a minha rotina, tarefas domésticas, afazeres acadêmicos, exercício físico, higiene pessoal, alimentação, lazer, era assim antes da quarentena, ou pelo menos é um truque que a minha memória gosta de me pregar. Entre uma procrastinação e outra — afinal, estamos vivendo uma pandemia, tá tudo bem se deixar levar um pouco pela improdutividade, eu acho, a ideia brilhante me acomete. Gosto de acreditar que ela partiu de mim, mas no fundo sei que é só a colheita de horas rolando o *feed* do Instagram, consumindo conteúdo de quem adora fingir — e mostrar, ter a vida perfeita. Pois é, se já era ruim antes, nesses tempos as redes sociais estão mais para concurso virtual de super produtividade. E há quem caia nesse mito. É, eu caí nesse mito. Vejo um anúncio que diz que esse é o melhor momento para construir a vida que você sempre sonhou (é, às vezes só filtramos a informação depois...). Ferrou, parece que cai de vez no tal concurso virtual de super produtividade. **Mais um dia, vamos lá. Início as atividades rumo a minha vida de sucesso, a vida que eu sempre sonhei. Serei alguém produtivo e desenvolverei novos dotes. Tento me convencer que fazer bolos e tortas, assistir *lives* de cantores sertanejos, aprender a pintar um autorretrato, ler um livro por semana e meditar 20 minutos por dia, tudo isso enquanto faço hidratação no cabelo e compro um curso *online* sobre como começar a investir em renda fixa e ganhar dinheiro em meio à crise sempre fez parte da minha rotina. Quem sabe assim não fica mais fácil? Vamos, mente! Me prega aquela peça. Eu bem que tentei, mas jogo tudo para o alto. Frustração. Não deu certo.** O bolo solou, a internet caiu, eu detesto sertanejo, o cabelo está há dias sem ver a água, nem me lembro mais o site do tal curso *online* sobre investimentos e tô mesmo sem nenhuma paciência para meditar. A ideia do autorretrato também não rolou. É sábado à noite. E quando finalmente me rendo ao ócio — produtivo, não estou mais pensando em álcool gel, presidente da república, cloroquina, ministro da saúde, respiradores, curva achatada. Penso que pode ser possível me desligar um pouco, lembrar da vida pré-quarentena, fingir normalidade. Ligo a Netflix na minha série preferida. A cena retrata um encontro de amigos do metrô. Eba, legal, dá para se distrair. Eita, se cumprimentaram com um abraço. Ai meu Deus, ELES ESTÃO SE SEGURANDO NAS BARRAS DE APOIO!!! Cadê as máscaras, álcool gel? Tem uma pessoa tossindo lá atrás, gente! Sempre foi tão estranho ver as pessoas se tocarem? Enfim, percebo que a anormalidade do mundo pandêmico virou nossa referência. Vejo a nossa antiga realidade com olhos de estranheza e me questiono: o que será do mundo novo pós pandemia? Torço que saibamos aproveitar a oportunidade para construir uma melhor anormalidade.

****** *n_052**

O tempo, Quarentena, aparentemente dia 69. *Monday feelings*. Só que hoje não é segunda e tampouco faria diferença se fosse. Faz tempo que segunda para mim é também domingo — com exceção das lembranças distantes dos alegres almoços de família que aconteciam aos domingos, não nas segundas. E das idas ao parque, que aconteciam aos sábados pela manhã, em dias que o céu estava tão ensolarado quanto hoje. Hoje parece segunda, mas não é segunda e nem sábado, mesmo parecendo que daqui a pouco estarei no parque. Eu não sei que dia é hoje. É terça, eu sei. Mas eu não sei que dia é. Não sei a diferença entre ontem e hoje e eu desconfio que não seja por conta da quarentena. Se os nossos dias são moldados pelo que a gente tem a fazer e o que temos a fazer vai embora de nós — os dias deixam de ser dias? Se o sábado só é sábado porque eu fui ao parque e a segunda é segunda por eu ter visto aula *online*, o que faz os dias serem dias senão o nascer do sol e o brilho da lua? Será a utilidade que eles têm em nos fazer produzir? Ou será o uso que damos a eles? Será que é o pedacinho de criatividade que deixamos ir com eles? Ou será que são as obrigações? Talvez o sábado esteja feliz que não vamos ao parque hoje. O domingo pode querer uma folga da tagarelice dos almoços. E que alívio deve ser para a segunda poder ser improdutiva algumas vezes na vida.

****** *n_053**

Pensamentos da quarentena 1. Existem diferentes modos de lidar com a quarentena. Tem aqueles que estão gostando, como meu irmão de 12 anos de idade, que sem saber muito de todos os problemas que a pandemia está causando, aproveita o tempo livre para fazer coisas que gosta. Tem aqueles que ficam obcecados por limpeza, como minha mãe, que passa o dia

arrumando a casa e procurando o próximo lugar para limpar. Há também os que prezam a produtividade, como a minha irmã, que é recém-formada na faculdade de administração, e acha que os compromissos dela são sempre mais importantes que o do resto das pessoas. E tem aqueles que ainda não sabem como lidar. Eu sou esse último tipo. Para mim, a quarentena tem sido difícil. Talvez não pelos motivos convencionais, de não poder sair de casa, ver o número de mortes aumentar a cada dia, ver o sistema de saúde colapsar. **Para mim, está sendo difícil porque todo o esforço que tenho feito por 2 anos, está indo por água abaixo. Meu pai morreu 2 anos atrás e meu mecanismo para lidar com isso foi a negação. Talvez negação não seja de fato um mecanismo para lidar com algo, mas foi o jeito que eu achei.** No luto dizem que existe 5 estágios. A negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação. Consigo ver estes 5 estágios na quarentena. A negação como aquelas pessoas que, assim como Bolsonaro, insistem ser só uma gripe e continuam saindo de casa. A raiva, como os casos de xenofobia que aumentaram. A barganha, como as rezas em conjuntos. A depressão, que dispensa comentários. E por último, a aceitação, pessoas que estão usando esse momento para crescer de alguma forma. Não acho que estes estágios aconteçam separados, acredito que sejam mais uma oscilação entre eles. De qualquer modo, consigo enxergar um processo de luto da sociedade nesta quarentena. **Diferentemente do processo de luto da quarentena, eu não sou capaz de enxergar um processo de luto dessa maneira quando o luto é individual, pelo menos não no meu. Isso porque não há aceitação, pelo menos não por completo. Durante 2 anos eu me ocupei de todas as formas possíveis. No primeiro ano, aulas de faculdade de manhã e integral de psicologia de tarde e noite. No segundo ano, substitui uma das faculdades por aulas de alemão. Nos finais de semana, treinos de vôlei. E assim foram 2 anos sem precisar pensar sobre a morte. Qualquer pensamento que viesse, era fácil de desligar, afinal, manter um relacionamento com a família, amigos, namorado, tirar notas boas em duas faculdades e aprender alemão demandava tempo. Foi agora que esse meu sistema começou a falhar. A quarentena está sendo difícil porque está me obrigando a lidar com coisas que não queria.** Na realidade até devo estar pronta para lidar com essas questões, mas não quero. A etapa da aceitação do luto não me parece real, ou de novo, talvez eu não queira que seja. O luto individual não é algo que se aceita. Com certeza nos transforma. De certa maneira, até nos renova. Mas isso não é sinônimo de aceitação. Para mim, a aceitação seria real se desse para tirar algo bom da situação, o que não me parece possível na morte do meu pai. O luto da sociedade, que está acontecendo na quarentena, talvez faça mais sentido do que o individual.

****** *n_054**

Desde pequena eu aprendi que nada não se resolve com violência. Conforme eu fui crescendo, eu fui percebendo que a violência causava muitas vezes, senão sempre, mais violência. E, com isso, fui concordando cada vez mais de que não se deve resolver nada com violência. Mas se você está diante de alguém te violentando e você já tentou todas as saídas imagináveis, sem usar a violência, para que aquilo pare e mesmo assim não adianta, o que mais você faz? É nessa situação que eu acho que o mundo está. Acho que muita coisa já foi tentada e muitos anos já se passaram para que pudesse haver uma mudança e um fim na violência contra negros, homossexuais, trans, mulheres e quaisquer outras minorias. E é aí que eu acho que a violência, para essas pessoas, passa a se tornar uma saída. Quando eu era pequena e brigava com a minha irmã, eu revidava os tapas dela e minha mãe sempre falava que “quem bate perde a razão também”. Mas as coisas não são bem assim porque não podemos confundir a reação do oprimido com a violência do opressor. Eu não gosto que as coisas sejam resolvidas na violência, mas como mais dá para resolver?

****** *n_055**

A trajetória desde que meu pai morreu foi muito caótica. Desde os meus 5 anos de idade ele era casado com uma mulher. Eu sempre tive uma relação boa com minha madrasta e era ela como uma mãe mesmo para mim. Depois que meu pai morreu, esse “quase uma mãe” tomou um peso maior, porque o “quase” não é a mesma coisa do que “é”. De maneira resumida, eu e minha irmã brigamos com ela. E ela acabou expulsando a gente de casa. A história toda foi muito caótica e estressante, mas mesmo depois de 2 anos e meio, ainda não foi resolvida. Eu e minha irmã continuamos sem poder ir à casa dela, que antes era nossa, o que significa que todas as nossas coisas foram separadas e enviadas por ela. O problema disso é que ela decide o que vamos pegar de volta e quando. Não só nossas roupas, como fotos e coisas do meu pai. Agora na quarentena as filhas dela estão organizando o escritório do meu pai e acharam algumas cartinhas nossas para ele. Cartinhas de criança, com desenhos feios e

vários escritos “te amo” na folha. Fui à portaria do prédio delas pegar essas coisas todas e quando eu chegar lá, o porteiro não me reconhecia. Eu ficava pensando “claro que ele não me reconheceu, eu estou de máscara, ou ele pode ser mais novo, ou eu mudei muito de 2 anos para cá”. E eu continuei pensando isso, até eu perceber que na verdade, eu só não tinha mais parte daquela vida mais. Eu não faço parte, em nenhum sentido, da vida da minha madrasta e das filhas. Foi como se eu estivesse indo na casa de uma amiga pegar uma roupa na portaria. Perceber isso foi algo difícil. Eu sei que pode soar estranho, eu só perceber isso agora, sendo que estou há 2 anos e meio brigada com ela e é claro que o porteiro não iria me reconhecer, e mesmo se reconhecesse não iria liberar minha entrada de cara. Mas, de qualquer maneira, foi difícil. Aquela era a minha casa, com minha família e minhas coisas e de repente, não é mais nada além de memória.

****** *n_056**

Semana passada busquei umas coisas na casa do meu pai, ou melhor, antiga casa do meu pai. Todas as minhas coisas, que ainda estavam lá, foram colocadas em uma sacola de papel descartável. Ela estava cheia e, majoritariamente, de papéis. Desde que meu pai morreu eu sinto que deveria ter passado mais tempo com ele. Metade da semana era com a minha mãe e a outra metade com ele. E eu sempre penso se não deveria ter passado mais tempo com ele, já que agora posso passar com minha mãe. Mas pode ser também que, passando mais tempo com ele, se fosse minha mãe que tivesse morrido, meu arrependimento seria de não ter passado mais tempo com ela. Eu sinto também que deveria ter falado mais vezes que amava ele. Tenho certeza de que ele sabe disso e que as ações dizem mais do que as próprias palavras, mesmo assim não consigo deixar de pensar nisso. Só essa semana que tive coragem de ver as coisas. A maioria das coisas eram cartinhas feitas com desenhos e frases como “eu te amo”. Vendo os desenhos e as cartinhas eu percebi que na verdade falei muitas vezes que amava ele e que não importa quantas vezes eu disse, ou tudo que eu falei, todo o tempo que passei com ele. Porque, na verdade, sempre eu desejaria mais. Se eu penso que falei para ele algo, penso que deveria ter falado mais vezes. Se fiquei com ele 24 horas por dia, deveria ter ficado 30. E por aí. Acho que esse sentimento é algo que a gente só se aprende a se acostumar, mas, de qualquer maneira, ler as cartinhas e ver tudo que eu já falei para ele me conforta, porque tenho certeza de que ele sabia todas essas coisas.

****** *n_057**

Pelo direito ao luto minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos. Meu sangue latino É famoso no mundo todo a celebração de finados no México. Conhecido lá como “*Dia de los Muertos*”, além das celebrações religiosas, o povo mexicano realiza uma verdadeira festa para comemorar a memória de seus entes que já não existem mais. Essa festa é tão famosa que seus símbolos (como a caveira florida) são reconhecidos pelo mundo todo, sem contar que milhares de turistas vão para o país nessa época do ano só para acompanhar esse evento. Para mim, essa é um dos eventos culturais mais lindos de que tenho notícia. A celebração da morte e do luto são extremamente importantes para a humanidade. Nunca vou me esquecer do velório de uma de minhas tias avós. Sua morte foi a primeira perda que vivi de alguém que realmente amava. Por mais que estivesse junto de meus familiares, naquele dia nunca me senti tão sozinho. Me recordo que apenas o velório dela me fez sentir melhor. Por mais que não tenha tanta fé, o momento mais intenso que passei naquele dia foi quando o padre rezou a missa de corpo presente. Essa tradição católica hoje em dia já não é tão feita. Eu mesmo só tomei conhecimento da existência desse ritual quando me vi participando dele. O resultado, contudo, não poderia ter sido melhor. Senti que minha tia avó estava sendo verdadeiramente homenageada, e que todos ali se lembrariam desse momento, mesmo que minimamente. Tendo passado por isso, pude a enterrar mais tranquilo. Dessa forma, ter vivenciado tudo isso me abriu a cabeça para a importância de celebrar os rituais de luto de uma cultura. Eles nos auxiliam por demais nessas horas. Assim, nos dias de hoje, penso com muita tristeza nas mais de 30 mil famílias brasileiras que perdem alguém por causa da COVID-19 e não encontram a possibilidade de ritualizar dignamente a morte de seus parentes. E, infelizmente, mais que isso. Desde a semana passada, o governo vem escondendo o número de mortos causados pela doença, como forma de evitar a propaganda negativa. Não há nada mais fascista. Além de não terem um ritual fúnebre digno, nossos mortos já não são mais nem sequer lembrados enquanto dados estatísticos. Nem o mínimo está sendo feito pela memória dessas pessoas. Meu desejo nesse caso, é que aprendamos com as tradições, como a mexicana, que nos ensina a importância de valorizar nossas bases, uma vez que sem elas não estaríamos aqui.

****** *n_058**

Sobre o Fascismo Devemos ser tolerantes com os intolerantes? Essa é a frase síntese do paradoxo da tolerância, também conhecido como paradoxo de Popper. Para esse filósofo, quando uma sociedade dita tolerante resolve estar aberta para a existência de ideias intolerantes, ela eventualmente sucumbirá. Como exemplo disso, temos a ascensão do nazifascismo na Itália e Alemanha. Em nenhuma dessas sociedades um regime totalitário surgiu do dia para noite. Foram anos para que isso acontecesse. Assim, é partindo dessa perspectiva que Karl Popper compreende que, paradoxalmente, não devemos tolerar os intolerantes. Em outras palavras, até mesmo a tolerância e a liberdade de expressão têm limites. E a partir disso surge uma dúvida: como então combater esse tipo de ideias? Realmente a resposta para isso não sei. Talvez uma primeira resposta para isso venha do filme *Negação*. Nele vemos a história real de Deborah Lipstadt, historiadora norte americana que foi processada por difamação por ter criticado a postura de um líder antissemita. Foi sugerido que fizesse um acordo, para não ter demais dores de cabeça com isso. Entretanto, Deborah decidiu enfrentar a situação, e ir a julgamento. E mesmo não tendo voz ativa durante esse período, venceu o caso, provando a veracidade do óbvio. E é isso que devemos fazer, inclusive nos dias de hoje. Assistimos a uma escalada vertiginosa do neofascismo, principalmente no Brasil. Teremos uma ditadura? Não sei. Como já dito, o nazismo demorou 6 anos para se materializar. Dessa forma, pode ser que estejamos sim trilhando nossos caminhos para um regime autoritário. Mas pode ser que nada disso aconteça. Não existe destino. Por isso nos resta apenas ir ao combate.

****** *n_059**

Ao assistir o filme *12 Homens e uma sentença*, várias reflexões vieram à minha cabeça. Sem dúvida alguma, a conversa dos doze jurados traz à tona temas bastante importantes de serem discutidos, além disso mostra com clareza como a relação humana pode ser conflituosa a partir de interesses e convicções distintas. Acho muito interessante pensar como a diferença pode despertar coisas ruins nas relações, intolerância e o tanto que isso é perigoso. O filme traz também um tema que eu acho muito relevante que é a vida de um ser humano depender das opiniões e ideias de outros seres humanos que são constituídos por histórias, crenças e preconceitos. Os jurados ao defenderem suas ideias e seus “lados” (culpado ou inocente), se contradizem, fingem estar tendo um debate, mas na realidade não se escutam, ficam “cegos” a partir de suas convicções e, a maioria deles, são resistentes e insistem nas ideias com que começaram a conversa, sendo até intolerantes. Uma cena que me chamou atenção é quando o protagonista dos jurados (primeiro a dizer que o acusado era inocente) diz ao que estava mais relutante (o último a dizer que o acusado era inocente), que este segundo queria que o réu fosse para o corredor da morte por ser sádico, por apenas querer isto e não baseado nos fatos. Isso me fez pensar que este homem estava sim sendo influenciado por sua vida pessoal na hora de julgar o caso, pois, por não ter uma relação boa com seu filho, um caso de parricídio é algo difícil para ele. **Uma frase que também me chamou bastante atenção foi a seguinte “O preconceito obscurece a realidade.**” **Pensando nesta frase como estudante de psicologia, me deparo com o fato de que, seguindo essa profissão, não podemos escutar o paciente com julgamentos (ou melhor, os evitar ao máximo) e nem se baseando em nossos preconceitos.** No júri isso ocorre de maneira muito explícita, já que muitos dos homens ali presentes já tinham na cabeça que queriam condenar o menino baseados em seus preconceitos e não estavam abertos para olhar para a realidade pura, sem conceitos já pré-estabelecidos. Isso é bastante perigoso e gera decisões e convicções falseáveis.

****** *n_060**

Quando saiu, abri até animada. lembro que pensei “ufa, finalmente uma notícia boa em meio a tanto caos!”. apesar da situação não me afetar diretamente, pensei que facilmente poderia. por um deslize, por um acaso da vida, por um esquecimento, por um atraso. e, querendo ou não, afeta alguns amigos, colegas e uma parcela significativa da população brasileira. milhões de jovens, para ser mais exata. colocando seu suor, seu tempo, sua energia, seu dinheiro, suas expectativas, seu passado, presente e futuro num pedaço de papel. dei *play* e em poucos segundos minha expressão se enrijeceu. já pressenti que nada de bom poderia ser anunciado, saindo da boca daqueles quatro jovens que falseavam expressões de preocupação com o cenário do país e, ao mesmo tempo, de entusiasmo, de esperança. não me surpreenderia se descobrisse que, por trás daquelas câmeras, havia um homem com as dimensões de um armário, engravatado, de expressão séria, segurando um texto a ser decorado em uma das mãos e um revólver na outra. a coerção me parecia a única maneira viável de imaginar um motivo pelo qual aquilo estaria sendo produzido. observei paralisada aqueles indivíduos sentados, no

conforto de suas cadeiras caras, de seus quartos bem mobiliados, bem decorados, iluminados, com alguns livros e cadernos aqui e acolá, com celulares, tripés, notebooks. pequenas bandeiras do brasil se encontravam dispostas em locais estratégicos, como se fosse um adorno comum no quarto de um jovem. apesar de não chamarem atenção, marcavam presença. uma no cronograma colado na parede. uma em cima da escrivaninha. uma estampada no porta lápis, em cima da mesa. uma dobrada, no armário do canto. uma na estante, descansando solitária. e uma colada no guarda-roupas, como um pôster de uma banda famosa. em nenhuma circunstância aquelas cenas poderiam representar o estudante brasileiro, pensei. me senti até mesmo ofendida pela total desconsideração da multiplicidade existente no país. aquilo simbolizava a exclusão completa de quem não se encaixa nesse modelo. fiquei enjoada. não consegui, durante aqueles 60 segundos, identificar a face de quem teve um parente morto pelo COVID-19 em a de quem já chegou perto de passar fome. nem a de quem esperou meses e meses por uma consulta médica simples. nem a de quem já sentiu lágrimas brotando nos olhos ao perceber que seus pais estavam se matando de trabalhar para garantir o mínimo dentro de casa. muito menos a de quem não consegue se preocupar com os estudos nesse momento porque tem questões mais urgentes para resolver. senti raiva e, mais uma vez, incredulidade. essa sensação se acoplou ao meu corpo como uma nova camada da minha pele. mas sei que a culpa não é deles. esses quatro jovens, de olhos arregalados e expressões exageradas, são meras ferramentas de algo muito maior, mais complexo, mais perverso. eles não inventaram essa mensagem, apenas a estão transmitindo. são fantoches, manipulados por mãos grandes, enrugadas, brancas e manchadas pelo tempo. os rostos dos donos de tais mãos não aparecem. nem seus nomes. nem seus quartos mobiliados e bem decorados. esses argumentos putrefatos não saem de suas bocas e suas expressões faciais, os sorrisos maldosos e os olhares vazios, obscuros e indiferentes não estão na tela. não era uma pergunta, era uma afirmação. uma imposição mascarada por um discurso que alega se preocupar com o melhor para o brasil. que lança a promessa de melhora em um futuro próximo. que ressalta a necessidade de irmos à luta. e com isso eu concordo. devemos lutar arduamente contra um vídeo como esse, contra tal decisão, contra todos que compactuam com tamanho absurdo. principalmente com aqueles que produziram e tentam suavizar o absurdo através de estratégias tão baixas. e, apesar de desconfortável, incomodada e inquieta, senti uma energia vinda de dentro, querendo impedir que a conformidade tomasse conta do país. que a acomodação fosse o novo modelo de existência. e, principalmente, senti a disposição de mobilizar aqueles que, como eu, estão constantemente inconformados. “dias melhores virão”, como afirmou enfaticamente um dos jovens no vídeo. e eu só espero que isso signifique que tal hipocrisia não seja reproduzida novamente.

****** *n_061**

Se em 2000 Deborah Lipstadt foi atingida pelo absurdo e completamente tomada pela incredulidade, gostaria de a ver vinte anos depois, conhecendo duas figuras em posições significativas de poder, líderes do mais influente país do mundo e do país de maior PIB da américa latina. sinto que muitas Deborah nascem todos os dias, frutos da absorção de informações, da politização e do contato com o exército crescente de manipuladores da história. o fato, que por definição é consistente, ligado à realidade objetiva e pode ser provado verdadeiro através de evidências, perde sua essência. no seio da subversão, é incessantemente questionado por tais soldados. vejo que a luta para preservar essa essência não se desenrola por meios legais, por julgamentos, veredictos, juízes e testemunhas. não. a perversão se tornou tão corriqueira e frequente que esse combate se dá no cotidiano, na simples troca de palavras, na tentativa de informar um e outro sobre a mentira que reproduz. e todo esse esforço, além de exaustivo, é ofensivo. a tarefa do convencimento se tornou cada vez mais complexa, e a escolha de argumentos se parece mais com um grito clamando por socorro perante a incompreensão alheia. quando iríamos imaginar que o óbvio deixaria de o ser? se engana quem pensa que a desinformação e ignorância são os motores desse movimento, as armas que essa tropa carrega em seus braços. as letras são estrategicamente posicionadas, uma após a outra, formando palavras e frases e construindo narrativas desonestas. nada é por acaso ou por um erro inocente, como David irving insistia em afirmar. e quem pensa o contrário é mais um resultado da manipulação falaciosa. esta, por sua vez, impacta na vida das pessoas, fazendo com que elas questionem a própria experiência, e, portanto, a sanidade. cava profundamente em seu interior, por meio da desqualificação, a fazendo parecer louca. cala sua voz e apaga sua existência aos poucos, assim como se deu com a sobrevivente, a qual insistia para que fosse testemunha na corte. esse tipo de estratégia pode causar marcos irreversíveis na subjetividade e impactos históricos, políticos e sociais. assim, sejamos Deborah. lutemos para que a invisibilização não seja

a tendência. para que a opinião não seja tomada como absoluta e não tenha o mesmo peso que um fato. e para que, dispondo de ferramentas limpas e honestas, consigamos desarmar esse exército, o deixando desamparado, com nenhuma outra saída senão se render.

****** *n_062**

O CRAVI, Centro de Referência e Apoio à Vítima surge a partir da iniciativa estadual de criar um centro especializado de apoio à vítima de violência, em 1998. A partir da perspectiva do psicólogo Bruno Fedri, o qual discorreu sobre a instituição e sobre sua atuação na mesma, foi possível ampliar a compreensão e reconhecer a importância da existência esse local. Esse programa da Secretaria da Justiça e Cidadania tem o objetivo de atender uma parcela mais vulnerável da sociedade, incluindo pessoas que perdem entes queridos por crimes contra a vida (homicídio, feminicídio e latrocínio), pessoas que sofrem com os crimes de homicídio e feminicídio tentados e pessoas correndo risco de morte. A missão, diante de tal população, não é apenas de promover a superação dos traumas causados por determinada situação, e sim oferecer cidadania, justiça e direitos humanos às vítimas. O CRAVI, portanto, oferece suporte para que a pessoa conheça seus direitos naquele contexto. Bruno relata que a instituição ajuda o indivíduo integralmente no processo, oferecendo informações acerca da possibilidade de prisão ou não do autor do crime, de quando tempo ele ficará preso e de quando será solto, por exemplo. Tais elementos se configuram como relevantes para os usuários do programa. Além disso, é importante ressaltar que o trabalho é multidisciplinar e que o psicólogo atua juntamente com outros profissionais, principalmente da área da assistência social. O CRAVI possui, também, convênio com o ministério e a defensoria pública. É um órgão público e, portanto, não deve ser encarado como um benefício ou privilégio para aqueles que sofrem com a violência. O método do CRAVI se relaciona com o atendimento de qualquer tipo de violência (não só as citadas acima), servindo como uma porta aberta para a população. Ou seja, qualquer pessoa que se sinta vítima pode procurar o programa, através do telefone ou do e-mail. Bruno explica que a questão do se “sentir vítima” se refere a pacientes de saúde mental, que podem sofrer episódios alucinatórios e delírios e não terem experienciado a violência concretizada. Tal método consiste em três diferentes etapas: a primeira, da triagem, é feita por estagiários e se resume por uma pergunta: “o que aconteceu com a senhora/senhor?”. Após recolher as informações, o estagiário leva a ficha para a reunião com outros profissionais e faz a apresentação do caso. É decidido, a partir daí, se o caso se encaixa na população atendida pelo CRAVI ou se ele precisa ser encaminhado para outra instituição. A segunda etapa, do acolhimento, consiste em entrar em contato com a pessoa e a chamar para se dirigir ao CRAVI. Nesse momento, segundo a colocação de Bruno, o usuário se dirige a um ambiente frio, militarizado, superegóico e apavorante da instituição. Tal etapa conta com 1 a 3 encontros com o indivíduo, o conhecendo e investigando o que ele demanda daquela situação. Um ponto principal durante todo o processo é compreender qual o conceito de justiça da pessoa e o que ela busca naquele local. Nesse sentido, é forte a atuação psicológica. A terceira e última etapa é a do atendimento, o qual pode ser psicossocial, social, psicológico, jurídico etc. Tal etapa não tem prazo definido para acabar, funcionando até quando a vítima quiser continuar. É importante ressaltar, também, que não há fila de espera, ou seja, essa preocupação e frustração não permeiam a experiência do CRAVI. Bruno pontua que, em relação ao perfil de casos, 70% dos usuários do programa são mulheres. Esse dado leva à reflexão de que é a mulher que costuma lutar por justiça, encabeçando movimentos sociais de reivindicação. A grande maioria dessas mulheres tem de 40 a 49 anos e perderam filhos assassinados, os quais tinham, na época, entre 15 e 20 anos. Desse modo, é pertinente pensar em como o fenômeno da violência molda a vida das pessoas que estão em contato com ele constantemente. Além disso, a grande maioria dessas mulheres são da região sul de São Paulo, principalmente do Grajaú e do Jardim Ângela. Tais dados escancaram a necessidade de uma atenção maior do Estado para lidar com esses locais. Os filhos assassinados, segundo as informações coletadas, eram sempre ou quase sempre negros, o que indica que o crime contra a vida incide de maneira muito mais intensa e direcionada contra a população negra e explicita o racismo sobre o qual nosso país foi construído. 20% dos casos ativos são concernentes à violência policial, informação que denuncia esse problema, o qual vem se intensificando numa proporção alarmante tanto no Estado de São Paulo quanto no Brasil e que não é reconhecido e muito menos resolvido. Ou seja, o trabalho desenvolvido pelo CRAVI se configura como de extrema importância, principalmente no cenário atual. Denuncia diversos problemas graves e relevantes na dinâmica do país, tratando de aspectos muito mais amplos que o da violência em si, considerando recortes e procurando diminuir essas desigualdades gradualmente na atuação com o usuário. Dessa forma, ressalto a importância da interação que tivemos com Bruno e da apresentação clara e explicativa que o mesmo preparou. Além disso, reflito acerca da possibilidade de um estudante de Psicologia do terceiro período da PUC_SP estagiar em tal local, entrando em contato com realidades tão diversas e com problemas

tão profundos, enraizados na sociedade. Penso ser uma oportunidade muito enriquecedora e interessante de promover mudanças efetivas na sociedade.

****** *n_063**

Fui até a varanda do quarto de minha mãe, após a primeira aula do dia, aproximadamente dez horas da manhã. Diferente de outros dias nos quais fui tomar sol e ouvir uma música por alguns minutos, escutei um som relativamente alto vindo de algum lugar, de modo que até pensei que a fonte estivesse dentro da minha casa. Mas não. Percebi que na casa ao lado alguém havia deixado a janela toda aberta, onde uma música sertaneja ecoava pelo ambiente. Comecei a cantar imediatamente, visto que simpatizava com a cantora, até avistar a parcela do rosto de uma pessoa no canto da janela. Alguém estava ali, me observando. O menino de cabelos pretos, calça e blusa de moletom (apesar do calor) e aproximadamente 6 anos se escondia no quarto toda vez que percebia que eu dirigia o olhar na direção da janela. Posteriormente, abriu um sorriso e começou a pular na cama, cantarolando a música, aparecendo e desaparecendo da minha visão a cada salto. A rua, que felizmente se encontrava pouco movimentada, com apenas duas ou três pessoas transitando, sozinhas, uma longe da outra, e até mesmo o sol, que brilhava forte no céu a ponto de incomodar os olhos, ficaram em segundo plano. Olhei para o menino após alguns minutos e acenei, sorrindo, ato que o deixou envergonhado, considerando suas bochechas coradas. Percebi que ele se movimentava como quem estava numa cama elástica, procurando pular cada vez mais alto e rindo com mais intensidade enquanto o fazia. Parou gradualmente, após aproximadamente 5 minutos daquela atividade. E sumiu, assim, do meu campo de visão a partir daquele momento. O menino se mudou naquela manhã com sua família, considerando que no dia anterior a casa estava vazia, sem moradores. Com esse pensamento, refleti acerca das diversas adaptações que tais pessoas provavelmente estão tendo que encarar. A primeira, devido ao estado de isolamento social no qual o mundo se encontra, que já é delicado e angustiante para todos. Lidar com uma criança nessa idade, explicando a situação e procurando tornar o cenário o menos estressante possível não me parece uma tarefa simples. Nesse contexto, ainda se insere a mudança da família de uma casa para outra e a ansiedade que isso acarreta. É possível imaginar que um certo tempo é necessário para que tudo se ajeite e fique confortável novamente para aqueles moradores. Dessa maneira, fiquei surpresa com a empolgação que o menino demonstrava, com seus pulos e gargalhadas, interagindo com uma estranha através da janela, em um contexto completamente atípico, tanto para ele quanto para mim.

****** *n_064**

Ao pensar nesses últimos tempos, acredito que essa situação toda chega para cada um com um colorido e traçado diferente. A mim, pelo menos, chega com nuances interessantes – o silêncio, por exemplo, passou a ser algo que tenho estimado bastante. Ouço tão poucos veículos rondando as ruas que sou capaz de imaginar para onde cada condutor se dirige e com que finalidade. O som da natureza onde me encontro se tornou, assim, mais proeminente. Gosto de pensar que os animais citadinos sentem que os parques agora são deles, sem entender muito bem o que deu nos humanos, que pararam de os frequentar de repente. Minha experiência sonora se resume a tais sons e à música que, interessantemente, tenho consumido menos pelo fato de apreciar o silêncio, perturbado apenas pelos poucos e pequenos sons bem distinguíveis que atiçam a imaginação. Também a visão da cidade mergulhada em silêncio é, a meu ver, bastante interessante — de certa forma, o cenário quase apocalíptico que a ausência de pessoas nas ruas desenha me atrai. Ele me parece menos fora de ordem do que o caos que marca o ritmo rotineiro da cidade grande todos os dias do ano. Um exterior barulhento, antes, que mantinha cabeças ocupadas, agora é silencioso e este silêncio nunca foi tão ensurdecedor para as tais cabeças da cidade grande, que encontravam refúgio na ilusão de um cotidiano bem estruturado, em seus papeis e funções sociais, no trabalho e no barulho caótico e apressado da cidade que impossibilita o pensar; ou melhor, anestesia o pensar existencial. Acredito que parte dessa minha atração por este aspecto particular da situação atual tenha relação com o modo de como possibilidades diferentes de viver despontam no horizonte; reflexão incendiada pelo fato de nosso cotidiano ter sido tão abruptamente alterado e nos encontrarmos num cenário totalmente diferente — quebrado o fluxo constante do dia a dia e minada a noção de total segurança que a ilusão de uma rotina nos oferece. Pode ser, no final das contas, um convite a indagar de que forma a existência humana poderia ser diferente. Mais do que isso, como minha própria vivência pessoal poderia ser diferente? O que é praticável e passível de mudança nessa esfera e o que, não é? Fico pensando: em que outros termos teríamos a chance de viver algo parecido com o que estamos nos confrontando agora, com o cenário que caracteriza essa situação e, na atualidade, só consigo pensar em guerras,

golpes de Estado ou, de fato, um apocalipse. No entanto, não é preciso apelar ao extremo de uma guerra ou um mundo pós apocalíptico para pensar em diferentes formas de existência no meio relacional e social. É possível tomar nossos próprios vizinhos terráqueos como base nesse intento. De certa forma, o contato mais aprofundado e estudo de culturas diferentes das que estamos acostumados parece, para mim, a continuação do movimento iniciado na infância na direção de expansão das relações extrafamiliares; onde são descobertos modelos diferentes de relacionamento tanto com terceiros quanto com nós mesmos, e até com o ambiente físico, tudo isso que pode ser bastante enriquecedor na vivência do curto espaço de tempo que marca nossas vidas. É possível nos identificarmos com modos operantes de pensamento e relacionamento mais funcionais para cada um depois de entrar em contato com aspectos culturais que sabemos serem bastante difundidos e cultivados por povos que moram em lugares distantes ao de nosso nascimento. Assim se torna possível a integração de pontos de vista ou comportamentos, até onde for possível e desejável dentro de nossa própria cultura e em relação à vida como um todo. Ao se deparar com as diferenças culturais, no entanto, é possível tanto tal identificação com as práticas do grupo que se tem em vista, quanto um rechaço total de tais. Ainda assim, é ocasião em que se pratica a tolerância e lida com a diferença, atividade que, no fundo, sempre nos leva de volta ao ponto inicial de onde se tira o parâmetro: nós mesmos. De qualquer forma, é uma experiência engrandecedora no âmbito individual que visa o contato com o outro, com o diferente e com o diverso; mas que sempre volta a nós mesmos, com potencial de transformação e desenvolvimento. Ou talvez tudo isso seja apenas uma divagação enorme pelas coisas que têm me ocupado nesses tempos em casa – estudo e leitura em língua estrangeira.

****** *n_065**

A conversa com o Bruno do CRAVI, foi uma experiência interessante, pelo fato de ser uma aula completamente diferente do que já havíamos visto neste semestre, mas que, em uma realidade alternativa, seria algo que se aproximaria do comum. Várias emoções foram suscitadas. Primeiramente, veio uma admiração pelo trabalho, um fascínio pela proposta. Veio também uma sensação de tristeza ao pensar nas contingências do país que levam um serviço como esse a ser necessário. Isso é, talvez, a parte em mim idealiza uma sociedade sem desigualdade e violência falando, mas ela não sabe se apaziguar diante de situações desse tipo. Também veio uma certa melancolia ao pensar sobre as experiências que teríamos nesse semestre que não chegaram e nem chegarão a acontecer da maneira em que estava planejado. A experiência do estágio de observação era algo que eu estava contando com para me ajudar a lidar com certas inquietações que havia tendo nos últimos semestres: como será sair de um lugar que era apenas teoria e lidar com essas situações que tanto comentamos, cara a cara? Como será lidar com a realidade de pessoas que vivem de formas tão diferentes da minha? **Eu tento ter o máximo de consciência possível de reconhecer a bolha em que vivo e já tive algumas oportunidades de sair um pouco dela, experiências que, não só me marcaram muito, como também expandiram minha vivência no mundo e minhas percepções, mas elas não chegaram perto de ser suficiente**. Eu esperava um confronto cara a cara com um estranho que, de alguma forma, chegava a me assustar e me atrair ao mesmo tempo. De qualquer forma, isso não foi possível de ser realizado dessa maneira nesse semestre, **mas esse período também me fez confrontar uma realidade completamente nova e nunca vivida dessa forma para grande parte das pessoas. A quarentena está sendo um período que gerou muitas reflexões acerca de mim mesma, talvez de uma maneira até compulsória, dada a incapacidade de escape do encontro entre eu e eu. Pude me ver afastada, não só fisicamente das pessoas, mas de certas pressões externas e hábitos corriqueiros das relações interpessoais, o que foi muito interessante, apesar dos pesares. Pela primeira vez na vida, provavelmente, tive a oportunidade de enxergar, ponderar sobre perceber e transformar alguém ninguém menos que essa pessoa, a única que habitei durante vinte anos. Isso é algo que eu espero conseguir levar para além desse momento, e que espero que tenha um impacto em todas as experiências que estão por vir,** inclusive o trabalho de campo e visitas institucionais que se configurariam como um dos maiores marcos do meu ano.

****** *n_066**

Perversidade. Uma estrutura psíquica pouco comentada em nossos cursos. Talvez porque seja muito difícil um perverso ir até a clínica psicanalítica pois este, diferente do neurótico, já sabe o que lhe falta: seu objeto de fetiche. Mas basta ligar às televisões ou abrir uma página aleatória do jornal que veremos um exemplo de perversão. De acordo com Žižek, a perversão reside na forma estrutural de como o sujeito se relaciona com a verdade e fala. O sujeito perverso reivindica

acesso direto a algumas figuras do grande outro, dissipando todas as ambiguidades de linguagem e agindo diretamente como o instrumento da vontade do grande outro. **Exemplifico isso com um lema que todo brasileiro conhece: "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos". O presidente da república age com base no pressuposto que seus atos são diretamente ordenados pela vontade divina. Mata e tortura em nome de Deus. Deforma as mensagens bíblicas com seu preconceito e racismo repugnante. "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos" pode ser traduzida para "Economia acima da vida. Crenças brancas acima de crenças negras".** De fato, a colonização deixou suas raízes e até hoje sai plantando preconceito pelo território brasileiro. **A constituição é queimada e junto, morre o estado laico.** Vale ressaltar que cada sujeito de uma estrutura psíquica é um sujeito singular e guarda um enigma. Aqui, proponho uma reflexão que talvez caminhe por um viés pejorativo a respeito da perversidade, o que acredito que possa ser um equívoco meu. Nenhum sujeito perverso é igual ao Bolsonaro. Nem todo perverso arranca a vida de milhares de pessoas como o presidente fez e continua fazendo. Embora nossa sociedade aspire em produzir sujeitos neuróticos, nenhuma estrutura é melhor ou pior que a outra.

****** *n_067**

No início da quarentena transpirava frio ao pensar como seria viver um período indeterminado de isolamento social. Sempre busquei estar rodeada de pessoas, talvez como um mecanismo de preencher o meu próprio vazio ou de apenas seguir uma necessidade como ser social imerso na linguagem. Ironicamente, nunca estive tão próxima do contato social. Frente ao medo e as angústias que permeiam todos os continentes, busco consolo na palavra e na solidariedade. Percebo que distanciamento social difere de privação social. Um marco é minha análise e o "boom" que se deu na transferência. Reencontrei virtualmente amigas de infância que não falava por muito tempo. Ligo diariamente para entes queridos para saber como estão lidando com este período. A internet talvez tenha se tornado a salvação do meio social, e digo isto com insegurança pois sempre estive mais atenta aos efeitos pejorativos do uso da tecnologia e de redes sociais. O mundo dá as mãos e luta contra o fascismo. Os brancos escutam e aprendem e os negros lutam e nos conscientizam. Além do contato com os outros, imergi numa banheira de auto pertencimento. Nunca estive tão conectada comigo mesmo, com a minha menstruação, com a minha oscilação de humor, com as minhas angústias e medos e com os meus sonhos. Antigamente me conhecia ao passo que explorava a natureza externa, observando as raízes de árvores que fincavam no chão e sentido o cheiro salgado do mar. Ou então, nadando na água gelada ou dançando com o vento e as estrelas. Ao mesmo tempo que conhecia o mundo externo, integrava minha natureza interna. Neste período, ao passo que fui encarcerada numa selva de concreto sinto que rompi com essa dicotomia. O interno e o externo se entrelaçaram e não preciso mais estar no campo para sentir a grama molhada ou no sol para sentir minha pele queimando. A natureza selvagem que tanto buscava ao acampar me pertence e se encontra nos meus devaneios e pensamentos. Não existe nenhum vírus, biológico ou virtual, que poderá tirar isso de mim. Minha natureza me pertence e eu pertenço a natureza.

****** *n_068**

Ao enfrentar uma pandemia e encarar o isolamento proposto pela quarentena, o buraco que antes estava coberto perdeu sua tampa e o vazio que sempre esteve lá, escondido em minhas entranhas, cresceu. Acredito que ao sermos privados da cotidianidade, temos de lidar com a solitude/solidão e com a falta, a qual vem acompanhada de questionamentos a respeito de nossas vivências. Escrevo no plural porque, embora este seja um sentimento meu, ao conversar com familiares e amigos percebo que não estou sozinha nesta jornada. Os primeiros dias foram os piores, mas aos poucos, tudo foi se encaixando e fui me acostumando. Albert Camus, em uma de suas obras mais famosas, *O estrangeiro*, escreve: "no início da minha detenção o mais difícil é que tinha pensamentos de homem livre. [...], mas isto durou alguns meses. Depois só tinha pensamentos de prisioneiro." Acho que este trecho encaixa bem com o que vivenciei. No começo ansiava por um abraço ou por um beijo e até sonhava com aglomerações. Agora, desejo um banho quente e uma boa leitura. No começo da quarentena seguia tudo à risca, não saia de casa pois não queria ser contraditória, criticando o presidente e ao mesmo tempo desrespeitando o período de isolamento. Entretanto, fui percebendo que é impossível ser homem sem se deparar com a contradição. Não que esteja saindo pela rua desprotegida como se não houvesse um vírus corroendo a natureza, mas não deixei aquilo privar meu banho de sol e de sentir a grama molhada em meus dedos dos pés. Busco a maneira mais segura de fazer isso pelo menos uma vez por semana. É o que tem mantido meu coração

pulsando sangue para o resto do meu corpo. Aos poucos, estou aprendendo a lidar com as coisas dentro da sua possibilidade. Finalmente compreendi a importância de se viver no presente pois como não há perspectiva de quando tudo isso irá passar, pensar sobre o futuro era me submeter a um fuzilamento da alma. Esses dias me deparei com uma frase do Christian Dunker na qual o psicanalista dizia: “o confinamento é uma experiência psíquica desafiante, pois aprendemos desde cedo que ele é uma forma de punição”. Esta frase fez muito sentido para mim, não é à toa, que usei uma citação de Albert Camus que descrevia o pensamento de um personagem que estava preso por assassinato como correlato de minha experiência. Passei a refletir sobre o tratamento para “loucos/doentes” que propõe o confinamento. Se eu fui levada à loucura, como é possível esse ser o tratamento proposto? A luta antimanicomial nunca fez tanto sentido para mim.

****** *n_069**

Estamos frente à uma crise política e social. Já se podia ver de longe a tempestade se aproximando, mas os líderes insistiram que não havia o que temer. Já se foram pelo menos trinta e cinco mortos. Trinta e cinco famílias enterram o corpo de um ente querido. Entre eles uma mãe negra que perdeu seu filho de cinco anos. A criança morre procurando pela mãe, empregada doméstica, quem passeava com o cachorro da patroa. Aparentemente, a vida negra vale 20 mil. Realmente, a carne preta é muito barata aqui no Brasil. Queremos ir às ruas gritar por justiça. Espalhar nossos corpos pela rua e deixar que a voz dos negros ecoe por todo o Brasil. Se deitar no chão e gritar: “eu só queria minha mãe”. Mas somos incapazes, pois um vírus corrói o mundo. Nos encontramos num profundo estado de melancolia. Não sabemos mais o que fazer. A arte vem nos salvando. A cultura do rap, a do funk, os poetas e os autores. **A internet nos ajuda a disseminar informação, mas também espalha o discurso de ódio**. Influenciadores digitais cagam pela boca e negam o racismo estrutural. Fazem tudo isso deitadas numa maca tomando sol que uma negra construiu e limpou. Brasil: o país da hipocrisia. Nossa bandeira verde, azul e amarela está se decompondo. Já não há verdade em nossa floresta tropical, a produção desmata toda vida que há por lá. Riqueza? São para poucos. O amarelo é distribuído para apenas 1% da população. A realidade é que aqui se rouba por comida e se mata por moradia. O céu deixou de ser azul e passou a ser cinza. E os rios matam qualquer vida que passe por eles. **Este é o panorama do Brasil. O Brasil grita socorro, os Estados Unidos escutam e nos colonizam.** Mas não permitiremos, mas nenhuma carne preta morrendo de bala perdida. Gritaremos “justiça por Miguel” de nossas janelas e lutaremos contra o fascismo.

****** *n_070**

Durante esta semana refleti e tentei observar como as pessoas ao meu redor (não fisicamente) estão lidando com a quarentena. É muito interessante como neste momento tão delicado e complexo, cada pessoa reage de uma forma. Acredito que seja uma linha muito tênue entre sentir tudo isso e se anestesiar. Não acho que devemos ficar o tempo todo vendo notícias, nos informando de cada tristeza e, mais ainda, nos emocionando a cada vez que entramos em contato. Isso pode gerar muita ansiedade, tristeza, depressão, medo e, até raiva. Entretanto, fingir que nada está acontecendo e que está tudo bem, na minha opinião, também é errado. Vejo nas minhas redes sociais muitas pessoas postando como se estivessem de férias, em seus luxuosos refúgios, comendo deliciosos pratos e preenchendo seu tempo com diferentes atividades. Fico pensando se essas pessoas estão apenas fugindo do sentimento, evitando entrar em contato com a dor ou se realmente não conseguem perceber a gravidade do problema e ter empatia com os que não possuem os mesmos privilégios que eles. Em função da saúde mental, não acho que devemos procurar sofrer e viver pensando no outro que está em uma realidade diferente (e pior) da nossa. Se você tem uma casa, pode comer à vontade e ler um bom livro na companhia de uma família saudável, você deve ser grato e aproveitar isso. Deve, a meu ver, gozar deste privilégio. Mas, como tudo na vida, com moderação. Fico indignada com as pessoas postando seu dia a dia maravilhoso perante um momento tão triste. Sinto que a nossa sociedade está, mais do que nunca, individualista, só pensando no próprio bem e, literalmente, não vendo a realidade a volta. Fico ainda mais perplexa com as pessoas que usam deste momento para se promover. Demonstram uma certa empatia nas redes sociais, mas sempre esperando algo em troca. Promovem uma reflexão ou doação, mas que, no fundo, o fazem para aparecer e parecer como bons feitores e pessoas empáticas. É, como eu disse inicialmente, uma linha muito tênue. Muito difícil encontrar uma maneira de se comunicar e se expor de forma adequada. Acredito que vale uma reflexão e um questionamento pessoal.

****** *n_071**

Quarentena. Momento de recuo e de introspecção. Ao observar o dia a dia das pessoas ao meu redor, pude perceber como a pandemia muda e influencia o comportamento. Estou em casa com meus pais, irmão e namorado desde o início da quarentena. O convívio constante com todos acaba gerando desconforto e conflitos, porque, apesar de sermos seres sociais, não estamos acostumados a ficar tanto tempo vendo sempre as mesmas pessoas. Mas, apesar das dificuldades, foi muito interessante ver como este momento foi, também, terapêutico. Meu irmão, que não possui uma relação muito boa com meu pai, se viu "obrigado" a conviver. Este momento em família nos proporcionou muitas brigas, desentendimentos e cansaço, mas, mais ainda, união e conciliação. Tiveram dias que mais parecia com uma sessão de terapia, com todos se abrindo, reportando o seu lado e se emocionando. Depois de anos de assuntos mal resolvidos e coisas debaixo do tapete, eles conversaram abertamente e iniciaram um processo de aproximação. **A quarentena está sendo, ainda, um processo de autoconhecimento, em que temos mais tempo para fazer as coisas, sem pressa e sem pressão. Temos mais tempo para perceber como estávamos usando mal o tempo. Sempre atrasados, com muitas tarefas e trânsito, os dias iam passando sem que percebêssemos o outro do nosso lado e, pior ainda, sem que percebêssemos a nós mesmos. Acredito que estamos vivendo por um momento muito triste, porém transformador. Espero que as pessoas tenham a oportunidade de experenciar isso e refletir sobre isso, assim como ando fazendo.**

****** *n_072**

A minha relação com a quarentena é um pouco estranha. Digo isso, porque ao mesmo tempo que minhas atividades se mantiveram; ou seja, continuo com aulas, trabalhos acadêmicos e estágio, estou isolada em casa, sem poder sair e sem encontrar com ninguém. Isso gera uma certa confusão interna. Sinto que o início da pandemia despertou um terror coletivo. Todos começaram a correr para os mercados, comprando papel higiênico, álcool em gel e máscaras em grande quantidade. No meio da pandemia, o medo foi diminuindo e as pessoas foram se acostumando com a situação (dentro do possível). Agora no final, se instaurou o tédio. Acredito que todo mundo começou a ficar cansado de estar em isolamento social — o que se agrava ao ver a diminuição da quarentena em outros países. Com o mundo conectado, vemos, nas redes sociais, o início de uma movimentação e o início de um retorno à vida normal. Isso, ao mesmo tempo que gera uma certa tranquilidade, vemos que o afrouxamento da quarentena está se aproximando do fim, gera, também muita ansiedade. Tanto uma ansiedade mais positiva, para poder voltar a sair de casa, poder se reunir com pessoas queridas e poder a voltar a trabalhar, quanto uma ansiedade mais negativa, em que predomina o medo de voltar para as ruas. Este é um cenário totalmente novo, que ninguém nunca vivenciou. E, por isso, não existem estudos concretos e uma fórmula/um caminho a ser seguido. Ninguém consegue garantir qual o tempo ideal de isolamento, quais as melhores medidas de afrouxamento, quais os setores que podem voltar à normalidade primeiro etecetera. Isso tudo gera um turbilhão de sensações e sentimentos contraditórios. Queremos que tudo isso passe logo, estamos cansados dessa situação de solidão, medo e desamparo. Mas, ao mesmo tempo, existe um receio de voltar à rotina, um pavor de o número de contágios voltar a crescer e regredirmos no combate ao COVID-19.

****** *n_073**

Dois meses de quarentena. Parece que vivemos num romance histórico ou numa novela distópica. **Enquanto prevalece a distância entre os corpos, aumenta o abismo que separa as classes sociais. Sou invadida por um sentimento de culpa.** Culpa porque reclamo, mas reclamo de barriga cheia. Reclamo com luz e *wi-fi*. Reclamo com livros e EaD. Vejo o pôr do sol todos os dias do lado esquerdo de minha varanda. Mas sou invadida por um sentimento de angústia sempre que olho para o lado direito e vejo inúmeras casinhas que compõem a Paraisópolis. Pelo menos sei que eles também têm vista ao pôr do sol. O governo ainda não conseguiu privar nenhum cidadão disso (exceto os encarcerados e aprisionados, mas isso já é outro tema). **Olho cada pequeno telhado e me pergunto: "como será que estão os sujeitos que vivem por debaixo dele? ". A angústia se espalha como fogo no álcool. Não posso fazer nada. Ou ao menos, não sei o que fazer. Sofro de melancolia e me escapa qualquer ideia de tornar esse mundo um pouco melhor.** Me lembro de meu pequeno sujeitinho que trabalho como AT. É um rapazinho que está sempre com o nariz escorrendo. Veio para o Brasil refugiado da Síria. Como será que ele está? Não consigo contato com sua família para ter notícias. Me pergunto se suas estereotipias aumentaram. Ele é fascinado em correr e brincar no

balanço. É uma criança que valoriza sua liberdade e explora seu espaço. Como estaria agora, trancado em uma casa pequena? Sinto saudades de seu sorriso banguela e seu queixo sempre sujo de chocolate. Me dói pensar nele. Preencho este espaço vazio cantando músicas que cantava para ele enquanto o via colocar o dedinho indicador para cima e mexer seus quadris de um lado para o outro. Desenho seu pequeno rostinho para não me esquecer de sua fisionomia. Quando isso tudo acabar, vou saltar de cabeça nesse abismo que nos divide e o encher de coceguinhas e chamego.

****** *n_074**

Por viver em um condomínio fechado, consigo observar e saber bastante sobre o que está ocorrendo dentro desse ambiente. Partindo disso, um ponto que se destaca e que me incomoda muito é o de como a pandemia escancara ainda mais a questão da desigualdade social e da invisibilidade social. Obviamente que isso pode ser observado em todo o Brasil, ao se perceber que a proporção de mortes em lugares mais pobres é muito maior que a de lugares mais ricos, o que já destaca tal fator, mas dentro de um ambiente menor e de mais possibilidade de observação pude observar a quantidade de pessoas que trabalham ou como porteiro, como entregador, na área de construção, na limpeza do condomínio, como babás ou empregadas domésticas e de como elas são ainda mais desprezadas nessa situação. Essa indagação me ocorre, pelo fato de as pessoas não “dispensaram” do serviço esses trabalhadores, o que lhes permitiria ficar em casa e se cuidando diante da pandemia. Em algumas áreas existe uma certa necessidade, mas em outras como a limpeza da casa, o cuidado da criança, fazer comida, são tarefas que devem ser feitas pelas pessoas que moram naquela casa e que são os pais daquele filho, não se deve terceirizar essas ações nesse momento, é necessário se preocupar com a saúde e bem estar desses seres humanos também, eles tem o direito de poder se cuidar também o máximo possível, e sabendo do porte financeiro dos moradores do condomínio, de manter o salário desses, mesmo com o serviço reduzido. Provavelmente isso é uma expectativa que eu particularmente crio diante de situações como essa e que espero essas ações de outras pessoas, e que isso talvez seja um erro, pois por observação e experiência é possível perceber que dentro dessa sociedade individualista a empatia é uma questão complicada e difícil de ser observada em muitos casos, mas vejo também como um ponto importante de se apontar, pois essa questão aparenta ser invisível dentro do meu condomínio e do Brasil inteiro.

****** *n_075**

Um aspecto que tenho observado e que chamou minha atenção está relacionado a memória/esquecimento das pessoas e da sociedade em geral, pelo fato de que conforme a quarentena passa o índice de isolamento diminui. As pessoas parecem se esquecer da situação grave em que vivemos, mesmo com as notícias diárias, e começam a relaxar suas restrições de sair de casa, por exemplo, realizando muito mais atividades fora desse ambiente, fato que deveria ser evitado. O número de carros na rua, pessoas fazendo exercício, até mesmo aqueles que fazem parte do grupo de maior risco. Tudo isso me remete ao esquecimento da história do país, que teve diversos momentos ruins, mas um que se destaca é o da ditadura militar. Uma professora do Ensino Médio sempre dizia que um país que não passa sua história a limpo tende a repetir, ou seja, uma população que não sabe das verdades que ocorreram e as que sabem, esquecem tendem a reproduzir, ou produzir, um evento histórico semelhante. E o enfraquecimento do isolamento representa esse esquecimento, mesmo com os fatos diários no noticiário isso vem ocorrendo, do mesmo modo que parece que algumas pessoas esquecem dos acontecimentos da ditadura, mesmo com o vasto material sobre essa.

****** *n_076**

Diante dos acontecimentos do mundo, acredito que seja impossível não comentar sobre o assunto. A morte de George Floyd gerou uma grande manifestação em favor do movimento preto em diversos lugares do mundo, tanto nas ruas, especialmente quando se fala dos EUA, e em grande quantidade nas redes sociais. Além disso, os movimentos antifascistas cresceram e ganharam destaque nas últimas semanas, fruto dessa efervescência do mundo, e no Brasil não é diferente visto que houve a realização de uma manifestação na Avenida Paulista. Partindo desse cenário existem alguns aspectos que surgem que criam um certo conflito interno. Essencialmente se tem o fato de que estamos vivendo diante de uma pandemia muito grave e que a orientação é que as pessoas não se reúnam em grandes grupos, devido à grande possibilidade de contaminação, mas o que se viu nessa última semana foi muito diferente, as pessoas se aglomeraram em grandes quantidades em diversos lugares,

especialmente nos EUA, para protestar não só pela morte daquele indivíduo especificamente, mas de todas as mortes e preconceito em relação as pessoas pretas, simplesmente pela cor de pele delas. O movimento é de grande importância, mais do que nunca as pessoas devem se revoltar diante dessa situação e a capacidade de se fazer isso é exponencial, visto a possibilidade de comunicação dos movimentos, inclusive pelas redes sociais. No entanto, fica a questão e o conflito do fato de qual questão se sobressai nesse momento, a luta contra o racismo e o fascismo que se destacam ainda mais, ou da pandemia mundial e dos milhares de mortes que temos presenciado diariamente. Não sei nem se existe a possibilidade desse julgamento, mas é um cenário agoniante em todos os sentidos.

****** *n_077**

Relato sobre uma ida ao mercado. Era um dia como qualquer outro. Sexta? Sábado? Domingo? Sei lá, todos os dias estão tão parecidos. Acordar, tomar café, estudar, cozinhar, conversar…nem olhar para fora da janela eu olhava, com medo de ficar com saudades do mundo. Mas nesse dia, pela primeira vez em 3 semanas de total reclusão e isolamento lá fui eu, me aventurar no mercado. Por incrível que pareça, senti frio na barriga logo no começo dessa jornada, durante a passagem pela porta de casa. Chamar o elevador de luva, passar álcool gel nos botões, entrar no carro, higienizar tudo e partir. Olhava as ruas como se fosse a primeira vez. Engraçado pensar que moro há 18 anos nesse bairro e mesmo assim não o reconheci. Ruas totalmente desertas me deram uma sensação dúbia de alívio e angústia. Alívio já que isso significava que estavam tratando a quarentena com seriedade. Angústia porque agora aquilo estava diante dos meus olhos. Não era só mais uma notícia na tv, se tornou, naquele momento, real para mim. Chegando no mercado havia limite de pessoas. E lá vamos nós: passe álcool no carrinho, coloque a luva e máscara, mantenha distância do outro, evite contato com o rosto e pegue somente o necessário. Ao olhar em volta a ansiedade só foi aumentando. Todos de máscaras, olhando desconfiadamente (ou talvez tenhas sido eu que estava), mantendo distância. O clima era tenso, muito diferente do que achei que seria. Poucas filas, produtos em falta e assim foi caindo mais ainda minha ficha da gravidade da situação. A sensação era de insegurança. Minha cabeça explodia de tantos pensamentos que passavam na minha mente, mas um gritava mais alto: “Só quero ir para casa”. Já em casa outra jornada me esperava. Tira o tênis e vai o desinfetar, tira os alimentos das sacolas e as lavas, lava todos os alimentos, os seca, depois vai direto para o banho e por fim coloca a roupa para lavar. Mesmo depois de tudo isso, só conseguia pensar em minha tamanha sorte, já que pude sair de lá o mais rápido possível. Pensei nos funcionários que continuavam lá, trabalhando horas e horas se expondo ao risco de serem contaminados, e tudo isso sem o devido reconhecimento. O mesmo vale para os funcionários de farmácias, estabelecimentos de comida, da coleta de lixo, entre outros. Como deve estar a subjetividade dessas pessoas? E saúde mental? Bem, cheguei à conclusão de que não devia estar lá muito boa. Confesso que fiquei triste com todos esses pensamentos, mas concluí que a coisa mais importante que eu poderia fazer por essas pessoas e todas as outras que continuam trabalhando em meio a uma pandemia era ficar em casa. Ficar quietinha no meu apartamento, evitando que essa doença se espalhe ainda mais. E assim termino a minha experiência no mercado. Uma mistura de ansiedade, angústias e preocupações regada a muito álcool gel.

****** *n_078**

Acordei. Outro dia teve um acaso interessante. Ganhei de presente de minha avó seu violão. Por sorte, foi antes da pandemia. Ele já tinha passado por muitas mãos dentro da família, inclusive as minhas. Mas sempre retornava para minha avó. Antes da pandemia, conversando com meu avô cheguei à conclusão que o violão seria um bom instrumento para aprender a tocar. Meu vô é daqueles de ouvido cantado, que já tocou muitos instrumentos diferentes e cantarolando vai construindo música mesmo sem partitura. Demorei muito para entender a sutileza de meu avô. Quando era criança não gostava muito de ficar com ele, tinha certo medo, principalmente quando apertava minhas mãos para atravessarmos a rua. Adulta descobri, curiosamente, que nas suas mãos duras, também morava certa sensibilidade. Um dia em sua casa, enquanto disfarçava um improviso nas teclas do seu piano, contei a ele que gostava de cantar. Coincidentemente, foi no dia que levei as flores em homenagem ao aniversário de meu pai, que havia falecido há 5 anos. Foi uma tarde gostosa. A gente cresce e aprende que pode fazer coisas que antes não se permitia. Cresci ouvindo música e sabendo letras de cor, mas no carro que era a hora que ouvíamos a rádio, minha mãe e meu irmão sempre reclamavam quando eu cantava junto. Daí que cresci achando que minha voz era aguda demais, estridente demais, não era daquelas para ser ouvida. O violão, disse meu avô, é um bom companheiro para o canto. No dia do acaso, tive a minha primeira aula de violão, movimentada por um encontro de carnaval. Aprendi alguns

acordes, estávamos tocando *Deusa do Amor*. E ela me disse para cantar enquanto tocava. A aula acabou. Fiquei com uma animação receosa, sempre me questionei se um dia poderia tocar, além de ser tocada pela música, esse dia ficava entre uma dúvida e uma fantasia distante. Mas o acaso tem dessas coisas também, uma surpresa não só pelas vias da tragédia. Depois de um tempo repetindo o Mi Menor, com os dedos se acomodando nas cordas e a voz surgindo quase que despercebida, ganhando espaço e corpo, guiando de acorde em acorde, a quarta estourou. São tantas as cordas que nomeiam os acidentes. E nesse percurso todo descobri que nem todo acidente produz dor e sofrimento, que nem todo acidente é pulsão de morte ou inevitável destruição. Há algo de acidental que é da vida. O dar corda ao desejo do outro, a corda de pular na infância, a do violão, a corda onde circense se equilibra. E foi no estouro, no silêncio dos acordes, que me ouvi nesta outra corda. A voz entre as paredes, povoando o quarto com meus avós, amigos, amores e dores já vividos: não há nada que seja demais, não há nada de resto, de excesso na voz.

****** *n_079**

Eu não sabia sobre o que escrever. Pensei sobre vários assuntos: meu cachorro, meus longos banhos, comida, saudades, o aniversário de minha melhor amiga, minha namorada… tudo passou pela minha mente, mas nada parecia certo. Nenhum tema me inspirava, não saberia o que falar sobre essas coisas que não fosse clichê, ou que, mesmo sendo clichê, fosse algo que eu realmente quisesse colocar para fora. **Nada. Eu quero escrever sobre nada. Eu quero sonhar sobre nada. Eu quero fazer nada, comer nada, beber nada. Eu não tenho sobre o que falar, eu não quero mais ter sobre o que pensar, com o que me preocupar. Nada, não quero ter motivo para chorar, para sorrir, para ter raiva, para ansiar. Eu não quero assistir, eu não quero jogar, eu não quero sentir. Eu não aguento mais sentir. Por favor, alguém, me faz parar de sentir.** Eu não quero mais segurar as lágrimas, mas eu também não quero que elas escorram. Eu não sei por que elas escorrem, e isso me corrói. As lágrimas doem, elas machucam, minha garganta aperta, e eu não sei como parar, eu nem ao menos sei por que elas insistem em escapar. **Eu quero ansiar pelo final da quarentena, que todo mundo fique bem, que todo esse sofrimento acabe. Eu quero gritar que sinto saudade, que quero ver quem eu amo, que quero me sentir viva novamente. Mas eu sou vazia. Eu só sei mentir sobre saudade. Me sinto triste, é verdade, mas nem sei o porquê. Eu quero lembrar porque eu devo sentir saudade, porque eu devo gostar de sair de casa, porque eu devo gostar de ter uma rotina, de estudar, de viver. Mas eu só sinto nada.**

****** *n_080**

Tudo começa com uma lua de sangue. É sempre a lua de sangue. Às vezes, me surpreendo com a velocidade que elas reaparecem. Toda noite que a lua vermelha e enorme enfeita o céu, a atmosfera muda. A voz da princesa Zelda me lembra mais uma vez que, enquanto eu não completar minha missão e derrotar Calamity Ganon, todos os monstros que derrotei até agora renascerão, atacarão novamente os civis do reino de Hyrule, população que eu tento tanto proteger. Viajo reino acima, reino abaixo. Me deparo com todos os povos residentes no reino: os zoras, os ritos, os hyrulians, os gorons e as gerudos. Ajudo todos que posso. Aceito toda e qualquer missão, desde procurar dez galinhas na pequena cidade de Kakariko até derrotar gigantes de lava próximo a *Death Mountain*. Encontro templos, resolvo seus enigmas e quebra cabeça, e recebo a benção das deusas. Compro uma casa, pequena, simples, aconchegante. Entretanto, quase nunca fico nela, sempre explorando o reino, procurando armas, dicas, memórias, tudo que possa me auxiliar na batalha contra Calamity Ganon e finalmente salvar a princesa Zelda, que se encontra presa no castelo dominado pelo vilão. Neste último mês, liberei as quatro Feras Divinas do poder aprisionador de Ganon, o que ocasionou a liberação das almas que estavam presas nas feras, almas de meus velhos companheiros, que morreram 100 anos atrás tentando derrotar Ganon antes que este dominasse o reino. Cada um me presenteou com habilidades únicas e memórias de nosso tempo juntos. Memórias, o tesouro mais importante que me foi roubado. Durante os 100 anos em que estive em coma, todas minhas memórias pereceram, me deixando uma página em branco, uma caixa vazia, um ser sem alma. Com a ajuda de Impa, uma sábia anciã, fui capaz de recuperar 13 memórias essenciais de minha vida, a maior parte delas relacionadas à Zelda, a princesa de Hyrule, quem eu jurei proteger com minha vida e até a morte. Zelda, a pessoa que me salvou quando tudo estava perdido, a princesa que, ao se sacrificar por mim em seus últimos momentos, manteve congelada a esperança de um reino em paz quando o herói de Hyrule acordasse, finalmente. A princesa honrosa que viveu seus últimos 100 anos aprisionada por Ganon, em um sono profundo e sufocante. E quando digo eu, no caso, quero dizer Link, o protagonista do jogo *Legend of Zelda: Breath Of The*

Wild, é claro. Não posso parar, tenho que salvar Zelda. Mas… se eu a salvar, derrotar o grande mal que acerca o reino, o que farei? O pensamento me corrói. Busco inutilidades para fazer no jogo, completar todas as missões, encontrar todas as sementes perdidas, derrotar todo monstro que encontro no caminho, caçar monstros por suas partes e as usar para aumentar o nível de minha armadura… tudo para procrastinar o final. O feliz final, onde o reino chega a tão desejada paz, as almas penitentes encontram seu nirvana, a princesa e o cavaleiro reinam juntos pelo bem de seu povo, finalmente livre da calamidade. O final onde eu finalmente coloco meu controle de videogame na cama, leio vários nomes japoneses ocuparem a tela junto aos créditos enquanto lágrimas enchem meus olhos. O final, a partir do qual *Link* não precisa mais de mim. O final, após o qual devo buscar outro mundo para habitar, outro povo para salvar, outro protagonista para controlar, para fugir desse terrível e interminável realidade.

****** *n_081**

Quanta impotência temos vivido nesse período. Em relação à doença, em relação à morte, em relação ao governo e suas atitudes ignorantes e irresponsáveis. Como se não fosse o suficiente termos que nos preocupar de não ficarmos doentes pelo nosso próprio bem e pelo bem coletivo, ainda temos que enfrentar o aumento do desmatamento da Amazônia e índios sendo mortos. Como se não bastassem as perdas e o medo, temos que enfrentar o descaso e o abandono por parte do presidente. Não bastando o peso da responsabilidade de ter cuidado o tempo todo, temos que lidar com os irresponsáveis que, sem precisar, saem de casa para tomar uma gelada ou até para se aglomerarem em manifestações antidemocráticas. Temos que tolerar politicagem e discurso de ódio, em meio a uma pandemia que está levando milhares de pessoas à morte solitária, sem um lugar para enterrar o corpo, além do enorme sofrimento gerado às famílias. Em tempos normais, seria mais simples fazer algo. Ir para a rua, criar movimentos, ajudar essas pessoas. Mas temos que estar em casa. E o máximo que conseguimos é esperar temerariamente que as coisas melhorem, ajudar quem podemos e fazer abaixo assinados que esperamos que tenham a atenção necessária.

****** *n_082**

Esse filme mexe com certezas e emoções. Durante todo filme fiquei tensa. Uma situação absurda e infelizmente real que demonstra a fragilidade da verdade e a força impiedosa de uma desconstrução, negação, mesmo que infundada, podendo ter um efeito negativo e perverso sobre a memória. No filme, afirmações com suposta base científica e com clara carga antissemita são capazes de colocar em dúvida todo sofrimento e todos os fatos históricos acerca da tragédia do Holocausto. Se fere a memória afetiva e se questiona a dor de todo um povo, de toda uma luta. Há uma cena que representa bem a contundência da desconstrução de um fato histórico, o que não demanda ter responsabilidade humana ou histórica, não demanda sensibilidade, é apenas a necessidade de provocar e colocar sombra sobre o que está posto. Portanto, não é algo difícil de se fazer, como é quando essas coisas estão em envolvidas. A cena em questão é a da palestra da professora, interpretada por Rachel Weisz, em que Sr. Irving a afronta, a desafia a debater a questão do holocausto e as pessoas presentes, ao invés de acharem absurdo, ao final da palestra aparecem fazendo fila para falar com Sr. Irving e pedir seu livro. Outra situação do filme que incomoda é o fato dos sobreviventes do holocausto não poderem testemunhar no julgamento, por determinação dos advogados. Apesar da dor ter de ser ouvida, parecia mais interessante para que se vencesse o caso, que não fosse. Senti uma angústia muito grande com essa situação, porque dá a sensação de que se anula o humano, o vivido e se foca em provas objetivas e concretas (como se o relato do sobrevivente não fosse uma). Mas, é compreensível, pois afirmam que seria uma exposição muito grande e uma forma de vulnerabilizar os sobreviventes a intimidação e ironia desumana daquele homem. Seria dar a ele o que ele queria. Além disso, na cena em Auschwitz se demonstra a preocupação com provas concretas, o que incomoda profundamente a professora. E fica claro o quanto existiram estudos que tentaram provar que não houve mortes ali (como o estudo feito por um engenheiro que comprovou que havia mais cianeto no local em que se matava piolhos do que no local em que se matavam as pessoas o que o fez concluir erroneamente que as pessoas não eram mortas) e não houve estudos para se provar o contrário, o que choca. Mas também é compreensível porque, de certa forma, não deveria se fazer necessário. Penso que o que se passa no filme é muito atual, principalmente no cenário brasileiro. **O presidente e seus seguidores, negando a existência ou importância e perigo do vírus, tentam deslegitimar as notícias, a ciência, os profissionais de saúde e passam por cima de todo sofrimento das pessoas que ficam doentes ou perdem familiares e amigos. Assim como negam**

os crimes desumanos da ditadura militar, apoiando seu retorno em manifestações e homenageando torturador e assim como tentam desconstruir o jornalismo, a educação, a arte, os próprios artistas, bem como qualquer questão humanitária, que para eles é sempre algo declaradamente da oposição. E o pior, o discurso funciona para muitas pessoas e quando não, planta a semente da dúvida em outras, gerando apenas incoerência e confusão.

****** *n_83**

Nessa época de pandemia, se pode observar muitas modificações nas relações humanas. Seres sociais como nós, estão sendo obrigados a evitar e a ter medo do contato com os outros. Observei o que tem acontecido ao meu redor, no prédio em que moro e no supermercado. As pessoas, protegidas atrás de máscaras ou não, parecem se sentir ameaçadas na presença de outras. Ao caminhar pelo meu prédio, ocasionalmente se encontra outro morador. Ambos se constrangem, baixam o olhar, se afastam, passam um pelo outro com relutância e distância. Uma mulher moradora não ousou chegar perto do álcool gel enquanto um outro homem, que não utilizava o álcool, se afastasse. Vi uma mulher mudar a rota da sua caminhada porque havia vizinhos conversando com funcionários no sentido em que ela estava se dirigindo antes. Vi um vizinho recusar o elevador porque outros moradores estavam dentro. No mercado, vi uma mulher tocar no ombro de uma conhecida, ato completamente natural não fosse a doença, e ser chamada sua atenção pela filha, de que aquilo era errado. Uma última situação similar que observei foi quando compareci a um laboratório junto de minha mãe para tomar uma vacina. Ficamos o tempo todo inquietas, de pé, sem encostar em lugar algum. E toda vez que minha mãe colocava a mão perto de seu próprio rosto, eu chamava sua atenção. O fator mais desesperador foi uma das máscaras que minha mãe segurava cair no chão, o que seria algo normal em qualquer outra época. Mas ficamos sem saber o que fazer com aquela máscara, minha mãe não queria ao menos a segurar. São muitas situações que seriam tratadas com naturalidade, mas que nessa época de pandemia ganham um novo significado cheio de tensão. Isso me angustia, o medo de se perder a liberdade do encontro com o outro e de a expansão para além da zona de conforto se tornar mais difícil.

****** *n_084**

Essa semana foi muito marcada pela presença de uma falta. A medida de a quarentena se adentra, acho que a ficha caiu, me dói principalmente o fim de todo planejamento que eu tinha feito para esse ano. Eu que não sou uma pessoa que se planeja muito já por ter muita insegurança em relação a tudo no mundo, o medo de me aproximar, tenho vontade de afastar tudo antes que aconteça algo ruim. **E dessa vez, parecia que estava tudo certo, amizades promissoras, iniciação científica, relacionamento saudável, terapia, tudo em dia, tudo ótimo, e então de repente, Puff, tudo desaba. Parece até que é um teste, tudo comigo tem que dar errado em algum momento, não que eu realmente ache que tenha um complô contra mim, mas que é frustrante é. Me sinto sem rumo, como se tivesse perdido a estrada que eu havia construído. Espero e imagino nos meus sonhos mais loucos que isso é um daqueles momentos de ruína que aparece a criatividade, como quando os autores mais ilustres saem de momentos históricos tenebrosos como guerras e crises financeiras. Por enquanto, me resta esperar, pois cansei de tanto lutar, não vou ficar me definhando por coisas que não posso controlar, mas eu tô sempre nessa dicotomia, ou me queimo indo muito intensamente nas coisas, ou me afasto demais até sangrar por dentro.**

****** *n_085**

Saudade. Essa semana, durante uma aula, uma colega de classe ligou câmera, longe de ser uma de minhas amigas próximas, ver seu rosto me fez sentir algo, entendo que foi saudade. Acredito que todos estejam passando por isso, sentir falta de ver as pessoas, dos contextos, das interações. Estar socialmente isolados potencializa a saudade. Sinto saudades de todas as conversas jogadas fora, de partilhar sonhos que tive, das risadas e de momentos que diariamente compartilhava com pessoas tão queridas para mim. Tem sido um momento de tentar desenvolver minhas habilidades de interação virtual. Sou dessas pessoas que demora dias para responder, por vezes nem respondo, sinto muito, inclusive, aos que lidam com isso, mas realmente é uma dificuldade. Minhas gesticulações, minhas feições e entonações não entram nas mensagens de texto. E os recursos como áudios e vídeos as vezes cansam os outros. Sem contar que eu sinto que mandar mensagem adquire um sentido maior que o da simples conversa solta do dia a dia, deixo de mandar coisas por serem muito bobas. Mesmo assim tem sido um importante recurso, como seria sem toda essa tecnologia? Sinto falta da interação

presencial, mas com certeza não me desliguei das pessoas que amo. Chamadas de vídeo com a minha avó tem sido como um respiro, mesmo assim a saudade que eu sinto dela é tremenda, de costurar junto, comer a comida dela, ficar deitada com ela assistindo tv. Sei que ela também está com saudade porque ela faz questão de pontuar em todas as nossas conversas.

****** *n_086**

Moro em São Paulo, mas minha família é do interior, como minhas colegas de apartamento voltaram para a casa de seus familiares resolvi fazer o mesmo nesse período a fim de não ficar sozinha. Apesar de sentir saudades da casa que chamo de minha, acredito que estar no interior durante esse delicado momento de isolamento esteja sendo o melhor a ser feito. Para os lados de cá, minha família mora em casa, casa tem quintal e quintal bate sol, poder usufruir disso dá uma sensação de proximidade distante do mundo lá fora. Eu nunca morei nessa casa que meus pais moram hoje, me mudei para São Paulo antes deles mudarem para cá. Sinto um pouco de estranhamento por estar passando bastante tempo aqui. No entanto casa de mãe, pelo menos da minha mãe, sempre se garante como um lugar acolhedor, um lugar de pertencimento. **Acredito que das poucas coisas boas, talvez a única, desse isolamento social seja essa possibilidade de estreitar ainda mais os laços com as pessoas queridas. Já faz 5 anos que eu saí da casa dos meus pais e reviver o dia a dia como participante ativo não como visita rápida tem sido bem precioso.**

****** *n_087**

É muito curioso o fato da pandemia nos impôr a necessidade de nos reinventarmos naquilo que sempre nos pareceu cotidiano, visão sustentada pela correria do dia a dia. O tempo em casa se estendeu e, com ele, houve transmutações até naquela garrafa de plástico que antes era lixo: agora pode vir a ser uma proposta de artes, como um boliche caseiro. Procurei investir meu olhar em aspectos que, anteriormente, passavam despercebidos. Desde que o isolamento começou, algumas boas horas por dia passaram a sobrar. Prometi a mim mesma que não ia esquecer as plantas da varanda. Passei a regar cuidadosamente. A samambaia, que ameaçava a predominância de um tom amarronzado, hoje está em um verde_bandeira intenso, vivo. Até uma orquídea que eu nem sabia que era uma orquídea floriu. E ainda há uns botões para abrir. Fiz um curso *online*, durante o final de semana, sobre como cultivar uma horta em casa. Já coloquei a mão na massa e estou no processo de (re)plantagem de uma cebola: utilizei a cebolinha que nasceu para preparar o jantar de hoje à noite para a família.

****** *n_088**

Saudades. Sigo só nessa quarentena. Nada muito novo se pôs em meu caminho, os dias parecem mais curtos, por mais incrível que pareça. As aulas se tornaram muito insignificantes e abstratas, fora uma ou outra que se salva pelo conteúdo e professores. Sinto falta do cheiro das pessoas, da forma de abraçar e do beijo de oi, que se distingue tanto de indivíduo para indivíduo. Sinto falta do desconforto de encontrar algum estranho no corredor, e termos uma breve conversação sobre qualquer assunto, que é atravessado por um silêncio desconfortável, que na maior parte das vezes acaba por aumentar a intimidade. E a saudade de sentir saudades de ficar sozinha, a saudade de sentir saudade de ficar em casa. Queria ver o rosto dos meus professores, seus jeitos e andares. Caminhar junto com eles. Sonho com a psicologia e com o poder estar atuando, ou perto de quem atua, aprendendo. Sinto falta dos perrengues que ainda nem passei, mas anseio viver, e que agora parecem quase impossíveis, por mais lógica que eu coloque na equação. Tenho vontade de conhecer a Tânia e o Luís e a Bia, e o Broide, e a Graça. E assim, sinto-me longe de tudo.

****** *n_089**

Viajei para o interior para ficar com minha tia que mora sozinha, e minha mãe fez questão de vir até ela para que não ficasse sozinha, ao invés de ela ir até nós. Estamos na serra da Bocaina, a quilômetros de distância do coronavírus, sem energia e com um *Wi-Fi* que só funciona na casa do caseiro. Amo esse lugar, as montanhas são de veludo e a lua nasce vermelha todo dia, inúmeros cachorros e animais, e duas mulheres que amo muitíssimo. Porém, nada consegue ser leve. Sinto que mesmo longe de tudo, a gravidade continua tão intensa quanto senão mais. Sinto meu corpo puxado para a terra com

toda a força, e o costumo de desprender os pés do chão e voar para longe, me deixando flutuar no riacho aqui perto, já não é mais possível e nem viável, por mais que eu tente. Os instrumentos habituais que costumo usar para sair de onde estou quando algo muito pesado pousa sobre meus ombros, como um problema, não tem mais feito tanto efeito ou dado tanta graça. Meu consumo de cachaça, cerveja e álcool aumentou, mas já não me dão todo prazer que costumavam dar. Vi um lobinho do mato solto, correndo por aí. Foi a única coisa realmente bela e apreciável dos últimos três meses. Pelo menos ainda há beleza.

****** *n_090**

Tenho escutado Maria Bethânia e refletido sobre a luta que é existir quando se está no mundo. Tenho o intuito de me intrincada na luta antimanicomial e na frente pelo desencarceramento há anos. Tudo foi ficando para depois, postergado, deixado para o dia seguinte ou quem sabe o mês seguinte. E PUFF! Uma pandemia mundial toma conta de mundo, não do meu país, nem da minha cidade, do mundo. Vemos algo extraordinário acontecendo, muito além do que jamais imaginei que veria a olhos nus. Não aguento mais ser testemunha de evento histórico. Falo isso deitada em uma cama enquanto escrevo, longe da cidade, com todo acesso possível e provável a remédios, hospital e todo conforto que é possível de se ter em um período delicado como o que nos encontramos. Posso comprar os sabonetes, tenho água e máscaras. A alguns quilômetros de onde me encontro, há uma fazenda de cabeças de gado, passando perto enquanto caminhava, vi uma babá negra vestida inteira de branco, com duas crianças correndo de um lado para o outro. Conversamos. Me disse que não via sua filha de quatorze havia dois meses. Parece que vem morando com o marido, de quem é separada, e não apresenta condições de deixar o serviço sem os patrões pagarem ela num momento como esse. Está presa na fazenda. A pandemia tem afetado a todos, e o isolamento e solidão intrínsecos a experiência de quarentena parecem ter se manifestado em todas as esferas em diferentes âmbitos. Há, e sempre haverá, no entanto, quem esteja há um abismo de distância no sofrimento sentido por cada um de nós. Sempre haverá quem cuida dos filhos dos outros enquanto eles se dizem passando por uma fase muito difícil. Quem limpe a privada dos que choram a solidão. Não deslegitimo a dor dos de cima, mas é inegável, dói mais não ter escolha.

****** *n_091**

Começamos o semestre, nós estudantes, com a convicção e certeza da ineficiência que seria cursar estágio Básico em meio a um confinamento mundial. Assistindo as aulas de dentro de casa, por uma tela pequena e quadrada. Tânia, no entanto, com sua delicadeza e olhar aguçado, conseguiu, junto com a participação de meus colegas, que o semestre se fizesse muito aproveitável e interessante. As discussões foram vivas, na medida do cabível ao momento, as trocas reais, por mais virtuais que parecessem, se efetuaram. Junto com Calligaris, Lemos textos lindos, que foram um instrumento de desopilação e lembrança da beleza que é essa profissão e dos desafios e empecilhos e desejos e belezas que deixamos de encontrar, na medida que deixamos os encontros. Lembretes do quanto ainda há para existir e viver como psicólogo e como ser no mundo se relacionando. Tudo muito rico. Sentia sempre, enquanto escrevia as crônicas um impulso narcisista de acabar por falar de mim, e eu, eu, eu, acima de eu. Das dores que eu sinto, dos olhares que eu tenho, e sempre na dúvida de que a proposta fosse essa e que estivesse de fato intrincada e imersa na ideia de escrever uma crônica semanal. Acabo lendo-as e percebendo a que tiveram para mim (mais uma vez). Como no processo de escrita, trocamos ideias com nós mesmos, e com quem as leem. Foi muito gratificante ter registros dessa quarentena, relacionados com a vida acadêmica que vivemos, agora a distância, e que ocupa um espaço tão grande nas nossas vidas, cabeças e cotidianos. Consegui lembrar o que tanto amo na psicologia e o que tanto almejo viver a partir das leituras conjuntas e das escritas individuais propostas por essa disciplina. Agradeço muito a você, Tânia, por essa oportunidade muito bonita e possível para o hoje.

****** *n_092**

No dia 22 de maio, nosso encontro internético foi um pouco diferente dos que estamos fazendo nas aulas de estágio básico I, tivemos a ilustre presença do coordenador do Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), Bruno Fedri. Ele concordou em conversar com a gente sobre sua experiência, a de quem já coordena o CRAVI há 7 anos e 5 meses. Nossas aulas acontecem na plataforma Teams, mas fomos ao encontro dele no Meets, nos deslocamos até ele, como eu faria se pudesse me deslocar até

o fórum da Barra Funda, mas fiz sem sair da frente do meu computador. O CRAVI seria a instituição na qual eu estagiária esse semestre, se o vírus do COVID-19 não estivesse a solta, portanto, estava animada para ouvir o que ele tinha para nos contar sobre o trabalho que lá é realizado. E já adianto que fiquei ainda mais animada com a ideia de estagiar no CRAVI e um pouco chateada, confesso, por não se concretizar. O CRAVI é um programa da Secretaria da Justiça e Cidadania, que surge como uma proposta de política pública, para dar apoio existencial, psicológico e jurídico a vítimas de crimes contra a vida, como homicídio, feminicídio, latrocínio e ameaça. Ou seja, eles atendem principalmente às famílias que perderam alguém e eventualmente sobreviventes vítimas desses crimes. Um trabalho mais específico do que eu havia entendido, na minha cabeça eles acolhiam outros casos de violência, como violência doméstica. O Bruno deixou claro que não são um centro de proteção, e quando esses casos chegam ao CRAVI, são sim acolhidos, mas o procedimento é outro, esses casos são orientados e encaminhados para outros programas. Esclarecido o trabalho realizado no CRAVI, o Bruno falou sobre o método realizado para acolher e prosseguir com os casos, método este que surgiu da união multidisciplinar de professores de direito, psicologia e serviços sociais, a partir do estudo sobre "o perfil da vítima de violência fatal e suas principais necessidades. Quando os primeiros resultados começaram a surgir, deu-se início à organização da demanda". Nesse momento ele falou sobre a atuação dos estudantes estagiários na primeira etapa desse método, a triagem. Qualquer pessoa que se sente vítima, sem precisar de provas ou outras burocracias, pode procurá-los por e-mail, telefone ou presencialmente e são os estagiários que estão ali na linha de frente, para receber esse primeiro contato que deve vir carregado de energia e afeto, imagino que muitas vezes carregado de dor ou raiva, por exemplo, mesmo que se trate de um simples pedido de informação. Por fim ele nos contou sobre o perfil das pessoas que procuram o CRAVI, 70% são mulheres, mães que perderam seus filhos, a maioria jovens negros. Nesse momento fiquei pensando: quando será que uma mãe sente que a justiça foi realmente feita, quando seu filho quem foi morte? E como essas mães se sentem quando quem matou foi o próprio Estado direito? Perguntei ao Bruno sobre as expectativas dessas mulheres ao procurarem o CRAVI, com gentileza ele acolheu minhas questões e disse que algumas dessas mães afirmam que de fato elas esperam que a dor que elas sentem passe depois dos julgamentos e processos, mas ao final a dor permanece; e falou de um trabalho bacana de reunir essas mães em grupos para que possam falar sobre o assunto e trocar experiências. Durante a pandemia ele disse que não aumentou a demanda no CRAVI, que isso talvez depois que o isolamento passar, justificou isso por talvez lá não ser um acolhimento. Se essa projeção dele for verdadeira, ao voltarmos às ruas, eles terão muito o que trabalhar, dados mostram que a violência doméstica tem aumentado com a pandemia. ● "Em São Paulo o número de homicídios de mulheres saltou de 38 para 41 vítimas, crescimento de 7,9%. Já os feminicídios cresceram 46,2%, saltando de 13 vítimas em 2019 para 19 em março deste ano." ● "Em São Paulo o aumento dos feminicídios chegou a 46% na comparação de março de 2020 com março de 2019 e duplicou na primeira quinzena de abril" ● "Os registros do 190 apontam a mesma tendência, indicando aumento dos atendimentos relativos à violência doméstica ; em São Paulo o crescimento chegou a 45% nas ocorrências registradas via 190" ● "A pesquisa em redes sociais mostrou aumento de 431% nos relatos de brigas entre vizinhos no Twitter entre fevereiro e abril de 2020", Dados da nota técnica *Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19* lançada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que comparam do mesmo período de março de 2019 e março de 2020.

****** *n_093**

Considero que a aula foi produtiva e interessante. acho importante compartilharmos nossas reflexões e crônicas com outros alunos quando nos sentimos confortáveis para tal, mesmo que às vezes elas sejam longas e tomem bastante tempo da aula. acho que, de alguma forma, esses relatos nos aproximam. me identifico com alguns e sinto que não estou sozinha, por isso acho que devemos continuar com esse esquema. saí da aula me sentindo ouvida e acolhida e gosto dessa sensação!

****** *n_094**

Outro lado do muro. Todos os domingos, a mesma coisa. Antes do meio-dia, o cheiro de carvão já exala no ar, assim como músicas de um sertanejo genérico. Ri-se alto, fala-se alto, como se não houvesse preocupações. Às vezes, a barulheira é seguida por um "feliz aniversário" e por comentários bonachões ainda mais altos. Do alto de sua juventude, meus vizinhos parecem não compartilhar das mesmas angústias que me acometem. No começo da quarentena, até mesmo estranhava meu próprio vazio ao me deparar com a plenitude de vida e a profusão de sons que emanavam do outro lado do muro.

Perguntava-me se era eu a paranoica. Mas, infelizmente, as notícias parecem revelar que não era eu quem estava errada. O condomínio até mesmo mandou uma nota pedindo aos vizinhos respeito e controle do volume de tais festas mórbidas. **Mas a falta de empatia parece vir em muitas formas.** E não que queira me colocar numa posição ascética, de abnegadora dos prazeres e rainha do distanciamento social, mas verdadeiramente me surpreende a facilidade com a qual se entregam às distrações. **Talvez sejam certezas incertas de pertencerem a uma classe social privilegiada e terem acesso a hospitais como o Sírio e o Einstein ou até mesmo à cloroquina.** Talvez seja um dos sintomas dessa negação massiva da realidade estimulada pelo líder supremo dos infelizes. **De qualquer forma, é um tanto surpreendente se deparar com a realidade de que pessoas tão literalmente próximas encaram a vida de formas tão diferentes.** Realmente, politizamos a epidemia; me lembro de sentimento similar apenas nas épocas de eleições para o executivo**. Nesse medo que os outros suscitam pela chance de contágio se soma o medo da falta de compreensão e afinidade pelo próximo que gestos como estes revelam. E é terrível. Vejo-me com repulsa e condenando as pessoas agora pela ideologia que seus atos evocam. A falta de empatia, de alguma forma, não estaria também em mim? Com o avanço dos movimentos negacionistas recentes, com direito a manifestações também dominicais no Palácio do Planalto, este muro que nos divide não estaria sendo causa de tais comportamentos passivo-agressivos (francamente, abertamente agressivos)? E me questiono como reatar o diálogo com pessoas com as quais talvez nunca tinha conseguido atar para começo de conversa. E o desafio agora é vencer essa barreira: do barulho, da certeza cega, de desejos regredidos por violência, de rompantes autoritários, do temor e desgosto pelo outro para então podermos conversar e aí sim combater esta outra pandemia.**

****** *n_095** — Crônica: os dias eram assim

Há mais ou menos 50 dias estamos quarentemados aqui na cidade de São Paulo. Há 50 dias desenvolvendo novas práticas como fazer pão em casa, lavar as mãos constantemente, se embebedar em álcool em gel e perder a noção de que dia ou hora estamos. Para mim, o grande desafio se tornou o dormir. Nunca fui essencialmente boa nisso. Em cochilos, ótima; mas quando o assunto é o deitar e dormir à noite, aí a história é complicada. O grande complicador deste processo tem sido a imposição da ausência de rotina. E se por um lado os vínculos com a faculdade, as aulas e esse senso de compromisso é excelente para não deixarmos o trem descarrilar de vez, nestes últimos dias preciso admitir que tenho achado extremamente extenuante a tarefa de manter todos os pratinhos girando. **A família em casa também se mostra um excelente obstáculo: agora que as coisas parecem ter se acomodado - dentro do possível, é claro - nesta dinâmica caseira; o respeito às *Calls* de trabalho de meu pai e às minhas aulas da faculdade parece que foi ao mesmo lugar que as idas ao shopping ou a restaurantes: para o espaço.** E é claro que essa crescente sensação de caos ocasionada pelos chamados por todo o dia, entradas inadvertidas ao meu quarto para me mostrar um vídeo fofinho no Instagram ou para me contar a mais nova do governo se soma ao meu já problemático sono para juntos decretarem o fim oficial da normalidade e do senso de comprometimento com o que parece ser uma vida minimamente organizada. São tempos novos e pelo menos aqui em casa, além da neura com qual coisa que chegue da rua (haja tanto álcool ou água sanitária e paciência para esterilizar desde embalagens até cartas), **a sensação de pânico está se distanciando. Logo no começo optamos por apenas nos chafurdarmos em notícias após o jantar, e não por muito tempo, o que se mostrou efetivo em controlar nossa ansiedade. Acompanhar os números, os mortos e a imprevisibilidade de tudo se revelou um verdadeiro estressor e esvaziador de qualquer senso de perspectiva no começo. Agora, parece que apenas estamos imersos em um tanque de nada. E neste nada, as coisas aos poucos vão também se desfazendo;** compromissos, horários, necessidade de tirar o pijama e hora aceitável para acordar. **Por aqui, estamos todos insones e consequentemente arrastando um ao outro para esse buraco sem fim do ciclo de sono estragado.** Talvez seja necessário olhar para além do desafio do Corona por aqui, uma vez que não parece ser tanto ele que nos assola no momento, e encarar o desafio de tentar reestruturar uma rotina. Não quero que o “new normal” meu siga este caminho de desrespeito por mim e pelos meus pares o qual eu vejo se impregnar. Mas avante! É de redescobertas e resiliência que somos feitos, e este momento nos impõe isso mais que nunca. Disso tudo, que fique a saúde, boas lições e uma relação familiar melhor estruturada e respeitosa.

****** *n_096**

Em tempos de ódio como estes que temos enfrentado, o filme *Negação* reapresenta a temática do negacionismo e revisionismo histórico cunhados a partir de um ponto de vista fascistóide. Olavo de Carvalho tem performado no noticiário nos últimos dias. Ao ver o filme de Mick Jackson, impossível não nos lembrarmos desta figura patética que ganhou tanto destaque desde as eleições de Bolsonaro. Terraplanista, contrário ao aquecimento global e afirmando que a Pepsi seria adoçada com fetos abortados, Carvalho é uma reedição ainda mais tosca de Irving. "*Outsiders*" do meio acadêmico, (ambos sendo autodidata), ganham a simpatia pública por essa aparente acessibilidade em contraposição ao lugar hermético ao qual a Academia se coloca. Em um rápido Google sobre o caso Irving x Lipstadt, me deparo com um vídeo no YouTube validando as ideias de David Irving (inclusive, acabei de cometer o melhor ato falho ao tentar escrever David, tendo escrito Devil rs). No mesmo canal, escravidão é questionada e biografias como de Churchill e Mussolini exaltadas. Infelizmente, o negacionismo do regime que durou 358 anos em nosso país, e cujos efeitos deixaram marcas tão profundas que continuam assolando enormemente nossa população com sua desigualdade social acachapante, não nos soa mais como totalmente estranha desde que o próprio presidente fez declarações deste mesmo cunho. É emocionante ver a distorção histórica passada a limpo. Um desejo profundamente potente de ver estes que intencionalmente distorcem a verdade, visando a disseminação de um ponto de vista preconceituoso e empobrecido, emerge. Neste momento de desesperança e até mesmo desespero quando o assunto é política, este filme surge como um lampejo de sobriedade. Fez-me lembrar de uma frase que Dilma proferiu quando o Senado acatou pelo seu "impeachment": "A história será implacável com os que hoje se julgam vencedores." Que assim seja.

****** *n_097**

Angústia. Toda vez que vou no mercado fico observando o comportamento das pessoas e muitas vezes acabo me irritando. Vejo pessoas na rua andando com a máscara no queixo, outras sem máscara e outras fazendo exercícios físicos em um momento em que eram para estarem cumprindo o isolamento e ficando em casa. No mercado, as pessoas não respeitam os limites de distância, ficam se aglomerando nos corredores e isso me traz um sentimento de ansiedade, de angústia. Uma vez estava no mercado e observava um homem na fila muito perto de um senhor que ainda colocava suas compras na esteira do caixa e quanto mais o senhor se afastava do homem e abria um espaço, mais o homem se aproximava do senhor. Este franzia a testa, olhava para o homem e depois olhava para a mulher que estava no caixa passando as compras. Passados uns dois minutos disso aproximadamente, o senhor falou "eu não quero ser arrogante, mas tem como você ficar atrás da linha que você está pisando em cima?". O homem arqueou as sobrancelhas e regalou os olhos e então deu um passo atrás sem abrir a boca. Esse tipo de situação eu vejo acontecer sempre, muitas das vezes ninguém fala nada e muitas vezes não vejo as pessoas se incomodarem, mas eu me sinto totalmente desconfortável com esse tipo de situação, ver as pessoas lotando os corredores, passando perto das pessoas, não respeitando o distanciamento do outro me trazem um sentimento de aflição.

****** *n_098**

Espanto. Um dia fiquei na janela observando as pessoas que passavam na rua e percebi que a maioria eram motoboys fazendo entregas. Durante uns cinco minutos que fiquei observando, passaram quinze motoboys, uns de um aplicativo e outros de outro, mas sempre só esses dois aplicativos que predominam no mercado. Eles precisam cumprir diversos pedidos que aumentaram agora com a pandemia e precisam fazer o máximo de trabalho que conseguirem, já que seus trabalhos valem somente seis reais por entrega. Nessa corrida contra o tempo e a favor do dinheiro, muitos começaram a entrar na contramão e passar nos sinais vermelhos. As vezes que precisei sair, vi os motoristas não respeitando as regras de trânsito e passando no sinal vermelho, não parando onde deveriam parar num cruzamento, estacionando em lugares proibidos. Certa vez estava na avenida Sumaré e um caminhão quase que não parou no farol vermelho, apenas diminuiu a velocidade, olhou para o lado que vinha os carros do cruzamento e atravessou. Essas coisas costumavam a ser comuns e bastante observáveis antes da pandemia, mas em horários específicos, hoje acontece em qualquer horário do dia.

****** *n_099**

Eles não ligam para nós. O presidente do Brasil, o governador do estado de São Paulo e o prefeito decidiram que iram começar a reabrir algumas coisas, como comércios e shoppings e eu só consigo ficar aflita com toda essa situação. Querem que as coisas voltem ao normal se baseando em outros países que estavam muito ruins, mas que agora já começaram a voltar ao normal e isso não faz o menor sentido. Desde o princípio o presidente se demonstrou não ligar para o povo brasileiro e não ter maturidade o suficiente para governar um país e isso só se intensifica na medida em que no auge da doença, no auge dos casos, toma decisões que é praticamente mandar o povo brasileiro para morte. Países que flexibilizaram a quarentena o fizessem quando a curva já tinha diminuído e quando os novos casos e as mortes por dia estavam abaixando. Não consigo entender como acham que é uma boa ideia aumentarem a aglomeração num momento tão delicado que estamos passando. Um presidente que gastou milhares para a produção de um remédio que estudos apontaram que seu uso pode aumentar os ricos de morte ao invés de diminuir os sintomas e auxiliar na criação de anticorpos, e mesmo depois dos estudos terem mostrado seus resultados, insistir de que é o melhor remédio para se combater o COVID-19 não está pronto para governar um país. No momento em que os shoppings abriram em Brasília, se formou uma fila em um dos estabelecimentos, o que comprova que haverá muita aglomeração nesses espaços e que isso aumenta em muitas vezes o contágio. Acham que não é arriscado reabrir os comércios que nunca fecharam de fato no auge da doença que está crescendo cada vez mais. São essas situações em que me deparo com sentimentos como desesperança. Desesperança porque eles não ligam para nós.

****** *n_100**

Esses dias vi uma jovem do outro prédio à frente do meu que estava fazendo exercícios físicos em sua sala. Começou fazendo polichinelo, depois abdominal e depois agachamento. Ligou sua televisão e colocou no YouTube músicas para que pudesse ouvir enquanto fazia os exercícios. Fez umas vinte vezes um exercício que ela saltava e fazia uma flexão logo em seguida e depois de ter terminado a série, se deitou ao chão e percebi que ficou ofegante, respirava muito forte enquanto passava a mão em seu rosto. Foi para a varanda e tentou começar a pular. Suas tentativas fracassaram e ficou parada durante alguns segundos até que se aproximou do parapeito e olhou para baixo como se estivesse analisando o que se passava ali embaixo. Após isso, entrou dentro de casa e desapareceu. Parei de olhar, afinal estava me sentindo uma *stalker*. Minutos depois a vejo na quadra de seu prédio pulando corda sozinha. Com a pandemia tentamos nos adaptar e a manter a rotina que tínhamos antes e acho que isso é muito importante, mas às vezes não conseguimos seguir por conta de vários motivos. O motivo da jovem era não ter espaço suficiente em sua varanda.

****** *n_101**

Palavra tocada. Há algum tempo, já me recordo ser uma ávida defensora do aprendizado crítico da história. Todas as histórias. A partir do conhecimento da história do mundo que podemos olhar em retrospectiva toda a teia de acontecimentos que foram moldando a sociedade da maneira como ela é hoje, em sua multiplicidade de realidades, aprendendo o que já se foi feito, o que nunca deveria se repetir, como cada elemento que foi se conectando a outro formou tanto coisas lindas, como devastadoras. Conhecendo a história do mundo, chegamos mais perto de conhecer, não só como nossa realidade é hoje constituída, mas também nossa própria história. Assim, há outro elemento muito subjetivo implícito na história, a história de cada um de nós. Como, em uma escala um pouco menor, as nossas vidas tecem histórias, que envolvem pessoas, relações, experiências, dores e felicidades, cada uma de uma maneira absolutamente singular. O momento que nos encontramos acaba por limitar alguns meios pelos quais poderíamos ter planejado continuar escrevendo nossa história**; com o mundo de cabeça para baixo, talvez visitar aquela exposição, andar no parque, ir ao bar com os amigos, tornem-se atividades presentes apenas nas reminiscências de tempos menos assustadores**, visto que até uma ida necessária ao mercado ou a farmácia podem se revelar uma tarefa difícil. Há um cenário de incerteza e mesmo o olhar para aquela foto tirada no carnaval na rua, ou até da vez que se tinha uma liberdade para fazer algo simples como ir até uma lanchonete comer um lanche após um dia cheio andando na rua vem com imensa saudade. **No entanto, me vejo cada vez mais na necessidade de focar no que acabamos ganhando de experiências positivas. Algo que eu, pessoalmente, acabei ganhando muito nesse período foi, para o bem ou para o mal, muito tempo de reflexão comigo mesma. Assim, se isso foi, por um lado, algo que aumentou cada vez mais certas angústias que antes passavam um pouco mais despercebidas diante de**

um imenso caos do meu dia a dia, que pouco me permitia momentos de processamento de angústias relacionadas ao futuro e à morte, por exemplo, por outro, foi uma grande oportunidade de entrar em contato com esses conteúdos e, não só me conhecer melhor, como poder lidar com questões que há tanto tempo batiam na minha porta e eu buscava ignorar. Nesse processo, a continuação da terapia foi essencial, uma vez que o peso de sustentar toda essa angústia, que cada vez mais revelava galhos floridos de todo tipo de sentimento diferente, estava quase insuportável de sustentar. **Outra descoberta, no entanto, foi reveladora: a música clássica.** Sempre tive algo como uma "alma velha"; sempre preferi um jantar com músicas antigas com amigas à uma madrugada de pé em alguma balada na qual mais de cinquenta por cento do repertório me era desconhecido, para dar um exemplo. Os anos cinquenta, sessenta e setenta (do século XXI) contém, provavelmente, minhas produções musicais preferidas. Porém, nunca me aventurei no mundo da música clássica. Uma vez ou outra tinha uma vontade de ouvir algumas peças do ballet de Tchaikovsky, ou algo isolado da produção de Beethoven, mas devo admitir que nunca tive uma real paciência para a coisa. Acontece que, o que **faltava, era, talvez, algum contexto que revelasse um sentido nesse gênero musical. Assim, tive a oportunidade de ter novos olhos, ou melhor, novos ouvidos, a essa produção que tem algo que eu busco em todas as coisas: uma contação de história, permeada pela subjetividade de quem a vive.** Pode-se ouvir, por exemplo, em Shostakovich, uma mudança ao longo de sua obra, marcada pela censura de um regime progressivamente mais autoritário na URSS, assim como o que pode ser considerada uma forma de resistência através da música. Dessa forma, não só há uma enorme expressão da subjetividade de cada compositor em sua obra, mas fatos que marcaram um dado período estão ricamente contados de uma maneira que mesmo palavras falham em fazer. Agora, mesmo nas peças cujas notas se estendem em longos minutos, o sentimento que atravessa essa experiência é outro. **Acabei descobrindo uma nova possibilidade de me perder por alguns instantes frente a um mundo que estava, antes, drenando todas as minhas energias.**

****** *n_102**

Dor de cabeça, meditação e finitude. Quando tinha quase sete anos de idade, lembro de ter sentido o que foi, talvez, a minha primeira dor de cabeça. Mal sabia eu que essa seria a primeira de aproximadamente quatorze anos de desconforto ininterrupto. Faz tanto tempo, que não sei bem dizer se aquilo que eu sentia era mesmo uma dor de cabeça, ou se a dor de que me queixo desde então permanece com as mesmas características e intensidade. Só sei que isso acabou se tornando uma característica minha da qual não posso dizer ter a menor afeição. Faço visita a diversos neurologistas há anos e anos, mas nunca houve algum revolucionário que indicasse algo além de uma mera mudança de hábitos, ou aquém de remédios de uso controlado que minha mãe abominava, até que mais recentemente, pela indicação de uma amiga, encontrei uma neurologista que realmente buscou compreender a minha dor e, até agora, apresentou os resultados mais promissores. No entanto, o contexto mundial mudou completamente e, com isso minha velha amiga resolveu retornar com toda a força. Como se não bastasse a situação da pandemia e do cenário brasileiro em si para causar estresse o suficiente, houve uma necessidade de adaptação em todas as áreas da vida com a recomendação do isolamento social. O meu refúgio de prazer e descanso virou também lugar de estudo, de sala de aula, de intervalo com os colegas, entre muitas outras coisas, o que requisitou grande ajuste. Além disso, os horários de aula permanecem os mesmos, mas os horários de casa e, até mesmo o horário biológico, não, o que apenas aumenta a desorganização e o desgaste. Assim, com o decorrer do semestre e o consequente aumento de tarefas, trabalhos em grupo e atividades no geral, o cansaço durante o dia e a falta de sono à noite se retroalimentam e, se eu achei que meus olhos e minha cabeça estavam fazendo um bom trabalho aguentando as telas, fui provada errada. Se um dia reclamei de ter deixado todo o meu dinheiro no xerox da universidade, hoje, sinto enorme falta do acesso fácil e físico aos textos. Com isso, e com a fortíssima dor de cabeça que foi aumentando ao longo da semana e da acumulação de horas e horas em frente uma tela e má qualidade de sono, era até difícil parar para pensar sobre o que eu gostaria de relatar, parecia estar vivendo apenas mais uma daquelas semanas tão estressantes em que tantas coisas acontecem, que parece que não dá para tomar um respiro para reconhecer o que se passou, até que, chegou um momento em que resolvi meditar. Foram apenas quinze minutos. Não sou a melhor em me concentrar em justamente não me concentrar em nada, mas me imaginei no meu lugar calmo: no campo, com muito ar livre e muita grama. Não demorou muito para eu começar a me relaxar e me permitir a processar como esse cansaço e dor que eu estava tentando ignorar, para seguir com o dia, estavam me afetando. Nesse pequeno momento de pausa do mundo, também me vi quase obrigada a entrar em contato com as minhas reflexões e aflições que vêm me inquietando desde o começo da pandemia, a finitude (também me ocorreu que essa não fosse, talvez, a maneira mais "correta" de se meditar). Momentos como esse são verdadeiramente aqueles que

abalam nossas certezas e mostram que somos, afinal de contas, apenas humanos. Deixando um pouco de lado toda a irresponsabilidade, a tensão e a crise política que agrava ainda mais a situação, ser defrontada por tanta morte e destruição me deixa assustadoramente ciente da condição frágil do corpo humano e esmaga os pensamentos de invencibilidade tão associados à juventude. É claro que a parte orgânica da morte é apenas um pedaço da equação. O que me deixa mais angustiada é, possivelmente, o que se abandona: as conexões e relações interrompidas, o sentimento de perda e luto, as vivências que nunca mais serão vividas, um projeto que se encerra. Um, não. Cerca de oito mil, só no nosso território. Parece abstrato demais para compreender, mas cada pessoa é uma história única. Um amigo me disse, e ficou marcado: “um percentual baixo de mortes dói como de se fosse cem por cento, quando é alguém próximo de você”.

****** *n_103**

Hoje foi aniversário de uma amiga da faculdade, e para comemoramos nos reunimos entre nossas melhoras amigas do curso e fizemos uma chamada por vídeo e foi muito importante e especial. Ter esse encontro com elas, poder se divertir e poder conversar sobre tudo (a vida no geral, mas também sobre como estamos nesse contexto) me trouxe uma felicidade tão forte, que não sentia desde o início da quarentena. Isso fez com que eu refletisse ainda mais a importância da rede de apoio, principalmente em situações como essa de distanciamento social. As vezes não temos esse apoio em nossas casas, então é muito bom poder encontrar em algum outro lugar. Foi um momento que me fortaleceu muito e me trouxe um ânimo que espero levar por um tempo.

****** *n_104**

Nessa semana, em uma aula de Interfaces Psi-jurídicas, a professora convidou um psicólogo para compartilhar sobre sua atuação profissional, e em uma das suas falas ele compartilhou conosco sobre a situação dos jovens internos da Fundação Casa em contexto de pandemia. Ele falou sobre o problema da desinformação e “*fake News*” que chegam a eles, o distanciamento maior de familiares e de funcionários da saúde, da falta de atividades culturais (já que os funcionários que proporcionavam isso a eles estão afastados do trabalho), entre outras grandes questões. O relato dele bateu muito forte em mim, ao fazer eu ver um pouco da angustiante realidade sofrida e violenta daqueles jovens. Já no contexto sem isolamento social a realidade deles é insalubre e desumana, no contexto atual então é ainda pior. Eles devem estar confusos e devem estar se sentindo ainda mais abandonados (por suas famílias e/ou pelo sistema). Isso me faz pensar também na importância e necessidade de profissionais da saúde nessa área, tanto lá na Fundação para focar nas necessidades e angústias dos jovens, quanto em outras áreas da jurisdição para lutar por reforçar e para garantir que os direitos humanos básicos deles sejam adquiridos. Mas me faz refletir também como isso é um grande desafio, considerando a perspectiva racista e da periculosidade que prevalece na Justiça brasileira.

****** *n_105**

Eu sempre soube de toda a importância que o Sol tem em nossas vidas, mas nessa época de quarentena eu percebo ainda mais essa importância e o impacto, principalmente para nossa saúde mental. Como amo tudo relacionado ao céu e ao espaço, ter o privilégio de todo dia poder ver o Sol e sentir a energia dele tem sido muito fortalecedor nesses dias difíceis. Vejo ele aparecendo na manhã me dando força para começar o longo dia que vai vir, seguindo seu caminho no decorrer do dia e depois dizendo “até logo” com o seu pôr todo potente e belo. Claro que muitos dias são difíceis e as vezes não dá vontade de olhar para fora, mas é muito revigorante e motivador saber que ele está sempre lá fora e que quando nos sentimos sobrecarregados podemos olhar para ele e sentir como se ele dissesse que tudo vai ficar bem, que não estamos sozinhos e que amanhã ele estará lá, para nos fortalecer mais novamente. Li um dia esta frase do autor Igor Pires e desde então, sempre que as coisas não vão bem, penso nela, olho lá fora e penso que tudo bem, amanhã pode ser uma nova chance de ficar bem: “todas as manhãs são lembretes do universo pra você continuar”.

****** *n_106**

A cada semana que passa mais eu ouço pessoas caminhando nas ruas com seus cachorros, ouço mais carros andando nas suas, ouço vizinhos fazendo festas e comemorações, e mais preocupada e incomodada eu fico. Definitivamente o índice de isolamento em São Paulo só cai e o número de casos e de mortes só aumenta, tanto que o Brasil tem mais de 1000 mortes por dia. Não consigo deixar de me perguntar sobre quantas pessoas mais vão ter que morrer e quantas pessoas vão ter que sofrer para que essa situação seja transformada e melhorada. Eu queria muito fazer um relato com um ar de esperança e positividade, mas infelizmente nesse contexto está muito difícil e não consigo nem pensar como tudo estará daqui um mês, espero que menos pior.

****** *n_107**

Na última aula recebemos o Bruno Fedri como convidado, um psicólogo que trabalha no CRAVI e que nos contou sobre sua atuação lá e sobre o serviço prestado. Achei a conversa muito interessante e importante, porque é um serviço que realmente tem o cuidado e a atenção necessária às vítimas e familiares. Depois de ouvir o Bruno, pensei muito em duas coisas: 1. espero que as vítimas e/ou familiares realmente usem o serviço invés de abandoná-lo ou negligenciá-lo, para que suas necessidades sejam realmente trabalhadas, além deles conseguirem apoio; 2. apesar de eu não ter optado pelo CRAVI como local de estágio, achei os trabalhos (tanto dos profissionais quanto dos estagiários) muito ricos e fiquei ainda mais chateada por termos perdido a oportunidade de ver essas e outras atuações de estágios em prática. Espero conseguirmos recuperar isso de alguma forma no futuro, porque com certeza vai nos acrescentar de diversas formas: melhorar nossos sentidos de observação e análise, aumentar nosso acesso à diferentes realidades, aumentará nosso senso crítico e tantas outras experiências que beneficiam a formação de psicóloga.

****** *n_108**

O antes e o amanhã me ocorreu, recentemente, como o conceito de tempo anda distorcido. Claro, ainda tenho uma estrutura, uma rotina obrigatória a seguir, graças às aulas da universidade, mas, fora isso, não só vão os dias se misturando em um degradê de acontecimentos, como a minha própria recordação da vida pré-covid 19 está distorcida. É difícil lembrar da vida como era antes da realidade atual. Me lembro de assistir um vídeo em que havia uma enorme multidão assistindo a um concerto, ombro colado em ombro, mãos entrelaçadas, sem o menor receio em até mesmo abrir suas bocas. Aquilo me deu um arrepio. Na hora, pensei: “Cadê as máscaras?”. Parecia uma realidade alternativa surreal. O fato de os dias terem perdido seu limiar para além das mudanças remetentes à quantidade de luz que atravessa minha janela, é algo que, de alguma forma, me conforta. Na tentativa de viver um dia de cada vez, ser a menos quantitativa possível, nesse aspecto, não me cai mal. No entanto, o modo de viver do passado ter virado uma fantasia distante, é algo estranhíssimo, que ecoa na minha própria visão do futuro, que, apesar de esperançosa e desejosa em receber contato humano e em ter conversas cara a cara, ainda sofre com grande dificuldade em conseguir imaginar uma realidade em que isso se concretiza. Agora, é claro que é necessário ressaltar que meu relato se refere a um recorte social extremamente específico. A crise atual não é a ser culpada de todas as gigantescas disparidades de condições em que diferentes populações dentro do mesmo país se encontram, mas foi, como diz uma frase que me marcou essa semana, um forte mecanismo de exposição desse sistema que nunca trabalhou em favor das igualdades: “O Corona não quebrou um sistema. O Corona expôs um sistema quebrado”.

****** *n_109**

Hoje me peguei olhando os pássaros, insetos e outros bichinhos esquisitos que vivem no meu jardim. Olhei para eles quando o sabiá começou a cantar de manhã como faz todos os dias, quando a rolinha sujou o deck da varanda inteiro de cocô, como sempre fez. O bem-te-vi pousou na árvore do meu lado enquanto eu pegava um pouco de Sol e olhou fixamente nos meus olhos. A Maritaca gritou mais alto que todos e o pica-pau (sim, às vezes tenho a sorte dele me visitar) chamou atenção com o seu barulho repetitivo e sincronizado ao bater seu bico na árvore. Talvez se eu não estivesse de quarentena não teria ouvido nenhum dos cantos da natureza, ou, não teria parado para reparar. Nós, seres humanos, estamos em casa, ou deveríamos estar. As ruas estão vazias, os bares fechados, os shoppings escuros e silenciosos e o céu mais azul do que nunca. A natureza, os animais, continuam seguindo suas vidas

normalmente, na realidade, devem estar bem felizes, afinal de contas a poluição diminuiu, o barulho também e até os carros que “vira e mexe” os atropelam, agora são poucos que circulam. Engraçado, né? Nos achamos imbatíveis, fortes, os reis da “cocada preta” e de repente, um vírus bem pequeno, muito, mas muito, menor do que todos os pássaros que cantarolam de manhã e ao pôr do Sol, fez com que nossa rotina mudasse por inteiro por tempo indeterminado. Engraçado, né, que nós humanos, paramos, mas todo o resto do mundo animal, seguiu. Talvez não sejamos tão imbatíveis assim, na realidade somos muito frágeis. Sentimos um medo descomunal de algo invisível à olho nu. Engraçado, né como o mundo nunca para de girar e como a vida não tem regras nem roteiro pronto. Quantos planos tiveram que ser abortados, adiados, postergados? Quantas empresas quebraram? Quantas famílias, finalmente, se uniram? Quantos casamentos acabaram? Quantas pessoas morreram? Quantas ainda vão morrer? Quantos pássaros cantaram e, pela primeira vez, você se deu o “luxo” de ouvi-los? Eles sempre estiveram ali, na sua janela, cantando todo dia na mesma hora, mas é engraçado né como nós só começamos a dar valor para coisas pequenas quando nos sentimos pequenos. Hoje os pássaros voam, cantam, são livres e nós?

****** *n_110**

Maldita panela de risoto. Fim da tarde, depois do almoço de Dia das Mães, estava limpando a panela de risoto e me perguntando por que eu tinha inventado de fazer risoto, uma comida que gruda na panela, no prato e nos talheres. Continuei meus devaneios. Essa era a hora perigosa do dia. A hora perigosa do dia era quando eu lembrava que passei o dia das mães com minha mãe, mas não com meus primos, nem com minhas tias, nem com as minhas avós. A hora que eu lembrava que não posso abraçar meus amigos, que não posso ter aulas dentro da minha faculdade, que não posso fazer tranças no cabelo da minha prima. Maldita panela, o arroz não desgruda. Lembrava que não posso comemorar o aniversário do meu primo com ele, que não posso sentir o cheiro da casa da minha vó, que não posso olhar o jardim da minha outra avó, que não posso fazer brigadeiro com as minhas amigas. Vou jogar água quente nessa panela, quem sabe assim o arroz sai. Lembrava que não posso presenciar minha prima de dois anos falar frases inteira, que não posso discutir religião junto do meu avô, que não posso rir das histórias de adolescência da minha tia, que não posso sentir o perfume forte da minha amiga, que não posso ouvir meu tio contar histórias de suas viagens, que não posso jogar cartas com meus amigos. Agora o arroz desgrudou, mas ainda tem uma camada no fundo da panela. Lembrava que não posso ir à piscina, nem sozinha, nem com ninguém, que não posso falar sobre livros com a minha amiga, que não posso jogar buraco com meus avôs, que não posso controlar mais nada, nem mesmo a maldita panela de risoto.

****** *n_111**

Nessa quarta reflexão, trago uma questão que venho percebendo muito em mim, nas pessoas ao meu redor e, acredito que, em todos nós: o aumento de ansiedade e depressão em tempos de quarentena. O isolamento social e as incertezas provocam diferentes sentimentos nas pessoas. As incertezas de como o mundo será, de quando voltaremos ao “normal”, se voltaremos a normal e o que será considerado como normal pós-pandemia permeiam o dia a dia de todos nós. E isso engloba diversos aspectos, tanto no trabalho, como nas relações, no meio digital e na ocupação dos espaços públicos. O estar isolado provoca, também, muitas reações e emoções. Estar “trancado” em casa desperta um certo desespero, porque diminui o contato humano, diminui o espaço físico e aumenta o convívio com a família — que pode ser benéfico ou problemático — e aumenta, também, o diálogo interno. Nós estamos tão acostumados com um ritmo acelerado, em que temos várias atividades e obrigações, várias distrações e muita pressa, que acabamos não tendo muito tempo de introspecção. Esse momento de introspecção é, para mim, de extrema importância. Entretanto, sinto que perdemos esse hábito e acabamos até fugindo disso. Nosso dia a dia intenso não nos permite pensar e refletir muito e proporciona uma fuga. O diálogo interno é fundamental, mas pode ser, muitas vezes, dolorido. Entrar em contato com memórias, sentimentos e expectativas pode ser difícil e conflitante. Não estamos mais acostumados com o silêncio. Colocamos uma música para ouvir sempre que fazemos uma outra atividade, ligamos a tv apenas para não nos sentirmos sozinhos e evitamos a todo o custo mergulhar verdadeiramente em nós mesmos. Pensando nisso, acho que este momento – quando levado de forma positiva — pode promover esse reencontro com nós mesmos. Pode abrir uma porta que estava fechada faz um tempo e deixar que coisas maravilhosas apareçam. Mas o problema é que quando abrimos a porta, nem sempre recebemos coisas agradáveis e fáceis de suportar. E, estando em um momento de crise mundial, sem a possibilidade de, muitas vezes, entrar

em contato com a natureza, conversar com pessoas e fazer terapia, este movimento pode ser muito prejudicial. Devemos, portanto, nos proteger e tentar compreender nossos limites e procurar ajuda sempre! Mesmo que de forma *online*. Neste momento, não podemos nos sentires sozinhos e desamparados.

****** *n_112**

Do dia para a noite perdemos as nossas referências. O mundo de possibilidades que a nós foi apresentado em 2020, foi arrancado nos deixando apenas com um vazio. Em um momento que é de crise é necessário se reinventar pensar novas estratégias para se adaptar a uma situação muito nova. O que nos permite pensar na ideia de um "vazio fértil". Nessa quarentena muito se viu de pessoas buscando refúgio em vários tipos de arte, buscando formas de preencher o tempo e se conectar com sigo mesmo. Muitas músicas sobre a quarentena circularam na internet, o artista baco exu do blues produziu um álbum sobre o assunto, com elementos que também estão em alta nessa quarentena, como big brother e Naruto. Mas é preciso tomar um cuidado, porque no outro lado também se vê uma cobrança em cima daqueles que não estão produzindo. A ideia do ócio fértil é completamente rebatida pelo rapper Emicida, que levanta a problemática das pessoas estarem em um ciclo de cobrança, cobrança essa que ele afirma estar sentindo, as pessoas demandam que ele produza nesse período. Essa sociedade da positividade mecânica que vivemos, descrita por Byung-chul Han que afirma que passamos de uma Sociedade da Disciplina para uma Sociedade do Desempenho, na qual impera a ilusão de que é possível viver essa vida harmoniosa, onde se está sempre otimista, animado para começar um novo projeto, que frente a adversidades, reações serão positivas, que é possível ser o melhor amigo, o melhor aluno, o melhor filho, fazer exercícios, comer bem, estado sempre produzindo! Colocando responsabilidade no sujeito, o que consequentemente gera culpa o que de fatos vimos acontecer logo que a quarentena começou, quando as pessoas precisam parar para se organizar depois do choque, enquanto no Instagram se vendia a ideia de que era o momento de se iniciar mil cursos, começar um yoga etc. O quadrinista, Leandro Assis, genialmente pega essa ideia e cria tirinhas intituladas "a confinada", representando **algo que se viu bastante nessa quarentena, as pessoas super "*good vibes***", que se filmam malhando, fazendo mil cursos, **vendendo essa imagem da importância de se manter superativo na quarentena**. Na minha análise vivemos um momento de abertura e de crise, e portanto, é momento de criar novas respostas de enfrentamento e a arte pode ser muito importante nesse sentido, **mas é preciso parar para analisar o momento enfrentar e tentar digerir essa angústia existencial,** e aceitar que agora não é momento de se cobrar produtividade, a gente sofreu uma mudança muito grande e rápida e é angustiante ver as pessoas sofrendo e sofrer por estar menos produtivas, **e entender que essa angústia na verdade existe em decorrência de um contexto e de uma sociedade que instiga esse excesso de trabalho.**

****** *n_113**

O isolamento é chato, né? Zoológicos são importantes para a preservação das espécies, alguns resgatam animais em estados terminais e cuidam deles da melhor forma, proporcionam a reintrodução dos animais na natureza e conscientizam a população acerca da preservação ambiental. Entretanto, não são todos os zoológicos que cumprem estes papéis. Ao assistir a uma série chamada *A Máfia dos Tigres* na Netflix e ver alguns posts na internet sobre a questão da vida dos animais que são mantidos em cativeiro, comecei a comparar o nosso momento de isolamento social com o isolamento que diversos animais vivem diariamente em recintos apertados, com chão de concreto e barras de ferro dentro de zoológicos ou aquários. Estes, além de viverem em tais condições, ainda passam por diversos treinamentos para conseguirem reproduzir movimentos ou ações tipicamente características do homem e, assim, gerar entretenimento para o público. Consequentemente, coloca-se uma baleia para viver dentro de um tanque em que, quando ela não está se apresentando em shows, fazendo coisas que humanos fazem, somente lhe resta nadar em círculos dentro de seu tanque. Claro que a situação de isolamento social que a maioria de nós está vivendo não é comparável à destes animais pelas diversas circunstâncias. Porém, acho que a reflexão é válida pois, se em 1 mês essa situação de isolamento social se mostrou como sendo algo complicado para nós, fico imaginando como é viver em constante isolamento, assim como estes animais mantidos em cativeiro e, ainda, tendo que se apresentar em shows, exercendo ações que não são naturais a eles.

****** *n_114**

Sinto que eu passo muito tempo do dia pensando sobre o futuro. Sempre tentando prever o que vai acontecer e, assim, me “preparar” para diversas situações. Faço isso talvez porque lidar com a incerteza que é a vida seja mais difícil para mim. Então crio mil situações na minha cabeça e acredito que estou preparada para todas, mesmo sabendo que lá no fundo não estou preparada para nada, justamente porque não sei o que vai acontecer e, o que acontecer nunca vai ser exatamente como imaginei. Mas, se é possível fazer algum tipo de “previsão” sobre o futuro, levando em consideração o momento pelo qual estamos passando, eu diria que quando tudo isso passar (e vai passar) as nossas vidas não serão mais as mesmas. E, ainda em minha fantasia, imagino que a gente entenda também o valor que devemos dar aos momentos em que estamos juntos. Abraços, beijos, risadas, o simples calor por estarmos juntos... imagino que estes nunca mais terão os mesmos significados de antes, pelo menos para mim.

****** *n_115**

Passado já uns dois meses dentro da quarentena, as coisas estão ficando cada vez mais cansativas. Os trabalhos parecem mais extensos, as aulas mais lentas e até o quarto parece menor. Ele já não mais parece um lar, um refúgio, mas uma prisão que cada vez mais vai comprimindo. Os trabalhos parecem um tsunami na qual cada vez mais me afundo. Nada mais dá tanto prazer, nada mais alegra tanto quanto devia. Sinto falta do ar “puro de São Paulo”, das árvores e do céu azul de inverno no meio dos prédios e ônibus. Sempre gostei de andar nas ruas de São Paulo e de ônibus, pois lembro que até meus 17 anos não podia sozinha, e lembro que quando saia com meus pais sempre pegava uma florzinha no chão e deixava do lado da minha cama, meio que como um *souvenir*. Agora, eu sempre deixo quatro vasinhos com flores na minha janela, mas faz tanto tempo que não saio que elas estão começando a morrer. Acho isso simbólico, nem mesmo as cores da rua que antes eu trazia estão sobrevivendo ao cinza desses tempos sombrios.

****** *n_116**

Essa foto é de uma orquídea que tenho no quintal de casa e foi tirada no domingo (10/05), Dia das Mães. Essa semana eu queria trazer um relato sobre a minha mãe, então resolvi fotografar essa orquídea pois, a minha mãe ama muito essa flor e, toda vez que eu olho para ela, iluminada pelo sol, lembro da minha mãe. A quarentena está sendo um momento muito difícil para todos, mas eu e minha mãe temos conversado muito e sempre estamos dando forças uma para a outra para tentar lidar com a situação e viver um dia de cada vez. **Confesso que não está sendo fácil e nem simples. Minha mãe continuou tendo que sair de casa para trabalhar todos os dias (o que já é uma situação angustiante em si porque sabemos que os riscos são maiores) e eu fico cuidando da casa, estudando e cuidando de minha vó. Mas, o que refleti essa semana é que, mesmo não sendo fácil, tenho a sorte de ter alguém com quem eu possa contar, que está caminhando junto comigo nesse momento e me dando forças. Coisas que a minha mãe sempre fez por mim, mas que agora estão tomando um papel realmente essencial para eu conseguir descarregar minhas energias e tomar novas forças para seguir em frente.**

****** *n_117**

Pedido de demissão do Sérgio Moro. Ao assistir a transmissão ao vivo do pedido de demissão do agora ex-Ministro da Justiça Sérgio Moro, foi possível observar alguns comportamentos que talvez digam algo sobre o estado interno de Moro naquele momento. Um desses comportamentos caracteriza-se pela ação de Moro ao colocar e retirar seus óculos de grau duas vezes, em momentos distintos, de maneira totalmente desnecessária. Este é um detalhe que se mostrou muito interessante para mim pois, ele faz o movimento para colocar os óculos, mas logo os retira, ou seja, não os utiliza para ler nada. Esta foi uma ação totalmente sem propósito que talvez tenha deixado transparecer o seu estado de nervosismo no momento. Além disso, também foi possível notar que o tom de voz do Moro estava bem baixo, o que me deu a impressão de que ele estava nervoso e optou por falar mais baixo, talvez para esconder seu nervosismo e passar a imagem de uma postura mais contida. Um outro comportamento importante que também gostaria de ressaltar e que me trouxe uma impressão similar é o fato de o Moro estar suando bastante durante a sua fala, chegando ao ponto de se formar um “bigode de suor” acima de sua boca. Talvez isso demostrasse o seu nível de ansiedade no momento.

****** *n_118**

Na sexta-feira, dia 22/05/2020, durante a aula de EB1, tivemos a oportunidade de conversar com o Bruno Fedri, coordenador geral do CRAVI do Fórum da Barra Funda. Ele compartilhou conosco um pouco da história do CRAVI e a função deste, mas antes de trazer aqui tais informações, gostaria de evidenciar que, durante toda a exposição o Bruno se mostrou ser uma pessoa bem articulada, didática e tranquila. O CRAVI tem quase 22 anos e foi criado quando o Governo do Estado de São Paulo procurou 3 pesquisadores de instituições de ensino diferentes que, por sua vez, fizeram uma pesquisa sobre o perfil da vítima de violência na cidade de São Paulo e, assim, ajudaram a criar o CRAVI (Centro de Referência e Apoio a Vítima). O CRAVI foi inaugurado em 1998 e é um programa de apoio (e não uma política pública) de uma instituição pública que é a Secretaria da Justiça e Cidadania. Foi criado para oferecer apoio assistencial, psicológico e jurídico para vítimas de crime contra a vida (que perderam entes queridos ou que sobreviveram a esses crimes). Todas as pessoas que se sintam violentadas pode procurar o CRAVI, sem a necessidade de provarem que foram vítimas de violência. O CRAVI leva em consideração a fala dessa vítima e atende por meio de 3 canais: e-mail, telefones e presencialmente no Fórum Criminal da Barra Funda. O método de trabalho do CRAVI foi criado por seus próprios técnicos e consiste em 3 etapas: TRIAGEM: se ocupa em saber O QUE aconteceu com a vítima. A triagem é feita por estagiários de psicologia, direito e serviço social que recebem as queixas/pedido de ajuda das pessoas e se ocupa em saber O QUE aconteceu com ela. Feito a triagem, os estagiários levam os prontuários desses casos e os apresentam em reuniões em que estes vão ser discutidos pela equipe técnica (1 assistente social e 2 psicólogos). Um dos técnicos pega o caso e o assume. Assim, a segunda etapa consiste no ACOLHIMENTO DO CASO (1 a 3 encontros). O técnico agenda com a vítima um horário para ela ir ao CRAVI e ela pode levar consigo outros familiares envolvidos no caso de violência relatado (outros familiares que também estão sofrendo com o que aconteceu e que também são vítimas, por exemplo). Assim, o atendimento se dá àqueles que se consideram vítimas direta ou indiretamente do ocorrido. Nesse momento, a tarefa do CRAVI é questionar a vítima sobre qual é a demanda dela e se questionar se está disposto a responder a essa demanda. A terceira e última etapa consiste no encaminhamento para o ATENDIMENTO. O CRAVI acompanha a vítima até quando ela precisar e oferece atendimento psicológico tanto individual, quanto em grupo; apoio social (avalia a renda da vítima e seus recursos sociais) e apoio jurídico. Além disso, o Ministério Público atua paralelamente na fase criminal do caso por meio do seu promotor de justiça responsável pela investigação do caso. Em relação a mulheres vítimas de violência doméstica e a crianças vítimas de abuso, por exemplo, o CRAVI as recebe (recebe todas as pessoas que precisam de seu suporte), mas encaminha essas pessoas que sofreram outro tipo de violência para a rede externa, para outros centros especializados. Assim, esses casos têm orientação do CRAVI, mas não o apoio sistemático. Entretanto, vale ressaltar que o CRAVI criou um “grupo de orientação” que funciona uma vez por mês para mulheres vítimas de violência trocarem experiências e discutirem suas vivências. Em relação ao perfil da vítima que o CRAVI recebe, 70% são mulheres e 30% são homens. Dentre essas mulheres, a maioria tem entre 40-49 anos de idade e recorrem ao CRAVI porque perderam seus filhos (15-20 anos) assassinados na Zona Leste e na Zona Sul de São Paulo. Além disso, é importante ressaltar que geralmente essas mães e filhos são negros e, ao pedirem justiça para o CRAVI, este deve avaliar o que que essa mãe está pedindo quando pede por justiça, para assim desmistificar a demanda da mulher e guiar o atendimento (muitas falam em justiça pedindo, na verdade, o alívio da dor). Na quarentena, o CRAVI fez um protocolo especializado para continuar os atendimentos que tem 3 pontos, como você está se sentindo? Você foi buscar o auxílio emergencial da Caixa? Podemos fazer atendimento *on-line*, caso queira.

****** *n_119**

Sempre foi uma necessidade abrir a janela para respirar, mas naquela tarde foi diferente. Eu me sentia sufocada, limitada dentro de casa — tenho sentido dificuldades de caber em mim. Eu queria gritar, queria ver gente, queria florescer. Fechei os olhos e respirei fundo. Quando abri, minhas retinas capturaram cor. Da janela do quarto, vi um arco-íris. Levantei apressada, corri e abri a porta de madeira que dá para o quintal. Olhei para o céu. Floresci.

****** *n_120**

“As escolhas que você faz podem fazer a diferença para a vida ou para a morte de uma pessoa.” Essa foi uma das frases que eu li e anotei no bloco de notas do meu celular, logo no início da quarentena. Relendo-a novamente, me peguei pensando na importância do momento em que estamos vivendo,

principalmente no que diz respeito à responsabilidade. Estamos passando por um momento em que ser responsável é ficar em casa e manter ao máximo o isolamento social — e mesmo assim, muitos não estão fazendo isso. Sei que ser responsável não é algo exclusivo aos momentos de crise, mas, de acordo com a minha experiência, e acredito que com a de muitos da minha geração, esse momento está sendo bem marcante e vai ser significativo não só enquanto o vivemos, mas por muito tempo. Isso porque seus efeitos vão marcar a subjetividade de cada um, já que eles envolvem a nossa percepção do tempo, como sentimos o espaço que ocupamos e como nos relacionamos com o outro.

****** *n_121**

Confesso que tive dificuldade de fazer essa reflexão no começo. Não tinha ideia do que colocar, o que seria diferente o bastante para ser digno de marcar na memória? Todos os dias estavam parecendo tão iguais: acorda, come, videoaula, almoça, chamada com os amigos, dorme, recomeçar. O que antes já era extremamente automático e um tanto monótono ficou ainda mais reduzido há possibilidades ainda menores. Pensei em falar várias coisas que eu melhorei em mim mesma, mas não queria parecer me vangloriando ou algo assim. Foi então que hoje mesmo tive que passar no consultório da minha médica para pegar a receita de um remédio que eu saí acho que pela segunda vez (na outra fui no mercado), no último mês. Percebi uma coisa interessante e um pouco estranha de que dava a sensação de estar em um livro de distopia, onde as pessoas se comportavam estranhamente, todas com máscara, falando distante uma das outras e inclusive vi uma mulher com uma luva daquelas que médico usa, e ela não parecia ser uma médica. Foi peculiar finalmente senti, já tinha percebido, mas senti estar vivendo em um momento histórico, daqueles que no futuro meus netos vão perguntar para um trabalho de escola e eu vou responder: foi um momento estranho onde todos usavam máscaras e álcool em gel estava até dentro do elevador. Mas também percebi que como na maioria dos eventos históricos, o que senti foi medo de não saber quando ele vai acabar, as notícias chegam pelos jornais e eu me sinto ouvindo o jornal anunciando os mortos da Segunda Guerra Mundial, o que crescendo assistindo filmes parecia muito distante e hollywoodiano, como se de repente Gal Gadot fosse aparecer e simplesmente derrotar o deus que controla o Corona Virus, mas na realidade não é assim. Com um vilão invisível é muito difícil definir um motivo de ódio, por isso as pessoas não olham em quem atiram em guerras. Acho que tudo é mais bonito de longe, tanto momentos históricos em filmes como memórias de um passado que eu quero que o presente se torne, porém agora, esse presente parece interminável por estar tão próximo.

****** *n_122**

Enquanto assistia ao filme *Negação* senti diversos sentimentos. Revolta, tristeza, raiva, irritação, desconfiança, felicidade e mais um tanto de raiva no final. Saber que o filme foi baseado em fatos reais torna as coisas um pouco mais diferentes para mim, pois não existe a possibilidade de tentar certo distanciamento, para me permitir parar e pensar “me incomoda, me irrita, é triste, é revoltante, mas eu sei que não é real”. Saber que de fato aconteceu só aumenta a intensidade de tais sentimentos. Os sentimentos negativos vêm quando o filme apresenta David Irving. Me dou conta de que existem pessoas com a coragem e a estupidez de duvidarem de um fato histórico como o Holocausto. E isso segue ao longo do filme, pois independente de comprovações científicas de como as câmeras de gás eram construídas ou sobre suas funções, eu sei que existem milhões que foram afetados pelo Holocausto, alguns contaram suas histórias, de infâncias roubadas, familiares perdidos e uma busca por sobrevivência que vai além de qualquer coisa que eu já experenciei. A invalidação dos relatos das pessoas é um dos pontos que mais me chamou atenção ao longo do filme. Eu entendi e concordei com os advogados que não seria bom para o caso e para os sobreviventes que eles fossem testemunhas, mas me choca a necessidade de sempre ter outras confirmações, mesmo que existam milhões de pessoas que passaram por isso, carregam essas vivências dentro deles, muitos em suas peles e muitos até mesmo já compartilharam isso com o mundo, por meio de livros. **Mostra o quanto nossa sociedade não quer e não sabe ouvir. Vivemos na ilusão da imparcialidade e da objetividade. A ideia de que falei anteriormente, sobre distanciamento, é uma ilusão.** Quando eu tento me distanciar de livros de ficção, falando para mim mesma que “não é real”, é apenas um modo de tentar deixar essas histórias e esses sentimentos, menos intensos, menos difíceis. Somos seres de afeto, afetamos e somos afetados. Por isso, a busca pela objetividade e por pesquisadores neutros, parece inútil quando pensamos em questões que envolvem seres humanos. Iremos ser tocados por diversos assuntos e muitas vezes nos falta a compreensão de que isso não necessariamente é algo ruim, uma vez que estamos falando de seres humanos. **Me parece que a recusa em escutar, é na**

verdade uma recusa em ser afetado. A busca de um distanciamento, não é para averiguar os fatos com mais precisão, mas sim para não sentir tudo o que o contato com o outro é capaz de afetar em nós.

****** *n_123**

O filme *Negação* foi um filme difícil de assistir, primeiro por um sentimento de indignação ao descobrir que existam pessoas duvidando de um fato catastrófico como holocausto, um desrespeito com todas as vítimas e famílias que sofreram e sofrem ainda, e por ter sido uma situação que marcou todo o mundo. Então a primeira sensação é na verdade um afastamento, resistência de pensar que aquilo realmente aconteceu e depois entender que aquilo na verdade se trate de uma negação do próprio filme, **por se assemelhar tanto com nossa atual conjuntura. Essa conjuntura que lembra uma distopia de filmes e livros, com várias distorções da verdade para favorecer um governo cada vez mais intolerante, fechado a verdade que apenas os beneficiam e com presidente na frente pior que uma criança mimada**. O filme prende muito quem assiste, até porque você quer ver até o final como todo esse processo se deu, quer torcer e comemorar quando essa luta judicial chega ao fim. Contudo, assistir David Irving **ferir tão friamente os direitos humanos daqueles que precisam ser lembrados, principalmente para evitar que coisas parecidas voltem a acontecer de novo, foi bastante desconfortável e difícil. Atualmente, não existe folga nas notícias diárias absurdas que lembram discursos do negacionista como de David que pensam na supremacia de alguns e se usam disso para se beneficiar e discriminar cada vez mais minorias**. Portanto, me fez refletir que para quem sofreu diretamente e indiretamente com holocausto não deve ter sido fácil escutar tudo aquilo, porque para mim já não foi. **E também me fez concluir que cada dia que passa fica mais difícil ser brasileiro.**

****** *n_124**

É mais fácil pensar em números mesmo. Passei meu colegial inteiro em uma escola que tratava todos os alunos como números, não pessoas. O número de matrícula nos definia, eu era o 21052. Não tínhamos nome, nem história, nem nada. Consigo imaginar alguns motivos pelos quais isso era feito. Praticidade? Talvez. Mas penso que também é uma forma de desumanizar e roubar a individualidade dos alunos. Isso nos afastava dos professores, da instituição e de nós mesmos. Um número é apenas um número. Toda a existência por trás dele era apagada e nos transformávamos em “só mais um” em meio a outros quinhentos alunos do nosso ano. Bom, essa reflexão não diz respeito ao meu ensino médio, mas sim aos números. Números que como no meu colegial, podem organizar ou anular os seres. Que são tão claros que às vezes machucam. Tão simples e tão óbvios que de vez em quando ignorá-los parece ser a melhor opção. Tão banais que ocasionalmente, quando devolvemos a subjetividade a eles, nos surpreendemos, e bem, isso dói. Dói pensar que atrás das inúmeras estatísticas que vemos nos dias de hoje, existia uma mulher batalhadora, um homem preocupado, um menino dando seus primeiros suspiros e uma idosa cheia de vida. Que todos ainda tinham muito para viver. E por isso, apenas decidimos não pensar. Ontem, William Bonner fez uma declaração no Jornal Nacional um tanto quanto polêmica, mas que explicita bem o que quero dizer: “Você já nem deve lembrar, mas na quinta passada eram 5.901 mortos. Os números vão aumentando desse jeito, cada vez mais rápido, vão dando saltos. E vai todo mundo se acostumando, porque são números. [...] **Oito mil vidas acabaram. Eram vidas de pessoas, amadas por outras pessoas. Pais, irmãos, filhos, amigos, conhecidos. Aí o luto dessas tantas famílias vai ficando só pra elas, porque as outras pessoas já não têm nem como refletir sobre a gravidade dessas mortes todas, que vão se acumulando todo dia”. Em meio a tantos números, as pessoas vão sendo apagadas. E então de repente, os nomes vão deixando de existir, as histórias, tudo. Isso é um golpe violento sem a menor dúvida, mas entrar em contato com essa realidade também é. Ao simplesmente pensarmos nesses indivíduos, entramos em contato com nossa própria finitude, que convenhamos, não é nada fácil. Pensar que um dia um ente querido ou nós mesmos venhamos a fazer parte das estatísticas, é duro. Ver as incontáveis reportagens noticiando as curvas ascendentes, os diversos profissionais da linha de frente se contaminando, a classe operária morrendo e um presidente em meio a tudo isso dizendo “E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? “ é doloroso e angustiante demais. Bem, é mais fácil pensar em números mesmo.**

****** *n_125**

Essa semana o dono da “minha” padaria morreu. Não sabia o nome dele até me deparar com as mensagens que circularam por todo o bairro: “...um dos proprietários da padaria Aveiro morreu de COVID-19”, acompanhada por uma foto do seu rosto e seu nome. Foi um choque, a primeira pessoa que eu conhecia a morrer de coronavírus. Apesar de não saber seu nome, conhecia a figura, que era extremamente simpática e atenciosa aos seus clientes, em fevereiro ele quem me ajudou a pensar o número de salgadinhos para o meu aniversário e até concordou em vender uma massa de dadinho de tapioca crua. Lembrei da discussão que tivemos em aula, de como cada óbito representa na verdade a perda para um núcleo afetivo, de uma desorganização familiar e de lutos. Passado o choque inicial, pensei em como quase havia ido à padaria na noite anterior e que o meu pai frequentou a padaria recentemente. Estaríamos em risco? E os moradores do meu prédio, será que alguém havia frequentado a padaria e agora nossos elevadores estariam contaminados? Será que os porteiros e demais empregados do meu prédio poderiam ter se contaminado? Coisas que passaram na minha cabeça. Na mensagem ainda dizia “ele era do grupo de risco e não seguiu as recomendações de ficar em casa”, senti por ele, que comerciante assim como o meu pai, deveria ter sentido a necessidade de ir trabalhar e se expor, ao mesmo tempo fiquei revoltada, assim como fico com meu pai, com a falta de responsabilidade e talvez cuidado. Horas depois outra mensagem circulou no grupo de WhatsApp do prédio. Uma de minhas vizinhas ligou na padaria e mandou no grupo: “Eu acabei de ligar na padaria! Falei com o Sr. N - Gerente, porque conhecíamos o Sr. E. O Sr. E faleceu no domingo! Estava de quarentena em casa e teve um AVC! Ele morava em Guarulhos. Ele estava em quarentena, por ser idoso! Mais de 60 anos! Não porque estava com a doença! “. A sensação foi de alívio, não sei por que, ainda não o voltaria a ver na padaria, mas o fato de pensar que ele respeitou o isolamento me confortou e que o defenderam, mais ainda. Fiquei pensando em como além de terem que lidar com a morte do Sr E., ainda estão tendo que lidar com essa informação falsa que rapidamente se disseminou. Fiquei pensando ainda no medo que bateu de frequentar aquela padaria, a questão é que o risco está em todos os outros lugares, enquanto isso as filas do sacolão logo em frente a padaria continuam enormes.

****** *n_126**

É estranho pensar como as coisas mudam totalmente de uma hora para outra, é realmente muito estranho. Com o isolamento social, sinto que as coisas nunca mudam, tenho a impressão de estar vivendo exatamente o mesmo dia há 50 dias, uma monotonia absurda, em contraste com todas as notícias caóticas. Também é estranho pensar em como nós nunca achamos que as coisas vão acontecer com a gente, há certa resistência em aceitar a universalidade, tanto das coisas boas, quanto ruins. Lembro que na sexta feira esse foi um dos tópicos que discutimos na aula de Estágio básico. Nós nunca esperamos ser alvos de nada, mesmo em um cenário de pandemia, mas as coisas acontecem. Um dia antes dessa discussão, meu pai chegou na praia, vindo de São Paulo, assim como estava fazendo há semanas, mas dessa vez havia algo diferente. No escritório dele havia tido um caso de infecção por COVID-19, então ele decidiu realizar o teste rápido só para conferir se ele também não estava infectado, o que em sua cabeça era impossível (não faço ideia do porquê). Ansioso para nos ver, e com a certeza absoluta e inquestionável da sua não infecção, foi para a praia nos encontrar. Um dia depois saiu o resultado, COVID-19 DETECTADA. Todos em choque (mais uma vez não sei o porquê). Pânico na casa, alguns já começavam a manifestar falta de ar (com certeza psicológica), outros pensando no que fazer. E assim, de um minuto para o outro, acabou a monotonia. No dia seguinte, voltamos todos para São Paulo para realizar os testes, a fim de separar os membros infectados dos não infectados, a maior confusão. Realizei meu teste hoje, dia 9 de maio, e realmente não sei o que fazer nem o que esperar, é muito angustiante. Não sei o que deveria fazer nesse momento, tentar me distrair? Talvez, mas nem sei se consigo, nem sei o que quero dos resultados. Por enquanto, só me resta esperar. O resultado deu negativo, ou seja, sem sinais de infecção por corona vírus, e meu pai continua sem sintomas. Mas a angústia continua, e ela surge disfarçada de constantes limpezas, e nas brincadeiras que escondem o medo de contrair o vírus. Tudo isso tira meu foco e atenção, os quais eu conseguia direcionar tão bem... está complicado prestar atenção nas aulas e fazer tudo que tenho que fazer para ajudar aqui em casa.

****** *n_127**

Na segunda-feira dessa semana fui acordada no meio madrugada pela minha cachorra, que queria desesperadamente descer para o jardim. Naturalmente, fiquei super irritada com ela. Faz dias que não durmo bem, e justamente no dia em que estava conseguindo descansar, meu sono é interrompido.

Desci com ela contra minha vontade, cansada e mau humorada, quando de repente, ao chegar no jardim, me deparo com o nascer do sol mais lindo que já havia visto na vida. Ainda era possível ver as estrelas reluzentes no céu, mas próximo ao horizonte, bem acima da linha do mar, o céu estava todo colorido, em um degradê maravilhoso. Nunca havia visto cores tão lindas no céu. Assim, logo o meu mau humor se transformou em felicidade que encheu meu peito. A raiva da minha cachorra se transformou em agradecimento, fiquei feliz por ter tido a oportunidade de comtemplar essa cena maravilhosa. Fiquei com essa imagem na cabeça o dia todo, até que decidi eternizá-la no papel, já que as minhas tentativas de foto não conseguiram capturar nem metade da beleza daquele nascer do sol.

****** *n_128**

Negação. Eu sempre fui uma ávida defensora do aprendizado crítico da história. Já mencionei isso em relatos anteriores, mas acredito que o melhor jeito de compreendermos a sociedade tal como ela é, é através da história, que não só nos constitui, mas que nos conta de coisas belas que aconteceram, assim como atrocidades que nunca deverão se repetir. Tendo isso em mente, sempre houve um assunto que me deixava perplexa: o século XX e todos os conflitos que o marcaram. Conflitos esses, de magnitudes inimagináveis: a Primeira Guerra Mundial, as Revoluções Russas, a imensa crise pós-guerra e a ascensão de governos fascistas por toda a Europa, a Guerra Civil Espanhola, a Guerra da Coréia, do Vietnã, as ditaduras da América Latina, a Guerra Fria, entre muitos outros eventos assustadores. Entre eles, o talvez mais atroz, nazi fascismo alemão e os eventos que levaram à Segunda Guerra Mundial. Lembro que tinha uma professora de história que dizia que traçar as linhas condutoras dos conflitos que levaram à Primeira Guerra era um tanto simples, considerando que estavam todas atreladas ao imperialismo. Entender a Segunda Guerra, no entanto, era tarefa muito mais cabulosa, já que se trata de algo infinitamente mais subjetivo e tenebroso por trás do surgimento de uma ideologia aniquiladora, e de uma sociedade que foi conivente com a ascensão dos governos fascistas (é claro que também é importante não apagar as inúmeras tentativas de resistência por parte dos perseguidos e dos defensores da democracia). Durante uma crise, o passado mostrou que há uma tendência de que os extremos políticos ganhem poder e, nesse caso, não foi diferente. A Alemanha, humilhada, desmilitarizada e grandemente endividada após o Tratado de Versalhes, viu tanto o partido comunista, quanto o nazista, ganharem popularidade. No entanto, enquanto o partido comunista trazia a promessa da igualdade, o nazista trazia a superioridade da “raça ariana”. Enfim, o resto é história. História devastadora. História que assombra até hoje. Sendo assim, não é difícil dizer como o filme *Negação*, de 2016, me comoveu. O filme trata de uma Professora acadêmica judia, especializada no Holocausto, Deborah Lipstadt, que é processada por difamação por David Irving, um negacionista do Holocausto, que dedicou sua vida a estudar a de Hitler. Na cena inicial, Irwin, em uma sessão gravada, nega o extermínio em massa de judeus nos campos de concentração, em meio de “piadas” e uma plateia completamente entregue a esse tipo de humor, às gargalhadas. Fica claro, logo de início, que o personagem é um homem na busca dos holofotes — sua primeira aproximação com Deborah é planejadamente escandalosa e gravada, a seu pedido. Há uma evidente intenção de distorcer a imagem da professora como infame e irracional e, com isso, se aproveitar da publicidade a seu favor. Uma característica apavorante de Irving é que, além de ardiloso, desafiador do conhecimento histórico, racista, antissemita e sexista, acredita tão piamente em sua própria negação, que esteve disposto a colocá-la à prova e a levá-la ao tribunal. A estratégia da defesa foi deixá-lo morrer de sede em relação ao circo midiático que planejava montar. Ao fim do julgamento, Irving recebe do juiz o veredito de racista, antissemita e falsificador da história, no caso que ele mesmo colocou em ação. Mesmo assim, não desiste de seu posicionamento inicial. Irving nega suas acusações veementemente, chegando a afirmar que não poderia ser racista e a prova disso estaria na diversidade racial de suas empregadas, que “são todas atraentes, com peitos bonitos”. Há, também, um engajamento de neonazistas e antissemitas, ao longo do julgamento, que se faz muito presente, com toda sua violência, intolerância e irracionalidade. O filme elucida vários aspectos da sociedade, mas ater-me-ei a apenas alguns. Primeiramente, algo que é colocado no filme dialoga muito com um discurso que anda em ascensão nos últimos anos: a chamada “ditadura do politicamente correto”. É claro que, com isso, o politicamente correto é colocado como um impedimento da liberdade de expressão — ou melhor, impedimento da liberdade de expressão racista e supremacista, homofóbica, patriarcal e machista. Deborah diz que, ao contrário de ameaçar a liberdade de expressão, defende-a. Não há como esperar que se minta e não sofra as consequências disso, assim como não se pode esperar que se ofenda os direitos humanos e sair impune. **A questão negacionista, além disso, dialoga muito com o cenário atual. Em meio a uma crise de saúde mundial, nos encontramos na encruzilhada de uma crise política, que, em seu cerne, tem um governo que promove instabilidade, disputas com governos estaduais, ignora recomendações de órgãos de saúde mundiais, promove aglomerações, diminuindo a**

importância do vírus e evitando se responsabilizar por danos a qualquer custo e, a partir de suas ações, criando um efeito ainda mais devastador em um cenário já tenebroso.

****** *n_129**

Estamos vivendo um momento muito complexo, em que temos, constantemente que nos deparar com mortes, notícias ruins, saudades, ansiedade, imprevisibilidade, falta de controle etc. Diante desses aspectos, tentamos lidar com essas questões da melhor maneira possível, tentando ao máximo não enlouquecer. Escuto muitos amigos falando sobre como estão se sentindo sozinhos e desamparados, e eu realmente entendo e sinto o desamparo, mas já a solidão eu definitivamente não sinto. Sendo sincera poucas vezes na minha vida me senti tão não solitária, não consigo nem pensar em uma palavra que descreva como estou me sentindo frente aos estímulos que recebo constantemente. Por conta da falta de contato direto e presencial, as redes sociais ganharam uma dimensão gigante, ainda maior do que antes, e isso é muito difícil para mim. Fico sempre frustrada por não conseguir me expressar como quero, por não saber como as pessoas estão reagindo. Sinto falta do contato direto, dos meus amigos, até da faculdade, que eu tanto reclamava, mas não chamo isso de solidão. Estou em contato com a minha família o dia todo há 30 dias, as pequenas manias de cada um, e até mesmo a voz deles, começaram a se tornar, em algumas situações, fonte de irritação. Sinto falta da minha privacidade e da solitude, dos momentos em que eu podia ficar sozinha comigo mesma. Reparei que não aguentava mais esse excesso de estímulos no Domingo de Páscoa. Cheguei ao limite, só de escutar a voz das pessoas com quem estou convivendo, tinha uma vontade imensa de chorar, sentia que não tinha espaço para ficar sozinha e escutar meus pensamentos. Enquanto isso, meu celular não parava de receber mensagens, pessoas querendo conversar, grupos de amigos, grupos de família...realmente eu não estava aguentando. Eu achei que não podia piorar, estava me sentindo esmagada por tanta coisa acontecendo, mas ao mesmo tempo nada estava acontecendo. Então, ligaram a caixa de som, a música nunca pareceu tão alta e penetrante, mas de uma maneira ruim. Essa foi a gota d'água, sai correndo para o andar de cima, para me trancar no quarto, a música me seguiu até lá. Me senti em uma perseguição real, tentava fugir dos estímulos, mas eles me seguiam, eu não estava aguentando. Peguei meus livros, coloquei o celular no modo avião, e avisei minha mãe que estava saindo, ela se assustou e perguntou para onde, e a resposta foi "para qualquer lugar longe daqui, em que eu não escute vocês.Pensando agora talvez a resposta tenha sido um pouco grossa e dramática, mas no momento eu estava sendo perseguida, não tinha outra opção senão fugir. E fugi. Sai da casa e fui andando pelo condomínio, comecei a comtemplar o dia, o céu estava azul, a temperatura um pouco fria, mas o sol estava quente, e seu calor tocava em mim como se fosse um abraço. Fui me acalmando e andando até achar um lugarzinho confortável onde o sol batia, sentei-me no chão mesmo, no meio das plantas. Escutei muitas coisas, mas esses estímulos não estavam me incomodando, e sim me acalmando, só escutava o vento e o mar, e pela primeira vez em dias, me escutava.

****** *n_130**

Na aula de Estágio Básico I do dia 24 de abril assistimos ao pronunciamento feito por Sérgio Moro, em que foi anunciada sua demissão do Ministério da Justiça. Foi proposto que observássemos suas falas, comportamentos e reações, visado o posterior compartilhamento com a turma acerca do que havia sido observado. Através dessa observação, ficou muito claro para mim o nervosismo e decepção presentes em suas falas e comportamentos. Ele anunciava sua demissão com uma voz baixa e estável, que talvez estivesse escondendo reações emocionais que pudessem surgir em meio ao discurso. Assim, tive uma forte impressão de que seu modo de falar era uma forma de mascarar suas emoções e temores, o que contrastaria com sua voz tranquilizadora. Além disso, acho interessante ressaltar que seu jeito calmo e tranquilo é muito discrepante do contexto atual em que vivemos, em meio a, não "apenas", uma crise de saúde, mas a uma crise política e econômica também. Ao realizar um discurso, em que predominou a história de sua carreira e seus feitos, ele parecia estar tentando se distanciar do estado caótico atual, tanto do Brasil quanto do mundo. De qualquer forma, esse modo de falar e os conteúdos mencionados me trouxeram certa estranheza, porém pode ser sido o meio que ele encontrou de não causar um pânico geral, além do que já existe por conta das mortes da pandemia. Ademais, seu nervosismo também estava disfarçado através dessa tonalidade estável de voz, assim como a realização de gestos sem necessidade, e finalidades definida. Foi possível observar que Moro, mais de uma vez, pega seus óculos, e levanta seu braço afim de colocá-lo em contato com seu rosto, mas interrompe o

movimento antes de sua conclusão, colocando os óculos novamente na mesa onde estavam. Esse gesto pode ser entendido como uma forma de se movimentar visando o alívio da tensão de estar se pronunciando sobre sua demissão.

****** *n_131**

Na aula de Estágio Básico I do dia 22 de maio tivemos a oportunidade de nos encontramos *online* com Bruno Fedri, coordenador geral do CRAVI – Centro de Referência e Apoio a Vítima. Foi proposto que observássemos suas falas e comportamentos, visado o posterior compartilhamento com a turma acerca do que havia sido observado e entendido a partir da apresentação do CRAVI. O CRAVI surge em um contexto, em que as políticas públicas pra vítimas de violência eram um tanto quanto vagas, assim, grande parte da população não tinha muito conhecimentos sobre o assunto, não sabendo como prosseguir após a execução do boletim de ocorrência. Nesse contexto, cerca de 22 anos atrás, o governo convidou instituições de ensino para pesquisarem sobre o público-alvo vítima de violência na cidade de São Paulo, visando criar uma rede de apoio para essas pessoas. Segundo foi apresentado, o CRAVI é um programa oferecido pela secretaria da justiça e cidadania, tal que realiza várias ações, visando a melhoria da justiça e promoção da cidadania, sendo esse programa uma dessas achoes. Seu foco não é a promoção de proteção, mas sim oferecer apoio a vítima de crimes contra a vida, através de um atendimento interdisciplinar, envolvendo os planos social, psicológico e jurídico. O programa aborda tanto as vítimas da violência, quanto os afetados direta ou indiretamente por tais situações. Além disso, uma questão a ser ressaltada é a não necessidade de comprovação da violência, desse modo, o que é levado em consideração é o sentimento do sujeito, assim como sua percepção. Em relação as formas de contatar esse programa, este atende por meio de três canais, sendo eles o e-mail, telefone, ou atendimento presencial. Após o contato com o CRAVI, o sujeito passa por um processo de triagem, em que será apresentado os pontos centrais do sentimento do sujeito e da agressão sofrida. Após isso, será realizado o acolhimento, em que a família, ou outros sujeitos que apresentam sofrimentos em relação a situação de agressão, podem participar. Por fim, o CRAVI também realiza encaminhamentos de acordo com as necessidades de cada sujeito, partindo da região de mais fácil acesso ou preferência para aquela pessoa. Durante o encontro, também foi apresentando o público padrão que busca assistência do CRAVI, sendo esse composto 70% pelo público feminino, entre 40-50 anos, que perderam seus filhos assassinados. Grande parte dessas mulheres são negras, portando, com filhos jovens negros, alvo de assassinato no Brasil. Foi informado que grande parte delas demanda por justiça, assim, o CRAVI deve buscar o que está por trás dessa demanda de justiça, visando o auxílio dessas mães. Em relação ao período de quarentena, o CRAVI está disponibilizando auxílio via e-mail ou telefone, tanto para aqueles que querem fazer parte do programa, quanto para pessoas que já eram atendidas anteriormente a pandemia. Sobre seu modo de falar, Bruno se mostrou muito articulado e com um conhecimento vasto sobre o assunto abordado. Ele falava de maneira rápida, tendo em vista o curto tempo disponível, mas se mantinha articulado e didático. Seu tom de voz denotava satisfação em falar sobre seu trabalho, evidenciando animação em apresentar o CRAVI para nós. Talvez a rapidez da fala também seja referente a um certo nervosismo, mas que em nenhum momento interferiu em seu modo claro de se expressar.

****** *n_132**

Apesar de você. O sentimento, posso dizer, era de desespero. Esse é um que não há de faltar durante esse período. Mas era um tanto diferente, esvaziado, sem esperança de um porvir melhor. Um discurso que ouvi muito durante a minha vida sempre foi: "Esse país não tem jeito, as coisas nunca vão melhorar, o governo não presta, o jeito é ir embora". Eu nunca acreditei nisso, sempre achei uma hipocrisia. Ora, se o país está ruim, o jeito nunca será ir embora, a mudança só acontece estando aqui. Como pode-se esperar que algo melhore ao ser abandonado? No entanto, pela primeira vez, me vi em uma posição de desespero e um descontentamento tão grande, que me vi querendo estar longe do Brasil e tudo o que ele parecia estar representando. Não era apenas uma questão do governo. Infelizmente, temos um longo histórico de governos problemáticos e, sim, esse é, possivelmente, um dos piores. Mas o que me entristecia de verdade era ver o comportamento da população, o apoio da insanidade, a falta de humanidade, o descaso com a vida e com o outro e tantas outras posições escancaradas por essa crise. Acabei compartilhando isso com minhas amigas e uma dela comentou como o que estava ajudando-a nesse cenário era um apego à cultura brasileira, que era o que estava dando a sensação de que havia algo para se lutar por. Ouvi suas palavras, mas isso só viria a me tocar de verdade um pouco mais tarde.

No mesmo dia, ou um pouco depois, recebi uma recomendação do Youtube: *Pela Luz dos Teus Olhos*, cantada por Tom Jobim e Miúcha. Algo me fez clicar no vídeo e, nesse momento, me relembrei do meu amor por Bossa Nova, Samba e MPB. Ouvi uma grande *playlist,* gerada pelo próprio Youtube, com uma compilação de músicas que foram, pouquinho a pouquinho, me lembrando do que eu mais amo no Brasil e da razão pela qual eu nunca considerei sair dele de maneira permanente, até que chegou um momento em que eu tive certeza: a canção *Apesar de você*, do Chico Buarque, começou a tocar. Foi um momento que realmente me fez pensar: primeiro, como a música tem um poder de indagação, de protesto e de resistência, mas também como traz a esperança do novo dia. Era justamente o que eu precisava ouvir. Se a promessa do amanhã era recitada em um momento tão sombrio como durante a ditadura militar, percebi a necessidade ter um posicionamento parecido agora. Um dos meus maiores mecanismos para lidar com essa situação foi tentar ao máximo viver um dia de cada vez, sem olhar demais ao passado, ou me preocupar demais com o futuro, tentando sobreviver a cada novo dia. Porém, me vi precisando ter certa esperança no dia de amanhã e não só nele, mas em toda a população que, com meu foco na excessividade de atrocidades acontecendo, acabei deixando de valorizar da maneira que merecem: os profissionais de saúde, os trabalhadores de serviços essenciais, todos que se mobilizam para diminuir as catástrofes trazidas pela enorme desigualdade do país, quem resiste e quem não desiste na esperança do amanhã. *Apesar de Você* (Chico Buarque) Hoje você é quem manda Falou, tá falado Não tem discussão A minha gente hoje anda Falando de lado E olhando pro chão, viu Você que inventou esse estado E inventou de inventar Toda a escuridão Você que inventou o pecado Esqueceu-se de inventar O perdão Apesar de você Amanhã há de ser Outro dia Eu pergunto a você Onde vai se esconder Da enorme euforia Como vai proibir Quando o galo insistir Em cantar Água nova brotando E a gente se amando Sem parar Quando chegar o momento Esse meu sofrimento Vou cobrar com juros, juro Todo esse amor reprimido Esse grito contido Este samba no escuro Você que inventou a tristeza Ora, tenha a fineza De desinventar Você vai pagar e é dobrado Cada lágrima rolada Nesse meu penar Apesar de você Amanhã há de ser Outro dia Inda pago pra ver O jardim florescer Qual você não queria Você vai se amargar Vendo o dia raiar Sem lhe pedir licença E eu vou morrer de rir Que esse dia há de vir Antes do que você pensa Apesar de você Amanhã há de ser Outro dia Você vai ter que ver A manhã renascer E esbanjar poesia Como vai se explicar Vendo o céu clarear De repente, impunemente Como vai abafar Nosso coro a cantar Na sua frente Apesar de você Amanhã há de ser Outro dia Você vai se dar mal.

****** *n_133**

Ócio e confusão. Eu acordo de manhã e me sinto cansada. Não estou dormindo muito bem, logo eu, que durmo feito uma pedra, às vezes nem o despertador é suficiente para me acordar. Mas esses dias estão estranhos, me sinto cansada o dia todo, porém não durmo direito... deve ser a ansiedade, que eu nem sabia que estava sentindo de tão rotineira que se tornou. Esses dias estão muito confusos mesmo. Talvez o maior problema seja a ansiedade, que me impede de relaxar. Às vezes eu só queria não fazer nada, ficar deitada, talvez escutando uma música, mas sem fazer nada mesmo. Às vezes eu queria ter um dia assim, mas a culpa me consome quando eu tento, a culpa do ócio é algo bem confuso. Você não tem mais nada para fazer, já cumpriu suas obrigações do dia, a única coisa que falta é um tempo para relaxar, mas daí vem a culpa. Ela surge em forma de ansiedade, apontando todas as coisas produtivas que você poderia estar fazendo e as atividades, que ainda nem foram passadas, mas que você poderia estar adiantando. Nesse ponto eu entro num dilema comigo mesma: Por que ficar eternamente adiantando atividades que ainda nem tenho que fazer? Ué, para tirar da frente, e depois ter tempo de descansar! Mas por que não descansar agora? Porque tem coisas que podem ser feitas. Se procurarmos sempre há coisas que podem ser feitas. Exato, então vamos achá-las e fazê-las. E o descanso? Fica para depois, quando tivermos acabado. Acho que esse é o meu maior dilema, que só cresce nessa quarentena, em que todos querem se mostrar os mais produtivos, inclusive eu. É engraçado pensar que eu sempre critiquei meu pai por ele nunca se dar um tempo de descanso, e sem perceber me tornei igual. Esses tempos estão muito confusos, mas pelo menos proporcionam reflexões, que muitas vezes não dão em nada. Assim como essa que trouxe aqui. Sei que vou continuar me privando do descanso e entrando nesse dilema comigo mesma, mas é bom ver que já reconheço isso em mim. Talvez eu até coloque como meta e desafio dessa quarentena tirar um dia para não fazer absolutamente nada.

****** *n_134**

Outro aspecto que surgiu durante essas últimas duas semanas conturbadas, foi a do movimento que ocorreu nas redes sociais na terça-feira dia 2/06 de 2020, no qual as pessoas de todos os lugares do mundo decidiram publicar pontos sobre o movimento preto na tentativa de apoiar, ou até mesmo apenas uma tela preta como uma forma de manifestação para que nada além do movimento tivesse a atenção naquele dia. Diante dessa manifestação imensa nas redes sociais, existem dois aspectos que provocaram uma reflexão em mim e que até foi exposto por outras pessoas nas próprias redes sociais. Primeiramente se tem o fato de na tentativa de ajudar as pessoas atrapalharem muito o movimento, pela falta de informação. Um caso específico que pode ser citado é que existiram várias "*hashtags*" percorrendo nesse período, sendo um deles a *blacklivesmatter*, que tinha o intuito de espalhar informações sobre o movimento, sobre as manifestações e os diversos aspectos que poderiam estar relacionados ao assunto, só que a maioria das pessoas desconhecia sobre isso, e postavam a foto inteira preta com essa "*hashtags*", o fez com que os pontos importantes que deviam ser passados para frente se perdessem diante da imensidão de telas pretas que as pessoas tinham postado, o que prejudica toda a estruturação do movimento. Outros dois pontos que queria destacar relacionado ao comprometimento com o movimento. Dentro disso está a questão das postagens nas redes sociais, pelo fato de que muitas pessoas e muitos famosos, inclusive, postaram sobre o assunto só para formarem uma imagem boa sobre a sua pessoa diante dos outros, não porque realmente se importam tanto com a questão e provavelmente não fazem nada além disso para combater o racismo. Junto disso, penso em uma crítica a sociedade brasileira em si, e me incluo nesse ponto, pelo fato de que acredito que falta uma iniciativa maior diante dos problemas, talvez uma maior apoio e estruturação. Falo isso pelo fato de que uma semana antes da morte de George Floyd, o menino João Pedro foi assassinado dentro de casa pela polícia, e levado embora sem que se prestasse menor esclarecimento, e apesar de ter havido uma certa comoção pública não chegou nem perto do que ocorreu nessa terça-feira. Fica o questionamento e a reflexão sobre o porquê de a gente ter precisado que alguém acendesse a fogueira do movimento e da manifestação para gente fazer parte, e por qual motivo não conseguirmos ter essa mobilização diante das situações que vivemos cotidianamente, da morte de pessoas pretas pela polícia militar.

****** *n_135**

Minha observação nesse relatório gira em torno da sociedade de imagens. Observei, durante essa quarentena, pessoas próximas a mim sentirem muita exaustão ao usarem o celular, no sentido do acesso às redes sociais, como Instagram, Facebook, WhatsApp etc. O uso extremo das redes sociais é, atualmente, já muito observado e pesquisado, com resultados de pesquisa que já mostram uma alteração na subjetividade dos sujeitos, no discurso dos sujeitos: nós somos muito pautados pela imagem, mais do que nunca. Talvez vivamos, também mais que nunca, em um estado de ilusão, como nos pode mostrar a alegoria da caverna do Platão: nos enganamos com imagens, vemos verdade em imagens, baseamos nossa relação em um registro imaginário, ao invés de levar nosso tempo para conhecer as pessoas e ter em mente que o ser humano é uma metamorfose ambulante, e não uma imagem idealizada. **Esse período de quarentena parece estar denunciando essa problemática subjetivação: a falta do simbólico da linguagem nas interrelações, laços mantidos ou pelo encantamento ao igual ou pelo rechaço ao diferente. Esses modos de se relacionar com o outro dado em polos opostos é o laço constituído pelo imaginário, pela subjetivação baseada na imagem, no que o outro mostra, à primeira vista, ser, ou pelo que vemos sobre o outros nas redes sociais por meio de fotos, postagens, mensagens, tweets, posts compartilhados no Facebook. Essa forma de constituir laços sociais a identificações é uma forma que não se sustenta, uma forma a qual não internaliza afetos, e suas ruínas estão próximas: dados os efeitos nos jovens atuais, como as crescentes crises de ansiedade, pânico, depressão, etc., vê-se que por detrás desses efeitos psicossomáticos, há muita imagem e uma falta de saber sobre si mesmo (que vale lembrar que nunca é completo, mas também não deve ser nulo)** que é atribuída a um outro onipotente e onipresente do imaginário, ao outro da imagem. **Durante a quarentena, como citado mais acima, esses efeitos de exaustão se mostram mais visíveis; claro que todo sujeito é atravessado por diversas questões para chegar em graus elevados de exaustão psíquica, mas a meu ver, nossa alienação a um outro que tem o poder de saber por meio de um certa imagem e identidade que cria virtualmente, é uma grande contribuição para adoecimentos contemporâneos**.

****** *n_136**

Reitera o valor da troca de experiências é um marco histórico que mudou muito o mundo e como não poderia ser diferente mudou como seria o semestre de psicologia em 2020, fazendo com que estágio básico não pudesse ter a parte mais prática do curso. Entretanto o curso não deixou de ocorrer e a lacuna deixada pelo trabalho prático foi preenchida por reflexões do momento atual, que são um registro importante do momento atual e que servirão para entender melhor no futuro o que ocorreu. Além disso as reflexões ajudam na questão do autoconhecimento e se conhecer é muito importante para o nosso trabalho. Outro ponto importante é a leitura do livro de Contardo Calligaris *Cartas a um jovem terapeuta*, que trouxeram para mim reflexões importantes sobre meu futuro trabalho e sobre o papel de um psicólogo, especialmente a parte em que ela fala do primeiro contato com o paciente, que é um momento gerador de muita angústia. Outra questão que me marcou muito do semestre foram as inúmeras discussões políticas em sala, visto que são discussões essenciais para serem feitas no contexto que estamos visto o quanto a política influencia nossa vida especialmente nesse momento de pandemia, pois com um governo mais competente muitas vidas poderiam ter sido salvas.

****** *n_137**

Nesse terceiro relatório, gostaria de falar sobre angústias da existência humana, da existência do sujeito.

Desde que o estado de quarentena do nosso país foi anunciado, venho dizendo que, reconhecendo toda a desgraça social na qual nosso país está inserido, todas as perdas e lutos pelos quais milhares de pessoas estão passando, **no que diz respeito mais à minha esfera pessoal (até onde é possível definir individualmente, pois na minha opinião não existe uma separação por completo), muito progresso vem se dando, muitos giros de posição, muitas descobertas vivificantes, reflexivas, tranquilizantes. Porém, de uma semana para cá as descobertas não foram tão legais assim; a faculdade não está mais tão tranquila, o final do semestre se aproxima, e "deu "de coincidir junto da minha crise existencial, junto de angústias descobertas, junto da dificuldade de ser-no-mundo, junto de desvelamentos que nos tomam e a única saída é uma reinvenção, que está de certa, no mínimo, limitada, por questões de um estado de calamidade pública.** Ser um (as)sujeito envolve essas angústias que por vezes nos tomam. Angústias acerca de questões que não fazíamos ideia sobre nós mesmo, se é que existe uns "nós mesmos/eu mesmo "substancializados, e não um emaranhado de significantes q normas discursivas que direcionam nossas vidas, junto de momentos que irão nos levar à realização de certas questões, e assim quebrar com a nossa linha de tempo e com a ideia que tínhamos de "nós mesmos". **Estou passando a quarentena na minha casa de praia com minhas amigas, mas não estou; estou imersa em minhas angústias, em minhas incertezas, confusões, irritações, impotências, assujeitamentos, inexperiência, abismo, caos e vazio escuro no qual a queda nunca cessa, estou imersa na minha falta, ao mesmo tempo que o real da vida segue e me acomete sem cansar.** Não sei se em um não estado de calamidade pública, para mim, Natália, privilegiada, com condições financeiras que me levam a direitos hospitalares decentes, mudaria algo nesse mergulho no meu abismo angustiante: acredito que iria usar mais de distrações, acredito que não ficaria tanto angustiada, mas até onde isso me beneficiaria? Não sei, nesses momentos nos quais me perco, são tantas questões que me assolam, é um lugar de empuxo escuro que me empurra a repetições infinitas, e é exatamente nesses momentos que um saber-não-sabido me sugere saídas; um saber no qual vou crer mais para a frente em um momento de menos assujeitamento, para novamente me perder. Não sei se estou conseguindo me fazer clara, ou se é preciso me fazer clara, mas irei me autorizar a parafrasear um trecho dito por Clarice Lispector para tentar explicar essa minha última citação: "É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque quando tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo." **Momentos de quietude, de ponderação, momentos a dar e ao mesmo tempo (qual tempo?) não dar voz ao abismo escuro e devorador que há dentro de nós. Momentos nos quais ser não-toda é fundamental, essencial, principal; não toda perdida, não toda assujeitada, não toda sabida, não toda chata, quieta e sofrida, não toda forte, não toda completa.**

****** *n_138**

Durante essa semana, minha observação foi política. No relatório anterior foi relatado uma reflexão bem mais filosófica acerca da questão da temporalidade, mas como o ser humano diz respeito a vários dados da existência, como temporal, político, social, ôntico, estrutural etc., hoje escolho a esfera política. **O cenário atual me assusta. Na verdade, demorou para "cair minha ficha" de certa maneira, pois sempre ouvi amigas dizendo que temos de ir à luta, sair às ruas, dialogar para que o lado progressista e não opressor seja exposto, explicado, disseminado, para que os jovens universitários se afiliem ao movimento estudantil... Mas eu permanecia um pouco em cima do muro na questão da minha participação em qualquer tipo de movimento, sobre minha participação social e responsabilidade política... Achava que talvez eu não fizesse tanta diferença,** ou que não fosse tão necessário que todo mundo se engajasse politicamente de forma a se materializar esse engajamento, participando de movimentos, **pois supostamente não estávamos em uma situação de ditadura declarada, ao mesmo tempo que não deixava de enxergar o horror autoritário no qual vivemos. Mas hoje mudei de opinião. O terror que vivemos é ditatorial, é fascista, nosso direito de ir e vir está sim ameaçado por conta de um presidente que reforça discursos que promovem mortes a diversos setores oprimidos da sociedade, como ao pertencentes à classe LGBTI, negros, pobres, mulheres... Um presidente que direciona seu ódio para todas as direções, e em uma pandemia, sua posição é também mortífera; Bolsonaro facilita um Estado suicida. O Brasil é o único país (talvez junto dos Estados Unidos, com Trump?) que trata o vírus como uma certa "alucinação coletiva", que desdenha das mortes de parentes queridos, defendendo um quase um delírio de estabilidade da economia acima do bem-estar social (estabilidade de economia para quem?).** Pelos dados, pessoas já morriam de fome promovida pela desigualdade social em um cenário de capitalismo selvagem há muito tempo antes da pandemia da corona vírus). O terror que vivemos me levou a assumir uma posição de maior diálogo, maior diálogo com meus pais que talvez não tenham tido a oportunidade de estudar vertentes filosóficas para entenderem a gravidade do que ocorre, me levou a estudar mais sobre políticas públicas, me levou a estudar mais no geral, sobre movimentos políticos, intelectuais, que estão do lado progressista da história, e não do lado da arrogância, do lado do fascínio que a ignorância vem promovendo à nossa sociedade brasileira. Junto desses novos estudos me atravessou a questão do quanto deveríamos, todos nós, cidadãos, ter acesso a uma boa escola, uma boa faculdade, pois são esses acessos que vão nos dar subsídio e libertação para que consigamos ser cidadãos engajados politicamente, socialmente, economicamente..., mas a realidade do brasil (e do mundo) é tão distante disso. Por hoje fico com essa reflexão mais simples, porém necessária, acerca da falta de educação crítica que paira nessa névoa de ignorância do nosso país, assim como em muitas outras partes do mundo; uma educação que prega uma imparcialidade de posições socioeconômicas/políticas, que estimula crianças e jovens universitários a apenas ser uma engrenagem em nosso mundo neoliberalista de super exploração da mão de obra, sendo que essa imparcialidade é uma utopia, pois por trás de uma fala sempre há uma posição, e por trás de uma fala sempre há um ser humano de linguagem, e não uma ferramenta de produção para que indivíduos poderosos se tornem ainda mais poderosos, economicamente e também, como reflexo, poderosos discursivamente, influenciando os discursos de cada sujeito a eles assujeitado.

****** *n_139**

O filme se trata sobre o julgamento sob pena de morte de um rapaz de 18 anos sobre o homicídio de seu pai. O júri é composto por doze anos e, segundo a lei vigente naquele país, há necessidade de unanimidade na sentença para que esta seja acolhida pelo juiz. O júri decide iniciar com uma primeira rodada de votação, com resultado de onze pessoas a favor da aplicação da penalidade e apenas um contra. A justificativa dada por este único homem, que diferiu dos demais, é uma dúvida racional. Os demais tentaram convencê-lo então da culpabilidade através da discussão dos fatos apresentados pela promotoria: o testemunho de um velho, morador do andar debaixo do local do crime, que relatou ter ouvido o rapaz dizer que iria matar o pai e depois o barulho de um corpo caindo ao chão, o velho corre até as escadarias e vê o rapaz fugindo; o testemunho do dono da loja que vendeu, naquela mesma noite, a faca utilizada para o crime, corroborado por seus amigos, que também o viram com a faca; a polícia que encontrou o corpo, somado ao legista atestando a morte à meia-noite; o testemunho de uma mulher que viu pela janela de seu quarto o crime através das janelas de um trem que passava. Também se questiona a alegação do rapaz em sua defesa, de que no momento do crime estava no cinema, porém nenhuma pessoa o viu lá e o rapaz não se recorda do nome do filme, nem de seus atores. Cada um dos argumentos foi trazido em pauta, verificando-se que nenhum dos fatos, apesar

de apresentarem alta probabilidade de terem ocorrido, pode ser dado como certo. Dada esta dúvida racional, com base na justiça local, a pena não pode ser impetrada. Já que não cabe ao réu provar sua inocência, mas sim a promotoria provar sua incontestável culpa. O filme demonstra como a perspectiva de cada um dos fatos se altera conforme mais informação é compartilhada entre os diferentes decisores. Principalmente a resistência de cada um em mudar sua opinião, seja por critérios racionais, emocionais ou valores sociais.

****** *n_140**

As varandas *gourmet* passaram a integrar a casa, não mais para as raras celebrações com os colegas, mas para ser o novo escritório dos pais. Ainda assim, de minha sacada, posso observar que para as babas nada mudou. Continuam pajeando as crianças, mas por trás das portas de vidro fechadas, que separam a varanda do restante da casa. Desta forma, os pais conseguem manter a concentração no que é importante e os gritos das crianças não vazam pelo áudio das conferências virtuais. Até mesmo os pets foram movidos, de seu habitat natural, para junto das crianças. De uma semana para cá, porém, o cenário voltou ao normal. Os cães voltaram a exibir seus lacinhos e pelos escovados na varanda, as crianças entretidas com o videogame, as babas sem a vista dos donos. Mas e os pais, onde estão? Como antes, estão nas ruas, sem hora para voltar. Voltar?

****** *n_141**

As fitas com listras pretas e amarelas contornam improvisadamente o *playground*. O que antes interditava as vias, agora está no seu quintal. Impede não somente a vida, mas a alegria. Vigiada pelo olhar fortuito da moça de branco, que compete com o portal para o mundo que carrega em suas mãos, a menina se aproxima com seu patinete e segura a fita com ambas as mãos. O entretido brinquedo é deixado de lado e a criança passa a fitar cada pedaço da terra proibida. A rebeldia de romper o limite frágil, driblar os obstáculos e infringir o recomendável ainda não brotou. Absorta pelo barulho da gritaria de suas lembranças com os amigos naquele lugar, não percebe a aproximação da babá, que naturalmente levanta a fita, sem tirar os olhos da tela de seu celular. Uma euforia eclode e a criança tem dificuldade de escolher qual brinquedo trepar. Corre de um para outro ciente que aquele momento escorrera por entre os dedos. Finalmente escolhe o balanço. Sem antes passar álcool-gel, agarra pelas alças e começa a se balançar. Não durou um instante, nem mesmo escorreu porque não foi sequer capaz de segurar. Sem o relógio, algo escapou. A menina congelou seus movimentos e o olhar envidreceu, como segundos antes do outro lado da fita. Sem entender o repentino desinteresse da menina, a babá enfia o aparelho no bolso por baixo do avental e puxa o patinete em direção ao elevador. Mecanicamente a menina anda a passos robóticos seguindo seu brinquedo. Que alguma graça caia sobre nós!

****** *n_142**

O confinamento cria o ambiente ideal para que nossos maiores conflitos, internos ou externos, se exacerbem. Como venho de uma sequência de longos relacionamentos, sou hoje um solteiro inexperiente. Antes da pandemia, o mundo era um campo inexplorado para experimentar novas formas de se relacionar, realizar todos os desejos represados por uma vida e criar uma rede de troca afetiva que não dependesse de uma única pessoa. Este campo de infinitas possibilidades hoje se restringiu ao virtual, onde a superficialidade reina. Tentar se relacionar pela internet hoje significa, em sua maioria, falar com pessoas que dizem estar cumprindo à risca a quarentena, mas na verdade só estão a busca de sexo. Há aqueles também que tem a necessidade incessante de seduzir pessoas, somente para reforçar sua autoestima em relação a sua capacidade de atração, "*match*" descartáveis. Antes mesmo do isolamento, já havia me acostumado a ficar sozinho, a diferença é que quase não parava em casa. Hoje estar sozinho também é estar só. Os encontros virtuais com amigos e familiares, porque com pretendentes já desisti, não superam a necessidade do toque que a alma precisa. Sou uma pessoa de pouca fé, não consigo ter esperança, o que me resta é paciência.

****** *n_143**

Na esteira dos protestos que apoiam o movimento "*Black lives matter*", atos simultâneos e globais realçaram a crescente insatisfação com o tratamento dado pela polícia às minorias, cujo estopim foi o assassinato de George Floyd, em Mineápolis, em 25 de maio. Num caldeirão onde já borbulhavam insatisfações com o confinamento obrigatório, suas dramáticas consequências no sustento familiar e o desamparo das políticas governamentais, o evento foi catalizador para mobilizar uma catarse comunitária. Não demorou para que as redes sociais fossem tomadas, através do movimento #Blackouttuesday, que no Brasil se somou ao homicídio do garoto João Pedro pela polícia. Organizado por empresas do setor da música, tinha o objetivo de mostrar apoio à comunidade negra do mundo. Com mesma rapidez, a militância negra passou a orientar que os posts não contivessem as referências: #BlackLivesMatter, #VidasPetrasImportam e #VidasNegrasImportam, para assim não atrapalhar a busca por conteúdos importantes relacionados aos protestos. Não parou por aí, líderes da militância passaram a anunciar que essa quantidade de quadrados pretos com a #Blackouttuesday e apenas ela, trai o objetivo do movimento. Segundo eles, as pessoas parariam de publicar publis, anúncios, fotos de cachorro, selfies, mas sem denunciar a violência policial racista, dados, campanhas, informações, o objetivo de conscientização não seria alcançado e a campanha perderia seu principal mote. Eu, que prontamente demonstrei apoio à comunidade negra, me senti constrangido por ocupar meu *feed* com um quadradinho preto. Pensei em apagá-lo. Minha rebeldia, porém, ressurgiu como crítica silenciosa à crítica, que certamente só será entendida por mim. Fico entristecido por ver como a inflexibilidade da militância só serviu para esvaziar o movimento e criar antipatias. É preciso que os insurgentes se modernizem, ganhem comoção a exemplo de Gandhi e deixem o proselitismo a favor de interesses comuns.

****** *n_144**

A conversa com a Priscila, psicóloga do Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), trouxe a oportunidade de olhar para um tipo de atendimento social pouco conhecido, a atenção a vítimas de violência e seus familiares. Principalmente no acolhimento de mulheres vítimas da violência doméstica, a escuta do sofrimento vai além do refúgio emocional, promove a reconstrução de laços sociais, a confiança na Justiça e o exercício da cidadania. Além de redirecionar o tratamento para instituições parceiras, o centro também promove reuniões, oficinas abertas e grupos de bate-papo, para que assim as histórias e as dores possam ser compartilhados. Priscila revela como, além do sofrimento inerente às situações extremas vividas pelas vítimas, estas pessoas ainda precisam lidar com estigmas e preconceitos, principalmente quando as cenas de violência ganham dimensão na mídia aberta. O desafio, porém, de atuar nestas situações limite, revela-se recompensador. Com o tempo, a experiência não dessensibiliza, mas ensina a lidar com o sofrimento, sendo mais objetiva nas questões ligadas ao crime em si, sem deixar que isto contamine a atenção ao sofrimento da pessoa que está em sua frente.

****** *n_145**

Saudade. Eu realmente não queria escrever sobre isso. Não queria, na verdade, ter que escrever sobre nada. Caí na sina de uma estudante de psicologia que se autoanalisa, cutuca as próprias feridas e depois não quer mais sofrer com isso. Sem contar que o período de isolamento é quase que uma forçação de barra no quesito autoanálise, e que por mais que eu queria fugir de mim mesma, não posso. Meus pais são parte do grupo de risco nessa pandemia, e por isso, aceitei o convite do meu irmão para passa este período na nossa casa de praia, e ficar longe dos meus pais. Achei que me faria bem ter um pouco de ar fresco e me reconectar com o lugar no qual tenho muitas das minhas melhores memórias de infância, e muitas das minhas piores também. Quando deixei São Paulo, também levei comigo um desafio lançado pela minha terapeuta familiar, que era negar o meu papel tóxico dentro de casa, e me reconstruir sozinha. Trago isso à tona, justamente pelo fato de que o cerne desse meu papel era a submissão com relação a uma falsa estrutura familiar, baseada principalmente nos sentimentos dos meus pais, que eu imaginava sustentar, e sinceramente, ainda imagino um pouco. A minha casa de Praia trouxe a primeira situação da qual tenho lembrança em que menti sobre os meus sentimentos na tentativa de tranquilizar outra pessoa. A minha mãe. Não lembro da minha idade, apenas que eu era ainda bem criança e estava chateada pela minha mãe começar a trabalhar, visto que eu estava acostumada com ela a minha disposição o tempo todo. Eu ligava para o trabalho dela várias vezes por dia para ouvir sua voz e levei uma bronca, afinal também não devia ser fácil para ela, até que um dia em um dos finais de semana que ela teve que trabalhar, meu pai me levou para a praia sem ela, e era a primeira vez que isso tinha acontecido. Ela ligou e perguntou se eu estava bem, eu

disse que estava e menti que “nem tinha sentido saudades”. A partir deste dia me lembro que se tornou comum para mim esconder os sentimentos e criar o que eu pensava ser uma barreira protetora. É estranho pensar que depois de tantos anos, estou tendo que ficar aqui nesta casa sem poder ver meus pais e que aqui, onde aprendi a encobrir as minhas saudades, estou agora aflorando-as e tendo que me reconstruir a partir de todos os sentimentos que encobri, e tudo isso sozinha, pois se lá no passando fiquei aqui sem mãe, dessa vez estou sem mãe e sem pai e tudo o que eu tenho é ironicamente, saudades.

****** *n_146**

É tempo de ressignificar a solidão, de tornar-se um mundo para si. É momento de parar de fugir do que mais se tem medo. Aprender a esperar o tempo da colheita, dar voz e lugar para a paciência. Não mais contemplá-la como vazio que ecoa na eternidade, falta de sentido que devora ou como suspensão involuntária dos insaciáveis prazeres. Eu não escolhi a solidão, ela me apunhalou pelas costas antes mesmo que eu a pudesse sentir pela primeira vez. **No instante em que a fuga deixar de ser o familiar, a alma poderá ser escutada e o estar só não mais será escravidão, mas uma forma de libertação. É momento de cair da teia, de deixar morrer e esperar por seja lá o que vier. É desejar o colorido, entendendo que o preto e branco tem seu lugar. É não mais sentir a falta como ausência, um buraco sem fim perdido no tempo e espaço, mas como possibilidade de criação.** Mesmo entre tantas tentativas em vão de preenchimento, o engodo da completude ainda permanece como o mais sedutor dos feitiços. **A comunhão só pode ser vivida ao transmutar as dependências e a integridade só contornará o si mesmo ao soltar o remendo das partes já há tempo perdidas. Curativos de nada irão adiantar. A luz há de vir. É tempo de ressignificar a solidão.**

****** *n_147**

Faz 71 dias que estou dentro de casa (com algumas pequenas exceções). Hoje, foi um dia um pouco atípico. Precisei ir ao dentista. Minha mordida estava muito forte e a dor estava refletindo para o restante do meu corpo. Parecia que minha cabeça ia explodir e meu pescoço estava começando a pesar. Precisei ir ao dentista, pois a dor já estava fora do meu controle. Mas o sentimento de culpa não saiu dos meus pensamentos nem por um instante. E se eu fosse assintomática? E se já estava contaminada pelo *delivery* que pedimos a 2 dias atrás? Afinal, apesar de estar me protegendo, a probabilidade de contaminação do vírus é relativamente alta. Cheguei no dentista com muita preocupação e medo, pois não sabia quem havia entrado anteriormente. Logo passei álcool gel, anunciei minha chegada para a recepcionista e me deparei com uma sala de espera um pouco diferente. Estávamos todos do lado de fora do prédio, aguardando a sua vez. Havia, ao meu lado, diversos negacionistas. Indivíduos sem máscaras e despreocupados. Inclusive, um espirrou logo atrás de mim. Por outro lado, observei alguns obsessivos com a higiene. Uma mulher estava constantemente higienizando as mãos e nem quis se sentar nos banquinhos. Depois de aproximadamente uns 20 minutos esperando, escutei meu nome sendo chamado. Logo, mais uma vez, o sentimento de culpa e a paranoia voltaram. E se eu passar o vírus para o meu dentista ou para as pessoas ao meu lado? E se eu for contaminada no elevador ou durante a consulta? Minha cabeça estava uma confusão de pensamentos e sentimentos incontroláveis. Felizmente, tudo correu bem. Durante a minha caminhada de volta para casa, começou as minhas reflexões do momento e dos sentimentos que acabava de experienciar. O dia 71 foi um dia atípico. Atípico, por eu precisar ir ao dentista. Atípico, por eu sentir medo e culpa simplesmente por estar com uma dor nos dentes e, dessa vez, não podia e não ia terceirizar a culpa, pois logo me veio à mente a discussão que tivemos durante uma aula de Excepcionalidade. Debatemos como o ser humano têm a tendência de não conseguir assumir os próprios erros e enxergar os próprios defeitos. Conclui-se que o homem tem o hábito de sempre procurar um culpado para os seus problemas para, consequentemente, não precisar lidar com um enfrentamento psíquico. Então, sabia que seria uma grande perda de tempo e de energia ficar procurando alguém para culpar caso ocorresse alguma coisa. Cheguei em casa, passei o Álcool gel, tirei os sapatos, lavei a roupa e entrei no banho. Missão cumprida. Será? Acredito que só descobrirei isso em alguns dias.

****** *n_148**

A disciplina Estágio Básico I, oferece uma ampla quantidade de conteúdo teórico e prático. São realizadas visitas em locais extremamente interessantes e distantes da minha realidade, com direito a supervisão do que foi observado em cada uma dessas visitas. Além disso, aprende-se a fazer um relatório de observação e fichamentos de textos que agregam bastante na nossa futura profissão. Entretanto, esse semestre foi atípico para todos. Por conta da pandemia causada pelo coronavírus nós, alunos, não tivemos a oportunidade de realizar tais visitas e lidar com essas experiências. Acredito que foi uma perda enorme no meu desenvolvimento pessoal e profissional e que será difícil de recuperar. Com certeza, foi uma das disciplinas que os alunos mais se prejudicaram academicamente falando. Em minha opinião, o contato pessoal, não pode e não foi substituído por aulas *online* e, principalmente, o contato que teríamos nas visitas. O objetivo e as atividades foram alterados por uma questão de saúde pública, as visitas foram canceladas e os relatórios de observação se tornaram crônicas sobre a realidade vivida. Além disso, também foi pedido uma leitura do livro do Calligaris e, em minha opinião, essa proposta não sofreram muitas alterações. O objetivo continuou a ser ler, refletir e discutir os assuntos que o autor propõe. Por fim, foi pedido fichamentos dos seguintes textos: capítulos 2, 3 e 7 do livro Ensinando observação: Uma introdução, de Marilda Fernandes Danna e Maria Amélia Matos; *Etnografia de sujeitos em sofrimento psíquico*, *Revista Saúde Pública*, 2008 do DALMOLIN, B; VASCONCELOS, M.P; *dez mandamentos da observação participante*, resenha do livro de William Foote Whyte: *Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. 2. Minha experiência. No início desse semestre eu tranquei a faculdade, pois fui em busca de realizar um sonho de estudar no exterior. No final de março, o COVID-19 invadiu o país que estava e o dominou muito rapidamente. A população logo ficou com medo, a universidade parou de dar aulas presenciais e todos os restaurantes e bares fecharam suas portas. Sendo assim, precisei voltar para São Paulo e, desesperadamente, fui atrás de me matricular na PUC novamente, pois não queria ficar aqui sem ao menos me ocupar com algo, eu ia enlouquecer. Para isso, enviei mais de 20 e-mails para SAE e para coordenação. No começo confesso que foi difícil de conseguir acesso e já estava muito frustrada, mas depois consegui me comunicar e só tenho a agradecer todo o esforço dos colaboradores, professores e coordenação. Enfim, consegui ingressar em grande parte das disciplinas, inclusive o Estágio Básico I que já havia criado diversas expectativas e até uma certa ansiedade para finalmente conseguir enxergar e lidar com a prática. Apesar do prejuízo que os alunos tiveram por conta da pandemia do coronavírus, preciso reconhecer que, de uma forma peculiar, a maneira com que os Professores de Estágio Básico lidaram com a situação foi extremamente agregadora e enriquecedora. **Escrever situações que observei durante esses últimos meses, compartilhar e conversar sobre foi incrível, além de ter sido quase um calmante para minha mente. As crônicas se tornaram um meio muito importante de me expressar e tirar para fora os meus pensamentos perturbadores. Assim como discuti-las e escutar a dos outros colegas. Muitas dessas discussões se aprofundaram em aspectos psicológicos que talvez nunca teríamos oportunidades de estudá-los. Optei por observar e descrever situações singulares que vivenciei nesses últimos meses de isolamento social.** Primeiramente, escolhi escrever sobre a experiência do meu retorno para São Paulo. Em seguida, fiz uma crônica sobre uma ida ao dentista no dia 71 do isolamento, ou seja, sobre um aspecto que era tão normal no nosso cotidiano e que se tornou impactante e interessante ao ponto de escrever sobre isso. Já a terceira crônica tomou um rumo um pouco diferente. Optei por registrar uma angústia que já estava sentindo faz um tempo, escrevi um pouco sobre como o vírus mostrou que estamos imersos em uma desigualdade social sem luz no final do túnel e como isso está disseminando ódio em cada cultura e país. Na crônica *Achei que seria diferente* registrei quais eram minhas expectativas no início dessa quarentena e a angústia de ter percebido, atualmente, que grande parte dos meus planos não tiveram um seguimento. Por fim, na minha última crônica, relatei alguns comportamentos que tiveram que mudar por conta do coronavírus e que, em minha opinião, impactarão o futuro. Além das crônicas, lemos e discutimos o livro do Calligaris. Nessa proposta do curso sinto que não houve prejuízo algum. Consegui ler o que foi proposto e aproveitei as discussões. Para mim, Calligaris, através de suas cartas respondendo jovens terapeutas, conseguiu esclarecer dúvidas que eu sempre tive e refletir questões relevantes para qualquer estudante de psicologia. Acredito que o mesmo ocorreu com os fichamentos dos textos. Acho válido ressaltar uma aula que tivemos a oportunidade de conhecer o Centro de Referência e Apoio a Vítima (CRAVI). Digo conhecer, pois, apesar de ter sido via vídeo, sinto que deu para compreender, visualizar e admirar esse centro e os funcionários que trabalham e lidam, diariamente, com essas vítimas. A Luanda, psicóloga que apresentou e conversou conosco, conseguiu descrever o local, expor os objetivos e história do CRAVI, contou um pouco das vítimas que já entrou em contato e, por fim, relatou como está sendo trabalhar com elas em meio a pandemia. Com certeza, ir pessoalmente visitar teria sido uma experiência enriquecedora, mas, na medida do possível, aproveitei e aprendi muito com essa oportunidade que

tivemos. Acredito, ainda, que essa experiência pode proporcionar e desencadear muitas outras. Existem diversos centros e instituições que queremos conhecer e simplesmente não temos tempo, oportunidade ou não é permitido a entrada de alunos. Pressuponho que, uma conversa *online* como esta, poderia ser uma boa possibilidade de entrar em contato com esses locais. **Por fim, gostaria de reforçar que, apesar dessa disciplina não ter sido como imaginado e esperado, ela superou minhas expectativas e teve um saldo muito positivo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e, principalmente, me ajudou a sobreviver esta pandemia histórica e única.**

****** *n_149**

Estamos todos no mesmo barco? Não está sendo fácil para ninguém a quarentena. O Coronavírus está assustando as ruas pelo mundo a mais de 6 meses. Acredito que seja um momento delicado para todos e, exatamente por isso, que não deve ser romantizado. Desde o início, escutei diversos indivíduos, especialmente, famosos, tentando encontrar o lado bom dessa tragédia. Tentando mostrar que "estamos todos no mesmo barco", seja você branco, preto, rico, pobre, judeu, muçulmano ou católico. No final de março, a cantora Madonna teve a sua vez. Ela postou um vídeo em uma banheira com leite, flores, um clima romântico, cercada de luxo, onde fala o seguinte: "tem uma coisa sobre o COVID-19. Ele não liga se você é rico ou pobre, quanto famoso você é quanto divertido você é. Quanto esperto você é, onde você vive, a idade que você tem, as histórias maravilhosas que você tem para contar. Ele é um grande equalizador"; e "o que é horrível sobre isso é também grandioso"; ao ler isso, minha única vontade era de gritar que ela não poderia estar mais enganada. Se você é rico, você consegue um tratamento melhor. Se você é branco, provavelmente não será discriminado ao entrar em um transporte público. Sorte a sua, ainda, se você não for oriental… No Brasil, até os profissionais de saúde sofreram uma onda de agressões físicas e verbais, ou seja, até aqueles que estão mais lutando nessa batalha tiveram sua vez. Com certeza, este momento promoveu coisas boas para alguns, mas romantizar mais de 460.000 mortes não me parece o ideal. Aliás, acredito que esteja bem longe dele. Além das mortes, o vírus está promovendo uma chuva de preconceitos e disseminação de ódio. O homem simplesmente não é capaz de assumir a responsabilidade e a culpa e, por isso, tende a encontrar culpados para responsabilizar e tranquilizar suas mentes. No século XVI, durante a pandemia de sífilis, na Alemanha, os imigrantes franceses foram responsabilizados, na França, os italianos, e no Japão, os portugueses. No início do século XX, a pandemia do vírus influenza ficou conhecida como a gripe espanhola. Durante a epidemia de peste bubônica, também no início do século XX, em San Francisco, os chineses foram perseguidos e seus negócios destruídos e queimados. Na epidemia de febre tifoide, em Nova York, estigmatizam os judeus. Na década de 80, com o HIV, os homossexuais levaram a culpa. Em 2014, ameaçados pelo ebola, nos Estados Unidos, os imigrantes africanos foram vítimas de xenofobia. O coronavírus ainda é recente, mas a população mundial já conseguiu condenar os chineses, os Chineses já estão culpabilizando os estrangeiros, os judeus estão sendo alvos de conspiração canadenses e francesas e os muçulmanos na Índia. Parece que cada um já escolheu seu inimigo, seu meio de descontar a raiva e depositar todo o ódio guardado dentro do coração. Como isso pode ser romantizado? **Não estamos todos no mesmo barco. O individualismo está veemente, diariamente disseminando preconceitos e criando inimigos.** O homem simplesmente não é capaz de sentir culpa. A tendência é não querer ver os seus defeitos, nem admitir os seus problemas e, portanto, de uma forma projetiva, culpabiliza o outro para evitar olhar para si mesmo. Entende-se, portanto, que culpar o outro pode estar associado ao medo de ser julgado ou de projetar no outro aquilo que o indivíduo não aceita nele mesmo, ou seja, é como um suporte externo para aquilo que se tornar insuportável. **E, com certeza, esse momento tão instável que estamos vivendo já se tornou insuportável.**

****** *n_150**

Achei que seria diferente. Eu achei que as coisas seriam diferentes na quarentena. Achei que passando mais tempo em casa, eu finalmente conseguiria fazer várias coisas que eu estava sempre deixando para depois, seja por falta de tempo, ou pelo cansaço. Mas quanto mais tempo passamos vivendo sob a sombra do coronavírus, mas eu percebo que a projeção de produtividade era pura ilusão. A realidade é que a imprevisibilidade do futuro não me dá nem vontade de começar. Não se sabe quando as coisas vão voltar ao normal, então qualquer plano que eu fizer pode acabar sendo inútil. Eu achei que estaria fazendo exercícios regularmente. Para ser honesta, até tive algum sucesso em manter uma rotina no início da quarentena, mas isso foi por água abaixo. Eu achei que estaria voltando a estudar inglês a todo vapor. Não só não retomei as aulas (que poderiam estar acontecendo *online*), como dois meses

depois da minha previsão de volta ainda não abri o livro nem mesmo uma vez, e a cada dia sinto o pouco que eu aprendi lentamente escapando da minha cabeça. E falando em livros, eu achei que estaria lendo como se não houvesse amanhã. Achei que já teria ultrapassado facilmente minha meta de leitura do ano e que teria finalmente concluído vários títulos que a muito tempo estão esperando para serem lidos. Com a agenda mais vazia, fugir das obrigações não tem mais graça. Ser produtivo o tempo todo é um saco e a pressão que os discursos motivacionais impõem na minha rotina estão me deixando louca. Abro as redes sociais e constantemente me deparo com post me dizendo o que fazer, o que cozinhar e como me organizar. Lá fora, a vida já está um caos por si só, as redes sociais deveriam nos dar licença para enlouquecer um pouquinho e lidar, sem culpa, com isso da melhor forma que pudermos. Seja fazendo ginástica ou sentada no sofá comendo. Achei que as coisas seriam diferentes, mas ninguém deveria nos fazer se sentir culpados em meio a uma pandemia. Mesmo que não seja intencional.

****** *n_151**

A última. Fiquei horas pensando qual seria o assunto ideal para minha última crônica. Queria que fosse algo marcante. Um conteúdo que, possivelmente, em alguns anos, vou ler e relembrar todos esses momentos únicos que sobrevivemos. As loucuras que passamos na era do coronavírus, a experiência de ficar confinado dentro de casa, os sentimentos que tivemos ao, constantemente, ler e lidar com notícias ruins, as risadas com os memes e até mesmo o fato de eu ter me tornando quem eu mais temia: uma *tiktoker*. Para mim está bem claro que a crise causada pela pandemia vai provocar uma profunda reestruturação econômica, social e organizacional. Decide, portanto, observar e descrever um pouco como estão sendo o meu dia a dia e como isso, provavelmente, irá moldar e reestruturar o meu mundo. Na minha primeira crônica, contei como foi a experiência de ter ido ao dentista. Observei os diferentes tipos de pacientes, o modo como fui atendida e como eu me senti impotente, constantemente preocupada e culpada apenas por estar sentido uma dor nos dentes. Com o passar dos dias, precisei passar por outras ocasiões semelhantes: a angústia de ir ao mercado, o medo de entrar em uma farmácia e a agonia de precisar ir tomar uma vacina. Em todos esses momentos, não pode evitar os meus pensamentos e reflexões… Como atividades e necessidades tão básicas se tornaram, de repente, grandes eventos em minha vida? Será que nossa higiene irá mudar para sempre? Acredito que sim, a nossa higiene e outros comportamentos extremamente reforçados irão se tornar hábitos do homem. A crise do AIDS, por exemplo, fez com que os comportamentos sexuais se adaptassem, o uso de camisinha se tornou praticamente obrigatório e a população costuma tomar mais cuidados durante a relação sexual. Suponho que, a crise do coronavírus terá um efeito semelhante, o homem irá prestar mais atenção ao entrar em um transporte público, ao se sentar em uma sala de espera e ao ir fazer compras no supermercado ou na farmácia. Pelo menos, assim espero. Vale ressaltar aqui a profunda transformação do uso da tecnologia. Durante esses meses, o celular e o computador deixaram de ter um papel de recreação e se tornaram grandes aliados da educação. No início, as aulas *online* não estavam me incomodando. Confesso até que estava gostando de estudar deitada na minha cama. Entretanto, com o passar do tempo, meus olhos começaram a ficar exaustos e passei a aproveitar qualquer intervalo para me desligar da tecnologia. Curioso, né? Quem imaginou que um dia não ia mais aguentar passar horas nas redes sociais. Aliás, na minha IV crónica, eu conto como elas se tornaram cúmplices em nos fazer sentir culpa pela improdutividade nesses tempos. Constantemente me deparo com post me dizendo o que fazer, o que cozinhar e como me organizar. Acredito que lá fora, a vida já está um caos por si só, e as redes sociais deveriam nos dar licença para enlouquecer um pouquinho e lidar, sem culpa, com isso da melhor forma que pudermos. Seja fazendo ginástica ou sentada no sofá comendo. Por fim, não poderia deixar de comentar um pouco como está sendo viver sem contato físico. Aos sábados (dia da semana que normalmente tenho almoço em família), principalmente, me lembro que não posso abraçar minha avó e escutar suas histórias já decoradas, que não posso passar horas rindo com as minhas primas e encher a paciência do meu priminho. Me lembro do cheiro do perfume da minha tia, no gosto da comida árabe que tanto sinto falta e de jogar tranca sem parar. Com certeza, a perda do contato físico será uma coisa lembrada e, posteriormente, valorizada. Certamente daria para ficar horas observando e comentando todas as mudanças e experiências que estou passando. Acredito que será interessante a Sofia do futuro se deparar com essa crônica e relembrar um pouco de tudo que foi vivido.

****** *n_152**

Na segunda-feira passada tivemos a oportunidade de, na medida do possível, conhecer o Centro de Referência e Apoio a Vítima (CRAVI). A Luanda, psicóloga do CRAVI, nos apresentou o Centro virtualmente de uma forma bastante interativa. Descreveu o local, expos os objetivos e história do CRAVI, contou um pouco das vítimas que já entrou em contato e, por fim, relatou como está sendo trabalhar com elas em meio a pandemia. “Desafiador”, ela afirmou. Luanda contou algumas das principais dificuldades que está enfrentando e, entre elas, destacaram-se a problemática de realizar um atendimento *online* com indivíduos que podem ser vítimas de crimes violentos de seus próprios familiares e a dificuldade encontrada em não ter um ambiente propício para atendê-los. Fiquei bastante intrigada com tudo isso. Passei praticamente o restante do dia pensando em como o isolamento social fez com que aumentasse os casos de violência doméstica no país e fui atrás dos números. Segundo informações do relatório do Ministério Público do estado de São Paulo, Em São Paulo, os pedidos de medida protetiva e de prisões em flagrantes em março subiram em 29% e em 51%, respectivamente, em relação a 2019. Já no Rio de Janeiro, os casos de violência doméstica aumentaram em 50% no final de março, segundo informações da Justiça estadual. Fiquei bastante angustiada com o que encontrei, pois apesar de já imaginar, não tinha percebido a proporção desse problema. E o pior, não sei se existe uma solução rápida e com certeza ainda temos um bom tempo de isolamento pela frente, em que, muitas crianças e mulheres ficarão presas com seus agressores e sem possibilidade de se expressar em uma terapia. Além disso, sabemos como muitas vítimas de violência e agressão não conseguem ou não se permitem enxergar e encarar a realidade, por inúmeros motivos. Nesses últimos dias estava assistindo o seriado *YOU*, em que o gerente de uma livraria em Nova York fica obcecado por uma escritora iniciante e usa as redes sociais e a internet para se aproximar dela. Sem dar muitos *spoilers*, mas no decorrer dos episódios eles acabam se apaixonando. Beck, a escritora, começa a viver um relacionamento abusivo, com um *stalker*, mas que aparenta ser perfeito. Fico imaginando quantos casos reais e semelhantes existem e como seria viver esse mesmo relacionamento confinados por meses.

****** *n_153**

É muito angustiante ver um indivíduo negando a existência de uma atrocidade histórica e, mais angustiante ainda, saber que isso ainda existe. O ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013), por exemplo, já levantou várias dúvidas quanto à existência do Holocausto. Ele fez isso quando ainda era presidente, tanto em entrevistas à imprensa quanto em discursos públicos. Ahmadinejad, assim como alguns grupos árabes extremistas, negam o Holocausto tendo em vista o contexto do conflito árabe-israelense. A negação, neste caso, é parte de um esforço em deslegitimar o Estado de Israel, que, também, está relacionado ao ódio contra os judeus. Inclusive, no filme, a conexão entre a negação e o antissemitismo foi uma das conclusões do julgamento de David Irving. Atualmente, existe uma substituição, uma adaptação do ódio e do antissemitismo. Hoje em dia odiar os judeus não é politicamente correto e aceito oficialmente nem pela Igreja e nem pela ciência, de modo que resta ao antissemitismo fisgar suas garras de uma forma disfarçada. Existe uma demonização seletiva que incomoda, que nos convence cada vez mais de que ela não é apenas fruto da observação dos fatos, mas de um sentimento mais profundo; o ódio. Um sentimento tão ruim, responsável por tantas tragédias ao longo dos séculos, que acaba provocando um comportamento de negação naquele que o nutre. Trago como exemplo, um recente acontecimento de desconforto com comentários do programa “Live CNN”, da CNN Brasil, onde a jornalista Basilia Rodrigues diz “estavam na mesa para escolha do ministro de saúde: empresários, médicos e judeus”. Ser judeu não é uma profissão e não é justo caracterizarem dessa maneira. A jornalista, então, passa a impressão de que a comunidade judaica interfere nas escolhas de ministros, sendo que há judeus em todos os campos do espectro político e não são duas pessoas que podem carregar consigo a opinião e ações de uma comunidade plural. São nesses pequenos acontecimentos e falas, que muitas vezes se passa despercebido um antissemitismo mascarado. Por que marcar os judeus dessa maneira? Certamente se encontravam pessoas de outras religiões naquela mesa. Por fim, pensar o negacionismo do Holocausto é uma forma para pensarmos em outros negacionistas como: da ditadura militar, da tortura, da desigualdade social, do genocídio indígena, da escravidão e outros tantos. E assim como com os judeus, atualmente, existe uma substituição, uma adaptação do ódio contra essas outras minorias. Poucos vão ter a coragem de admitir o que sentem, mas negar, não vai mascarar a realidade. Destaca-se, por exemplo, os últimos acontecimentos com a população negra. Poucos vão admitir o racismo. Pensar que isso já é um conceito ultrapassado e que a escravidão já foi superada, é mais uma maneira de esconder as dificuldades que ainda estão presentes na vida de cada um deles.

ANEXO 3

Sinopses dos filmes exibidos em classe

- **FILME: NEGAÇÃO**

No filme *Negação*, Deborah E. Lipstadt (Rachel Weisz) é uma conceituada pesquisadora que, em seu livro, ataca veementemente o historiador David Irving (Timothy Spall), que prega que o Holocausto não existiu e é uma invenção dos judeus para lucrar mais. Julgando-se prejudicado pelo que foi publicado, Irving entra com um processo por difamação contra Deborah. Só que, pelas leis britânicas, em casos do tipo é a ré quem precisa provar a veracidade da acusação. Logo ela se vê em uma disputa judicial que, mais do que envolver dois estudiosos da história, pode colocar em dúvida a morte de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. (Crítica: Negação — Woo! Magazine / InterFilmes.com).

- **FILME: DOZE HOMENS E UMA SENTENÇA**

Em *Doze homens e uma sentença* um jovem porto-riquenho é acusado do brutal crime de ter matado o próprio pai. Quando ele vai a julgamento, doze jurados se reúnem para decidir a sentença, levando em conta que o réu deve ser considerado inocente até que se prove o contrário. Onze dos jurados têm plena certeza de que ele é culpado, e votam pela condenação, mas um jurado acha que é melhor investigar mais para que a sentença seja correta. Para isso ele terá que enfrentar diferentes interpretações dos fatos, e a má vontade dos outros jurados, que só querem ir logo para suas casas. (Dublado) — 1957 — 720p".